



UNILASALLE



CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

PLÁCIO JOSÉ BOHN

**QUANDO TOCAM OS TAMBORES:
Saberes e Práticas nas Tradições Moçambicanas**

CANOAS, 2009

PLÁCIO JOSÉ BOHN

**QUANDO TOCAM OS TAMBORES:
Saberes e Práticas nas Tradições Moçambicanas**

Dissertação apresentada para a banca examinadora do curso de Pós-graduação em Mestrado em Educação do Centro Universitário La Salle - UNILASALLE, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, sob a Orientação do Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva.

CANOAS, 2009

TERMO DE APROVAÇÃO

PLÁCIO JOSÉ BOHN

QUANDO TOCAM OS TAMBORES: Saberes e Práticas nas Tradições Moçambicanas

Dissertação aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação do Centro Universitário La Salle - UNILASALLE, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Gilberto Ferreira da Silva
UNILASALLE

Prof. Dr. Evaldo Luis Pauly
UNILASALLE

Profa. Dra. Elsa Gonçalves Avancini
UNILASALLE

Profa. Dra. Georgina Helena Lima Nunes
UFPEL

Canoas, 18 de agosto de 2009

DEDICATÓRIA

Às **pessoas** que acreditam na alteridade e na potencialidade de cada ser humano e de cada povo, no valor das tradições, na simplicidade da vida e que um outro mundo melhor é possível.

Aos **professores e professoras de História** do nosso país, por possibilitarem uma outra ferramenta bibliográfica para enriquecerem seus estudos de história afro-brasileira, bem como, permitirem a assunção de um compromisso com a história africana em geral e moçambicana, em particular.

Ao **povo moçambicano**, minha gratidão pelo carinho, aprendizado e experiências proporcionados ao longo dos quatro anos de missão; pela contribuição para a reflexão das práticas e dos saberes das sociedades tradicionais; pelo espírito de luta na recuperação das estruturas físicas, da vida humana e das tradições; e pela alegria de viver, apesar das dificuldades, das epidemias e das mortes.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi possível graças ao apoio e respaldo de pessoas que acreditaram no meu potencial e na necessidade e na urgência de socializar minha experiência em terras moçambicanas, fundamental para as partilhas, as trocas de objetivos e a realização desse sonho.

À minha **mãe**, aos meus **irmãos** e **irmãs**, aos meus **cunhados** e **cunhadas**, aos meus **sobrinhos** e **sobrinhas**, aos meus **parentes** e **amigos** e àqueles que souberam entender e apoiar minha missão em Moçambique, apesar da distância, da saudade e do fronteirismo.

Aos **Irmãos Lassalistas**: aos **Superiores** que me enviaram para essa tarefa tão desafiadora e, ao mesmo tempo, tão sublime, bem como todo apoio durante o Mestrado; aos **Irmãos e Colaboradores** que juntos e associados fizeram o cotidiano da missão e tornaram-na significativa; e ao **Irmão Vanderlei Kraemer** pelo material fotográfico.

À **UNILASALLE** pela possibilidade de realização do projeto; aos **Professores e Colegas** do Mestrado em Educação 2008 por todo incentivo e pelas inúmeras contribuições, em especial, na elaboração inicial, e pelo companheirismo nas alegrias e dificuldades; e aos **Professores da Banca** pelas distinções e observações construtivas para o bom termo da dissertação.

À professora **Ana Cecília Bieger Spies**, pela amizade e pelas observações, partilha e correção desta obra, feitas com alegria e respeito e sempre incentivando a busca e a reflexão crítica. Aos professores **Nelson Both** e **Adriana Bracht Tonel**, respectivamente, pela revisão final e pela tradução do resumo.

A todas as **pessoas anônimas**, moçambicanas e brasileiras, que, além de confidentes, foram sonhadoras e parceiras no projeto de pesquisa e na apresentação do mesmo.

Um especial agradecimento ao meu professor, orientador e amigo, **Gilberto Ferreira da Silva**, pela dedicação e disponibilidade desde o primeiro momento, pela confiança e tempo dedicado a mim e ao projeto e, principalmente, por todas as portas abertas nesta jornada, pelas luzes que surgiram em cada conversa, em cada obra indicada e em cada reflexão compartilhada. Além de um grande intelectual é um ser humano portador de grande sensibilidade.

A **todas e todos**, com muito axé e os pés perfumados e cheios de dança: muito obrigado!

EPÍGRAFE
(Homenagem póstuma)

Eis o resultado em resposta a uma daquelas provocações de bar,
surgida num intervalo do cotidiano da vida acadêmica,
feita pelo professor Nilton Bueno Fischer, em maio de 2008.

No entanto, Deus o chamou antes da realização da Banca,
dia 26 de julho de 2009, aos 62 anos de idade.

Dia 15 de dezembro de 2008, após a Banca de Qualificação escreveu:
“ainda entusiasmado com o momento raro que tivemos nesta
manhã, super interativo, propositivo e inovador”.

Nilton, esta minha conquista, incorpora muitos de seus sonhos e desafios.

RESUMO

Esta dissertação procura resgatar um pouco do patrimônio cultural do povo moçambicano: os saberes e as práticas nas tradições, sua produção e transmissão. Usando o conceito de memória de Bosi, o autor faz uma análise das cartas, das fotografias e da memória-lembrança dos quatro anos que atuou como missionário lassalista na educação de Beira e de Mangunde (2003-2006), região central daquele país do sudeste africano. Utilizando-se de autores como Hampêta Bâ, Couto, Cezerilo, Bhabha, Oliveira, Lopes e outros, dialoga com a cultura, com a identidade e com as tradições moçambicanas da Província de Sofala, perpassando suas manifestações culturais, noção de indivíduo e de tempo africano, a organização social e a família, a religião e os ritos de passagem. Ao longo da pesquisa usa os tambores como linguagem universal para fazer o resgate desta memória, por estes estarem presentes em todos os momentos e situações da vida, nos ritos e nas cerimônias. A investigação realça que a dimensão educativa dos saberes e das práticas está dentro do cotidiano da oralidade, com destaque para a sabedoria dos anciãos e a presença dos antepassados na produção e na transmissão.

Palavras-chave: Saberes e práticas tradicionais; educação e cultura; oralidade; Moçambique.

.

ABSTRACT

This paper aims to retrieve a little the culture patrimony of the mozambican people: the learnings and practices in tradition, its production and transmission. Applying for Bosi's concept of memory the author makes an analysis of the letters, photographs and of the four living years of remembrance-memory in which he worked as a lassalian missionary in the education of Beira and Mangunde (2003-2006), Central region of the African southeast country. Using the authors: Hampêta Bâ, Couto, Cezerilo, Bhabha, Oliveira, Lopes and others, dialogues with culture, with the identity and with the Mozambican traditions of the Sofala Province passing by their cultural demonstration, idea of person and African time, familiar and social organization, the religion and rites of passage. Throughout the research the drums are used as universal language to make a ransom of the memory on account of the drums are being present in all moments and situations of life, in rites and in ceremonies. The investigation highlights that the educative extent of the learnings and practices are in the daily speaking, headlining the elder wisdom and the ancestors presence in the production and transmission.

Key Words: Traditional learnings and practice; education and culture; oral; mozambique.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS - Acquired Immune Deficiency Syndrome

BI – Bilhete de Identidade ou Carteira de Identidade.

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

EN – Estrada Nacional

ESMABAMA – Estaquinha, Mangunde, Barada e Machanga

DTS – Doenças Transmitidas Sexualmente

FMI – Fundo Monetário Internacional

FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique

HCB – Hospital Central da Beira

HIV/SIDA - Vírus da Imunodeficiência Humana/ Síndrome de Imunodeficiência Adquirida

IAC - Comitê Inter-Africano sobre Práticas Tradicionais

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

NEPAD – Nova Parceria para o Desenvolvimento de África

OUA – Organização da Unidade Africana (atual UA)

ONG – Organização Não-Governamental

ONP – Organização Nacional dos Professores de Moçambique

PIB – Produto Interno Bruto

RENAMO – Resistência Nacional de Moçambique

RTA – Religião Tradicional Africana.

SADC – Comunidade para o Desenvolvimento da África

TVM – Televisão Nacional de Moçambique

UA – União Africana (sucedeu a OUA, em 2002)

UCM – Universidade Católica de Moçambique

UEM – Universidade Eduardo Mondlane

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UNICEF – Funda das Nações Unidas para a Infância.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: UM OUTRO OLHAR É POSSÍVEL	10
1 A CONSTRUÇÃO DO ITINERÁRIO DA PESQUISA: CONHECENDO O CAMINHO TEÓRICO-METODOLÓGICO	20
1.1 Conceito de memória	22
1.2 Análise documental das cartas e das fotografias	29
2. CONTEXTO DA PESQUISA: ESQUENTANDO OS TAMBORES	39
2.1 África ou Áfricas?	40
2.2 O contexto de Moçambique	46
2.2.1 Aspectos físicos	46
2.2.2 Aspectos históricos e políticos	50
2.2.3 Aspectos sócio-econômicos	53
2.2.4. Aspectos religiosos e culturais	59
2.3 A província de Sofala como espaço da missão lassalista	66
3 DIÁLOGO COM A CULTURA, IDENTIDADE E TRADIÇÕES: SENTANDO NO BANQUINHO	79
3.1 Discutindo com a diversidade cultural e o hibridismo moçambicano	80
3.2 Identidade: o indivíduo a caminho de ser pessoa	94
3.2.1 A mulher moçambicana	101
3.2.2 O homem moçambicano	110
3.2.3 A criança moçambicana	111
3.2.4 A juventude moçambicana	115
3.3. Manifestações culturais moçambicanas	117
3.3.1 A tradição	118
3.3.2 A magia dos tambores	123
3.3.3 O vestuário	125
3.3.4 A noção do tempo africano	127
4 SOCIEDADE TRADICIONAL MOÇAMBICANA: FAZENDO VIBRAR OS TAMBORES	136

4.1 A organização social	137
4.2 Os ritos de passagem	152
4.2.1 O nascimento	154
4.2.2 A puberdade	157
4.2.3 O casamento	165
4.2.4 A morte	170
4.3 A religião tradicional africana	177
5 A DIMENSÃO EDUCATIVA DOS SABERES E DAS PRÁTICAS NAS	
TRADIÇÕES: O RUFAR DOS TAMBORES CONTINUA	186
5.1 A linguagem oral	190
5.2 A sabedoria dos anciãos	202
5.3 A presença dos antepassados	206
5.4 Os saberes e as práticas nas tradições moçambicanas	214
CONCLUSÃO: OS TAMBORES DEIXAM MARCAS	223
REFERÊNCIAS	240
APÊNDICE A – As cartas de Moçambique.....	253

INTRODUÇÃO

Um outro olhar é possível



O mundo de hoje vive em mutação, em tempo de transformações, de impactos do turbilhão planetário, de grandes rupturas históricas e de novos paradigmas. Um pneu abandonado, usado pelas crianças no recreio, agora serve de inspiração para introduzir esta dissertação de Mestrado de Educação. Pelo pneu quero enxergar os rostos do povo moçambicano do porvir: as crianças. A tradição ainda lhes garante a herança dos seus ancestrais, seus antepassados? E conhecer e divulgar o povo, a arte e cultura, as tradições e a história é uma necessidade como um dever de quem preza Moçambique ou de quem viveu nesta região inóspita e híbrida do continente negro.

O conhecido chavão do francês Edgar Morin “[...] nossa época de mudanças tornou-se uma mudança de época” (2007, p.1) resume bem nosso tempo. E Unger diria nessas horas que: “[...] em momentos de crise de civilização, a tradição cultural de um povo funciona como um manancial a partir do qual uma sabedoria de vida pode florescer” (2001, p.114).

Após trabalhar seis anos na Transamazônica,¹ meus Superiores designaram-me² para Moçambique: três anos na vice-direção e supervisão pedagógica da Escola João XXIII, em Beira, e um ano como coordenador geral-adjunto na Missão³ de Mangunde, ambas na Província de Sofala, parte central daquele país do Sudeste africano.

Foi uma missão nova e diferente das que exerci anteriormente no Brasil. Exigiu a libertação de muitas das minhas linguagens, raízes culturais, costumes, hábitos, o despojar de preconceitos. Vivendo nessa região de fronteira de multiculturalismo e de interculturalidade, como é Sofala, fiz uma experiência ímpar que deixava pouco espaço para os parâmetros ocidentais, situados em espaços mais confortáveis. Exigiu uma postura e uma espiritualidade construída a partir da provisoriedade e da

¹ Rodovia construída no governo do Presidente Emílio Garrastazu Médici, inaugurada em 1971 e que cruza o Brasil de Leste (RN) a Oeste (AM) numa extensão de mais de 4 mil km, sendo o Km Zero em Altamira (PA). Integra o projeto governamental “terra sem homens para homens sem terra”, pelo qual as terras ao longo da rodovia foram ocupadas por migrantes vindos de todas as partes do Brasil, transformando-a numa verdadeira babilônia de culturas. Trabalhei em Uruará, 180 Km Oeste, nos anos de 1997 a 2002.

² Nascido em Cerro Largo/RS, cuja colonização feita pelos alemães ocorreu no início do século XX, fez a maior parte da formação para Irmão Lassalistas na Grande Porto Alegre. Como religioso trabalhou no oeste catarinense, Porto Alegre e arredores, planalto e noroeste do Rio Grande do Sul, Uruará/PA, Moçambique e novamete em sua terra natal.

³ Em Moçambique, dá-se o nome aos Centros que, geralmente dirigidos por Religiosos com ajudas de organizações não-governamentais europeias, concentram escola, internatos, posto de saúde, igreja, casas dos professores, funcionários e enfermeiros, além de porção de terra e criação de animais, etc. São verdadeiras ilhas de fomento de desenvolvimento: estudo, agricultura, saúde, etc.

improvisação, da complexidade e da ambiguidade, na crua e imprevisível realidade dos acontecimentos cotidianos. Requereu um aprendizado maior na disponibilidade e na escuta, de simplicidade de vida e da solidariedade, de presença junto ao povo e do convívio com situações de conflito como a miséria estrutural e a luta pelos direitos elementares. Essa experiência fez compreender seus silêncios, suas dores, seus cantos, seus batuques. Partilho com Oliveira que os/as:

Moçambicanos/as fizeram-me entender que a vida não morre, que ela circula de maneira plena entre aqueles que estão vivos e que noite após noite, dia após dia, os/as mais velhos/as passam aos mais novos/as a sua visão de mundo, sua experiência de vida de maneira mais fascinante, rica e expressiva (2002, p.11).

A aculturação designa a reação positiva, bem-sucedida, ao choque intercultural quando duas culturas entram em contato: os traços culturais que são cambiados se contrabalançam e ambas as culturas conservam sua identidade e sua dinâmica própria após a integração e assimilação dos elementos estrangeiros. Minha missão, em Moçambique, integra-se nesse rol, razão primeira pela qual rendo meu tributo através desta dissertação.

Ao querer saborear e beber da cultura e da vida daquele povo, fui desafiado a realizar um processo de inculturação⁴, de conhecimento das tradições, de superação das dificuldades e das saudades, das diferenças na comida, de ver com uma outra dimensão o tempo, a começar pelo fuso horário e pela dinâmica da vida.

A visão africana de mundo, sua história, sua organização social, seus valores, sua forma de transmitir esses valores às gerações mais novas, a dinâmica de tempo, tudo era um aprendizado novo. Era preciso conviver com as batidas dos seus tambores, presentes nas mais diferentes realidades do dia a dia, bem como, com a

⁴ Refere-se a um neologismo específico da linguagem cristã: termo típico do linguajar teológico e de recente utilização no discurso missiológico. Embora tenha uma conotação antropológico-cultural, distingue-se de aculturação, enculturação e transculturação. Distingue-se também dos conceitos de adaptação e acomodação, vigentes em âmbito teológico na década de 50, com repercussões precisas no Concílio Vaticano II (1962-1965). A afirmação do novo conceito é fruto dos desdobramentos da elaboração teológico-missiológica ocorrida, sobretudo na Ásia e na África. “A inculturação é a encarnação da vida e da mensagem cristãs em uma área cultural concreta, de modo que não somente esta experiência se exprima com os elementos próprios da cultura em questão (o que ainda não seria senão uma adaptação), mas que esta mesma experiência se transforme em um princípio de inspiração, a um tempo norma e força de unificação, que transforma e recria esta cultura, encontrando-se assim na origem de uma “nova criação”(ARRUPE apud TEIXEIRA, 2000, p.1). Nesta clássica definição de Arrupe aparecem de forma nítida três elementos essenciais da inculturação: a dimensão de encarnação da vida e da mensagem, a dimensão transformante e pascal e a dimensão pentecostal (re-criativa).

aprendizagem dos saberes tradicionais através dos anciãos, verdadeiros guardiões, cuidadores e garantia de preservação e transmissão, longe dos muros escolares, através da oralidade e das cerimônias, das danças e das cantigas, das narrativas e dos ritos. Tudo isso constantemente me encantava e extasiava, criava empatia e aproximação e originou uma identificação com aquele povo, instaurou um verdadeiro processo de tradução entre o Eu e o Tu, de idas e vindas, de interlocuções e diálogos, de perguntas mútuas e partilhas pedagógicas e de vida: uma tradição viva, protagonista de vida na minha história e na do povo.

Tive que duelar com os preconceitos, com pré-noções e com lacunas do conhecimento da História do continente africano, que, como afirma Hernandez “[...] alimentam equívocos capazes de quase divinizar ou demonizar as características culturais próprias da África” (2005, p.13). Buscar conhecer Moçambique nos seus processos históricos, nas suas dinâmicas sociais, nos seus movimentos da cultura, no seu protagonismo como nação livre, foi um desafio diário. Penso ser essa a primeira justificativa para optar por este trabalho, como que minha gratidão para com o povo moçambicano pela acolhida, pela empatia, pelo respeito e pela partilha de saberes. Eternamente serei grato por esse mestrado da vida no calor escaldante e na dura realidade deste que é um dos países mais pobres do mundo. Foram anos vividos em gratuidade, de amizade, de diálogo, de muita escuta, de observação e de inserção nas realidades concretas do povo.

Por que estudar as tradições moçambicanas? Para conhecer mais de outros povos, de outras crenças, de outras culturas e para, assim, aprender a lidar com o outro, a dialogar com as diferenças, a respeitar o diferente, a sonhar com uma nova civilização.

Olhando para a aprendizagem tradicional africana, que acontece na vida cotidiana, encontrei fortemente a presença da dimensão coletiva, da partilha. E exatamente esses meus quatro anos em Moçambique despertaram em mim um forte desejo de não guardar essa experiência e esse aprendizado, mas partilhá-los com os outros. É intenção minha ajudar a empreender um outro olhar sobre a África, a partir dessa ex-colônia portuguesa, sua história e seu povo, suas tradições e seus valores, tão estigmatizados em nossas literaturas, salas de aula, meios de comunicação de massa. Quero ter o cuidado de tratar as tradições dentro das complexidades, das ambiguidades e das contrariedades dos processos organizacionais sociais, históricos, políticos que acontecem e são vividos hoje.

Assim sendo, desejo me orientar numa perspectiva tomada pelo campo antropológico na atualidade, isto é, numa perspectiva de análise densa, interpretativa e dialógica com a socio-historicidade dos fatos.

Verificando e apresentando os aspectos educativos dos saberes e das práticas presentes nessas tradições, novos vieses e novos links abriram-se para futuras pesquisas, bem como instrumentalizar docentes que trabalham a temática na disciplina criada pela Lei Federal 10.639/03, de 09 de janeiro de 2003, assinada pelo Presidente Luís Inácio Lula da Silva, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da temática de História e Cultura Afro-Brasileira na educação básica do Brasil. Espero que a pesquisa atenda não só à reivindicação dos professores e educadores da rede de ensino para o enriquecimento de suas práticas didáticas, mas também viabilize novos subsídios, teóricos e práticos, para a elaboração de aulas e de materiais didático-pedagógicos alternativos.

Em terceiro lugar, a experiência de quatro anos em terras moçambicanas é merecedora de um estudo científico, uma dissertação acadêmica. A quase inexistência de estudos escritos⁵ e de documentos sobre os vários grupos populacionais se me apresenta como uma sedução. Aliás, é o desafio maior, por se tratar de um povo cujo passado está construído na tradição oral. Com Oliveira, partilho que, ao me referir ao povo moçambicano, reporto-me a

[...] grupos populacionais ou étnicos diferentes, com características sócio-culturais próprias e com suas próprias línguas, artes e costumes. [...] fundamentalmente no que diz respeito à organização familiar refletida nos diferentes sistemas de parentesco, a diversidade é marcante (2002, p.24).

Outros fatores são o papel das ações afirmativas, as cotas nas Universidades Federais do Brasil, bem como a formação de pesquisadores negros com o intuito de acelerar o progresso de pesquisas das temáticas de interesses dos afro-descendentes, pesquisadores estes que não estejam comprometidos com as elites do poder que detêm a primazia da ciência, ou seja, pesquisadores que ultrapassem todos os obstáculos ideológicos e políticos, eurocêntricos e de dominação vigentes nas instituições e nos órgãos de pesquisa e de decisão sobre as políticas científicas.

⁵ Num primeiro momento, apenas encontrei publicado um livro no Brasil o trabalho de tese de doutorado, de Irene Dias de Oliveira, da Universidade Católica de Goiás (2002): "Identidade negada e o rosto desfigurado do povo africano (os tsongas)".

As reflexões sócio-antropológicas, a partir das raízes culturais moçambicanas, pretendem abranger a realidade tradicional⁶, no entanto, sem realizar comparações com a nossa cultura ocidental/brasileira, helenizada e cristianizada. Acredito, sim, ser necessário resgatar um pouco do patrimônio das tradições do povo africano, a partir dos grupos étnico-linguísticos sena e ndau, predominantes na Província de Sofala, região central moçambicana onde atuei. Tudo isso entremeado com narrações dessa experiência moçambicana, daquilo que trago na lembrança-memória, nas cartas escritas e nos registros fotográficos, e que, de retorno ao Brasil, fazem-me hoje compreender melhor também os afro-descendentes do Brasil, suas lutas por mais dignidade e cidadania, mesmo que não os analise nesta produção científica. Por sua vez, Dias (2002) diz que, ao querer analisar Moçambique a partir do Brasil, incorre-se no risco de apontar o africano como o atrasado (local e tradicional) e o ocidental como parâmetro (universal e moderno).

A relevância desse tema na academia também aparece na discussão das políticas afirmativas, nos debates sobre as políticas de cotas dos negros nas universidades, e outros, todos tão polêmicos quanto geradores de posições polissêmicas. Assim, a pesquisa quer fazer frente a um dilema atual das sociedades modernas de quererem anular o passado, imporem suas tecnologias de ponta em meios que ainda não conhecem a luz elétrica, água potável e que, para estudarem, muitas vezes precisam fazê-lo debaixo de árvores⁷ e palhotas⁸. Por isso, somado ao confronto entre a modernidade e a transformação acelerada de um lado, e as práticas ancestrais de outro, creio ser um tema atual, pertinente, atrativo e relevante.

Isso é um audacioso, perspicaz e abrangente projeto de pesquisa, pois as tradições moçambicanas constituem um verdadeiro laboratório de produção e de construção de saberes e práticas. E desejo fazê-lo com uma postura de interdependência, de sentimento de pertença e corresponsabilidade com os povos moçambicanos. Assim, desde já assumo minha atitude de reprovação à espoliação, à opressão, ao etnocídio que as culturas moçambicanas sofreram e sofrem pelos colonizadores e pelo Ocidente. Na busca e na militância, procurei fazer este trabalho

⁶ Ao longo deste trabalho usaremos o termo tradicional, conforme Oliveira, “para refletir as relações sociais, políticas e econômicas presente nos grupos populacionais moçambicanos anteriores ao impacto do colonialismo e do capitalismo, sem querer com isso significar que tais sociedades ou instituições fossem estáticas e imutáveis” (2002, p.21), mas que ainda circulam, especialmente nas comunidades rurais.

⁷ Conforme melhor detalhado no contexto moçambicano.

⁸ Tipo de habitação tradicional, usualmente de forma circular ou quadrangular, feita a partir de técnicas de construção e materiais locais: capim, barro, bambus, etc.

acadêmico ser o máximo africano, mergulhado nos valores, nas experiências, nas tradições e nos conteúdos vividos e assimilados durante a missão em terras do sudeste africano. E assim procurei responder os objetivos, as questões e as preocupações em análise.

Saber e conhecer os detalhes que fazem parte da vida identitária, da cultura e do folclore possibilita também um melhor entendimento e propicia o diálogo das culturas. Ao fazer o resgate da história, da memória e da diversidade cultural e social dos povos tradicionais do centro de Moçambique mediante este levantamento das tradições, das imagens fotográficas do cotidiano dos indivíduos, das cartas escritas, relaciono história, cultura, identidade, sentimento de pertença, entre outros. Assim, esta leitura abrangerá mais a dimensão qualitativa, sem uma excessiva preocupação com o quantitativo e o estatístico. Por quê?

Missão é... ir. Da teoria à prática... é o caminho a percorrer por quem encontrou Cristo Vivo e Ressuscitado e se diz cristão. A razão de ser da missão é a paixão pelos irmãos e por Cristo. O missionário quer-se no meio do povo, lutando e sofrendo com o povo, curando o povo e amando o povo. Estar com o povo é assim o ar que nenhum missionário pode prescindir. Sem o povo não seremos missionários. Ele é a razão da nossa existência. Entrar na sua cultura, sua arte, sua vida, sua sabedoria, sua gente, seus heroísmos, suas lutas, requer humildade e muita paciência. E que paciência histórica, pois as coisas não mudam tão rapidamente. Quantas coisas insignificantes para nós, criam para eles expectativa e grande valor, como tirar uma foto deles. Isto é se ver importante, lembrado, ser famoso. É o povo que nos faz nascer como missionários. Por isso, a missão é ir. De palavras e letras o mundo está cheio (BOHN, 2004f, p.36).

Quando Tocam os Tambores quer verificar os saberes e as práticas presentes nas tradições moçambicanas, a partir de cartas escritas, das fotografias e das lembranças de Beira e Mangunde, Província de Sofala, entre 2003 a 2006, período em que trabalhei nas missões lassalistas daquela região central de Moçambique.

Quer investigar os elementos da cultura que perpassam as tradições moçambicanas e como estes saberes e práticas contribuem para a formação dos valores morais e éticos: a solidariedade, o diálogo, a participação, o direito à vida, o perdão. Outra preocupação deste trabalho, é observar o papel que as tradições exercem nas comunidades domésticas tradicionais, olhando as crenças, os rituais, as cerimônias, os ritos de passagem, o papel do idoso, a presença dos antepassados e a questão do tempo africano, e perceber a dimensão educativa que

revelam a produção e a transmissão dos saberes e as práticas tradicionais nesse cotidiano tradicional moçambicano.

A dissertação “QUANDO TOCAM OS TAMBORES: Saberes e Práticas nas Tradições Moçambicanas” está organizada em cinco capítulos. No entanto, antes de apresentar pormenorizadamente cada capítulo, preciso apresentar a imagem que norteou fortemente todo o andar e desenrolar da pesquisa (Figura 01). Nada melhor do que o momento em que essa foto foi tirada: na noite de Páscoa. Páscoa é passagem. Páscoa é transformação. Páscoa é ressurreição. Os toques dos batuques anunciam novidades, ressuscitam memórias, falam uma linguagem oral que é universal no mundo das tradições. Os sons dos batuques nas noites enluaradas africanas revelam uma mística, uma espiritualidade, e criam uma união de espírito entre os participantes, indescritível.



Figura 01 – Os tamborileiros das cerimônias de Páscoa – Beira, abr./2003.
Fonte: Acervo pessoal.

No primeiro capítulo “A Construção do Itinerário da Pesquisa: Conhecendo o Caminho Teórico-Metodológico” apresento os pressupostos teórico-metodológicos desta pesquisa acadêmica de Mestrado em Educação. Parto do conceito de memória como método e utilizando a análise documental das cartas, das fotografias e das lembranças da temporada vivida nas terras de Graça Machel, viúva de Samora Machel, proclamador da Independência de Moçambique, e atual esposa de

Nelson Mandela. Anuncio o desejo de trabalhar a realidade histórica das tradições moçambicanas, utilizando o conceito de memória e a análise documental das tradições, a partir das cartas escritas e das fotografias colhidas da memória individual e coletiva e do cotidiano dos indivíduos da região central do país, durante os anos 2003 a 2006.

O segundo capítulo “Contexto da Pesquisa: Esquentando os Tambores” descrevo um breve panorama físico, político-histórico, sócio-econômico e religioso-cultural de Moçambique, situando-o dentro do continente africano, mais especificamente na Província central, Sofala, na qual os Irmãos e Colaboradores Lassalistas atuam desde 1992. Esses inúmeros elementos, números e estatísticas são necessários por se tratar de um contexto alheio ao ocidental e para verificar e para entender os saberes e fazeres nas tradições moçambicanas, sobreviventes do longo colonialismo português e da guerra civil que deixaram aquele país do Sudeste africano à mercê de tantas influências estrangeiras. Acredito que apresentar essa dinâmica da mudança que está presente em cada cultura é fundamental para evitarmos os choques interculturais, as pré-noções de comportamentos diferentes, como também para entendermos as diferenças existentes dentro e fora das culturas.

No terceiro capítulo “Diálogo com a Cultura, Identidade e Tradições: Sentando no Banquinho”, a partir de autores como Bhabha, Couto, Warnier, Laraia, Gilroy, Kalilombe, Crespi, faço uma discussão sobre os conceitos de cultura, de hibridismo e da diversidade cultural e suas manifestações na sociedade tradicional moçambicana. Prossigo com a análise da identidade, a partir de “Um indivíduo a caminho de ser pessoa” (COUTO, 2007, p.3), perpassando os papéis da mulher, do homem, do jovem e da criança nas sociedades tradicionais moçambicanas. E na terceira parte, trabalho o conceito de tradição e suas manifestações na cultura moçambicana no rufar dos tambores, no colorido das capulanas⁹, das festas e da música, e a noção de tempo africano.

No quarto capítulo, “Sociedade Tradicional Moçambicana: Fazendo Vibrar os Tambores”, trato a organização social nas tradições moçambicanas, aprofundando mais especificamente o papel dos Régulos, dos chefes, dos curandeiros/feiticeiros e da família na produção e na transmissão dos saberes e das práticas tradicionais.

⁹ Peça de vestuário de forma retangular, de algodão, que as mulheres, em geral, ajustam à cintura ou sobre o peito. As capulanas, que tem muitas outras funções, compram-se normalmente ao pares, são de cor viva, contêm diversos motivos e dizeres impressos. São muito populares na África Ocidental e Austral (LOPES; SITO; NHAMUENDE, 2002, p.42).

Ainda desenvolvo cada um dos ritos e/ou cerimônias pelos quais os indivíduos passam, a fim de participarem plenamente na sociedade tradicional: nascimento, puberdade, casamento e morte. E, por fim, o papel da religião e sua influência na vida dos indivíduos. Em cada contexto, papel e/ou rito, apresento o entorno, processo, significado e atos educativos que envolvem, para que o indivíduo seja aceito e integrado totalmente nesta sociedade, onde, de acordo com suas crenças, os vivos e os mortos convivem.

Já no quinto e derradeiro capítulo, “Os Saberes e Práticas e sua Dimensão Educativa nas Tradições: O Rufar dos Tambores Continua”, analiso como acontece a produção e a transmissão dos saberes e das práticas nas tradições moçambicanas: a importância da linguagem oral, o papel dos anciãos e dos antepassados. Esse capítulo aprofunda a produção e a transmissão dos saberes e das práticas, o sistema de valores, de atitudes e de comportamentos, transmitidos de geração em geração, através da família, linhagem ou clã, bem como aparecem mais visíveis e claros pela tradição oral usada no processo de transmissão dos anciãos frente às gerações mais novas e pela presença dos antepassados na vida cotidiana.

A luta por uma África Negra e, particularmente, por um Moçambique livre e soberano, sem guerras, sem fome e sem epidemias, requer um olhar de alteridade e não preconceituoso que rotula o continente negro como um amontoado de países atrasados, pobres, estagnados e marginalizados em relação ao mundo dito desenvolvido. Requer um olhar de alteridade como princípio para o diálogo de culturas, e a não negação do múltiplo. Precisa de uma afirmação das diferenças, mas não uma glorificação ou uma idealização. É preciso repensar a nossa identidade e nosso lugar no mundo. Não apresentar o discurso da diferença como fator de divisão, mas como uma categoria que une as diversidades. Sem alteridade, não podemos buscar o diálogo. É por esse olhar que desejo trabalhar o tema.

Como o mundo e, conseqüentemente, Moçambique vivem num processo de mudança cultural, o presente estudo das tradições quer ajudar às pessoas descobrirem suas tradições e simbologias; elevarem sua autoestima e se afeiçoarem à sua identidade e às suas tradições; conhecerem os saberes e as práticas presentes nas sociedades tradicionais, bem como as ajudarem a reavivarem valores, atitudes e sentimentos adormecidos, destruídos e, quem sabe, até sepultados pelas circunstâncias da vida moderna.

1 A CONSTRUÇÃO DO ITINERÁRIO DA PESQUISA

Conhecendo o caminho teórico-metodológico



Os caminhos moçambicanos sempre estão cheios de “indivíduos”. As estradas tornam-se espaços de encontro, de conhecimento dos fatos, de notícias alegres e tristes. São ambientes híbridos: pessoas viajando, outras caminhando, outras vendendo seus produtos. As estradas são de todos. São verdadeiras babilônias de “indivíduos” de todas as idades, credos, estratos sociais. Por outro lado, uns estão a trabalho, outros vendo as horas passar, uns comendo, outros pedindo comida. Todos estão em busca do seu lugar ao sol.

Neste primeiro capítulo, apresento os pressupostos teórico-metodológicos desta pesquisa: conceito de memória, as cartas, as fotografias e as lembranças, na temporada vivida na terra de Eduardo Mondlane, de Samora Machel, de Joaquim Chissano, de Armando Guebuza, entre outros.

Utilizando o conceito de memória e a análise documental das tradições, a partir das cartas escritas e das fotografias colhidas da memória individual e coletiva, e do cotidiano dos indivíduos, a presente dissertação trata a realidade histórica tradicional moçambicana, primando pelo respeito aos membros da coletividade, a diversidade cultural e os valores e valorizando o processo de pertença e a identidade grupal. Para dar conta das constantes dificuldades encontradas, como acesso às pessoas, coleta de material, foi preciso ficar atento e fazer um constante replanejamento das ações propostas através de pesquisas na internet, na literatura de autores africanos, cartas, material fotográfico e, principalmente, resgatar minha memória-lembrança dos quatro anos de missão naquele país do sudeste africano.

Assim, o trabalho, na perspectiva da hermenêutica do cotidiano¹⁰ vivido in loco, permitiu uma verificação mais real das relações construídas pelos sujeitos tradicionais, sejam elas visíveis ou invisíveis, das tradições e da diversidade cultural existentes, bem como seus hábitos e valores, comportamentos e processos vitais, e facilita a análise e um trabalho mais etnográfico.

Utilizo o conceito de memória oral que, na África, tem um caráter coletivo, perpassado pelos registros etnográficos por mim realizados sob a forma de cartas que enviei ao Brasil durante a minha experiência em Moçambique entre 2003 e 2006. Mas, além desses registros por mim escritos, há fotografias feitas nesses quatro anos em contato com a população local, que, por força de ofício, se dirigem mais à escola ou à missão. Dessa experiência guardo importantes registros orais

¹⁰ DIAS, Maria Odila da Sila. *Hermenêutica do Quotidiano na Historiografia Contemporânea*. **Revista Projeto História** – trabalhos da memória, São Paulo, n.17, 1998, p.223-235.

cujas informações não aparecem registradas nas cartas, mas que ainda trago em minha memória.

Mas, é a partir das leituras de escritores africanos como Hampâté Bâ, Vansina, Appiah, Couto e outros, que considero a importância da oralidade na tradição africana e, conseqüentemente, avalio a dimensão dos dados por mim coletados e que, expressos nas cartas, constituem-se hoje como um diário de campo para este trabalho. Isso para dizer que não farei um trabalho da memória oral, mas da memória pessoal em torno de uma cultura que é oral. O oral interessa na observação direta, porque faz um link com a tradição, fonte da minha reflexão, sobre a prática educativa tradicional em Moçambique. Como a fonte são os registros das cartas e das fotos dessa sociedade, essas indicam os limites do trabalho, isto é, o olhar de um estrangeiro sobre uma cultura alheia aos meus parâmetros ocidentais.

1.1 Conceito de memória

Começo pela memória oral como veículo de recuperação, de registro e de divulgação da história de uma comunidade, a partir de seus atores anônimos, e como embasadora para a construção de textos significativos e do conhecimento, na valorização e no respeito das tradições que me proponho a averiguar neste projeto de pesquisa. Assim, auguro prestar um serviço à recuperação dos saberes, dos princípios e das práticas educativas adormecidos na africanidade brasileira.

Na sociedade da informação, da comunicação e em redes, a palavra memória está muito presente. Quanta memória tem o computador? Quantos “gigabytes” de memória têm o computador? Não é dessa memória-capacidade que me refiro, mas da memória-histórica, como diz o ditado popular: “Povo sem memória é um povo sem história”.

Para abordar as temáticas das tradições africanas, preciso recorrer à palavra falada, à tradição oral, à memória, aos testemunhos. Ainda mais, por ser pesquisador latino-americano, minha dificuldade foi maior, pois estou fadado a me deter nos limites do assunto, uma vez que vivi somente quatro anos em Moçambique e sem ter aprendido seus idiomas. Uma tradição necessita ser vivida e experimentada para a sua compreensão plena, mas isso só é possível com o domínio da língua nativa, das quais, confesso, não dominei nenhuma.

A maioria dos povos que não dominava a escrita tinha uma memória mais apurada e desenvolvida. A palavra do guru e defensor das tradições orais africanas, o malês Hampâté Bâ, traz toda essência e o significado da memória africana:

Uma das peculiaridades da memória africana é reconstruir o acontecimento ou a narrativa registrada *em sua totalidade*, tal como um filme que se desenrola do princípio ao fim, e fazê-lo *no presente*. Não se trata de recordar, mas de *trazer ao presente* um evento passado do qual todos participam, o narrador e a sua audiência (1980, p.215, grifos do autor).

A memória africana registra a cena no seu todo: cenários, personagens, palavras, roupas, entre outros. A exemplo da ordem dado por Jesus aos seus discípulos, no final da multiplicação dos pães¹¹, de recolher todas as sobras e fragmentos, o pesquisador da memória africana também precisa ter o cuidado com as minúcias e os pormenores, atenção aos pequenos detalhes e ao todo, nos seus registros. O catálogo da tradição oral contém contos, lendas, mitos, provérbios, máximas, para citar alguns. E, por tradição, ninguém tem o direito de resumi-las. Como reforça Hampâté Bâ: “Todo detalhe possui sua importância para a verdade do quadro. Ou narra o acontecimento em sua integridade ou não o narra” (IDEM).

A memória africana é feita geralmente pela palavra falada. A transmissão oral nas tradições africanas reveste-se de valor moral e de caráter sagrado vinculado a sua origem divina. A tradição oral africana não se limita apenas a histórias e lendas, relatos lógicos ou históricos. Ela é a grande escola da vida. A preservação da memória histórica através do tempo persiste, pois, nas sociedades orais, a ligação entre o homem e a palavra é mais forte, mais intensa. Como diz Barbosa: “O homem está ligado à palavra que profere, está comprometido por ela. Ele é a palavra e a palavra demonstra aquilo que ele verdadeiramente é. [...] a fala é o grande agente ativo da magia” (2008, p.2.).

Pela oralidade, os africanos conservam viva sua cultura. A memória existe nos contos e relatos, nos mitos e crenças, nos toques e silêncios de tambores, nos gestos e nas danças, no modo de viver e de morrer. Os idosos são os guardiões da memória, os livros da experiência milenar africana. Atribui-se a Hampâté Bâ o célebre ditado: “Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima” (2003, [orelha da capa]). Após as independências, livres das imposições dos colonizadores europeus, muitos países africanos puderam, através da palavra

¹¹ Mt 15, 37

falada, reconstruir sua ancestralidade, reencontrar-se com suas tradições, suas histórias orais e celebrá-las. Em Moçambique, esse processo é mais recente, devido à tentativa da FRELIMO abafar todas as manifestações tradicionais, ao adotar o regime socialista de governo.

A oralidade, além de ser o espelho de uma sociedade, também mostra as contradições internas. Por isso, investigar o significado de memória exige reconciliar a pesquisa histórica e científica com os mitos, símbolos tradicionais da cultura e seus documentos históricos, para que se possa perceber todo o legado cultural, reconstruí-lo e rememorar-lo ao longo dos tempos.

Uma informação isolada dificilmente fica na memória, apesar de ser a “[...] mais épica das faculdades” (BENJAMIN, 1986, p.210). A memória precisa de associações, isto é, associamos o que vemos, o que escutamos, o que lembramos. A memória é uma viagem mental no tempo, uma revivência do passado no presente, uma reconstituição dos acontecimentos num contexto diferente. Dizemos que memória e aprendizagem têm parentesco, pois a memória é o resgate dos conhecimentos, enquanto que a aprendizagem se dá pela aquisição dos conhecimentos. Esse parentesco entre memória e aprendizagem reforça o link central deste trabalho sobre a memória e a educação, uma vez que é a minha memória sobre a experiência de Moçambique, em que a aprendizagem da tradição passa pela memória coletiva.

Os tempos modernos são complexos, ambíguos, polissêmicos, e, dentro deles, o homem, imerso em ruídos, informações e novas tecnologias, vê suas capacidades auditivas se atrofiarem na luta contra a falta de tempo. Hoje, a memória encontra-se ainda, muitas vezes, oprimida pela história oficial, ao dar voz apenas aos vencedores e não aos vencidos e pela falta de suportes materiais, como expressa Chauí:

Destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros. [E lembrando Bosi] ‘A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituíam-se valores ligados à práxis coletiva como a vizinhança (*versus* mobilidade), a família larga, extensa (*versus* ilhamento da família restrita), apego a certas coisas, a certos objetos biográficos (*versus* objeto de consumo). Eis aí alguns arrimos em que a memória se apoiava’. (2004, p.19, grifos da autora)

Para Crespi (1997), a memória reporta-se às heranças culturais e ao passado, englobando o conjunto de referências e de saberes de determinado grupo: seu património de experiências, representações e valores transmitido através da linguagem, dos textos escritos, dos monumentos, conservados e reconhecidos enquanto elementos significativos da sua história. Assim, a memória expressa-se no ardor nacionalista das comemorações, nos museus, nos arquivos e nas bibliotecas, nos livros de história, e, geralmente, ignora as memórias parciais: atores, testemunhos, individual, por serem parciais, fragmentadas e deformadas, apesar de resultarem também de construções identitárias legítimas. A memória oficial é uma memória selectiva, permanentemente transmitida de geração em geração, sara conflitos, é terapêutica, aproxima o que é diferente, o que foi inimigo, opositor, pois é cívica.

Buscando a etimologia, a palavra se origina do latim *memória*. É singular e feminina, que, segundo Ferreira: “1. Faculdade de reter as idéias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente. [...] 2. Lembrança, reminiscência, recordação [...]” (1999, p.1117). Recordar o passado é um estímulo para viver melhor o presente e orientar nosso olhar para um horizonte de esperança e realizações.

Legrand conceitua memória como a “[...] possibilidade que a consciência tem de evocar imagens recuando até o passado e reconhecendo-as como tal, e extrair os elementos de uma informação repetitiva ou não” (1983, p.260). Bosi coloca a memória como “cabedal infinito do qual só registramos um fragmento” (2004, p.39). Essa percepção não é “[...] mero resultado de uma interação de ambiente com o sistema nervoso” (IDEM, p.46), pois, para Bérghson, “[...] não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (apud BOSI, 2004, p.46). E Bosi corrobora:

A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certo. Mais uma vez: a percepção concreta precisa valer-se do passado que de algum modo se conservou; a memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida (2004, p.47).

Aliás, Bosi destaca duas memórias: a memória-hábito quando “[...] o corpo guarda esquemas de comportamento de que se vale muitas vezes automaticamente na sua ação” (BOSI, 2004, p.48); e a memória-lembrança, quando “[...] ocorrem

lembranças independentes de quaisquer hábitos: lembranças isoladas, singulares, que constituiriam autênticas ressurreições do passado” (IDEM, 2004, p.48). Bérghson defende a memória como conservação do passado: “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de imagens-lembrança” (apud BOSI, 2004, p.54). Halbwachs relativiza o princípio de Bérghson de conservar o passado na sua inteireza e autonomia: “O maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos, ou outros homens, no-las provocam” (IDEM, p.54-55).

Em outras palavras, para Halbwachs, a memória não é reviver as experiências do passado, mas um refazer, um reconstruir, um repensar, com imagens e com idéias de hoje. A memória-lembrança é trabalho, um conjunto de representações com os materiais que povoam nossa consciência atual. O instrumento que socializa a memória é a linguagem, pois:

Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. Os dados coletivos que a língua sempre traz em si entram até mesmo no sonho [...], embora pareçam, criações puramente individuais. São representações, ou símbolos, sugeridos pelas situações vividas em grupo pelo sonhador: cuidados, desejos, tensões... (BOSI, 2004, p.56)

Diante do limite que o tempo impõe ao historiador, afirma que “[...] não lhe resta senão reconstruir, no que lhe for possível, a fisionomia dos acontecimentos” (IDEM, p.59), sem esquecer que o conteúdo das memórias é avaliado, influenciado, condicionado e até alterado por todo o conjunto de noções internas e externas. Bartlett postula que a matéria-prima da recordação “[...] não aflora em estado puro na linguagem do falante que lembra; ela é tratada, às vezes estilizada, pelo ponto de vista cultural e ideológico do grupo em que o sujeito está situado” (apud BOSI, 2004, p.64). Tanto Halbwachs como Bartlett comungam que as relações vividas pelo sujeito no momento atual têm inerência no processo de reconstrução do passado. Isso é perfeitamente percebível ao longo desta dissertação.

A memória é feita de acontecimentos, de personagens e de lugares. A memória é seletiva, herdada, é um fenômeno construído individual e socialmente, como é um elemento constituinte de identidade pessoal e/ou grupal. Para Pollak “[...] a memória e a identidade são valores disputados” (1992, p.5), e que “[...] cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de

coerência, de unidade, de continuidade, de organização” (POLLAK, 1992, p.7). Memória oral/tradição mantém a unidade e a identidade dos grupos. E reforça:

Gostaria de enfatizar que, quando a memória e a identidade estão suficientemente constituídas, suficientemente instituídas, suficientemente amarradas, os questionamentos vindos de grupos externos à organização, os problemas colocados pelos outros, não chegam a provocar a necessidade de se proceder a rearrumações, nem no nível da identidade coletiva, nem no nível da identidade individual (IDEM, p.7).

Por fim, Stern tende a uma concepção flexível de memória, afirmando que “[...] a lembrança é a história da pessoa e seu mundo, enquanto vivenciada” (apud BOSI, 2004, p.68). E enfatiza:

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (IDEM, p.68).

Pollak afirma que “Se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documental também o é. Para mim há diferença fundamental entre fonte escrita e fonte oral” (1992, p.8). Mesmo que a memória pareça ser um fenômeno próprio de uma pessoa, Halbwachs sublinha que ela deve ser entendida como um fenômeno coletivo e social. Stern, por sua vez, aceita as interações da pessoa com a sociedade, conciliando a existência de uma memória pura¹² e que as lembranças são refeitas pelos valores do presente¹³.

Esta será a linha metodológica que trilho, a partir da missão em Moçambique e das cartas produzidas ao longo desta experiência. Sem dúvida, é um trabalho etnográfico, uma vez que o objeto de estudo analítico aborda as tradições de povos que não dispunham da escrita. O uso das consagradas atividades etnográficas, como a pesquisa de campo, a observação participante no cotidiano, a análise de dados, a produção de entrevistas, as discussões e/ou reflexões teóricas capazes de fornecer os subsídios, perpassam todo conteúdo encontrado nas cartas, nas fotos e nas memórias. Contudo, o conteúdo dessa memória é condicionado, uma vez que

¹² Bérghson distingue dois tipos de memória: uma memória mecânica, corporal, que consiste unicamente na repetição de uma função tornada automática; e a memória pura, que reside nas imagens da lembrança ou lembranças independentes, mas que não teve repercussão duradoura.

¹³ Segundo defendem Halbwachs e Hartlett.

era estrangeiro e ocidental, por todo um conjunto de influências internas e externas. Assim, nesta pesquisa acadêmica, também me assumo como sujeito e objeto da memória ao basear nas cartas as experiências vividas cotidianamente com a oralidade da cultura moçambicana: sujeito enquanto procurava o saber e objeto enquanto ouvia e registrava.

Parto de uma realidade histórica vivenciada e descrita nas cartas, assumidas como documentos escritos de próprio punho. Na proposta em análise, as cartas servirão para a análise documental dessa memória-lembrança registrada na espontaneidade, singularidade e unicidade de Bergson “[...] situada no reino privilegiado do espírito livre” (apud BOSI, 2004, p.51), e não na memória-hábito do adestramento cultural e dos esquemas mecanicistas. Por isso, a análise atrela-se à concepção de um conceito de memória ocidental (Bosi, Halbwachs, Hartlett), mais do que a memória africana, que só pode ser entendida quando na sua totalidade (Hampâté Bâ).

Associo-me ao pensamento de Montiel, quando diz que “É a hora de esquecer o esquecimento. A memória existe e há memórias que surgem em contos e relatos, em mitos e crenças, em toques e silêncios de tambores. Também no gesto, na dança e na ética do viver ou do morrer” (1999, p.28). Revisitando minhas memórias como vice-diretor pedagógico, professor na Escola João XXIII, formador de futuros associados e coordenador da Missão de Mangunde, pude (re)significar minha própria história, dando sentido àquilo que vivo hoje. A partir da minha própria história de vida, foi possível compreender a evolução e as transformações de seus saberes.

Com certeza, não conseguirei só trabalhar com o registro escrito das cartas, mas também com outras evocações que elas me vão trazendo à memória e que escaparam no momento em que as escrevia. Além disso, os estudos teóricos fazem emergir e lançam à minha memória outras questões. A memória deles vem a lume através de mim, e, é claro, isso já envolve uma interpretação primária.

Dentro dessa retrospectiva histórico-sociológica, utilizo-me também da recuperação e da interpretação das lembranças vividas como um “membro” estrangeiro branco e católico, nesses grupos sociais e étnicos em análise. “A distância no tempo me dá o recuo que me permite situar os dados e os fatos das diferentes situações sociais, vividas e observadas pelo então imaturo, como se não tivesse feito parte delas, embora o tenha feito nessa condição social peculiar e passageira” (MARTINS, 2008, p.63.64). Confesso que vivo as mesmas situações,

experiências e sentimentos, uma vez que já se vão mais de dois anos do meu retorno ao Brasil. No entanto, nesse banco de dados – cartas, fotografias e lembranças – revejo-me um participante duplamente: “[...] minha própria alteridade, como terceira pessoa, ao mesmo tempo, protagonista que fui e pesquisador que sou” (MARTINS, 2008, p.64). Como Martins, posso dizer que o tempo “[...] me assegura a neutralidade relativa de que careço para ver objetivamente o todo e indagar e decifrar o lugar social desses registros, condenados ao esquecimento porque irrelevantes” (IDEM, p.64).

Ao longo deste trabalho acadêmico, busco ter presente a dimensão histórica de memória, uma vez que os saberes e as práticas tradicionais em pesquisa estão inseridos dentro de um contexto histórico real. Valorizando as memórias registradas nas cartas e nas fotografias, no processo investigativo, estarei reavivando as minhas memórias e ressignificando minha própria história. Aliás, toda memória evocada requer um processo de reconsolidação. Em outras palavras, diante de toda lembrança, a memória se torna instável, permitindo que essa lembrança seja modificada e novamente armazenada, pois faço a leitura de um fato marcante à luz da minha memória, cristalizada por fatos, gestos, falas, imagens e pensamentos da vida moçambicana.

Por fim, a pesquisa torna visível a identidade moçambicana desfigurada, bem como faz compreender a sua realidade cultural e a “humanidade roubada” (FREIRE, 2004, p.30). Quero fazê-lo, acima de tudo, com um olhar de alteridade¹⁴ e como um tributo de gratidão para com o povo moçambicano, como nos remete e nos convida o primeiro e segundo versos do próprio Hino Nacional de Moçambique: “Na memória de África e do mundo, pátria bela dos que ousaram lutar”.

1.2 Análise documental das cartas e das fotografias

Viver e trabalhar na sociedade do século XXI, altamente urbanizada e informatizada, exige um domínio cada vez maior da leitura e da escrita. E toda linguagem partilhada adquire um significado social e possibilita ao sujeito ampliar o conhecimento do mundo e do tempo em que está inserido. A tecnologia da

¹⁴ Concepção que parte do princípio de que todo o homem social interage e interdepende de outros indivíduos. O conhecimento de uma cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas, isto é, reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única.

informação e da comunicação tem gerado mudanças no mundo da escrita, do trabalho, das relações, do diálogo e das culturas.

Vivendo nesse mundo da informação, da comunicação, também substituí o velho hábito de escrever cartas à mão e à tinta, pela facilidade de enviar um e-mail¹⁵ para as pessoas amigas, para fortalecer laços de amizade e para socializar as experiências, as vivências, os conhecimentos, as crenças, as descobertas e os impactos que o contexto moçambicano gerava em minha vida. Por outro lado, as ligações telefônicas intercontinentais, além de se tornarem caras e nem sempre serem fáceis, não oportunizam expressar toda riqueza e a alegria do trabalho e da experiência missionária vivida junto àquele povo.

As ricas e significativas experiências vividas em solo moçambicano fizeram com que começasse a escrevê-las em forma de notícias e enviá-las por e-mail como cartas, a fim de manter a correspondência com os familiares, Irmãos da Congregação, amigos e tantos outros que manifestavam o interesse de recebê-las.

Segundo o Novo Aurélio Século XXI, carta é uma “Comunicação manuscrita ou impressa devidamente acondicionada e endereçada a uma ou várias pessoas; missiva, epístola. [...] *Carta aberta. A que se dirige publicamente a alguém nos jornais” (FERREIRA, 1999, p.417).

Correspondência, entre outros sentidos, é:

1. Ato ou efeito de corresponder (-se). 2. Troca de cartas, bilhetes ou telegramas. 3. Correio (6). 4. Artigo de jornal em forma de carta aos redatores, carta a um jornal. 5. Relação de conformidade, correlação: correspondência entre a beleza e a simpatia. 6. Mat. Regra por meio da qual se associa à cada elemento a um conjunto ou mais elementos de outro (IDEM, p.563, grifo do autor).

Notícia, por sua vez é:

1. Informação, notificação, conhecimento. *Não tive notícia do acontecido. 2. Observação, apontamento, nota. 3. Resumo de um acontecimento. 4. Escrito ou exposição sucinta de um assunto qualquer. 5. Novidade, nova. *Que notícias você me traz? 6. Lembrança, memória. 7. Nota história. 8. Jorn. Relato de acontecimento atual, de interesse público geral, ou de determinado segmento da sociedade, veiculado em jornal, rádio, televisão, etc (IBIDEM, p.1417, grifo do autor).

¹⁵Pode significar correio eletrônico e como indicar tanto o ambiente da Internet onde se envia mensagens eletrônicas como a própria mensagem eletrônica em si.

Indistintamente, as três formas foram os meios de comunicação escrita, usados efetivados por meio de papéis, de cartas e de documentos, como atos de relatar, de manter as relações, de ativar os vínculos de amizade. As cartas oportunizaram a troca de experiências, a criatividade e a solidariedade, o respeito à diversidade, a análise da realidade, a valorização da cultura, momentos de intercâmbio, de aproximação virtual de conhecimento das relações interpessoais e/ou culturas diferentes. Criaram intensos momentos de partilha de informações, de linguagens, de diferenças histórico-político-sócio-econômico-religioso-culturais, de idéias, de formas de organização, de formas de vida diferentes, de situações de vida do povo, a partir de dados de noticiários, vivências, crenças, experiências acumuladas, conhecimentos do senso comum, histórias orais.

Dito isso, escrevi trinta cartas de próprio punho, durante os quatro anos em que atuei nas missões em Moçambique, que foram concebidas com três denominações diferentes:

- a) “Um Pouco de África” (1 a 11), pois inicialmente era assim que concebi as notícias, e porque falavam muitas vezes mais do continente africano do que de Moçambique propriamente. Outrossim, porque era assim que os Irmãos, familiares e amigos me tratavam: “então, estás na África!”; “como é a África?”; “como está a África?”;
- b) “Um Pouco de Moçambique” (12 a 21), pois, alertado por algumas pessoas que haviam trabalhado na missão lassalista e devido à carta de número 11 tratar basicamente da situação de uma leiga brasileira e outras situações específicas de Moçambique, passei a denominá-las assim, mas continuando a comentar, relatar e/ou noticiar fatos, acontecimentos, situações do continente africano;
- c) “Um Pouco de Mangunde” (22 a 30), a partir de 2006, quando da transferência para o sudoeste da Província de Sofala, na Missão de Mangunde, Distrito de Chibabava.

Essas correspondências publicadas eram predominantemente de caráter informativo, intervaladas de dois em dois meses, produzidas a partir dos acontecimentos, datas, situações concretas vividas por mim, Irmãos, comunidade, escola, pais e/ou mesmo de notícias que chegavam até nós via oral, por jornal, revista, rádio e televisão. Outras informações eram trazidas e colhidas por voluntários e pessoas de passagem por nossa casa. Muitos saberes e práticas do

cotidiano moçambicano chegavam a meu conhecimento pela convivência com os formandos e Irmãos moçambicanos, alunos e professores, pelo contato com os pais, encarregados da educação e pelo povo em geral.

Pode-se dizer que a escrita dessas cartas foi uma forma de libertação, de expor os sentimentos, as raivas, as inquietudes, os segredos, as confidências, as lágrimas, frente a tanta miséria, padecimento, fome, corrupção, guerras, imobilismo.

Na correspondência, mesmo sendo um gênero literário, coloca-se o pequeno pedaço de si que não mente. Pode-se mentir numa carta talvez com mais facilidade do que na fala, mas seria trair a linguagem, a escrita, o outro e a si. Comte-Sponville ilustra bem o que queremos dizer: “As verdadeiras cartas são as cartas verdadeiras. É pelo que valem. É pelo que são tocantes. O vocabulário conta menos do que a sinceridade. O talento, menos do que o amor e a coragem” (1994, p.3). Escrevi-as também como uma forma de liberdade, de felicidade, de dizer das fragilidades, da importância do outro para mim, o que constantemente apareceu em linguagem simples, coloquial, com ternura e vibração, sem preocupação com a correção dos erros ortográficos, sem medir o peso de cada palavra, registrando a vida como ela era: emoções, acontecimentos, pensamentos, solidão.

Por que se escreve uma carta? O mesmo Comte-Sponville ajuda a responder: “Para contar o que nos tornamos, o que somos, o que esperamos. Para exprimir a distância, sem a suprimir. O silêncio, sem o corromper. [...] as verdadeiras cartas, [...] são gratuitas e insubstituíveis, como a vida, como o amor, como um presente e são um presente” (IDEM, p.4). Com certeza, as cartas escritas de Moçambique abarcaram esse lado muito pessoal, contudo sem deixar de lado o social, o político, o histórico, o religioso e o tradicional. Sempre busquei a veracidade nos fatos e nas notícias, contudo a fragilidade das fontes das informações, a dura realidade do cotidiano e as vivências concretas podem ter traído a memória em algum momento.

As cartas coletaram muitas das representações produzidas no espaço moçambicano e do seu imaginário coletivo: a identidade, a temporalidade múltipla, as distintas maneiras de viver a maternidade, a poligamia e as reações diante dos deslizes da vida; o cotidiano das pessoas com suas tramas e conflitos pessoais específicos, adotando olhares distintos, perceptíveis em sua multiplicidade e sua pluralidade.

Ao escrever as cartas a partir de Moçambique, nunca pensei em utilizá-las um dia para pesquisa e/ou dissertação de mestrado. Guardei-as mais numa perspectiva

histórica. Sua apresentação e formatação não obedecem a regras específicas. O quanto possível, dentro do meu estilo, procurei usar o máximo de simplicidade e de veracidade nos relatos dos fatos, bem como em forma de frases curtas, para uma melhor compreensão da outra cultura em que estava inserido.

Além das lembranças pessoais e das cartas de Moçambique, desejo também fazer uso das fotografias tiradas em momentos especiais e de realidades significativas moçambicanas, especialmente para ilustrar a pesquisa, bem como para recorrer a novas descobertas, saberes e práticas, nas tradições moçambicanas. As muitas fotografias também são registros de momentos vividos, situações e lugares de passagem.

Desde os estudos de oxidação de materiais sob a ação da luz, feitos por Geber no século VIII, até a popularização da linguagem visual no mundo contemporâneo, a fotografia só foi possível pela descoberta do escurecimento dos sais de prata por Scheele, em 1777, pelo descobrimento dos sais hipossulfitos por Herschel, em 1819, e pela obtenção de imagens por Daguerre, em 1833. Foi um longo processo para efetivá-la como uma linguagem não-verbal por excelência e uma coadjuvante imprescindível para a qualidade e a qualificação de pesquisas acadêmicas.

Milton Guran, em “Fotografar para Descobrir, Fotografar para Contar” (2008) embasa questões práticas e teóricas da utilização da fotografia como instrumento de pesquisa, conforme requerido na dissertação, e divide o texto em três partes:

- a) “Fotografar para descobrir e para entender” (p.3-5), pois a fotografia guarda um lapso de tempo, destaca particulares da realidade e fornece detalhes de um saber etnológico, também como compreensão de relações, sociedades, uma vez que capta trocas gestuais de olhares, silêncios, expressões faciais, gestos, aspectos que não são enquadráveis no discurso científico. A Figura 02 vislumbra diferentes atitudes: uns limpando o espaço, outros organizando os canteiros, um descansando, outros curiosos olhando a ação; ao fundo, o pátio da escola, com as crianças brincando. A imagem lembra que a educação e a vida do povo não podem andar dissociadas. Nessa realidade em que há falta de alimentos na mesa do povo, tem sentido a escola possibilitar ao alunado o exercício de sua vocação original à agricultura: ajudar a criança e o adolescente desde os mais tenros anos a trabalhar a terra e dela extrair seus frutos, mas aprendendo novas formas de fazê-lo. Por exemplo, não há fogo, pois na horta escolar da Escola João

XXIII ensinava-se o plantio com cobertura morta e com a utilização de todo lixo orgânico e vegetal acumulado nos pátios para adubo na horta.



Figura 02 - Início dos trabalhos na horta escolar – Beira, abr. /2003.

Fonte: Acervo pessoal.

- b) “A fotografia eficiente na pesquisa de campo” (p.6-9), pois é realizada num espaço de tempo muito curto, antecipado por uma escolha de um enquadramento, de um momento, característica determinante quando se trata de pesquisa de campo, apesar de se concluir em uma fração de segundos. O emprego da fotografia como instrumento de pesquisa deve ser feito pelo próprio pesquisador, sem abandonar sua visão antropológica para dar lugar completo à sensibilidade e à intuição. O autor ainda afirma que a função da fotografia é destacar aspectos de cenas sobre os quais seja possível refletir objetivamente como os indivíduos ou os grupos sociais representam, organizam e classificam suas experiências e mantêm relações entre si, mas que o papel mais importante da fotografia é tornar visível o que nem sempre é visto. A Figura 03 possibilita entender a realidade da mulher nos arredores das capitais moçambicanas. O crescimento do centro a empurrou para o morro, contra um paredão de pedra maciça. Veste sua capulana de conteúdo religioso, mas necessariamente com isso não afirmo

que a usuária dela o incorpora com tal. Está ladeada de grande prole. Mostra a situação precária pela qual passa, desde a casa de barro, fogão a carvão sem panela. A roupa no chão e a mulher com balde ao fundo atestam a falta de água. A casinha de palha é o lugar que serve para fazer as necessidades e lugar de banho. A fotografia permite ainda analisar as posturas, as situações de higiene, todavia não desejo cair num discurso higienista, determinista nem fazer uma apologia à pobreza, logo que esta não é a coluna vertebral desta dissertação. Mas, com os primeiros raios de sol, cada dia também traz consigo novas esperanças.



Figura 03 - Amanhecer na periferia – Tete, ago./2004.
Fonte: Acervo pessoal.

- c) “Fotografar para contar” (p.10-11), pois, para que uma fotografia tenha utilidade na pesquisa, é preciso que haja articulação entre a linguagem da imagem e a escrita, de modo que uma complete e enriqueça a outra. Segundo Guran, a fotografia pode propiciar uma descrição mais completa e detalhada de situações complexas, de ações rápidas: “Ela pode, por exemplo, marcar as etapas de um ritual, destacar a posição precisa dos personagens, seus gestos, indumentárias, pondo em evidência aspectos que dificilmente poderiam ser traduzidos claramente apenas pela linguagem

escrita” (p.10). Chama essa função da fotografia de ilustração interpretativa. A Figura 04 condiz com o que o autor quer dizer. O ato de pilar é comum em todas as famílias e comumente é feito pela mulher. Entretanto, não raramente é realizado por crianças, sendo a limpeza feita pela mulher. O mais importante é que nunca tenho encontrado alguém fazendo isso por obrigação, mas sempre com alegria, com espírito de solidariedade, gerando momentos de descontração e de convivência. Por isso, a fotografia pode suceder ao texto como explicação complementar, como exemplo de um aspecto descrito, como uma descrição mais completa e detalhada de situações complexas, ou como ponto de partida para uma reflexão, já que uma imagem vale por mil palavras¹⁶. Aliás, essa é a forma mais utilizada neste trabalho acadêmico.



Figura 04 - Pilando arroz – Chingussura, Beira, abr./2005.
Fonte: Acervo pessoal.

A fotografia constituiu-se um elemento de informação e de comunicação e elo visual, em especial, das práticas educativas das tradições moçambicanas. É também um especial instrumento de apoio e de questionamento e traz, em seu bojo, o poder de protagonizar novos saberes e novas leituras. Por possuir múltiplas formas de

¹⁶ PLATÃO; FIORIN. Uma imagem vale por mil palavras. In: **Para entender o Texto**. 16 ed. São Paulo: Ática, 2000, p.378-381.

relacionar informações e possibilitar análises, ajuda a ilustrar as práticas tradicionais em solo moçambicano. Por ser um contexto diferente do nosso, é impossível não incluí-las no presente estudo acadêmico.

Preciso também frisar que ao longo do texto utilizo a relação fotografia-memória e a ato como um portador de texto que é outro – o educador no passado - cuja interação com o meu presente, produz outra memória daquela configurada nas fotos e nas cartas.

Como técnica, permite processos criativos e a descoberta de novos conhecimentos, bem como mais qualidade de análise e de interpretação de manifestações tradicionais, objeto de pesquisa da dissertação. Por outro lado, fotografar e empreender a sua leitura requer atos participantes: implicações entre quem fotografa e o tema da imagem.

Para entender os sentidos que se fazem na relação com a linguagem fotográfica, é preciso deslocar-se das intenções de identificação dos sentidos e, segundo Wunder, “[...] entrar num movimento de criação de sentidos com as fotografias, de pensar por imagens, suspendendo o olhar que julga, e acontecer por elas” (2006, p.5).

Não podemos esquecer que a fotografia também é propícia para entender o espaço, o tempo de recriação do cotidiano e do contexto histórico, de ver, de descobrir e de questionar o passado. Parafraseando Gomes, Monteiro afirma que “[...] a imagem fotográfica, ao registrar a experiência, pode provocar novas percepções, produzir subjetividade inerente ao ato de olhar, e imobilizar o fato e o espaço captado, contextualizando-os” (1998, p.41). A fotografia faz movimentar pensamentos, produz novos saberes e práticas, captura discontinuidades e relações, lança novos olhares para os inúmeros elementos epistemológicos. A fotografia possibilita novas visões e encantamentos, vislumbra assombros e perplexidades.

As fotografias são colocadas na abertura de cada capítulo para tornar a apresentação mais dinâmica e, ao mesmo tempo, inspirar o conteúdo a ser desenvolvido. E dentro dos capítulos aparecerão como ilustração e servirão de embasamento empírico para os conteúdos desenvolvidos, pois rever fotografias é como reviver momentos passados. Como registros feitos sem pretensões e sem intenções, as fotografias contêm memórias vivas, espontâneas de fatos, de sentimentos, de experiências, de encontros, de momentos vividos com intensidade

que nem as cartas abrangem. As fotos abrandam a rigidez do texto, mais dão densidade aos conteúdos desenvolvidos.

É bem verdade que as fotos conseguem visualizar e desnudar certos conteúdos acadêmicos por demais teóricos e que carecem das trajetórias vividas e experimentadas na realidade nua e crua do dia a dia do povo moçambicano, detentora dos saberes e das práticas tradicionais. Como registros de cenas cotidianas, as fotografias ajudam a embalsamar esses acontecimentos e situações, dá-lhes sobrevida e os eterniza. Por isso, as fotos conduzem e elevam o leitor para a realidade em reflexão. Trazem elementos substanciais para entendê-la no seu concreto. As fotos não esgotam o tema em reflexão: são geradoras de novas análises. Salvo raras exceções, todas as fotos são do acervo pessoal, construído durante 2003 e 2006, quando da minha presença nas terras moçambicanas.

Wunder, Monteiro e, especialmente, Guran ilustram e embasam bem o uso se pretende fazer da fotografia nesta pesquisa acadêmica. Quando da elaboração da proposta de dissertação, fui encorajado para a utilização desse material neste trabalho monográfico. O ditado popular “as cartas não mentem jamais”, dá-me sentido, norte à pesquisa e me desafia continuamente. Eis porque, ao longo da dissertação, manuseio e utilizo o conteúdo das cartas/fotografias/lembranças para extrair o conteúdo epistemológico em questão.

Por fim, às cartas e às fotografias não posso deixar de acrescentar a minha memória-lembrança dos fatos e das situações que nem as cartas e nem as fotos captaram. A memória é um processo de lembrar do passado e de interpretá-lo à luz do presente. Mas aventurar-me por uma memória saudosista de tempos que não voltam, de um passado em que as coisas eram melhores, com certeza, é uma memória sem fecundidade e sem inspiração.

Uso a memória de caráter mais espontâneo, livre e como ato de “[...] permanente reconstrução das impressões guardadas em conflito com as percepções presentes, que alteram a cada instante as lembranças dos fatos e situações vividas” (BIASOLI, 2007, p.7). Contudo, como afirma com propriedade Susin, “[...] o futuro que não bebe em fontes e não se enraíza em acontecimentos que o tornaram possível, na verdade, é um futuro fadado à quimera, um sonho sem capacidade de se verificar e nem sequer de manter viva a esperança” (2009, p.10). Assim são as cartas, as lembranças, as fotografias que vão perpassar todo conteúdo e construir esta dissertação.

2 CONTEXTO DA PESQUISA

Esquentando os tambores.



Os tambores estão presentes em todos os momentos. São eles que cadenciam os ritmos das festas, das apresentações, das cerimônias, das liturgias. Entretanto, exigem preparação, cuidado. Precisam ser aquecidos para retesar suas peles e, assim, afinar os sons. Entender essa dinâmica da mudança que está presente em cada cultura é fundamental para evitarmos os choques interculturais, as pré-noções de comportamentos diferentes, como também para entendermos as diferenças existentes dentro e fora das culturas, pois “Este é o único procedimento que prepara o homem para enfrentar serenamente este constante e admirável mundo do porvir” (LARAIA, 2006, p.101).

Neste sentido, este trabalho apresenta um breve panorama físico, político-histórico, sócio-econômico e religioso-cultural de Moçambique, situando-o dentro do continente africano, mais especificamente na Província central, Sofala, na qual os Irmãos e Colaboradores Lassalistas atuam desde 1992. Os inúmeros elementos, números e estatísticas, às vezes até em demasiado e pormenorizados, são necessários por se tratar de um contexto alheio ao ocidental e para entender, verificar e analisar os saberes e práticas nas tradições moçambicanas hodiernas, sobreviventes após o longo colonialismo português e a guerra civil que deixaram aquele país do Sudeste africano à mercê de tantas influências estrangeiras.

2.1 África ou Áfricas?

Quando mencionamos a África, geralmente nos detemos àquelas cenas exóticas dos animais, da pobreza, da AIDS, do Sahara e/ou da Subsaariana. Ao mesmo tempo em que a África é retratada nos meios de comunicação de massa pela beleza de suas paisagens e de sua biodiversidade, sua imagem se explora e se estigmatiza através das cenas mais diversas de fome, doenças e fratricidas conflitos armados. Essas imagens que exploram os contextos mais exóticos e o povo subnutrido e marginal, também são carregadas de valores, visões estereotipadas e preconceitos demasiadamente eurocêntricos.

A África dos noticiários brasileiros é muito diferente daquela que a maior parte dos próprios africanos conhece. Apesar das notícias, publicadas e transmitidas nos meios de comunicação social de massa do Ocidente sejam invariavelmente negativas, há uma outra realidade que permanece na penumbra e no porvir. É uma realidade em que os atores não são ditadores ou soldados, mas pessoas comuns

que vivem identificados com o seu espaço, seu trabalho, suas crenças e seus ritos. Alguns países parecem até ter alcançado a estabilidade e o dinamismo econômico que lhes permite olhar o futuro com algum otimismo. Nos locais onde há paz, mesmo que faltem outras necessidades básicas, normalmente há sempre o suficiente para assegurar a subsistência da população.

Para Couto, a África “[...] vive uma tripla condição restritiva: prisioneira do seu passado inventado por outros, amarrada a um presente imposto pelo exterior e, ainda, refém de metas que lhe foram construídas por instituições internacionais que comandam a economia.” (2005, p.11). A isso se somam as armadilhas da assimilação da identidade por razões de raça, de biologia, da genética e não da história: “[...] acreditam que os africanos são uma coisa simples, uma categoria uniforme, capaz de ser reduzida a uma cor da pele” (IDEM, p.11); e ao peso concedido às tradições que assim tornam os africanos facilmente explicáveis: “Basta invocar razões antropológicas, étnicas ou etnográficas. Os outros, europeus e/ou americanos, são entidades complexas, reservatório de relações sociais, históricas, econômicas e familiares” (IBIDEM, p.12).

Caminhando para uma outra perspectiva das imagens contraditórias do vasto continente africano, o escritor moçambicano Mia Couto afirma: “São as suas dinâmicas próprias, os conflitos particulares que definem identidades plurais, complexas e contraditórias” (2005, p.12). Hernandez também afirma que a África é complexa, múltipla e não homogênea, “[...] um verdadeiro caleidoscópio no qual se apresentam diversos mosaicos de heterogeneidades” (2005, p.14), embora diga que é possível tratar a África como uma unidade temática, apesar do pluralismo, pois Hernandez apresenta:

[...] similaridades que podem ser identificadas, como os modos de nascer, pensar, plantar, colher, caçar e comercializar produtos [...], unem-se contra a repressão e a violência física e simbólica próprias do colonialismo, impondo aos povos africanos que se tornam além de pobres, famintos, sem escolaridade formal e privados de direitos e liberdades (IDEM, p.13).

A palavra “tchungamoio” ¹⁷, emprestada da língua Chindau, que no sentido literal é “aperta coração”, “faça uso da coragem, seja corajoso”, sintetiza que se quer afirmar, já que, no uso diário, significa mercado informal, e faz entender melhor

¹⁷ Tchungamoio nomes dados aos mercados informais nas Províncias centrais de Sofala e Manica, Moçambique.

como o comércio informal se desenvolveu a revelia das autoridades policiais, por isso o exercício daquele comércio estava associado a atos de coragem e de fuga. Todavia, nos anos de 2003 e 2006 a polícia já não importunava os vendedores desses locais. Nesses espaços se constata todas as características próprias do ser africano: sua forma de expor e vender seus produtos, atividade dominada pelas mulheres, e a informalidade que lhes é similar.



Figura 05 - Tchungamoio do Chingussura – Beira, mar./2004.
Fonte: Acervo pessoal.

Os *tchungamoios* (Figura 05) são verdadeiros “shoppings centers”, pois aí se encontra tudo e de tudo: mantimentos, remédios, roupas, calçados, artigos de higiene pessoal, livros, comidas, bebidas, e outros. São frequentados por todas as classes sociais. São espaços de solidariedade, de trocas econômicas e sociais, de profunda oralidade, onde o tempo africano e as tradições asseguram suas particularidades. A historiografia colonialista difundiu a idéia de que a África é um continente. Uma das frases mais políticas de Mia Couto, colocada na boca do personagem Juca Sabão, como epígrafe do primeiro dos vinte e dois capítulos da obra “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, cabe perfeitamente aqui: “Encheram a terra de fronteiras, carregaram o céu de bandeiras. Mas só há duas nações – a dos vivos e a dos mortos” (2003, p.18).

Couto faz uma crítica sábia e sutil de como os povos colonizadores europeus, após o Congresso de Berlim (1884-1885), no ímpeto do poder e do prestígio, apoderaram-se da África, dividindo-a em colônias, contudo sem respeitar as culturas e as nações étnicas existentes. A África (Figura 06) nunca mais foi a mesma: atritos pipocaram no continente. Externamente a partilha foi uma das causas da Primeira Guerra Mundial. Internamente, apesar de ser formado por 54 nações independentes, grande parte destas teve conflitos étnicos sangrentos em sua trajetória ou os vive em nossos dias. No entanto, na cultura tradicional existem duas nações, a dos vivos e dos mortos, que precisam viver em harmonia para reinar a paz.



Figura 06 – Mapa da África

Fonte: Disponível em: <<http://www.africa-turismo.com/mapas/mapa-politico.htm>>. Acesso em: 01 jul. 2009.

No Brasil, pouco se sabe sobre a África, o significado do nome, da riqueza das sociedades africanas antes do colonialismo, dos vários tipos de estruturas políticas das sociedades tribais complexas até as civilizações modernas, de quão múltipla é a realidade africana de hoje, pois por não possuir escrita, foi considerado continente sem história. Rodrigues colabora:

Se a pergunta fosse qual é a memória sobre a história do negro no Brasil, a resposta recorrente seria sofrimento, trabalho, escravidão, punição e desgraça. Pouquíssimos sabem quanto os africanos e seus descendentes impuseram-se não só nos quilombos do Brasil Colônia e no período Imperial, mas dentro das cidades defendendo seus valores e sua sobrevivência, divertindo-se, organizando revoltas como a dos Malês em Salvador (1835) ou a Revolta da Chibata (1910) na poderosa Marinha brasileira republicana.

Menos ainda lembra-se a diversidade da população africana que ingressou no país. Não apenas pelas centenas de etnias que a constituíam, mas por desempenharem muitos papéis diferentes nas sociedades de lá, pensa-se em todos como xamãs e guerreiros, esquecendo-se dos advogados, arquitetos, dirigentes, professores, artífices, comerciantes, diplomatas e outras habilidades refinadas de homens e mulheres que aportaram nessas bandas (2005, p.1-2).

Ao contrário do que muitos pensam, os africanos não podem sempre ser considerados como vítimas. Historicamente, os povos africanos remontam às origens da humanidade e que desenvolveram inúmeros Reinos¹⁸, cuja História vem sendo pesquisada e desvendada com datas que recuam ao século IV da Era Cristã até o final do século XIX, quando seu deu a invasão do continente pelos europeus¹⁹.

Todavia, a África esteve submetida a uma série de invasores e saqueadores. Não obstante a ser rica em humanidade, tradições e recursos naturais, a África se tornou, no século XX, o continente mais pobre de todos. Hoje está sendo estrangulada por uma insuportável dívida externa, dizimada por epidemias e outras doenças que já foram eliminadas em outras partes do mundo. É na África que o

¹⁸ Conglomerados de povos com seus chefes e suas leis.

¹⁹ Há várias obras históricas em português a respeito, como A História Geral da África, num total de oito volumes, coordenada por Joseph Ki-Zerbo e com a participação de vários historiadores africanos, realizada com o patrocínio da UNESCO; a História da África Negra, de Ki-Zerbo, em dois volumes (1999 e 2002); “Na Casa de Meu Pai: A África na filosofia da cultura” de Kwame Appiah; etc. E, atualmente no Brasil as obras “A Enxada e a Lança” (1992) e “A Manilha e o Libambo” (2002), do historiador Alberto da Costa e Silva; “História da África Anterior aos Descobrimentos” (2007), de Mário Giordani; “Ancestrais: Uma Introdução à História da África Atlântica” (2004), 8. ed., de Mary del Piore e Renato Pinto Venâncio; e outras. Além de ampla bibliografia de historiadores ingleses (Peter Fry, Paul Gilroy), franceses (Paulo Ricoeur), e outros. Especificamente, sobre Moçambique, somente encontrei a tese de doutorado de Irene Dias de Oliveira: “Identidade negada e o rosto desfigurado do povo africano (os tsongas)” (2002).

analfabetismo, a pobreza, a ignorância, a doença e a exploração podem ser testemunhados em sua dimensão mais cruel.

Não posso aqui omitir os inúmeros personagens africanos que nos últimos anos têm se destacado no cenário mundial. Lembro apenas os ganhadores do Prêmio Nobel da Paz nos últimos 30 anos. Em 1978, Mohmamed Anwar Al-Sadat (Presidente do Egito) que junto com Menachem Begin (Primeiro Ministro Israel), como dignos representantes no campo da defesa dos direitos do homem, pelos seus esforços para resolver o conflito egípcio-israelense, iniciado em 1948. Em 1984, o Bispo Anglicano Desmond Tutu (África do Sul), como um dos grandes responsáveis pelo fim do *apartheid* na África do Sul, e que agora dirige sua luta contra um invisível inimigo, porém letal, o vírus da aids. Em 1993, o líder político Nelson Mandela pela luta pela liberdade e pelo seu esforço conjunto para acabar de forma pacífica o *apartheid*, dividido com o seu antecessor, Presidente Frederik Willem de Kerk, ambos da África do Sul. Em 2001, as Nações Unidas é laureada junto com o seu Secretário-geral, Kofi Annan (Gana), pelos seus esforços para construir um mundo mais pacífico e melhor organizado. E enquanto trabalhava em Moçambique mais duas condecorações. Em 2004, a ambientalista e ativista dos direitos humanos do Quênia, Wangari Maathai a primeira mulher africana com o Prêmio Nobel da Paz, por sua contribuição em prol do desenvolvimento sustentável, da democracia e da paz, pela mobilização de mulheres e pelo plantio de cerca de 30 milhões de árvores na África. E, por fim, em 2005 a Agência Internacional de Energia Atômica e seu diretor-geral, Mohamed El Baradei (Egito), pelos esforços para evitar que a energia nuclear seja usada com propósitos militares e para assegurar que a energia nuclear com fins pacíficos seja usada da forma mais segura possível.

Entretanto, sabemos que existem muitas Áfricas, mas queremos deter-nos a um espaço geográfico da África Negra. Neste referencial, insere-se Moçambique, um dos países da União Africana (UA)²⁰. A problemática da identidade moçambicana é idêntica à discussão da identidade de quase todos os Estados africanos, uma vez

²⁰ Órgão que atualmente engloba 53 países da África, fundado em 2002, e que sucede a Organização da Unidade Africana (OUA), fundada em 1963, com sede em Adis Abeba, Etiópia. Entre outros, têm como objetivos a paz (resolução dos conflitos no continente) e a segurança (combate à pobreza e às doenças da malária, HIV/SIDA e tuberculose), fundamentais para quaisquer iniciativas de desenvolvimento no continente. A União Africana promove o uso de línguas africanas sempre que é possível em seus trabalhos oficiais. Suas outras línguas de trabalho são árabe, francês, inglês e português, apesar de que outras línguas são usadas oficialmente por outros Estados membros. Por exemplo, o espanhol é co-oficial com o francês e o português em Guiné Equatorial. Protocolos adicionais fizeram com que o suahili se tornasse uma língua oficial da União Africana.

que as fronteiras destes Estados foram estabelecidas pelas potências colonizadoras européias e conservadas pelos Estados Nacionais africanos pós-independência, assumindo um conceito externo à sua dinâmica estrutural interna.

2.2 O contexto de Moçambique

Segundo diz a lenda, quando os portugueses chegaram no século XV, em Moçambique, o primeiro contato foi com uma ilha de forte influência árabe e um dos sultões mais conhecidos da região era Muça Alebique. Quando os portugueses teriam perguntado qual era o nome da região e a resposta “Muça Alebique”, entendida pelos portugueses como Moçambique. Por isso, num primeiro momento os estrangeiros chamaram esta ilha de Moçambique e, mais tarde, o nome foi dado ao país todo.

Como Moçambique não é um espaço homogêneo, onde vivem indivíduos, homens e mulheres, compartilhando dos mesmos ideais, interesses e experiências, apesar de a história oficial local pretendeu construir uma memória linear, coletiva e sem conflitos e resistências, divido o tema em quatro subitens bem específicos: aspectos físicos, aspectos político-históricos, aspectos sócio-econômicos e aspectos religioso-culturais. Apesar de seus contextos e dados se mesclarem e cruzarem, serão apresentados assim para uma melhor compreensão.

2.2.1 Aspectos físicos

Moçambique²¹ (Figura 07), é um país situado no Sudeste da África, tendo ao Norte: Tanzânia e Malawi; ao Oeste: Zimbábue e Zâmbia; ao Sul: África do Sul e

²¹ Moçambique também é uma dança praticada nos Estados brasileiros de Minas Gerais, Goiás e Rio Grande do Sul como louvor a Nossa Senhora do Rosário. Em São Paulo é, sobretudo, uma devoção a São Benedito, presente em quase todas as cidades do Vale do Paraíba e do Nordeste do Estado. Suas coreografias variam e são marcadas pela sincronia com que os dançantes das duas fileiras entrechocam seus bastões, evoluindo quase que de forma acrobática. Moçambique também é identificado com a congada e o fandango. Moçambique é apresentado em três ritmos (valsado, batucada e marcha), executado por um conjunto composto de caixinha de guerra, acordeom, surdo e pandeiro, acrescido pela percussão dos bastões e o som dos *paiás*, conjunto de guizos amarrados pouco abaixo dos joelhos. Os versos, quase sempre precedidos de pequenas ladainhas cantadas, louvam os santos e saúdam o povo presente. RHODIA, Projeto Cultural. Moçambique. In: **Danças Populares do Brasil**. São Paulo: Publicação Rhodia S.A., 1989. Disponível em: <<http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/5ritmos/mocambiq.html>>. Acesso em: 30 set. 2008.

Suazilândia; ao Leste: Oceano Índico. É um dos países que integra o Bloco Econômico da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC)²².



Figura 07 - Mapa de Moçambique

Fonte: Disponível em: < <http://www.africa-turismo.com/mapas/mocambique.htm> >. Acesso em: 01 jul. 2009.

²² A Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral – SADC - existe desde 1992, e engloba os 14 países do sul da África, com sede em Gaborone, Botswana. A região enfrenta uma série de problemas, desde dificuldades naturais como secas prolongadas até, mais significativamente, a enorme disseminação da AIDS e a grande pobreza do povo local. A erradicação e promoção de medidas capazes de lidar com condições está entre as principais metas do grupo.

Moçambique cuja superfície total é de 799.380 km² e a capital Maputo, está dividido em 10 Províncias: Niassa, Cabo Delgado, Nampula, Zambézia, Tete, Manica, Sofala, Gaza, Inhambane, e Maputo, e mais a cidade de Maputo que tem também estatuto de Província. Possui 128 Distritos e 43 Autarquias (Municípios). As cidades mais populosas são Maputo, com pouco mais de um milhão de habitantes, e Beira e Nampula, com meio milhão cada, considerando que Matola integre a Grande Maputo.

Mais da metade do seu território é coberta de planaltos, predominantemente no Centro e Norte, e planícies litorâneas, mais acentuadas ao Sul. O litoral do Oceano Índico tem uma extensão de 2.500 km, com inúmeros arquipélagos. Em torno de 80 rios cruzam o país, orientando-se, em sua maioria, no sentido Noroeste-Sudeste ou de Oeste-Leste, sendo os principais Zambeze, Limpopo, Búzi, Save, Pungue, Rovuma, Maputo. Ao longo das bacias dos rios e no planalto a terra é fértil, ao passo que na maior parte do Sul e da costa oriental ela é arenosa, com pouca fertilidade.



Figura 08 - Passagem do rio com batelão – Búzi, out./2006.

Fonte: Acervo pessoal.

Para as pessoas que têm necessidade de deslocamento, as travessias exigem longas esperas, mas isso não parece preocupar os usuários, pois o tempo africano não tem a conotação econômica ocidental (Figura 08). Umas contemplam as

ameaças da água dominada pelos crocodilos e jacarés. Outra descansa das pedaladas à sombra da Toyota Hilux. Ainda outras aproveitam para saber das últimas notícias. A jovem protege a criança do sol, etc.

Ao fundo, vê-se a areia, o capim, as mangueiras e a terra plana. Não há casas e lavouras próximas, pois periodicamente as cheias oriundas das chuvas das nascentes, na maioria localizadas nos países vizinhos, inundam toda área. As estradas vicinais estão sempre à mercê das condições do tempo e da boa vontade de uma ONG, especialmente ao Sul de Sofala. A bicicleta é um veículo que confere certo status a um homem, enquanto que os carros são propriedade de autoridades públicas, congregações religiosas, empresas e ONGs. Os batelões (balsas) revelam a precariedade da manutenção. Muitas vezes, ficam horas e dias sem funcionamento. Os nativos e os estrangeiros parecem “conviver” harmonicamente, pelo fato de estes precisarem dos pobres para fazer obras de caridade e aqueles esperarem por ajuda do *muzungo*²³ e do governo.

Outrossim, predominam as florestas densas (Norte) e abertas e savanas (Sul). No litoral, prevalecem os mangues, com formações lenhosas de pequeno porte, pois as terras estão mais sujeitas aos alagamentos. Existem diversas zonas de proteção e reservas: parques nacionais. O país possui uma fauna rica, mais ligada às espécies de interesse turístico: elefantes, felinos, hipopótamos, crocodilos e a fauna marítima.

O clima é influenciado pela monção²⁴ do Índico e pela corrente quente do Canal de Moçambique, sendo mais temperado nas regiões montanhosas e de tropical nas restantes zonas - chuvoso no Norte e Centro e mais seco no Sul. Distinguem-se as estações das chuvas, de novembro a março²⁵, e da seca, mais acentuada nos meses restantes.

²³ Muzungo é uma palavra Xi-Sena que significa senhor, pessoa de cor branca.

²⁴ Monção (em árabe *estação*), palavra que tem a sua origem na monção do Oceano Índico e sudeste da Ásia, onde o fenómeno é particularmente intenso, é a designação dada aos ventos sazonais, em geral associados à alternância entre a estação das chuvas e a estação seca, que ocorrem em grandes áreas das regiões costeiras tropicais e subtropicais.

²⁵ As cheias de fev./abr. 2000 resultaram em 700 mortos e 1.2 milhões de pessoas que perderam as suas casas, culturas, animais e seus haveres. Entre fev./jul. 2001, as províncias centrais foram inundadas na bacia do Rio Zambeze. Em 2003 cheias e ciclones como o Jafet, afetaram a população ribeirinha do rio Save.

2.2.2 Aspectos históricos e políticos

Os bosquímanos foram os primeiros povos de Moçambique há cerca de dois milhões de anos, que, pelo século III, foram deslocados para as áreas mais pobres do Sul do continente, quando da ocorrência das grandes migrações dos povos bantu, oriundos da região dos Grandes Lagos. Os povos bantu eram agricultores, mas introduziram a metalurgia do ferro nessa região. Entre os séculos X e XIX, existiram no território de Moçambique vários estados bantu, sendo mais conhecido o do Império Monomotapa.

Por volta dos anos 700, surgiram os primeiros entrepostos comerciais no litoral do Índico, patrocinados pelos Suahilárabes²⁶, os quais ali aportavam para a troca de artigos vindos do interior, atraídos pelas potencialidades do território rico em marfim, ouro, ferro, cobre e pérolas e pela sua localização estratégica como entreposto comercial.

No século X, os mercadores árabes fundaram colônias comerciais em Sofala, Quelimane, Angoche e na Ilha de Moçambique. Essa época é considerada como o divisor de águas da história moçambicana, pois a partir dessa data há registros do estudioso viajante árabe Al-Masudi, descrevendo a existência de uma importante atividade comercial entre as nações da região do Golfo Pérsico e os "Zanj" da "Bilad as Sofala", a qual incluía grande parte da costa norte e centro do atual Moçambique.

Em princípios de 1490, Pêro Covilhã de Ormuz, em visita à costa oriental da África, vindo pelo Norte, registra os entrepostos comerciais dos mouros. Com base nessas informações, Vasco da Gama empreende sua viagem para as Índias pela costa sul-africana e desembarca na Ilha de Moçambique, em 1498.

Com a construção das Fortalezas de Sofala, em 1506, e da Ilha de Moçambique, em 1507, os portugueses criaram feitorias com objetivos comerciais, na tentativa de dominarem a costa moçambicana e abastecerem seus navios com ouro e marfim em troca de especiarias vindas das Índias. Mais tarde, aventuraram-se para o interior, estabelecendo novas feitorias, como a de Sena, em busca das zonas produtoras de ouro do Grande Zimbábue. Estabeleceram alianças com os Reinos locais e foram, gradualmente, expulsando os árabes. Inicia, assim, a dominação portuguesa, até meados do século XVIII, sob a administração da Índia

²⁶ Indonésios, árabes, indianos e persas.

Portuguesa. Estenderam seu domínio ao interior do país até que, com Conferência de Berlim, em 1885, começa a efetiva colonização, transformando-se Moçambique numa ocupação militar.

A partir de 1951, torna-se uma Província Ultramarina, pois, na prática, permaneceram os trabalhos forçados e a exclusão da maioria da população. Diferente da política segregacionista inglesa na África, os empreendimentos portugueses caracterizaram-se pela assimilação, ideologia que assegura a integração do recém-chegado ao grupo majoritário pela aprendizagem da língua e da cultura do país de acolhimento, sem considerar a sua pertença cultural, étnica, religiosa, lingüística, embora não terem conquistado nem dez mil adeptos moçambicanos. A posição estratégica dos portos de Maputo e Beira para a saída e entrada dos produtos do Transvaal²⁷ e da Rodésia do Sul²⁸, apesar da forte resistência dos nativos contra o domínio luso, foi outro fator determinante para o desenvolvimento de Moçambique.

Nos anos 1960, os movimentos de independência emergiram em toda África Austral, de modo que, em 1962, foi criada a Frente de Libertação de Moçambique - FRELIMO - que lançou uma guerra de libertação, de 1964 a 1974, contra Portugal, quando o cessar-fogo foi acordado em Lusaka. No dia 25 de Junho de 1975, Samora Machel declarou Moçambique uma República independente. Tornando-se o primeiro presidente, adotou o sistema socialista com orientação marxista-leninista, nacionalizou as terras e as empresas privadas. No entanto, surgiu a Resistência Nacional Moçambicana - RENAMO – que instaurou uma guerra civil por quase 16 anos, devastando o país em termos de desenvolvimento humano e econômico. Somente em 04 de outubro de 1992, a FRELIMO e a RENAMO assinaram o Acordo Geral de Paz, em Roma.

A primeira constituição, promulgada no dia da proclamação da independência, ainda continua em vigor, tendo sofrido revisões em agosto de 1978 e em novembro de 1994, com a introdução dos três poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário) e do multipartidarismo. Nas primeiras eleições democráticas de Moçambique, em 1994, Joaquim Chissano, no poder interino desde a morte de Samora Machel, em 1986, foi

²⁷ Antes de 1994, Província da África do Sul que correspondia a antiga República dos Boers e ocupava toda a parte norte da África do Sul, desde o Rio Vaal até ao Rio Limpopo. Hoje compreende quatro Províncias: Gauteng, Noroeste, Limpopo e Mpumalanga.

²⁸ Atual Zimbábue.

eleito presidente e reeleito em 1999, uma vez que o presidente da república pode ser reeleito por apenas duas vezes consecutivas.

Por ser uma república parlamentar, caracteriza-se como uma democracia multipartidária, capitaneados pela FRELIMO e RENAMO. O presidente da república e os deputados da Assembléia Nacional são eleitos de cinco em cinco anos por sufrágio universal. O presidente escolhe os governadores, que, por sua vez, escolhem os administradores dos distritos, os quais se subdividem em posto administrativo e situados em localidades, o nível mais baixo da administração local do estado. Até 2007, não havia a Assembléia Legislativa nas Províncias. Desde a abril de 2008, o país conta com 43 autarquias (municípios), nas quais há eleições para o presidente do município, mas apenas Beira é governada pela RENAMO.

De fato, Moçambique foi o chão de dores e de gritos de escravidão até 1975, ano em que se tornou independente politicamente de Portugal e implantou o regime marxista. Diante dos dois grupos antagônicos, governo e guerrilha, instaura-se a guerra civil (1976-1992) que deixou muitos mortos, sangue derramado e dispersão, o que levou o país ao caos e à destruição, à falta de infra-estruturas de vida e de espaços marcados pelas minas²⁹, destruição dos valores humanos e falta de perspectivas de futuro.

Eis a realidade sociocultural, após 15 anos da assinatura do Acordo Geral da Paz: uma capela sem janelas e portas, com marcas de tiros nas paredes. A Figura 09 apresenta uma plateia ouvindo a homilia de um padre comboniano português, na missa da Páscoa da Ressurreição, na sede do distrito de Chibabava, sul da província de Sofala. Em primeiro plano, há uma cadeira vazia, homens sentados em banquinhos e, atrás, jovens no chão e de pé. Ao lado e ao fundo, igualmente no chão, as crianças e as mulheres. Observa-se também que há poucos homens idosos em consequência das guerras, das epidemias de malária e da AIDS, e por muitos trabalharem nas minas da África do Sul. O grande número de crianças e jovens mostra que a população essencialmente é jovem. A autoridade do homem na cultura o remete a uma posição de destaque e melhor acomodação: sentados na frente em banquinhos. As mulheres, em número maior, ainda ficam em posição subalterna,

²⁹ Calcula-se que Moçambique seja um dos países mais minados do mundo. São minas provenientes da guerra civil entre 1976-92. A desminagem é um trabalho muito perigoso, muito oneroso e não tem quem paga os custos. As vítimas mais comuns são as crianças e os camponeses. As regiões mais minadas são no Norte do País. O Governo está garantindo a realização de uma pesquisa completa das áreas com minas a ser concluída este ano. (BOHN, 2004d, p.31).

carregando os fardos familiares cotidianos e as preocupações com os filhos. Mas todos os rostos estão radiantes. Ter a presença do sacerdote é uma ocasião especial e de festa, necessariamente seguida de almoço solene debaixo das árvores.



Figura 09 - Celebração de Páscoa – Chibabava, abr./2006.
Fonte: Acervo pessoal.

A ilustração também revela que a infra-estrutura continua exigindo esforços para a reabilitação. Outrossim, o estar sentado é uma postura de ouvinte, de escuta, de alguém em busca do saber, transmitido oralmente, pois a grande maioria não domina as ferramentas da escrita e da leitura nem o português, língua oficial do país. Apesar do domínio externo os traços culturais sobrevivem. Para a existência da efetiva paz, é necessária também uma sociedade e uma organização política que procure distribuir a riqueza de forma mais equitativa e que não privilegie determinados grupos em prejuízo dos outros, sejam eles tribais, religiosos, políticos.

2.2.3 Aspectos sócio-econômicos

Desde a Assinatura do Acordo de Paz, a reconciliação e a reconstrução do país sempre estiveram nas agendas de discussão interna e externa. Moçambique

recebeu um grande apoio de agências de desenvolvimento internacional, gerando um desenvolvimento sócio-econômico, em particular nos arredores de Maputo. Em 1984, como membro do FMI e do Banco Mundial, começou as negociações para a reestruturação econômica, que introduziram a economia de mercado em 1987, um ano após o acidente de aviação que vitimou Samora e mais de 20 integrantes de seu governo. Todavia, a reconstrução da economia, após a guerra civil, foi dificultada pela existência de minas terrestres não desativadas, como também pelas enchentes de 2000 e as longas estiagens que ocorrem ciclicamente no país.

A economia do país é impulsionada pela energia hidrelétrica, gás, carvão, sal, grafite, bauxita, ouro, pedras preciosas e semipreciosas, além de reservas de gás natural e mármore, minerais, madeiras, terra agrícola, serviços dos transportes ferroviário e aéreo, comunicações, serviços financeiros, turismo, comércio informal. Os principais produtos agrícolas são o algodão, a cana-de-acúcar, o copra³⁰ e a mandioca. E produtos de exportação são camarão, algodão, castanha do caju, açúcar, chá, copra, lingotes de alumínio, madeira, tabaco, pneus, mesmo que em quantidades ínfimas.

Apesar de ter a segunda maior hidrelétrica do continente, Cahora Bassa, situada no Rio Zambeze, 60% da população ainda “vive às escuras”³¹, sendo que precisa importar bens alimentares, produtos químicos e combustíveis, maquinaria e equipamento de transporte e energia elétrica.

Sua indústria é incipiente e pouco desenvolvida, somente autossuficiente em tabaco e bebidas (cerveja). A inauguração da fundição de alumínio, em 2000, aumentou o PIB em 500%. O governo criou os corredores de desenvolvimento de Maputo, Beira e Nacala, com acesso rodoviário, suprimento de energia elétrica e com ligação por ferrovia até aos países vizinhos, com vistas a atrair investimentos estrangeiros.

Cerca de 45% do território moçambicano tem potencial para agricultura, porém 80% dela é de subsistência. Por tudo isso, as receitas do orçamento do estado procedem de impostos e do exterior, sendo que o índice de dependência externa gira em torno de 85%.

Atualmente, o turismo passa a ser uma das grandes fontes de renda pelas suas praias com zonas propícias ao mergulho, e pelos safáris, parques e reservas

³⁰ Polpa de coco.

³¹ Expressão popular usada para designar as comunidades sem energia elétrica.

de animais e momumentos históricos. O turismo permite diversificar as fontes de riqueza do país essencialmente centradas na agricultura. Por outro lado, é provável que o fato de o país não ter petróleo e diamantes tenha possibilitado uma evolução mais pacífica:

Se há coisa que a história de África nos ensina é que, quanto maior for a riqueza num determinado território, maior é a possibilidade dos “abutres” causarem guerras e conflitos, para depois poderem ficar com os “despojos”. Mesmo no melhor dos cenários, a recuperação de Moçambique vai ser longa e difícil, mas se os atores políticos se mantiverem longe das armas não será certamente o povo que vai pegar nelas (BOHN, 2006d, p.62).

A moeda moçambicana é o *Metical*, sendo sua economia beneficiada pelo apoio do FMI, pela estabilidade política e pelo controle da inflação, mas carece de infraestrutura básica: estradas, escolas, hospitais, tecnologia, entre outros. As atividades estão demasiado concentradas em Maputo, deixando o resto do país atrasado e com a maioria da sua população muito pobre.

Em 2003, Moçambique assinou o NEPAD (Nova Parceria para o Desenvolvimento de África), sob o patrocínio da União Africana, o que traz grandes expectativas num futuro mais promissor. E graças às parcerias com as ONGs, às vezes, Moçambique parece mais um canteiro de obras. Aliás, havendo paz, o comércio cresce rapidamente e se desenvolve, mesmo que seja com base em produtos que no ocidente têm pouco ou nenhum valor nem procura.

A Figura 10 revela inúmeros elementos da situação real do povo na região de sul de Sofala. O Pe Davide todas às quartas-feiras rezava missa para os internos, os religiosos voluntários e os demais residentes na Missão de Mangunde. Na manhã seguinte, atendia às necessidades emergentes da falta de comida do povo oriundas das longas estiagens. Amparado por uma ONG italiana de sua própria família, mas não querendo cair no assistencialismo, o religioso combinava com a população a compra de potes de barro, esteiras, mudas de plantas, para citar alguns, configurando uma verdadeira parceria de responsabilidade e solidariedade, de organização e educação para a vida, marcada por um hibridismo de troca, de respeito e de diálogo. Aparecem pessoas – mulheres, jovens e crianças - com potes de barro cozido, ouvindo atentamente o padre comboniano italiano. A olaria é uma “indústria artesanal” explorada exclusivamente pelas mulheres, enquanto as esteiras, ao fundo, são manufaturadas pelos homens. O cachorro, os corpos

esqueléticos, a senhora com a criança e menina comendo grãos de milho seco de uma espiga, pés descalços, representam a realidade da grande maioria do povo.



Figura 10 - Troca de artesanato por alimentos – Mangunde, fev./2006.

Fonte: Acervo pessoal.

O governo pós-independência optou pela nacionalização da terra e a privatização das empresas e deu enfoque ao desenvolvimento dos sistemas de saúde e de educação do país, levando a um decréscimo da taxa de analfabetismo da população adulta de 97% para 70% durante os anos seguintes. Antes, a educação foi levada a cabo por Portugal e por via oral nas diferentes tradições locais. Mas a educação pensada a partir da realidade moçambicana só melhorou seus índices com a reconstrução do país após a assinatura da paz.

O país tem mais de 60% de sua população entre 05 e 24 anos, em idade escolar, mas faltam estruturas. Conforme dados estatísticos, na virada do milênio, o analfabetismo, em Moçambique, era de 60,5%, dos quais 78% mulheres, e a taxa de literacia³² de adultos era de 38,5% dos moçambicanos (BOHN, 2003b, p.8).

Segundo dados referentes a 2001³³, seu índice de pobreza humana era de 48%; o analfabetismo: 56,7%; sem acesso à água canalizada dentro e fora de casa

³² Taxa dos que sabem ler e escrever.

³³ MOÇAMBIQUE. Ministério de Educação. INE: IDS, Tabelas de vida, QUIB 2000/01. Disponível em: <http://www.ine.gov.mz/ip/iph/iph_102>. Acesso em: 20 ago. 2008.

e/ou de fontenárias: 58,8%; sem acesso aos serviços de saúde: 71,7%; e percentagem da população sem serviços, assistência de saúde e saneamento do seguinte tipo: cuidados pré-natais, parto na maternidade ou no centro de saúde; médico, enfermeiro e parteira na aldeia, centro e posto de saúde, latrina e uso de algum método moderno de contraceptivo: 26%. Em Sofala, essas porcentagens caem para 44,5%, 53,5%, 47,4%, 67,1% e 25,1%, respectivamente.

Em 2003³⁴, o analfabetismo da mulher estava bem superior, em todas as faixas etárias: 15-19 anos – 27,2% homens/48% mulheres; 20-39 anos: 32,9%/64,7%; 40-59 anos: 40,2%/85,4%; e acima de 60 anos: 64%/94,3%. Quanto às taxas do ensino primário variava: admissão de 43,6% homens e 42,8% mulheres; aproveitamento de 65,2% homens e 62,7% mulheres; desistência de 3,9% homens e 2,9% mulheres; repetência de 20,4% homens e 20,9% mulheres.

Voltando a alguns dados na perspectiva de gênero, em 2003³⁵, quanto à idade ao primeiro casamento em 2003: 17,5 anos os homens e 21,8 anos as mulheres. Em 2005, a esperança de vida era de 45,2 anos homens e 49 anos mulheres; a taxa de mortalidade infantil era de 113,2 de mil nascidos vivos de homens e 102,4 de mulheres; quanto às taxas de fecundidade das mulheres: 4,3 filhos na zona urbana e 5,8 na zona rural. A perspectiva de vida projetada para 2020 é que continue a proporção de 51,09 mulheres para 48,9 homens.

Quanto à saúde, segundo dados de 2005, o país tinha 1.256 unidades de saúde: 11 hospitais centrais e provinciais, 35 hospitais rurais e gerais, 775 centros de saúde, 453 postos de saúde. Em Sofala, havia 147 unidades de saúde: hospital central, 06 hospitais rurais, 86 centros e 54 postos. Uma das situações alarmantes é o alto número e as previsões da AIDS. Hoje há 2,9 milhões de soro positivos (15% da população.). A cada ano morrem 100 mil pessoas no país.

Os órfãos é outro fardo para o país hoje. Em 2000 existiam cerca de 500 mil, dos quais 2/3 eram de pais vitimados pela AIDS. Em 2010, deverão ser 1,4 milhão de órfãos, dos quais 80% serão de pais vítima do HIV/SIDA. Não é intenção fazer gráficos comparativos com a média mundial, com o Brasil ou comparar com épocas diferentes. Esses dados por si já expressam o quanto são alarmantes. Apenas nos

³⁴ IDEM

³⁵ MOÇAMBIQUE. Ministério de Educação. INE: IDS, Tabelas de vida, QUIBB-2001, IAF-2002/03. Disponível em: <http://www.ine.gov.mz/ip/iph/iph_102>. Acesso em: 20 ago. 2008.

perguntamos: O que acontece com essas crianças? Que futuro as espera? Aliás, elas terão futuro?

Quanto à população, o censo 2007³⁶ afirma que Moçambique tem 20,5 milhões de habitantes, na proporção de 91 homens para cada 100 mulheres, 63,6 % tem menos de 24 anos e apenas 2,8% acima de 65 anos, para uma densidade demográfica de 24 hab/km². A idade média atual é de 18 anos, e a taxa de mortalidade infantil é 108 por mil nascimentos. A taxa de fecundidade é de 5,4 filhos por mulher e a esperança de vida é de 47 anos. A Província de Sofala tem 1.654.163 mil habitantes, sendo a relação de 94 homens/100 mulheres.

Ainda, conforme o mesmo censo, a taxa de desemprego no país com 15 anos ou mais é de 18,7%, sendo 31% na área urbana e 12,9% na área rural; quanto às taxas de emprego são de 74,6%, sendo 58,2% na zona urbana e 83,4 na zona rural, na proporção de 72,3% de homens e 77,6% de mulheres e dos quais 85,6% trabalha na agricultura e apenas 14,4% fora dela. Um outro dado referente aos empregados é que apenas 13,3% são assalariados, 62,1% trabalha por conta própria e 24,6% são trabalhadores familiares sem remuneração. Um dado interessante é que 22,2% são assalariados homens e apenas 5,8% mulheres, enquanto que no trabalho familiar isso se inverte: 37,8% mulheres e apenas 9,1% homens. Em Sofala, a taxa de desemprego aumenta para 21,2% em relação à taxa de emprego que cai para 70,8%, na proporção de 66,6% de homens e 76% de mulheres, sendo que 79% trabalham na agricultura. Quanto às pessoas empregadas, 20,9% são assalariados, 66,1% por conta própria e 13,1% são trabalhadores familiares.

Olhando para dentro de uma sala de aula (Figura 11) com séries iniciais, numa escola ao lado da EN 1 (Estrada Nacional), em Mutandire, distrito de Chibabava, sul da Província em Sofala, os números pareciam revelar a igualdade de gênero. Podemos ver meninos num lado, em primeiro plano, e as meninas, do outro, ao fundo. Todos estão sentados em ordem sobre troncos rente ao chão, sem uniforme, descalços ou de chinelo, com livros abertos, atentos à professora e ao intruso (o fotógrafo). As salas estão em construção, cobertura de zinco, pois o prédio anterior, ao fundo, de *matope* (barro) e palha, está prestes a ruir. Há algumas bicicletas.

³⁶ MOÇAMBIQUE. Instituto Nacional de Estatística. **População Total por Sexo e Índice de Masculinidade, segundo Províncias.** 2007. Disponível em: <<http://www.ine.gov.mz/censo2007/rp/q4>>. Acesso em 20 ago. 2008.



Figura 11 - Alunos em sala de aula em Mutindire - Chibabava, ago./2006.

Fonte: Acervo pessoal.

A imagem faz concluir que a busca de saber não olha distância, condições de acomodação, posição. A educação é igualmente símbolo de uma parceria, pois a mão de obra da construção é patricada pelos encarregados da educação dos alunos, professores e comunidade, nos finais de semana. A situação acima revela insuficiência de material escolar e o quanto a educação moçambicana precisa caminhar, com ou sem ajuda do exterior, para atingir as metas das políticas públicas do Banco Mundial e da Declaração de Dakar, até 2015.

2.2.4. Aspectos religiosos e culturais

Com mais de três mil “culturas”, mil línguas e uma história fascinante, não há melhor lugar para se encontrar inspiração do que na África. Esta diversidade cultural parece ser um fator de equilíbrio e de unidade e não um elemento de divisão. Ao contrário das sociedades modernas, a cultura tradicional contém aspectos mais democráticos, olhando do ponto de vista do seu cunho social, coletivo, que deixa pouco espaço ao individual. Conforme Cezerilo, o

[...] africano desde cedo aprende a viver em grupo, em comunidade, partilhando com outrem tudo o que possui, daí o provérbio onde comem dois, comem três. Estes comunicam sentimentos, partilham gostos, aspirações, necessidades, pois estes parecem-se mental e psiquicamente uns com os outros. (2002, p.31).

Devido às principais características das sociedades africanas estarem ligadas à vida em comunidade e à família alargada, a adaptação dos indivíduos ao meio social é mais tranquila. Todavia, hoje a cultura tradicional africana está sofrendo certas transformações em decorrência das influências da globalização, mas se manteve, embora alguns grupos étnicos africanos ainda tivessem sofrido menos influências com a chegada da civilização:

A colonização foi sim numa primeira fase vector de mudança da identidade cultural africana, mas atualmente a tradição africana tem sido constantemente desafiada pela tecnologia e pela invasão dos média electrónicos. Elas (tecnologia e médias) ofuscam sobremaneira as raízes culturais africanas. Contudo, elas são propulsoras de união, pois o africano tem tomado mais consciência da sua identidade como africano, demarcando-se em áreas culturais e linguísticas que constituem vectores de união (IDEM, p.45).

A cultura moçambicana traz em seu bojo uma rica tradição de co-existência de diferentes raças, grupos étnicos e religiosos. Possui uma tradição cultural imemorável de arte, música, danças, cozinha, uma história e uma diversidade de valores familiares que dão origem às identidades do Moçambique moderno. Como? Para Thornton, a cultura africana não era suficientemente homogênea para constituir uma identidade e nem a diversidade linguística é a única mediadora da cultura. “Mesmo quando as diferenças linguísticas dividiam a região em sociedades culturalmente diversas, os fatores econômicos tendiam a uni-las” (2004, p.258).

Portanto, não foi apenas no comércio que as línguas ajudaram para que resultasse essa convergência cultural, mas também a proximidade, os contatos, a rede de transportes, as similaridades na religião, nos instrumentos musicais, na arte, na cerâmica, na estética, na indumentária, etc. A verdade é que a vida em sociedade é facilitada quando as pessoas falam a mesma língua, possuem determinadas leis comuns que regem o cotidiano, têm uma moeda, um passado, sentimentos comuns, que os fazem interagir.

Com o objetivo de criar uma identidade nacional, a Constituição de 2004, artigo 10, afirma que a língua portuguesa é a língua oficial na República de Moçambique.

Todavia, no Censo de 1997 apenas 6% da população declarou que tinha o Português como a língua materna, apesar de perto de 40% ter afirmado que sabiam falar. Já o artigo 9º reza que: "O Estado valoriza as línguas nacionais como património cultural e educacional e promove o seu desenvolvimento e utilização crescente como línguas veiculares da nossa identidade" (MOÇAMBIQUE, 2004). Pudera, pois há cerca de 20 grupos linguísticos em Moçambique, sendo os maiores grupos os *Macua* no Norte e os *Tsonga* no Sul, que correspondem respectivamente a 37% e 23% do total da população. Isso, no entanto, não significa que suas línguas sirvam de elemento de comunicação em geral. Por outro lado, são identificadas diversas línguas nacionais, oriundas da grande família de línguas bantu: *Xi-Tsonga*, *Xi-Chope*, *Bi-Tonga*, *Xi-Sena*, *Xi-Shona (Ndau)*, *Ci-Nyungwe*, *E-Chuwabo*, *E-Macua*, *E-Koti*, *E-Lomwe*, *Ci-Nyanja*, *Ci-Yao*, *Xi-Maconde* e *Ki-Mwani*. Além desses, existem minorias de origem asiática e europeia.



Figura 12 - Escultura em pau preto – Ilha de Moçambique, jul./2006.
Fonte: Cedida por Vanderlei Kraemer.

Vale lembrar que Moçambique tem famosos artistas plásticos, especialmente escultores do pau preto da etnia *maconde* (Figura 12) e pintores. Segundo os especialistas, a origem desta escultura deve-se ao fato dos *macondes* atribuírem a

origem da humanidade ao primeiro pai que talhou uma figura em madeira para lhe fazer companhia. Por sua vez, o sol ao dar vida a esta figura surgiu a primeira mãe.

A arte *maconde*, mais conhecida por escultura do pau preto, é considerada como das mais valiosas de toda a África. Tem como principal característica a sensibilidade, pois as figuras humanas são facilmente identificáveis, permitindo distinguir a tribo ou a família a que pertencem, as crenças que adotam, os costumes que as caracterizam, etc. Há um destaque para a cabeça, como parte mais nobre do corpo humano: a fronte, as linhas gerais do rosto, a expressão dos olhos, o perfil do nariz, o recorte da boca, a comissura dos lábios, para ressaltar o caráter e a própria identidade da alma. A arte *maconde* trata o homem, com seus traços: a masculinidade: traços que traduzem determinação, firmeza na vontade, austeridade de vida, coragem, a barba; a maturidade: traduz as angústias e dores da vida, aliviando seu peso; as necessidades e preocupações; o trabalho: avanço dos ombros e dos braços, com ligeira flexão das pernas para a manutenção do equilíbrio do corpo, no transporte de objetos pesados; nas cenas características do folclore, da caça, das iniciações da puberdade, da tatuagem; com suspensórios utilizados no transporte e a espécie de saiote que envolve as pernas.

No entanto, a mulher é a figura humana preferida, representada nas esculturas com muito carinho e respeitando os seus dotes naturais inerentes à mulher: a maternidade: a ternura materna; com um filho no seio prestes a nascer; denotando valores que prenunciam a fecundidade e que interessam à procriação da tribo; com a cintura, nádegas e pernas informes e aparentemente descuidadas; a feminilidade: respeito pela sua dignidade e valorização dos seus dons físicos naturais: elegância; composição e feição dos penteados e das cabeleiras, corte do cabelo; seios à mostra e corpo coberto por panos com linhas artisticamente dobradas; olhos em estado de hipnose; equilíbrio nas proporções fisionômicas na identificação dos caracteres femininos: as mãos, a posição da cabeça, do pescoço, o traçado da boca, das linhas do queixo, as tatuagens do rosto, etc; o cotidiano e o labor da mulher: com *moringa* de ir buscar água; com lenha e ou vasilha na cabeça; cenas de amor ao próximo. Hoje a escultura *maconde* vem rareando de ano para ano, pois passaram a produzir em série sua apurada arte transformada em simples artigo de comércio. A quantidade em lugar da qualidade.

Outra importante manifestação da cultura tradicional moçambicana é a música vocal, contendo características bantu e influência árabe (Norte), para acompanhar as

danças das cerimônias sociais. A música é uma das mais importantes manifestações da cultura de Moçambique. A música cria um clima de cordialidade, de proximidade, de alegria e de um relacionamento entre pessoas completamente diferentes. Mas nada supera os tambores. Na Figura 13 vemos três tamborileiros animam a solenidade do Domingo de Ramos, em pleno campo do Chingussura, Beira. Aliás, esses instrumentos, caracteristicamente africanos, estão presentes em todas os momentos. Eles cadenciam os ritmos de festas, apresentações, liturgias, cerimônias, momentos de dor e de tristeza. A música tradicional tem características dos povos bantos e influência árabe principalmente na zona Norte. Nas cerimônias sociais, é acompanhada geralmente de dança.



Figura 13 - Celebração de ramos no Chingussura – Beira, mar./2003.

Fonte: Acervo pessoal.

A música comercial também traz raízes da música tradicional, mas é permeada de ritmos e tecnologias importadas de outras culturas. A música jovem de Moçambique contém vários estilos musicais, dentre os quais *marrabenta*, *hip hop*, *passada*, *R&B*, *dzukuta*, entre outros. O mais conhecido estilo é a *marrabenta*, originária do Sul do país, que não é apenas música dançada em pares, podendo também ser ímpar. As letras das cantigas geralmente retratam o cotidiano social. Foram vários os mestres da *marrabenta* que tocaram, cantaram e encantaram: Fany

Mfumo, Dilon Djindji, Xidiminguana, João Domingos. Entre os artistas atuais de destaque estão *Mc Roger, Neyma, Ziqo e Lizha James*.

A *marrabenta* é praticamente adotada por todos os grupos do país, tendo sua origem na zona urbana e se identifica com a *Moçambique Music*. A palavra é uma referência às batidas rápidas das cordas da guitarra: arrebentar e quebrar. Nasceu como uma fusão da música importada dos europeus com os materiais improvisados como latas de sardinha e pedaços de madeira, sendo suas letras habitualmente nas línguas locais com crítica social e canções de amor. O grupo *Orquestra Marrabenta Star*, formada em 1979, por ter visitado outras partes do mundo, trouxe logo o reconhecimento internacional à *marrabenta*. Por tudo isso, pode-se afirmar que Moçambique tem uma cultura rica e diferente, multicultural e interétnica. A maxixe do Brasil é atribuída a sua origem na *marrabenta* de Moçambique.

Convém ressaltar que em 2005, a UNESCO considerou a *timbila chope*, instrumento musical tradicional, patrimônio imaterial da humanidade. É oriunda da região de Inhambane, famosa por seu *xilofone*, chamado *mbila*, em plural *timbila*, e pelo estilo de música tocada com ela. Suas orquestras são compostas por cerca de dez *xilofones* de quatro tamanhos para acompanhar as danças e os cerimoniais. São composições longas e constituídas de um a dez movimentos de diferentes tempos e estilos. Por isso, acredita-se que a *timbila* seja o método mais sofisticado de composição encontrado entre os povos da Pré-História moçambicana.

Quanto às suas crenças e práticas religiosas, essas são ligadas à sua religião tradicional, seguida ainda pela maioria do povo e vinculada ao culto dos espíritos dos antepassados, tendo como características: o feiticismo: culto aos antepassados; o manismo: culto ao infinito oriundo das almas/dos espíritos dos falecidos; o animismo: a pessoa descobre que está ligada a uma alma que, por sua vez, está ligada a um corpo e uma alma de um antepassado; e a magia: praticada por curandeiros e feiticeiros.

As principais religiões são a tradicional africana (31,9%), católica (24,1%), protestante (21,5%), islâmica (19,7%), hindu e outras (2,8%). A herança das religiões tradicionais continua viva junto aos africanos, até mesmo no modo de vida dos que se declaram católicos e outros crentes.

É necessário que se faça um estudo científico do fenômeno cultural mais apurado, pela força que exerce no campo social, político e intelectual. Aliás, “A verdade é que as liturgias de África convidam a dançar, bater palmas, a rebolar. [...]”

Verifica-se que no lado de fora as crianças não participantes estão a dançar e a rebolar o tempo todo” (BOHN, 2004f, p.37).

A Igreja Católica, em 2003, atuava em 12 dioceses, atendidas por 120 padres diocesanos, além dos padres religiosos. Os missionários brasileiros eram 163, dos quais 80 gaúchos. Apesar de em muitas paróquias, por causa da guerra, tenha demorado vinte anos para o padre retornar, o povo manteve viva a fé recebida, e há um bom florescimento de vocações, sobretudo pelo trabalho dos anciãos e catequistas. Na paróquia São Benedito, conforme presenciei inúmeras vezes (BOHN, 2003a), as missas demoravam em torno de duas horas. A igreja sempre estava cheia, pois o povo é muito religioso. As missas tinham cantos e leituras em português, *sena* e *ndau*, estas últimas, são as duas línguas mais faladas na Província central do país. Em cada liturgia, mais de 70% levavam sua oferta. Também não faltava o abraço da paz³⁷. As crianças impressionavam pelo silêncio e pela concentração.

Nas outras religiões também havia celebrações fortes. Recordo os muçulmanos, cujo grupo é bastante expressivo:

Dia 27 [de outubro], iniciou, para os muçulmanos, o mês de Ramadan. É um mês em que os fiéis fazem jejum desde o nascer ao pôr do sol (às 3h30min da madrugada até às 17h30min), não têm relações sexuais, não podem envolver-se em brigas, discussões, procuram rezar mais. É uma prática muito aguardada e respeitada entre todos os islâmicos. Os adeptos andam com a cabeça sempre coberto – as mulheres usam pano e os homens um chapéu – além de vestidos compridos (mulheres) e túnicas (homens). Como há muitos “munhê” (comerciantes indianos – 90% do comércio de Beira está nas mãos deles), adeptos de Maomé, e muitos têm seus filhos estudando aqui na Escola João XXIII, a tradição está a olhos vistos. Os muçulmanos não poderão votar nas eleições de 19 de novembro, por coincidirem com o período sagrado (BOHN, 2003h, p.18, grifo do autor).

Seria importante e gostaria de trazer mais elementos da liturgia de outras denominações religiosas existentes em terras moçambicanas. Todavia, por ter tido apenas acessos esporádicos, não tenho segurança para fazê-lo. Também por ser uma questão mais ampla, deixo-a aberta para pesquisas posteriores.

³⁷ Momento que precede ao rito da Comunhão, em que todos são convidados a cumprimentar as pessoas mais próximas, desejando-lhes paz.

2.3 A província de Sofala como espaço da missão lassalista

Sofala (Figura 14) é a Província mais central de Moçambique com uma superfície de 67.218 Km² e uma população estimada em 1,7 milhões de habitantes.



Figura 14 - Mapa da Província de Sofala

Fonte: Disponível em: <<http://www.sofala.gov.mz/informacao/perfil-dos-distritos>>. Acesso em 01 jul. 2009.

Faz limite com as Províncias de Inhambane, Manica, Tete e Zambézia e o Oceano Índico. Sofala é um importante ponto de confluência das ligações entre o Sul e o Norte pela estrada nacional nº 01 e o aeroporto da Beira, e o Oeste, através

do corredor da Beira – linhas de ferro para Machipanda e para Sena³⁸ -, antigas vias muito importantes para penetração no interior e para países vizinhos, Zimbábue, Malawi e Zâmbia. O Parque Nacional de Gorongosa, outrora um dos maiores do mundo, localiza-se no interior dessa Província.

No ano de 1500, de regresso do Oriente, Pedro Álvares Cabral mandou o navio de Sancho de Toar descobrir o porto de Sofala, seguida pela passagem de Vasco da Gama em 1502, o que motivou o estabelecimento de uma grande feitoria em Sofala. Para cumprir a missão de estabelecê-la, D. Manuel escolheu o Capitão Pêro de Nhaya, que aí chegou em 04 de setembro de 1505. Conforme Martins (2005), Sofala foi a primeira capitania portuguesa em Moçambique – “a feitoria fortificada de Sofala” - e lugar do primeiro templo da igreja católica na África Oriental. Por outro lado, teria servido de ponto de partida dos portugueses aventureiros, comerciantes e missionários para o Alto Zambeze, onde ficava a corte de *Monomotapa*, como também uma feitoria para o resgate do ouro vindo do interior. Assim, com a construção da fortaleza de São Caetano de Sofala e da feitoria, tornou-se num dos maiores empórios de toda a África.

Os grupos étnicos ou populacionais predominantes em Sofala são os *Sena* (Norte) e os *Ndau* (Sul). Ao redor de Beira há presença de ambos. Os *Sena*, considerado o segundo maior grupo étnico do país, tem um pouco mais de um milhão de falantes. Os *Ndau* são perto de 600 mil usuários da língua.

Sua capital é Beira, segundo maior centro urbano do país, erguida um pouco ao norte da antiga vila de Sofala, sobre terrenos pantanosos, junto à baía do rio *Púngue*. Antes conhecida por *Bangue* ou *Aruangua*³⁹, Beira foi fundada em 20 de agosto de 1887, sendo considerada, até 1975, uma das mais belas cidades da África

³⁸ Atualmente em reabilitação. Já foi liberada até Muanza, Inhaminga e Marromeu, mas está prevista até Moatize, Tete.

³⁹ Siteo (2007) cita que, antes da chegada dos europeus, a região Bangue, junto à foz do então rio Arwangua, actual Púnguê, era habitada pelos Vabangue (ou bangues), comunidades de povos bantu, essencialmente de pescadores. A região estava sob domínio do reino de Sedanda, vassalo do Império do Monomotapa, a quem os bangues tinham a obrigação de pagar o tributo. Devido à invasão dos Nguni, vindos do Sul, na metade do século XIX, a influência do império do Monomotapa diminuiu e a região recebeu influência do império de Gaza – Muzila e depois Ngungunhana -, o qual partindo do sul de Moçambique começava a estender o seu domínio para regiões mais a Norte, devido à sua organização, capacidade guerreira, controle efetivo da produção, coleta de impostos. Por volta de 1885, começam as viagens de sondagens da costa para o interior, que levaram o português Carlos Paiva de Andrade, cognominado de Mafambisse, pelas populações locais às terras de Gorongosa, Mossurize e a Pungue, em consequência, dando início ao estudo da navegabilidade deste rio e das condições de sua desembocadura. Assim, o comando militar foi inaugurado em 20 de Agosto de 1887, pelo então governador de Manica e Sofala, Tenente Jorge Pinto de Moraes Sarmento, após provar que o porto era maior que o de Quelimane e de Inhambane.

Oriental. A sua designação se deve ao príncipe D. Filipe da Beira⁴⁰, que, no início do século XX, aí desembarcou em visita oficial. Importante porto comercial, Beira foi de vital importância econômica, especialmente pelas duas estradas de ferro que serviam toda a região central e países vizinhos do *Hinterland*⁴¹. Martins bem retrata a epopeia:

Se Portugueses e Moçambicanos puderam, naquele tempo, vencer o pântano, a malária e outras doenças terríveis, e erguer na foz do Púnguê e seu vastíssimo "hinterland" uma Nova Civilização, imagine-se que nova e grande Epopeia poderão realizar, se para isso forem motivados, neste início do século XXI (2007, p.1).

Beira tem 436 mil habitantes e, por estar construída em terreno plano, abaixo do nível do mar, quando chove vira um “piscinão”, um verdadeiro dilúvio. Era uma cidade bastante suja, cheia de lixo, fezes e água parada, o que a tornava um foco de mosquitos, com muitos casos de malária, cólera, tuberculose e AIDS. Toda água precisava ser fervida, pois muitos não tinham água encanada. Os arredores da cidade são circundados de *machambas*⁴² de arroz, plantadas a mão e enxada, em geral, pelas mulheres.

As tradições e formas de organização social desses povos são bastante diversificadas. Devido à influência da história do sistema de Prazos do Vale do Zambeze⁴³, às migrações e aos constantes contatos com elementos alheios às tradições locais, esses povos sofreram uma simbiose entre o sistema *patrilinear* e o *matrilinear*⁴⁴, mas tendendo para a linhagem daquele.

A língua *Chindau* é considerada, no sentido mais amplo, parte da família linguística *Shona* e, no sentido mais restrito, refere-se ao idioma falado no centro-sul de Sofala, parte de Inhambane e parte do Zimbábue. Ao longo da ferrovia entre

⁴⁰ O Infante D. Luís Filipe, herdeiro do trono português, foi assassinado em 1908.

⁴¹ Área ao redor de ex-colônias européias na África, que, apesar de não serem parte da colônia, eram por ela influenciadas.

⁴² É o nome pelo qual é denominada, em Moçambique, a terra de cultivo, horta, plantação.

⁴³ Com a fixação dos Portugueses no litoral, construíram-se as fortalezas de Sofala (1505), Ilha de Moçambique (1507). Só mais tarde, apoiados pelos missionários e comerciantes, penetraram no interior, onde estabeleceram a feitoria de Sena (1530). Além do escoamento do ouro, o objetivo era de controlar o acesso às regiões auríferas. Posteriormente, veio a fase de marfim e de escravos, respectivamente. O seu escoamento era efetivado pelo sistema de Prazos do Vale do Zambeze, a primeira forma de colonização portuguesa em Moçambique. O Prazo era uma espécie de feudo de mercadores portugueses que tinham ocupado essa porção de terra doada, comprada ou conquistada.

⁴⁴ O patrilinear relaciona os grupos de parentes através do sexo masculino: pai para filho, neto, etc, enquanto que no matrilinear a transmissão da herança vai para as mãos do sobrinho, filho da irmã. Mais detalhes podem ser encontrados em Cipire (1996, p.51-55).

Beira e o Zimbábue, a língua *Sena*, originalmente falada apenas no vale do rio Zambeze, acabou se tornando uma língua livre.

Outrossim, durante a última fase do colonialismo português e, especialmente, durante a guerra civil (1976-1992), as infraestruturas sociais e as fronteiras étnicas se tornaram obsoletas e instrumentalizadas politicamente. Assim, a região habitada pelos *Ndau*, durante a guerra civil, teve uma identificação com o partido político RENAMO. A começar pelo líder Afonso Dhlakama, era filho do prestigiado Régulo de Mangunde, Chibabava. Mas, a influência dos *Ndau* na estrutura do movimento passa pela própria língua oficial, o *Chindau*, e pelas várias unidades militares, inteiramente constituídas por seus indivíduos, considerando, ainda, que a localização da RENAMO ficava em Sofala. Por outro lado, a RENAMO utilizava as autoridades tradicionais para gerir as populações civis e não reprimia as práticas sociais da magia e da religião, abolidas pela FRELIMO⁴⁵.

Em suma, pode adiantar-se que a identificação da maioria das populações vandau à Renamo assentou em três factores: 1) a negação do Estado-Frelimo, através da identificação deste com as etnias do sul; 2) a difusão da idéia de que a Renamo, nas zonas que administrava, respeitava os costumes e as tradições ndau; 3) o facto de a Renamo ter iniciado as suas acções em zona ndau, e de o movimento estar dominado por elementos de origem ndau (FLORENCIO, 2002, p.359).

A atual situação representa um desafio e dependerá da vontade de superar quaisquer formas de etnocentrismo, tribalismo ou polarização sócio-política. Pois, muitas culturas consideram o seu modo de vida o mais certo e o melhor. Isso pode gerar fenômenos como o etnocentrismo⁴⁶, a xenofobia⁴⁷ e a discriminação dos que são diferentes. Warnier afirma que a identificação individual e coletiva pela cultura produz uma alteridade em relação aos grupos cuja cultura é diferente: “O contato intercomunitário suscita reações muito diversas: idealização do outro, atração pelo

⁴⁵ Os antigos combatentes da FRELIMO foram, preferencialmente, indivíduos que ocuparam posições de prestígio e poder depois da Proclamação da Independência. Mesmo sendo, desde o início, um partido de intelectuais, muitos antigos combatentes não sabiam ler. Consequentemente, não conseguiam ler a Constituição da República, os “Estatutos” e o “Programa do Partido”. A FRELIMO acreditava que o futuro do país estava na construção de uma economia moderna, baseada numa agricultura mecanizada e num aumento das indústrias, que seriam cada vez mais servidas por moçambicanos preparados para o desempenho de funções administrativas e técnicas. Para este fim, a ciência iria substituir a tradição, uma transformação que seria efetuada pela locomotiva das empresas comunais e a educação de um Estado Moderno. Por isso, era comum encontrar numa mesma família, muçulmanos e cristãos, mas quase todos cultuavam seus antepassados.

⁴⁶ Crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade.

⁴⁷ Aversão a pessoas e coisas estrangeiras, como o fenômeno que está ocorrendo atualmente na África do Sul.

exótico, pelo 'bom selvagem', mas também pelo desprezo, incompreensão, rejeição, podendo terminar em xenofobia (ódio aos estrangeiros) e aniquilamento" (2003, p.18). Para que seja possível a convivência com outros membros da sociedade e empreender um diálogo intercultural é importante conhecer o mínimo da cultura dos outros, pois "Todos necessitam saber como agir em determinadas situações e, também, como prever o comportamento dos outros" (LARAIA, 2006, p.82). Pode-se não conhecer tudo, mas se precisa conhecer as regras básicas de etiqueta social e suas formas de cumpri-las para o convívio ser eficaz. Um exemplo latente aconteceu nos anos 80, em Beira:

Todavia, sente-se um racha na Igreja local, que vem de anos, entre as duas minorias étnicas: Sena e Ndau. Em todas as liturgias é preciso fazer leituras e cantos nas duas línguas. Todavia, a Sena tem mais adeptos e os padres atendem também mais nesta língua. Por isso, o arcebispo (Ndau) só come comida especialmente preparada por alguém de confiança da comunidade nas suas visitas pastorais (BOHN, 2003b, p.8).

Hoje, os povos dessa região são predominantemente comerciantes, embora tradicionalmente essa zona se volta à prática de culturas de rendimento como a principal forma de subsistência, como o chá, o algodão, a *copra*, o tabaco e a cana-de-açúcar. Mas, a pesca e a mineração também são outras atividades significativas.

O material mais usado nas construções, que em sua maioria são tipicamente de formato cilíndrico, é o colmo, a madeira e o barro. As casas da família alargada constroem-se juntas umas das outras. No entanto, hoje, muitas paredes deixaram de ser arredondadas e de barro e passaram a ser retas e com blocos de cimento e os telhados deixaram de ser de palha para serem de zinco. Todavia, durante a guerra civil e as calamidades que ciclicamente assolam Moçambique, foram edificadas construções mais precárias, de caniço, plásticos, latão e até tendas fornecidas pela ajuda externa.

As habitações são mais conhecidas por *palhotas* (Figura 15). No entanto, a ilustração revela a existência de um espaço híbrido, de simbiose e troca de saberes e práticas, de mescla de estilos e matérias usados na construção. Vê-se, na primeira *palhota*, a utilização de blocos de cimento para levantar as paredes, revestidos de barro. A cobertura usa a técnica milenar dos ancestrais: colmo e palha e de forma pontuda. Certamente, para evitar o apodrecimento precoce pela infiltração das águas das chuvas. Serve de residência, lugar íntimo, restrito para dormir e entrada

de pessoas da família. A segunda *palhota*, mais aos fundos, de barro e mais aberta, é um espaço de descanso à sombra do sol e das intempéries, lugar de receber e acolher os visitantes e sentar para ouvir conversas longas, quando não feito debaixo das mangueiras, árvore frutífera e de sombra, muito comum nessa porção territorial do país, junto aos conjuntos residenciais. Outra presença é a de mulheres carregando filho e água, crianças com olhar fixo e penetrante, sofrido e pedinte.



Figura 15 - Palhotas no interior de Amatongas – Manica, ago./2003.

Fonte: Acervo pessoal.

Aqui vale remontar à história do colonialismo português. Em 1878, diante da situação precária e da proibição da comércio de escravos desde 1842, Portugal decide fazer a concessão de parte do território moçambicano a companhias privadas⁴⁸ com poderes para instituir e cobrar impostos, entre eles o imposto da *palhota*⁴⁹, que cada família tinha que pagar em gêneros ou em espécie. No entanto, como os nativos não estavam habituados às trocas em dinheiro, o mesmo era geralmente transformado em trabalho forçado no cultivo de algodão ou tabaco, os

⁴⁸ Ficaram conhecidas com Companhias Majestáticas, pois tinham quase direitos soberanos sobre essas parcelas de território e seus habitantes, destacando-se a Companhia de Niassa e a Companhia de Moçambique.

⁴⁹ Zamporani (1996) cita que, em 1910, além do imposto de palhota que era de 5.300\$00 réis, os indígenas "[...] o único, o legítimo dono destas terras, não pode caçar e para o fazer tem que pagar um saco cheio de quinhentas" (p.153), ou seja, para caçar tinha que pagar um imposto de 2.000\$00 por cão, segundo "O Africano", de 01 de agosto de 1911.

quais eram produtos de rendimento comercializados por aquelas companhias. Essa dominação resultou na perda de liberdade, interferência na vida das unidades familiares, fuga aos países vizinhos e no não desenvolvimento da região. A partir de 1942, essas tarefas passaram aos Régulos, cujo papel é tratado no capítulo 4.

No entanto, em vários espaços urbanos de Sofala, a arquitetura tradicional já possui uma influência notável dos *muzungos*⁵⁰, em vista da proteção dos ataques dos chefes tradicionais africanos. Suas propriedades situavam-se em torno das cidades fortificadas e eram subdivididas em Prazos. As casas são espaçosas, com paredes revestidas de barro amassado, telhado de colmo ou folhas de palmeira ou zinco, apoiado em armações de estacas de bambu ou de madeira e geralmente em formato retangular.

Em termos religiosos, a região é profundamente católica, embora possua alguns bolsões islâmicos, particularmente no litoral e nos aglomerados urbanos. Isto pode ser comprovado pelo grande número de sacerdotes, religiosos, paróquias, missões católicas e grande número de batizados e dos que buscam os sacramentos da primeira comunhão, da crisma e do matrimônio, além da participação nas cerimônias e nos cultos religiosos.

A arquidiocese da Beira foi a primeira porção da igreja católica moçambicana que realizou seu 1º Sínodo Diocesano, entre out./2004 e abr./2006, para celebrar os 10 anos do Sínodo Africano de 1994. A cerimônia de abertura (Figura 16) foi debaixo da sombra das mangueiras da igreja São Benedito, Chingussura/Beira, reunindo o Núncio Apostólico, o Arcebispo da Beira e os seus sacerdotes, os 147 delegados eleitos, as lideranças pastorais de todas as paróquias de Sofala, e grande multidão de fiéis católicos. A cena mostra a pompa da solenidade: a cruz e as velas em candelabros na procissão; os paramentos especiais dos sacerdotes; as túnicas dos coroinhas, leitores e cantores; os trajes de *capulanas* das dançarinas especialmente feitas para a ocasião; as roupas de festa e as tranças nos penteados femininos. Minha memória ainda guarda alguns momentos marcantes: a ladainha de todos os santos em *Ndau*; a profissão de fé com a invocação do espírito dos antepassados, amigos de Deus, de todos os santos africanos e de todos os santos da igreja universal; a interminável procissão das ofertas, a chuva, os vimbrantes

⁵⁰ Significa senhor, mas geralmente refere-se à pessoa de cor branca. No nosso caso, indivíduos cuja ascendência advém da conjugação entre culturas africanas e portuguesa ou indiana, luso-descendente.

tambores e as guitarras. Foi um extraordinário momento de profissão da fé e de vibrante manifestação da mesma: um diálogo entre a fé cristã e a vida das tradições, um momento de *negociação* da igreja de África e a igreja de Roma.



Figura 16 - Procissão de entrada do 1º Sínodo Diocesano – Beira, out./2004.
Fonte: Acervo pessoal.

Sofala distingue-se no cenário político nacional por abrigar as bases oposicionistas. Foi nessa região central do país que se travaram os maiores embates da guerra civil. E Beira se distingue hoje pela oposição ao governo, por ser uma autarquia governada pela RENAMO desde 2004⁵¹. Tudo isso cria um sentimento generalizado de que seus governantes, sua cidade e seu povo são vítimas de exclusão política, econômica e social, observados no baixo fluxo de investimentos privados e públicos; na marginalização do porto da Beira em detrimento dos portos de Nacala e Maputo, assim como de outras infraestruturas, incluindo o aeroporto da Beira⁵²; na pouca inclusão de beirenses em cargos públicos e no governo do país, em mãos da FRELIMO desde a independência.

Nesse espaço geográfico, desde 1992, está localizada a missão lassalista, na qual vivi durante os anos 2003 e 2006. O projeto de Ação Missionária na África

⁵¹ Atualmente, é a única das 43 autarquias do país nas mãos da RENAMO.

⁵² Considerado como a melhor infra-estrutura aeroportuária até então existente em Moçambique.

“Nossa Senhora da África nos Chama” nasceu do impulso do 41º Capítulo Geral da Congregação Lassalista de 1986, em Roma, somado aos insistentes apelos da Igreja, Superiores do Instituto e Irmãos da América Latina. Os Irmãos das duas Províncias do Brasil - Porto Alegre e São Paulo - foram designados para atender os países de fala portuguesa da África, pela vantagem da língua e aproximações culturais.

Decidiu-se abrir a primeira comunidade em Moçambique no 2º semestre de 1993. Contudo, as cartas de Roma com as propostas de Dom Jaime Gonçalves, arcebispo de Beira, anteciparam os planos para fevereiro de 1992. Em obediência, os Irmãos Provinciais, Marcos Corbellini e Israel Nery, viajaram para Moçambique entre os dias 02 a 11 de outubro de 1991. Os encaminhamentos posteriores, a escolha e o envio dos primeiros Irmãos para a Missão São Benedito, foi uma decisão corajosa que os Superiores do Brasil tomaram durante as celebrações do 300º aniversário do voto heróico de La Salle⁵³.

A comunidade fundadora dessa obra missionária lassalista *ad gentes*⁵⁴ recaiu para os Irmãos Henrique Longo, Jerônimo Brandelero, Roque Seibert e Francisco do Pinho. Assim, dia 02 de janeiro de 1992, na missa de encerramento do retiro, foi realizada a cerimônia de envio dos três Irmãos da Província, em Porto Alegre. Coube à minha pessoa os comentários e a coordenação do rito daquela celebração histórica, associada aos 85 anos de presença lassalista no Brasil.

Capitaneados pelo Ir. Marcos Corbellini, embarcaram em São Paulo, rumo a Johannesburgo-Beira, chegando dia 17 de janeiro de 1992. Em outubro do mesmo ano, Ir. Antônio Cantelli substituiu o Ir. Jerônimo.

Para entender melhor o cenário que os Irmãos pioneiros encontraram na Missão São Benedito, em Beira, basta recordar que Moçambique se tornou independente apenas em 1975, após 11 anos de luta armada contra os portugueses. E o governo revolucionário, ao adotar o sistema comunista, encampou imediatamente templos, escolas, fábricas e bancos num nacionalismo e estatização radicais. Sem condições de assumir o que havia confiscado, acrescido da guerra entre a guerrilha (RENAMO) e o governo (FRELIMO), a situação piorou. Antes de sua morte, em 1986, Samora Machel havia prometido ao papa João Paulo II a

⁵³ Voto de La Salle feito em 21 de novembro de 1691, com outros Irmãos, de levar avante os Irmãos das Escolas Cristãs, nem que tivessem que viver só de pão e água.

⁵⁴ É o trabalho missionário fora do país de origem.

devolução dos bens da igreja confiscados. O presidente substituto, Joaquim Chissano, começou a abrandar o regime e os dois grupos rivais iniciaram as negociações que culminaram no Acordo Geral de Paz, em 04 de outubro de 1992, intermediada pela Comunidade Santo Egídio, em Roma. Apesar de tudo que havia acontecido à igreja, eram membros da igreja católica que intermediavam as negociações de paz e, por isso, uma instância de confiança do governo. Assim, foi recebendo liberdade e os prédios encampados, mas todos em ruínas.

Nesse contexto, os Irmãos Lassalistas foram chamados para trabalhar, em 1991, pois muitos estrangeiros, padres e religiosos tiveram que abandonar o país depois da independência. Passados dezessete anos, os Irmãos e Colaboradores Lassalistas atuam em duas obras: Escola João XXIII e Missão de Mangunde⁵⁵. E trabalhar a história dessa presença, mesmo que só na pesquisa e memória, é desvendar a luta e a coragem dos que deixaram e deixam seu suor e suas lágrimas em solos moçambicanos, mas igualmente entremeados de muitas alegrias e de graças junto daquele povo. Histórias e memórias que muitos outros missionários poderiam partilhar.

Atualmente, a obra lassalista já conta com cinco Irmãos nativos, entre os quais estão os cargos de direção e são uma forte presença e testemunho para os jovens que desejam abraçar o carisma de São João Batista de La Salle, padroeiro universal dos professores. Contudo, analisar como a Missão Lassalista atua frente à diversidade cultural necessita de um outro trabalho de pesquisa e de análise, pois apenas uma das cartas relaciona de maneira específica esta questão: “Busca-se imprimir um espírito lassalista mais festivo, pois a cultura africana aprecia muito a festa, os desfiles, a projecção das pessoas, concursos” (BOHN, 2003d, p.12). Eis porque não pretendo me alongar no assunto.

Precisamente no bairro da Manga, Beira, é que ficava a Missão São Benedito, criada, nos anos 50, pelos padres Brancos. Na Missão existe a igreja, casa dos padres, casa das Irmãs, hospital, escola, campo de futebol, clube e casas residenciais. Em 1980, o local foi ocupado pelo exército da FRELIMO e a igreja foi transformada em armazém e os outros espaços evacuados. Somente dia 16 de fevereiro de 2003, houve a bênção de desagravo do templo, após ter sido reabilitada com a ajuda internacional.

⁵⁵ Atualmente está sendo estudada a abertura de uma nova comunidade em Nampula, na Província do mesmo nome, ao norte de Moçambique.

Atrás da igreja fica a escola João XXIII, na qual trabalhei como vice-diretor e coordenador pedagógico nos anos de 2003, 2004 e 2005. Possuía a Primária e a Secundária completa, tendo cada ano uma matrícula de 2.400, 2.790 e 3.200 alunos, respectivamente. Era mais conhecido como Irmão Pedagógico, pois meu nome, Irmão Plácio, era muito difícil para os nativos. A escola era da arquidiocese da Beira, mas foi reabilitada pelos Irmãos Lassalistas, com ajuda da igreja e de órgãos internacionais.



Figura 17 - Dia da mulher moçambicana na Escola João XXIII – Beira, abr./2004.
Fonte: Acervo pessoal.

Além da aprendizagem dos conteúdos do currículo oficial, a escola é um espaço privilegiado de formação dos valores culturais, cívicos, éticos e humanos. Desde a mais tenra idade, a dimensão educativa perpassa a vida da criança e do adolescente, demonstrada em celebrações como o feriado nacional do Dia da Mulher Moçambicana, dia 07 de abril, data da morte de Josina Machel⁵⁶. Nesse dia,

⁵⁶ Esposa de Samora Machel, proclamador da Independência de Moçambique. Na juventude fugiu de Moçambique para integrar as fileiras da FRELIMO e lutar pela liberdade do seu país. Morreu no dia 7 de abril de 1971, vítima de doença. Após a independência de Moçambique, o dia foi consagrado como o Dia da Mulher Moçambicana, pois ela serve de modelo e inspiração para os movimentos femininos: valorização e emancipação da mulher. Aliás, foi na luta pela independência que pela primeira vez foi defendido o princípio de igualdade entre homens e mulheres, objetivo este garantido

todas as alunas e professoras, trajadas no rigor da cultura, querem ser porta-vozes e sujeitos ativos nas tradições. Em primeiro plano (Figura 17), a aluna mais nova da Escola Lassalista de Beira, ladeada com seu parceiro e suas colegas, mostrando que gente pequena também já sabe se valorizar, mas precisa ter oportunidade de participação para aprender e saborear toda a riqueza da cultura e do patriotismo. Esse é um dia de estrela, um dia em a que mulher consegue ser vitrina, numa sociedade em que o homem se outorga o direito de estar sempre num patamar mais alto, ter os postos de liderança, receber salários maiores, traçar os direitos daquela que é “[...] osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2, 23).

Em 2006, passei a atuar como coordenador adjunto na Missão de Mangunde, que ficava a 300 km de Beira e a 18 km da sede do distrito de Chibabava, sudoeste de Sofala. O nome Mangunde vem do pai de Afonso Dhaklama, líder da RENAMO, o qual é Régulo nessa parte do país, hoje com 82 anos. Foi construída pelos padres franciscanos no período colonial em 1945. Após a independência, em 1975, foi encampada pelo governo e durante a guerra civil (1976-92) foi ocupada ora pelo exército do FRELIMO ora pela guerrilha da RENAMO. Devolvida à igreja após o Acordo Geral de Paz, foi sendo passada aos padres combonianos⁵⁷ que a reabilitaram e a ampliaram, com a ajuda dos Irmãos de La Salle.

A Missão de Mangunde se tornou a "menina dos olhos" da ESMABAMA⁵⁸ e de Chibabava, pois era a instituição educacional mais importante do distrito e que o projetava em todo o país. A Missão comportava uma escola de 1.800 alunos, internato masculino e feminino com 780 internos. Dentro da filosofia cristã e lassalista, buscava-se regatar os valores e a participação, através de atividades comunitárias, como a da Figura 18, na qual é possível ver um grupo de internos trabalhando na re-estruturação paisagística e na organização dos espaços da missão. Tornar alguém autor de sua obra, é devolver-lhe a essência, é reconduzi-lo às suas origens mais puras e nobres. As expressões dos internos como “Mangunde está diferente”, “Estou passeando na minha cidade” (BOHN, 2006b, p.56) expressam bem quando alguém que se sente sujeito atuante nesse processo. A verdadeira sabedoria é aquela que confere diploma de pertença ao grupo. O capim está sendo

pela FRELIMO permitindo às mulheres uma maior visibilidade da sua condição, bem como trazendo significativos ganhos para as mulheres.

⁵⁷ Congregação religiosa italiana, fundada por São Daniel Comboni.

⁵⁸ ONG formada com as iniciais das quatro Missões ao Sul da Província de Sofala: Estaquinha, Machanda, Barada e Mangunde, com sede na cidade de Beira, criada em 1995 e dirigida pelo padre italiano Otorrino Poletto.

amontoadado e não mais queimado. Isto diz tudo! É uma mudança de paradigma!



Figura 18 - Atividades dos internos da Missão de Mangunde - Chibabava, mar./2006.
Fonte: Acervo pessoal.

Funcionava também um Posto de Saúde e um Hospital Dia. Não havia luz elétrica, mas tínhamos gerador por três horas diárias e algumas placas de energia solar. O sinal do telefone celular tornou-se realidade precária na metade de 2006. Todavia, havia sinal de internet e via satélite no Centro de Saúde, a uns 150m da casa, gerado com energia solar. Tinha uma parabólica com a qual era possível assistir o canal de televisão do governo de Moçambique, a TVM – Televisão Nacional de Moçambique.

Aquecidos os tambores através dessa apresentação do contexto moçambicano, passo a trabalhar, no terceiro capítulo, os conceitos de cultura, de hibridismo e de diversidade cultural, identidade e tradições e algumas de suas manifestações na sociedade tradicional moçambicana.

3 DIÁLOGO COM A CULTURA, IDENTIDADE E TRADIÇÕES

Sentando no banquinho



Como um aprendiz, aconchego-me num dos banquinhos vazios da sala de aula, a exemplo das rodas de batuque, junto ao fogo, onde se realizam os grandes encontros do povo com a sua cultura. Inspirado pela tradição dos antigos, neste terceiro capítulo, eu também me sento com Bhabha, Couto, Warnier, Laraia, Gilroy, Kalilombe, Crespi e outros para uma discussão sobre os conceitos de cultura, de hibridismo e diversidade cultural, e suas manifestações na sociedade tradicional moçambicana. Prossigo com a análise da identidade, a partir de “Um indivíduo a caminho de ser pessoa” (COUTO, 2007, p.3), perpassando o papel da mulher e do homem, do jovem e da criança nas sociedades tradicionais moçambicanas. Na última parte do capítulo, trabalho o conceito de tradição e suas manifestações através dos tambores e do colorido das *capulanas*, das festas e da música, concluindo com o cotidiano e a noção de tempo africano.

3.1 Discutindo com a diversidade cultural e o hibridismo moçambicano

A cultura marca os indivíduos e as sociedades. Pertencer a uma coletividade é partilhar com outros membros um número suficiente de ideias ou traços comuns: cultura operária, burguesa; cultura jovem, popular; critérios de gênero e de idade. As culturas humanas criaram modos de viver coletivamente, de organizar sua vida política, de se relacionar com o meio ambiente, de trabalhar, de distribuir e de trocar as riquezas que produzem. Os povos desenvolveram linguagens, manifestações artísticas e religiosas, mitologias, valores morais, vestuários e moradias.

Em se tratando de uma realidade complexa e polissêmica, a cultura é conceituada de vários modos e sustentada por posições divergentes pelos próprios antropólogos. A atual tendência da antropologia é olhar o homem na sua integralidade, mas sem perder de vista a perspectiva da diversidade e das potencialidades de cada povo ou grupo. Por isso, inicialmente preciso definir os termos, pois não pretendo conceber a cultura como uma criação intelectual realizada por grandes personagens desvinculados do seu contexto histórico.

Carvalho anota que a “[...] idéia de civilidade e cultura era construída como o pólo oposto da esfera associada à natureza, ao selvagem, à barbárie, à desrazão, e à ignorância. A civilização estava relacionada a valores ilustrados como cultivo, polimento, aperfeiçoamento, progresso, razão” (2008, p.40). Para Contenson,

civilização é o “[...] produto de um povo cuja identidade étnica se vem manifestando a partir do estudo de suas inscrições, linguagens e tradições” (1983, p.383).

Segundo o Dicionário de Filosofia, antropológicamente a cultura é conceituada como o “[...] conjunto das crenças, dos conhecimentos, dos ritos e dos comportamentos tradicionais de uma dada sociedade” (LEGRAND, 1983, p.104). Linguisticamente, do latim, cultura significa cultivo de vegetais, de animais e, mais tarde, metaforicamente passa também a designar o cultivo das mentes humanas. *Kultur* é um termo germânico que se utilizava para simbolizar todos os aspectos espirituais de uma comunidade, isto é, as coisas e ações da sociedade humana que diferenciam o homem dos animais; e *Civilization* é uma palavra francesa para designar todas as realizações materiais de um povo. Contudo, no contexto desta dissertação, cultura e civilização se confundem.

No inglês, o vocábulo *Culture* foi sintetizado pela primeira vez por Taylor, tomando o seu amplo sentido etnográfico, como “[...] todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (apud LARAIA, 2006, p.25). Seu grande mérito é explicar a unidade da espécie humana através da diversidade cultural. Toda criação do homem é aprendida com os seus semelhantes dentro da cultura. Aliás, a cultura abarca a totalidade da experiência humana acumulada e socialmente transmitida. Comentando Kroeber, Laraia acrescenta:

O homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções. Estas não são, pois, o produto da ação isolada de um gênio, mas o resultado do esforço de toda uma comunidade. (2006, p.45).

O bispo emérito do Lilongwe/Malawi, Kalilombe, acrescenta à conceituação de cultura a forma de adaptar-se à constituição biológica humana e ao ambiente social:

[...] um mecanismo que uma sociedade cria para si própria como um instrumento ou estratégia de sobrevivência. [...] é o resultado de acordos cumulativos dos membros de um grupo que se mantiveram e foram transmitidos ao longo das gerações subseqüentes através da educação ou “enculturação”. [...] subjacente ao comportamento observável, está toda uma rede de ideais, conceitos, valores e formas particulares de compreender a realidade (visão de mundo). (2001, p.47.48, grifos do autor)

Olhando nas cartas, objetos deste trabalho, há inúmeras referências às situações climáticas e sua interferência na vida das pessoas. A começar “[...] a agricultura, com seus métodos ainda primitivos, com facão e enxada, fica reduzida à subsistência” (BOHN, 2003a, p.3). No mais,

Moçambique tem um verdadeiro desafio a factores climáticos desfavoráveis à actividade agrícola, nomeadamente inundações (80 rios atravessam o país em direcção ao mar, vindos do interior do continente), seca e ciclones e animais que devastam as lavouras. São as zonas do Centro e do Norte que assumem a liderança na produção alimentar. Vejam só: o país consome 300 mil toneladas de arroz e só produz 200 mil por falta de investimento e trabalho (IDEM, 2003f, p.16).

Assim sendo, “[...] na maioria dos lugares é preciso começar na base” (BOHN, 2003h, p.19): distribuindo juntas de bois para tração animal, treinando as pessoas para tratar o gado, fazer estrumeiras, compostos de adubo orgânico⁵⁹, detectar doenças, qualificar as sementes. “Sábado passado fui para o interior, na Missão de Estaquinha, e o que vi foram muitas queimadas e muitos focos de incêndio nas poucas matas do centro do país” (IDEM, 2004e, p.34). Outrossim, “quando se fala em terra não adianta falar em hectares, colônias... O povo fala em machambas (roças): ‘tenho 04 machambas de ananás (abacaxis)... 07 machambas de arroz’. A terra é toda do governo e cada um pede ao Régulo o pedaço que utilizará.” (IBIDEM, 2004b, p.27). Nem é preciso dizer, mas é uma outra realidade, bem diferente do Brasil.

Assim, à medida que a criança incorpora as normas e assimila os valores e as experiências de sua sociedade, a endocultura acontece. Essa aprendizagem de uma cultura é um processo permanente que se inicia a partir do nascimento de um indivíduo e que se completa com a morte. À medida que o indivíduo cresce e desenvolve, ele também aprende a envolver-se cada vez mais e agir da forma que lhe foi ensinado. Por isso, onde os indivíduos estão em contato com uma diversidade de culturas e valores, é provável que apresentem também qualidades multiculturais. Esse ajustamento ou não à cultura vai depender da educação, das vivências e das experiências posteriores:

Cada dia entre 500 e 700 pessoas contraem o vírus no país, das quais 70% são raparigas entre 18 a 25 anos. Razão simples: três de cada cinco

⁵⁹ É costume queimar tudo nas lavouras.

mulheres casam antes dos 18 anos, 40% das quais com homens mais velhos, sexualmente experientes. Há uma ONG – Tudo pela Vida – que faz campanhas diárias nos jornais recomendando o adiamento da primeira relação sexual como forma de prevenção do HIV. Motivos: “O adolescente/jovem ainda não tem capacidade para arcar com as consequências de um acto irreflectido (gravidez indesejada, com a inevitável interrupção dos estudos no caso das meninas, DTS ou pior ainda, HIV); e sabendo que é por via sexual que 90% das pessoas se infectam, o melhor mesmo é adiar o máximo possível essa possibilidade. Um ditado diz que ‘quem procura, encontra’”. E melhor mesmo é procurar quando estiver preparado”. [...] Estima-se que 146 (25%) ocorram em crianças de zero a 04 anos, especialmente através do aleitamento materno que atinge 98% das crianças (BOHN, 2003b, p.6, grifos do autor).

Essa realidade da AIDS remete novamente para Kalilombe (2001), que afirma a necessidade de acordos, mudança de comportamentos pessoais e grupais. Ullmann observa que “[...] como o homem é dotado de liberdade e possui sua própria idiossincracia” (1991, p.90) ele procura imprimir uma maneira pessoal de realizar suas potencialidades, mesmo podendo desviar-se dos padrões culturais norteadores de sua vida anterior. Com isso acontece o processo de integração na cultura:

Quer dizer que assimila, incorpora, absorve a maneira de pensar, agir e sentir, própria da cultura em que nasceu. É um lento ajustamento à vida social, regida por costumes legados pela tradição. [...] o ajustamento é fruto da internalização dos princípios que regem determinada sociedade (IDEM, p.86).

Outros autores, como Crespi, também abordam a cultura como um sistema simbólico. Quando trata dos modelos de comportamento, dos valores e dos critérios normativos (1997, p.13-14), fala de um aspecto subjetivo da cultura, mas a memória coletiva, suas tradições, o depósito do saber e suas técnicas, ele atribui a um caráter objetivo da mesma. Ao introduzir o processo de evolução da noção de cultura no campo das ciências sociais, Crespi demonstra o quanto ela é complexa, incipiente e simbólica:

[...] cada indivíduo nasce no seio de um contexto social já formado e de uma cultura específica que lhe é transmitida pelos adultos através da linguagem, dos hábitos alimentares, das expressões de afecto, das regras para a educação, das narrações interpretativas da vida e do mundo, da definição dos papéis e de tantos outros aspectos (1997, p.25.26).

Portanto, para Crespi há sempre uma realidade social externa que quer entender seu funcionamento intrínseco e como as partes se interrelacionam. Destaca que a cultura exerce uma função de integração sobre a sociedade que “[...] considera a sociedade como uma entidade específica, possuidora das suas próprias exigências, as quais se impõem aos indivíduos” (1997, p.81). A realidade social é externa aos indivíduos e exerce uma força coercitiva sobre eles. Essa dimensão coercitiva da sociedade pressupõe o fato social como exterior ao indivíduo. Assim, a cultura responde pela produção e pelo fornecimento dos modelos de comportamento, de papéis sociais, valores e normas. A Figura 19 mostra qual o hábito mais comum de comer entre os moçambicanos. A cena reproduz um grupo de meninas, sentadas em círculo nas esteiras durante o almoço festivo de Páscoa. Comem a tradicional *massa ou shima* com as mãos de um recipiente central comum, fazendo uma espécie de bolinho, que mergulham no *caril*⁶⁰ para torná-la mais saborosa e apetitosa. As meninas estão usando suas roupas domingueiras, cabelos trançados, com muito brilho nos olhos, felizes.



Figura 19 - Almoço festivo da Páscoa - Chibabava, abr./2006.
Fonte: Acervo pessoal.

⁶⁰ É uma espécie de molho, podendo ser com carnes e/ou outros ingredientes: tomates, couve, legumes. Termo que em Moçambique designa qualquer tipo de molho que acompanha o arroz, a farinha, a massa. Diz-se caril de peixe ou caril de carne conforme o ingrediente.

E os meninos? Sentam-se igualmente em círculos. E assim se procede com as senhoras. Aos homens, geralmente são reservadas as cadeiras, as mesas ou os bancos e, muitas vezes, em pratos individuais, assim como para o padre e outras pessoas-autoridades. Para os bantos, o círculo simboliza a unidade e a infinidade.

No dia a dia, a comida geralmente é preparada pelas mulheres e tradicionalmente há uma única refeição servida ao entardecer. Impressiona a facilidade com que se contentam com pouco. Bastava um prato de comida para a alegria reinar. Recordo o momento do jantar da minha despedida na Missão de Mangunde. Padres, Irmãs, eu, pessoal da coordenação e professores na mesa, inclusive com um *refresco* (refrigerante) à disposição, enquanto os internos e as internas sentados no chão pelos corredores, com uma alegria contagiante, só porque naquela noite havia *shima*, feijão e *maheu*. As bebidas fermentadas – *pombe*, *maheu*, *kabanga* - são preparadas com base na farinha de milho, farelo de milho ou farinha de *mapira*⁶¹, água e açúcar, consumidas em larga escala por todos nas comunidades tradicionais em festividades, nas cerimônias fúnebres, nas festas familiares, nas cerimônias rituais, sempre acompanhadas com muito batuque, dança e alegria. Enquanto os ocidentais pensam no futuro, o povo moçambicano tem uma preocupação com o tempo real, o tempo cotidiano, o tempo presente. Apesar de falar de povo moçambicano, tenho presente que estou me referindo aos “[...] grupos populacionais ou étnicos diferentes, com características sócio-culturais próprias e com suas próprias línguas, artes e costumes” (OLIVEIRA, 2002, p.24), além de uma organização social e familiar complexa e diversa refletida nos diferentes sistemas de parentesco.

Lévi-Strauss (1976) considera a cultura como um sistema simbólico e uma criação acumulativa da mente humana. Sahlins (1979) também afirma que a cultura define a vida de acordo com um sistema simbólico definido e não por pressões de ordem material ou pela sua utilidade. Todavia, apesar de a cultura poder ser concebida como um sistema de símbolos e significados, ela compreende outras categorias ou relações, que se manifestam nas mais variadas situações e acontecimentos cotidianos, como no dia de um terremoto:

Ainda estamos um tanto abalados pelos tremores de terra que aconteceram em Moçambique nesta última semana. Passados 19 minutos depois da

⁶¹ Tipo de sorgo que habita em Moçambique.

meia-noite, do dia 23 de fevereiro (4ª f. para 5ª f.) todos fomos acordados e sacudidos pelos violentos tremores de terra ocorridos a menos de 100 km da Missão de Mangunde, na região de Esbungabera, província de Manica, de 7,5 graus na escala Ritchner. Bem, para se ter uma noção, o abalo sísmico foi percebido em mais da metade do país (Beira a 225 km, Maputo capital a 530 km) e no exterior (Harare capital do Zimbabwe a 500 km e até em Durban na África do Sul a mais de 1500 km). O epicentro foi 10 km debaixo da terra (o que é relativamente bem na superfície da litosfera). Os danos materiais e humanos foram pequenos, pois foi numa região essencialmente rural: mesmo assim uma criança morreu e 18 pessoas ficaram feridas. O barulho foi intenso como de máquinas britadeiras, ruídos, ventos, todas as estruturas da casa, camas, portas, armários balançaram e até o alarme do carro disparou. Apenas dois vidros das janelas da casa trincaram, mas um grande susto para todos da Missão. Imaginem 550 internos e 230 internas, funcionários, professores, religiosos/as e visitantes todos correndo para fora das habitações. Seguiram-se vários outros abalos menos intensos durante toda madrugada, gerando sempre muita apreensão. Mas, o pior de tudo era não ter nenhuma notícia ou informação sobre o que estava acontecendo. Terremoto...? Mas África não possui falha de placas tectônicas cruzando o continente? Somente às 5h20min consegui algo na internet e soube que foi em Moçambique, sem precisar o lugar (BOHN, 2006a, p.53-54).

Essa citação um tanto extensa parece estar deslocada, mas ela traz muitos mitos, concepções e relações. Os abalos mexem com qualquer um. Todavia, o valor de certas situações e interpretações simbólicas em Moçambique ganha outra dimensão. Nas minhas cartas, não encontrei considerações, mas recordo que o fato fez os mais velhos recordarem de tremores que teriam acontecido em suas infâncias; outros logo os associaram à não realização de algumas cerimônias tradicionais; outros ainda, a mortes durante a guerra civil sem terem realizado os devidos atos fúnebres. Por não se conhecer as reais causas dos terremotos, o medo sempre envolve dimensões mais drásticas frente ao sistema simbólico que os abalos sísmicos abarcavam.

Diante de tantas conceituações, cultura é o modo de vida e sua simbologia, a natureza adaptada à existência. Isso é referido por Ullmann ao afirmar que “[...] a caça, a agricultura, o casamento, a arte, significam algo mais do que simples funções naturais. São fenômenos interpretados, regulamentados, constantemente, e travestidos de simbolismo” (1999, p.85).

Rabuske traz um outro elemento na análise da cultura como “[...] a transformação que o homem, consciente e livremente, realiza na natureza, visando o aperfeiçoamento desta própria natureza” (2001, p.48). Em outras palavras, cultura é tudo o que o homem cria e recria. É todo o acréscimo da práxis humana ao mundo natural.

Oportuno se torna trazer a afirmação da conferência episcopal Latino-Americana, reunida em Puebla, México, de que a cultura abrange a totalidade da vida de um povo, seu conjunto de valores e contra-valores que criam a “consciência coletiva” (CELAM, 1979, p.265), e também as formas através das quais se exprimem e se configuram: costumes, línguas, instituições e estruturas de convivência social. As culturas são constituídas de práticas, crenças e regras; crenças religiosas, educativas, alimentares, artísticas e lúdicas; regras de organização familiar, parentesco e grupos políticos. “As práticas e crenças ligadas ao corpo, à saúde, à doença têm um lugar importante na cultura. Para transmiti-las, assimila-las, é preciso tempo, muito tempo”, segundo Warnier (2003, p.23.24).

Os povos bantos trazem em sua bagagem milenar tradicional a abertura à vida, à solidariedade, à harmonia e à vivência religiosa. A solidariedade é vivida na comunidade e deve ser sentido na relação com o universo, o que exige vida harmoniosa e comunal. Para Kavaya “[...] a vida se une e solidariza os seres entre si e estes com os seus antepassados, pois todos se encontram, comungam numa idêntica realidade construtiva, embora diversamente docilizada” (2006, p.126). Esse aprendizado provém dos laços de sangue e exige paciência, imersão, mística e união vital. Mas, não é fácil!

A vida em África é sempre cheia de surpresas. E nem sempre são como a gente deseja. Vivemos com situações contrastantes, mas é assim que a vida acontece. São mistérios que não conseguimos explicar. No Hospital Dia (AIDS) tinha uma jovem senhora viúva de 25 anos com 03 crianças entre 04 e 08 anos de idade em seu programa de antiretrovirais. Como veio do Zimbábue (país vizinho) há 04 meses, viúva, soropositiva, sem nada, vivendo no hospital, conseguimos junto ao Régulo Mangunde um pedacinho de terra e com 10 internos da Missão construímos uma palhota durante as duas semanas de férias de abril passado. E estava bem agora. Ontem pela manhã fez a consulta e avaliação do tratamento do HIV/Sida e preparou a refeição para as crianças, as quais não estudam e, em seguida, foi atacada por uma malária cerebral. Às 19 horas o filho mais velho procurou socorro com o professor que coordenou a construção e este avisou a Irmã enfermeira, que foi buscá-la, pois são 02 Km. Foi encontrada inconsciente, vindo a falecer esta madrugada. [...] Sem casa mortuária – tivemos que derrubá-la, pois estava a cair – foi preciso evacuar os pacientes da enfermaria até que conseguíssemos construir um caixão de caniço e abrir a campa (sepultura) com os funcionários da Missão. Pouco após as 11 horas foi feito o sepultamento no cemitério local. Pela tarde foi preciso decidir pelo destino das crianças órfãs, o que aconteceu no final do dia. O Régulo disse que não poderia fazer nada. Ainda bem que um casal de vizinhos também com três filhos pequenos, pobre, aceitou temporariamente acolhê-las com a ajuda da Missão em mantimentos e a criação de uma horta junto ao rio Búzi com alguns internos. Domingo vamos estender o pedido de solidariedade à comunidade cristã. Estas tiveram mais sorte, pois a orfandade é uma realidade que está a nos gritar diariamente. (BOHN, 2006e, p.62-63).

No continente africano, as formas de vida, os sistemas de valores, são compartilhadas pelo grupo social e não pelo indivíduo. Pois, segundo Kroeber e Kluckhohn (apud CEZERILO), a cultura é identificada com “[...] padrões explícitos e implícitos de comportamento e para comportamento, adquiridos e transmitidos por meio de símbolos, e que constituem as realizações características de grupos humanos, inclusive suas materializações em artefatos” (2002, p.5).

Franco Jr., por sua vez, denota a cultura é como “[...] tudo aquilo que o homem cria, consciente ou inconscientemente, para se relacionar com os outros homens (idiomas, instituições, normas), com o meio físico (vestes, moradias, ferramentas), com o mundo extra-humano (orações, rituais, símbolos)” (1986, p.125). E acrescenta que esse “[...] relacionamento tem caráter variado, podendo ser expressão de sentimentos (literatura, arte), de domínio social (ideologias), de controle sobre a natureza (técnicas), de busca de compreensão do universo (filosofia, teologia)” (IDEM). E devido a todos esses fatores internos quanto externos, uma cultura está sempre num constante processo de mudança, de imbricação, de explicação, de reprodução e de alteração.

Pode-se então corroborar que a cultura é mais do que se referir à dimensão do conhecimento de uma sociedade, mas essa sociedade como um todo: suas relações de poder de grupo, de classes e de organização social. Cultura diz respeito a todos os aspectos da vida social, da sua construção histórica. Cultura não é um produto individual, mas um produto coletivo da vida de uma sociedade. Com isso se pode afirmar que lendas ou crenças, festas ou jogos, costumes ou tradições, só tem sentido enquanto parte de uma cultura. Cultura é “[...] a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso”, completa Santos ([1989], p.50). Todavia, não se pode entender cultura como uma dimensão isenta de conflitos ou de interesses/benefícios, mas é também geradora de desigualdades.

Esses diferentes conceitos de cultura ajudam a situar o sujeito moçambicano no processo identitário e no contexto histórico, multicultural e híbrido, político e polissêmico. Tudo isso de antemão contesta aqueles que afirmam que a África não tem história. A verdade é que a história dos povos africanos não aparece entrelaçada com a História Universal ou quase sempre está ausente. No entanto, o povo moçambicano não é uma sociedade de uma cultura única, nem de tradições só a partir de uma concepção, mas compreende toda a abrangência da produção

cultural moçambicana. Por compartilhar com o este povo uma experiência existencial e sobre a qual estou produzindo esta reflexão teórica, menciono as reuniões com os encarregados dos internos:

Entre os dias 04 a 13 de agosto participei de 11 encontros com pais/encarregados dos internos nas comunidades de procedência. Trabalhamos em equipe, junto com o diretor da escola e os responsáveis dos internatos masculino e feminino. É muito bom ir às bases e ouvir o que os encarregados perguntam, falam e questionam sobre o trabalho com estudantes/internos. Muito mito cai. Esta já foi a segunda vez que fomos. É impressionante a receptividade, aceitação e apoio quanto ao método e dinâmica que estamos implantando na Missão de Mangunde. (BOHN, 2006g, p.67).

Importa ainda assinalar que o tema da pluralidade cultural coloca em destaque uma questão bastante intrigante: por que nós, humanos, embora sendo de uma única espécie biológica, desenvolvemos modos de vida tão diferentes e até conflitantes? A autêntica afirmação da pluralidade cultural é inseparável das lutas pela extensão dos direitos humanos a todos e pela construção de relações cidadãs e democráticas. Por tais razões, a luta contra as desigualdades e pela afirmação de um convívio pacífico entre as culturas e os grupos humanos tem se tornado um tema cada vez mais importante na contemporaneidade. Vinculada à Organização das Nações Unidas, a UNESCO aprovou a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, que estabelece no artigo 4º:

A defesa da diversidade cultural é um imperativo ético, inseparável do respeito à dignidade humana. Ela implica o compromisso de respeitar os direitos humanos e as liberdades fundamentais, em particular os direitos das pessoas que pertencem a minorias e os dos povos autóctones. Ninguém pode invocar a diversidade cultural para violar os direitos humanos garantidos pelo direito internacional, nem para limitar seu alcance (2001, p.4).

Esse multiculturalismo implica o reconhecimento da diferença, o direito à diferença, colocando em questão o tipo de tratamento que as identidades tiveram e vêm tendo nas democracias atuais. O dilema moderno das sociedades multiculturais, segundo Gonçalves e Silva, coloca “a busca de uma nova articulação entre a identidade e o político” (2003, p.117). Uma identidade construída a partir de um conjunto de relacionamentos sociais, num processo dinâmico de criação e recriação, a partir das experiências e do contexto social e cultural em que se

encontra. Portanto, um olhar multicultural exige um enorme trabalho de “desconstrução de categorias”, sob pena de continuarmos tratando a pluralidade cultural com “[...] significações que acentuam e atualizam discursos e atitudes preconceituosos e discriminatórios” (GONÇALVES; SILVA, 2003, p.121).

Macedo se identifica com um multiculturalismo crítico, o qual tem como principal tarefa “[...] examinar a construção tanto da diferença quanto da identidade, contrapondo-se a projetos que não consideram a historicidade” (2006, p.234). Insiste que a diversidade cultural é uma realidade antiga e que muitas experiências plurais e ricas se desperdiçaram por causa das correntes que pregam a universalidade da cultura. E Macedo justifica: “Todas as culturas são tidas como incompletas – universalismo negativo -, e a idéia de uma cultura universal é creditada ao fato de uma particularidade ocidental ter sido erigida como universal” (IDEM, p.345).

Sempre foram comuns as tentativas de explicar as diferenças entre as pessoas a partir de contextos geográficos diversos. A abordagem unilinear de Taylor explica a diversidade cultural como “[...] resultado da desigualdade de estágios existentes no processo de evolução” (apud LARAIA, 2006, p.32-33). Estágios esses que são substancialmente uniformes e sucessivamente mutáveis em todo o globo: vida selvagem, vida bárbara e vida civilizada. Em contraposição, temos a abordagem multilinear de Boas que “[...] cada grupo humano desenvolve-se através de caminho próprio” (IDEM, p.114). Já para Benedict (2002), a cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Como usamos lentes diversas uns dos outros, automaticamente enxergamos de maneiras descontraídas. O modo de ver o mundo, as apreciações morais e valorativas, os comportamentos sociais e as posturas corporais são produtos de uma herança cultural, conforme Laraia: “[...] indivíduos de culturas diferentes podem ser facilmente identificados por uma série de características, tais como o modo de agir, caminhar, comer, sem mencionar a evidência das diferenças lingüísticas” (2006, p.68).

A segunda conferência dos bispos Latino-Americanos, ocorrida na cidade de Puebla, México, em 1979, cunhou a expressão “pluralidade de culturas” (CELAM, 1979, p.264), entendida como o estilo de vida comum que caracteriza os diferentes povos. Bhabha destaca o lugar da diferença cultural como objeto de conhecimento e como espaço de dominação nas relações:

Embora o conteúdo de uma “outra” cultura possa ser conhecido de forma impecável, embora ela seja representada de forma etnocêntrica, é seu *local* enquanto fechamento das grandes teorias, a exigência de que, em termos analíticos, ela seja sempre o bom objeto do conhecimento, o dócil corpo da diferença, que reproduz uma relação de dominação e que é a condenação mais séria dos poderes institucionais da teoria crítica. (2007, p.59, grifos do autor).

Ainda falando sobre o conceito de diferença cultural, Bhabha diz que esse se concentra no problema da ambivalência da autoridade cultural: “[...] a tentativa de dominar em nome de uma supremacia cultural que é ela mesma produzida apenas no momento da diferenciação” (IDEM, p.64). Diversidade cultural e diferença cultural não são sinônimas. Em Bhabha, a diferença cultural é o processo de enunciação enquanto a diversidade cultural é um objeto epistemológico:

A diversidade cultural é um objeto epistemológico [...] enquanto a diferença cultural é o processo de *enunciação* da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de identificação cultural. Se a diversidade é uma categoria da ética, estética ou etnologia comparativas, a diferença cultural é um processo de significação através do qual afirmações *da* cultura ou *sobre* a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade (IBIDEM, p.63, grifos do autor).

Ademais, toda cultura é dinâmica e não estática, pois está em constante processo de mudança e construção, desconstrução e reconstrução. Assim como as culturas estão mudando, as culturas africanas igualmente estão numa verdadeira avalanche de transformações, num processo de desconfiguração e de reconfiguração. É um apelo de Bhabha desconstruir a vantagem epistemológica do ocidente: “*O Outro perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional*” (2007, p.59).

Warnier (2003) entra nessa discussão afirmando que a difusão planetária dos produtos da indústria cultural contrasta com a extraordinária diversidade das culturas. Estas estão enraizadas na terra e na história local próprias de cada uma delas, enquanto que aqueles abandonaram as amarras locais. O registro fotográfico (Figura 20) mostra o convívio das tradições e a globalização. Enquanto umas meninas usam roupas típicas da cultura africana como *capulanas*, cabelos trançados, lenços na cabeça e colares, outras portam calças jeans, saias, cintos, camisetas, relógios globalizados. Outras ainda misturam ambas. Os rapazes

aparecem sem compromisso. Aliás, para Warnier, a cultura possui duas vias: “[...] é sempre particular e local, em função do isolamento e da distinção dos grupos. Por outro lado, ela se agrega, em função da disposição em rede das comunidades locais e suas recomposições” (2003, p.35).



Figura 20 - Dia da mulher moçambicana na Escola João XXIII – Beira, abr./2004.
Fonte: Acervo pessoal.

Por isso, durante a colonização foi preciso hibridizar a palavra do Senhor, necessitando encontrar “[...] catequistas nativos, que traziam consigo suas próprias ambivalências e contradições culturais e políticas, muitas vezes sob grande pressão de suas famílias e comunidades” (BHABHA, 2007, p.62). É a hibridez das nossas culturas. O difícil é dizer o que é original e que não é; o que é tradicional e o que é híbrido. Seria fruto da globalização das culturas, a “aldeia global” de que McLuhan (1969)⁶² se refere?

⁶² McLuhan nasceu em 1911, no Canadá. Professor e autor, tornou-se mundialmente famoso em 1964 ao publicar *Understanding Media* – que no Brasil ficou conhecido “Os meios de comunicação como extensões do homem” (1996) –, onde expunha suas teses sobre a tecnologia e o conhecimento. McLuhan acumulou prêmios, defensores e inimigos, mas manteve sempre a linha polêmica até sua morte, em 1980. Um de seus mais famosos conceitos é o de “aldeia global” exposto no livro “O meio é a mensagem” (1969) onde afirma que a nova interdependência eletrônica cria o mundo à imagem de uma aldeia global.

Bhabha chama a atenção dos interstícios, do hibridismo intervalar da história, das banalidades do cotidiano⁶³, dos detalhes da vida: “[...] onde você pode ou não se sentar, como você pode ou não viver, o que você pode ou não aprender, quem você pode ou não amar” (2007, p.37). Banton afirma igualmente que hoje é impossível conceber culturas com fronteiras bem definidas:

As culturas tendem a ser sistemas de significados e costumes com limites pouco definidos. E tampouco estáveis. Ao se adequar a circunstâncias mutantes (como novas tecnologias) os indivíduos assumem novos rumos e os significados compartilhados mudam com eles (apud CASHMORE, 2000, p.154).

Retomando Bhabha, ele diz que a linguagem abre “[...] um espaço de tradução: um lugar de hibridismo” (2007, p.51), e de negociação: “[...] negociação de instâncias contraditórias e antagônicas, que abrem lugares e objetivos híbridos de luta e destroem as polaridades negativas entre o saber e seus objetos e entre a teoria e a razão prático-política” (IDEM). Atuando em Moçambique, era alguém num entre-lugar, que viveu desde no sul do Brasil até na Transamazônica, e que trazia as ambivalências e as contradições culturais, ideológicas, religiosas de um estrangeiro brasileiro, gaúcho e religioso, rotulado por um olhar de fora para dentro. Por isso, a contribuição da negociação é trazer à tona o entre-lugar:

[...] a disposição de descer àquele território estrangeiro [...] pode revelar que o reconhecimento teórico do espaço-cisão da enunciação é capaz de abrir o caminho à conceitualização de uma cultura internacional, baseado não no exotismo do multiculturalismo ou na *diversidade* de culturas, mas na inscrição e articulação do *hibridismo* da cultura. Para este fim deveríamos lembrar que é o “inter” – o fio cortante da tradução e da negociação, o *entre-lugar* – que carrega o fardo do significado da cultura (BHABHA, 2007, p.69, grifos do autor).

Na sua concepção, o problema da interação cultural só surge “[...] nas fronteiras significatórias das culturas, onde significados e valores são (mal) lidos ou signos são apropriados de maneira equivocada” (IDEM, p.63), e consequentemente, a “[...] cultura só emerge como um problema, ou uma problemática, no ponto em que há uma perda de significado na contestação e articulação da vida cotidiana entre classes, gêneros, raças, nações” (IBIDEM). E Bhabha sintetiza:

⁶³ Godimer fala das banalidades encenadas: “a agitação em torno de nascimentos, casamentos, questões de família como seus rituais de sobrevivência associados a comida e vestuário” (apud BHABHA, 2007, p.37).

É apenas quando compreendermos que todas as afirmações e sistemas culturais são construídos nesse espaço contraditório e ambivalente da enunciação que começamos a compreender porque as reivindicações hierárquicas de originalidade ou “pureza” inerentes às culturas são insustentáveis, mesmo antes de recorrermos a instâncias históricas empíricas que demonstram seu hibridismo (2007, p.67).

Por sua vez, Laraia associa a difusão ao grande desenvolvimento atual da humanidade: “Não resta dúvida que grande parte dos padrões culturais de um dado sistema não foram criados por um processo autóctone, [mas] foram copiados de outros sistemas culturais. A esses empréstimos culturais a antropologia denomina difusão” (2006, p.105). Verifica-se, assim, que os saberes e as práticas perpassam as tradições moçambicanas no contexto dessa pluralidade e diversidade cultural, hibridismo e multiculturalismo.

3.2 Identidade: o indivíduo a caminho de ser pessoa

Cultura não pode ser separada da identidade. Apesar de serem termos complexos e polissêmicos, identidade e cultura se complementam. A colocação de Cavalleiro que “[...] a identidade cultural de um povo não se reflete unicamente através da sua história. Mas, decisivamente, a história encarna a maneira de ser, de sentir e de viver de um determinado povo. É ela fonte, alimento e fundamento da identidade, da cultura” (2008, p.6.7) fundamenta a afirmação de que muitas certezas e perplexidades quanto à nossa identidade provêm do mundo em que estamos vivendo e do contexto cultural.

Não é possível abordar a cultura sem situá-la num contexto concreto. Bhabha ajuda quando diz que “[...] encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão” (2007, p.19). Vivemos em situação de fronteira, em zonas de cruzamento, de negociação, de hibridismo, “entre-lugares”, terrenos propícios “[...] a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade” (IDEM, p.20). Bhabha defende esse espaço diferenciado e intermediário:

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo

como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia de viver (BHABHA, 2007, p.27, grifos do autor).

Conforme anteriormente referido, eu vivi esta experiência de fronteira religiosa, cultural, política. Isso remete a uma incerteza no sentido da modernidade ser resultado dos cruzamentos socioculturais em que tradição e modernidade se misturam. Isso permite referendar Warnier para argumentar que todo indivíduo pode assumir identificações múltiplas em função do contexto da língua, da religião, da cultura, ao definir a identidade como “[...] o conjunto dos repertórios de ação, de língua e de cultura que permitem a uma pessoa reconhecer sua vinculação a certo grupo social e identificar-se com ele” (2003, p.16.17).



Figura 21 - Horta escolar dos alunos da Escola João XXIII – Beira, set./2004.
Fonte: Acervo pessoal.

Para entender melhor, traduzo para uma situação real. Além de trabalhar na vice-direção e coordenação pedagógica da Escola João XXIII, semanalmente destinava dois momentos para ajudar o professor de Técnicas Agrícolas. Os alunos da 6ª e 7ª Classes tinham um horário semanal para aprimorar os conhecimentos teóricos dessa disciplina com a prática. A Figura 21 apresenta um grupo de alunas e

alunos na atividade prática da mesma: a horta escolar. Indistintamente, todos estão colocando as mãos na terra para plantar, regar, semear, arrancar os inços, colocar adubação por cobertura, para colher. A horta escolar tornou-se um espaço vital na escola. Lugar de transformação, de aprendizado de novos conceitos e técnicas, um laboratório para derrubar mitos seculares, por exemplo, de que é preciso queimar tudo para semear e/ou plantar.

Nesta perspectiva de confronto dos saberes com essa população estudantil que, em sua maioria, possuía algum conhecimento do meio rural, a horta escolar se tornou lugar de visitação e de comentários, espaço mágico de participação, de autoria e de transformação. Local de surgimento de sujeitos capazes de modificar espaços abandonados em produtivos, de utilizar os lixos da escola e da missão para adubação e a cobertura morta. A participação e o aprendizado dos estudantes, nas atividades da horta escolar, faziam renascer a esperança de dias melhores para Moçambique: mais comida, menos doenças, mais saúde e mais vida. Muitos começaram a ser agentes de transformação em suas residências: não queimando folhas secas e lixos, criando hortas caseiras, comendo mais hortaliças. A horta escolar foi uma das gratas atividades onde presenciei alegria, organização, companheirismo, respeito, cuidado, coragem, prazer, realização de sonhos, espaço onde fossem sujeitos e protagonistas, esperança de dias melhores. Sim, Jota Quest: “Dias melhores!”.

As diferenças e diversidades culturais somadas ao aumento da expectativa de vida, às contínuas mudanças sociais, à mobilidade de numerosas existências, tornam a identidade uma realidade em devir que se transforma ao longo de toda a duração da vida. É responsabilidade de cada um dar forma à sua identidade, porque os grandes conjuntos sociais vivem em processo de reconstrução. Identidade já não é mais transmitida como em outros tempos: identificamo-nos com modelos familiares, profissionais, culturais, religiosos, tirados do nosso universo. Assim, muitas das certezas e perplexidades quanto à identidade provêm do mundo em que vivemos.

Identidade tem relação com a pessoa. Aliás, pessoa é uma palavra particularmente interessante nas línguas da África negra. Em muitas línguas africanas é denominada, usando basicamente a mesma palavra: *muntu*, no singular, e *bantu*, no plural. Um linguista alemão do século XIX, percebendo essas semelhanças em muitas línguas africanas do Sul do Saara, chamou a esses idiomas

de línguas *bantu* e, por extensão, os próprios povos passaram a ser designados de povos bantos. Vejamos como Couto consegue traduzir o significado da palavra pessoa na sua essência:

De qualquer modo, a idéia de pessoa em África tem origem diferente e percorreu caminhos diversos da concepção europeia que hoje se globalizou. Na filosofia africana cada um é porque é os outros. Ou dito de outro modo: eu sou todos os outros. Chega-se a essa identidade colectiva por via da família. [...] Distintamente daquilo que é hoje dominante na Europa, nós olhamos a sociedade moderna como uma teia de relações familiares (2007, p.2-3).

Quando nascemos, encontramos uma sociedade estruturada com normas e valores, hábitos e costumes, práticas organizacionais e sociais, que a maioria das pessoas aceita, mas outras exigem determinados parâmetros. São os laços, os processos e/ou as redes que vão sedimentando a sociedade em que vivem indivíduo e comunidade. Nyerere dizia: “Na nossa sociedade tradicional africana nós éramos indivíduos no seio de uma comunidade. Éramos responsáveis pela comunidade e a comunidade era responsável por cada um de nós” (apud BOHN. 2004e, p.35). Uma outra parte da carta testemunha e complementa: “A comunidade estrutura a personalidade do africano. A sociedade africana está centrada no grupo. A estrutura por clãs é uma das pedras angulares mais resistentes do edifício da cultura africana. A linhagem exerce um controle férreo sobre os indivíduos, limitando a iniciativa e a criatividade individual” (BOHN, 2004e, p.36).

Ou seja, toda pessoa tem uma biografia particular e uma estrutura física e psicológica que a distingue das outras, mas há uma interdependência entre o indivíduo e o meio social ao qual pertence. Em outras palavras, as circunstâncias formam os indivíduos e esses também geram as circunstâncias. Diante da onda da perda dos valores, onde se valoriza mais o indivíduo do que a pessoa, Couto intervém com precisão e sabedoria:

Mas nós vivemos numa sociedade que tem uma característica muito curiosa: aqui se glorifica o indivíduo, mas se nega a pessoa. Parece um contra-senso, mas não é. Afinal, há distância entre estas duas categorias: indivíduo e pessoa. Indivíduo é um ser anónimo, sem rosto e sem contorno existencial. A história de cada um de nós é a de um indivíduo a caminho de ser pessoa. O que nos faz ser pessoa não é o Bilhete de Identidade. O que nos faz pessoas é aquilo que não cabe no BI⁶⁴ (2007, p.3).

⁶⁴ Bilhete de Identidade, isto é, a Carteira de Identidade.

É preciso perceber que o individual e o comum constituem uma relação que vai se construindo conforme os diversos indivíduos reagem às situações que se lhes apresentam no cotidiano. Couto alerta para a perda do que é essencial na vida: a primazia da pessoa sobre o indivíduo. O que dificulta o caminho para as pessoas transitarem de indivíduos para pessoas? O que precisamos para sermos pessoas a tempo inteiro?

O direito é da pessoa ou do indivíduo? A discussão em curso não pretende contrapor o indivíduo à pessoa, a exemplo da crítica tradicional da teologia cristã acadêmica contra o individualismo. Ou da própria Igreja que em momentos valoriza a pessoa humana e, em outros, também ataca o individualismo. Ou dos filósofos das tradições comunitaristas que valoram a pessoa em detrimento dos direitos individuais. Ou mesmo a Declaração da ONU de 1948, síntese e essência dos direitos individuais, coloca os direitos do indivíduo acima dos direitos da comunidade e do Estado. Bem, não convém trazer esse debate aqui, pois, com certeza, seria nada fácil.

Há uma identidade africana de raça na África negra? O que há é uma identidade cultural africana que foi subestimada pelos povos colonizadores. Cada grupo étnico tem suas particularidades e, conseqüentemente, Moçambique também é formado por um mosaico de identidades particulares, mas todas já com alguns traços comuns.

Na concepção de Appiah (1997), a África vive numa fase de transição. Se alguns aspectos forem mantidos e não houver um pensamento racional comum que possibilite a superação das estruturas coloniais e das diferenças étnicas que oriente os povos como um todo e não fragmentados, o estado participativo de uma nação unificada se torna inviável. Lembra o exemplo das organizações e dos organismos não governamentais que passaram a exercer os papéis do estado como administração de creches, das instituições de ensino e de saúde. Vê como positivo o fato de serem auxiliados em sua maioria por *nativos*, tornando-se um aprendizado no exercício de organização, no exercício da cidadania, na gestão participativa e no que diz respeito à mobilização das pessoas.

Para Appiah, é mister que os africanos se compreendam uns aos outros e encarem seus problemas não apenas como problemas africanos, mas como problemas de toda a humanidade. Mostra isso através de vários exemplos de

romances literários africanos que rejeitam essa ideia e o pós-modernismo, mas sublinha as literaturas populares, como a poesia, a música, a dança e outras, atualmente em ascensão na África.

Segundo Appiah, a democracia não deve ser baseada apenas em questão de parlamentos e de eleições, mas no desenvolvimento de mecanismos pelos quais os governantes possam ser ajudados pelos governados. O estado e a tradição são duas faces de uma mesma moeda na África: o estado, por ser uma herança colonial amplamente perpetuado, não conseguiu corresponder às reais necessidades de seus povos; e a tradição, por sua vez, preserva um pouco da autonomia dessas sociedades. Diante disso, mesmo sem negar as tradições e as identidades, vê um perigo eminente que a construção das mesmas pode trazer. Concorde que preservar as tradições é uma questão de respeito, mas deixar que se tornem maiores do que as pessoas que as praticam é isentá-las de sua responsabilidade na busca do bem comum.

É possível afirmar que existe uma identidade moçambicana? A identidade moçambicana é semelhante à discussão da identidade da maioria dos estados africanos, cujas fronteiras foram estabelecidas pelas suas potências colonizadoras. Por isso, os estados africanos são, na verdade, um produto externo à sua dinâmica estrutural interna. Uns afirmam que a identidade moçambicana é resultado de uma experiência comum de opressão e de dominação dos diferentes povos que ocuparam o território. Outros vêem Moçambique como nação, mais como um ideal das elites internas e que pouco ou nada tem a ver com as tradições culturais da maioria dos moçambicanos. Outros ainda, ao contrário, consideram que ela realmente não existe, pois seria uma multiplicidade de identidades com referências à língua, à religião, à etnia, à região e a outras especificidades. Como as características socioculturais e antropológicas do país estão em constante mutação, essa é uma discussão que apenas está iniciando. Compreender esses processos identitários é uma tarefa árdua e nem sempre tranquila, pois Moçambique faz parte de processo complexo e longo, que não é possível fazê-lo somente recorrendo ao momento histórico atual.

Seria, então, a identidade pessoal dos moçambicanos superada por um sentido de identidade conquistada em ação? A Figura 22 oportuniza um *flash* das comemorações por ocasião do aniversário da independência moçambicana. Todos os anos, na Escola João XXIII, durante as cerimônias, havia um concurso de casais

de alunos/as para escolher o casal que melhor se identificasse com o proclamador da independência Samora Machel e sua esposa Josina Machel.



Figura 22 - Comemoração do Dia da Independência Moçambicana - Beira, jun./2003.
Fonte: Acervo pessoal.

A foto registra um desses momentos mágicos de identificação nacional, talvez por ser um país relativamente novo. Uma conquista que custou sangue a muitos ancestrais da atual geração, uma vez que, apesar da baixa expectativa de vida, ainda há muitos contemporâneos de 1975 vivos. Esses momentos de celebração, além de se constituírem significativos para a formação da identidade nacional, eram importantes para a assunção positiva e alteridade, melhor, do “[...] indivíduo a caminho de ser pessoa” (COUTO, 2007, p.3). Já antecipando a ideia do próximo capítulo, a “[...] iniciação à condição de adulto, de homem conscientemente responsável na sociedade, à condição de um ‘reprodutor’ consciente da sociedade, à condição de um morto-vivo, todos eles são ritos que forjam no indivíduo em questão uma identidade nova” (GWEMBE, 2003, p.156, grifo do autor).

Apesar das transformações políticas, sociais e culturais verificadas em Moçambique, no meio rural, muitas estruturas da sociedade tradicional ainda se mantêm. Assim, é possível encontrar-se determinadas manifestações culturais que conservam ainda padrões antigos. Pois, segundo Mabuiangue, “[...] o homem é um

mundo cheio de mistérios, e então o homem africano é mais complicado porque é ele e os "seus vivos e mortos", nunca é um caso isolado". (2001, p.135, grifo do autor). Isso requereu revisões constantes dos meus modos e maneiras ocidentais de entender as pessoas e o mundo, de viver e conviver com povos diferentes.

Abordar a alteridade da cultura é uma questão de transformação e de revitalização da identidade moçambicana, pois parece que a identidade positiva foi sistematicamente minada aos povos negros, impondo-lhes, por gerações, uma identidade de renúncia. Na disciplina de Diálogo das Culturas, inúmeras vezes debatemos calorosamente sobre a desagregação, bem como o diálogo e o perdão necessários para alguém ou um povo estar plenamente integrado e se aceito. Mas, nesta pesquisa, não pretendo analisar os aspectos da cultura negra suspeitos de estigmas de submissão e de fatalismo.

Passo, então, a descrever e analisar algumas categorias identitárias: o homem e a mulher, o jovem e a criança. Isso é fundamental e necessário para a compreensão e às análises epistemológicas de pesquisa, pois muitos saberes e práticas se confundem com a identidade e história das pessoas, dos grupos étnicos e das sociedades tradicionais moçambicanas.

3.2.1 A mulher moçambicana

Início citando Chiziane, que sintetiza inúmeros papéis da mulher na sociedade moçambicana: "Comparo a mulher à terra porque ela é o centro da vida. Da mulher emana a força mágica da criação. Ela é abrigo no período de gestação. É alimento no princípio de todas as coisas. Ela é prazer, calor, conforto de todos os seres humanos na superfície da terra" (1992, p.12).

Em algumas sociedades africanas, as mulheres desempenham papéis importantes na vida econômica e nos ritos. Na região central de Moçambique, após a primeira menstruação, uma moça passa a ser considerada donzela em potencial para procriar e constituir família. A presença do colonizador trouxe graves consequências para a instituição familiar, uma vez que os homens eram vendidos como escravos ou encaminhados para centros capitalistas e as mulheres passam a assumir a ausência da figura paterna:

Esta passou a cuidar dos filhos do marido, a trabalhar na agricultura para aquisição de alimentos para o consumo familiar e para o mercado,

contribuindo para o aumento da poligamia. Assim, as mulheres estimulavam a poligamia com o objectivo de conseguir uma subordinada para as apoiar nos serviços domésticos. Quanto mais mulheres o homem tivesse, menos encargos cada uma tinha (CEZERILLO, 2002, p.11-12).

A mulher marca presença na família, na agricultura, na igreja, na escola, na política, mas não em pé de igualdade com o homem, pois, muitas vezes, a mulher do interior não sabe ler nem escrever, nem sabe a idade e nem a data de nascimento. Tem uma enxada para trabalhar, umas panelas de barro para cozinhar e umas roupas para cobrir os filhos. Trabalha com a criança suspensa nas costas e amarrada com *capulana*. “As mulheres a carregar crianças amarradas nas costas, peso na cabeça e algo nas mãos. [...] Só se vê algum pedacinho de arroz, tudo plantado com a enxada. A machamba (a roça, a capina) é feita pela mulher” (BOHN, 2003a, p.3-4). Cabe à mulher lançar a semente na terra. A terra simboliza a fertilidade e a vida, mas também é o local sagrado que pertenceu aos seus antepassados, onde esses viveram e morreram. As palavras de Oliveira fazem entender melhor o significado da terra:

[...] cada membro da aldeia tem uma ligação muito forte com a terra, não com qualquer terra, mas a dos seus antepassados. É neste espaço que os descendentes irão morar com suas famílias e é nele que continuamente eles irão, através dos rituais, entrar em contato com seus antepassados. Se a terra é fértil, é porque os antepassados estão nela enterrados. São eles que vão garantir a abundância e a fertilidade (2002, p.41).

Cotidianamente, a mulher levanta cedo, antes dos primeiros raios solares, para conseguir água, pouco de alimento e luta para ter leite em seu peito para a criança não chorar, engatinhar e crescer. Geralmente, não possui dinheiro para comprar nada. À tarde, é comum vê-la descansar na sombra de uma mangueira ao lado da casa. Ao anoitecer, pila milho, arroz ou mandioca (Figura 23) e se tiver *caril*, todos vão saciar-se com prazer. Em geral, descansa cedo, antes das vinte horas, pois na maioria das localidades do interior só há luz de vela. Pilar é uma atividade específica da mulher, observando-se nessa atividade uma semelhança com os movimentos correspondentes à relação sexual e reprodução humana, como uma dança de simbologia sexual, razão pelo qual o homem não faz este serviço. É uma ação que requer força para descascar, moer e limpar os grãos, para depois ficarem prontos para servirem de alimento. É como gerar a vida. É como uma gestação: requer

paciência e cuidado. Melhor ainda: pilar é um ato de amor para com o esposo e os filhos. Pilar é a garantia do alimento na mesa.



Figura 23 - Mulheres pilando milho – Beira, abr./2003.
Fonte: Acervo pessoal.

O pilão é um instrumento comum do povo em todas as casas do interior e das periferias das cidades, utilizado para preparar os alimentos: pilar o milho, descascar o arroz, socar a mandioca seca. Manejado pelas mulheres, é de insignificante valor econômico, mas útil e familiar. O manuseio do pilão elas aprendem desde pequenas. Às vezes, são ajudadas pelas crianças, mas com pilões e bastões menores.

Entretanto, como o papel da mulher teve uma forte influência européia, ainda parece ser muito dependente do homem nos círculos sociais. “Para alguns homens, a mulher é um bem que deve ser adquirido para demonstrar o próprio poder e que a sociedade local considera um valor financeiro devido à difundida prática de dotes” (BOHN, 2004b, p.26). Oliveira complementa: “A mulher constitui assim um grande valor social e econômico, pois ela realiza a maior parte dos trabalhos agrícolas e todos os trabalhos domésticos, além de ter que gerar numerosos filhos, sendo rejeitada pelo marido no caso de ser estéril” (2002, p.18). No entanto, a esterilidade não invalida o casamento, mas o lugar dela é ocupado por uma irmã mais nova ou

por uma parenta dela, cujo arranjo fica conhecido por *sororato*, ficando, assim, com duas mulheres pelo pagamento de apenas uma.

Uma situação vivenciada várias vezes, em Moçambique, foi a de mulheres que chegavam ao meu gabinete de trabalho escolar, com banho tomado, roupas especiais, felizes, mas cheias de marcas no corpo: “Irmão, veja, agora eu tenho certeza. O meu marido pode ter outras mulheres, mas é a mim que gosta. Ontem ele provou que me ama de verdade”. Acontece que nos ritos de iniciação feminina, a mulher é educada para ser dócil ao marido, lavar a sua roupa, varrer a casa, aquecer-lhe a água para o banho, preparar-lhe as refeições, fazer a *machamba*, pillar, estar sempre esperando o marido. Por isso, a mulher crê que, se o marido não a bate, ele deixou de amá-la, assim como acreditam que a esposa não *lobolada*⁶⁵ não tem valor.

Sob os olhos ocidentais, Moçambique está longe de superar os desequilíbrios de gênero no desenvolvimento do sistema de ensino, apesar de ser o décimo país do mundo com mais mulheres na política⁶⁶. Aliás, haveria uma necessidade posterior de refletir esta forte representação política feminina com a prática do lobolo para compreender essa contradição. E depois, verificar que distinções de gênero há nos complexos ritos mortuários e como a mulher participa ou não do mundo dos antepassados.

A mulher continua estigmatizada com o papel de reprodutora e, junto com suas filhas, ser o esteio econômico da família. A questão do gênero está entrelaçada em todos os aspectos da vida das comunidades tradicionais, mas nem sempre é possível compreender as estruturas que a sustentam, pois são muito complexas e contraditórias.

Sem enterrar o grão de arroz não haverá o alimento na mesa do moçambicano. Benditas as mulheres da machamba (roça), a carregar feixes de mudas de arroz na cabeça para plantar e uma/duas crianças pequenas nas costas, de bengala numa mão e enxadão na outra, de rostos sofridos e enrugados, queimadas pelo sol, descalças, sem ter matabichado (tomado

⁶⁵ Forma de compensação antes de contrair as núpcias. Lovolo ou “Lobolo, do vocabulário bantu, tem uma miríade de significados. Como palavra inspira calor e luz. Como acto inspira a dignidade, unidade, aliança e prestígio. Lobolo, como palavra e com acto, foi sempre mal entendido e, por isso, combatido. Mas encerra dentro de si a renda e a vida. O perfume e a riqueza. É perfeito e completo. Traz mais graça que desgraça. Enquanto houver acções dignas de louvar, o lobolo persistirá” (CHIZIANE, 2000: 90). Em outras palavras, “é a compensação dada pelo noivo à família da noiva” (LOPES, [2001], p.9).

⁶⁶ Na composição atual da Assembleia da República 40% são mulheres.

café), mas felizes... que toda manhã cruzam por mim no pátio da escola, a saudar: “bom dia, Irmão!” (BOHN, 2003b, p.9).



Figura 24 - Mulheres do Chingussura indo ao Trabalho – Beira, fev./2003.
Fonte: Acervo pessoal.

Era uma cena comum pela manhã, ao ir até a escola, ver mulheres indo ao trabalho (Figura 24). Em geral, descalças e com um filho nas costas, outro na barriga e outros caminhando ao lado, com mudas de arroz e ou algo na cabeça (bacia, caixa, botijão de água). “O seu modo de caminhar e de estar com estes filhos denota certo orgulho, pela sua capacidade de gerar e a sua fertilidade. Tal orgulho aumenta ainda mais se a maioria dos filhos forem homens”, segundo lembra Oliveira (2002, p.31). Aliás, muitas famílias moçambicanas dependem ainda, quase que exclusivamente, da agricultura praticada pelas mulheres. A agricultura é uma atividade assumida pela mulher desde os mais tenros anos e que a acompanha até o fim de sua vida.

Contudo, a mulher é detentora de uma relativa independência econômica, podendo ascender a um determinado status social e político e, por outro, estar submetida aos seus parentes masculinos e a determinados ritos de passagem para ser completamente aceita na sociedade. Nas atuais tendências sócio-econômicas e

políticas de Moçambique, as atividades da mulher não se restringem somente às lidas de dona de casa, mas a uma presença maior na vida artística, profissional, política e especialmente no ensino superior:

No campo da educação, a pobreza, a indigência, os hábitos culturais são responsáveis pelos desequilíbrios entre a presença de raparigas e rapazes nas escolas. Moçambique ainda está longe de superar os desequilíbrios de gênero no desenvolvimento do sistema educacional. Somente nos atuais cursos de formação de professores é que 55% são do sexo feminino. Noutros níveis, as raparigas representam apenas 39,6% (ensino primário), 40% (secundário), 36,7% (pré-universitária), 42,2% (Magistério Primário), 29,8% (Técnico Básico), 23,2% (Técnico Médio) e 12,4% (Artes e Ofícios). A área de intervenção da mulher se restringe mais na manutenção da vida doméstica ou familiar, enquanto os homens estão mais nos postos de decisão de relevo sobre a vida do país. Todavia, Moçambique garante aos organismos internacionais que até 2015 a metade da população estudantil seja de raparigas (BOHN, 2003e, p.11).

Convém anotar que a mulher está assumindo papéis múltiplos que antes eram exercidos exclusivamente pelos homens. Vejamos alguns dados que colocam a mulher moçambicana em destaque nos cargos públicos:

Dos 42 integrantes do Ministério (25 ministros e 17 vice-ministros), apenas 10 são mulheres, além da 1ª Ministra e 02 Governadoras, mas tem 40% de mulheres na Assembleia da República. O país que tem mais presença feminina no mundo é africano: Ruanda tem 39 mulheres dos 80 deputados, ultrapassando a Noruega com 45%. Moçambique está em 10º lugar (IDEM, 2005e, p.53).

E assim mesmo, em geral, as mulheres moçambicanas têm pouco reconhecimento legal de sua cidadania, além de serem exploradas pela religião e exigidas em rituais. Chiziane ajuda:

Quando uma grande desgraça recai na comunidade sob a forma de seca, epidemias, guerra, as mulheres são severamente punidas e consideradas as maiores infractoras dos princípios religiosos da tribo pelas seguintes razões: são os ventres delas que geram feiticeiros, as prostitutas, os assassinos e os violadores de normas. Porque é o sangue podre das suas menstruações, dos seus abortos, dos seus nado-mortos que infertiliza a terra, polui os rios, afasta as nuvens e causa epidemias, atrai inimigos e todas as catástrofes (1992, p.12).

Mas, o “[...] dia das mães não é comemorado em Moçambique” (BOHN, 2003d, p.13) nem há presentes e abraços para elas. Em compensação, 7 de abril é o Dia da Mulher Moçambicana com direito a feriado nacional. A data é revestida de uma

atenção especial. É dia de desfiles, concursos e homenagens nas escolas (Figura 25). “A maioria com capulana e lenço na cabeça, outras usando pinturas tradicionais no rosto, deram um colorido todo especial ao dia marcado com hasteamento e arreamento da bandeira, desfiles, mensagens, danças, teatros, homenagens” (BOHN, 2003b, p.8).



Figura 25 - Concurso do dia da mulher moçambicana – Beira, abr./2003.
Fonte: Acervo pessoal.

Dia de esquecer as dificuldades pelas quais as raparigas e gênero feminino passam, e ser o centro de todas as atenções. Dia de recordar os feitos e as lutas da grande mártir da independência local: Josina Machel. Tudo muito bonito, lindo, belo, festivo, alegre, com muita música africana típica. Todavia, fica uma interrogação: por que celebrar um feriado especial para a mulher em pleno terceiro milênio frente a sua situação? Vejamos:

A mulher daqui é dona de casa e trabalha a machamba (roça). Celebra-se o dia nacional da mulher, em pleno século 21, no meio de uma mistura de catástrofe: guerra, pobreza e SIDA. E a mulher continua atirada para o segundo plano numa luta selvagem pela sobrevivência, embora várias vozes teimem em propalar a igualdade entre o homem e a mulher. Vai ser ainda mais difícil que a sociedade, em particular o homem, consiga reconhecer essa igualdade se a mulher for a primeira a aceitar a sua “inferioridade” no lar, nas escolas, no trabalho, nas ruas, nas igrejas, etc,

muitas vezes alegando 'foi assim nas sociedades tradicionais' (BOHN, 2003b, p.6, grifo do autor).

A mulher moçambicana procura se enfeitar também da melhor maneira possível e como ouvi muitas vezes: “[...] somos muito vaidosas”. “Falando em roupas, o povo daqui usa comprido, em especial, as capulanas pelas mulheres” (IDEM, 2003a, p.5). O traje feminino se compõe de *capulana*, penteados em forma de tranças, pulseiras variadas, brincos e lenço. A *capulana* forma um conjunto com o lenço e a forma de amarrá-los e o estilo são variados e tradicionais. No norte de Moçambique, vi mulheres e homens usando tatuagens no rosto e com furos no nariz e nas orelhas, além de pinturas típicas. No mais, a mulher sofre discriminações:

[...] os chambocos⁶⁷ aplicados em raparigas e moços que usam roupas curtas aqui na cidade da Beira. O governo é incapaz de tomar medidas, o povo faz justiça com as próprias mãos. Interessante quando o assunto foi ao ar na Rádio Moçambique em nível nacional, o Ministro do Interior foi bombardeado para que tome medidas que coíbam os abusos e excessos, como forma de diminuir a promiscuidade e doenças epidêmicas como a SIDA e outras DTS (IBIDEM, 2005b, p.48).

Em outra oportunidade afirmei que “A discriminação da mulher e a equiparação a um objeto são outros abusos que as mulheres sofrem” (BOHN, 2004b, p.26). Isso porque ao comemorar o Dia Internacional de Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina, em 06 de fevereiro, escrevi que o Comitê Inter-Africano sobre Práticas Tradicionais (IAC) quer acabar com a mutilação feminina até 2010, apesar de ser considerado um ato da tradição que ainda vigora em 28 países africanos, além do Iêmen e da Indonésia:

A mutilação genital feminina é a mais espalhada e mortal de todas as violências vitimando mulheres e raparigas em África e que afeta cerca de dois milhões de raparigas por ano. Segundo a tradição, a excisão consiste em assegurar que a mulher seja fiel ao marido, uma vez que o prazer sexual praticamente é eliminado. “*Os mais de cem milhões de mulheres que foram submetidas à mutilação genital são a prova viva de que o mundo falhou na obrigação de protegê-las*”, disse a diretora da UNICEF [Carol Bellamy]. É mais freqüente no Nordeste da África: Somália e Etiópia são mais de 90% das mulheres entre 15 e 49 anos, feita na maioria de vezes, sem anestesia ou instrumentos esterilizados. [...] O problema é que muitas destas mulheres não chegam sequer a casar porque sangram até morrer ou apanham infecções que as matam em semanas. Outras ficam estéreis ou com problemas urinários para o resto da vida. E segundo um estudo, uma de cada dez mulheres vai abortar em consequência da excisão do clitóris. Na

⁶⁷ Eram as chicotadas aplicadas em alguém publicamente como forma de punição.

África se prevê em 130 milhões as mulheres que já foram excisadas: 02 milhões de raparigas por ano. Muitas vozes se levantaram a favor do Comitê (BOHN, 2004b, p.26, grifo do autor).

Em vários países africanos, as mulheres estão se organizando em defesa da sua dignidade. “A mais significativa está em Angola, onde a mulher que fica viúva precisa pagar dotes à família do marido e ter relações sexuais com os irmãos do falecido. Então, a associação protege a viúva para que não vire uma ‘prostituta” (IDEM, grifo do autor). A parte final da Carta das Mulheres, escrita por ocasião da comemoração dos dez anos do Acordo de Paz de Moçambique, em 04 de outubro de 2002, também mostra claramente a participação da mulher moçambicana até nas questões internacionais:

APELAMOS portanto aos países fabricantes de armas: parem de produzir instrumentos de morte! Fabriquem enxadas, bombas de água, tractores para podermos produzir mais e sustentar nossos filhos que morrem de fome, cólera, sida, meningite, sub-nutrição... Com o desenvolvimento e o progresso teremos uma vida tranqüila e eliminaremos a extrema pobreza que tanto afecta o nosso continente (FEMMISMOZ, 2002, p.14).

Assim, quando Moçambique decide fazer uma opção preferencial pela inclusão das meninas na escola, parece estar no caminho correto, pois boa parte das mudanças, das melhorias na educação, na saúde e outros, passam necessariamente pela educação da mulher. A mulher é portadora de muitos saberes e práticas, transmitidos no cotidiano da vida. Especialmente nas sociedades matrilineares, “A educação das raparigas é mais ritualizada e rigorosa nos grupos de características matrilineares do que nos grupos de feição patrilinear. O papel social que é esperado da mulher, dos grupos matrilineares, dá-lhe mais estabilidade social” (ZUCULA, 1992, p.203).

Falando nas relações de gênero em Moçambique, em geral, caracterizam-se pela posição subordinada das mulheres aos homens, mesmo que existam papéis claramente definidos e sejam elas, mulheres, as detentoras da tradição e conservadoras da cultura. Muitas vezes, a autonomia e a emancipação das mulheres são vistas como algo que ameaça o âmago da estrutura tradicional. Mas, essa questão de gênero, pela sua significação e urgência, merece uma outra produção textual, dissertação ou tese.

3.2.2 O homem moçambicano

Ao homem cabe cuidar da segurança. Em nome da tradição, ainda é visível ver homens não carregando peso, enquanto a mulher e as crianças carregam todos os utensílios (Figura 26). Enquanto dirigiam-se para a reunião dos pais e *encarregados da educação* dos internos, as mulheres vinham com baldes de 20 litros de água na cabeça, descalças, enquanto os homens estavam livres ou com cabritos para vender aos representantes da Missão de Mangunde.



Figura 26 - Homens de Toronga – Chibabava, ago./2006.

Fonte: Acervo pessoal.

No entanto, construir a casa, derrubar a mata, preparar a *machamba* para plantar, como arranjar um pilão para a mulher, eram tarefas dos homens, além de manter limpo ao redor da casa, varrer os pátios, verificar se ninguém entrou em seu pátio, procurar o peixe para o *cari*⁶⁸, fazer os negócios, comprar uma *capulana* para a mulher por ano⁶⁹, entre outros. Ao homem também compete a caça e a pesca, a construção de celeiros, a criação de animais, a fabricação de ferramentas e esteiras

⁶⁸ Mistura ou uma espécie de molho que se mergulha o chima (massa, polenta) nas refeições.

⁶⁹ O não cumprimento deste trato devido as más colheitas, doenças, adversidades atmosféricas, pode ser motivo para a mulher abandoná-lo e procurar outro homem.

e os “[...] contactos sociais e familiares necessários para garantir a ajuda dos outros, sobretudo nos períodos de carência alimentar” (OLIVEIRA, 2002, p.30).

Na cultura tradicional, a poligamia é aceita e permitida aos homens em condições de sustentar mais de uma mulher, entretanto os cristãos católicos são orientados a ter apenas uma mulher. Em situações extremas, por ocasião da morte do homem, havia casos em que os familiares dele retiravam todos os pertences, às vezes, deixando a mulher somente com a criança de peito, sem nada.

Quanto ao vestuário, o traje típico do homem africano é composto de calça e camisa-túnica feita com tecido de *capulana* ou de tecidos produzidos por eles próprios. Em dias de festa e/ou em certas cerimônias oficiais, ele usa uma espécie de túnica comprida até os pés, conhecida por *kabaia*, como traje típico africano. Entretanto, em nossos dias, o homem africano já se apresenta vestido à semelhança do euro-americano. “A forma de vestir dos homens: camisa e calça social sapatos [e gravata]” (BOHN, 2003d, p.13). No dia-a-dia, o homem geralmente anda descalço ou de sandálias de couro. À semelhança da mulher, gosta de usar óleos e perfumes variados no corpo.

3.2.3 A criança moçambicana

A criança é uma das categorias que dá alegria e colorido à vida africana. Como as sociedades tradicionais *Sena* e *Ndau* estão estritamente ligadas ao sagrado consideram a criança que nasce o elo entre os vivos e os mortos, expressão da vontade dos Antepassados na continuação da vida da linhagem e do clã. Aliás, a criança tem um valor imensurável nas sociedades dos bantos. Os filhos representam a riqueza econômica à família⁷⁰, garantem o estatuto social de homem e da mulher adultos, expressão de fertilidade e a diminuição do risco de ficar sem ninguém para cuidá-los na velhice.

As crianças estão em toda a parte: gritam, pulam, deitam no chão, fazem piruetas, brincam de paus, sobem em árvores, familiarizam-se facilmente. Com instrumentos dos mais corriqueiros, fabricam seus brinquedos. É a maioria da população. Elas fazem lembrar a minha infância no interior de Cerro Largo/RS, onde passei os primeiros anos de minha vida, estudei, trabalhei e atualmente me acolhe

⁷⁰ Isto representa mais mão-de-obra e produção, mais terra e mais alimentos.

na missão de animação vocacional lassalista. É no “[...] convívio com as crianças [que] se aprende, se sente a vida e a saudade, o calor humano”. (PAULETTI; DALCIM, 2008, p.45). Todavia, a realidade infantil cala no coração de qualquer homem ou mulher de boa vontade. Quantos a pedir “um dinheiro”; “estar com fome”; “padre, cinco contos”... (BOHN, 2003a, p.3). E a ladainha por pão, *caril* e manga, por atenção, é interminável. “Corta o coração!” (IDEM).



Figura 27 - Grupo de crianças órfãos da AIDS – Chingussura, Beira, ago./2004.
Fonte: Acervo pessoal.

Mas, com certeza, a situação mais gritante era a das crianças órfãs de pais com HIV/SIDA. Uma das formas de ajudá-las era tirar fotos em pequenos grupos e anexá-las em projetos sociais encaminhados para entidades governamentais e ONGs (Figura 27). A visibilidade era um apelo mais contundente para os projetos serem atendidos com mais urgência. As crianças órfãs sujas e descalças e com as roupas surradas, mais que um banho manifestavam desejo alguém que as cuide e onde pudessem brincar e estudar. Esses rostinhos tiveram a sorte de encontrarem uma senhora voluntária, a qual doava um turno do seu tempo, ao trabalho comunitário. Seus olhares parecem vislumbrar algo. Brilham por dias melhores! Tirar uma foto era o primeiro passo de longo caminho real.

Muitas vezes, esses olhos me iluminaram para continuar acreditando na urgência da presença missionária em terras moçambicanas, da presença lassalista e da minha presença no meio deles. Aqui deixo falar uma anciã de 70 anos, que, apesar da sua idade, nunca lhe passou pela cabeça que um dia iria assistir ao desaparecimento de jovens e da dura realidade quando se trata de mortes prematuras, vítimas de doenças, gerando o problema social da orfandade:

Perdi alguns netos por causa incerta, dizem que foram vítimas do gui pungane (vírus). Nunca antes houve tanta morte entre os jovens. Sei que se propaga a mensagem de que as pessoas têm que usar o sivikelo (preservativo). Mas, acho que não deviam confiar no sivikelo, porque podem se contaminar, mesmo usando-o. Deviam ter mais confiança na fidelidade... Aos 70 anos não tenho mais condições de cuidar de crianças sem pais, mas a desventura bateu-me na porta numa altura em que ninguém dos que poderiam contribuir para o sustento delas, como o avô, a mãe e o pai, está vivo. Foram vítimas do gui pungane (BOHN, 2003, p.77-78).

Apesar de, muitas vezes, as crianças serem concebidas e retratadas como exemplos de comportamentos irracionais e como pessoas que precisam ser dominadas, nunca como seres independentes, são seres aos quais são devidos todos os cuidados e todas as honras. Nas cartas, relato um Dia da Criança na Escola João XXIII, em Beira:

Hoje todas as atenções, celebrações, encontros e festejos estão voltados para o Dia Internacional da Criança, celebrado hoje, 1º de junho. Na Escola João XXIII, toda a semana foi dedicada à Criança. Hasteamento da bandeira, Hino Nacional, poesias, danças, teatros, jogos, brincadeiras, enfeite das salas de aula, entrega de brindes e um lanche com sumo (suco artificial), e pouco conteúdo. A grande celebração foi dia 30. Aqui realmente a criança espera por esta data, em especial pelo espaço que ainda está a procurar e por causa da pobreza extrema. Pelo menos, neste dia espera ter um lanche farto. Até o Presidente do País está hoje em Beira para tomar o matabicho (café da manhã) com 320 crianças pobres de escolas públicas. Domingo, na missa, os cantos, leituras, danças, ofertas... Tudo foi animado pelas crianças, até com direito à maestra pequena, e foi bem (IDEM, 2003d, p.12).

A Figura 28 faz sentir e escutar seus gritos de alegria, saborear seus lanches, participar de seus jogos e diversões, desfiles. A imagem mostra a dimensão que a data representa para um país essencialmente “criança” pela idade dos cidadãos e pela sua independência política. Vemos o *status* do professor, sentado na cadeira e as crianças todas em esteiras ou na grama, organizadas em grupinhos, felizes,

saboreando seus lanches e *sumos*⁷¹; poucas podem trazer um refresco⁷². Nesse dia, muitas vêm com seus irmãozinhos menores. “Tem-se ouvido muito discurso em defesa da criança, logo que, depois da mulher, ela é a maior vítima dentro da família: todos querem bater nela (pais, avós, tios, irmãos mais velhos)” (BOHN, 2003d, p.12).



Figura 28 - Festa do Dia da Criança na Escola João XXIII - Beira, maio/2004.
Fonte: Acervo pessoal.

É preciso festejar, mas também gritar por seus sonhos. “Sem dúvida, aqui ela está a precisar de vozes que se levantem em sua defesa. E viva as nossas crianças da África! Viva 1º de junho, dia da Criança!!!” (BOHN, 2003d, p.12). Só assim poderá alimentar esperança. “Em Moçambique [a malária] mata 18% das crianças com menos de um ano. Aliás, Moçambique possui uma das maiores taxas de mortalidade infantil do planeta: 125 por mil nascimentos antes de completar 05 anos” (IDEM, 2006b, p.57). Por isso, tornam-se imprescindíveis ações sociais e políticas para que ela possa crescer protegida e salvaguardada em seus direitos de estudar, de ter uma família - quando há tanta orfandade da AIDS - e de participar, de crescer sadia e de ter vida longa:

⁷¹ É o mesmo que sucos.

⁷² É o mesmo que refrigerante.

Esteve a acontecer em Maputo o 2º Parlamento Infantil (o 1º foi em 2001) o qual reuniu na Assembléia da República mais de cem crianças de todas as Províncias do País. As reivindicações de sempre, mas como experiência foi muito válida: sentar-se na mesma mesa dos deputados e falar na tribuna, apresentar problemas e soluções... Tudo apoiado pela Assessora da Criança Africana, Graça Machel, atual esposa de Mandela e representantes da UNICEF. Uma escola de cidadania. O evento teve grande cobertura na imprensa falada, escrita e televisiva do país (IDEM, 2004d, p.31-32).

Segundo Kiura, nas tradições africanas “[...] as crianças eram ensinadas a chamar os seus pais por certos títulos. Consideravam-se más maneiras chamar os pais pelos nomes” (2005, p.18). Só as pessoas velhas entre si podiam chamar-se pelo nome. Lembro que um professor, ao terminar a licenciatura plena, passa a receber o título de doutor, escrito em minúsculo antes do nome. E um dia ele veio com o seu filhinho de cinco anos à escola. Perguntando ao menino quem era seu pai, ele respondeu na ponta da língua: “Sou o filho do doutor ...!”.

3.2.4 A juventude moçambicana

Quanto aos jovens, são em grande número em Moçambique. Muitos se unem cedo para gerarem filhos. Outros gostariam de estudar, e, no interior, as escolas não conseguem atender a todos. Muitos não vislumbram perspectivas. Outros tentam padrinhos estrangeiros para estudar no Brasil, nos Estados Unidos ou na Europa. Nas sociedades tradicionais de Sofala, os jovens ajudavam na *machamba*, o que não os proibia de terem também pequenas plantações, além do cuidado de animais, fabrico de espantalhos para afugentar os pássaros e macacos das plantações. Os internatos também acolhem a muitos. Eis a palavra do maior historiador da África, de Burkina Faso, José Ki-Zerbo, em 2005, quando as atenções estavam voltadas à XX Jornada Mundial da Juventude, em Colônia, na Alemanha:

A juventude africana encontra-se perante um passado mudo, um presente cego e um futuro surdo. A juventude africana vive separada da sua própria história, desestruturada na sua tradição oral, desconhecendo a sua identidade, quebrada durante 500 anos. Por isso o seu passado é mudo. Um presente cego se se olha para a situação de em que tem de viver: constantes guerras internas ou nas fronteiras, pobreza extrema em forma de fome ou de insuficientes condições educativas ou sanitárias, a instabilidade política e a corrupção, etc. E um futuro surdo. Não se ouve o barulho dos tambores de África em nenhum dos centros de poder da globalização. África não tem relevância na pugna pelo poder económico, político ou tecnológico (apud BOHN, 2005d, p.51-52).



Figura 29 - Apresentação do Grupo “STOP SIDA Mangunde” – Machanga, set./2006.
Fonte: Acervo pessoal.

Na Missão de Mangunde, os jovens sempre estiveram como grandes parceiros na reestruturação paisagística do internato, escola, hospital e adjacências. Foram os construtores dos passeios de pedra, do plantio de árvores e da limpeza, os que possibilitaram a catequese aos internados/as e a conscientização da população frente à epidemia do HIV/SIDA (Figura 29). A imagem mostra a encenação para os internos da Missão de Machanga, ao sul de Sofala. Na verdade, os jovens tornavam-se muito próximos, confidentes, à medida que se lhes oportunizasse a voz, o espaço e a vez. Sempre participativos, serviçais, atenciosos, respeitosos e prontos para qualquer missão:

Nestes dois meses fizemos uma verdadeira revolução ambiental em Mangunde. Capinamos a estrada toda (1,3 km), podamos boa parte das árvores, fizemos grandes mutirões de limpeza em toda área da escola, internatos e missão, nivelamos os caminhos, plantamos centenas de árvores frutíferas (mangueiras, jambeiros, abacateiros, cajueiros, caramboleiras...tudo em covas profundas e enchidas com lixo orgânico), mais de 150 mamoeiros, mais de 120 “coração de boi”, calçamos com pedra e areia vários caminhos no setor da administração e internatos e ajardinamos, criamos o complexo esportivo com campo de futebol sete, voleibol e basquetebol, claro tudo no chão batido, iniciamos o plantio de capim, levamos todo capim tirado para cobertura morta no tomate, no couve, na cebola... “Mangunde está virando cidade...” Isto mesmo, é bonito ver e sentir que a auto-estima de todos está a aumentar. Percebe-se mais

alegria e empenho e participação em certas tarefas (BOHN, 2006b, p.56, grifo do autor).

Isso para citar o valor da juventude. Bastava confiar, estar com eles e acompanhá-los com bons exemplos, carinho e diálogo. Sem esquecer, gostavam de dançar ao som dos tambores e andar pelos mercados populares e pelas ruas, poderem sentar com a gente e conversar longamente, sem compromisso.

Desenvolvidas a identidade individual e coletiva dos sujeitos, homens e mulheres, jovens e crianças, com suas diferenças culturais, religiosas, econômicas e políticas existentes, passo a trabalhar algumas das manifestações culturais.

3.3. Manifestações culturais moçambicanas

Ao abordar a cultura tradicional é preciso ter o cuidado para não confundi-la com as tradições no sentido de folclore, mesmo que esteja associada à religião, à filosofia, à ética, à arte, porque “[...] o que caracteriza a cultura moderna é o seu caráter de abstração, o seu distanciamento em relação a toda perspectiva particular, a sua indiferença à existência concreta do homem” (RABUSKE, 2001, p.62). Folclore vem do inglês folk-lore: “Conjunto das tradições, conhecimentos ou crenças populares expressas em provérbios, contos ou canções. Conjunto das canções populares de uma época ou região. Estudo e conhecimento das tradições de um povo, expressas em lendas, crenças, canções e costumes” (FERREIRA, 1999, p.793). A cultura são os elementos mais permanentes e que não sofrem mudanças constantes, enquanto que as tradições são os elementos do populário do povo, mas não necessariamente tão enraizados no coletivo.

Na apresentação do livro “Identidade negada e o rosto desfigurado do povo africano (os tsongas)”, Langa, bispo de Inhambane, faz uma sábia colocação:

Falar do passado moçambicano não se pode sem falar da Tradição cultural, que é eminentemente africana; o que exige uma certa atitude mental que aceita e respeita essa Tradição. É também falar da colonização, da urbanização, industrialização (por incipiente que seja) e é falar da revolução, das Guerras que dilaceraram nosso povo e doutros acontecimentos que marcaram o nosso país (apud OLIVEIRA, 2002, p.10).

No cristianismo, aprende-se que não é o pertencer a uma tradição, a um povo, a uma religião ou a uma família que salva, mas a fé. Para Legrand (1983) a fé é a

atitude religiosa do crente, sincera, que faz passar do assentimento ao compromisso. Por outro lado, o predomínio da mentalidade científico-tecnológica leva os adolescentes e jovens a um desinteresse pela história. Para as ciências modernas, a expressão “a história é a mestra da vida” parece ter passado do limite de validade. Warnier afirma que nenhuma cultura pode ser transmitida a não ser dentro de um espaço social: “Não há cultura-tradição que não seja ligada a uma dada sociedade, histórica e geograficamente situada” (2003, p.13). E Rabuske entende que o importante é desenvolver uma dialética presente-passado: “A partir do presente interpreto o passado e a partir do conhecimento do passado interpreto o presente” (2001, p.173).

3.3.1 A tradição

Esta dissertação se inclina àqueles que associam a noção de cultura à tradição como transmissão à outra geração. Legrand concebe a tradição associada à oralidade: “[...] conjunto das idéias, crenças, instituições e costumes de qualquer colectividade que não provêm (pelo menos primordialmente) de uma codificação escrita” (1983, p.373). A cultura-tradição não é uma reprodução idêntica de um conjunto de hábitos imutáveis, mas exerce uma função de orientação. Warnier complementa: “As línguas e as culturas mudam, pois estão imersas nas turbulências da história. Para assegurar sua função de orientação, elas devem integrar a mudança” (2003, p.23).

Para Carvalho (2008), a tradição nos remete ao passado, na medida em que antecede o que veio a constituir-se, mas, simultaneamente, volta-se para o presente, pois continua a ser acionada nos sistemas vigentes. Aliás, há um ditado popular que expressa de que “o que há de mais vivo no presente é o passado”. Warnier tem pensamento idêntico ao recorrer à definição de tradição de Pouillon: como “[...] o que persiste de um passado no presente em que ela é transmitida. Presente em que ela continua agindo e sendo aceita pelos que a recebem e que, por sua vez, continuarão a transmiti-la ao longo das gerações” (2003, p.12).

Max Scheler precisou bem a importância da tradição, originada pela memória associativa, a imitação e a aprendizagem, capaz de criar novas realidades e tornar possível certo progresso: “Os conteúdos tradicionais sempre nos são dados como presentes, sem chegar a ser objetivos numa determinada distância de tempo. Na

tradição, o passado nos sugere mais do que sabemos dele” (apud AZCONA, 1993, p.57, grifo do autor).

Não se pode falar do continente africano sem tratar das tradições, como não pode ser feito fora de um contexto histórico e cultural. Por sua vez, o conceito de tradição não funciona como um pólo oposto à modernidade, pois é “[...] compreensivelmente invocada para sublinhar as continuidades históricas, conversações subculturais, fertilizações cruzadas intertextuais e interculturais” (GILROY, 2001, p.353). Para Candau (2002), a interculturalidade não é apenas uma troca de diferentes saberes, mas também uma relação entre diferentes culturas, ou seja, entre universos de sentidos opostos, e por isso distinta de multiculturalidade. Aliás, o contexto africano-moçambicano não pode ser homogeneizado diante de tantas nações, etnias, povos e grupos linguísticos.

Direcionando para o objeto em pesquisa, Gilroy assegura que a tradição “[...] opera como um meio de asseverar o parentesco estreito das formas e práticas culturais geradas a partir da diversidade incontida da experiência negra” (2001, p.352). No aprofundamento da relação entre tradição e modernidade, a anterioridade da civilização africana à modernidade precisa ser assegurada: “Nossa anterioridade é apenas significativa porque ela reafirma para nós que se outrora organizamos civilizações complexas por todo o continente africano, podemos tomar essas tradições e gerar idéias mais avançadas”, assegura Asante (apud GILROY, 2001, p.356).

Em outras palavras, Gilroy diz que a tradição mostra a continuidade de muitos fenômenos contemporâneos com “[...] um passado africano que os moldou, mas que eles não mais reconhecem e a eles apenas ligeiramente se parecem” (2001, p.358). Insiste que a tradição “[...] não se encontra em oposição à modernidade” (IDEM, p.371). Isso exige uma redefinição de entendimento da tradição e modernidade, para entendermos a coexistência e o conflito entre passado e presente, vivos e mortos, tradicional e moderno, categorias muito presentes nas tradições moçambicanas. Conforme a Figura 30, usar *capulanas*, carregar as crianças amarradas com *capulanas*, trazer volumes na cabeça ou andar descalço em pleno século XXI não criam conflito com a globalização e o mundo virtual. Conforme Karenga (apud GILROY, 2001), para revitalizar hoje a cultura africana é preciso resgatar e reconstruir a história e a cultura africanas, reorientar seus valores, pegar emprestado do seu passado os valores coletivos afirmativos da vida e utilizá-los para enriquecer

o presente. A cultura tradicional africana aparece na revitalização dos ritos e dos rituais, na assunção de nomes e uso de roupas típicas, na preservação da ordem familiar, e que faz que, para Gilroy, as ideias de “[...] masculinidade, feminilidade e sexualidade sejam tão proeminentes nesta jornada redentora de volta à África” (2001, p.362).



Figura 30 - Mulheres a caminho – Mangunde, jan./2009.

Fonte: Cedida por Vanderlei Kraemer.

Outra questão é atribuir à ciência moderna e ao ocidente o monopólio universal de distinção entre o verdadeiro e o falso no dizer de Meneses:

[...] a insistência na tradição como forma de contrapor a racionalidade moderna a outros saberes e experiências, considerados tradicionais porque anteriores à modernidade, limita a possibilidade crítica e analítica da estrutura conceptual sobre a qual assentam as concepções ideológicas da modernidade (2008, p.9).

Meneses assegura haver a “[...] necessidade de repensar todos os passados e perspectivas futuras à luz de outras perspectivas, que não as do Norte global” (2008, p.6). Aliás, o próprio título de sua obra “Epistemologias do Sul”, já explica que é a partir da periferia e não somente do poder central que é preciso dar voz às minorias, aos que foram silenciados historicamente.

O conhecimento e o cultivo das tradições criam unidade como também dão identidade a um povo. Por exemplo, o muro intimidava. “O costume é não ter muros. Isso faz com que muitos não plantem muitas coisas – hortaliças, por exemplo – pois roubam. Todavia, só é roubo se a pessoa for pega. Fora disso, apenas apanhou, portanto não é um roubo explícito” (BOHN, 2004e, p.34). Na introdução do livro “A Invenção das Tradições”, Hobsbawm fala de que, muitas vezes, as tradições que parecem ou são consideradas antigas na verdade são bastante recentes, quando não são inventadas:

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez (2002, p. 9, grifos do autor).

Para entender melhor as tradições culturais vivas em Moçambique, é preciso buscar alguns elementos históricos da ocupação da África Oriental, apesar de não existirem pesquisas arqueológicas em Moçambique. Phillipsen, falando dessas dificuldades por causa da inexistência de trabalhos arqueológicos, afirma categoricamente: “A região de Moçambique, em particular, constitui uma grande lacuna nos mapas de distribuição, permanecendo, assim, inteiramente desconhecidos os eventos da área situada entre o oceano Índico e o lago Malavi” (1983, p.706).

Os povos bantos originaram-se da região fronteiriça entre a Nigéria e Camarões. Segundo Posnansky, “À medida que as comunidades bantu se adaptavam a seus ambientes específicos, deixaram de ter relações tão freqüentes com os grupos mais longínquos, e as suas respectivas línguas e culturas começaram a divergir” (1983, p.561).

Moçambique figura como zona de trabalho do ferro anterior ao ano 400, entre os rios Zambeze e Limpopo. A vinda dos bantos para a África Oriental, empurrando os bosquímanos⁷³ mais para o sul do continente africano, teria desenvolvido

⁷³ Eram povos que viviam em plena Idade da Pedra, de pequena estatura e com mãos e pés extremamente pequenos. Sua língua produzia sons originais: os “clics”. Eram caçadores errantes em pequenos grupos, procurando a caça e o mel silvestre. Deixaram muitas gravuras e pinturas rupestres espalhadas em toda a África Meridional (GIORDANI, 2007). Descendentes de povos caçadores e coletores que habitavam toda a África Austral e que desapareceram há cerca de 2.000 anos, com a chegada dos grupos bantos, os quais parecem ter assimilado algumas das suas

rapidamente a região nos três primeiros séculos da era cristã a metalurgia de ferro e dando origem ao grande número de línguas da família bantu⁷⁴. Os objetos vindos do ferro geralmente tinham finalidades domésticas: facas, pontas de flechas e ferros de lançar. Ao ferro, por ordem de importância, sucederam o cobre e o ouro, os quais se concentraram, respectivamente, no vale do Limpopo e Zimbábue.

Não se pode perder de vista que, segundo Sheriff, desde o século VII “[...]” já existem referências a importação de escravos da África oriental (*Zanj*) e de outros lugares, para servirem de soldados, domésticos e trabalhadores agrícolas nas terras pantanosas do sul do Iraque” (1983, p.579). Posnanski traz um outro acréscimo afirmando que a demografia e a economia da África Subsaariana já estavam definidas desde os finais do primeiro milênio.

Da mesma forma, a tecnologia rudimentar, fundada em grande medida na utilização da pedra e da madeira, cede lugar a uma forma muito mais complexa, com base no emprego de diversos metais, paralelamente ao da pedra. É durante esse período que se lançaram os alicerces das sociedades africanas que hoje conhecemos. As fronteiras entre os diferentes grupos lingüísticos serão depois ligeiramente modificadas, enquanto a população conhecerá um crescimento considerável e os agrupamentos sociais e políticos se tornarão mais complexas, com o surgimento dos Estados (1983a, p.733).

Todavia, assim mesmo, segundo Phillipsen, é possível afirmar que a cultura introduzida nessa região por esses povos da Idade do Ferro Antiga foi “[...]” responsável pelo estabelecimento de muitas das principais tendências históricas e culturais de épocas mais recentes” (1983, p.706). Além disso, há uma hibridização interna da África permanente que se expressa na instituição de todos os grandes reinos e outra com povos exteriores ao continente. Os bantos são povos africanos e que povoaram toda a África Meridional. Bem depois, pelo século VII, vieram os

características linguísticas e físicas. É mais provável que a redução do seu território de caça, derivado da instalação dos agricultores bantos, tivesse sido uma causa para a redução do seu número e da sua área de vida. Há cerca de 200 anos atrás estes povos ainda povoavam grandes extensões da Namíbia e Botswana, mas foram praticamente exterminados, uma vez que não aceitavam trabalhar nas condições que os huguenotes franceses e holandeses exigiam. Estes colonos chamaram-lhes *hotentotes* (gagos) ou *bushmen*, (homens da floresta), termo que foi adaptado para a língua portuguesa como *bosquímanos*. Ambos os nomes têm uma conotação pejorativa, mas que na sua língua significa estrangeiro. Atualmente, são conhecidos como *khoisan*. Fisicamente são em média mais baixos e esguios que os restantes povos africanos, coloração de pele amarelada e prega nos olhos como povos orientais, característica patente em Nelson Mandela. Uma outra característica física dos *khoisan* é o grande desenvolvimento posterior das nádegas das mulheres.

⁷⁴Lembrando as pesquisas de Bleck, em 1862, Posnanski chama também de “bantu” as mais de duas mil línguas faladas na África Oriental, Meridional e Central, e que apresentavam “certos elementos de vocabulário e um quadro estrutural comuns” (1983, p.551).

povos árabes. Os impactos da colonização portuguesa provêm do século XVI. Assim sendo, Moçambique é uma “geração ferida”, uma verdadeira babilônia de povos diferentes.

Os ritos, os símbolos, a organização social, a religião, os costumes e as manifestações de poder não são algo específico dos povos moçambicanos. A indumentária parece ter recebida uma herança dos povos árabes. Pela evolução histórica, herdaram um conhecimento ancestral e, por isso, têm muitas semelhanças e especificidades com os povos bantos e outros africanos. Nos relatos se percebe que há muitas similaridades com os povos da África Negra, uma vez que a região possui uma diversidade linguística e cultural considerável, ligada à história de povos que foram separados pelas fronteiras colonialistas, das quais as lideranças africanas não conseguiram mais se desembaraçar no momento da independência. Por isso, muitas características são comuns à complexidade cultural da África Subsaariana e particularmente da África Meridional, onde muitas etnias se encontram espalhadas entre Moçambique, Zimbábue e África do Sul.

3.3.2 A magia dos tambores

Prosseguindo a acalorada discussão a respeito das tradições, percebo que é impossível descrever a magia da África sem falar dos tambores. Recordo que, em Beira e em Mangunde, muitas noites, por causa do tamborilar dos tambores tocados nas ocasiões de festa ou no ritual em alguma cerimônia perto da residência, não conseguia adormecer. Os batuques são quase o oposto de uma canção de ninar, pois os seus ritmos *nervosos* não deixam as pessoas dormirem. Contudo, gostava de ouvi-los pela noite afora, trazidos pelo vento até que o sono me vencia. Batuques fúnebres, outros alegres. Batuques para harmonizar o espírito daqueles que “perderam a vida”. Batuques de festa, comemoração ou saudação de autoridades e delegações visitantes. Batuques para pedir chuva ou para agradecer.

Nessas horas, as tradições, as fogueiras e os ritos se misturavam. Num círculo bem aberto, os dançarinos e as dançarinas cantavam e dançavam em volta de grandes fogueiras, enquanto os tocadores imprimiam um ritmo frenético aos seus tambores, periodicamente aquecidos ao fogo para retesarem ainda mais as peles, para que seus sons sejam mais vibrantes. E sob o toque eletrizante e ensurdecido, cadenciado e repetitivo dos tambores, a retumbante dança dessas mulheres negras.

Avançam para o centro, fazendo movimentos impressionantes, flexões em compassos harmônicos, tilintando argolas de metal nos tornozelos finos, miçangas delicadas sobre o colo e coquetes na cabeça, provocadoras, gritando monossílabos picantes e inteligíveis. Entre os dentes brancos, exibiam uma folha de capim e, numa agitação quente e sensual, são presenciadas por rapazes sorridentes, simpáticos e felizes. Os bailarinos que pareciam nunca se fadigarem, gritavam e dançavam sem hesitação nem desfalecimento.

Tudo era feito com o máximo da sensualidade. As máscaras de traços fortes e as pinturas ficavam mais expressivas pelo clarão das fogueiras. As ancas gíngadas, as silhuetas suadas, os peitos balançando com a cadência e os ritmos. Tudo eram sinais de excitação e de desejo, e no alvoroço dos olhares dos que se encontravam na roda do batuque, granjeavam gritos e assobios, sorrisos e aplausos. E os tambores não paravam. Tudo era movimento, espetáculo, alegria pura e contagiante. O povo cantava, sorria e deixava escorrer o suor pelo corpo de tanto pular. As estrelas pareciam cintilar juntas. Os gritos alegres e festivos e as expressões de satisfação contagiavam. E isso às vezes pode durar vários dias.

Habitualmente existe o batuque das crianças e o batuque dos adultos, que se realizam em momentos e dias diferentes. São quase sempre à noite, pois as noites africanas são banhadas por um luar, que cria um clima que as torna mais inesquecíveis.

A dança é composta de diversos gêneros, significados, formas e contextos. É um excelente meio de comunicação religiosa, curativa, ritual e de intervenção social e, principalmente, uma vertente recreativa. A dança revela-se como um fator determinante de integração e preservação da identidade e do sentimento comunitário. A presença da dança no cotidiano moçambicano é justificada pelo contexto cultural que, desde cedo, incentiva ao ritmo. Inicia pelo estreito contato da criança com os movimentos da mãe ao ser transportada nas costas da mesma. Essa ligação é fortalecida através da participação dos jovens nas diferentes celebrações sociais e religiosas. Parece confirmar o que afirma o salmista: “Louvem o seu nome com danças; cantem-lhe ao som de harpas e tambores!” (Sl 149, 3).

Citando Dittmer, Ullmann diz que “[...] a dança provoca histeria ou êxtase, que faz os primitivos entrar em contato com os súperos” (1991, p.185), pois assume caráter religioso. Através do êxtase, entra em contato com seu Supremo, as divindades e o espírito dos ancestrais. A dança geralmente apresenta característica

de ser individual. Montagu confirma que “[...] nos primitivos é mui pouco corrente que os corpos dos bailarinos de distinto sexo permaneçam muito tempo em contato” (IDEM).

3.3.3 O vestuário

Uma roda de batuque geralmente começa com poucos dançarinos, vai crescendo e, em breve, reúne toda uma multidão. Pela própria tradição, as meninas só participam no batuque de *capulana*. A *capulana* é um pano geralmente colorido que as mulheres usam amarrado em volta da cintura, carregado de muito simbolismo e que passa muitas mensagens sobre o país através da própria textura do material e também dos desenhos. As *capulanas* também podem passar uma mensagem de mulher livre para ser conquistada, dependendo da maneira que ela for amarrada. Aliás, cada região tem uma maneira específica de amarrar esse acessório. Elas servem também para amarrar o bebê nas costas da mulher e facilitar seu transporte. Hoje, como a calça já é uma peça do vestuário feminino, amarra-se simplesmente a *capulana* por cima e o figurino está pronto para a festa.



Figura 31 - Visita do Presidente Chissano ao Chingussura – Beira, out./2003.
Fonte: Acervo pessoal.

Na tradição gaúcha, há um ditado que diz que “a tradição é o espírito de um povo”. A Figura 31 reproduz um momento sublime desse dito popular na tradição moçambicana. Enquanto o povo aguarda a chegada do presidente da República no campo do Chingussura/Beira, as pessoas iam formando rodas ou abrindo espaços para dançar. O tambor, os apitos e as palmas cadenciam os passos. Geralmente, as mulheres, rapazes e crianças envolvem-se na dança. Os homens tocam os tambores. O colorido desses momentos está na indumentária das mulheres com as suas *capulanas* multicores. Os rapazes estão com suas calças feitas de *capulanas*. O revezamento dos participantes na dança, a mescla de estilos, os gritos, os assobios e as palmas, a alegria estampada nos rostos, os olhares dos espectadores, tudo faz parte deste entre-lugar de tradição e da modernidade. A presença da autoridade para instantaneamente tudo. Após recomeça, chegando a durar horas! Isso é a vida africana! Sabe apreciar a alegria, o convívio e a festa e viver a vida!

O colorido das roupas nas danças, nas festas, nas cerimônias, nas visitas das autoridades literalmente contagia os participantes como a qualquer visitante e/ou turista estrangeiro. Aliás, é fácil distinguir a indumentária africana em qualquer contexto, porque os trajes africanos têm cores vivas e porque são encontrados facilmente em qualquer mercado internacional.

Falando em indumentária, na tradição moçambicana as roupas deviam ser discretas. A pessoa devia andar asseada, ser modesta e decente no vestir. Kiura menciona como uma regra tradicional:

“Deve-se evitar roupa apertada que exponha os contornos da nossa figura, assim como saias muito curtas, ornamentos baixos para o pescoço ou qualquer tipo de roupa que exponha a nudez da pessoa. Roupa indecente distrai as outras pessoas e faz-lhes desconfortáveis” (2005, p.31).

Em algumas regiões dos *Sena*, a roupa é um mero instrumento para acobertar o corpo. A nudez da criança não é considerada uma agressão, todavia, quando atinge a puberdade, é ensinada que a roupa é um artigo importante para a valorização do corpo, especialmente para a menina ser respeitada pelos homens e pela sociedade. É extremamente proibido mostrar o umbigo, pois é a vida da mulher. A mulher que se preza usa saia ou vestido abaixo do joelho, blusa não decotada ou *capulana*. O uso da *capulana* simboliza respeito. Por sua vez, as mulheres que já amamentaram ou têm filhos deixar os seios à mostra é perfeitamente aceito. O traje

da mulher africana compõe-se de roupas feitas de *capulana*, bordados e um lenço; e o do homem, de um turbante, calça e um chapéu, tudo feito de *capulana*.

Ainda hoje, quando alguém sabe que vai se encontrar com uma autoridade ou quando vai desempenhar uma função importante, lava-se bem e se veste da melhor forma que pode. As tradições milenares continuam presentes nos tempos modernos dos moçambicanos. Como a grande maioria da população de Moçambique, em especial de Sofala, está umbilicalmente ligada à agricultura, parece que cultura africana ainda terá longos anos. Mas, seria a atividade agrícola e/ou vida rural é um escudo consistente contra as agressões culturais externas? Não tenho cátedra nem pesquisas para afirmar se os camponeses são resistentes às inovações culturais porque não podem correr o risco de perder uma safra, trocando uma colheita certa pela duvidosa, ou se são muito receptivos às culturas que vêm de fora.

Os momentos festivos são sempre esperados com grande expectativa e preparados: feriados nacionais, cerimônias de batismo e crisma, casamentos e saraus. Os feriados são oportunidades especiais de encontros festivos para comer, beber e dançar. Sobretudo para um encontro entre toda família, um dia para quebrar o ritmo da vida cotidiana, da rotina do dia a dia.

Um fenômeno dos nossos tempos é o retorno ao exótico, ao simples, ao natural. Nesse sentido, a promoção da vida dos africanos e dos moçambicanos é uma realidade incontestável quanto à maneira de ser, de vestir, de alimentar-se: “Quem não gosta de mathapa, de mandioca, de massaroca cozida em água ou assada na brasa, de matsawa, de mbowa, da capulana, de lenço na cabeça e de cabelo trançado?” (LANGA, 1991, p.12). Sabemos que os usos e costumes de povo podem desaparecer, mas dificilmente os seus valores. Diante do encontro da cultura tradicional com a globalizada, nascerá uma outra cultura moçambicana? Essa é uma discussão complexa, que não condiz com o propósito deste trabalho e que necessita de uma outra pesquisa.

3.3.4 A noção do tempo africano

Para trabalhar o cotidiano e a noção de tempo tradicional, trago à luz dois ditados africanos: “a lua anda devagar, mas atravessa o mundo” e “foi na água mais calma que o homem se afogou”. Esses dois ditos populares introduzem a questão da construção do tempo africano, o qual possui outro ritmo, diferente do tempo

ocidental. Aliás, cada cultura ou grupo humano tem uma noção de tempo e organiza-o em conformidade com seus hábitos, seus costumes, suas tradições. Glezer define o tempo como:

[...] cíclico ou linear, presentificado ou projetado para o futuro, estático ou dinâmico, lento ou acelerado, forma de apreensão do real e do relacionamento do indivíduo com o conjunto de seus semelhantes, ponto de partida para a compreensão da relação homem – natureza e homem – sociedade, na perspectiva ocidental. (2002, p. 23).

Por sua vez, Hassard (apud LOPES, 2004) classifica o tempo em três planos: ontológico: relação com o sentido de existência; epistemológico: relação com a construção do conhecimento; e metodológico: relação com o método. Em se tratando de um país africano, o tempo tem a dimensão circular, enquanto que o tempo ocidental é linear. E ao definir o tempo linear, ele o denomina como tempo da era industrial:

As culturas industriais são dominadas por um tempo linear e reificado onde é suposto que o tempo é homogêneo, objetivo, mensurável, o passado não se pode repetir, o tempo pode usar-se numa infinidade de atividades, o tempo é tido como um bem limitado cujo valor aumenta a medida que se torna escasso (apud LOPES, 2004, p.119).

Esse é o tempo do mundo ocidental, da indústria e dos serviços: um tempo regido por regras e por leis infundáveis, mas sujeitas à transgressão. Em contraposição, há o tempo cíclico ou social definido por Hassard como:

O tempo social é um tempo qualitativo e não apenas quantitativo [...]. Seu aspecto qualitativo é determinado pelas crenças e costumes da coletividade [...]. Ele traduz os ritmos, as pulsações da coletividade, as cadências da vida social. [...] O tempo é uma categoria social, produto da consciência coletiva. Para Durkheim o tempo é um produto da vida social ele é objeto de representações coletivas. Ele se divide numa infinidade de processos que correspondem a diferentes atividades que se reúnem em seguida para formar um ritmo cultural global (IDEM, p.179).

Esse tempo circular está “[...] sintonizado na lógica de sobrevivência milenar nas sociedades domésticas moçambicanas” (LOPES, 2004, p.122), as quais o integraram nos seus valores do imaginário. Para não despender energia da coletividade e maximizá-lo, segue a lógica de uma diversidade de recursos, segundo Lopes: “[...] alianças linhageiras, de generosidade, nas trocas de mulheres,

distribuição de familiares por distintos setores formal e informal da economia” (IDEM), bem como, traz para os espaços de trabalho (tempo linear) formas de recriação dos tempos sociais: “[...] repertórios e ritos estabelecem significados aos episódios vividos e ajudam a dessincronizar o horizonte da jornada de trabalho” (IBIDEM). Por isso, facilmente se observam manifestações em vista de conseguir espaços de autonomia e manipulação do tempo de trabalho.

Faço-me explicar melhor. A experiência vivida, na Missão de Mangunde, junto aos internos, também mostrava essa indiferença para com o tempo econômico: criação de longas horas de descanso, de conversação e de jogar conversa fora, de ensaios de canto e de dramatizações, de comunicação informal. Aliás, esta última é um dos meios mais eficazes de passagem da informação no cotidiano rural, reforçada pela predominância da tradição oral entre os grupos. Todavia, os horários de refeições eram religiosamente observados e cumpridos com o máximo de rigor e de pontualidade. Outros passavam longas horas de conversa com seus professores e responsáveis para granjear a confiança e os benefícios em vista de ganharem um tratamento diferenciado ou ganharem mais poder, bem como, liberdade e autonomia.

Lopes assinala outro aspecto das culturas de tradição oral:

[...] o homem volta as costas ao tempo, trata de esquecer sua ação corrosiva, reprime todos os comportamentos desviantes, cuida de viver em estrita obediência às leis, procura observar todos os ritos que assegurem a repetição do ciclo – do dia, da noite, das estações, do ano –, tudo faz para expulsar o novo e apagar o imprevisto e o inesperado ([2001], p.8).

Tudo isso para confirmar que o ritmo da vida africana é diferente do nosso ritmo ocidental, representado na Figura 32, onde, para um grupo de pescadores de Barrada/Sofala, importa apenas conviver. Isso é comum: pessoas conversando demoradamente, nem impedidos pela fome, enquanto tocam violão, cantam, fumam algum cigarro, assam peixinhos. Os cachorros famintos, as redes de pesca amarrotadas, o fogo apagado. Nada a ver ou com que se estressar. Respeitam a outro ritmo de vida que dá mais importância ao tempo gasto na convivência do que gasto na aquisição de bens materiais. Para povos que viveram quase 26 anos de guerra, as prioridades da vida mudaram. Outro fator desse estilo e ritmo de vida, com certeza, é o fato da expectativa de vida ser abaixo dos 40 anos.



Figura 32 - Aldeia de pescadores em Barrada – Búzi, set./2006.
Fonte: Acervo pessoal.

Para Unger, o “[...] diálogo pressupõe a relação entre um Eu e um Tu; não pode acontecer entre um sujeito e um objeto” (2001, p.100). No diálogo acontece o exercício da criatividade e do compromisso, o exercício do respeito ao ritmo e ao tempo, o exercício da renúncia à nossa verdade, o exercício do reconhecimento mútuo, da hospitalidade, do acolhimento do que já existe do coração dessa cultura.

A partir da noção de tempo, é possível entender a hospitalidade africana. É costume tradicional convidar as visitas quando se está comendo, todavia visitar frequentemente alguém sem avisar não é boa educação, muito menos fazer-se acompanhar de amigos sem informar antes. Em viagem, cada um deve levar o seu material necessário. Por exemplo, não é aconselhável pedir toalha, sabonete, nem dominar conversações, dizer anedotas inapropriadas, rir alto por causa de coisas triviais, fazer as pessoas esperarem por atrasos, rir dos defeitos ou cacoetes de alguém, e outros. Todos devem se esforçar para aprender e para praticar os bons valores, ensinados pelos pais, pela religião e pela sociedade. Para Kiura, “[...] uma pessoa sem valores não pode manter boas maneiras” (2005, p.15). Olhando superficialmente, pode-nos parecer que a sociedade africana seja muito comportamental. Entretanto, as pequenas regras e normas são fundamentais para um grupo social criar laços, unidade e sobreviver. Os padres Pauletti e Dalcin,

missionários brasileiros no Norte de Moçambique, descrevem em “Partilhas de África” a felicidade de uma mãe que, com sua filha, diariamente buscava água a quilômetros para oferecê-la, sem ônus, aos transeuntes: “Ver a satisfação da mulher e da sua filha em poder servir a tantas pessoas que passam por aquele lugar é uma realização que ninguém pode substituir” (2008, p.101).

Numa outra passagem contam que, certa vez, três jovens pediram carona para irem a uma comunidade distante 20 km. Perguntados sobre o paradeiro, ao descenderem, responderam “[...] que era a primeira vez que andaram de carro, estavam contentes e voltariam a pé [...] a carona foi somente uma desculpa” (IDEM, p.105). Parece que o tempo não importa, nem a caminhada, o desgaste e o suor. Vale viver o momento, o tempo presente.

O meio de transporte mais comum é a bicicleta. Longas caminhadas a pé são substituídas por longos trajetos de bicicleta. Para muitos, a bicicleta é uma grande novidade e o sonho de consumo para grande parte da população. Na região de Mangunde, os professores alfabetizadores receberam da ONG austríaca uma bicicleta cada. Que orgulho! Que status! Que alegria, vendo-os pedalando para irem a reuniões, a encontros!

Nas comunidades tradicionais, o tempo da natureza tem a primazia sobre o tempo do relógio. As atividades regulam-se pelos períodos de queimadas e de preparação da *machamba*, plantio e colheita, pela duração do dia e da noite, pelos períodos de chuva e de estiagem, pelas celebrações e rituais, pelos funerais e festas. O tempo em si é educativo, pois os mais novos gradativamente recebem a aprendizagem dos tempos e são inseridos com naturalidade nesse processo cíclico das construções culturais. Assim, não consigo aplicar os conhecidos provérbios, como “O ócio é o pai de todos os vícios” ou “Deus ajuda a quem madruga”, às sociedades africanas, uma vez que a concepção ocidental de tempo é o produtivo, o econômico, do aproveitamento máximo para o trabalho em vista do lucro.

O tempo cotidiano não é dividido em etapas a serem cumpridas num movimento progressivo, continuado, medido e quantificado, mas a estruturação de noções do tempo processa-se na convivência e na relação com o outro, produzidas de forma gradual, de acordo com as interações e as aquisições de hábitos e dos costumes por cada indivíduo (LUCHESE; KREUTZ, 2008). Com certeza, a cadência do tempo escolar constante, diário, respeitando horários de entrada e saída, uma

rotina que mobilizava o conjunto familiar impondo horários e sequências, vai lentamente impondo um outro tempo e um outro ritmo:

Tempos escolares são diversos, plurais e ritualizados: a chegada e o início da aula, o tempo do intervalo, o horário da leitura, o disciplinamento dos corpos pela postura, pela fila, pelo silêncio, pelos castigos... Tempos ritualizados pelas cerimônias e representações produzidas pelas comemorações de determinadas datas, o início do ano escolar, o tempo esperado de permanência na escola – a idade para iniciar e terminar os estudos. Era o tempo de estar na escola numa relação com o tempo de infância (LUCHESE; KREUTZ, 2008, p.14).

Nesta altura, cabe perguntar o que é o tempo? Segundo Aristóteles, o tempo “[...] é a medida do movimento segundo o antes e o depois” (apud RABUSKE, 2001, p.159). Para Ferreira, tempo é “A sucessão de anos, dos dias, das horas, etc., que envolve, para o homem, a noção de presente, passado e futuro: o curso do tempo. O tempo é um meio contínuo e indefinido no qual os acontecimentos parecem suceder-se em momentos irreversíveis” (1999, p.1661).

Mas são definições de tempo estático. “Esta conexão de presente com o passado e com o futuro é uma estrutura fundamental da existência humana” (RABUSCKE, 2001, p.161). Cada um é diferente do outro, mas nenhum existe sem o outro. Rabuske (2001) remete a três tipos de tempo:

- a) o físico: é o fluir contínuo dos segundos, dos minutos, das horas, dos dias, dos anos, dos séculos; é o tempo objetivo, real, o presente, o tempo do relógio;
- b) o vivencial: é o tempo como o percebemos; é o tempo subjetivo, expressão do nosso senso de tempo, o tempo da nossa vivência que pode divergir do relógio;
- c) o antropológico: é o tempo físico, enquanto está na consciência; é o tempo tridimensional: agora é o presente, antes é o passado e depois é o futuro.

O tempo é um elemento essencial na análise da cultura, bem como o são as tradições. No contexto africano, o tempo adquire um significado especial. A vida parece ser pautada por um ritmo de tempo menos veloz do que estamos acostumados no ocidente. Unger explica que:

[...] con-creto provém de con-crescere: crescer bem, crescer junto. [...] Concreto é o dinamismo mediante o qual os seres humanos realizam sua caminhada na vida: suas tristezas e alegrias, perdas e ganhos, caminhos e

descaminhos. Como um con-crescer, a palavra “concreto” acena para a necessidade humana de estima e reconhecimento, de diálogo e encontro, de participação e reconhecimento (2001, p.110).

Testemunhei concretamente situações de pobreza, de seca, de fogo consumindo as florestas: “Ao longo de toda estrada, milhares de pessoas sentadas, paradas ou a andar descalças, a assistir passivamente a situação. Poucos a trabalhar em alguma machamba e muitas a carregar água na cabeça. Os rios estão secos” (BOHN, 2003f, 16).



Figura 33 - Homens esperando o batelão – Búzi, mar./2005.
Fonte: Acervo pessoal.

Pode-se perceber uma grande diferença entre os ritmos de vida urbano e rural e, por outro lado, uma singularidade entre a quantidade e a duração dos ritos e/ou cerimônias, entre a utilização do tempo no cotidiano e os longos deslocamentos a pé nas estradas. As sociedades autóctones, tradicionais, têm um ritmo de vida e de mudanças menos acelerado do que as sociedades complexas, inseridas nas frenéticas inovações tecnológicas (Figura 33). Basta ver por que as pessoas ficam esperando por horas a travessia de um rio. Enquanto esperam, conversam, narram histórias, relembram fatos. Raramente vi alguém reclamando dos atrasos ou longas esperas. Aliás, quando se marcava uma reunião ou evento, nunca se colocava o

horário exato. Por exemplo, “pelas 16 horas” significava geralmente após as 18 ou 20 horas.

Kiura, sabiamente, faz uma advertência importante: “É necessário muito esforço para nós os africanos livrar-nos do hábito do ‘tempo que se estende dos africanos’” (2005, p.35). Laraia atribui isso ao “[...] fato de a sociedade está satisfeita com muitas de suas respostas ao meio e que são resolvidas por suas soluções tradicionais” (2006, p.95). Isso talvez responda por que, nas zonas rurais moçambicanas, o tempo-relógio ainda não escravizou o povo. “As estradas sempre estão cheias de bicicletas – principal veículo de muitos homens - e pessoas a andar a pé. As mulheres a carregar crianças amarradas nas costas, peso na cabeça e algo nas mãos”. (BOHN, 2003a, p.3).

Numa das cartas posteriores, expliquei melhor em que consiste e qual o real sentido que os africanos dispensam ao tempo, em especial para trabalhar a terra, descansar e revigorar as relações familiares:

Para os africanos, a história está voltada ao passado. O futuro é perigoso porque pode trazer mudanças que desviem as maneiras dos antepassados. O tempo não se considera como uma propriedade privada. É um bem familiar utilizado umas vezes para trabalhar a terra, outras para repor as forças e relações familiares. “Desperdiçar o tempo” supõe que a produtividade africana fica fora da competição com outras partes do mundo, nas quais “o tempo é ouro”, isto é, um valor econômico (BOHN, 2004e, p.36).

Nessa mesma correspondência, há uma situação crítica bem contundente que parece estar se desenhando nas sociedades tradicionais moçambicanas frente à atualidade:

A amizade e a hospitalidade podem favorecer o parasita que enraíza numa família, esperando ser alimentado e servido. O sentido espiritual da vida pode transforma-se em superstição e germe de medo dos espíritos, que têm inveja da felicidade humana. O sentido de família extensa pode impedir o êxito familiar. A capacidade de aceitar o mundo assim como ele é pode facilmente tornar-se resignação diante das dificuldades e obstáculos (IDEM).

As culturas vivem em contínuo processo de modificação, todavia as mudanças internas são mais lentas, enquanto que as originadas do contato com o exterior podem ser e são, em geral, mais bruscas e rápidas. “As primeiras pretendem manter os hábitos inalterados, muitas vezes atribuindo aos mesmos uma legitimidade de

ordem sobrenatural. As segundas contestam a sua permanência e pretendem substituí-los por novos procedimentos”, explica Laraia (2006, p.99). É o caráter dinâmico da cultura, presente de forma diferente em ambos os casos. E, por outro lado, cada ruptura está acompanhada de conflitos e de embates entre as tendências conservadoras e as inovadoras.

O fogo utilizado em algumas cerimônias da tradição *Sena* para pedir chuva é mais um simbolismo. Como antigamente não havia escola, a lareira era a grande escola dos antepassados. Ao redor do fogo é que os antepassados contavam as histórias, as lendas, os provérbios e os contos tradicionais aos seus netos. E Kalilombe reforça que essas tradições são “[...] poderosos símbolos para estimular uma identidade nacional” (2001, p.65) e indicam para a interdependência, quando o mundo atual direciona o norte para o individualismo e para o progresso material e econômico.

No capítulo seguinte abordarei a organização social das comunidades familiares tradicionais, os papéis, os ritos de passagem e a religião que integram o processo educativo na vida cotidiana, a partir da vivência na região dominada pelos povos *Ndau* e *Sena*, na região central de Moçambique.

4 SOCIEDADE TRADICIONAL MOÇAMBICANA

Fazendo vibrar os tambores



Não há cerimônia ou rito, evento ou programação moçambicana sem a presença dos tambores. Os tambores promovem um verdadeiro encontro de gerações, de famílias, de velhos e novos, de homens e mulheres, de jovens e crianças. Os batuques revelam a identidade do povo tradicional africano em geral. Os toques dos tambores dão a cadência, o ritmo e o rumo. São os tambores que orientam e sinalizam para o que está acontecendo e levam as pessoas a participarem da dança, do convívio, da festa, da alegria.

Embalado pelos tamborilos, neste capítulo percorro a organização social nas tradições moçambicanas, aprofundando mais especificamente o papel dos *Régulos*, dos chefes, dos curandeiros/feiticeiros e da família na produção e na transmissão dos saberes e das práticas tradicionais. Em seguida, desenvolvo cada um dos ritos e/ou cerimônias pelos quais os indivíduos passam, a fim de participarem plenamente na sociedade tradicional: nascimento, puberdade, casamento e morte; e por fim, discorro sobre a religião e sua influência na vida desse povo. Mas sempre observando seu entorno, processos, significados e atos educativos que envolvem, para que o indivíduo seja aceito e integrado em sua totalidade na sociedade dos vivos e, de acordo com suas crenças, dos mortos.

4.1 A organização social

Nas antigas civilizações, assim como nas sociedades tradicionais africanas, a estratificação social é aceita como natural e como predestinação. “Muitos africanos acreditam, provavelmente, que permanecer em certas posições sociais é algo predestinado. Isto se deve a estas sociedades serem, na sua maioria, não letradas e sem instrução científica, dominadas pela tradição oral”, diz Cezerilo (2002, p.3). A estratificação é vista como um código de conduta social e um fator-gerador de equilíbrio da sociedade. A hierarquia social, o status, está muito ligada à idade, ao sexo, à força física e ao sistema de descendência. Dentro dessas sociedades, quanto mais idade a pessoa tiver, em especial a do sexo masculino, mais está imbuída de “sabedoria, poder, propriedade e valorização social” (IDEM). Por isso, ninguém pode ser ancião ou chefe do grupo/tribo antes do seu tempo.

Em Moçambique, sob o ponto de vista tradicional, existem dois tipos de sociedades. Ao Norte, predominam as *matrilineares*, ou seja, onde a última palavra é da mulher, mas não o poder: o irmão da mulher ou o tio materno detém o poder de

decisão e o direito de distribuir os bens e os recursos. Em outras palavras, a mulher passa o seu nome aos seus filhos, mas o irmão dela quem tem a responsabilidade de garantir a sobrevivência e a educação deles. Assim, nessas sociedades, os bens passam de geração para geração através dos familiares da mãe. Caso haja um divórcio, a casa e os filhos continuam a constituir parte da família da mulher, o que fortalece a posição da mulher nessa sociedade. E ao Sul do Rio Save, predominam as *patrilineares*, onde as decisões são exercidas por pessoas nascidas de um bisavô comum, por via masculina. Nessa descendência, os laços de parentesco e de filiação se dão pela linha paterna e são os homens que assumem a propriedade dos recursos do espaço familiar.

Na região central do país em estudo, existem as *matrilineares* e as *patrilineares*, mas apenas em algumas áreas rurais. Por exemplo, no distrito de Buzi, em Sofala, quando morre o marido, as viúvas são expulsas da casa, pois os bens devem ser conservados em benefício da linha *patrilinear* do falecido. Em outros espaços, devido ao regime *matrilinear* tradicional, após a morte da mãe, os filhos são abandonados pelo pai, ficando com os parentes da mãe. Esses geralmente são idosos e/ou já têm muitas pessoas a seu cargo, fazendo com que essas crianças ficassem à mercê da sorte.

Ambas as comunidades estão assentadas em formas de controle social que priorizam o coletivo em detrimento do individual. A princípio, ninguém é mais privilegiado em virtude do nascimento, pois, dentro de um grupo de ascendência⁷⁵, seus membros constituem uma associação igualitária, isto é, têm o mesmo juramento e a mesma posição social. Todavia, a chefia está ligada ao casamento, à família, ao parentesco, à educação. Um filho que trabalhou com o seu pai pode ser um candidato a cargo de chefia, mas nem sempre será o sucessor. Nas cidades litorâneas de Moçambique, após o contato com os europeus, há famílias com várias gerações de educação, que se tornaram verdadeiras elites ocidentalizadas. Cezerilo explica melhor o papel dos chefes:

Nas sociedades tradicionais os chefes não são tidos como exploradores de massas: em certas sociedades, o lazer de que eles desfrutavam era a gratificação dos esforços de sua juventude; eles eram tidos não como usurpadores, mas sim como defensores de seu povo, alimentando-os em

⁷⁵ Segundo Cezerilo, grupo de ascendência é “um corpo que vai até à origem da descendência em masculinos ou femininos ou ambos as linhas, de um designado ancestral. Os novos membros são adicionados por nascimento” (2002, p.35).

tempo de pobreza, e protegendo-os dos ataques dos seus inimigos (2002, p.43).

Para Cezerilo (2002), baseando-se na teoria parsoniana⁷⁶ de estratificação social, há três categorias que conferem *status* dentro da escala social de valores, avaliadas a partir das suas qualidades, realizações e aquisições. Na sociedade moçambicana, o poder provém do número de filhos, da riqueza oriunda da agricultura ou do comércio, ou ainda, do estudo. Entretanto, a posição ou o *status* social de um homem não é compartilhado por suas mulheres e filhos, nem define o seu parentesco com os membros da sua comunidade.

Uma outra forma de pertencer à elite era o grau de educação. O instruído era alguém que passava a integrar um grupo de referência, diferenciando-se do seu grupo de pertença. Isto correspondia a um *status* intermediário, uma espécie de classe média. Uns ficaram acomodados ao poder colonial, e outros, destacavam-se em suas colônias. Historicamente, foram esses que lideraram os movimentos de independência na África.

No entanto, hoje muitos dos cargos da atual sociedade moçambicana estão vinculados à filiação e à fidelidade partidária, além do *status* econômico⁷⁷ e da eleição. E é verdade que os indivíduos, em geral, buscam ocupar certa posição social. Mesmo que isso significou prejuízo e quebra dos valores tradicionais, percebe-se, com nitidez, a busca em “conjugar o progresso, a justiça e a solidariedade com o respeito e valores próprios de cada povo” (CEZERILO, 2002, p.48).

A organização social das comunidades tradicionais está centrada basicamente na agricultura. A terra e sua utilização – o plantar e o colher – é que determinam as bases da família como instituição e parentesco. Todavia, tal organização não está baseada na força de poder e de decisão dos mais velhos na comunidade sobre os mais novos. Aliás, a terra tem os mais velhos e os antepassados como donos e protetores, pois foram eles os primeiros que a plantaram e, por isso, também são os

⁷⁶ Baseada em Talcott Parsons, considerado o autor mais representativo da escola estrutural-funcionalista. A ação social é considerada uma atividade a um fim e, portanto, todos estão sujeitos ao processo de avaliação. Afirma que existem quatro valores-padrão comuns a todas as sociedades: universalismo, definição de objetivos, integração e manutenção (o tradicionalismo assume valor primordial). A crítica é que ele não explica por que predomina determinado valor numa sociedade em vez de outro, e não toma em consideração as consequências destas estratificações sobre as sociedades que delas surgiram (CEZERILO, 2002, p.55.56).

⁷⁷ Fator ocupação/trabalhos especializados.

responsáveis por tudo o que acontece na sociedade familiar tradicional. Os mortos, os antepassados, participam ativamente da vida grupal e influenciam-na, concebidos como verdadeiros atores sociais. Por isso, a organização social perpassa pelas crenças.

Lopes acrescenta que “as diferentes etnias que constituem Moçambique são portadoras duma demarcação bem diferenciada dos papéis do homem e da mulher e por isso as chefias das empresas têm um índice de masculinidade elevada” ([2001], p.8). Alguns chefes tradicionais assumem o papel de Régulos. Verificando o dicionário “Moçambicanismos”, a definição de *Régulo* já vem acompanhada de suas funções:

Chefe tradicional africano: autoridade integrada na hierarquia política colonial, que controlava uma área (regulado) dentro de uma circunscrição. O governo colonial recuperou, e pôe ao seu serviço, chefes tradicionais já existentes. As leis coloniais definiam as obrigações dos régulos e as taxas e cobranças de que se podiam beneficiar. Segundo a tradição, um indivíduo sem ligações ancestrais na regedoria local não podia aí exercer a função de régulo. Além disso, apenas podia ser régulo o filho varão nascido da mulher de honra, isto é, a que tivesse sido lobolada pelo régulo em primeiro lugar. Na ausência do filho varão, as filhas do régulo assumiam a função como aconteceu, por exemplo, com a famosa rainha Tnazie, do regulado de Javanhane, no Chibuto (LOPES; SITOE; NHAMUENDE, 2002, p.130).

O sistema político e social das aldeias é baseado na autoridade do chefe, escolhido da linhagem familiar do antigo chefe⁷⁸ que, junto com o grupo de anciãos, tem o dever de dirigir a vida da comunidade, salvaguardar a tradição dos antepassados, julgar os litígios ou as desavenças entre os membros da aldeia, acolher as delegações de visitantes, manter uma boa relação diplomática com as autoridades do governo.

Na região da Missão de Mangunde, essa autoridade tradicional era o Régulo Mangunde (Figura 34). Quando quis fazer esse retrato, ele prontamente aceitou, mas pediu para fazer uma pose, pois “o Régulo precisa ficar bonito na foto”. Vê-se em primeiro plano, no carro da Missão, o diretor da escola local. Atrás do Régulo, é possível ver pessoas da comunidade por ele dirigida, bem como pelo espelho, que, no momento, estavam limpando a estrada que atravessa o *Regulado*, com enxadas e facões, em troca de algum produto alimentício, doado por alguma ONG, previamente acordado com o Régulo. Ele é o “pai do líder da oposição Afonso

⁷⁸ Em Moçambique é conhecido por Régulo e sua missão é dirigir uma porção territorial dentro do Distrito, mais conhecida por Regulado.

Dkahlama e deu origem ao nome daqui [da Missão]. Tem 80 anos, mas está bem” (BOHN, 2006a, p.55) Lamentei, embora tendo tido inúmeras oportunidades, não conhecer a língua *ndau*, para poder dialogar com ele: “Pena que cada vez que falo com ele preciso de tradutor” (IDEM). Sempre foi muito acolhedor, simples e parceiro nas várias vezes que nos encontramos.



Figura 34 - Régulo Mangunde - Chibabava, mar./2006.

Fonte: Acervo pessoal.

Algumas vezes, acompanhei funcionários da Missão até sua residência, chamados para resolverem *problemas sociais*. “Dia 4 de outubro [de 2006] feriado nacional por causa do Acordo Geral de Paz assinado em 1992 e festa do padroeiro da Missão. Cedo fomos chamados na Casa do Régulo Mangunde através de uma notificação para nossa Responsável do Lar Feminino. São coisas da tradição local” (BOHN, 2006i, p.72).

A palavra do *Régulo* é considerada sábia e, por isso, facilmente acolhida e colocada em prática. A autoridade tradicional orienta cerimônias tradicionais a favor dos interesses positivos da sociedade⁷⁹, procura manter convívio com muita gente, incluindo os dirigentes políticos. Geralmente, envolve uma substancial área e serve de fonte de promoção da educação cívica. Como autoridade tradicional, participa com legitimidade e ativamente no processo de formação do governo distrital através

⁷⁹ A falta de chuvas, calamidades, problemas sociais (desvio de conduta social).

de uma pluralidade de papéis políticos, administrativos, sociais, jurídicos e simbólicos.

Os encontros da aldeia comumente acontecem debaixo de uma árvore bem frondosa, geralmente situada no centro da residência do Régulo, e não terminam em menos de duas horas. Nos momentos de decisão, julgamento popular, acolhida de delegações de visitantes, funerais, celebrações, festas da colheita, danças de regozijo, batuques, e outros, ele é a referência e sempre tem a presidência.

Nas zonas rurais, parece que o tempo-relógio ainda não contaminou a aldeia. No perímetro urbano, a autoridade do ancião já foi muito abafada pelo poder instituído da sociedade moderna. Contudo, era nos arredores da capital de Sofala que vivia uma das mais influentes e conhecidas autoridades tradicionais do país: o Régulo Luís, falecido em junho de 2007, patrono de um cemitério tradicional, batizado com o seu nome, perto da zona do aeroporto da Beira. Após a reinstitucionalização das autoridades tradicionais no país, foi um dos primeiros a ser reconhecido e proclamado como tal. Orientava cerimônias tradicionais a favor dos interesses da edilidade de Beira, bem como, em sua casa, mantinha convívio com dirigentes do governo e de partidos políticos, individualidades intelectuais e empresariais, que buscavam a benção dos Antepassados e seus conselhos políticos, particularmente, nos períodos eleitorais.

O *Régulo* passa a ter o poder de socializar a terra dentro de seu *Regulado* para quem a precisa. Em muitas sociedades tradicionais, a terra é dividida pelo número de mulheres com filhos, considerando cada filho uma unidade de terra. Contudo, em outras sociedades, a distribuição é pelo critério de descendência de nascimento. Em Moçambique, com a implantação do regime socialista após a independência, a terra foi socializada.

Na África, existem muitos exemplos de instituições tradicionais, totalmente desconhecidas no mundo ocidental, que buscam o consenso sobre as grandes questões que envolvem o clã ou uma comunidade: o *ondjango*⁸⁰ em Angola; os

⁸⁰ O *ondjango* é uma palavra da cultura e língua umbundu, Angola, que significa casa de conversa, tradicionalmente em forma de U, onde é possível fazer acontecer uma reunião. “Toda a vida parte do *ondjango* e encontra seu ápice no *ondjando*”: casa que se tornava o espaço dos residentes da comunidade. “Lugar respeitado, quase sagrado, e era da consciência da comunidade ser aquele espaço o centro da vida comunitária, das aldeias; o centro onde passava e imanava a corrente vital do clã, de onde fluía o respeito e as decisões importantes em prol da comunidade” (KAVAYA, 2006, p. 144-145).

*ezomlé*⁸¹ ao longo do *abyssa*⁸² dos Nzema da Costa do Marfim e Gana; a *palabre*, que, segundo Cezerilo, contém um significado profundo:

Trata-se de um debate aberto dirigido pelos anciãos, onde cada um é livre de apresentar os seus pontos de vista. Aqui, toda a autoridade, incluindo o rei, pode ser criticada. Em certos países, a ausência da *palabre* exprimia desacordo. Pode-se ver que a expressão dos conflitos leva ao restabelecimento da coesão social, pois a *palabre* resulta num acordo aceite por todos. (2002, p.33, grifo do autor).

Mas, a respeito dos anciãos, seu papel e sua importância na formação dos saberes e práticas tradicionais, voltarei a focar no próximo capítulo. Também no campo da organização social, é preciso abordar a organização da família, em especial no que diz respeito aos diferentes sistemas de parentesco e à poligamia. O objeto desta dissertação trata de sociedades ou de comunidades onde todos participam da mesma vida e por isso, definidas como família, linhagem, clã, tribo⁸³.

Cezerilo afirma que a família é “a instituição mais importante, e é na família que se prepara o homem para enfrentar os desafios que a natureza impõe” (IDEM p.44). Em outra oportunidade prossegue: “Para a sobrevivência, defesa e melhor rendimento na produção, as actividades praticadas (agricultura) exigiam um número elevado de elementos com vista a produzir alimentos para o consumo imediato bem como o excedente para os momentos de crise” (CEZERILO, 2002, p.13). Aliás, a família primitiva moçambicana está intimamente ligada à produção, à organização da vida doméstica e às formas de reprodução. Aí o porquê do conceito de família alargada⁸⁴ ser uma das principais características das sociedades tradicionais africanas, consequência do processo e das relações de produção.

⁸¹ Os *ezomlé* era um grupo de artistas de músicos escolhidos por critérios intelectuais e morais severos, com a missão de observar os atos da população e dos dirigentes no cotidiano e de receber as suas queixas. Durante a colheita da palmeira de óleo acontecia o *abyssa* (interrogar, examinar), os *ezomlé* se tornam os porta-vozes da comunidade. “Cantam e, nos seus cantos, denunciam os erros, os delitos e os crimes. Estes gozam de total liberdade de expressão e são considerados enviados dos mortos, dos antepassados, e daí que não podem ser atacados”. Acreditava-se que quem era posto em causa e não mudasse de vida, morreria naquele ano (CEZERILO, 2002, p. 32).

⁸² *Abyssa* significa “interrogar, examinar” (IDEM).

⁸³ Linhagem é um grupo sanguíneo de parentesco formado só por indivíduos descendentes de uma ancestral comum conhecido. Clã é um grau de parentesco mais amplo, descendentes de um fundador remoto que chega a ser mitológico. O clã então é um agrupamento composto por várias linhagens. Para os povos bantos, o clã é a unidade fundamental das suas sociedades e funciona como elemento mítico-espiritual, social e jurídico, congregando as linhagens que identificam uma cadeia unilinear de parentesco. A tribo é um grupo de indivíduos unidos pela fidelidade territorial e não pela ascendência, sendo tida como uma comunidade política composta por diferentes linhagens ocupando um território comum.

⁸⁴ O conceito que agrupa várias gerações: netos, bisnetos, primos, filhos casados e suas esposas.

“A família é um meio de controle e equilíbrio social e constitui a base da sociedade, além de ser um núcleo de produção onde se produz e se consome. É através da família que a propriedade e a segurança da família é assegurada e regulamentada” (OLIVEIRA, 2002, p.27). A partir disso, compreende-se o significado e a importância do conceito de coletividade, de vida em comunidade, do valor da comunhão de pessoas que denota partilha e solidariedade, aspirações essas que subjazem o individual, o particular, a autonomia. A vivência do aprendizado em grupo aproxima e adapta o indivíduo mais rápido ao ambiente social, como ensina a partilhar com o outro, a repartir gostos, sentimentos, aspirações, aspectos em comum. Faz as comunidades participarem da vida cultural, integrando-as, promovendo a unidade.

Em seu livro de Boas Maneiras, Kiura afirma que “a família é uma comunidade de pessoas e todos os membros da família devem ser aceites e respeitados como são. Não é bom rebaixar os membros fracos da família, especialmente os que não têm tanto talento como os outros” (2005, p.17). E depois acrescenta: “O que acontece no seio da sua família, mesmo que não seja sempre digno de louvor, não deve ser compartilhado com estranhos” (IDEM, p.24). A boa educação também engloba os empregados: “É muito rude pessoas jovens falarem a um homem ou uma mulher velha, [...] como se estivesse a lidar com um escravo e dando ordens como se fossem crianças” (IBIDEM, p.25).

Um outro aspecto a destacar é a não existência de uma estrutura familiar única, pois a organização, os papéis e a concepção de família diferem em Moçambique de região para região, como da cidade para o campo, de etnia ou grupo familiar. Devido ao grande número de famílias habitarem no meio rural, onde as crianças e os jovens tinham menos oportunidades de desenvolver suas capacidades intelectuais e contatos com os outros, era mais fácil restabelecer o equilíbrio nas horas de conflito.

E a questão da poligamia? “Muitas vozes tentam reduzir o matrimônio e a monogamia a lembranças do passado, todavia outras alertam que é uma aventura macabra cujas conseqüências são imprevisíveis para a própria humanidade” (BOHN, 2003b, p.6). Cezerilo assegura que a poligamia “constitui uma forma de organização familiar assente na exploração da mulher como mão-de-obra barata do homem” (2002, p.14). Lopes acrescenta que, na cidade, a poligamia toma forma de

amantismo⁸⁵ e “continua sendo um assunto polêmico e dicotomizado, principalmente, entre as camadas populacionais urbanizadas e cristianizadas mais instruídas” ([2001], p.10). Depois Lopes acresce mais à questão:

Contudo, nas zonas rurais, onde se concentra cerca de 70% da população, constitui uma prática ligada aos modos de reprodução, distribuição e troca de bens e pessoas entre grupos aliados e, por isso mesmo, a discussão da sua legalização é uma das preocupações do Estado, na proposta do projeto lei de família⁸⁶ que está sendo alvo de análise em todo o país (2004, p.123).

Nas zonas rurais da região sul de Sofala, a poligamia era uma prática mais costumeira nas famílias. Cougil (2001) defende que a sua origem não está bem clara, mas o engajamento de muitos na poligamia era fruto dos longos anos de guerra, onde muitos se teriam tornado polígamos, não pela concupiscência, mas por causa das circunstâncias: grupos de mulheres abandonadas porque os maridos foram mortos na guerra; pessoas deslocadas sem saberem se os outros familiares ainda estavam vivos e sem meios de sobrevivência, entre outros motivos.

Sarpong (2001) acrescenta outros motivos: culturais: o fato de a mulher não poder manter relações e nem ser admitida a dormir com o esposo durante o ciclo menstrual e meses antes do parto; sociais: o fato de a mulher visitar a família, funerais, dar o nome a alguma criança, ter maior número de mulheres do que homens; econômicos: os filhos são um bem para o pai. Além disso, é uma questão de prestígio ter muitos filhos, especialmente numa sociedade onde a mortalidade infantil é grande, e pelo fato de que, no passado, cada homem e cada mulher deveriam ter um filho para não serem amaldiçoados. Além disso, a concupiscência joga um papel importante na manutenção da poligamia. (p.102-105). Mas, havia outras formas. A poligamia dos reis, dos chefes, dos médicos tradicionais pode ser uma consequência do “espírito de hospitalidade [...] uma consequência da partilha, do acolher, do hospedar e do dar de comer” (BOHN, 2004e, p.35).

A poligamia é inerente à autoridade, ao chefe. Isso é possível verificar no plano arquitetônico do chefe de um Regulado: as casas, uma *palhota* para cada esposa, estão construídas ao redor do pátio central, pois, em geral, o *Régulo* possui várias mulheres (Figura 35). Ao centro, as cadeiras convidam a sentar. Denota a

⁸⁵ Manter relações extraconjugais, principalmente com mulheres jovens.

⁸⁶ A Lei da Família de Moçambique foi aprovada em 25 de agosto de 2004, sob a Lei Nº10/2004, num total de 431 artigos, pela Assembléia da República e sancionada pelo Presidente da República, Joaquim Alberto Chissano.

hospitalidade africana quando de uma visita: logo é convidada a descansar e contar as novidades. Quando alguém se aproxima, logo trazem cadeiras. É um espaço de julgamento e de solução das situações problemáticas da comunidade ou da aldeia.



Figura 35 - Pátio da residência do Régulo Mangunde – Chibabava, mar./2006.

Fonte: Acervo pessoal.

A poligamia confere *status*, pois ter várias mulheres é sinal de poder, de respeito, de reconhecimento. Tradicionalmente, é permitida aos que têm condições financeiras para sustentar as mulheres e os filhos. E numa família polígama, normalmente, não há inveja entre as co-esposas. Em alguns casos, as esposas até aconselham os esposos a casarem com outra esposa mais nova, para que essa assuma os serviços da casa e dê mais filhos.

Ter famílias numerosas é uma característica africana, pois a vida é um bem, um tesouro. Participar da vida exige fecundidade. É uma obrigação de todo indivíduo a geração de filhos. Mabuiangue diz que “a maior riqueza que um homem e uma mulher desejam ardentemente é casar, ter um lar... ter filhos (quantos mais, melhor!...)” (2001,119). E é nisso que consiste a prosperidade de um africano.

Por outro lado, a esterilidade é associada à aniquilação e à morte. Daí a iniciação à vida gerativa, pois a procriação é o tesouro maior e a garantia de continuação da vida, a finalidade da existência. Na cultura africana “ter muitos filhos, fecundidade, é bênção, é derrotar a morte” (BOHN, 2004e, p.29). Várias mulheres e

muitos filhos é poder, riqueza. O homem que tem várias mulheres dispõe de mais privilégios e benefícios, tem mais mão-de-obra e poderá cultivar mais terras. Por isso, para Altuna (1993), a vida celibatária é uma deformação que lesa o corpo social, é um desprezo blasfemo pelos antepassados e à própria vida. A renúncia à paternidade e à maternidade é uma traição grave aos antepassados, logo que rompe a corrente vital.

Na família, muitos dos saberes e das práticas tradicionais constroem-se e desconstroem-se, são aprendidos e passam às outras gerações através do cotidiano, dos ritos, das cerimônias, dos contos, das festas. Um dos aspectos mais importantes da família é a de funcionar como veículo de transmissão das crenças, da história, da lei e das tradições. A garantia e a preservação dessas características estavam nas mãos dos chefes e dos mais idosos do círculo familiar, como um dever para o prolongamento dos dias neste mundo.

A família tradicional, além de ser o meio de controle e de equilíbrio social, é o mecanismo de apaziguamento, o regulamento da propriedade e o núcleo de produção que assegura a proteção a todos os seus membros. Especialmente no interior, a família é uma grande referência. É nela que se encontra apoio para todos os momentos da vida: na alegria e no sofrimento, na saúde e na doença. Alguém não fazer parte de nenhuma família ou ser rejeitado por desobediência às tradições significa ser alguém sem valor, abandonado, mau sujeito.

A mudança de concepção e dos papéis da família atual também pode ser verificada na família moçambicana. “O sentido de família extensa pode impedir o êxito familiar” (BOHN, 2004e, p.36). Antigamente, quando um rapaz manifestava o desejo de ter uma esposa, a preocupação das famílias era encontrar uma rapariga com boa educação, trabalhadora e respeitosa. A prova de amor era um anel, uma pulseira. E isso envolvia as duas famílias, através de conselhos, acompanhamento, etapas e rituais que eram cumpridos sem perguntar por quê. E o casamento era longo. Hoje é o rapaz que inicia o namoro ou é a própria moça que o conquista. E as condições consideradas prendem-se à beleza física, aos bens materiais, à formação acadêmica. A menina vai sozinha à casa do namorado. A prova de amor que o rapaz exige é a relação sexual. E os casamentos acabam sendo muitas vezes passageiros. Entretanto, os padrões de vida de uma família negra não podem ser apenas atribuídos à distância em relação à família branca, mas também à distorção do tradicional.



Figura 36 - Encenação de uma Sessão no Curandeiro – Machanga, set./2006.
Fonte: Acervo pessoal.

Outros atores sociais dentro das sociedades tradicionais são os curandeiros/feiticeiros, os quais exerciam papel preponderante. Bastava examinar algum jornal moçambicano para encontrar anúncios de para-médicos tradicionais que se propunham a resolver problemas básicos da vida: subir na vida, a promoção no emprego, passar nos exames nacionais, recuperar o casamento desfeito. Em muitas sessões culturais e encenações dos internos, o tema estava presente. Por exemplo, o Grupo de Conscientização para a problemática da AIDS, *Stop Sida Mangunde*, do qual eu era assessor, criou uma peça teatral que apresentava como o povo buscava primeiro o curandeiro/feiticeiro em vez da ajuda mais qualificada da medicina legal, como revela a encenação na Figura 36. Essa geralmente acontecia quando já havia pouca chance de sobrevivência e/ou só chegava ao Posto de Saúde para “receber” o atestado de óbito. Aliás, os números da saúde em Moçambique fazem refletir:

Esta semana, foram divulgados alguns dados pelo Ministro da Saúde, nada animadores: O país tem 19 milhões e perto de 600 médicos (01 para cada 33 mil habitantes) e pouco mais de 06 mil enfermeiros (uma defasagem de mais de 5,6 mil). Por outro lado, há apenas 141 estudantes de Medicina nos

02 Cursos do país: UEM e UCM⁸⁷, com 07 e 06 anos [de estudo], respectivamente (BOHN, 2006b, p.57).

Era comum comentarem que no interior apenas 2% procuravam o médico e 98% primeiramente iam até os *médicos tradicionais*. É bem verdade que a paz possibilitou avanços significativos, no entanto, a saúde em Moçambique e África continua em situação extrema, conforme relato de uma das minhas cartas:

Na semana passada o Director de Saúde da Província confessou sua perplexidade diante dos números alarmantes no Hospital Central de Beira (HCB): “estamos preocupados com esta situação, porque muita gente está a morrer”. De cada 100 crianças que nascem 30 são soropositivos (HIV/Sida). Cada dia morre mais de 20 pessoas. Cada semana, 50 a 60 pessoas são enterradas como indigentes ou abandonadas na Morgue do Hospital. A Sida superou a malária em número de óbitos. Dos 1.196 doentes que deram entrada no HCB⁸⁸ em 2004, 491 morreram, contra 429 mortes de 796 casos em 2003. Dia 4/3 foi enterrada nossa aluna de apenas 19 anos. A cruz nos acompanha. Nesta 5ª feira, ao abrir [a Sala do] Pedagógico, outra aluna de 19 anos entrou e atirou: “Irmão, minha vida acabou! (um silêncio) Descobri ontem que meu namorado é soropositivo”. [“Nós fazemos sexo e a camisinha furou”]. Semana passada um professor do interior veio me pedir, quase de joelhos, para encontrar um remédio para bilharziose viral (esquistossomose), pois o médico lhe teria dito: “Não há mais nada a fazer senão esperar a morte... Irmão, olha para mim, isso é muito forte para um homem de menos de 30 anos...” (IDEM, 2005b, p.47, grifos do autor).

Os relatos acima parecem superficiais. Entretanto, há um grande esforço, mas sem profissionais da saúde, o problema permanece ou até piora. A medicina alternativa dá alguns passos tímidos, mas está começando. Conheci trabalhos em Nampula, em Manica e pessoalmente ajudava em Beira. “Hoje ainda fui procurado por alunos da 4º Ano de Medicina da Universidade Católica de Moçambique, Beira, sobre Plantas Medicinais e Medicina Alternativa. É, em terra de cego, caolho é rei”. (BOHN, 2004e, p.33).

Outra manchete da semana passada foi de que um Centro Médico da Igreja Católica de Nampula introduz uso de plantas medicinais no tratamento de várias doenças, num trabalho que visa criar alternativas de cura das diversas enfermidades que apoquentam as comunidades locais, muitas delas sem recursos financeiros suficientes para suportar os valores exigidos na medicina legal. Até o governador da Província de Nampula foi visitar o centro, ele que é médico de profissão, o qual ficou impressionado com o projecto e com a alternativa que abre para as populações, mais eficaz em termos de efeitos, já que é natural. O Centro potencia a produção e multiplicação de plantas e ensinam às populações a forma mais adequada

⁸⁷ UCM é Universidade Católica de Moçambique (particular) e UEM significa Universidade Eduardo Mondlane (governamental).

⁸⁸ Abreviatura de Hospital Central da Beira, Sofala.

de uso e cuidados que deve ter. Inclusive, já elaboram um Guião: como preparar e administrar... com desenhos (IDEM, 2003g, p.18).

O escrito moçambicano Mia Couto fez algumas considerações importantes a cerca da medicina tradicional e seus sujeitos, pertinentes com o tema:

Na realidade, “médicos tradicionais” é um nome duplamente falso. Primeiro, eles não são médicos. A medicina é um domínio muito particular do conhecimento científico. Não há médicos tradicionais como não há engenheiros tradicionais nem pilotos de avião tradicionais. Não se trata aqui de negar as sabedorias locais, nem de desvalorizar a importância das lógicas rurais. [...] Durante muito tempo, era interdito aos verdadeiros médicos fazerem publicidade nos órgãos de informação. E, no entanto, esses outros chamados de tradicionais tinham permissão de se anunciarem. [...] Por quê esta complacência? Porque, no fundo, nós estamos disponíveis para acreditar. Não são apenas os pobres, os menos educados que partilham estes dois mundos. São quadros de formação superior, são dirigentes políticos que procuram a bênção para serem promovidos e para terem sucesso nas suas carreiras (2007, p.4-5, grifos do autor).

Outro personagem importante na vida do povo moçambicano é o feiticeiro que tem sua proliferação vinculada mais à prática de uma magia desvinculada do culto aos antepassados, do domínio da tradição e da sabedoria dos mais velhos. A feitiçaria está associada ao feitiço e à maldade, nunca ao bem. Couto, ao justificar comparativamente sua afirmação acima, acrescenta: “As práticas de feitiçaria são profundamente modernas, estão nascendo e sendo refeitas na actualidade dos nossos centros urbanos” (IDEM, p.5). Aliás, a ciência oculta é o ramo que mais polémica traz às pessoas na sociedade tradicional. Cipire responde, dizendo que o feiticeiro, segundo a tradição:

[...] não nasce como tal, resulta de uma eleição (predilecção) de um membro da família já feiticeiro e que decide engrossar a família de feiticeiros incluindo o elemento assim achado com melhores qualidades (“para tal tarefa”).[...] Alimenta-se da carne humana, anda durante a noite encarnado em animais e pássaros. Durante o dia o feiticeiro é um homem ou mulher, normal, simpático, disponível, solícito e de atitudes muito conciliadoras. As vítimas por ele abatidas morrem por doenças que ele distribui. (1996, p.28).

Acredita-se que o feiticeiro é a personificação do mal, o homem de olhar penetrante que age na calada das trevas, que fulmina a vítima e permanece oculto. Para Amaral, feiticeiros são “pessoas dotadas de poderes especiais, por vezes inconscientes, capazes de manipular mortiferamente a interacção vital e perturbar o equilíbrio e a harmonia universal” (2003, p.39). O feiticeiro é descrito como alguém

que possui dotes inimagináveis, isto é, o domínio do espaço, do pensamento e da matéria. Boucher acrescenta que os feiticeiros “são humanos, mas que ordinariamente operam fora de seus corpos. É difícil reconhecê-los. É necessário a ajuda do adivinho ou da ordália⁸⁹, se estão vivos” (1997, p.91). Outrossim, “Qualquer desgraça pode ser indigitada como sendo obra da feitiçaria: doenças, más colheitas, esterilidade, fracasso na caça, acidente e morte, etc” (IDEM, p.93). As pessoas acusadas “devem ser forçados a confessar e abandonar esses maus caminhos” (IBIDEM, p.92). Por isso, somente os curandeiros comprovados podem ver e escorraçar o feiticeiro, pois ele não existe em si, mas existe na crença feiticista.

Recordo que, ao voltar de carro para a Missão de Mangunde, no entardecer, e avistando uma coruja na estrada, os professores e funcionários que estavam comigo se apavoraram. Inocentemente perguntei o porquê de todo esse alvoroço. E um professor prontamente falou: “Irmão, uma coruja no telhado ou um morcego voando é anúncio de maus presságios, de notícias ruins, de desastres, de mortes próximas”. E o diálogo parou por aí. Olhando para a saúde, o país com mais de 19 milhões de habitantes e que possui apenas 5.770 enfermeiros, sendo 870 da província de Sofala, os quais atendiam em média 70 a 80 consultas diárias cada, não é difícil concluir que muitos desses presságios realmente se concretizem.

A isso poderíamos acrescentar que “em nome da pobreza”, o enfermeiro precisa estar aí para atender situações nada fáceis, tendo em conta as tradições milenares que atribuem as doenças sempre ao vizinho, ao mau olhado, ao feitiço, à inveja ou ciúme... e nunca ao desleixo e falta de higiene geralmente dele mesmo (BOHN, 2006d, p.60).

Entretanto, o africano moçambicano, mesmo da elite e/ou intelectualizado ainda não fez o divórcio com o passado. Assistia-se, nos meios urbanos, a uma proliferação do curandeiro, do exorcista, do adivinho. A descrição do bispo da igreja católica de Inhambane/MZ expõe o peso que o passado exerce sobre as pessoas:

[...] gente bem integrada na vida social urbana e o ocidentalizado não hesita em ver num acidente de estrada um acto mágico, efeito do “poder invisível” de um homem; quadros que atribuem a forças ocultas a perda de um emprego, de um lugar de destaque, de um processo judicial ou outro contratempo; a morte não tem outra explicação, para gente assim tão “evoluída” senão a feitiçaria (LANGA, 1991, p.13).

⁸⁹ É um tipo de prova jurídica usada para determinar a culpa ou a inocência do acusado por meio da participação de elementos da natureza (fogo, água) e cujo resultado é interpretado como um juízo divino.

Percorrendo a etnografia africana, encontramos uma variedade de mortes atribuídas à feitiçaria. Um clássico trecho de Evans-Pritchard explica como ela é entendida pela filosofia *Azande*⁹⁰: “Considerada como sistema de filosofia natural, ela [a feitiçaria] implica uma teoria de causas: a infelicidade resulta da feitiçaria, que trabalha em combinação com as forças naturais” (apud LARAIA, 2006, p.91). O *malogrado*⁹¹ acreditou tanto no poder da magia que acabou morrendo mesmo. Muitas curas ocorrem pela fé do doente, pela eficácia dos remédios e pela força do poder dos curandeiros.

Na tradição moçambicana, o curandeiro e o feiticeiro se comunicam com o espírito dos antepassados, mas, apesar de ser exercido pela mesma pessoa, diferem um do outro. O curandeiro é aquele que descobre a doença que a pessoa tem e sabe curá-la, liberta-a dos maus espíritos e a protege. O curandeiro é, na verdade, um paramédico, que tem o domínio do conhecimento prático ligado à natureza, às ervas, e que costumamos desprezar. O curandeirismo, em todas as culturas chamadas primitivas, está ligado à natureza, ao conhecimento sobre as ervas, chás, infusões, barros, águas e outras coisas simples utilizadas nessas culturas, mas contra o qual ainda viramos muito as costas.

No momento da independência de Moçambique, a FRELIMO sustentava a tese da existência de uma sociedade tradicional-feudal em Moçambique. Isso gerou posição de hostilidade, outras vezes de ambiguidade face à questão cultural. E sobretudo, no processo de construção de aldeias comunais, procurou combater, sem conseguir destruir, as estruturas e as instituições julgadas feudais, porque eram incompatíveis com o projeto de modernização da economia e da sociedade ou teria tolerado algumas delas durante a luta armada apenas por razões estratégicas.

4.2 Os ritos de passagem

Os ritos e as cerimônias são muito comuns nas sociedades tradicionais para pedir chuva, trazer paz aos familiares pela partida de um membro, sucesso político.

⁹⁰ Tribo localizada no Sudão anglo-egípcio, pesquisada por Evans-Pritchard durante a década de 1920, transformada num livro em 1955 e, depois, condensado em 1978. No Brasil, este foi traduzido pela Jorge Zahar Editor, em 2004, com o título de “Bruxaria, Oráculos e Magia Entre os Azande” com 256 páginas.

⁹¹ Nome com o qual é chamada a pessoa falecida na região de Beira.

Conforme a região e o clã variam quanto ao local. Na região de Sofala e no Sul de Moçambique, geralmente acontecem junto à campa dos antepassados ou dos defuntos. Nas altitudes da província de Tete, o culto faz-se junta à cova da jiboia na floresta. Ao Norte do país, as cerimônias de petição acontecem junto de uma árvore escolhida para servir de santuário da família. Em boa parte do país, essa árvore sagrada é o *embondeiro* (Figura 37).



Figura 37 - A imponente dos embondeiros - Changara, Tete, ago./2004.

Fonte: Acervo pessoal.

Os *embondeiros* elevam-se sobre a paisagem como verdadeiros monumentos vivos. Destacam-se pela capacidade de armazenarem água dentro do tronco⁹², desenvolverem-se em zonas áridas e serem árvores de folhas caducas. Seu fruto tem, no seu interior, um miolo seco comestível, sem líquido, de sabor adocicado com uma ligeira acidez. Na Missão de Mangunde, a Irmã e as internas faziam um *jam* (doce de colocar no pão) com a polpa branca do *malambe* (fruto), muito apreciado pelos visitantes e que ajudava na renda do internato feminino. Em Tete, vi muitos indivíduos utilizarem-na como alimento em tempos de escassez de comida, pois sua fruta é rica em vitamina C e sais minerais. Outros consumiam suas frutas e suas

⁹² Em certas regiões de Moçambique, o tronco desta árvore era escavado por carpinteiros especializados para servir como cisterna comunitária.

folhas como medicinais e na cura da malária. Por sua madeira não produzir anéis de crescimento, é difícil precisar sua idade. Testes feitos com carbono concluíram que chegavam a ter mais de mil anos de idade. O *embondeiro* pode ser a forma de vida mais antiga do continente africano. E por essa árvore colossal ser sombra e abrigo, fornecer água e comida para uma vasta lista de espécies, é reconhecida como a árvore sagrada por excelência.

Nas sociedades tradicionais, pertencer a uma comunidade requer o cumprimento de ritos, de normas e de passos dados em momentos significativos da vida. Os chamados ritos de passagem perpassam as mais variadas culturas da África negra. Por sua vez, as sociedades tradicionais africanas estão impregnadas dos mais diferentes ritos ligados ao nascimento, à escolha do nome, à iniciação ou passagem, ao casamento, à morte, e a tantas outras ocasiões que fazem parte dos vários ciclos da vida. O dicionário de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas sintetiza os ritos de passagem em quatro: “nascimento, consecução do status de adulto, casamento e morte” (1986, p.1081).

Ullmann afirma que os ritos de passagem “são celebrações em que se põe em relevo a mudança de um estado para outro. [...] dizem respeito a eventos marcantes da vida” (1991, p.144). Em se tratando de Moçambique, é o conjunto de cerimônias prescritas para esses quatro momentos da vida do indivíduo. Os ritos assumem geralmente duas funções: unir os membros de um mesmo grupo social e/ou de duas famílias e realizar trocas econômicas. Entretanto, em meados do século passado, começaram a ser combatidos pelos colonizadores e pelo cristianismo, todavia ainda aparecem como prática em alguns meios rurais.

Um ser africano tem momentos importantes na vida. Cada um desses momentos vitais é constituído por partes, tendo sua importância e sua especificidade. Os quatro ritos de passagem são tão carregados de significado e de sentimentos que a família nuclear é incapaz de vivê-los, necessitando da solidariedade da família alargada e da sociedade.

4.2.1 O nascimento

A humanidade sempre buscou explicações para as situações extremas como o nascimento e a morte. O nascimento é a entrada para luz, para o mundo dos vivos. Azcona em seu livro “Antropologia II – A Cultura” narra o nascimento de uma aché

com todos os ritos e consequências para aldeia indígena⁹³. Ullmann afirma que em algumas sociedades tradicionais “A mulher continua seus afazeres até poucas horas antes de dar à luz. Chegada a hora, retira-se, a sós, ou acompanhada de algumas mulheres. Ocorre o nascimento. Muitas vezes, no mesmo dia, ela retorna a suas ocupações normais” (1991, p.148).



Figura 38 - Casa de espera das gestantes de Mangunde - Chibabava, abr./2006.
Fonte: Acervo pessoal.

O Posto de Saúde da Missão de Mangunde possui uma Casa de Espera (Figura 38) onde as senhoras prestes a conceber ficavam aguardando o dia. Vemos cinco senhoras grávidas, envoltas com suas tradicionais *capulanas* coloridas, posando com a Irmã Palmira, religiosa comboniana portuguesa, por onze anos diretora do hospital. Sempre havia alguma senhora aguardando a proximidade do parto. Três enfermeiras acompanhavam as parturientes na gestação e atendiam o serviço de parto. Geralmente as senhoras estavam sozinhas. Quando do início das contrações, tomavam um chá de uma planta tradicional que acelerava o nascimento do feto. Somente iam para a sala da maternidade quando já entravam em trabalho

⁹³ AZCONA, 1993, p.59-61. Nas páginas seguintes (p. 62-65) ele anota que os rituais do nascimento remontam ao rito das origens dos ache, e narra como é a sua integração na sociedade.

de parto. E aí a sessão dificilmente chegava à meia hora. E logo mais, a própria parturiente levava a placenta e fazia o ritual ao jogá-la numa fossa conhecida como placentário. Posteriormente, a maioria caminhava sozinha até a beira do Rio Búzi, distante 300 metros da maternidade, para tomar o seu banho. E em dois dias geralmente retornava para a casa, na maioria das vezes, a pé. “Após o parto, há, entre certas tribos, vários procedimentos com respeito à mulher: isolamento do resto da comunidade, por certo tempo, banhos purificativos, corte do cabelo, presentes de arroz, etc”, confirma o próprio Ullmann (1991, p.149). Quando uma criança nasce morta⁹⁴, o enterro da placenta só pode ser feito por mulheres mais velhas, sem a presença do homem, e acompanhado de rituais para prevenir que não aconteça novamente.

Não existe planejamento familiar mais adequado devido ao analfabetismo, à falta de orientação e a outras situações culturais descritas acima. Geralmente, as mulheres não aceitam os métodos anticoncepcionais. Aprendem na iniciação que a vida é dom de Deus e ninguém pode impedi-la ao novo ser. É desejo dos ancestrais que se tenha uma numerosa prole.

Uma questão primordial que sucede ao nascimento é a escolha do nome. Nas sociedades tradicionais, o nome de que uma pessoa é portadora merece considerações especiais, pelo significado, pela importância e pela complexidade que o mesmo assume. O nome é a essência, a identidade da pessoa. É o que torna alguém único e, ao mesmo tempo, o integra à humanidade. Por isso, o nome é muito mais do que um conjunto de letras num documento. A imposição do nome introduz a criança no mundo dos adultos, mesmo que isso a mantenha como um indivíduo estranho e que necessite fazer a sua inserção gradativa.

Alguns princípios para dar o nome são essenciais. A começar, isso só ocorre após oito dias, pois, segundo as crenças moçambicanas, dar o nome antes ou preparar o enxoval podem provocar a ira dos antepassados e ameaçar a sua vida neste mundo: “A preparação do enxoval e escolha formal do nome são tabus considerados suficientes para fazer fracassar o nascimento” (LANGA, [1993], p.7). O nome ajunta dois atos: “A leitura da história que esse ser (criança) percorreu, desde os seus antepassados até aos seus progenitores directos e ele próprio. Por outro lado, o nome é uma profecia do futuro dessa criança”. (IDEM, p.10). Uma vez que os

⁹⁴ Mais conhecido por *nado morto*.

pais são apenas os guardiões imediatos desse filho que pertence à família alargada, a escolha é um assunto reservado à família, mas a iniciativa do nome pode partir de qualquer um e até da própria criança.

A estrutura do nome obedece às leis do sistema familiar da sociedade *patrilinear* vigente no Sul de Sofala, onde o homem assegura a continuidade da linhagem de uma família. Assim, o primeiro nome é acompanhado do nome do pai e do seu sobrenome. O segundo nome dá a legitimidade da paternidade. Filho ilegítimo é aquele gerado sem o casamento.

A criança que nasce de um adultério pertence ficticiamente ao marido legítimo da mãe, até o amante pagar uma indenização. Em casos de doença ou em momentos vitais, o pai biológico é chamado a assumir a criança; e se pagar a indenização, pode levá-la após o desmame. O filho de uma viúva pertence juridicamente ao marido falecido e por isso deve ser registrado no nome dele.

Tanto quanto tomei conhecimento, podia-se omitir o nome do pai, mas não o sobrenome. O *apelido*⁹⁵ contém a pessoa, sua família, sua raça e/ou tribo e sua localização no espaço. A falta do sobrenome deixa marcado o filho por toda a vida: “Ele parece-se com aquilo que na realidade não é, por incúria ou negligência do pai!” (IBIDEM, p.30). Perder o *apelido* equivale a perder o verdadeiro nome, a sua identidade. Assim, os adultos também podem ser chamados pelo *apelido*, mas tradicionalmente a mulher não é chamada pelo sobrenome paterno.

Se nós ocidentais já nomeamos a criança antes de nascer, na cultura africana a “imposição” do nome é algo rodeado de tabus e de regras. O nome deve exprimir uma qualidade característica ou descritiva e geralmente tem relação com o antepassado de quem se pensa que descende a criança. Eis por que a escolha se deve fazer com cuidados. Contudo, em nossos dias, muitos nomes já têm a influência cultural do colonizador europeu e das religiões que, aliás, já são das mais diferentes denominações.

4.2.2 A puberdade

A puberdade, simultânea à adolescência, é caracterizada pelo crescimento dos pelos pubianos, axilares, torácicos, aumento da massa corporal, desenvolvimento

⁹⁵ É o sobrenome da pessoa.

das mamas, evolução do pênis, menstruação. Paralelamente, surgem dúvidas e vontades. Tudo é vivido intensamente e muda muito rápido: opiniões, ideias, comportamentos, humor. Essa fase caracteriza-se pelo afastamento do seio familiar e consequente imersão no mundo adulto. À medida que os vínculos sociais vão se estabelecendo, um novo conjunto de valores vai sendo desenvolvido.

Nas cidades, com o surgimento da era virtual e a ocupação dos espaços comuns, o adolescente está mais em casa, mas isolado da família, assistindo televisão e navegando na internet ou está perambulando pelos *shoppings*. O anseio por novas experiências e novas sensações, a necessidade de autoafirmação e independência, a rebeldia provocada pela sensação de independência e poder, os novos conjuntos de valores, quase sempre contrários aos anteriores, provocam confrontos e conflitos entre gerações. A autoridade é contestada ou reconhecida em seus ídolos. A verdade é que a adolescência é marcada pelo início do desenvolvimento pessoal, pela maior eficácia intelectual, pelo aumento da concentração, pela seleção personalizada de informações e de valores, pelo aumento da memorização e pela ampliação da linguagem.

Em todas as culturas há conceitos, normas, regras e comportamentos sociais. Todas as pessoas riem, mas o fazem de maneira diferente por motivos diversos. E assim existem maneiras culturais próprias de sentar-se à mesa, alimentar-se, utilizar e manusear os talheres, as mãos, os palitos. Diante disso, nas sociedades tradicionais, há ritos específicos para o menino e para a rapariga quando da chegada à puberdade. Esses ritos são realizados fora da comunidade com anciãos e/ou anciãs, onde aprendem as regras básicas da vida adulta. No final, há como que uma festa de *debut* para recebê-los de volta à aldeia, aptos para empreenderem as responsabilidades da vida adulta. Conquanto, o respeito pela dignidade humana é uma característica sempre presente na sociedade tradicional:

Por trás de algumas aberrações e de certos ritos violentos pode-se aduzir a idéia do respeito pela pessoa como um dos maiores valores que caracterizam a África. Vemos que o africano possui uma enorme capacidade de suportar injustiças, porque nele prevalece a imagem da sacralidade de toda pessoa. Em muitas etnias, o período de iniciação consiste numa longa preparação para pronunciar o nome do Homem com o máximo respeito. O respeito pela pessoa exige que a todos seja dada a possibilidade de ter um papel preciso na sociedade. É lindo e comovente ver em algumas etnias que, durante a festa, os aleijados, os corcundas e os estropiados têm o privilégio de iniciar as celebrações, desfilando, fazendo uso da palavra e tocando instrumentos musicais adaptados à sua deficiência (BOHN, 2004e, p.35-36).

Nas tradições moçambicanas, quando chega à puberdade, a partir dos ritos de iniciação, as pessoas são educadas sistematicamente para a sabedoria do grupo: usos e costumes, conhecimentos e técnicas, ritos e mitos, cultura e história de seus antepassados, pertencer e partilhar do mistério. Conforme Oliveira, na iniciação da menina:

Ensina-se o respeito pelo marido, pais, sogros e pessoas mais velhas; higiene em relação à menstruação; formas de tratamento “eficaz” do marido; realização das atividades domésticas; como cuidar dos filhos; conservação da virgindade até o matrimônio, períodos de abstinência sexual; menstruação, gravidez, pós-parto. Enfim, que deverão recluir e desconfiar dos homens (2002, p.36).

A menina é educada para a concepção e a gravidez, para ser mãe e esposa, autorizando-a a fazer perguntas e receber conselhos da mestra, avó, tia paterna ou cunhada, bem como, a cuidar dos seus irmãos menores, experimentando o ofício de mãe. As avós ou a mãe a orienta a não ficar sozinha com um menino, pois esse tem intenção diferente de uma simples amizade, quer logo a relação sexual para procriar. Quanto ao menino, o conteúdo do ensino:

[...] são os deveres e virtudes que se relacionam com a própria pessoa, como coragem, prudência, limpeza, modéstia, recato, laboriosidade. Os segredos das relações interpessoais são amor à esposa e aos pais, sem os quais os jovens não entrariam na corrente da vida. Deveres para com a sociedade: obediência às autoridades, hospitalidade e solidariedade com todos. Ensina-se a veneração devida aos mortos e antepassados e o que precisa saber sobre a vida sexual (IDEM, p.36).

O rapaz é preparado para a vida social e política, não podendo mais ficar na dependência da mãe, precisando fazer novas amizades, assumindo a responsabilidade por seus irmãos mais novos, acompanhando o pai ao campo, indo às cerimônias fúnebres e às celebrações civis e religiosas, enfrentando com altivez as situações difíceis da vida, preparando-se para a paternidade. Em outras palavras, a partir do ritual, precisa assumir postura de homem, buscar uma companheira para casar.

A inclusão social de alguém sempre acontece através de rituais que traduzem formas diferenciadas de pertencer a um grupo ou a uma sociedade. Os ritos variam conforme os contextos sociais, as épocas históricas e as práticas que constroem essa ou aquela identidade. A própria vida é arranjada e acertada por pequenos

rituais: a entrada na escola, o primeiro amor, o casamento, o primeiro filho, a morte. São carregados de uma simbologia identitária que os legitima no grupo social.

No centro de Moçambique, a *iniciação* refere-se a um conjunto de ritos e de ensinamentos orais, cuja finalidade é produzir uma radical modificação no estatuto social e religioso da pessoa que é iniciada; também é um conjunto de práticas e de ritos que consagram a passagem de um indivíduo, ou de um grupo de indivíduos, de uma condição de vida para outra. Entre os povos primitivos, marca a passagem do estado puberal ao estado adulto. Nas religiões esotéricas, assinala a passagem do mundo profano para o sagrado. O termo *iniciação*, especialmente no tocante à realidade que ele exprime e evoca, ainda não foi plenamente assimilado pelos cristãos⁹⁶.

Etimologicamente, é o processo ou a série de processos correspondentes às diversas classes de idade com que os jovens são iniciados nos ritos, nas técnicas e nas tradições da tribo, e preparados para a admissão na comunidade dos adultos. Por isso, são elementos característicos do fenômeno da iniciação:

- a) A segregação. Toda iniciação traz consigo um elemento de separação e de rompimento com o ambiente ordinário para entrar num lugar até então desconhecido com mundo anterior. O iniciado deverá morrer simbolicamente para a existência anterior e iniciar uma vida nova, qualitativamente diferente. É deslocado da vida da comunidade para a mata e sem contato com os seus familiares é circuncidado; as meninas vão para a casa da avó ou numa palhota construída para tal com as mestras;
- b) A iniciação aos mitos. O iniciado é introduzido na história da comunidade, em suas origens, para aprender de forma concentrada os princípios da doutrina, os seus elementos ético-práticos. É o período dos ensinamentos sobre os mistérios dos antepassados e sua sabedoria e as responsabilidades da vida adulta. Essa transmissão normalmente é feita por pessoas idosas, os quais têm, como tarefa, iniciar a nova geração com a sua maturidade e a sua experiência;

⁹⁶ No cristianismo termo "iniciação" é carregado de certo preconceito, uma vez que é comparado normalmente às religiões afro-brasileiras ou mesmo aos centros espíritas. Desta forma, os cristãos católicos se esquecem de que também devem passar por todo um processo de iniciação à vida cristã, inclusive com ritos de iniciação. A ausência ou falha desta iniciação no catolicismo é que gera uma vida cristã de prática ocasional.

- c) As provas e ritos iniciáticos. De forma simbólica e ritual, o iniciado é convidado a *morrer* para assim poder renascer transformado para uma nova existência. É a prova na qual deve demonstrar a sua capacidade de resistência. Por isso, os ritos são geralmente do tipo funerário: despojamento das roupas e vestígios do acampamento, aprisionamento, incisões, lacerações, queimaduras e circuncisão. O despojamento das roupas significa o fim da vida anterior e o início de uma nova vida junto aos seus, como também significa o luto dos familiares que perderam a vida com o estágio anterior;
- d) O retorno ao mundo como uma pessoa nova. Uma vez superadas as provas, o iniciado volta à vida, mas já transformado por dentro. O novo nascimento o integra numa comunidade, numa história, numa tradição religiosa, como membro de plenos direitos e deveres. Agora o indivíduo é *adulto* e, portanto, poderá ser iniciado nos ofícios e trabalhos próprios da comunidade. É então capaz de assumir responsabilidades, responder pelos seus atos.

A importância desse momento também se reveste de tensão, pois os pais não sabem se o filho/a filha sobrevive às provas. Tradicionalmente, caso não retornar, é norma os pais não ficarem tristes ou de luto, pois o iniciado não estava preparado para resistir às dificuldades que o mundo adulto lhe traria. Hoje, os ritos de iniciação já estão hibridizados.

Qualquer iniciação é uma formação progressiva, dá um contorno, situa alguém no tempo e no espaço, o qual será fruto de um conteúdo assimilado e bem determinado. Pela sua natureza, a iniciação tradicional é uma verdadeira experiência porque transforma a pessoa, tocando as fibras mais sensíveis da pessoa humana. É também espiritual, pois transcende a dimensão do visível, do explicável, do palpável.

Não é por acaso que as iniciações negro-africanas se dão fora da aldeia. Na sua visão cósmica, existe uma geografia iniciática do processo de formação progressiva. Não faz sentido iniciar alguém na aldeia. Os ritos não se fazem no mesmo lugar e no mesmo espaço onde se vive, pois a aldeia é o lugar conhecido dos seres humanos, ao passo que o mato é um espaço desconhecido, sombrio, misterioso. É preciso arrancá-lo do conhecido para o desconhecido, da aldeia para o mato, para revelar-lhe os mistérios da vida.

A iniciação africana leva a uma entrada na sabedoria da tradição dos antigos. É uma experiência estruturada ao redor dos antepassados, os verdadeiros iniciados, aqueles que estabeleceram para as gerações aquilo que devia ser. “Os ritos de iniciação são o verdadeiro nascimento do indivíduo como pessoa” (OLIVEIRA, 2002, p.34). Ensinam o que cada um deve ser, pensar, falar e experimentar. Todavia, “a transformação social e a supressão drástica destes ritos levou a nova geração a perder sua referência moral, sócio-cultural e religiosa” (IDEM, p.37). As mudanças relativas ao período colonial e pós-independência e a guerra contribuíram para a construção de um vazio cultural entre os novos moçambicanos.

Grande parte dos jovens pouco sabe falar da sua cultura ou da importância que ela exerce na vida da família e do grupo. Impediu-se a toda uma geração o contato com aquilo que de mais rico e autêntico possui um povo⁹⁷. As causas dessas mudanças são muitas e complexas e vão desde a guerra, deslocamento e desestruturação familiar e a influência maior de espaços e dos valores da modernidade.

Osório expõe melhor a questão, quando escreve que: “[...] os ritos perderam o seu carácter sagrado, secreto e de partilha, para se transformarem num bem de troca, bem este cujo valor depende do mercado da oferta e procura. Os ritos são hoje serviços pagos (e bem pagos), e quanto mais tempo e mais completos forem, mais caros são” (2008, p.2). Pessoalmente, apenas ouvi referências, mas nunca presenciei a questão levantada por Osório.

É verdade que o conteúdo, as formas, os locais e as pessoas que dirigem os rituais mudaram. “No entanto algo se mantém: as meninas aprendem que existem para servir: na cozinha, na cama e na machamba” (IDEM). Aliás, o ensino que é dado à mulher é uma das questões que sofre críticas: ser um ausente mesmo sendo sujeito, um ser para o outro, o marido. E Osório vai mais fundo na questão:

Porque os ritos influenciam negativamente no acesso e permanência das raparigas na escola, o Estado tem procurado dar respostas, conciliando, por um lado, o calendário escolar com as cerimónias de iniciação e, por outro lado, retirando dos ritos a aprendizagem sexual, considerada a sua carga mais negativa. Tudo o resto pode manter-se: o ensino da obediência cega aos adultos, o não questionamento das imposições dos mais velhos ou com mais estatuto e acima de tudo, que “estudar é bom, mas o bom mesmo é arranjar marido, ter casa e ter filhos” (2008, p.2, grifo da autora).

⁹⁷ Uma descrição mais aprofundada desta mudança se encontra em Oliveira, 2002, p.37-46.

A partir dessa análise de Osório muitas inquietações podem ser levantadas. Para que servem então os ritos, se a aprendizagem sexual, uma das componentes fundamentais dos ritos de iniciação feminina, foi retirada pelo Estado? Se a função dos ritos é formatar a identidade feminina com base na estrutura de dominação, o que significa o Estado ratificar e legitimar a existência de práticas que acentuam e defendem a desigualdade entre mulheres e homens? Como resolver a contradição entre ritos que ensinam e se fundamentam na passividade da mulher, com a finalidade social da escola e da aprendizagem que requer participação? Como é possível ser uma cidadã ativa e consciente, se o que se ensina é a obediência e o medo à autoridade suprema do mais velho, do mais sábio e do mais poderoso?

A cultura e as tradições de algumas regiões impõem que as meninas celebrem os ritos de iniciação logo que entram na puberdade. Consequentemente, as meninas já ficam preparadas e orientadas para o casamento, apesar de demasiado novas. Sem qualquer tipo de planejamento familiar, engravidam imediatamente, situação que se repete anualmente. Devido às distâncias dos centros de saúde, os partos são frequentemente realizados por parteiras tradicionais e sem as condições adequadas de higiene. As sucessivas gravidezes deterioram dramaticamente a saúde dessas meninas-mães e as afastam da escola.

As literaturas sobre as boas maneiras, em geral abordam normas comportamentais pessoais, na família, na mesa, fora de casa, na sociedade, na igreja, nas instituições escolares e internatos, no trabalho e em todas as relações que isso implica com pais, irmãos, mais velhos, professores, autoridades, superiores. Interessante que também alertam para o planejamento futuro: ter objetivos na vida, ter uma filosofia e um estilo de vida, fazer-se orientar por conselhos seguros de pessoas idôneas, bem como desenvolver as habilidades pessoais, evitar o álcool e as drogas.

Por isso, hoje, na região central de Moçambique, são oportunizados encontros de quatro dias de boas maneiras aos alunos/as das escolas pelo Centro de Formação Nazaré, em Beira (Figura 39), nos quais os adolescentes são conduzidos e *iniciados* por pessoas de idade e idôneas e que conheciam os princípios básicos de boa conduta da cultura tradicional *ndau* e/ou *sena*. A tomada de conhecimento das regras de conduta acontecia à sombra de uma árvore. Os homens estão sentados em cadeiras. As mulheres e os demais, no chão sobre esteiras. Há uma

separação de meninos e meninas. Ninguém usa calçado, pois ao subir numa esteira todos são ensinados, em sinal de respeito e de educação, a tirar sempre o calçado.



Figura 39 - Curso de Boas Maneiras – Beira, nov./2004.
Fonte: Acervo pessoal.

Para Kiura, “a geração futura depende da fundação que estabelecer...” (2005, p.49). As Boas Maneiras “é uma arte necessária para ajudar a pessoa a comportar-se de uma maneira agradável com os outros. É uma arte muito necessária, especialmente porque um ser humano é um ser social” (IDEM, p.4). Por exemplo, tradicionalmente as crianças não deviam andar com os adultos e jamais escutar as suas conversas; não era permitido ingerir bebida alcoólica antes de casar; havia um tipo de roupa específica para cada classe: crianças, adolescentes, adultos e velhos; levantar quando o professor, uma autoridade ou uma pessoa sênior entrasse em sala de aula; tirar o chapéu e inclinar-se em atitude de respeito ao cumprimentar os mais velhos.

Na maioria das comunidades tradicionais africanas, existem normas fixas de comportamento entre os diferentes grupos de idade. O não cumprimento faz sofrer e passar vergonha, ou seja, a comunidade sente-se lesada.

Os valores transportados para um contexto urbano, correm risco não só de desaparecerem, mas até mesmo de se converter no seu oposto. O respeito à autoridade pode degenerar em cega obediência a um tirano ou descambar para a incapacidade de analisar criticamente as situações. O sentido da tradição em fanatismo (BOHN, 2004e, p.36).

Essa constatação revela o quanto os valores tradicionais, quando levados ao extremismo, podem ser e foram desvirtuados. E há exemplos de ditaduras por todo continente africano. O bem senso é fundamental para o equilíbrio. Kiura alerta que ter esmero, asseio e discrição é essencial, pois “a humildade e o bom senso enaltecem as boas maneiras” (2005, p.10). À mesa “é bom respeitar a ordem dos lugares segundo a tradição da família” (IDEM, p.27). Além disso, considera fundamental que cada um desenvolva uma autoimagem positiva de si, tenha dignidade e respeite os outros em seus sentimentos, suas privacidades e suas propriedades.

4.2.3 O casamento

Nesse rito de passagem, desejo identificar e sublinhar a iniciação ao rito de passagem chamado casamento e como o ato educativo da preparação para a vida familiar acontece: o envolvimento da *família alargada* na escolha dos parceiros, as várias etapas do processo matrimonial, a instituição do *lobolo* e da poligamia; o costume do *levirato* e o cuidado das viúvas. E não será contundente afirmar que, apesar de cada cultura ter a sua própria maneira de compreender, interpretar e viver essa realidade, o essencial que todos procuram no casamento é a felicidade, a segurança, a procriação e a partilha de vida.

“Com efeito, a família é a primeira célula não apenas da comunidade eclesial viva, mas também da sociedade. Na África, de modo particular, a família representa a base sobre a qual está construído o edifício da sociedade”, diz João Paulo II (1995, p.84). No entanto, Kalilombe denuncia o desaparecimento da desintegração das relações sociais matrimoniais, e as pessoas implicadas são chamadas para fazer escolhas e decisões pessoais:

A maior parte dos problemas que afectam o matrimónio e a vida familiar são devidos à desintegração da vida comunitária tradicional. Os vários costumes e procedimentos que se usavam para fortalecer a instituição do matrimónio estavam enraizadas na experiência do povo vivendo juntos como uma entidade corporativa: família alargada, aldeias, clã e outros. Dentro destas

comunidades os parceiros matrimoniais podiam encontrar orientação, apoio e objectivos (2001, p.66.67).

O escritor egípcio Eric Hobsbawm (2001), no capítulo sobre a revolução cultural do livro “Era dos Extremos: O Breve Século XX” fala sobre a família e o seu papel nas culturas antigas, e a substituição dessa cultura por outra em que a proteção das crianças e dos velhos passou ao estado do Bem-Estar Social. Hoje, o estado do mercado não quer mais fazer, isto é, ninguém faz, porque a antiga família protetora está desintegrada ou foi desestruturada pelo advento do capitalismo.

Questão essa que não diz apenas respeito ao contexto moçambicano, pois, como a sociedade atual vive em contextos novos e paradigmáticos, a cultura está em processo constante de mudança, as famílias e o próprio matrimônio estão à mercê da situação social, cultural e econômica. Em Moçambique, presenciei inúmeras situações: meninas ficarem grávidas, sem, no entanto, formarem uma família. Raparigas abandonarem o internato e a escola nos intervalos do ano letivo para se casarem, pois haviam sido *loboladas* pelos pais. Outras diziam que seu “*namoro não era oficial*”, pois o namorado ainda não havia sido apresentado aos pais. Ainda outras não podiam casar porque os pais não haviam aceitado o *lobolo*. Chiziane descreve assim o significado e a importância do *lobolo* para uma mulher moçambicana:

Todas as mulheres gostam do lobolo, mesmo as feministas do extremo. Porque dignifica. Dá estatuto. Prestigia. Porque, no dia do lobolo – casamento, a mulher sai da invisibilidade, o anonimato, e se torna o centro das atenções, rainha da vida. Porque a sociedade inteira fica a saber que conta com mais uma mulher adulta, séria, digna, com mais uma família, um lar [...], lobolo é casamento (2000, p.90).

Sim, todas as mulheres gostam e exigem o *lobolo* como uma compensação social, por ser uma garantia de estabilidade do casamento e uma aliança entre duas famílias para uma troca de serviços. Sarpong acredita que “a indissolubilidade do matrimônio é algo que é como um ideal em muitas sociedades africanas. Entre os povos patrilineares, o dote é um esteio para um matrimônio firme e estável” (2001, p.99). Assim sendo, nas sociedades africanas *patrilineares*, em especial, é muito difícil que um casamento se desfaça. Nas *matrilineares*, o divórcio é mais frequente, talvez porque o *lobolo* é bem menor. Contudo, o matrimônio permanece como um

ideal em ambas as sociedades. Olhemos para o papel do *lobolo*, que desempenha três fatores, segundo Cipire (1996, p.59-64):

- a) Econômico: cedendo a outra família a capacidade criadora de um de seus membros femininos, necessita ser compensada pela perda, pois ela deixa a povoação; a tomada de responsabilidade do marido pela manutenção e bem estar da mulher;
- b) Moral: a menina *lobolada* recebe fiscalização, bem como a legitimação dos filhos gerados pela mulher *lobolada* para pertença do marido; recebendo os filhos que irão nascer desse novo lar têm mais carinho e mais cuidados; pois, o *lobolo* dá honra para a mulher;
- c) Social: em caso de perda da vida do marido, a mulher *lobolada* e seus filhos recebem proteção da povoação.

Sarpong acrescenta o fator sagrado: “um matrimônio solenizado com o dote torna-se uma realidade profundamente sagrada” (2001, p.111). O pagamento completo do *lobolo* pelo noivo garante segurança à noiva que é entregue a ele para ir morar na sua família. O *lobolo* estabiliza o casamento. Um arranjo matrimonial sem *lobolo* é considerado irregular e uma injustiça aos dois clãs. Em casos assim, muitas vezes, a família chega a fazer o pagamento póstumo.

Uma identidade matrimonial só é plenamente realizada na união entre um homem e uma mulher. Hoje, com a globalização de tudo, a questão da homossexualidade pode ser vista de um modo diferente a partir de culturas não africanas. Mas, segundo a concepção tradicional africana, só se é totalmente humano numa relação homem-mulher. A relação homem-homem ou mulher-mulher não plenificam. Para o povo moçambicano, a força vital depende de uma sã sexualidade entre o homem e a mulher: homem-mulher-filhos.

A Figura 40 retrata um casal nupcial, antecedido pelo casal de filhos, que como aias, trazem as almofadas para as cadeiras nas quais os nubentes irão sentar, e seguido pelos pais da noiva e do noivo, padrinhos e familiares na chegada ao local do almoço, após o casamento religioso. Tudo é revestido de muita solenidade. Percebe-se que uma profunda alegria é deixada transparecer pelo pai da noiva e pelos demais familiares. Vem à lembrança dos fatos e das situações orais, que nos casamentos tradicionais, antigamente, era costume exigir provas de virgindade. Para isso, nessas ocasiões, a noiva era introduzida na *palhota* da família do noivo, para que um grupo de senhoras pudesse verificar a veracidade. A comprovação com ervas tradicionais era anunciada por uma das mulheres aos demais com uivos. Em

seguida, a noiva, vestida de *capulana* e com os seios por cobrir, dançava para todos os presentes. Segundo os mais idosos, esse era o momento mais importante e esperado e que dava efetivamente início à festa do casamento.



Figura 40 - Chegada dos noivos e familiares ao local da festa – Beira, abr./2005.
Fonte: Acervo pessoal.

Lopes, professora de Economia da UEM, constata a atualidade e a importância do *lobolo* em Moçambique, tanto para a mulher como para a sociedade, e o distingue das tradições estrangeiras e, por isso, apela a adaptações para garantir a sua preservação:

[...] é uma tradição a que deve ser dada continuidade. Contudo, uma adaptação deve ser feita à vida atual nas cidades: ele deve ser mais rápido e menos dispendioso. Além disso, importa assinalar a enorme relevância atribuída a esta cerimônia do *lovolo*, em que a troca permite o recebimento da mulher dum outro homem (aliado). Esta forma de legitimação do casamento tradicional é muito mais do que um costume antigo, ela é o símbolo da aceitação do *xiloso* (apelido) do marido para os futuros filhos. É uma forma de introduzir os filhos junto aos antepassados da família, para que os mesmos sejam aceitos e se estabeleça essa ponte de ligação dos novos membros com o sobrenatural. A evocação aos antepassados é realizada através da cerimônia do *mhamba* (missa). Os antepassados serão evocados sempre que seja necessário para pedir apoio ou simplesmente agradecer os favores concedidos, apresentar novos membros da família, comunicar qualquer acontecimento significativo da vida dos vivos! O *lovolo* é uma cerimônia herdada a que deve ser dada continuidade, pois retrata a singularidade da cultura dos povos do Sul de Moçambique, face a todas as

outras formas ou rituais de casamento, trazidas pelas tradições culturais européias e asiáticas (LOPES, [2001], p.9).

Como anotado anteriormente, o *lobolo* é, em especial, uma característica herdada do sistema *patrilinear*. A origem do *lobolo* tem uma vinculação com o valor que é dado à mulher. É ela que trabalha a terra. Nesse contexto, a mulher é um bem material, além dos direitos e das obrigações. Cipire descreve melhor o contexto:

A mulher tradicional é reduzida pelo marido a simples criada, para servir em tudo, satisfazendo-se todas as suas necessidades, passando ele a vida o mais cômodo e indolentemente possível, dormindo repimpado na sua cadeira de lona. Uma mulher divorciada, viúva, desde que se entregue aos trabalhos agrícolas encontra sempre um marido para lhe poligamar (1996, p.58).

O fato de o casamento ser a *realização* da sociedade moçambicana tradicional, que o reveste de tanta importância, faz com que seja uma das cerimônias que aparece quase inalterável em relação ao passado. Assim, o casamento tradicional, celebrado entre os familiares dos noivos, respeita regras da tradição sem esquecer que muitos realizam também o religioso (Igreja) e o civil (Registro Civil). Mesmo assim, não faltam as tradicionais brincadeiras: “[...] quando alguém casa, é tradição, passarem a noite inteira cantando cantigas de gozação para a família do noivo que agora precisa sustentar a noiva. É muito interessante!” (BOHN, 2004b, p.26).

Outra situação é o *levirato*, ou seja, costume pelo qual uma viúva casa com o irmão do seu falecido marido. Os filhos que nascerem da situação de *levirato* são considerados filhos do falecido e não do genitor, por aquele ter pago o *lobolo*. O *levirato* faz parte geralmente de um acordo feito entre duas famílias e não entre os indivíduos, quando os dois eram crianças.

Há também um rito cultuado em algumas comunidades do interior de Sofala conhecido por *kupatira*. Consiste na identificação de uma *rapariga* por parte dos pais de um determinado rapaz e reserva para fins matrimoniais. Ou quando uma criança do sexo feminino nasce, um homem adulto e até casado a escolhe para ser sua futura segunda ou terceira esposa. Ou mesmo os próprios pais da criança-menina voluntariam-se para entregá-la, devido a situações de dívida ou de pobreza. Essas raparigas, mesmo antes de se tornarem donzelas, passam a contrair relações sexuais prematuras, alegadamente para se habituarem ao cotidiano de uma mulher casada. Em consequência, muitas são impedidas de frequentarem a escola.

Nas sociedades africanas em geral, como a de Moçambique em específico, somadas aos aspectos acima citados, encontram-se as relações com o sobrenatural, o sagrado, o místico, o espiritual. A instituição família/matrimônio está naturalmente dominada pelo divino, pelos espíritos dos antepassados, pelos poderes e pelas forças sobrenaturais. “Para enfrentar a sua situação vital, o povo desenvolveu uma cultura na qual se dava muita importância às relações sociais e aos ligamentos com o mundo dos poderes invisíveis”, segundo Kalilombe (2001, p.60). A busca dos poderes e das crenças no mundo invisível e no sagrado fundamenta as sociedades tradicionais. O seu vínculo com os antepassados é que torna tudo sagrado.

4.2.4 A morte

Ninguém escolhe a sua morte, mas pensar na morte e na sua preparação é uma verdade que todos os povos tratam. Para Zubería, a morte traz atitudes e sentimentos “de dor, de fraqueza, de incapacidade, de submissão e, finalmente de aceitação” (2003, p.15), diferentes da vida normal. A morte parece enamorada da vida.

Dia 18 de maio, aqui de Beira, faleceu o Pe. Djunja [...]. Ficou mais de um mês hospitalizado com pequenas melhoras. Tinha 35 anos e 3,5 de padre. O enterro foi no sábado, dia 22, com missa ao meio-dia seguido do enterro. Nunca havia visto tanta gente num enterro: mais de 10 mil pessoas, e todas entraram por um portão no cemitério. Quanta empurra-empurra, desmaio, silêncio... diante da campa (sepultura). Foi um golpe duro para a Arquidiocese. Um dos formandos [também] teve duas infelicidades em uma semana: numa faleceu seu irmão de 23 anos e na outra o mais velho de 25 anos. Sintoma de ambos: diarreia. [...] E quantas infelicidades envolvendo pais e/ou encarregados de alunos. E as cerimônias precisam ser realizadas com todos os familiares: pais, irmãos, primos, tios, avós... Quantos alunos ausentes na escola quase que diariamente por infelicidade. Ainda ontem faleceu a filha de 17 anos do professor Salgado durante uma cirurgia (BOHN, 2004e, p.34).

Apesar da familiaridade com a morte, ela sempre foi um grande ponto de interrogação e um desafio para a humanidade. Para o africano, a morte é um mistério incompreensível por se situar entre o mundo dos vivos e o mundo dos espíritos. Apesar de tantas formas e tentativas de familiarizar-se com ela, sempre traz consigo o signo da desgraça, da dor e do fracasso.

Dia 12, foi a enterrar o Pe Manuel Mucauro, na Beira, o 1º padre da Arquidiocese da Beira, ordenado em 1964 com um colega, Pe. Mateus, o

qual foi morto durante a guerra da independência em 1969 na Tanzânia. Durante a guerra estudou Medicina na Itália e desde 1985 atuava como médico-pediatra no Hospital Central da Beira além de ser atualmente Vigário Episcopal. Andou doente de tuberculose e câncer de próstata. Era o decano da Arquidiocese com 75 anos. Foi uma grande perda. Atendeu a Paróquia São Benedito do Chingussura durante seis anos, onde trabalham os Irmãos na Escola João XXIII. Estive na festa dos 40 anos de sacerdócio em 2004 (BOHN, 2006c, p.57).

Quando morre alguém, as pessoas vêm comunicar que tiveram uma *infelicidade*. Também não dizem que alguém faleceu ou morreu, mas *perdeu a vida*. Por outro lado, o falecido é mencionado sempre como o *malogrado*.

Dia 6 de maio, repentinamente morreu um aluno da 5ª classe, com 17 anos, funcionário do diretor da escola. Os sintomas eram de meningite. Estava na Missão de Estaquinha dando curso de formação de professores. Ao voltar havia sido enterrado, mas fizemos uma intenção especial no culto dominical oficiado por mim, dia 7 de maio. Dias 11, 12 e 13 de maio também tivemos cada dia a morte de uma criança da população. Pensávamos que poderia ser um surto, mas que não se confirmou (BOHN, 2006d, p.59).

Na batalha da morte, cada qual se encontra completamente só. Muitas vezes, os familiares e as pessoas mais achegadas, de quem se poderia esperar um gesto de comunhão e ajuda, assistem impotentes ao desenrolar do drama derradeiro da agonia do moribundo.

[Ao entardecer] aparece a Ir. Lígia, equatoriana, do Hospital da Missão, pedindo socorro para enterrar uma senhora que faleceu às 06 horas da manhã da “doença do século”, pois acabava de chegar a mãe dela [após percorrer] 190 km. Consegui a ajuda de um grupo de meninos que foram fazer a cova às 17h30min, com o sol se pondo, no cemitério da Missão. Praticamente todo trabalho foi feito a luz de lanterna. Envoltos numa esteira [a malograda foi enterrada] após as 19h (IDEM, 2006h, p.69.70).

Esses recortes das cartas mostram que a morte é, muitas vezes, o “*pão nosso de cada dia*” do moçambicano, que toda hora há mortes e enterros na comunidade e revelam o conteúdo que essas situações de morte criam na comunidade. “É um povo que convive todo dia com a doença e a morte. [...] E geralmente levam vários dias para enterrar, pois os hospitais a manter os corpos congelados por até dias. Isso dá tempo para cada família organizar o funeral e esperar por todos” (IBIDEM, 2003a, p.5).

A realidade da morte está tão presente, que uma voluntária brasileira iniciou assim a oração no jantar festivo, dia 12 de julho de 2006: “Vamos rezar pela vida,

pela nossa vida, nesta terra onde a morte é tão próxima” (BOHN, 2006e, p.63). A morte molda códigos e parâmetros comportamentais bem peculiares e até novos, como, por exemplo, a crença na força dos espíritos dos parentes falecidos e que esses precisam ser servidos com ofertas para deixar os vivos em paz.

A morte sempre é apresentada como uma destruição do corpo da pessoa, não toda a pessoa, da sua unidade e harmonia: uma parte é destruída e a outra é promovida a outro destino, mas não acaba tudo. “A dimensão interior e invisível da pessoa, o princípio vital que fundamenta e informa toda a sua personalidade continua viva e prossegue a sua trajetória até atingir a sua plenitude no descanso dos espíritos ancestrais” (AMARAL, 2003, p.36). Assim, apesar da partida e da separação do mundo físico, para o moçambicano, a pessoa continua viva numa outra dimensão da existência, a espiritual.

Na região sul de Sofala, Mangunde, as mortes eram mais ligadas à *vítima de doença*, assassinatos e envenenamentos, bem como à crença na volta dos seus espíritos. Na região de Beira, a morte era acompanhada de outros elementos, como deposição de flores, limpeza da campa, ligação com seus antepassados, não chorar no cemitério, não atender o celular.

Quando alguém morre, a tradição diz que é preciso comer qualquer coisa no 3º dia. [...] Por isso, geralmente faz-se o funeral no 3º dia após o falecimento. Dói ver que depois do cemitério todos vão à casa da família enlutada para o lanche. Há muitas famílias que acabam endividadas por isso. Diante disso, muitos são enterrados como indigentes. Aqui na Beira são em torno de 50 a 60 pessoas por semana, segundo a Morgue (Casa Mortuária é onde o corpo fica congelado nas gavetas até o dia do enterro). (BOHN, 2004b, p.25-26).

A morte é classificada em boa morte ou morte infeliz. A primeira acontece quando acontece serenamente junto à família, na aldeia, rodeado dos filhos, familiares e amigos. Essa morte é honrada com ritos e com cerimônias póstumas. A segunda é assim denominada quando alguém morre sem deixar descendência, fora da terra e da própria família, por enforcamento, suicídio, devorado por animais, fulminado por raio, ou por doenças especiais como a lepra, ascite⁹⁸, pois faz a comunidade familiar ou clânica ficar em estado de impureza sagrada. Assim, os

⁹⁸ Ascite é uma acumulação de fluidos na cavidade do peritônio devido cirrose ou doenças graves do fígado.

rituais fúnebres podem ser suprimidos ou extremamente alterados em vista das cerimônias de purificação.

A morte normal é aquela que envolve uma pessoa idosa, em especial, um velho de cabelos brancos, com filhos e após ter passado suas instruções a eles, antes do descanso eterno. As demais mortes são sinais de desordem familiar e/ou social: mortes de crianças e mortes dramáticas na flor da idade; mortes por suicídio, mortes súbitas, mortes trágicas, mortes de chefes e de conselheiros; mortes de mulheres responsáveis pela iniciação feminina; e, em especial, mortes de feiticeiros/as, protótipos de pessoas anti-sociais por excelência.

Só se pode entender a morte em Moçambique, se a colocarmos num enquadramento social e a situarmos dentro dos outros três ritos de passagem: nascimento, iniciação e casamento. A morte também gera uma crise, uma ferida legal e afetiva, cujo curativo para a cicatrização requer uma redefinição. No entanto, os mortos são os aliados na luta contra o mal, representam a fecundidade física, por isso requerem ritos de purificação e de luto. Tendo presente o conceito de pessoa e a sua concepção dinâmica na identidade moçambicana, a morte acaba gerando sempre uma crise na existência pública. Zubería consegue sintetizar que a morte se transforma num grande ato público:

Cada morte é um facto público, um evento que movimenta literal e figurativamente toda a sociedade. Porque não é só um indivíduo que desaparece. A mesma sociedade se encontra ferida e precisa ser curada. É assim que se entende o dito, “a morte não é desgraça para quem morre, mas para aqueles que sobrevivem” (2003, p.8).

Participei de inúmeros funerais: de um padre, professores, pais, funcionários, e todos foram marcados por grande presença de público. A Figura 41 lembra do primeiro professor que perdeu a vida em 2003:

Aqui, após a morte o corpo é depositado numa câmara fria na Casa Mortuária, por até 07 dias. Enquanto isso a família mantém um fogo aceso na frente da casa durante todo período até o funeral, dançam, fazem ritos tradicionais da cultura africana e choram bastante. Quase todos os funerais partem da Casa Mortuária, onde o caixão fica por pouco tempo aberto para a despedida da família, depois é fechado. Leva-se ao cemitério onde é enterrado na terra. Antes, uma pequena cerimônia com orações, cantos, preces – apesar de não ser batizado - e mensagens das três escolas em que lecionou. Foi enterrado num cemitério de um dono, onde as covas são feitas em plena mata e no qual ninguém pode chorar. Pois, se houver choro aparecem abelhas, cobras, macacos e as pessoas fogem. No cemitério não se pode falar bobagens e nem fazer brincadeiras maldosas. Dizem que é

um lugar que é preciso ter muito respeito. Na escola as aulas seguiram normalmente, inclusive na tarde do funeral, mas houve muitos participantes, uma vez que os deslocamentos dependem dos carros que se colocam, pois a maioria não tem dinheiro para pagar. O interessante que durante toda semana houve campanhas de ajuda, donativos entre alunos, professores para com a família, pois as despesas funerárias são muito altas (BOHN, 2003d, p.13).



Figura 41 - Enterro de um professor – Inhamítua, maio/2003.
Fonte: Acervo Pessoal.

O termômetro para medir o quanto uma pessoa foi estimada durante na sua vida terrena é baseado na quantidade de pessoas presentes e no fervor da celebração do ritual fúnebre⁹⁹. Além disso, por ocasião da morte e dos funerais, um dos valores tradicionais mais fortes é o da solidariedade, que se manifesta na presença, no conforto e no fato de levar alguma coisa para ajudar a família enlutada.

A ideia de passagem parece ser o essencial na hora de entender a definição negro-africana de morte, quando a expectativa de vida gira abaixo dos 40 anos em Moçambique: “A existência do indivíduo é inequivocamente transitória. Mas o

⁹⁹ Segundo Nunes: “Quando morre um chefe, a sua morte não é anunciada imediatamente, às vezes passam meses para o anúncio oficial, dando assim tempo para se fazerem os devidos preparativos. Então, em vista disso, quando alguém morreu, usam a expressão: ‘o chefe está com dor no pé’. Assim todo mundo sabe que ele já faleceu, mas ainda é proibido falar ou chorar a sua morte. No dia do anúncio oficial, todo mundo deve chorar um pouco, para compadecer-se da morte do chefe. Para exprimir a compaixão de todos os habitantes da aldeia com a morte do seu chefe, os idosos dizem em linguagem proverbial: ‘A árvore que dá frutos doces, dá também frutos azedos’” (2003, p.12).

importante é que a vida fica e permanece no grupo” (ZUBERÍA, 2003, p.11). Isso explica o valor da solidariedade e da comunhão, a ênfase sobre a vida e a vitalidade, da sexualidade e da fertilidade que os ritos ao redor da morte revelam:

Existe, de facto, uma solidariedade forte no momento da morte. Em muitos povos africanos e não só, o peso social das cerimônias fúnebres é tão grande que elas constituem o acontecimento mais importante, que congrega o maior número de pessoas, mais do que qualquer outra celebração ou acontecimento (IDEM, p.8).

Na concepção africana, o processo de vida da pessoa “começou no seio de Deus, e chegada a sua hora, morreu para nascer no seio materno, onde morreu para nascer no seio da Mãe Terra, agora espera chegar a sua hora de morrer para renascer no outro mundo onde o esperam os seus antepassados” (IBIDEM, p.8). A morte é apenas uma passagem para uma outra dimensão. Pela morte, o banto sabe que nasce de novo, vai existir de uma outra forma entre os vivos. Essa mudança exige “uma iniciação, um rito de passagem” (AMARAL, 2003, p.40). Eis como o mesmo autor descreve a pós-morte:

[...] todo o conjunto de cerimônias e ritos que se seguem o enterro, relevam que a presença da pessoa falecida é ainda muito fortemente percebida no coração e na memória da família, dos amigos e daqueles que tiveram um relacionamento com ela. Ela aparece em sonhos, em imaginação e é reconhecida ainda pelo nome, pela voz, como que ainda a vêem na cadeira que costumava ocupar, nos utensílios e roupas que costumava usar, nas coisas que fazia, nas palavras e nas instruções que deixou (IDEM, p.37-38).

Como a morte é um nascimento para uma existência espiritual, ela atende a um processo gradual e progressivo de passagem, o que exige um calendário de ritos e de celebrações: 3º dia, 7º dia, 30º dia, meio ano, ano. Por exemplo, depois do enterro, oferece-se um chá ou um lanche na casa enlutada. No 7º dia, faz-se uma deposição de flores no túmulo, serve-se alguma comida e bebida às pessoas na casa do *malogrado* e depois voltam a levar vida normal. Também, para evitar desgraça à família, nenhum membro deve praticar o ato sexual durante os primeiros sete dias. O luto é colocado desde logo após a morte, e pode durar um mês a um ano, dependendo de cada família.

Para cada categoria social e para cada circunstância de morte há um tipo de rito: de caráter mais festivo para pessoa idosa, e de clima de tristeza e lamentação quando se trata de pessoas que morrem jovens e/ou de meia idade. Algumas

sociedades tradicionais condenam e negam a participação em rituais de suicidas e de feiticeiros. Segundo Amaral, a celebração dos rituais, as atitudes e os comportamentos das pessoas e, em especial, as palavras que as acompanham são uma recapitulação dos mitos das origens, da história, da solidariedade e das esperanças do clã e revelam as funções dos ritos de morte:

[...] a) significar e garantir a sobrevivência do defunto pela sua apresentação ritual aos antepassados e a sua aceitação e integração na comunidade destes; b) garantir o sossego e a paz na comunidade dos vivos pela purificação; c) reforçar a consciência de unidade e solidariedade na origem, no presente e no destino comum da comunidade – clã; d) celebrar na presença do defunto e antecipar ritualmente a vivência comunitária no mundo invisível (2003, p.41).

Por que isso? Para o africano em geral e o banto em particular, a morte nunca é algo natural. A interrupção da vida é causada por um agente estranho. Acredita-se que os feiticeiros são a primeira grande causa, ofensas e maldades praticadas a outras pessoas, dívidas não relevadas e quitadas, revolta dos antepassados pela não observância das normas e de tradições. Retirando-lhes a sua proteção, são presas fáceis dos feiticeiros. E, por isso, toda impureza precisa de um ritual de purificação.

Os ritos requerem a presença de todos os membros da família ampla. A sua realização assegura a passagem do defunto deste mundo para a vida plena, na comunhão com os antepassados. Esse encontro do morto com os seus antepassados é um longo processo iniciático de ancestralização, em que os vivos ajudam o morto a assumir a sua nova condição de antepassado através de ritos e de tabus. As orações acentuam a apresentação aos antepassados e o pedido para que acolham esse novo membro da família e o integrem na comunidade, pois é portador de notícias recentes, necessidades e esperanças dos seus familiares vivos. A não realização o condenaria à frustração total e a não acolhida pelos antepassados, transformando-se em *fantasma*, em alma errante a vaguear pelo mundo e acabaria se tornando um espírito revoltado e vingativo, aterrorizando a aldeia e as famílias do clã.

Para Zubería, os ritos de morte “são um espelho privilegiado da sociedade e dos seus valores. Os ritos são estreitamente ligados à estrutura social” (2003, p.7). Recordo-me que, inúmeras vezes, pessoas me falavam de sua ausência nas celebrações dominicais após a morte da progenitora para irem ao cemitério: “De

agora em diante em minha vida, meus finais de semana consistem em visitar a campa da mãe e depositar flores e não participar da celebração litúrgica”. A importância desses ritos nas tradições é testemunhada pelos sacrifícios que as pessoas fazem para percorrer longas distâncias. Arriscavam, muitas vezes, a própria vida para se dirigirem até a aldeia de origem, mesmo em plena guerra, para realizar as cerimônias conforme mandava a tradição.

Os rituais fúnebres nasceram com a história do homem. As pesquisas arqueológicas testemunham o respeito dos vivos para com os que perderam a vida. E o culto aos mortos é uma constante em todas as civilizações. Cada cultura ou religião tem os seus rituais para com os mortos, mas que os tempos atuais parecem deixar de lado. Na atualidade, poucos são os sinais exteriores de luto no vestuário e na organização da vida familiar, e rituais seculares praticamente desapareceram, mesmo nas sociedades mais conservadoras. E um povo sem cemitérios, túmulos ou campas, bem dizia Gabriel Garcia Marques, “é um povo sem história”. E essa modernidade também está transformando as exéquias na África. Entretanto, isso fica para outros pesquisarem.

Quando perguntava a alguém por que este ou aquele ritual era feito, a resposta era porque os ancestrais assim o faziam, ou porque era uma questão de respeito ao espírito dos antepassados. Em Appiah (1997), encontrei ajuda, pois, ao revisar os conceitos que construíram as identidades que hoje afloram no continente africano, ele demonstrou o eminente perigo que isso pode trazer aos povos daquele continente, a partir da descrição do passado pré-colonial, colonialismo e sua transição para os atuais estados africanos. Na sua concepção, trata-se o espírito como se trataria um ser humano a quem se respeitasse e porque os ritos implicam simbolismo, aliás, o que é característico das cerimônias tradicionais. As crenças são apreendidas pelos homens fazendo com que os espíritos interfiram na vida das pessoas, melhorando sua saúde. Em sua opinião, apesar das sociedades africanas estarem se modernizando, mantêm os seus aspectos culturais tradicionais.

4.3 A religião tradicional africana

A religião é um dos traços culturais mais fortes e fundamentais na organização social dos africanos. Há autores, como Cezerilo, que a consideram o fundamento último de toda a cultura: “O continente africano é considerado como essencialmente

religioso, devido à exaltação religiosa e à considerável apreensão do papel da religião na sociedade” (2002, p.24). Hodiernamente, apesar do crescente processo de secularização da vida e da banalização das realidades, o fenômeno religioso continua perpassando os povos:

África, querida África, terra do calor, das secas, da miséria e da fome, da guerra e da morte. [...] de um povo religioso, muito religioso. Estou a me impressionar com o grande número de crianças e jovens que estão fazendo catequese e sendo os pais de outra religião: muçulmana, budista, crente. Um exemplo: a Escola passa sábados à tarde em catequese: são perto de 50 turmas. A cada hora e 10 minutos trocam os grupos de catequese. E domingos, à tarde, a sala cheia de idosos, senhoras e senhores, participando da catequese de adultos. Emocionante! (BOHN, 2003a, p.5-6).

Conforme afirma um sociólogo local, Moçambique tem cinco milhões de católicos, quatro milhões de muçulmanos, uma pequena comunidade hindu, e muitos habitantes seguem a crença tradicional:

Segundo o Relatório do Estudo na Área de Direitos Humanos e Assuntos Religiosos, a religião cristã-católica é a que mais crentes (23.8%) tem. As pessoas sem religião estão quase compartilhando o primeiro lugar com 23.1%. Em terceiro lugar estão os muçulmanos (17%) e, quase no mesmo nível, os que praticam a religião cristã-sião/zion (17.5%). Em termos de distribuição por área de residência, os católicos são o grupo religioso com maior expressão tanto nas áreas urbanas como rurais, mas a porcentagem é algo superior nas áreas urbanas. Por outro lado, a porcentagem de muçulmanos é similar em ambas as áreas. Os Ziones são mais freqüentes nas áreas urbanas. A porcentagem de pessoas que se declara sem religião é maior nas áreas rurais. (BALOI, 2000, p.44).

O povo moçambicano é religioso e, por isso, envolvido num mundo de participação religiosa. O fenômeno religioso abrange todos os aspectos da vida dos bantos em particular, bem como os dos povos africanos em geral. Manifesta-se e exprime-se nas crenças, nos gestos, nos símbolos, nos ritos, nas cerimônias, nas celebrações, nas atitudes e nas práticas tradicionais. Isso, na maioria das vezes, não é levado em consideração pelos evangelizadores católicos estrangeiros:

Na mente de muitos missionários latinos a África é um mundo pagão. Outros chegam com um projeto pré-estabelecido sem ter em conta a caminhada da Igreja local, a realidade africana. Existem outros que entram no processo e ajudam os africanos a se identificarem. A verdade é que a Igreja da África se considera como uma Igreja jovem e que precisa dos missionários para caminhar, mas não para ficar dependendo deles. [...] Nós, latino-americanos, caímos no estilo dos missionários europeus que deixaram muita marca com obras de construção: escolas, hospitais... Nota-se que temos a mesma preocupação de fazer grandes obras de construção.

Como a nossa pobreza material é grande, acabamos fazendo projetos para mandar a Europa e eles nos financiarem. O africano não vai nos considerar missionário de segunda categoria por falta de obras de construção. Certamente, a África espera dos missionários brasileiros uma verdadeira conversão: ao Evangelho, ao homem/mulher, ao ritmo africano, às novidades, ao tempo, à colaboração. Eis o grande desafio para nós, missionários/as (BOHN, 2004h, p.43).

Com certeza, são constatações fortes, incisivas, verídicas e que precisam ser levadas em consideração para um profícuo trabalho. O missionário precisa ser um homem ou uma mulher de fé que aceita ser um novo membro da comunidade cristã e humana, que aceita caminhar junto com o povo na busca de um mundo melhor, munido de muito diálogo, abertura e escuta, pois a pessoa humana ocupa o centro de toda a realidade no sistema africano de pensamento e de crenças. Na tradição milenar bantu, Deus, os espíritos, os homens, os fenômenos da natureza, todos os seres vivos e os não-vivos, os visíveis e os invisíveis estão em função da sua relação com o *"muthu"*¹⁰⁰.

Para Amaral (2003) a religião tradicional africana está ligada à comunidade clânica, uma vez que reforça a pertença ao clã e o patrimônio histórico-cultural de seu povo; está intimamente ligada à experiência do clã pela pluralidade dinâmica de tradições religiosas, resultado da imensa riqueza e diversidade de povos e culturas que fervilham o seio fecundo da África; não tem um código doutrinal, moral e litúrgico-cultural unificado obrigatório a todos, mas tem uma unidade de fundo antropológico e teológico da realidade e uma extrema diversidade de expressões e de práticas. A religião é uma verdadeira concepção espiritual da vida:

Onde está um Bantu ali está a sua religião tradicional. Ele carrega-a consigo para toda a parte: para a machamba, para a sala de aulas ou para o exame na Universidade; para o campo de jogos e para a cervejaria; para o gabinete do trabalho e para a Assembléia da República e também para vida religiosa consagrada e para o ministério sacerdotal (AMARAL, 2003, p.31).

Essas crenças manifestam-se através do feiticismo: culto aos antepassados; do manismo: ao infinito oriundo das almas do falecido, todos os espíritos; do animismo: pessoa descobre que está ligada a uma alma que, por sua vez, está ligada a um corpo e uma alma de um antepassado; da magia: curandeiros e feiticeiros. A herança das religiões tradicionais continua muito viva junto aos africanos, bem como no modo de vida dos católicos e de outros crentes.

¹⁰⁰ Pessoa humana.

O equilíbrio das relações humanas é uma necessidade de sobrevivência, expresso no sentido de justiça, de autodomínio. Por isso, é preciso estabelecer regras para a desigualdade vertical (Mortos, Antepassados) e para a igualdade social horizontal (familiares e não familiares) (BOHN, 2004e, p.35).

Nisso percebemos toda a importância do sagrado e da harmonização com os espíritos dos antepassados, para que a chuva volte a umedecer os solos, e assim poderem lançar as sementes, as quais trarão a alegria e o encanto, o arroz e o milho, a *mapira* e os frutos, a vida para as pessoas.

O espírito de partilha, pois a interdependência exige reciprocidade de serviços e bens, do exercício da gratuidade, da igualdade. De certa forma a exuberância do culto, sobretudo no que diz respeito à indumentária e obrigações, é um modo de queimar os excedentes e manter a igualdade. A maioria dos povos de África tem uma maneira própria de entender a origem da vida, a vivência do quotidiano e a morte (BOHN, 2004e, p.35).

É necessário que se faça um estudo científico mais minucioso do fenómeno fenómeno, pela força que exerce no campo social, político, intelectual. Por sua vez, a religião penetra todos os aspectos da vida das comunidades domésticas moçambicanas. Muitas vezes, é impossível distinguir o sagrado do profano. As crenças acompanham o dia a dia do indivíduo. A religião está presente nas atividades agrícolas, na caça, na pesca, nas festas, nos batuques, nas celebrações, nos funerais. Abarca toda a pessoa, bem como os mais diferentes comportamentos.

A religião torna-se, portanto, um suporte que oferece à comunidade os meios para resolver os problemas do dia-a-dia e as suas preocupações, mas não fica no imediatismo. É através da religião que o grupo busca respostas às ansiedades mais profundas do ser humano: de onde viemos e para onde vamos (OLIVEIRA, 2002, p.49).

Os mecanismos de produção colonial afetaram a “estrutura de poder das linhagens e as formas de ajuda mútua, provocando uma crise de valores” (CEZERILO, 2002, p.12), abrindo espaços para entrada de outras religiões, especialmente as cristãs. Consequentemente, as práticas mágico-tradicionais, abolidas pelo colonizador, migraram e foram ressignificadas nas cidades. Depois da independência, as práticas ancestrais ganharam força, em especial nas zonas rurais, todavia já mescladas com o cristianismo, o islamismo e com outras religiões. Mas as

celebrações, por estarem impregnadas de sentido comunitário e de simbolismos, primam pela linguagem corporal.

A religião tradicional africana está centrada no passado e na sabedoria e experiência de vida dos mais idosos. “A crença nos antepassados é o cerne das religiões tradicionais.” (BOHN, 2004c, p.29). Enquanto as crenças cristãs impelem para a vida, a ressurreição, o futuro, a esperança, exigindo participação ativa de seus sujeitos e da sociedade, a religião tradicional africana projeta seus adeptos ao passado, aos antepassados. Certamente aí reside uma das explicações da resistência à mudança das sociedades tradicionais africanas:

As inovações não são bem acolhidas e surgem como ameaçadoras. Esta resistência caracteriza a mentalidade dos vários grupos étnicos e constitui uma proteção contra tudo o que ameaça a sua segurança, as suas certezas e capacidade de adaptação conseguida ao longo dos anos... As tradições e experiências foram confirmadas pelos antepassados e aos poucos foram se adequando aos meios e às necessidades concretas. (CEZNE apud OLIVEIRA, 2002, p.53).

Rambo chega a perguntar: “Seria crime preservar a memória dos antepassados, recordar agradecido ainda após dezenas e centenas de anos as fontes de sua cultura e os laços de sangue da nossa origem”? (1994, p.68). A verdade é que há uma íntima união e interdependência entre tradição-cultura e a fé no culto aos mortos.

Nos dias atuais, a religião tradicional africana convive, especialmente, com o cristianismo e o islamismo. Os diálogos inter-religiosos, os debates e as atividades de intercâmbio entre as diferentes igrejas, para compartilharem suas experiências e para um crescimento mútuo, é o novo que exige ser olhado com atenção. “É, com efeito, uma contradição objetiva e um disparate de marca maior, julgar que a fidelidade aos valores naturais possa levar à sua discrepância verdadeira para com os valores de ordem sobrenatural” (RAMBO, 1994a, p.95), quando a questão é a convivência entre pessoas com crenças diferentes.

A fé está impregnada no sangue do africano, encarnada nas crenças. Está na cadência dos toques dos tambores e nas danças. Em tudo está a alma, o espírito e a fé do povo. Está expressa nos pés, nas mãos e no corpo todo, balançando freneticamente; na boca, com suas canções originadas do coração; na mão estendida para que entre na roda; no som do tambor, no luminar do fogo, nos ritos, nos gestos e nos sinais próprios. É quase inacreditável colocarem tanta energia e

mística nas danças. É impressionante que a dança possa produzir tanta alegria num povo com tão poucos recursos e com privações de comida, de água e de bens, de forma tão viva.

Outrossim, as liturgias são sempre momentos ímpares de manifestações culturais da africanidade, onde a interculturalidade se manifesta na dinâmica das diferenças e das diversidades. Apesar de nem todos os saberes e as práticas serem pronunciáveis em todas as línguas, para Macedo (2006), a língua das cerimônias litúrgicas parece ser universal. A longa citação abaixo da missa dominical na paróquia de São Benedito, Chingussura/Beira, é para não perder toda riqueza etnográfica e antropológica encontrada e presenciada nas liturgias religiosas católicas moçambicanas:

Falando um pouco das liturgias, sem exagero é possível afirmar são inculturadas: com batuques, chocalhos, dançarinas/os, coral, coroinhas com túnicas brancas, incenso, leitores com túnicas; trajes vários sem muito decote, pois a igreja é lugar de respeito; bastante pomposas, com pessoal do acolhimento na porta e com mais de um padre e/ou diácono; bem ensaiadas e preparadas; com mais de duas horas de duração as missas dominicais normais. A entrada sempre é solene com procissão e dançarinas. O ato penitencial é rezado e depois cantado compenetradamente. O glória então é uma explosão de vozes e ritmos e é o momento em que os atrasados podem entrar. As leituras são antecedidas com procissão da Bíblia pelos leitores e canto do coral. O diácono e/o padre recebe e mostra-a para o povo... depois as inclinações, o respeito pela Palavra de Deus. Quando há missa única, as leituras sempre são feitas em três línguas: *cindau* (1^a), *chisena* (2^a) e português (evangelho, ladeado dos coroinhas). O salmo de meditação e o refrão ao evangelho são cantados, como há um canto após o evangelho. A homilia sempre é um ponto de realce da celebração, longo. O credo, quando não é cantado na língua nativa, é rezado o de Constantinopla (é mais longo e ainda não o domino bem). As preces são as da liturgia oficial. O ofertório é um momento forte e bastante longo. Começa com canto e o povo fazendo filas (verdadeiras procissões) para ofertar sua moeda (a grande maioria oferta e reparte com o que não têm). Muda-se de canto e dá-se início à procissão das ofertas (coletas, patena, etc e outros produtos trazidos de casa) recebidas uma a uma pelo sacerdote que aí vai preparar o altar. O santo sempre é cantado. Na consagração quem não pode se ajoelhar, senta-se com a cabeça bem abaixada (poucos olham para o sacerdote). A oração eucarística (a memória dos defuntos, somente durante um dia da semana, não aos domingos). O pai-nosso poucas vezes é cantado. O abraço da paz é outro ponto forte das celebrações: sempre acontece, com cantos longos, demorados, deslocam-se muitos para ir cumprimentar os conhecidos, muitas vezes o sacerdote atravessa todos os corredores para o cumprimento... mas raramente se vê pessoas se beijarem. A comunhão é distribuída por *mamás* ou *papás* (pessoas idosas e idôneas) das comunidades da paróquia (São Benedito tem 14 comunidades). Em geral, muitos comungantes, em vista da confissão que ocorre apenas na páscoa, natal e sacramentos, mas com pequena participação. Todos ao voltar da comunhão, ajoelham-se ou sentam em oração silenciosa. É um momento de destaque nas celebrações. Após tudo terminado e o altar todo arrumado, canta-se um canto alegre, com danças ao redor do altar para dizer que “*estamos contentes, Deus*”. E

não podem faltar os “Avisos” que o secretário conclui com o chavão: “*Foram os avisos*”. Após a bênção ninguém sai da igreja antes do padre. Muitos ainda rezam sentados e em silêncio (BOHN, 2004f, p.36-37, grifos do autor).



Figura 42 - Grupos de dançarinas – Beira, fev./2003.
Fonte: Acervo pessoal.

Como aborda o texto da carta acima, as liturgias são geralmente solenizadas. Não recorro ter participado de uma cerimônia dominical católica em que não tivesse havido dançarinas. Como revela a Figura 42, há dois grupos de dançarinas: um de senhoras adultas e outro infantil integradas por adolescentes. A participação exige longas horas de ensaio. Todas sempre bem uniformizadas para dar beleza e harmonia às coreografias. Perpassa a consciência de que a dança, a festa, o canto, os uivos proporcionam uma grande êxtase e trazem graças ao povo. A alegria e a unidade exigidas nas liturgias e, nas festas na verdade, permeiam e dão forma a toda a vida. As ofertas adquirem uma importância e um sentido especiais: a entrega total, as primícias das colheitas, o dízimo. O povo tem consciência de que todos os frutos pertencem a Deus, especialmente as primícias.

Por outro lado, sabemos que a igreja católica é majoritariamente dominada pela presença feminina. E que dizer do espaço das mulheres na igreja? Como também é elevado o número de crianças e jovens. “*As crianças impressionam pelo*

silêncio e concentração” (BOHN, 2003a, p.4). Quanto ao número de adeptos, esse é perceptível na participação na catequese de batismo, de primeira comunhão e de crisma:

Este ano, são mais de 1.029 catequizandos de 1º, 2º e 3º ano de Batismo e Eucaristia (quem não é batizado criança, só pode ser batizado após os 14 anos e após ter freqüentado 03 anos de catequese); 357 do 1º e 2º de Crisma; além de mais de 200 Eleitos (pessoas adultas e que vão ser batizadas na noite de Páscoa). (BOHN, 2003b, p.8).

E assim seguiu-se nos anos seguintes que vivi na África. O batismo e primeira comunhão geralmente acontecem na vigília pascal ou no domingo da Páscoa. No domingo seguinte, faziam-se os batizados de adultos e dos que iriam contrair o matrimônio. Eram celebrações com grande afluência de pessoas, mesmo de outros credos cristãos e não-cristãos. As celebrações de crisma realizavam-se na visita do bispo, ultrapassando, em geral, o número de 200 crismandos. Nesse dia, a liturgia era seguida de grandes eventos comunitários: almoço trazido de casa era feito no local da cerimônia religiosa, além do convívio e danças, que se prolongavam pelo resto do dia..

As manifestações religiosas dos moçambicanos eram sempre cheias de surpresas, como a de Sexta-feira Santa em Mangunde: “Uma cena chamou-me a atenção ao ouvir um grupo ao regar [as plantas dos pátios], cantar ‘Senhor, tende piedade, tende piedade, piedade de nós’... Genial” (BOHN, 2006c, p.58, grifo do autor).

Como a religião é baseada na transmissão do saber pelos ancestrais, na religião tradicional africana também não há fundadores e nem reformadores. Por estar ligada à *ancestraltria*¹⁰¹, sua influência moral restringe-se à esfera familiar e, por isso, não pode ser propagada a outros povos ou a outros grupos. Assim também não há conversões. É o que muitas religiões, que hoje têm prosperidade na África, assumem do seio da cosmologia local: língua, cantos, danças, instrumentos musicais, bem como as normas, as regras e muitos rituais.

Em virtude dessas considerações, percebo que, pelas mudanças que estão em constante porvir, muitas dessas riquezas culturais acima apresentadas estão em processo de desaparecimento nas sociedades tradicionais e familiares moçambicanas. Todavia, gostaria de sublinhar que muitos são os valores, os

¹⁰¹ Idolatrar os antepassados.

sentimentos e as atitudes que perpassam a vida cotidiana, bem como os momentos significativos descritos. Cabe descobrir e ordená-los, pois é muito possível que esses sentimentos, essas atitudes e esses valores tradicionais ainda sejam necessários para a conservação das relações sociais e culturais hodiernas na construção da identidade moçambicana.

Inúmeros procedimentos e costumes continuam enraizados na experiência de entidade cooperativa de família alargada, aldeia e clã. Detecto que a organização social centrada nos *Régulos*, nos chefes, nas famílias, nos curandeiros, nos ritos e na religião constitui um bem precioso e que concorre para a unidade e o bem-estar das sociedades tradicionais moçambicanas.

Ouvindo os toques dos batuques, ora mais estridentes, ora mais cadenciados, percorri a organização social com os papéis e a importância dos *Régulos*, da família e dos curandeiros/feiticeiros, dos ritos de passagem - o nascimento, a puberdade, o casamento e a morte – e da religião tradicional.

No próximo e último capítulo, tento verificar com mais especificidade os saberes e práticas presentes nas tradições moçambicanas: quais são; quem os transmite; como são passados às gerações seguintes e que atos educativos contemplam na oralidade e na linguagem, através dos anciãos e dos antepassados.

5 DIMENSÃO EDUCATIVA DAS PRÁTICAS NAS TRADIÇÕES

O rufar dos tambores continua



O som dos tambores não para e nem pode parar, especialmente quando feito por uma criança. Um homem de cabelos brancos consegue imprimir um tamborilo de qualidade e harmonia, mas a criança é a garantia de preservação e da continuidade. Um tambor nas mãos de um ancião resgata saberes e práticas, ensina e faz toda a aldeia falar; todavia, um tambor nas mãos de uma criança reaviva a esperança de que as tradições não podem e nem devem morrer, nunca.

Neste quinto e último capítulo, aprofundo o papel dos anciãos e dos antepassados, bem como abordo a dimensão educativa dos saberes e das práticas nas tradições moçambicanas, em especial, através da linguagem oral. Enquanto dialoguei com os conceitos de cultura, de identidade e de tradições no capítulo 3, houve o resgate de inúmeros saberes e práticas do cotidiano tradicional moçambicano: cultura, identidade, entre outros. No capítulo 4, tanto a organização social quanto os ritos de passagem e a religião também está carregada de conteúdos e de práticas pedagógicas tradicionais. Contudo, é neste capítulo que a produção dos saberes e das práticas no campo das tradições moçambicanas ganha mais visibilidade e força através da linguagem oral usada no processo de transmissão dos anciãos frente às gerações mais novas e pela presença dos antepassados na vida cotidiana.

Na sociedade familiar tradicional, há todo um sistema de valores, atitudes e comportamentos que é transmitido de geração em geração, através da família, linhagem ou clã. Muitos desses elementos já foram tratados nos ritos de iniciação que preparam o indivíduo para a vida adulta, como a importância do respeito, o culto aos antepassados e aspectos da educação moral e sexual.

Trabalhar os conteúdos e as maneiras como esses são transmitidos nas tradições moçambicanas é desafiador e complexo. Para ressignificar os saberes e as práticas tradicionais moçambicanas, recorro a um provérbio da sabedoria africana, ouvido intermináveis vezes no período de atuação por terras à beira do Oceano Índico e que parece sintetizar a pesquisa: “É preciso toda uma aldeia para educar uma criança”. Assim, perceber e verificar mais especificamente os saberes e as práticas na sua dimensão educativa, constitui-se o objetivo e a meta centrais desta produção científica, especialmente nesta secção da dissertação académica.

Tardif afirma que o saber de um educador é um saber que diz respeito à sua pessoa e à sua identidade: “[...] com sua experiência de vida e com sua história profissional, com suas relações com os alunos em sala de aula e com os atores

escolares na escola, etc” (2002, p.11). Tarefa necessária e parte integrante de minhas atividades em chão moçambicano:

Voltei ontem da Missão de Barrada, coordenada pelos Padres Somascos, onde trabalhei no Curso de Formação Permanente dos Professores. Os trabalhos foram com os textos “A Importância do Ato de Ler” de Paulo Freire e “As Desaprendizagens do Professor” de José César Furtado dos Santos, ambos brasileiros. Ainda faltam duas etapas para a conclusão da Formação Permanente dos mais de 50 professores das Missões da Associação ESMABAMA. Apesar das dificuldades, distâncias e outras... Estamos certos que a experiência está produzindo resultados positivos entre estes professores que ainda não tem formação superior (BOHN, 2006g, p.67).

A formação permanente dos professores é uma decorrência das atuais exigências do ensino, pois a noção de saber está ligada aos conhecimentos, às competências, às aptidões ou às habilidades e às atitudes referentes à profissão de alguém. É o saber, o saber-fazer, o saber-ser. Tardif afirma que os saberes são adquiridos no decorrer de “[...] certos processos de aprendizagens e socialização que atravessam tanto a história de vida quanto a carreira” (2002, p.102-103).



Figura 43 - Antiga capela da Missão de Mangunde – Chibabava, mar./2005.
Fonte: Acervo pessoal.

Nas comunidades tradicionais moçambicanas, a transmissão dos saberes ocorre em lugares especiais, em geral, debaixo de uma árvore secular (Figura 43).

Observando a imagem, é possível ver troncos colocados por sobre cepinhos fincados no chão, em semicírculo, outros caídos, os quais servem de assento. Por muito tempo serviu de capela para as liturgias da Missão, conforme revela o altar construído de barro. Vários troncos-bancos estão caídos ou faltando, pois é início do ano civil. Todavia, o espaço e os troncos para assento à assembleia eram também usados para os demais eventos da Missão como concentrações dos internos, abertura do ano letivo, recepção de autoridades, celebrações religiosas. Os internos usavam o local para realizarem seus estudos pessoais. Aos sábados, funcionava como local de catequese e para o ensaio das liturgias dominicais. Um espaço multiuso. Assim, é um local híbrido, um *entre-lugar* propício, quase mágico, para a troca de saberes e práticas, momentos de avaliação e de traçar novas vertentes para a caminhada.

A árvore frondosa sobreviveu aos anos de guerra civil, quando a Missão serviu de quartel general, ora da RENAMO, ora da FRELIMO, quando grande parte das árvores foi destruída para servir de lenha. As árvores já contêm em si certo misticismo e mistério. Quando a Missão foi reaberta e os espaços limpadados, segundo os mais antigos, ao redor dessa árvore e espaços adjacentes foram encontrados ossos de corpos humanos que certamente nem chegaram a receber uma sepultura digna.

Retomando o assunto, Rabuske define que o conhecimento consiste no sujeito e no objeto estarem no mesmo ato e se identificarem nesse ato: “Conhecer é um ato de identidade do conhecedor como tal e do conhecido como tal” (2001, p.73). Todas as pessoas são capazes de se apoderar do conhecimento e dominá-lo, pois os saberes e as práticas perpassam o cotidiano das comunidades tradicionais na escolha dos nomes, nos deslocamentos e no acesso à terra e à saúde; nas estratégias e nos laços matrimoniais; nas interconexões e nas desconexões; nos ritos e nas cerimônias.

Na vida cotidiana, pois “[...] o povo aqui sabe muito bem o que é perder tudo nas cheias, ciclones e secas. O governo disponibilizou 100 mil dólares, a Moçambique Alumínios 150 mil, os religiosos também fizeram uma coleta na missa dos religiosos [...]. Bonitos gestos!” (BOHN, 2005a, p.46). Em tudo há um cunho educativo subjacente. Por fim, o acesso aos saberes da cultura letrada e acadêmica tem relação com o aprendizado e com os conhecimentos adquiridos na escola.

5.1 A linguagem oral

O analfabetismo e/ou a quase inexistência de alfabetizados fizeram com que os povos moçambicanos tradicionais fizessem da memória oral sua plataforma de comunicação, pois “será difícil fazer o povo ir para as urnas quando mais de 55% não sabe ler nem escrever e muitos não sabem o português, falam apenas em sua língua nativa” (BOHN, 2003h, p.20). Para se entender que se está na África, basta verificar “[...] os estilos de roupas e as línguas das pessoas” (BOHN, 2003a, p.3).

Segundo os linguistas, há no mundo em torno de seis mil línguas e na África mais de mil línguas. “Com mais de três mil culturas, mil línguas e uma história fascinante, não há melhor lugar para encontrar inspiração que em África. Aqui ‘não olhamos nem para Leste nem para Oeste: olhamos em frente’, como diz Kwame Nkrumah¹⁰²” (BOHN, 2004h, p.45). Por sua vez, em Moçambique, são mais de vinte línguas, das quais dez consideradas nacionais, além do português, que é a língua oficial. Na província de Sofala, predominam o *chisena* e *mandau*.

Ullmann, ao se questionar sobre o porquê da existência de tantas línguas no globo, conclui que contribuiu para isso “[...] o isolamento cultural, o contato com povos fronteiriços, a assimilação de uma cultura estranha, o domínio de um grupo sobre o outro, e assim por diante” (1991, p.125). A língua mais falada ao Sul de Sofala é o chindau. “Já sei algumas palavras: mamuka (bom dia), padoko-padoko (pouco-pouco), postade (boa tarde) taponga maningue (muito obrigado), etc” (BOHN, 2006a, p.55). É uma língua, cuja escrita conta com menos de um sesquicentenário de existência e, para mim, de difícil compreensão. Hampâté Bá é categórico em dizer que “[...] quem não conhece a língua nativa não consegue nem explicar, muito menos experimentar e viver a educação tradicional” (1980, p.193). A linguagem é fundamental para o interrelacionamento e para a compreensão entre as pessoas:

Dia 21 de outubro passado, o presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, esteve aqui no campo da Missão São Benedito. [...] Apesar de estar no governo desde a independência 1975 – e presidente da República desde 1986 e atualmente Presidente da União Africana – é um homem de 64 anos, muito simples, fala a linguagem [...] do povo (BOHN, 2003h, p.19).

¹⁰² Kwame Nkrumah é um dos fundadores do Pan-Africanismo. Foi primeiro-ministro (1957-1960) e presidente de Gana (1960-1966). Em 1962 ganhou o Prêmio Lênin da Paz. Nkrumah declarou-se presidente vitalício de Gana em 1964, mas foi destituído no golpe militar em 1966, tendo se exilado na Guiné. Morreu em 1972 em Budapeste, mas foi enterrado na vila onde nasceu, no Gana.

As relações sociais passam pela comunicação oral. Etimologicamente, a palavra comunicação provém do latim *communis* e significa tornar comum, estabelecer comunhão, participar de comunidade. A linguagem, através do intercâmbio da comunicação, traz em seu bojo esse significado.

Para satisfazer suas necessidades básicas, mediante o trabalho, as pessoas sentiram a necessidade de relacionar-se, de agrupar-se, de colaborar mutuamente. É a necessidade de comunicação. Portanto, a comunicação é um *fato* e uma *necessidade social*. Na sua gênese, é uma dimensão do trabalho, isto é, implica relações com outros homens para viver. Comunicação é uma ação comum, intercâmbio simbólico mediado pelo trabalho. É comunhão, participação, pois envolve repartir o produto do trabalho. A comunicação é trabalho como processo, e o trabalho é comunicação como objeto. A linguagem, que se dá mais tarde, vai completar o próprio processo de humanização (GOMES, 2008, p.3, grifos do autor).

O ditado da sabedoria ancestral africana “Cada partido ou nação enxerga o meio-dia da porta de sua casa” pode ser comparado com essa colocação de Gomes. A escrita “[..] surge da necessidade de transmissão dos conhecimentos acumulados” (IDEM). Mas, na literatura africana, “[..] não devemos esquecer que um mito, um conto, um provérbio, uma adivinhação é uma criação grupal, e deve ser vista assim, portanto, tem certas regras e para compreendê-la, é preciso analisar sua forma e seu conteúdo a partir de um enfoque multidimensional” (MONTIEL, 1999, p.29). O aprendizado e a transmissão dessas realidades visíveis e imitáveis pelas gerações mais novas se dão pela imitação e pela linguagem traduzida em símbolos.

A Figura 44 mostra um grupo, em sua maioria senhoras, dançando ao som do tambor, chocalho e apito, assistido por inúmeros adolescentes e jovens. O tambor ensina como educa, produz práticas e reaviva as tradições. A linguagem que envolve o cotidiano é também a que transmite às gerações vindouras os conteúdos e os simbolismos, segundo Ullmann:

Ora, a explicação demanda linguagem, e a linguagem é, por natureza, simbólica. Meio poderoso para condicionar culturalmente os educandos, a linguagem informa, comunica, conduz, persuasivamente, à ação, encaminha o pensamento ao rumo desejado por quem fala; desperta sentimentos, interpreta a experiência. Através dos símbolos da linguagem, é a criança levada, paulatinamente, a formar seu cosmo interior e a valorar o mundo exterior, de acordo com os padrões da cultura em que vive (1991, p.85).



Figura 44 - Senhoras do Chingussura dançando - Beira, out./2003.

Fonte: Acervo pessoal.

Ullmann concebe a linguagem como sendo “[...] um meio de comunicação de ideias entre os homens, através de símbolos” (1991, p.118) e “[...] o reflexo das experiências e da cosmovisão de um povo” (IDEM, p.126). Jakobson (apud TERRA, 1977), por sua vez, fala que em matéria de língua não há propriedade privada, pois tudo está socializado. Para Travaglia (1996), a linguagem é uma expressão do pensamento, um instrumento de comunicação, mas também uma forma ou processo de interação com o outro.

As manifestações culturais demonstram o pluralismo de saberes, de hábitos e de costumes que caracterizam os povos que construíram a diversidade de línguas em Moçambique. Conforme Meneses “[...] o desaparecimento ou subalternização de outros saberes e interpretações do mundo significa, de facto, que estes saberes e experiências não são considerados formas compreensíveis ou relevantes de ser e estar no mundo” (2008, p.6). Por outro lado, é “[...] fundamental que as diferentes culturas possuam imagens concretas sobre si próprias e sobre as outras, assim como das relações de poder e de saber que as unem” (IDEM, p.9).

Para Hampâté Bâ “[...] a tradição oral é a grande escola da vida” (1980, p.183), pois engloba a totalidade do homem: a religião, a arte, a ciência, a história, o divertimento, a recreação, tudo para remontar a unidade primordial. Tendo por base

a iniciação e a experiência, o homem que se forma na tradição oral é conduzido à sua totalidade. Hampâté Bâ questiona a primazia da escrita em relação à oralidade e diz que a oralidade “[...] é o próprio valor do homem que faz o testemunho” (1980, p.182). Segundo ele, a oralidade fez nascer a escrita, e os primeiros arquivos ou bibliotecas foram o cérebro humano. Antes da escrita, os pensamentos antecipam a linguagem oral, quando o escritor trava um diálogo consigo mesmo.

Outro autor africano, Vansina, diz que “a oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade” (1980, p.157) e, por isso, as sociedades de comunicação oral, como as africanas, partem deste princípio: “[...] a tradição oral foi definida como um princípio transmitido oralmente de uma geração a outra” (IDEM). Para Vansina, a fala não é apenas um mero elemento de comunicação cotidiana nas sociedades orais, mas é essencialmente um meio de perpetuar a história comum e de preservar a sabedoria ancestral, logo que “[...] a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas” (IBIDEM).

Hampâté Bâ (1980) acrescenta que é por isso que no universo tudo fala: “A fala pode criar a paz, assim como uma única palavra imprudente pode desencadear uma guerra” (p.185). Que a tradição oral “é o conhecimento total” (p.182). A falta à palavra mata a pessoa, separa-a de si mesmo e da sociedade: “[...] a mentira é uma verdadeira lepra nas sociedades orais tradicionais” (p.186). Para compreender melhor em que contexto mágico-religioso e social situa-se o respeito pela palavra nas sociedades de tradição oral, basta lembrar o apego religioso ao patrimônio transmitido pelos ancestrais ou pelas pessoas idosas: “Aprendi com meu Mestre”; “Aprendi com meu pai”; “Foi o que suguei no seio de minha Mãe” (p.187). Assim, na tradição africana, a palavra é potencializadora, elo de co-criação e geradora de ritmo, de movimento/ação e de vida.

A oralidade abre para um cenário multifacetado de memórias, de aprendizagens, de saberes, de escolhas, de frustrações, bem como de conquistas de um povo. A história oral nos possibilita penetrar em mundos pessoais e sociais de confissões, de recordações, de lembranças e de esquecimentos. Em se tratando da África em geral, e de Moçambique em particular, a oralidade ganha uma importância maior na ressignificação da identidade negra, na educação e reeducação dos homens e das mulheres negros. Como bem analisa Montiel:

Na oralidade, os africanos conservaram uma fonte viva de suas culturas tradicionais. Ao recuperarem a palavra, os novos países independentes, livres do peso do colonialismo, puderam reconstruir sua ancestralidade e delinear seus projetos de cultura nacional. Os “livros” da experiência milenar africana foram guardados na memória dos idosos (1999, p.29, grifo do autor).



Figura 45 - Grupo de músicos animando a missa - Beira, out./2004.

Fonte: Acervo pessoal.

A oralidade amplia a identidade, a tradição, a educação. A educação é como algo que acorda a oralidade e os tambores (Figura 45). Ao toque dos tambores e outros instrumentos, mesmo que construídos criativamente com materiais recicláveis, as celebrações religiosas ganham solenidade, sonoridade e cadência para a participação comunitária. Os tambores desenvolvem uma identificação mútua. Assim, o som primordial é a fala do tambor, isto é, aquilo que constitui o homem, forma-o e o educa. Daí resulta que, para educar alguém, é preciso desenvolver e dinamizar também a sua fala. Somente percorrendo as tradições orais é que encontramos mais evidências documentais e uma maior variedade de informações sobre as atividades cotidianas tradicionais.

A comunicação é um processo cultural. Os desenhos nas cavernas e a oralidade foram certamente a única forma de comunicação dos homens antes da

escrita. Laraia define a linguagem humana como “[...] um produto da cultura, mas não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral” (2006, p.52). Claro, sem esquecer os gestos. Pois, a linguagem é algo inseparável do homem e inerente ao ser constitutivo do homem.

Pela afirmação de Warnier, a cultura não pode ser dissociada da língua: “Assimilar uma cultura é primeiramente assimilar a sua língua. A multiplicação das trocas em escala mundial abre uma arena em que as línguas estão em relação de isolamento, de tradução e de competição entre si” (2003, p.15-16). Retomando Ullmann, “[...] a língua, o idioma, a fala, nada mais são do que a vestimenta da linguagem” (1991, p.119). Só a essência da linguagem é que pode revelar a profundidade de alguém, interligá-lo com os outros, pelo diálogo e pela transcendência. Na linguagem ecoa, por assim dizer, a profundidade do ser humano, porque, mediante ela, o homem pode se revelar. A linguagem permite a interligação das culturas, através de símbolos que transcendem a mera emissão de sons e de palavras. Pela linguagem, o homem ordena o universo, penetra na subjetividade mais íntima e provoca o diálogo subjetivo.

Assim, a língua materna é um dos atributos culturais mais significativos de um povo. Após a independência moçambicana, o poder político parece não ter levado em consideração os traços fortes da oralidade cultural local ao adotar a língua portuguesa como língua de ensino e a, conseqüentemente, rejeitar o estudo e a sistematização das línguas moçambicanas. Isso contribuiu para o agravamento do analfabetismo, a perda das tradições orais e a desvalorização das várias culturas étnicas.

Mas, a diversidade linguística é um patrimônio fantástico para a humanidade. O desaparecimento de qualquer idioma implica o empobrecimento da reserva de saber e a perda de instrumentos para a comunicação de uma cultura com as outras, bem como internamente. Não estará Moçambique contribuindo para o empobrecimento e o desaparecimento de seus idiomas? A introdução do bilinguismo nas Séries Iniciais, pelo governo, na educação moçambicana, em 2004, parece ter sido um *mea culpa* para amenizar esta lacuna: a transformação da língua oral também em língua escrita¹⁰³.

¹⁰³ O Mandau e o Chisena são línguas escritas ainda muitos recentes, com uma literatura relativamente pequena.

Para Rambo, mais do que isso, “[...] a herança cultural de um povo e a língua materna se acham entrelaçadas, numa relação mais do que profunda com o mundo e [com Deus], numa relação de causa última de todo ser divino e humano” (1994, p.67); que a cultura popular e o idioma próprio equivalem a verdadeiros valores, uma vez que “[...] a linguagem representa muito mais do que um simples meio técnico de comunicação. Ela é parte importantíssima da alma humana” (IDEM, 1994a, p.96); e que a tradição está correlacionada com o valor da língua e da família, pois “[...] a língua é a corrente que se entende como seqüência ininterrupta entre as gerações” (IBIDEM, p.101).

Tomando por base as línguas faladas após a independência de Moçambique, o mapa linguístico ilustra a diversidade e a complexidade da realidade cultural¹⁰⁴. Verifica-se que o universo cultural moçambicano é predominantemente bantu:

No censo de 1980 foram identificados 16 grupos étnicos e 24 línguas. Sete línguas são faladas por 3/4 da população: makhuwa (27,8%), tsonga (12,4%), sena-nyanja (9,3%), lomwe (7,8%), shona (6,5%), tswa (6,0%), chuabo (5,7%), e outras, incluindo as línguas portuguesa, hindu e árabe (24,4%). A língua portuguesa, adotada como língua oficial, ocupa o décimo lugar. Apenas 24,4% da população fala português e 1,1% tem-na como língua materna. A percentagem maior da população (47,5%) que fala português situa-se na faixa dos 15 e 24 anos de idade; e é pequena a percentagem de alunos entre os 7 e os 14 anos que ingressa no Ensino Primário falando português (32,0%) (MOÇAMBIQUE, 1983, p.21).

Essa situação linguística, embora criada pela violência da colonização, revela a continuidade com o novo estado surgido da independência. Isso implicou a transformação da língua de oralidade em língua escrita e a conservação de uma língua estrangeira como segunda língua. Após a independência, houve um movimento da FRELIMO com a tentativa de criar uma identidade unívoca com o povo moçambicano. Espelhando com o momento atual do país, em que se busca valorizar a pluralidade, evidencia-se a fragmentação linguística sem atenção a outros fatores que podem efetivamente representar elementos comuns para a identidade

¹⁰⁴ De acordo a Constituição de Moçambique (revisão de 1990) "Na República de Moçambique, a língua portuguesa é a língua oficial. [...] O Estado valoriza as línguas nacionais e promove o seu desenvolvimento e uso crescente como línguas veiculares e na educação dos cidadãos" (art. 5º). Em Moçambique pode-se identificar diversas línguas nacionais, todas de origem bantu: cicopi, cinyanja, cinyungwe, cisena, cisenga, cishona, ciyao, echuwabo, ekoti, elomwe, gitonga, maconde (ou *shimakonde*), kimwani, macua (ou *emakhuwa*), memane, suaíli (ou *kiswahili*), suazi (ou *swazi*), xichangana, xironga, xitswa e zulu.

moçambicana, entre eles, o fato de que as línguas majoritárias podem servir de veículo de comunicação e de interação como sempre ocorreu em toda a África.

Em seu livro “África e os Africanos na Formação do Mundo Atlântico: 1400-1800”, Thornton (2004), analisa diversas posições contraditórias sobre a África, entre elas a de que não é correto ver a África num estágio de desenvolvimento inferior do que a Europa; que os africanos participaram do comércio no Atlântico como parceiros em condições iguais, tanto no comércio de escravos quanto como escravos na América; e que a África é composta de muitas nações e muitas línguas, mas que havia algumas mais aparentadas, étnica e linguisticamente, que se impuseram no comércio e na arte.

A cultura dos povos moçambicanos está permeada de histórias, de contos, de mitos, de memórias. Cada tribo tem seu próprio conjunto lendário repassado para as outras gerações. São histórias orais milenares, transmitidas de geração em geração pelos mais velhos, ao redor da fogueira e sob o tilintar dos tambores. São contos verídicos e não histórias de ficção ou lendas. São mitos originados das tradições que explicam o universo, a criação do mundo, os fenômenos naturais. São memórias de um passado presente, onde os mortos e os vivos convivem em realidades diferentes.

Os contos, os provérbios e os ditos populares trazem uma sabedoria popular oriunda de aspectos da cultura e da realidade familiar e que toca as pessoas. “Nganos: Contos Tradicionais Moçambicanos” (MACHADO et al, 2007) é um belo exemplo da cultura *Ndau*, localizada entre os rios Búzi e Save, no centro de Moçambique. Foi escrito a partir de um concurso de contos realizado entre os alunos da escola da Missão de Mangunde, em 2006, organizado pelos professores brasileiros Alexsandro dos Santos Machado e Letícia Duarte, e os moçambicanos Domingos Pedro Zina Faz-Ver e Tané Joaquim Sinalo.

O missionário é convidado a uma profunda pesquisa por toda cultura africana e a distinguir com clareza a diferença entre a fé cristã e as doutrinas, mas deve lembrar que a maior parte das histórias foram passadas oralmente de geração em geração. É dentro dessa multiplicidade de línguas que o missionário é chamado a quebrar as barreiras da divisão e do sectarismo e apontar para horizontes universais, mas precisa fazê-lo como instrumento e sinal de unidade.

“A Associação Moçambicana de Escritores tem 80 membros, dos quais 50 têm livros publicados, todavia dentre eles, apenas 07 mulheres” (BOHN, 2005e, p.53). Antes de falar de Couto, quero mencionar Paulina Chiziane, natural do Sul de

Moçambique. Seu primeiro livro foi “Balada de amor ao vento” (1990), semelhante à estrutura de uma novela e dividido em 20 capítulos, conta a trajetória de Sarnau, uma mulher que tem sua vida dirigida pelo amor e pelos homens. Em 117 páginas reflete a sobrevivência de certos valores familiares tribais contrapostos às diretrizes urbanas que, impregnadas pela orientação cristã, deram um outro direcionamento à família moçambicana. A impossibilidade de construir sua identidade e de reconhecer seu real espaço de atuação como cidadã causa sofrimento à mulher.

Como romancista e ensaísta moçambicana, Chiziane é hoje uma das vozes mais expressivas no que tange à revelação da história e dos costumes de Moçambique, transitando pelo universo cultural multifacetado de valores sociais antagônicas, como a monogamia e a poligamia, a pluralidade linguística e o complexo de situações político-econômicas. Ela mesma conta sua biografia num ensaio do livro “Eu mulher em Moçambique” (1992), organizado por Ana Elisa Afonso, onde fala sobre seu país, sua vida e explicita sua visão crítica acerca da condição cultural da mulher.

Por sua vez, Mia Couto é o escritor moçambicano que tem se destacado em seus romances e artigos jornalísticos pelo uso de palavras tradicionais e de construções linguísticas inovadoras para expressar as vozes dos povos africanos, vozes essas caladas há séculos pela lei do colonizador. Seus livros ganharam o interesse da crítica literária de outros lugares do mundo. Para compreendê-lo melhor, eis um trecho do livro “Um Rio Chamado Tempo, Uma Casa Chamada Terra”, onde narra a morte do avô Mariano, personagem central do romance, ao redor do qual acontece toda a trama da história:

Por fim, alguém me dizia como falecera o Avô. Acontecera do seguinte modo: a família se reunira para posar para uma fotografia. Alinharam todos no quintal, o Avô era o único sentado, bem no meio de todos. O velho Mariano, alegre, ditava ordens, distribuía uns e outros pelos devidos lugares, corrigia sorrisos, arrumava alturas e idades. Dispararam-se as máquinas, deflagraram os flashes. Depois, todos risonhos, se recompuseram e se dispersaram. Todos, menos o velho Mariano. Ele ficara sentado. Sorrindo. Chamaram-no. Nada. Ele permanecia como que congelado, o mesmo sorriso no rosto fixo. Quando o foram buscar notaram que não respirava. O seu coração se suspendera em definitivo retrato (COUTO, 2003, p.57).

A linguagem de Mia Couto tem a sonoridade da própria língua falada, bem como da oralidade, cheia de ritmo e de cadência, sonoridade e harmonia. Suas

reflexões são buscadas na sabedoria da vida e revelam que a memória ligada à ancestralidade é uma de suas características prediletas em seus escritos. Couto descreve, em suas obras, questões relacionadas com a vida do povo moçambicano e sua forte tradição de transmissão da literatura e dos saberes essencialmente por via oral. Sabe unir e discorrer com maestria sobre a tradição oral africana e a tradição literária ocidental.

Em “Terra Sonâmbula” (COUTO, 2007a) está a consagração desse escritor e poeta. Um júri especial da feira do livro de Zimbábue considerou-o como um dos doze melhores livros africanos do século XX. Pelas suas profundas raízes na tradição africana, ele une realidade e saberes ancestrais, pessoas e suas ligações à terra, assim como o homem e sua luta pela sobrevivência durante a guerra civil em Moçambique. Couto consegue dar à palavra toda sua força e essência. Consegue resgatar e dar vida a personagens e a histórias, a partir dos escombros de um *machimbombo*¹⁰⁵ incendiado a beira da estrada, empoeirado e cheio de corpos carbonizados, consequência da guerra¹⁰⁶ e um outro cadáver com sua mala, e nela, o diário de Kindzu em busca dos *naparamas*¹⁰⁷. Aos olhos do garoto Muidinga, estes são a única esperança contra os senhores da guerra. A fuga desse morticínio, causado pelas guerrilhas que lhes destruiu a casa, as plantações, os bens e as relações familiares e sociais, ganha vida e drama na história de Muidinga e de seu protetor, o velho e alquebrado Tuahir, na procura dos verdadeiros pais do menino, recolhido por ele num campo de refugiados. Essa parece ser a justificativa da viagem e a narrativa em torno das três personagens: Muidinga, Tuahir e Kindzu. No último capítulo está o mais magnífico da narrativa e do desfecho, uma mistura de realidade, tradição e ficção: no sonho de Kindzu, a paz é resgatada, e, com ela, a possibilidade das pessoas recuperarem a sua humanidade.

Couto mistura cultura local e tradicional com a história moçambicana. As personagens sobrevivem em meio aos conflitos. O tempo parece ser mágico e não linear. Os acontecimentos escapam a lógica e não podem ser explicados pela razão. Não faz distinção de raças. Mistura sofrimento e tristeza de um povo marcado por

¹⁰⁵ O termo designa um meio de transporte coletivo rodoviário de passageiros, autocarro, ônibus.

¹⁰⁶ Moçambique, depois de onze anos de guerra anticolonial (1964-1975), viu-se às voltas com um longo e sangrento conflito interno que se estendeu de 1976 a 1992, entre FRELIMO e RENAMO.

¹⁰⁷ Guerreiros tradicionais que usam apenas arco e flecha, e que se supõem abençoados pelos feiticeiros contra a ação de balas.

guerras que não entende, pelo preconceito¹⁰⁸, pela fome e pelo descaso. Um sofrimento que está preso àquela terra que não tem paz, que nunca dorme nem descansa, uma “terra sonâmbula”.

Trouxe essas colocações de Couto, pois elas se identificam com a oralidade, com a palavra empenhada, assim como defendido por Hampâté Bâ:

Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra. Em compensação, ao mesmo tempo que se difunde, vemos que a escrita pouco a pouco vai substituindo a palavra falada, tornando-se a única prova e o único recurso; vemos a assinatura tornar-se o único compromisso reconhecido, enquanto o laço sagrado e profundo que unia o homem à palavra desaparece progressivamente para dar lugar a títulos universitários convencionais (1980, p.182).

Hampâté Bâ traz à tona uma questão pessoal e familiar da minha infância. Meu falecido pai sempre me ensinou, desde a mais tenra idade, a importância e a essencialidade da palavra nas relações humanas e sociais: que uma palavra falada é uma palavra empenhada. E ele associava a pessoa de caráter àquela que cumpria com sua palavra. Na verdade, era um homem com apenas o 4º ano primário, mas com doutorado em experiência de vida. Era um homem que falava pouco e com prudência. Sabia falar em segredo os assuntos que eram particulares. Nas férias, quando tinha algo mais particular para conversar, convidava para ir ver a lavoura. Aí sabia que era um assunto confidencial. A sua morte em setembro de 1997 foi o coroamento de toda a sua palavra: morreu no silêncio da madrugada, junto da esposa e minha mãe, tranquilo e em paz. Lembro-me que, quando aparecia alguém exigindo a sua assinatura após ter acordado em palavras, ele reagia com certa indignação: “Esse não é um homem de palavra; é preciso ficar longe desse tipo de gente”. Esses princípios pautaram toda a sua vida.

Um outro exemplo do tempo em que a palavra valia mais do que o firmado seria “o fio do bigode”¹⁰⁹ do gaúcho. Uns falam em tempos dos fios de bigode. A expressão “fio do bigode” consistia em garantir a palavra com um fio do próprio bigode. Não havia contrato de papel passado com as devidas assinaturas das partes. Havia, sim, uma palavra empenhada de ambos os envolvidos. Um fio de

¹⁰⁸ Africanos contra portugueses, portugueses contra africanos.

¹⁰⁹ Palavra de origem incerta, mas bigode pode ter vindo de uma antiga expressão alemã pronunciada em juramentos: “bi gott”, ou seja: “por Deus”.

bigode valia mais do que qualquer contrato escrito, palavra dada era palavra de cavalheiro. Era a tal da questão de honra. A palavra valia tanto quanto um fio do bigode, pois homem que era homem usava bigode. E, para usá-lo, tinha que honrar essa condição de homem: ser cumpridor de seus compromissos custasse o que custasse.

Em Moçambique, a maioria das autoridades usa barba, cavanhaque ou bigode. Isso parece idêntico a ter hombridade. Pessoalmente, também usei barba no período de atuação em Beira e em Mangunde. E lembro que após tirá-la, em setembro de 2006, fui tachado de “traidor”, “fugindo das pessoas”, “não quer ser reconhecido pelos nossos pais”.

Infelizmente, hoje, depois de dada a palavra, apertada a mão e sacramentado o contrato, com firma reconhecida e registrado em cartório, muitos pessoas, empresas e instituições entram na justiça para se livrar do compromisso assumido.

Os contos, os mitos, as lendas e os provérbios representam pistas, caminhos de acesso às potencialidades espirituais da vida humana. Através deles é possível conhecer e entender muitos dos saberes e das práticas nas tradições moçambicanas. É através da oralidade que a maior parte das tradições se perpetua de geração em geração, nas diferentes culturas tradicionais africanas, a exemplo dos festivais nacionais:

Um fato que mobilizou o país, mas teve pouca repercussão na televisão foi o 2º Festival Nacional de Canto e Música Tradicional, em Pemba, na Província de Cabo Delgado, dias 26 a 30 de julho passado, com o lema: “*celebrando as diversidades culturais livre do HIV/Sida*”, o qual reuniu quase 500 artistas amadores das 11 Províncias. Foi muita propaganda mesmo, pois desde março aconteciam as eliminatórias por todas as Províncias. Em Sofala foram mais de 100 grupos participantes na fase local (BOHN, 2006g, p.68, grifo do autor).

Nos contextos tradicionais africanos em geral e nos moçambicanos em especial, há muitas histórias para explicar a origem de certos fenômenos naturais, tradições e costumes. Há também grupos étnicos que têm histórias e lendas sobre heróis que se julga terem fundado suas tribos. Muitas vezes, também a mitologia é apontada para ajudar na compreensão dos antecedentes, significado e papel dos antepassados nas crenças da religião tradicional africana.

Atualmente, conforme Appiah (1997), um dos principais desafios dos escritores na construção de uma cultura mais africana é a substituição do “*nós*” da cultura oral

pelo “eu” de seus livros. A maioria dos filósofos africanos é influenciada pelas escolas e pelas teorias européias, cuja ligação com a África somente acontece pelo fato de o continente ser sua terra natal. A África, geograficamente, é um continente indefinido, pois existem questões que transcendem a geografia africana e que devem ser discutidas dentro da filosofia do continente.

5.2 A sabedoria dos anciãos

Segundo Bosi, “A memória do velho é uma evocação pura, ‘onírica’, do passado (a memória por excelência de Bérgrson)” (2004, p.60, grifo da autora). Em outras palavras, o passado é a substância de sua vida e, por isso, ao lembrá-lo, não está em descanso, mas está se entregando aos sonhos e aos devaneios. Halbwachs opõe a evocação do velho a do adulto, pois para ele a “[...] vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação” (apud IDEM, p.60). Frente à questão, Bosi anota:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (2004, p.63).

No entanto, nem todas as sociedades exigem essa função de seus idosos. Na verdade, a pessoa adulta ativa ocupa-se menos da memória-lembrança, tarefa mais entregue aos já afastados dos afazeres cotidianos, o que não impede que, pressionado por pressupostos ou em modelar o passado, sua linguagem seja usada ideologicamente para reforçar as crenças, os valores, as opiniões, para conferir unidade a determinado grupo social.

Em nossa sociedade ocidental atual, as crianças ficam mais entregues aos empregados e aos avós enquanto os pais trabalham fora. Segundo Bosi “[...] estes não têm, em geral, a preocupação do que é ‘próprio’ para crianças, mas conversam com elas de igual para igual, refletindo sobre acontecimentos políticos, históricos, tal como chegam a eles através das deformações do imaginário popular” (IDEM, p.73, grifo da autora). A criança recebe afetos, carinhos, presentes; ouve histórias, brinca, come quitutes fora de casa, mesmo que a vida cotidiana não seja tão igual, afetuosa, harmônica. Nos cuidados com a criança, o idoso investe na sua memória e

no futuro, pois geralmente é subjugado pelos adultos. Bosi vê aí um importante espaço de atuação do idoso:

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar (2004, p.74).

E depois acrescenta que ninguém morre tendo explicitado tudo, e, por isso, alguém deve realizar essa tarefa:

É a essência da cultura que atinge a criança através da fidelidade da memória. Ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência. E que podem reviver numa rua, numa sala, em certas pessoas, como ilhas efêmeras de um estilo, de uma maneira de pensar, sentir, falar, que são resquícios de outras épocas. Há maneiras de tratar um doente, de arrumar as camas, de cultivar um jardim, de executar um trabalho de agulha, de preparar um alimento que obedecem fielmente os ditames de outrora (IDEM, p.75).

Na sociedade ocidental e industrial, aquele que não produz e não gera lucro é descartado, é banido de seu meio social. E isso acontece mais frequentemente com as pessoas idosas. Visitando, em setembro de 2008, um asilo da região metropolitana de Porto Alegre, cumprimentando uma por uma as pessoas ali “confinadas” à morte, várias vezes ouvi algo como: “Obrigado. Ninguém dá a mão pra gente velha”. Histórias da inutilidade são frequentes entre os mais avançados em anos.

Quem são os anciãos? Por que os mais velhos? Bosi afirma que “Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar-nos pela memória dos velhos” (IBIDEM, p.82). É sempre uma experiência profunda a conversa como um velho. O ancião, na cultura tradicional africana, é como um guardião ou um cuidador do tesouro sagrado da comunidade: a tradição. E depois Bosi explica:

Hoje, fala-se tanto em criatividade... mas, onde estão as brincadeiras, os jogos, os cantos e danças de outrora? Nas lembranças de velhos aparecem e nos surpreendem pela sua riqueza. O velho, de um lado, busca a confirmação do que se passou com seus coetâneos, em testemunhos escritos ou orais, investiga, pesquisa, confronta esse tesouro de que é

guardião. De outro lado, recupera o tempo que correu e aquelas coisas que, quando as perdemos, nos fazem sentir diminuir e morrer (2004, p. 83).

A afirmação tem eco no cotidiano tradicional e hodierno moçambicano (Figura 46). Em geral, as pessoas de mesma língua sentam-se lado a lado nas celebrações e/ou cerimônias religiosas na paróquia São Benedito, Bairro Chingussura, em Beira, cidade dividida entre *sena* e *ndau*. E os mais idosos¹¹⁰ ocupavam sempre os primeiros lugares. As senhoras vestidas com as suas tradicionais *capulanas*, descalças, sentavam-se nas primeiras esteiras. São os mais velhos que, pelos ritos e pela ação coletiva, representam a ligação com os antepassados e as diferentes unidades de organização, de produção e de reprodução.



Figura 46 - Pessoas idosas em lugar de destaque – Beira, abr./2004.

Fonte: Acervo pessoal.

Nos diferentes grupos étnicos da África, os anciãos são fonte e símbolo da sabedoria e, por isso, devem ser e realmente são admirados e visitados pelos mais jovens em busca de conselhos e de ajuda. Nas sociedades tradicionais africanas, os velhos, mesmo iletrados, mas pela sabedoria adquirida, tornam-se transmissores de

¹¹⁰ Na sociedade moçambicana idosas são as pessoas que ultrapassam a expectativa de vida dos 40 anos.

valores da cultura herdada dos antepassados. São os guardiões e os transmissores da tradição dos antepassados, que são sinal de unidade e de vida.

Já dizia o malês Hampâté Bâ: “Na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima” (2003, orelha de capa). Pois, o idoso exerce um papel primordial dentro da organização social tradicional moçambicana. As famílias reúnem-se em comunidades sob a liderança de um chefe: autoridade máxima, reconhecida e respeitada. Esse chefe é o ancião, a cabeça da linhagem, o membro mais velho do grupo. Ele lidera as cerimônias, a evocação aos antepassados e sua palavra não sofre contestação. Sem entrar no mérito, existem anciãos que se aproveitam desse seu papel e chegam a criar situações embaraçosas para os membros da comunidade tradicional.

Os velhos, os maiores, são os guardiões da tradição. O respeito frente a eles se impõe por regras e pelo medo ao castigo. Seu papel principal é assegurar a perpetuidade das tradições. Isso gera atitudes muito conservadoras, tendo os mais velhos o controle total das mudanças. Um filósofo africano afirma que *o mais grave de todos os vícios internos das sociedades africanas é a ignorância que nossas culturas possuem sobre a idéia de progresso* (BOHN, 2004e, p.36, grifo do autor).

Os homens mais velhos, os idosos, inspiram medo nos mais novos (filhos, sobrinhos, netos) e, conforme Cezerilo: “[...] se estes não forem amparados, respeitados, morrerão com rancor ficando assim a superstição de que após a morte, o seu espírito os perseguirá, de que este não os protegerá e assim viverão amaldiçoados por toda a vida” (2002, p.14). Aliás, a morte faz recordar os antepassados, suas palavras e a sua última vontade transmitida no leito da hora derradeira. O povo africano acredita que, se ignorar as últimas recomendações de seus pais, um dia irá chorar a sua própria loucura. Por isso e por outros aspectos, os princípios de senioridade e de primogenitura são essenciais no processo educativo dos mais novos. Sua autoridade é incontestável: “Os velhos são os mais próximos dos Antepassados, pois escutaram a Eles, adquiriram a ciência dos Antigos com a longevidade. Ligada à velhice está a sabedoria e a intimidade com os espíritos ancestrais” (BOHN, 2004e, p.35).

Na concepção cotidiana tradicional, os mais velhos, por terem uma posição de mais próximos aos espíritos dos antepassados, seriam os mais protegidos e, por isso, teriam a responsabilidade de mediação, de zelo e de manutenção da ordem

que os espíritos criaram. “Os espíritos, através dos mais velhos, velam pela vida do grupo, asseguram ao mais velho a possibilidade de ser o pólo na povoação, de ser o gestor, organizar e coordenar todas as atividades do grupo” (FIALHO apud OLIVEIRA, 2002, p.51).

O idoso africano é, por excelência, um banco de dados muito rico, pois apreendeu as coisas mais importantes da vida, como prolongar sua existência na terra e como manter-se íntegro, sustentando sua família, educando seus filhos, criando uma história. O idoso é como um sábio, um professor de contos, de provérbios e de lendas. Ele conhece bem a tradição dos antepassados e comanda toda a população da aldeia, com autoridade indiscutível, pois sua fala viria dos ancestrais.

Os antigos são pessoas com experiência, homens e mulheres que enriquecem a família, o clã ou a comunidade com o seu senso comum. As pessoas de idade avançada, por terem mais proximidade com a autoridade e com a identidade da comunidade, podem representar toda a comunidade. Por isso, delega-se a eles o poder político, a transmissão da sabedoria e dos costumes, a missão de garantirem os segredos dos antepassados.

Sem dúvida, os anciãos são os maiores educadores dos saberes e das práticas, detentores dos segredos das tradições. Pelo seu referencial e por sua sabedoria, pelo seu papel e pela sua importância, os idosos também se constituem parte essencial e referencial na guarda e na transmissão dos saberes e das práticas tradicionais moçambicanas.

5.3 A presença dos antepassados

Na mentalidade africana, a vida não termina com a morte. Sendo assim, os idosos que tiveram uma boa morte e um funeral digno de sua reputação continuariam interferindo no mundo dos vivos para ajudar, para proteger e para defender os habitantes da aldeia. A contínua presença dos antepassados na vida cotidiana é, muitas vezes, como uma presença incômoda que precisa ser assumida e integrada. O prolongamento dos anos vividos é considerado um sinal de que o idoso foi protegido pelos seus antepassados e que doravante ele também irá habitar na “*aldeia dos antepassados*”. Para os africanos, é o passado que dá o sentido ao presente, uma vez que o futuro ainda não existe.

O culto dos antepassados não é um mero culto dos mortos. Pela mediação dos antepassados, o passado inteiro torna-se presente na comunidade. Sem essa mediação, a comunidade ver-se-ia privada não só da riqueza do passado, mas também da sua atual compreensão de si mesma e da sua possível autodeterminação futura. Ao mesmo tempo, o ancestral participa da dimensão ética dos ritos. Ele representa a força divina, que é transmitida aos líderes da comunidade. [...] Afinal, ninguém morre totalmente, mas a vida assume formas diversas, sem que seja destruída a comunhão real solidária da comunidade no seu conjunto. (HIGUET, 2005, p.6)

As crenças e as práticas religiosas estão essencialmente ligadas à religião tradicional, isto é, aos espíritos dos antepassados. Acredita-se que os crocodilos¹¹¹ têm dono, e por isso ninguém os mata e come:

Aqui em Mangunde, dia 6 de agosto um crocodilo caiu numa armadilha. Ficou em exposição durante três dias até a vinda do Régulo para autorizar a matança, pois na tradição o crocodilo tem dono. Por sua vez, o Régulo mandou tirar o couro, abrir o estômago para contar os anos (tinha 105 anos, pois engoliu 105 pedras – uma por ano) e mandou cortar a cabeça e guardá-la para que ninguém usasse o seu veneno para envenenar outra pessoa, depois mandou distribuir a carne para população. Todavia, poucos comeram a carne, pois ele mata e alimenta-se de pessoas (BOHN, 2006g, p.69).

Outra carta lembra que “A realidade dos Antepassados está no centro da existência dos vivos. Os Antepassados são fundadores e esteios da tradição dos vivos e, por isso, seria arriscado desleixar o relacionamento com os próprios” (BOHN, 2004e, p.35). Isso é fundamental para a compreensão das tradições culturais dos povos africanos. Amaral caracteriza o pensamento africano cósmico-antropológico assim:

Deus é concebido como a última explicação da origem e sustentação da pessoa humana [...]. Os espíritos são vistos como o destino final para o qual todo o ser humano se orienta; os animais, as plantas, os seres inanimados, os fenómenos naturais formam o ambiente vital da pessoa humana. Assim, todas as categorias de seres existentes estão intimamente integradas por uma solidariedade e interdependência que não se podem romper (2003e, p.33).

É a solidariedade que faz com que tudo o que acontece à pessoa humana afete o universo e rompa o equilíbrio e a harmonia universal, do qual dependem a

¹¹¹ Os crocodilos são animais muito ferozes e que povoam rios moçambicanos, fazem muitas vítimas, semeando a morte pelo país.

fecundidade, a felicidade, a prosperidade, a paz, o bem-estar, a saúde, os bens, a tranquilidade e a segurança da pessoa humana como indivíduo e como comunidade-família.

Todo ser vivo e toda natureza são animados por espíritos que criam uma ponte entre a realidade material e o mundo da transcendência. A adoração é feita ao Deus supremo, o sacrifício aos espíritos ancestrais para aplacá-los e obter o seu favor. O homem unido ao espírito não percebe mais o mundo externo como uma ameaça; pelo contrário, as coisas tornam-se amigas e compartilham a sua própria vida (BOHN, 2004e, p.35).

No documento “Ecclesia in África”, João Paulo II afirma que é “[...] precisamente o amor pela vida que leva o africano a atribuir tão grande importância à veneração dos Antepassados” (1995, p.43). Mas, o culto aos antepassados geralmente varia de clã para clã. Com raras exceções, o sacerdote de uma cerimônia aos *manes*¹¹² para pedir a chuva, a saúde, o cereal, um homem ou mulher para o casamento, é um velho régulo ou um idoso e exemplar chefe de família. Ao analisar como essa dimensão acontece tradicionalmente em Moçambique, frente às situações adversas como a falta de chuva, problemas de água, estiagens, enchentes, ciclones, terremotos, tradicionalmente se recorre às cerimônias, pois “[...] estamos vivendo dias muito quentes e sem energia elétrica; quanta noite mal dormida. Muitas cerimônias tradicionais estão a ser feitas para pedir chuva” (BOHN, 2006i, p.73).

Por sua vez, Lopes atribui isso “[...] em função de fatores de diferente ordem esta sociedade tem grandes dificuldades de lidar com a ambiguidade e incerteza do ambiente e por isso protegem-se com regras e normas que minimizem ao máximo a incerteza” ([2001], p.8). E Sousa acrescenta:

[...] a religião Tradicional também tem um livro não escrito, mas oral: ‘OS ANTEPASSADOS. Este livro: OS ANTEPASSADOS’ condiciona toda a vida, desde o nascimento até a morte. [...] Os nossos antepassados viveram banhados de religiosidade. Acreditaram na vida para além da morte, nos espíritos, no culto dos mortos, o reino dos antepassados em maiúscula em Deus (1997, p.32, grifos do autor).

¹¹² Segundo a tradição, “os manes vivem debaixo da terra e esta é a mãe de toda a vida vegetal e animal” (CIPIRE, 1996, 29). A adoração aos manes – patolatria – “consiste na intersecção que o sacerdote faz acompanhado por outros elementos do povo, junto da campa dos manes, ergue as suas preces e fala com os mortos ouvindo destes os conselhos e transmitindo-os à multidão” (IDEM).

Os antepassados abarcam a vida toda para celebrar os acontecimentos mais significativos: os nascimentos e casamentos, as doenças e as tristezas, as alegrias e as iniciações, as grandes secas ou outras calamidades naturais. Os antepassados, segundo Gwembe, têm uma missão bem específica:

[...] estão sempre presentes no dia-a-dia dos descendentes para os proteger e defender. Travam uma luta ferrenha contra 'inimigos da vida'. Eles manifestam as suas vontades através dos sonhos; manifestam o desejo de algum deles encarnar nalguma criança. São eles que chamam este ou aquele membro da família para junto deles. Numa palavra, os Antepassados estão activamente presentes na vida do clã" (2003, p.161, grifo do autor).



Figura 47 - Deposição de flores no dia do professor – Mangunde, out./2006.

Fonte: Acervo pessoal.

A estreita relação entre vivos e antepassados está na vivência da tradição, nos ritos, nas orações, nas lembranças, no diálogo íntimo ao longo do dia, nas cerimônias e nas solenidades públicas. Como expressa Cougil: “Não há família sem Antepassados, não há acontecimentos importantes ou menos importantes sem invocação dos Antepassados” (1997, p.6). Isso é lembrado em cada festejo ou feriado com deposição de flores aos que já perderam a vida (Figura 47). Na situação, a presença do administrador do distrito de Chibabava, acompanhado de

um casal de crianças, professores, alunos e população circunvizinha a Missão de Mangunde:

No dia do Professor, 12 de outubro, houve feriado para as escolas. Aqui concentrou as cerimônias da ONP do Distrito com a presença do Administrador, Secretário da FRELIMO, diretor de educação, professores, etc. Foi uma grande cerimônia com deposição de flores na Praça da Escola em honra a todos os professores falecidos. (BOHN, 2006i, p.73).

Os antepassados têm muita influência na vida e na fé das pessoas. Alguém viver contra a vontade dos antepassados ou suas tradições é correr o risco de ser infeliz. Parece que eles têm um papel de intercessão junto de Deus. Dessa forma, a morte abriria o espaço para o sobrenatural e para os antepassados, pois percebe sua transitoriedade e fragilidade da sua estadia na terra. Gonçalves expressa bem a veneração por eles:

Os antepassados são os protectores da vida e os seus nomes garantem felicidades na vida. Eles vivem juntos e continuam a exercer as funções familiares e outras responsabilidades que tinham quando estavam conosco. É quase impossível conceber a nossa vida sem os antepassados. No fim da vida nós iremos ter com eles e a nossa felicidade consistirá em estar em harmonia com eles (1997, p.1).

Quanto ao papel, os antepassados são considerados *mortos-vivos* glorificados, membros da família e não como fonte última de poder, nem como simples intermediários. Mbiti traz com propriedade suas funções:

Eles voltam às suas famílias humanas de tempo em tempo e partilham comidas com eles embora simbolicamente. Eles sabem e têm interesse no que está acontecendo nas famílias. Eles são guardas dos assuntos familiares, tradições, moral e actividades. Ofensa nestes assuntos é em definitivo uma ofensa contra os antepassados que, nessa capacidade, actuam como polícia de famílias e comunidades (apud BOUCHER, 1997, p.83).

Os antepassados são como que os “anjos da guarda” das leis tradicionais e dos costumes, de cujo cumprimento depende a sobrevivência do clã: abençoam os que os guardam e castigam com doenças e com desgraças aqueles que abandonam essas leis. Na sociedade bantu, uma pessoa boa e de bom comportamento é aquela que honra os antepassados “vivendo como eles viveram” (BOUCHER, 1997, p.83).
 Todavia,

[O Dia de] Finados não tem cerimônia específica local. O povo sempre faz cerimônias por ocasião do aniversário de morte de alguém da família. Aqui a maioria das famílias tem o seu cemitério e encontram-se para limpar a campa (túmulo), deposição de flores, depois tomam maheu¹¹³ forte para os homens e mais fracos para as mulheres e crianças. Depois dançam. Os antepassados fazem parte da família dos vivos, mas em outra dimensão (BOHN, 2006i, p.73-74).

Mabuiangue narra o exemplo com o qual ele se deparou com uma situação em sua missão sacerdotal na hora do batismo de uma criança, e que diz respeito à importância e ao significado de procriar, inerente à tradição dos antepassados:

Eu vi-me forçado a arranjar a 2ª mulher por exigência dos espíritos dos antepassados porque em casa não tínhamos paz nem sossego por falta de filhos. Desde que cumpri essa vontade dos antepassados, as coisas já nos correm bem; eu sou feliz, as minhas mulheres também se entenderam e não há problemas. É que para a minha cultura, não ter filhos é um problema muito sério que ameaça a estabilidade conjugal (2001, p.126).

Recordo de um fato ocorrido na Missão de Mangunde, com nossa funcionária, chamada a comparecer no Régulo, acompanhada por mim, coordenador-adjunto, e demais responsáveis pelos internatos:

Aconteceu que o irmão mais velho da Rosa foi morto em 1979, por envenenamento na bebida, em Búzi. Todavia, a família não requereu o responsável do assassinato, mas muitas mortes, acidentes, tragédias aconteceram na família da esposa. Agora, passados mais de 27 anos, o filho do tio da esposa, também já falecida, veio com um enviado do Régulo de Búzi que exigia localizar a irmã mais velha do falecido para pagar uma quantia por causa da morte, pois diz que não conseguem mais viver em paz. Afirmava que o espírito do malogrado não está a deixar ninguém sossegado, exigindo o pagamento pela morte. No entanto, segundo reza a tradição da família da Dona Rosa, ninguém pode matar e ninguém deve receber pagamento por morte. Os antepassados resolviam da seguinte forma: aquela família que era cúmplice de uma morte devia escolher alguém de sua família, enfeitá-lo bem e colocá-lo num barco com o dinheiro e deixá-lo com o dinheiro mar adentro. Nós fizemos entendê-los que Dona Rosa tem cargo na Missão, que estas são questões familiares e quando na ida de férias devem ser resolvidas em Búzi e não aqui em Mangunde. Dois dias depois deixei Rosa em Búzi, mas até agora o caso continua sem resolução. São coisas da tradição milenar (BOHN, 2006i, p.72-73).

¹¹³ Trata-se de um tipo de bebida não alcoólica de fabrico caseiro, feita com farinha de milho, açúcar e algum fermento. O maheu é muito consumido particularmente nas zonas rurais, a exemplo de Mangunde, em ocasiões de grandes concentrações: missas, casamentos, lobolos, batizados, etc. Não há cerimônias sem maheu, pois é uma bebida para todos e barata (LOPES; SITEO; NHAMUENDE, 2002, p. 91).

Quem pode tornar-se um antepassado? A resposta varia de sociedade para sociedade. Pela morte em si ninguém é considerado um antepassado. “Para ser antepassado precisa deixar filhos, netos, descendência” (BOHN, 2004c, p.29). Além disso, outras qualificações são absolutamente necessárias: idade avançada¹¹⁴, vida de acordo com a moral do grupo e ritos fúnebres apropriados. A essas, outras sociedades acrescentam uma boa morte, isto é, não tenha morrido prematuramente, vítima de doença, acidente, suicídio. Pois essas mortes não têm ritos de passagem fúnebres completos.

Nas tradições dos *Ndau* e *Sena*, os antepassados estão muito enraizados. Para estes, é considerado antepassado dos vivos todo o homem que morreu casado e com filhos, independentemente do seu comportamento na sociedade, enquanto que para aqueles, só era antepassado aquele homem que morreu casado e com filhos, mas que teve uma vida digna.

Como não há tradição sem antepassados, eles são invocados no nascimento, na morte, na viagem, na sementeira, na guerra, no matrimônio, no sacrifício, na colheita, na caça e na pesca, na seca e na hora dos problemas a resolver. Quando falta a chuva e/ou as estiagens se prolongam, cerimônias aos antepassados acontecem nas mais diferentes comunidades domésticas tradicionais, organizadas pelos Régulos ou chefes locais. Abordarei apenas as tradições que os *Sena* e os *Ndau* fazem diante da falta de água, seca e estiagem, por só ter trabalhado em Sofala.

Na tradição *Ndau*, centro-sul de Sofala, quando se verifica que há uma seca prolongada, os chefes da aldeia vão comunicar ao Régulo e esse autoriza a tocar o “*combo cimwe*”¹¹⁵ para informar toda a comunidade para se reunir, a fim de tomar as possíveis providências. Em fins 2006, em Mangunde, persistindo uma prolongada estiagem, os emissários do Régulo passaram por todas as famílias, avisando e solicitando uma contribuição para a comida do dia. Foi marcado o terceiro domingo de dezembro.

Desde os primeiros raios do sol, todos foram em direção ao local do encontro. Na campa do ancião mais velho da aldeia é feita a invocação. Para o ato, levam

¹¹⁴ Não existe uma idade precisa, mas que tenha vivido em sua completude.

¹¹⁵ Batuque que se toca três vezes.

carne de galinha e de cabrito e *doro*¹¹⁶. Por ocasião da cerimônia, limpam o túmulo, derramam um pouco de bebida ao redor para o antepassado, imola-se um animal com o objetivo de introduzir o espírito do falecido na aldeia antes do pedido de chuva ou da prece, que consiste: “Aos nossos antepassados, nós vos invocamos por causa da seca e vos pedimos para que haja humidade que possa nos salvar” (MANUEL, 1997, p.104). E depois só os mais velhos permanecem dançando junto aos ancestrais da aldeia, enquanto os demais se dirigem à casa do Régulo, local da festa, que dura o resto do dia. Aí todos participam das danças, dos cânticos, das comidas e das bebidas.

Na tradição *Sena*, centro-norte de Sofala, o sacrifício feito por ocasião da ausência de chuvas também segue vários momentos. A preparação exige a reunião dos chefes para avaliarem a necessidade e o melhor momento; proclamação oral e por meio do tambor ou da coleta de oferta para o dia da cerimônia; preparação das ofertas de forma voluntária e conforme as necessidades, que consistem em comida (farinha de *mapira*, massa, arroz, galinha assada ou cozida sem sal, laranjas, bananas) e bebida (cerveja de *mapira* ou aguardente de caju, de manga, de laranja, de cana-de-açúcar), tabacos, cigarros; e abstenção de relações sexuais.

A realização geralmente acontece na casa do *Régulo*, pois os antepassados em vida se reuniam ali para estudar o motivo. Cada um traz a contribuição para a festa que segue o sacrifício, cuja separação é feita: uma para o banquete e outra para as ofertas. Durante a cerimônia, todas as mulheres mais próximas da família dos antepassados do *Régulo* ou do chefe daquela região ficam de bruços. Os homens e as demais mulheres ficam sentados, enquanto o sacerdote (*Régulo* ou chefe), sem paramentos próprios, permanece de joelhos na porta de uma casinha de palha, para receber as ofertas entregues por outras mulheres, e, enquanto as coloca dentro, invoca os nomes dos antepassados. Nessa hora, as pessoas batem palmas em sinal de respeito aos antepassados, e algumas mulheres sopram seus apitos feitos de junco. Eis a fórmula breve de uma oração para pedir chuva:

Senhor Maibekhe, pai Nyamazi, chefe Nkhondiwa, todos os régulos, chefes e os grandes que viviam nesta área. Recebei esta cerveja para refrescar a vossa garganta. O vosso cigarro preferido é este, o rapé que cheirava é este, a massa que gostava está aqui, a vossa massa é esta. Olhai nesta

¹¹⁶ Ou pombe, palavra que em ndau significa cerveja tradicional, ou seja, de fabrico caseiro com milho, com teor alcoólico, consumida pelos homens adultos. Na língua sena é kabanga. As mulheres e crianças tomam maheu, que também é de milho, mas sua fermentação é de um dia e tem açúcar.

vossa região, nós estamos a sofrer por falta de chuva e comida. Queremos que chova (MORCENE, 1997, p.122).

Chiziane fala de um ritual ao Sul do país que obriga a participação da mulher, quando a comunidade é atingida por uma calamidade:

Em Moçambique, o povo tsonga celebra o mbelele quando a comunidade é afectada por uma grande seca. Antes de decidir a realização do magno ritual, os homens castigam as mulheres. Fazem preces para os deuses do pai e da mãe. Falham. Os reis e os sacerdotes fazem preces aos deuses do clã ou da tribo. Falham. Recorrem de novo à mulher porque reconhecem nela a fertilidade e a sobrevivência do mundo. No mbelele, elas correm nuas de baixo do sol abrasante revolvendo sepulturas, purificando a terra, gritando, cantando para que as nuvens escutem. Só a nudez da mulher é que quebra o silêncio dos deuses e das nuvens porque ela é a mãe do universo (1992, p.12-13).

Acredita-se que os antepassados foram os primeiros criados por Deus. “Deus e os Antepassados actuam como mãe e pai que castigam para salvar!” (BOUCHER, 1997, p.90). Assim sendo, os antepassados teriam o poder de transmitir a vida aos seus descendentes, bem como o papel da guarda e de proteção das futuras gerações, abençoando os seus súditos e obtendo os favores para eles. Por isso, são buscados antes de qualquer empreendimento importante, inclusive para apadrinhamento de casamentos. Creem que, sem a sua concordância, não há bem-estar, fertilidade e prosperidade. Todavia, sua benevolência requer a fidelidade, respeito às leis e aos costumes, senão ocorreriam castigos e males, como advertências e/ou medidas corretivas para conduzir um indivíduo ou um grupo para o bom caminho. Tradicionalmente, as palavras e os ensinamentos, as leis e as práticas que os antepassados legaram aos seus descendentes são necessariamente para serem observadas inescrupulosamente para todo o sempre. Contudo, penso que essa é uma questão que precisa ser abordada com mais profundidade.

5.4 Os saberes e as práticas nas tradições moçambicanas

Descrevi o significado de cultura e da identidade e suas marcas deixadas nas tradições moçambicanas, o significado dos ritos de passagem, bem como a tradução da questão do tempo africano no cotidiano moçambicano. Trabalhei a organização social, o papel dos anciãos e dos antepassados nas tradições africanas em geral e,

particularmente, na região central de Moçambique e a importância da família e da religião na formação dos mais novos.

Este trabalho tem como foco central verificar a dimensão educativa dos saberes e das práticas presentes nas tradições moçambicanas a partir da análise das cartas escritas durante minha experiência em Beira e Mangunde, além de fotografias e de outras lembranças da Província de Sofala/MZ, no período de 2003 a 2006. Por tudo que apresentei e descrevi dos saberes e das práticas anteriormente, cabe agora evocar apenas algumas considerações gerais.

“Quando Tocam os Tambores” é perpassada pelos saberes e pelas práticas educativas. A linguagem do tambor é a reprodução imediata e natural da língua. É um saber, uma escritura, inteligível para qualquer pessoa que tenha a prática suficiente para ouvi-la, pois é dirigida para a vida. Assim sendo, preciso mencionar a fala de Montiel:

A escritura do tambor, diz Jahn, “pode difundir as notícias mais rapidamente que a escritura gráfica”. Para compreender o valor semântico do tambor, é necessário remeter-se às línguas africanas, que são sistemas fônicos com estratos sonoros que dão às palavras um significado diferente, conforme a gravidade sonora dos vogais. Os sistemas de escritura são pouco adequados para escrever os tons graves, agudos e intermédios, sobretudo estes últimos. Em nenhuma escritura existem signos que possam representá-los. Em troca, o tambor reproduz com fidelidade a linguagem tonal das línguas africanas (1999, p.31).

Não há dança que se desenvolva sem a presença do tambor. O tambor é um meio de comunicação, de acompanhamento de danças, de transmissão de mensagens. O tambor é o elo com o passado. O tambor é o guardião da memória e da unidade de coletivos dos africanos de conservar e de transmitir os valores de sua tradição e os códigos de sua identidade. Todo jovem africano outrora tinha que aprender a arte de captar os sinais acústicos do tambor. Quando os tambores tocam, é preciso saboreá-los: ouvi-los, internalizá-los e contemplá-los. Os sons dos tambores falam, educam.

A presença dos idosos e dos antepassados está no cerne da transmissão dos saberes e da produção de práticas tradicionais. Confrontando as ideias de Bosi, Hampâté Bâ, Vansina, Appiah e Couto, em confronto com as cartas, com as fotos e com as experiências, constato que a produção dos saberes acontece no cotidiano tradicional. Por ser uma cultura predominantemente iletrada, a transmissão é

essencialmente oral, não sendo possível compará-la com as teorias dos ancestrais. Na transmissão oral tudo é transmitido de memória através da linguagem oral.



Figura 48 - Grupo ouvindo atentamente – Mangunde, Chibabava, abr./2006.
Fonte: Acervo pessoal.

Assim, valores como a verdade, a autenticidade, o conhecimento total, a experiência de vida, a família, entre outros, estão presentes e valorados na sociedade tradicional moçambicana. “Uma vez que a sociedade africana está fundamentalmente baseada no diálogo entre os indivíduos e na comunicação entre comunidades ou grupos étnicos”, segundo Hampâté Bâ (1980, p.204), o aprendizado requer destreza e simpatia, memória e caráter, cortesia e serviço, pois “[...] o segredo do velho não se compra com dinheiro, mas com boas maneiras” (IDEM, p.209). Pois, na tradição oral, os mais velhos são os educadores por natureza. Cabe-lhes a iniciação na comunidade, a transmissão dos valores, e garantir a unidade da sociedade familiar tradicional. A Figura 48 mostra que até em nossos dias é comum ver os mais novos receberem as orientações e serem iniciados fora da comunidade. Sentados ao redor do fogo, sobre esteiras, na mata, ouvem atentamente as lições, as orientações, os valores e os princípios da sociedade familiar transmitidos, geralmente, por alguém com mais anos e mais experiência de vida.

Constata-se que todos os povos iletrados possuem uma memória mais desenvolvida. A falta de uma alfabetização universal coloca-se como uma das grandes encruzilhadas para o desenvolvimento da modernidade africana. A memória africana procura sempre registrar toda a cena, pois a vida não se pode resumir jamais: “Resumir uma cena equivale, para ele, a escamoteá-la. Ora, por tradição, ele não tem o direito de fazer isso. Todo detalhe possui sua importância para a verdade do quadro. Ou narra o acontecimento em sua integridade ou não o narra” (IBIDEM, p.215).

Hampâté Bâ fala que a tradição oral é perfeitamente concebível do ponto de vista científico, a partir de pesquisas de narrativas recolhidas meio século antes, das quais nenhuma palavra tinha sido alterada: “Isso dá uma idéia da fidelidade com que os dados são preservados na tradição oral” (1980, p.214). As fichas imateriais do catálogo da tradição oral, compostas de máximas, de provérbios, de contos, de lendas e de mitos, também o comprovam.



Figura 49 - Senhoras ensinando a costura à jovem – Beira, maio/2003.

Fonte: Acervo pessoal.

Outros são ensinados nos afazeres cotidianos (Figura 49). Por exemplo, a mãe e outra senhora de mais anos de vida passam os conhecimentos da arte de coser. A mãe está costurando numa velha máquina de costura, e a filha, observando e

aprendendo. Toda transmissão acontece alegremente. As duas *mamás* e a aprendiz estão trajadas com a vestimenta que acompanha cotidianamente a mulher tradicional moçambicana: a *capulana*. A cozinha, onde acontece essa formação, torna-se um espaço de transmissão dos saberes e das práticas tradicionais, híbrido, o que também está atestado no material de alvenaria, utilizado na construção e pelo rádio sobre a mesa. Não se percebe a presença do homem, pois nas famílias atuais, grande parte dos saberes e práticas são transmitidas pela mulher.

Como se transmite o conhecimento das práticas tradicionais? Hampâté Bâ diz que os ritos de iniciação precisam ajudar o iniciado a desvendar a maior e a mais significativa de todas as histórias, que é a história do próprio homem: “As pessoas da pessoa são numerosas no interior da pessoa. [...] A iniciação o fará descobrir a sua própria relação com o mundo das forças e pouco a pouco o conduzirá ao autodomínio” (1980, p.195).

Apesar de encontrar momentos fortes de formação como os ritos de passagem, todas as oportunidades são propícias para transmitir a sabedoria acumulada ou repassar valores às gerações mais novas. Hampâté Bâ autentica, em seus escritos, que, de modo geral, “[...] todo velho na África é sempre um ‘Conhecedor’ em algum assunto histórico ou tradicional” (IDEM, p.211, grifo do autor). Mas nem todos os conteúdos são de conhecimento comum. Uns são exclusivos e segredos dos mais velhos, transmitidos nos últimos momentos da vida para o filho mais velho.

A África dos velhos iniciados deixa um aviso aos jovens na boca de Tierno Bokar: “Se queres saber quem sou, se queres que te ensine o que sei, deixa um pouco de ser o que tu és e esquece o que sabes” (apud HAMPÂTÉ BÂ, 1980, p.218). Isso parece dever ser a regra número um para quem deseja trabalhar em terras moçambicanas. Hampâté Bâ fala de “[...] saber renunciar ao hábito de julgar” (IDEM). Revirando o baú da minha memória viva, recordo-me ter sido essa uma reclamação de internados de uma Missão ao sul de Sofala, quando da passagem de pessoas estrangeiras que demonstrassem espanto frente a certos hábitos, formas de se portar e/ou de rezar: “Irmão, pede para eles irem embora!”.

Nas sociedades tradicionais, esse desafio é emblemático, pois os saberes são de posse dos mais velhos, são transmitidos oportunamente aos mais jovens, em especial nos ritos de iniciação, e outros, somente no instante final da vida terrena para o filho primogênito. Sem dúvida, isso mantém a estratificação social, o poder concentrado nos anciãos e seu conselho, o respeito aos mais velhos, a unidade da

família. O uso não democrático do conhecimento e da informação representa a composição e a prática do exercício do poder político vigente na sociedade familiar tradicional. A socialização do conhecimento básico acontece no cotidiano da vida, nos momentos fortes da vida, como o nascimento, a puberdade, o casamento e a morte.



Figura 50 - Crianças de Goonda – Chibabava, maio./2006.
Fonte: Acervo pessoal.

Há, no entanto, muitos elementos da cultura que perpassam as tradições moçambicanas e que garantem os valores morais e éticos e que continuam muito presentes no povo: a solidariedade, o diálogo, a participação, o direito à vida, o perdão. É comum as crianças (Figura 50) e as pessoas em geral, serem acolhedoras, gentis, alegres e muito prestativas. A simplicidade dos gestos, os rostos sorridentes, as gentilezas dispensadas aos mais velhos e/ou estrangeiros, encantam a qualquer um. É dentro desse hibridismo que a diversidade e a identidade cultural se cruzam em Moçambique. E qual o papel da educação nisso? Nas escolas, os currículos escolares primam pelo saber acumulado pelos homens. Todavia, a atual tendência da antropologia é olhar o homem na sua integralidade, sem perder de vista a perspectiva da diversidade e das potencialidades de cada povo ou de cada grupo. Diante disso, se fala tanto em democratização dos saberes

e que o acesso à produção do conhecimento e aos chamados bens culturais (música, filmes, literatura, entre outras) seja para todos e todas.

Com a proliferação do ensino universal e a sistematização dos conhecimentos acumulados pela humanidade, a educação tradicional vai perdendo seu espaço. Entretanto, o conhecimento tradicional, por estar mais associado à família e à sociedade rural, perde força no mundo da urbanização e da globalização. É mister que se recupere a sabedoria legada pelas tradições orais, pois elas são uma maneira de ensinar e de transmitir os valores de grupo, ainda tão necessários à sociedade contemporânea.

Como esta produção acadêmica está direcionada para a alteridade e a interculturalidade, necessariamente o traço fundamental de uma pedagogia intercultural¹¹⁷ consiste no seu direcionamento para a alteridade e na sua abertura ao outro. O outro como um sujeito ativo, responsável, dotado de um capital cultural próprio. Aliás, é papel do ensino organizar, facilitar e, sobretudo, otimizar essa troca acordada.

De fato, cada vez mais se impõe uma pedagogia do intercultural, que garanta a diversidade como característica das populações escolares nos dias atuais e se apoie no enriquecimento mútuo dos educandos. Uma pedagogia intercultural, pois essa indica movimento e reciprocidade, intercompreensão entre as partes. Enquanto multicultural, indica mais um estado das sociedades, e que, na realidade cotidiana, pode traduzir-se pela simples justaposição de culturas múltiplas no interior de uma sociedade, no entanto, sem comunicação entre elas, ou mesmo cada uma permanecendo fechada o máximo possível no conjunto.

Prosseguindo nessa troca de ideias pertinentes aos saberes e às práticas, não tenho a pretensão de aceitar o relativismo cultural, que reifica a diferença, nem a hierarquização da diferença. O diálogo das culturas precisa promover um ponto de encontro de civilização onde se realizam ricas e variadas trocas culturais entre povos sobre seus usos, costumes, crenças, religiões, linguagem, indumentária, culinária, danças e toda sorte de práticas sociais e tradições. É necessária uma grande capacidade de pensar e de articular ideias, gosto pelo conhecimento e construção de pensamentos, espírito de justiça, capacidade de ajuda mútua e saber dar valor ao

¹¹⁷ Conforme a discussão sobre interculturalidade e multiculturalidade realizada no Capítulo 3.

tempo, respeito pela grandeza da pessoa humana e pela família, crença na vida comunitária, uma vez que o núcleo fundamental é a comunidade.

Todo contato e o dia a dia constituem-se momentos dignos de transmissão e de aprendizagem. Entretanto, os momentos fortes da comunidade tradicional, como o nascimento, a puberdade, o casamento e a morte são oportunidades ímpares para a transmissão dos saberes e das práticas das tradições. Marcados por um significado fortemente simbólico, trazem em seu bojo o rito e a palavra, que educam e transformam o homem todo: a mente e o coração, o espírito e os sentidos, o indivíduo e a comunidade.

Outrossim, a aprendizagem exige respeito aos mais velhos, bem como as etapas e os momentos certos. E quem ultrapassa esses parâmetros necessita de punição e de correção. O desvio de um indivíduo mancha a comunidade tradicional ou toda a família. Eis aí o segredo da pedagogia tradicional africana: recordar a sua canção primordial¹¹⁸, o primeiro amor para poder ver a sua essência. Aliás, a verdadeira educação não pode atingir apenas algumas dimensões, mas a pessoa em sua totalidade. Na minha percepção, esse é um dos aprendizados mais memoráveis e, ao mesmo tempo, complexos no processo educativo tradicional.

Tempos atrás, participei de um funeral de uma senhora de 80 anos, em minha terra natal, cuja vida lembrada esteve pautada por atividades simples: dona de casa, crochê, bordados, participação na comunidade eclesial, mulher de muitas amizades e que sabia gastar tempo com longas horas de chimarrão com suas amigas. Pensando bem, isso é raro em nossos dias. Mas, as tradições moçambicanas também contêm muitos elementos da simplicidade da vida, nos valores e nos aprendizados poucos comuns em nossa era cibernética. Por isso, o tema ajuda a

¹¹⁸ Existe um conto africano “A Canção dos Homens”, atribuído a Tolba Phanem [1950], mulher africana, lutadora pelos direitos civis da sua classe e poeta, e que traz em seu bojo uma lição de vida quanto à correção e o verdadeiro valor de toda pessoa. “Quando uma mulher, de certa tribo da África, sabe que está grávida, segue para a selva com outras mulheres e juntas rezam e meditam até que aparece a ‘canção da criança’. Quando nasce a criança, a comunidade se junta e lhe cantam a sua canção. Logo, quando a criança começa sua educação, o povo se junta e lhe cantam sua canção. Quando se torna adulto, a gente se junta novamente e canta. Quando chega o momento do seu casamento a pessoa escuta a sua canção. Finalmente, quando sua alma está para ir-se deste mundo, a família e amigos aproximam-se e, igual como em seu nascimento, cantam a sua canção para acompanhá-la na ‘viagem’. ‘Nesta tribo da África há outra ocasião na qual os homens cantam a canção. Se em algum momento da vida a pessoa comete um crime ou um ato social aberrante, o levam até o centro do povoado e a gente da comunidade forma um círculo ao seu redor. Então lhe cantam a sua canção. A tribo reconhece que a correção para as condutas anti-sociais não é o castigo; é o amor e a lembrança de sua verdadeira identidade. Quando reconhecemos nossa própria canção já não temos desejos nem necessidade de prejudicar ninguém” Disponível em: <http://www.alexandracaracol.com/ficheiros/a_cancao_dos_homens.pps>. Acesso em: 08 set. 2008.

recuperar e a ressuscitar inúmeros valores e gestos da simplicidade cotidiana, que pessoalmente também acabei enterrando pelas circunstâncias da vida.

Qual é o papel da escola moçambicana formal na reprodução da cultura, do saber, dos hábitos e dos comportamentos? A escola não consegue divorciar-se da tradição, pois é necessária à sobrevivência e à identidade de um grupo. Todas as tentativas de converter a escola num exercício de aprendizagem para a vida, para o trabalho e para a cidadania, não conseguiram desvinculá-la da sua função de cultivar a memória do passado.

Apesar de se falar muito nos vínculos e no domínio das habilidades e dos saberes, o discurso fica demasiadamente restrito ao saber acumulado e à sua transmissão nas séries e disciplinas escolares, nos livros didáticos e na docência, mesmo que alguns reivindiquem à escola moçambicana que ensine, condenando as festas e as comemorações, pois era perda de tempo e desvio da função da docência transmissora.

Seguindo suas tradições, a escola nunca abandonou o cultivo da consciência, do sentimento do passado, da tradição histórica. As celebrações, as datas e o cantar do Hino Nacional evocam a consciência do grupo, tanto do indivíduo como de sua identidade cultural. A escola está associada à construção de identidades. A pedagogia se identifica com a celebração do passado e com os símbolos que se deseja recordar para provocar sentimentos. Aliás, toda a ação pedagógica, para chegar ao êxito, precisa trabalhar com a memória, com o intelecto e com a vontade. Cotanto, após a educação inicial ou quando a escola “ensinar”, parece que estas potencialidades humanas que se resumem no cultivo do intelecto.

Enquanto a diversidade continuar sendo encarada como contrária à ideia de nação, de progresso e de democracia, os problemas étnicos nunca serão resolvidos. A valorização da diferença não implica necessariamente desigualdade de tratamento e de oportunidades. Num mundo democrático e multicultural, a questão étnica pode ser uma das poucas formas de grupos excluídos e marginalizados lembrarem aos outros que eles existem. Aliás, quando minorias reclamam de discriminação étnica, é preciso ter presente que isso pode exprimir um sofrimento social e cultural, muitas vezes, consequência de problemas sócio-políticos negligenciados, abafados e/ou mal resolvidos.

CONCLUSÃO

Os tambores deixam marcas



Nas andanças pelas estradas empoeiradas moçambicanas, é comum deparar-se com marcas de pisadas no chão, identificando a passagem de “indivíduos”. As marcas atestam a passagem de utentes a pé. Descalços, desafiando o sol escaldante ou as chuvas, o povo caminha pelas estradas da cidade e do interior ou vai às *machambas*. É a pé no chão que geralmente o povo caminha, busca água, vai à escola, dança.

Este trabalho acadêmico também deixou muitas marcas e aprendizagens em e para mim. O fato de a tradição oral estar construída no testemunho, nas palavras e não na escrita, nos livros e nas teorias acadêmicas, trouxe muitos obstáculos no decorrer da pesquisa. Todavia, acredito não terem comprometido a proposta, pois viver na plataforma da geografia moçambicana durante quatro anos, revelou-se um instrumento magnífico e imprescindível para produzir esta dissertação. E o valor desta experiência uma das cartas já respondeu:

Só posso afirmar que já foram muitas experiências significativas vividas junto aos professores, alunos, pais e comunidade local. A missão é exigente que não dá tempo para saudades. Confesso que isso é impossível aprender nos bancos universitários. [...] É uma graça estar com este povo que não possui nada para dar em recompensa. [...] E os miúdos (crianças) são demais [...] São os felizes, os restos, os sobreviventes da malária, da cólera, das diarreias, da sida... A verdade é que a fome, a doença e a miséria levam diariamente à sepultura só Deus sabe quantas vidas inocentes. Maria, Mãe da África, tende piedade de nós! (BOHN, 2003b, p.8.9).

A missão nas terras moçambicanas me faz lembrar o provérbio africano que afirma que “O coração humano é como as águas profundas”: quanto mais alguém se aproxima das tradições, mais elas significam, mais ensinam, mais encantam. E aí um outro provérbio completa: “O maior é aquele que chega até a profundidade dos segredos da vida”. Penetrando nos tesouros e nas minas dos saberes e das práticas, como são produzidos e transmitidos, como e quando e em que consistem, levou-me a caminhos cheios de surpresas, de descobertas e de desafios.

Escrever sobre a cultura e a sociedade moçambicana, normalmente considerada, na concepção política e econômica, como periférica, e sua gente tratada com rótulos preconceituosos e como ultrapassada, não foi tarefa simples. Exigiu-me um profundo respeito pela preservação e pelo favorecimento dos valores próprios e das riquezas da herança cultural do povo moçambicano.

Nas suas aulas de Diálogo das Culturas, durante o Mestrado em Educação, o professor Balduíno Andreola propunha um caminho de quatro movimentos em

direção à tolerância: não impedir a existência do outro; compreender o outro e sua existência; aceitar o direito que o outro tem de viver segundo suas convicções; aceitar que há verdade também lá fora, no outro. Entretanto, para gerar esperança de dias melhores entre brasileiros e africanos, é preciso forjar a prática de políticas que objetivamente garantam o reconhecimento à diversidade cultural existente no tecido social moçambicano pelos seus governantes.

Apesar dessas características distintas, existem as que garantem semelhanças, mas devido à complexidade e à diversidade, fica difícil abarcar a realidade moçambicana na sua totalidade. Todos esses questionamentos e colocações mostram a inquietude, a busca, a boniteza e o valor imensurável das tradições africanas e não pessimismo, desconfiança, preconceito.

A dissertação “QUANDO TOCAM OS TAMBORES: Saberes e Práticas nas Tradições Moçambicanas” revela parte da mística e da espiritualidade, dos saberes e das práticas que o tamborilo cria entre os participantes.



Figura 51 – Os jovens assumindo toque dos tambores – Mangunde, jun./2008.
Fonte: Cedida por Vanderlei Kraemer.

Pois é, os tambores! Bem, concluindo sem concluir, é necessário que retome a imagem dos tambores (Figura 51), a qual inspirou o título desta obra acadêmica e muitas ilustrações ao longo destas páginas. A confecção dos tambores ao tamborilar exige normas e regras. Aliás, as batidas dos tambores anunciam e falam uma

linguagem oral que é universal no mundo das tradições. Os sons dos tambores na animação das celebrações da Missão criam um clima de oração e, ao mesmo tempo, de louvor. Nas noites enluaradas africanas, os batuques continuam trazendo uma mística e criando uma união de espírito entre os participantes, indescritíveis.

No primeiro capítulo, “A Construção do Itinerário da Pesquisa: Conhecendo o Caminho Teórico-Metodológico”, apresentei os pressupostos teórico-metodológicos desta pesquisa. A partir do conceito de memória de Hampâté Bâ e Bosi, o significado de carta de Ferreira e Comte-Sponville e o uso das imagens conforme Guran e Gomes, fui delineando o método e os passos para trabalhar a realidade histórica das tradições moçambicanas e utilizando o conceito de memória e de análise documental das tradições, a partir das cartas escritas, das fotografias colhidas da memória individual e coletiva e das lembranças do cotidiano dos indivíduos da região central do Moçambique, durante os anos 2003 a 2006.

Os meus informativos noticiosos escritos nesses anos foram retratos de alguma realidade e/ou dos fatos acontecidos durante a jornada em terras moçambicanas. Trouxeram muitos elementos do trabalho lassalista, desempenhado pelos Irmãos e colaboradores voluntários, em Moçambique. Traduziram muitas situações reais do cotidiano da educação e da escola; situações de vida, saúde e dia a dia do povo; festas, danças, batuques, celebrações, liturgias, ritos e mortes. Apresentaram elementos geográficos, político-ideológicos, sócio-econômicos, religiosos de Moçambique e de toda a África. Revelaram valores culturais, tradições, deslocamentos do povo, surpresas das estradas, etc. Apresentaram também comentários rápidos sobre alguma ONG, situação de outros países africanos, como também sobre situações do Brasil e do mundo, a partir da visão e do conteúdo veiculado nos meios de comunicação de massa de Moçambique.

Trazer à memória os saberes e as práticas tradicionais moçambicanas, veio da necessidade de fazer memória dessa experiência embasada em cartas, em fotografias e na lembrança das vivências e dos sentimentos. O interesse em aprofundar e compreender mais as tradições moçambicanas e a possibilidade de ressignificação da identidade desses grupos foram despertados em conversas nos intervalos acadêmicos, impulsionado pelos professores do Mestrado, como um desafio de retomada e de análise das cartas e das fotografias produzidas durante os anos de trabalho naquelas terras do sudeste africano.

O segundo capítulo, “Contexto da Pesquisa: Esquentando Os Tambores”, apresentou um breve panorama físico, político-histórico, sócio-econômico e religioso-cultural de Moçambique, situando-o dentro do continente africano, mais especificamente, a partir da Província central de Sofala. Os números e as estatísticas que perpassam esse capítulo foram necessários para a percepção das nuances do contexto moçambicano, verificação dos saberes e fazeres nas tradições moçambicanas e entendimento da dinâmica interna e externa da cultura local.

Appiah (1997), grande escritor africano de Gana, não consegue vislumbrar o futuro do continente negro, pois se forem perpetuadas concepções e diferenças, os tempos posteriores demonstrarão uma realidade não muito diferente da atual, na qual populações se dizimam e estados funcionam direcionados a uma única fração da sociedade. O povo não conseguiu se identificar na função de modelador e construtor da nação, e que pode dar ao Estado seu real objetivo de construtor da ordem, da soberania, do respeito a seus cidadãos, do direito à representatividade e, principalmente, de fomentar o desenvolvimento da nação. O Estado e a tradição são duas faces de uma mesma moeda na África, mas a tradição preserva um pouco da autonomia dessas sociedades e a perpetuação do Estado não conseguiu corresponder as reais necessidades de seus povos. Preservar as tradições é uma questão de respeito para Appiah, mas deixar que elas se tornem maiores do que as pessoas que as praticam é retirar das pessoas a responsabilidade na busca de objetivos comuns.

A África e, em específico, Moçambique, não é apenas guerra, fome, miséria, doenças, animais selvagens e desertos. Essa realidade existe, mas co-existe com a realidade dos tambores e dos batuques, da cultura milenar e dos valores ancestrais, da solidariedade e do respeito, de “[...] um povo acolhedor, respeitoso, humilde: ‘Bom dia, Irmão!’... ‘Tudo bem, Irmão?’... Passam, tiram o chapéu, juntam as mãos e se inclinam” (BOHN, 2003a, p.5).

Moçambique é uma nação cuja independência emergiu de uma história de opressão portuguesa. Sem dúvida, sofrimento e arrependimento, exploração e revolução, pobreza e campanhas de ajuda, má administração e de novas opressões foram e continuam sendo um grande ensinamento ao povo moçambicano, mas que não precisa de transmissão, pois são consequências. É um verdadeiro *tchungamoio* de histórias, lutas, libertações, conquistas, saberes e tradições. Em geral, os moçambicanos são pessoas muito simples, alegres e corajosas, que facilmente, nas

comunidades e missões, colocam-se à disposição e se doam, apesar de haver, historicamente, uma colonização violenta na maioria das regiões africanas. Raramente, alguém se queixava, apesar das dificuldades e dos infortúnios da vida.

No desenvolvimento da pesquisa, presenciei ainda uma forte carga de submissão aos brancos que trabalham na África moçambicana. O povo quer ver o estrangeiro e missionário caminhando, aprendendo e vivendo com eles. Isso exigiu atenção, vigilância e cuidado para não impor a ideologia e/ou os modelos de vida ocidental. Isso exigiu deste estrangeiro uma mudança de atitude frente às situações das tradições, de passar do isolamento à aproximação; de caminhar com; da dureza à sensibilidade; da condenação ao diálogo; da generalização à particularização; das conclusões precipitadas à análise do fenômeno.

Ao longo dos trabalhos fui vencendo o medo e as ameaças para investigar o “rosto moçambicano”, ultrapassando os tabus e redescobrando a “verdadeira” identidade moçambicana, conhecendo sua cultura, bem como promovendo o seu ser e o seu agir. Essa leitura e análise, ora crítica, ora mais ingênua, fui empreendendo ao longo desta dissertação de Mestrado em Educação.

No terceiro capítulo, “Diálogo com a Cultura, Identidade e Tradições: Sentando no Banquinho”, a partir de vários autores, fui abordando os conceitos de cultura, de hibridismo e diversidade cultural e analisando a identidade, perpassando os papéis da mulher, do homem, do jovem e da criança nas sociedades tradicionais moçambicanas.

Para a análise da cultura basicamente me utilizei de quatro autores. Warnier (2003) fala das práticas e crenças ligadas ao corpo, à saúde e à doença que têm lugar de destaque na cultura, que precisa de muito tempo para transmiti-la e assimilá-la. Isso trouxe muitos elementos para verificar os ritos e as cerimônias, cujo lugar ideal é fora do entorno da comunidade, na mata. A crença nos antepassados é vital, pois, segundo eles, algum desajuste com os espíritos dos ancestrais pode produzir doenças, morte. Kalilombe (2001), por sua vez, traz um conceito mais ligado à constituição biológica e ao ambiente social. Contribuiu para rever os mecanismos que cada sociedade cria como instrumento ou estratégia de sobrevivência. Já Crespi (1997) deu os elementos para perceber que a cultura é complexa, incipiente e simbólica, e que é transmitida pelos adultos por meio da linguagem, dos hábitos alimentares, afetos, regras, definição dos papéis, narrações da vida.

Bhabha (2007) foi essencial para entender as culturas dentro de uma cultura, pois a África tem muitas áfricas em seu seio, assim como é diversa a realidade de Moçambique, apesar das semelhanças. Previniu à atenção necessária para as situações de hibridismo e de pluralidade cultural, às zonas de tradução e de negociação, aos interstícios e entre-lugares, às banalidades e detalhes da vida, à importância da linguagem, à interação cultural, à vivência de fronteira e de cruzamento presentes em todas as culturas e aos terrenos propícios para a inovação e definição da sociedade.

Iluminado por esses autores, foi possível perceber, na cultura tradicional, toda agitação em torno de um nascimento, um casamento, uma questão familiar e como seus rituais de sobrevivência estão ligados à comida (magreza ligado à falta de alimento, proximidade da morte), vestuário (umbigo coberto, pois é a vida), etc. Por outro lado, o hibridismo requer a tradução, o diálogo, transpor-se ao outro para entendê-lo, assim como a existência de espaços antagônicos e contraditórios que requerem a negociação.

Pela complexidade e pelas diferentes noções referenciadas ao longo do texto, a cultura é um termo polissêmico. Num momento sobressaía o sentido simbólico, por se basear em significados compartilhados. Em outro momento, o sentido histórico, pois remete à herança social das tradições e sua transmissão às gerações vindouras. Em uma terceira oportunidade, o sentido normativo, ao estar mais voltado às regras, aos valores e às ideias. Ou ainda, ao funcional: maneira como se solucionavam seus problemas de adaptação; ao mental: complexo dos valores, hábitos e costumes apreendidos; ao comportamental: modos de vida; e ao estrutural: ideias, símbolos, comportamentos, entre outros.

Em linhas gerais, a cultura é um conjunto de valores e contravalores, formas de expressão, de organização, de produção, conjunto de normas, usos e costumes. É um sistema de símbolos e de significados, regras, relações, ritos, mitos e comportamentos de um determinado grupo. Isso requer que o nosso olhar não se fixe somente em aspectos práticos e perceptíveis, mas que procure captar os sentidos e as mensagens invisíveis, dos centros de interesses, dos modelos de vida, das linhas de pensamento e das suas fontes inspiradoras. Pois, a abordagem da cultura, seu passado-presente, sua identidade e tradições ajudam a resgatar a ação revitalizadora dos sujeitos em cidadãos e cidadãs atuantes, conforme passo a tratar.

A cultura, por ser um processo dinâmico e que, ao passar de uma geração para a outra, assume as mais diversas formas de transformação, exige o entendimento do “*ethos cultural*” de um grupo, povo ou nação: o modo de como resolve seus problemas, a base ética que oriente o ser e o agir; o entendimento do processo de enculturação: a forma como cada pessoa é introduzida nessa identidade cultural; o entendimento do processo de aculturação: as transformações que verificam no contato de uma pessoa ou um grupo com uma outra cultura; e o entendimento também do processo de inculturação, ou seja, a evangelização ou a dinâmica pela qual a Igreja se inseriu nessa cultura moçambicana.

Assim, na sociedade tradicional moçambicana, a identidade e os valores culturais são ensinados pelos mais idosos aos mais novos, através do respeito aos mais velhos, aos pais, às autoridades; através da hospitalidade, da solidariedade e do sentido comunitário; através dos rituais de iniciação, pois as iniciações servem de base e de referência para todas as gerações; através dos segredos das relações interpessoais e dos valores da comunidade, logo que a harmonia, a paz e a solidariedade de grupos étnicos reforçam a comunidade e formam a identidade; através do louvor aos antepassados e às famílias como os núcleos fundamentais, onde a mulher ocupa um lugar primordial, embora haja contradições entre outras dimensões da vida no dia a dia.

Couto (2000) certamente me trouxe uma das contribuições que se tornaram o fio condutor desta produção acadêmica: a idéia de que a identidade tem relação com a pessoa, que o indivíduo é um ser anônimo, que cada um é um indivíduo a caminho de ser pessoa, que cada um é porque é os outros. Historicamente, após as grandes guerras mundiais, houve um grande desencanto para com o branco europeu. Pelas barbaridades cometidas, deixou de ser um modelo de perfeição. O fato de, por outro lado, muitos terem estudado e trabalhado fora do país de origem, desenvolveu, nos moçambicanos, uma consciência da identidade cultural, pois, como diz o ditado, “Só quem sai da sua terra de origem, aprende a amá-la e sabe olhá-la diferente”.

Trabalhando as manifestações culturais moçambicanas no rufar dos tambores, no colorido das *capulanas*, das festas e da música, e a noção de tempo africano, foi possível verificar que a tradição é uma fonte inesgotável de perene vitalidade do povo. Foi e é um tesouro histórico-sócio-cultural-religioso de incalculável valor, um inestimável patrimônio que merece ser conhecido e serve de alicerce para despertar, entre os estudiosos, a vontade de proceder a novas pesquisas e a novos

aprofundamentos. Muitas vezes, tive e tenho a impressão que Moçambique está vivendo um novo pentecostes. Ressurgindo das cinzas de uma guerra fratricida, é nas tradições que o povo vislumbra sua unidade e sua identidade. A falta de acesso às especificidades culturais do país e a tendência de ver o mundo como uma aldeia global origina um distanciamento das informações que permitem o reconhecimento da alteridade de sua cultura tão múltipla e diversa.

Por sua vez, o tempo africano tem uma concepção mais circular do que linear. A concepção de tempo africano obriga que quando alguém empreender uma viagem, em primeiro lugar, no retorno, a sentar e a contar toda a viagem: se correu tudo bem, como estão as pessoas encontradas, entre outros. Assim, também, para cumprimentar alguém na rua, deve-se parar e perguntar como está a família, a saúde, se todos se encontram bem, e só continuar a trajetória depois de terminar a saudação. É falta de educação cumprimentar alguém sem parar, tirar o chapéu ou não cumprir as boas maneiras.

O quarto capítulo, “Sociedade Tradicional Moçambicana: Fazendo Vibrar os Tambores”, tratou da organização social nas tradições moçambicanas, aprofundando o papel dos *Régulos*, dos chefes, dos curandeiros/feiticeiros e da família na produção e na transmissão dos saberes e de práticas tradicionais.

A organização social dos nativos africanos e dos moçambicanos, particularmente, foi historicamente determinada a partir do cultivo da terra e do pastoreio em vista da sobrevivência, do culto aos antepassados, das formas de passar a outra geração o saber, os ritos, as leis e os costumes dos ancestrais. As sociedades tradicionais moçambicanas ainda se caracterizam por serem interioranas e com a maior parte dos adultos iletrados, mas bastante homogêneas e integradas, possuírem fortes laços de solidariedade grupal e social, com uma relativa divisão do trabalho e se guiarem pela tradição. Além de cultivarem laços de amizade e parentesco, primam pela participação ativa na comunidade, por seus bens e suas riquezas se limitarem ao estritamente necessário.

A família, segundo Cezerilo (2002), continua a ser uma instituição fundamental para preparar o homem a enfrentar os desafios da sobrevivência. Oliveira (2002) acrescentou que ela é a base da sociedade e assegura a propriedade e a segurança da família. Mabuiangue (2001) insiste na prole numerosa. Cougil (2001) fez-me entender algumas razões da poligamia e Altuna (1993), que a vida celibatária é uma

deformação, uma lesão ao corpo social e um desprezo aos antepassados. Essas questões foram todas contempladas pelas cartas e pelas fotografias.

Os adivinhos e os curandeiros veem sua função como algo ligado à revigoração e ao crescimento da força vital, segundo os antepassados e a vontade do Criador. Isso não quer dizer que não possam usá-la para o mal ou para cometer injustiças às pessoas, às famílias ou aos povos.

Para analisar cada um dos ritos de passagem, o papel da religião e sua influência na vida, precisei da ajuda de alguns autores e em diálogo com a minha memória-lembrança, fotografias e cartas. Concluo que a aprendizagem tradicional acontece mais pela inserção gradativa no grupo social, pela participação em rituais e em cerimônias ou em encontros de boas maneiras, do que por leituras ou longos anos na educação acadêmica. Isso foi ajudando a verificar o entorno, o processo, significado e os atos educativos que envolvem o indivíduo para que seja aceito e integrado nessa sociedade, onde, de acordo com suas crenças, os vivos e os mortos convivem.

O nascimento traz consigo muitos tabus (LANGA, [1993]). Começa pelo não planejamento familiar. O parto é cercado de regras e de tabus. A escolha do nome deve ter história dos antepassados, só pode ser dado após o nascimento e é profecia do futuro. O sobrenome abarca a pessoa, a família, a tribo e a localização geográfica. Nesse quesito, tive que recorrer às situações ouvidas e acompanhadas.

Entre os ritos de iniciação, a puberdade é uma passagem muito valorizada, pois tanto o menino quanto a menina já são considerados adultos, aptos para casar e formar família (CIPRE, 2002). Nesses ritos, ainda vivos em algumas áreas, os mais velhos, incluindo os avós ou bisavós da família, isolam os adolescentes separadamente, para receberem os ensinamentos para a vida adulta. Aos homens é ensinado que é soberano nas decisões, como deve cuidar da esposa, que deve ter filhos, pois é isso que dignifica a sua masculinidade. Em algumas regiões pode ter quantas mulheres quiser, e em outras, é submetido à circuncisão. À mulher se ensina como se sentar, que nunca pode contrariar o homem e que deve ser sempre submissa, as boas maneiras, esticamento do clitóris e dos lábios vaginais, pois diziam que sem o *matingue* os homens não casariam com elas.

A iniciação dos meninos e das meninas ocorre em momentos e locais definidos e é dada por pessoas que, de forma bem diferenciada, conduzem as cerimônias. Se não as analisei mais aqui é porque não consigo descrever toda a sua beleza e

sentido. Uma vez que, para um branco e estrangeiro perceber sua importância e seu significado, é muito difícil e, pelo fato de não ter tido acesso aos rituais de passagem, apenas ouvir relatos, não pretendi proferir julgamentos imparciais. Os ritos são dignos de respeito, educam e são vitais para a aprendizagem de todo iniciado e pelo significado para sua vida. E, por outro lado, as boas maneiras trabalham isso, bem descritas por Kiura (2005), lembradas nas cartas e nas fotografias.

O *lobolo*, como dote de casamento, continua um símbolo matrimonial moçambicano (OLIVEIRA, 2002; CEZERILO, 2002; OSÓRIO, 2008). Nas comunidades tradicionais, a virgindade é algo sagrado: a mulher deve casar virgem. A conferência é feita por senhoras mais velhas através do uso de folhas de plantas específicas. Assim, para a mulher virgem, o *lobolo* é mais alto que a não virgem. O *lobolo* é decidido pelos pais da mulher e pode conter veste completa para a mãe (saia, blusa, *capulana*, lenço, sapato) e, para o pai, um terno completo com a bengala. Conforme as posses do noivo pode ser um casal de cabritos, um galo e uma galinha, um par de pombas brancas que significa a paz para o casal, entre outros.

Por muito tempo, principalmente nas zonas rurais, o *lobolo* se constituiu no único meio de melhoria das condições econômicas das famílias, mesmo que negue à mulher o direito de controle da propriedade e fazer dela um bem do pai transferido ao marido. O não cumprimento do pagamento do *lobolo* prometido pelo homem, torna-o uma dívida infinita, que, aliada ao grande número de casamentos comerciais fracassados e à migração dos homens em busca de trabalho, criou a fragmentação das famílias, um verdadeiro problema social, quando se leva em conta a função procriadora da mulher.

Pelo trabalho e pelas sociedades familiares tradicionais que conheci em Sofala, há uma crença generalizada na continuidade da vida terrena após a morte (AMARAL, 2003; ZUBERIA, 2003). Pela morte se passa para outro *status* social: à posição de ancestral, ou seja, de elo entre a comunidade e o Criador.

Cada um dos ritos de passagem integra três momentos ou fases em progressão: a separação, que muitas vezes é violenta; o isolamento, caracterizado por uma espécie de isenção da observância das regras ético-sociais vigentes, e, por ser impuro, é forjado pelos mestres dos ritos a identidade dessa nova condição; a reintegração, momento de inserção do indivíduo no novo grupo, podendo ser ele

mesmo, mas agora inserido, conhecedor das regras do jogo desse grupo. Se a vida e o significado dos ritos se perderam e/ou se esvaziaram, em parte, deve-se à desvinculação com as crenças fundamentais, à mercantilização dos ritos.

Segundo a cultura bantu, o nascimento introduz a pessoa neste mundo; os ritos de puberdade, na sociedade; os ritos de casamento, na missão específica; e os ritos fúnebres restabelecem a comunhão que lhe assegura a sobrevivência. As cartas e as fotografias pouco abordaram os três primeiros ritos, pois as mesmas não tinham a prévia determinação em se transformar em material e fonte desta dissertação de Mestrado. No entanto, a morte e os ritos fúnebres tiveram destaque nas cartas, bem como a religião. Quanto à religião tradicional africana, não encontrei nela propriamente uma liturgia nem dogmas comuns como no cristianismo. Existem crenças e atos para as diferentes ocasiões, conforme decisão da comunidade e de acordo com as forças místicas. Cada grupo de tradição oral tem crenças, ideias e práticas específicas, mesmo que semelhantes. Não há textos sagrados escritos.

O quinto capítulo, “Os Saberes e Práticas e sua Dimensão Educativa nas Tradições: O Rufar dos Tambores Continua”, perpassa a produção e a transmissão dos saberes e das práticas nas tradições moçambicanas, baseado em escritores como Hampâté Bâ, Couto, Montiel, Ullmann, entre outros: a importância da linguagem oral, o papel dos anciãos e dos antepassados. Analisa, também, como a produção e a transmissão dos saberes e das práticas, o sistema de valores, as atitudes e os comportamentos são transmitidos de geração em geração.

Em se tratando da cultura tradicional, a tradição oral é a marca registrada. Os saberes estão presentes na vida diária das tradições pela oralidade dos contos, dos mitos, das lendas e dos provérbios; pelo cultivo das danças, dos hábitos e dos costumes da aldeia; pelas celebrações, rituais e cerimônias; pela busca da sustentabilidade e da sobrevivência em meio às intempéries e agentes naturais; pelas longas caminhadas em busca de água e da comida, pois as “[...] ruas estão sempre cheias de gente a andar ou a vender algo. É um verdadeiro formigueiro humano” (BOHN, 2003c, p.11); pelas lutas em busca da saúde através das plantas e dos curandeiros; pelas crenças e pela convivência harmoniosa com os antepassados; pelo ritmo da vida e do tempo; pela tradição oral usada no processo de transmissão dos anciãos frente às gerações mais novas e pela presença dos antepassados na vida cotidiana.

O conhecido pensamento “Não há espelho que melhor reflita a imagem do homem do que suas palavras”, de Juan Luiz Vives, perfeitamente pode ser atribuído à tradição oral e pode orientar esta conclusão. Na África moçambicana, os saberes sempre estão em constante movimento, circulando em contextos multilíngues e multiculturais. Os saberes e as práticas estão construídos na memória social e nos espaços das sociedades tradicionais rurais, assim como suas formas de circulação e processos de ensinamento doutrinal e ritual, aprendizagem e transmissão. Mas, é fundamental frisar que essa análise sobre os saberes e as práticas também passou pelo filtro dos meus registros mnemônicos escritos e fotográficos feitos durante os anos de missionaridade em Moçambique e evocados durante todo o processo da escrita desta dissertação.

Não existe nada mais característico na África, e em Moçambique especificamente, do que a diversidade das raças, das crenças, dos ritmos, das culturas e dos valores, das línguas. Criar a unidade nessa babilônia é sempre um grande desafio. Poderia ter realizado um trabalho direto de entrevista e/ou de registro de falas dos moçambicanos para finalidades desta pesquisa, mas que não foi o meu caso. Aliás, depois dessa experiência moçambicana, a passagem da pessoa humana por este mundo só tem valor, para mim, se estiver ancorada no respeito às diferenças, no compartilhamento das culturas, na compaixão e na solidariedade.

Um dos grandes aprendizados desta dissertação recai sobre os mais velhos que, com seus cajados ou bengalas nas mãos e cachimbos na boca, são considerados os verdadeiros mestres, conselheiros, guias e amigos confidentes. São sinônimos de coragem e de persistência, símbolos de serenidade e de sabedoria. Por terem sido forjados pelas dores e pelo peso da vida são seus chefes e líderes, sábios e juízes das situações adversas da comunidade. Inspiram confiança e disposição para escutar e ajudar os mais necessitados, confortar, aliviar os fardos e infundir esperança. De suas palavras brotam valores e julgam sem condenar. Mostram que o amor e o respeito a si e ao próximo, especialmente aos mais velhos, pode aliviar como também evitar muitos sofrimentos.

Os mais velhos podem exercer os mais diferentes papéis hierárquicos ou por dote natural: chefes, adivinhos, curandeiros, etc. E “[...] os conselhos de anciãos são as bibliotecas nestas comunidades” (OLIVEIRA, 2002, p.54). Por tudo isso, suas decisões são incontestáveis e repito com Hampâté Bâ (1980) que quando morre um

velho é toda uma biblioteca que morre. Em cada família, o idoso mais velho é que resolve os problemas, transmite os ensinamentos e as histórias aos mais novos. A sua palavra é a última e deve ser respeitada por todos.

É costume os mais velhos, de dia, sentarem-se na sombra de uma árvore, e à noite, em volta de uma fogueira, para ensinar às crianças e aos mais novos contos, parábolas e histórias que já aconteceram com pessoas ou experiências por eles vividas. Depois explicam o significado, a moral, para que as coisas erradas não se repitam no seio da comunidade tradicional.

Todavia, não posso esquecer do papel importante da mulher. Aparece responsável pela produção de alimento, transporte de água, educação, saúde e planejamento familiar. Está em frentes de trabalho em circunstâncias extremas como situações de calamidade pública, doenças endêmicas e conflitos armados, mesmo que, pela educação tradicional, a mulher é ensinada a cuidar da casa e a se guardar para pertencer a um só homem. A escola e mesmo os princípios cristãos dos portugueses também ensinavam a obediência e a submissão, bem como preparavam as mulheres para serem boas donas de casa. Outrossim, o legado feminino na contemporaneidade moçambicana foi pouco abordado. Mas, isso não tira o mérito das mulheres na transmissão dos saberes. Salve as mulheres, em especial, as africanas!

Concluo que as palavras e os ensinamentos, as leis e as práticas que os antepassados legaram aos seus descendentes não são necessariamente para serem observadas escrupulosamente para todo o sempre. Necessitam ser traduzidos no atual contexto sócio-político moçambicano, pois os antepassados, mesmo sendo invisíveis, espirituais, venerados pela família e pelo grupo social ou etnia, são considerados como os que dão sentido à vida humana. Apesar de, segundo suas crenças, terem poderes limitados, atuam como mediadores de Deus e recebem o poder sobrenatural e o transmitem aos vivos. Exercem a função de intermediários e de protetores dos seres vivos. Os viventes invisíveis estão unidos aos visíveis e intervêm a seu favor como intermediários indispensáveis entre estes e o Ser Supremo. A existência de seres espirituais, a sua constante ação entre Deus e os homens e a sua função fundamentalmente mediadora entre a força originária (Deus) e o resto dos seres, ajuda a sociedade a sobreviver na unidade e na sua permanência. Assim, os Antepassados são dignos de certos sacrifícios.

Brincando com a memória e a aprendizagem, educação e religião, percebi que a memória deu as coordenadas desta dissertação e sobre a minha experiência em Moçambique, onde a aprendizagem da tradição passa necessariamente pela memória coletiva. Tanto o rufar dos tambores como as canções constituem um processo educativo profundo de inclusão no grupo pela tradição. As festas, as músicas, o colorido das roupas, os tambores e as liturgias contêm uma infinidade de traços autênticos das culturas tradicionais, que vão sendo assimiladas pelas gerações mais novas, à medida que vão participando e sendo integrados.

O presente projeto de pesquisa fortaleceu a ideia de que a escola, como instituição de formação formal, não pode ser apenas reprodutora de conhecimento. Isso requer atenção aos programas e aos conteúdos curriculares, pois esses devem ser sensíveis à realidade e ao cotidiano dos alunos, às suas experiências e conjunturas vigentes, para não perder sua relação de reciprocidade reflexiva. Se a primeira missão da tradição, como da educação, é ensinar a viver¹¹⁹, a produção e a transmissão dos saberes e dos fazeres nas sociedades tradicionais moçambicanas persegue esse objetivo, pois prepara para enfrentar os problemas como indivíduo, como família e como sociedade. A importância da qualidade de comunicação deve também ser o desafio de qualquer educador para que sua linguagem seja compreensível, crie interesse e desperte a atenção dos ouvintes.

Verifico uma lacuna na relação Escola João XXIII com os saberes e práticas das tradições moçambicanas: qual a relação entre as pedagogias não formais, do saber gerado a partir da prática, e as pedagogias escolares modernas, muitas vezes tão distantes da vida do educando? Como ressignificar as pedagogias informais num contexto formal de educação? Mais especificamente, com a educação lassalista moçambicana contempla as tradições moçambicanas em seus currículos escolares? Bem, esta é uma boa proposta para uma tese de doutorado.

Muitas das interpretações ao longo desta dissertação foram particulares e imbuídas, como afirmei no início, do marco conceitual, formado e socializado na sociedade ocidental, brasileira, gaúcha, católica e religiosa, por determinados e específicos procedimentos conceituais, mas que nada ou pouco têm a ver com os utilizados pelos indivíduos da sociedade estudada. Perceber e analisar seus saberes e suas práticas e como estes traduzem o ato educativo, foi complexo e complicado,

¹¹⁹ Conforme a expressão de Jean-Jacques Rousseau em *Emílio*: "Vou ensiná-lo a viver" (apud MORIN, 2007, p.1).

apesar da inserção por quatro anos na região moçambicana que ainda vive os resquícios das tradições.

Em geral, usei-me mais de fatos e de narrações descritivas vividas do que de textos estritamente analíticos e teóricos. Certas vezes, fui traído por sentimentos e por colocações ingênuas, posições ambíguas e contraditórias. Contudo, acredito ter ajudado na realização de um trabalho arqueológico das tradições moçambicanas, uma vez que algumas estão no crepúsculo do desaparecimento físico ou cultural. Assim, o presente texto, no seu conjunto, estimulou a reflexão de aspectos ocultos desvendados, trouxe inúmeras lições de vida, como também uma interrogação frente às nossas práticas educativas. Entretanto, em certos instantes da pesquisa, confesso que mesmo assim, acabei assumindo uma postura acrítica por ficar demasiado preso em citações de autores e das cartas, sem fazer a sua devida interpretação e análise.

Outra questão que se revelou desafiadora foi o emprenhar-se no terreno da interpretação simbólica e ritual. Para conhecer e compreender os rituais e cerimônias, além de já dispor de um marco teórico, inúmeras vezes recorri aos teóricos com preferência, moçambicanos ou africanos, e fui forçado a perguntar e lançar mão das interpretações dos atores sociais. Tudo isso nem sempre foi possível. A minha trajetória em terras moçambicanas e que está subjacente em toda a dissertação, ajudou-me na interpretação e discussão dos saberes e práticas nas suas tradições. Todavia, sem deixar de prestar atenção à atualidade e procurando identificar particularmente temas relevantes na sociedade atual frente ao contexto das tradições.

Por fim, fiz da presente dissertação um preito de gratidão ao povo moçambicano, um tributo pela acolhida e pelas partilhas, pelos desabafos e pela confiança. Pelo resto de meus dias, serei agradecido a eles por terem significado esses meus quatro anos como meu verdadeiro mestrado de vida. Seus olhares (Figura 52) são convites a naturalizar o meu e o nosso olhar e lutar pela causa do outro. Quem sabe, nós, humanos, e o mundo precisamos também adquirir tambores e nos deixarmos guiar por suas batidas. Assim, um dia a burocracia pedirá ajuda aos tambores para que voltem a tocar, a tocar e a tocar com mais força. E aí os homens e as mulheres, as crianças, os jovens e as pessoas idosas viverão. Aí haverá tempo para o outro. Mas, isso serão outros tempos!



Figura 52 - Olhares dos alunos de Mangunde – Chibabava, jan./2006.

Fonte: Acervo pessoal.

Acredito que essa verificação do processo educativo das tradições divulgue mais os aspectos culturais, sociais, históricos, econômicos e do cotidiano moçambicano e desperte um maior interesse sobre os diferentes aspectos da vida naquele país da África Oriental. Outrossim, creio que possibilitará construir pedagogias interculturais E nessa utopia, recorro às cartas para dizer um muito obrigado com “[...] muito axé e os pés perfumados e cheios de dança” (BOHN, 2004b, p.27). E quando os tambores tocarem novamente, bem, com certeza, minha memória produzirá novos saberes e novas práticas.

Tire tese! Em linguagem nossa, estamos juntos!

REFERÊNCIAS

AFONSO, Ana Elisa de Santana (Org.). **Eu mulher em Moçambique**. Moçambique: UNESCO e AEMO, 1992.

ALTUNA, P. Raul de Assua. **Cultura Tradicional Bantu**. 2. ed. Luanda: Ed. Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1993.

AMARAL, Amaral Bernardo. A morte e os ritos da morte na Religião tradicional Africana. In: CENTRO DE FORMAÇÃO NAZARÉ. **A Morte: Aspectos Pastorais**. Beira, 2003. Actas da 8ª Semana Teológica, Arquidiocese da Beira, 23-27 jun. 2003, p. 30-73.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na Casa de Meu Pai**. A África na filosofia da cultura. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

AZCONA, Jesús. **Antropologia II – Cultura**. Tradução: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis/RJ: Vozes, 1993.

BALOI, Oldemiro. **Relatório do estudo na área de direitos humanos e assuntos religiosos**. Maputo: Ministério da Justiça, 2000.

BANTON, Michael. Cultura. In: CASHIMORE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. Tradução: Dinah Kleve. São Paulo: Selo Negro, 2000, p.153-155.

BARBOSA, Maria de Lurdes Mattos Dantas. **A Palavra na Tradição a Africana**. Jacobina/BA: Recanto das Letras, 2008. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/1058891>>. Acesso em: 28 ago. 2008.

BENEDICT, Ruth. **O Crisântemo e a espada**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Lesbov**. Sobre o conceito de história. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. v.1.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Tradução: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 4. reimp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. Mediações entre história de vida, letramento e gênero: a história de Sônia à luz do meu olhar de hoje. **Cultura escrita e gênero**: alfabetismo e analfabetismo entre mulheres, Cadernos Hisales, Pelotas, Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação, n.3, jul./dez. 2007, p. 7-22.

BÍBLIA, A.T. Gênesis. Português. **Bíblia Sagrada Africana**. COUGIL, Odilo; ALVES, Herculano; FERREIRA, António Jorge Pires (Coords). Maputo: Paulinas. 2004. Cap. 2, vers. 23.

_____. A.T. Salmos. Português. **Bíblia Sagrada Africana**. COUGIL, Odilo; ALVES, Herculano; FERREIRA, António Jorge Pires (Coords). Maputo: Paulinas. 2004. Cap. 149, vers. 3.

_____. N.T. Mateus. Português. **Bíblia Sagrada Africana**. COUGIL, Odilo; ALVES, Herculano; FERREIRA, António Jorge Pires (Coords). Maputo: Paulinas. 2004. Cap. 15, vers. 37.

BOHN, Plácio José. ANEXO 1: Um Pouco de África 3 (Carta 01 dez. 2003). Beira/MZ, 2003. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 71-78. Manuscrito.

_____. Um Pouco de África 1 (Carta 09 fev. 2003). Beira/MZ, 2003^a. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 03-06. Manuscrito.

_____. Um Pouco de África 2 (Carta 07 abr. 2003). Beira/MZ, 2003^b. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 06-09. Manuscrito.

_____. Um Pouco de África 3 (Carta 04 maio 2003). Beira/MZ, 2003^c. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 09-12. Manuscrito.

_____. Um Pouco de África 4 (Carta 01 jun. 2003). Beira/MZ, 2003^d. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 12-14. Manuscrito.

_____. Um Pouco de África 5 (Carta 13 jul. 2003). Beira/MZ, 2003^e. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 14-15. Manuscrito.

_____. Um Pouco de África 6 (Carta 24 ago. 2003). Beira/MZ, 2003^f. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 15-17. Manuscrito.

_____. Um Pouco de África 7 (Carta 08 set. 2003). Beira/MZ, 2003^g. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 17-18. Manuscrito.

_____. Um Pouco de África 8 (Carta 08 nov. 2003). Beira/MZ, 2003^h. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 18-20. Manuscrito.

_____. Um Pouco de África 10 (Carta 15 fev. 2004). Beira/MZ, 2004^b. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 24-27. Manuscrito.

_____. Um Pouco de África 11 (Carta 14 mar. 2004). Beira/MZ, 2004^c. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 27-30. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Moçambique 12 (Carta 02 maio 2004). Beira/MZ, 2004^d. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 30-33. Manuscrito.

BOHN, Plácio José. Um Pouco de Moçambique 13 (Carta 22 jul. 2004). Beira/MZ, 2004e. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 33-36. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Moçambique 14 (Carta 29 ago. 2004). Beira/MZ, 2004f. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 36-39. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Moçambique 16 (Carta 21 nov. 2004). Beira/MZ, 2004h. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 43-45. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Moçambique 17 (Carta 06 fev. 2005). Beira/MZ, 2005^a. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 45-47. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Moçambique 18 (Carta 20 mar. 2005). Beira/MZ, 2005b. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 47-48. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Moçambique 20 (Carta 20 ago. 2005). Beira/MZ, 2005d. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 50-52. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Moçambique 21 (Carta 16 out. 2005). Beira/MZ, 2005e. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 52-53. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Mangunde 22 (Carta 25 fev. 2006). Beira/MZ, 2006a. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 53-55. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Mangunde 23 (Carta 09 abr. 2006). Beira/MZ, 2006b. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 55-57. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Mangunde 24 (Carta 22 abr. 2006). Beira/MZ, 2006c. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 57-59. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Mangunde 25 (Carta 18 jun. 2006). Beira/MZ, 2006d. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 59-62. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Mangunde 26 (Carta 12 jul. 2006). Beira/MZ, 2006e. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 62-65. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Mangunde 28 (Carta 27 ago. 2006). Beira/MZ, 2006g. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 67-69. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Mangunde 29 (Carta 24 set. 2006). Beira/MZ, 2006h. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 69-71. Manuscrito.

_____. Um Pouco de Mangunde 30 (Carta 05 nov. 2006). Beira/MZ, 2006i. In: _____. **As Cartas de Moçambique**: 2003-2006. p. 71-74. Manuscrito.

BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOUCHER, C. Os Antepassados na Visão Bantu, In: CENTRO DE FORMAÇÃO NAZARÉ. **Os Antepassados e sua Veneração**. Beira, 1997. Actas da Segunda Semana Teológica da Beira, 3-8 fev. 1997. p. 75-95.

CANDAU, Vera Maria. **Sociedade, Educação e Culturas**: questões e propostas nas teias da globalização – cultura e educação. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura Carvalho. **A Invenção Ecológica**: Narrativas e Trajetórias da Educação Ambiental no Brasil. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CAVALLEIRO, Eliane. Prefácio. In: MOORE, Carlos. **A África que incomoda** sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. (Repensando a África; 1).

CELAM, Conferência Episcopal Latino-Americana. **Conclusões da Conferência de Puebla**: Evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 1979.

CEZERILO, Luís. **Cultura e Estratificação na Sociedade Tradicional Africana**. Maputo/MZ: Universidade Eduardo Mondlane, 2002.

CIPIRE, Felizardo. **Educação Tradicional em Moçambique**. 2. ed. Maputo: Editora Emedil, 1996.

CHAUÍ, Marilena de Souza. Apresentação: Os Trabalhos da Memória. In: BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**. Lembranças de Velhos. 12. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 17-33.

CHIZIANE, Paulina. **Balada de Amor ao Vento**. Maputo: Associação dos escritores moçambicanos, 1990.

_____. Eu, mulher, por uma nova visão do mundo. In: AFONSO, Ana Elisa de Santana (Org.). **Eu mulher em Moçambique**. Moçambique: UNESCO e AEMO, 1992.

_____. **O Sétimo Juramento**. Maputo/MZ: Edit. Ndjira, 2000.

COMTE-SPONVILLE, André. **Correspondência**. Texto escrito para o catálogo oficial da exposição "Plis d'excellence", Parias: Museu do Correio, 1994. Disponível em: <<http://www.gropius.hpg.ig.com.br/corr.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2008.

CONTENSON, H. de. A cultura pré-axumita. In: MOKHTAR, G. (Coord.). **História Geral da África**. A África antiga. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1983, p. 343-383. v. 2.

COUGIL, Odilo. Introdução à Semana Teológica sobre os Antepassados. In: CENTRO DE FORMAÇÃO NAZARÉ. **Os Antepassados e sua Veneração**. Beira, 1997. Actas da Segunda Semana Teológica da Beira, 3-8 fev. 1997. p. 5-10.

_____. Aspectos Pastorais do Matrimónio em África: Introdução à VI Semana Teológica da Beira. In: CENTRO DE FORMAÇÃO NAZARÉ. **O Matrimónio em África: Aspectos Pastorais**. Beira, 2001. Actas da 6ª Semana Teológica, Arquidiocese da Beira, 18-22 jun. 2001. p. 5-18.

COUTO, Mia. **Um Rio Chamado Tempo, uma Casa Chamada Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Um retrato sem moldura. In: HERNANDEZ, Leila Leite. **África na Sala de Aula**. São Paulo: Summus Editorial; Selo Negro, 2005, p. 11-12.

_____. **O Planeta das Peúgas Rotas**. Texto exibido na Conferência da Campanha Global de Ação Contra a Pobreza (GCAP), durante o Encontro do Millenium BIM, em Pauto. In: Semanário Savana, 09 mar. 2007. 8 p. Disponível em: <http://www.whiteband.org/blog/archive/2007/11/27/o-planeta-das-peugas-rotas-por-mia-couto/weblogentry_view?portal_status_message=Changes%20saved>. Acesso em: 18 set. 2008.

_____. **Terra Sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007a.

CRESPI, Franco. Manual de Sociologia da Cultura. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.

DIAS, Hizaldina N. As tensões e dicotomias da Educação em Moçambique. Maputo: Proler, mar.-abr. 2002.

DIAS, Maria Odila Leite. Hermenêutica do Cotidiano na historiografia contemporânea. In: **Projeto História**. Trabalhos da memória. São Paulo. n.17, nov. 1998, p.223-258.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. **Bruxaria, Oráculos e Magia Entre os Azande**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2004

FEMMISMOZ, Serviço Informação Mulher e Missão. **A Guerra na Minha Vida de Menina Moçambicana**. Verona/IT: Missionarie Comboniane - Pie Madri Nigrizia, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FLORÊNCIO, Fernando. Christian Geffray e a Antropologia da Guerra: Ainda a Propósito de La Cause Des Armes Au Mozambique. **Revista Etnográfica**, Centro de Estudos de Antropologia Social. Lisboa/PT, Vol VI (2), 2002, p. 347-364. Disponível em: <http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_06/N2/Vol_vi_N2_347-364.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2009.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FRY, Peter. Culturas da diferença: seqüelas das políticas coloniais portuguesa e britânica na África Austral. In: FRY, Peter. **A persistência da raça**. Ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África Austral. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 38. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: Modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes; Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GIORDANI, Mário Curtis. **História da África** Anterior aos descobrimentos. Idade Moderna I. 5. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

GLEZER, Raquel. Tempo e História. **Ciência e Cultura**. São Paulo, v. 54, n. 2, out./dez. 2002, p. 23-24. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252002000200021&script=sci_arttext>. Acesso: 22 fev. 2009.

GOMES, Pedro Gilberto. **A Comunicação e a Cultura da Paz**. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, set. 2008, 13 p.

GONÇALVES, Jaime. II Semana Teológico-Pastoral da Beira. In: CENTRO DE FORMAÇÃO NAZARÉ. **Os Antepassados e sua Veneração**. Beira, 1997. Actas da Segunda Semana Teológica da Beira, 3-8 fev. 1997. p. 1-4.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Multiculturalismo e educação: do protesto de rua a propostas e políticas. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n.1, jan./jun. 2003, p.109-123.

GURAN, Milton. **Fotografar para descobrir, fotografar para contar**. Versão preliminar apresentada na II Reunião de Antropologia do Mercosul, realizada no Uruguai em novembro de 1997. 2008. Disponível em: <<http://64.233.169.132/search?q=cache:bqfU7rlyL2MJ:renatoathias.files.wordpress.com/2008/03/fotografar-para-descobririii.doc+Fotografar+para+Descobrir,+Fotografar+para+Contar&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=1&gl=br>>. Acesso em: 29 nov. 2008.

GWEMBE, Ezequiel Pedro. O encontro do Morto com os seus Antepassados e com Deus na RTA¹²⁰. In: CENTRO DE FORMAÇÃO NAZARÉ. **A Morte: Aspectos Pastorais**. Beira, 2003. Actas da 8ª Semana Teológica, Arquidiocese da Beira, 23-27 jun. 2003, p. 155-168.

¹²⁰ RTA – Religião Tradicional Africana.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A Tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África**. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1980, p. 181-218. v. 1.

_____. **Amkoullel, o menino fula**. Tradução: Xina Smith de Vasconcellos. São Paulo: Palas Athena; Casa das Áfricas, 2003.

HERNANDEZ, Leila Leite. **África na Sala de Aula**. São Paulo: Summus Editorial; Selo Negro, 2005.

HIGUET, Etienne A. Jesus Cristo, símbolo de Kairos no pensamento de Paul Tillich e nos cultos afro-brasileiros. **Revista Eletrônica Correlatio**, São Paulo: Universidade Metodista, n. 07, maio 2005. Disponível em: <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio07/jesus-cristo-simbolo-de-kairos-no-pensamento-de-paul-tillich-e-nos-cultos-afro-brasileiros/>>. Acesso em: 20 out. 2008

HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos: In: **O Breve Século XX**. Tradução: Marcos Santarrita. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. Introdução: A invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs). **A Invenção das Tradições**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 9-23.

JAKOBSON, Roman. In: TERRA, Ernani. **Linguagem, Língua e Fala**. São Paulo: Scipione, 1997.

JOÃO PAULO II, João. **Ecclesia In Africa**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a Igreja em África e a Sua Missão Evangelizadora Rumo ao Ano 2000. Dado em Yaoundé, Camarões, no dia 14 de Setembro, Festa da Exaltação da Santa Cruz, do ano 1995, décimo sétimo de Pontificado. Roma: Libreria Editrice Vaticana, 1995 Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_14091995_ecclesia-in-africa_po.html>. Acesso em: 25 set. 2008.

KALILOMBE, Patrick Augustine. Pastoral do Matrimónio Cristão Inculturado. In: CENTRO DE FORMAÇÃO NAZARÉ. **O Matrimónio em África: Aspectos Pastorais**. Beira, 2001. Actas da 6ª Semana Teológica, Arquidiocese da Beira, 18-22 jun. 2001, p. 43-67.

KAVAYA, Martinho. **Educação, Cultura e Cultura do 'Amém'**. Diálogos do Ondjango com Freire em Ganda/Benguela/Angola. 2006. 302 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em Educação.

KIURA, Jane. **Boas Maneiras: arte de bem-viver**. Maputo/MZ: Editorial Paulinas, 2005.

KI-ZERBO, Joseph. **História da África Negra**. Tradução: Américo de Carvalho. Mem Martins/PT: Publicações Europa-América, [1999]. (Biblioteca Universitária). v. 1

_____. **História da África Negra.** Tradução: Américo de Carvalho. Mem Martins/PT: Publicações Europa-América, 2002. (Biblioteca Universitária). v. 2

LANGA, Adriano. **Os valores africanos face à modernidade.** Maputo: Ed. Paulistas África, 1991. (Inculturação; 6).

_____. **O Nome na Tradição Africana.** Maputo: [s.n.], [1993]. (Cultura e Evangelho; 3).

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 20. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2006.

LEGRAND, Gerard. **Dicionário de Filosofia.** Tradução de Armindo José Rodrigues e João Gama. Lisboa: Edições 70, 1983.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem.** 2. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

LOPES, Armando Jorge; SITOE, Salvador Júlio; NHAMUENDE, Paulino José. **Moçambicanismos:** Para um Léxico de Usos do Português Moçambicano. Maputo/MZ: Livraria Universitária; Universidade Eduardo Mondlane, 2002.

LOPES, Maria Antónia Rocha da Fonseca. **A interdisciplinaridade no estudo do tempo circular e estratégias de resistência em Moçambique.** O arcabouço teórico presente na Administração, Maputo: Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane, [2001]. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/aladaa/rocha.rtf>>. Acesso em: 10 out. 2008.

_____. A Negociação das diferenças e estratégias dos protagonistas da gestão da força de trabalho em Maputo. **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Ano 26, jan.-abr. 2004, p.111-134.

LUCHESI, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio. **Tempos de Vida, Tempos de Escola:** Índícios para Pensar a Relação Idade / Frequência nas Escolas da Região Colonial Italiana, 1875 a 1930. Pelotas: 14º ASPHE, out. 2008, 15 p.

MABUIANQUE, Joaquim A. Pastoral das Situações Matrimoniais: (União de facto, infidelidade, poligamia, 'amantismo' ou poligamia e poliandria encoberta, etc). In: CENTRO DE FORMAÇÃO NAZARÉ. **O Matrimónio em África: Aspectos Pastorais.** Beira, 2001. Actas da 6ª Semana Teológica, Arquidiocese da Beira, 18-22 jun. 2001, p115-145).

MACEDO, Elizabeth. Por uma Política da diferença. **Cadernos de Pesquisa**, v.36, n.128, maio/ago.2006, p. 327-356.

MACHADO, Alexsandro dos Santos; FAZ-VER, Domingos Pedro Zina; DUARTE, Letícia. **Nganos: Contos Tradicionais Moçambicanos.** 2. ed. Porto Alegre: Algo Mais, 2007.

MANUEL, Joaquim. Antepassados e Espíritos na Tradição Ndau. In: CENTRO DE FORMAÇÃO NAZARÉ. **Os Antepassados e sua Veneração**. Beira, 1997. Actas da Segunda Semana Teológica da Beira, 3-8 fev. 1997. p. 96-115.

MARTINS, Armando dos Santos. **Sofala: o primeiro templo da Igreja Católica na África Oriental Portuguesa**. Quinto Centenário (1505-2005). Coimbra/PT: Edição do Autor, 2005. Disponível em: <http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2006/02/sofala_o_primei.html>. Acesso em: 25 set. 2008.

_____. **Beira Púngoè: Salazar enfrentou aqui os Ingleses à mão armada**. Coimbra/PT: Edição do Autor, 2007. Disponível em: <<http://pt.shvoong.com/books/1660832-beira-p%C3%BAngo%C3%A8-salazar-enfrentou-aqui/>>. Acesso em 12 out. 2008.

MARTINS, José de Souza. **A aparição do demônio na fábrica: Origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário**. São Paulo: Editora 34, 2008.

MCLUHAN. Marshall. **O meio é a mensagem**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1969.

_____. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. 8. ed. Cultrix. 1996

MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra/PT: Editora Centro de Estudos Sociais, n. 80, mar. 2008, p. 5-10. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/80/RCCS80-002-Introducao-005-010.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2008.

MOÇAMBIQUE. Assembléia da República. **Constituição da República de Moçambique**. Aprovada em 16 nov. 2004. Disponível em: <http://www.govnet.gov.mz/Legisla/constituicao_republica/constituicao.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2008.

_____. Conselho Coordenador de Recenseamento. Maputo, 1983. Disponível em: <<http://www.macua.org/livros/ASITUACAOMOCAMBIKANANOMOMENTODAINDEPENDENCIA.htm>>. Acesso em: 31 jan. 2009.

_____. Instituto Nacional de Estatística. **População Total por Sexo e Índice de Masculinidade, segundo Províncias**. 2007. Disponível em: <<http://www.ine.gov.mz/censo2007/censo2007/rp/q4>>. Acesso em 20 ago. 2008.

_____. Ministério de Educação. INE: IDS. **Tabelas de vida**. QUIB 2000/01. Disponível em: <http://www.ine.gov.mz/ip/iph/iph_102>. Acesso em: 20 ago. 2008.

_____. INE: IDS. **Tabelas de vida**. QUIBB-2001, IAF-2002/03. Disponível em: <http://www.ine.gov.mz/ip/iph/iph_102>. Acesso em: 20 ago. 2008.

MONTEIRO, Mário Bitt-. Um Ensaio sobre o Momento da Fotografia, suas Relações com a Comunicação Globalizada e sua Atual Configuração Acadêmica na UFRGS.

Revista da Extensão, Porto Alegre: Protex-UFRGS, vol. 1, jan.-jun. 1998, p.40-50. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/fotografia/port/07_artigos/01_atg/index.htm>. Acesso em: 06 out. 2008.

MONTIEL, Luz Maria Martinez. Presença africana, oralidade e transculturação. Uma contribuição para o resgate da herança cultural contida na oralidade. **Revista Oralidad**: UNESCO, Anuário 10, 1999, p. 28-32. Disponível em: <http://www.lacult.org/docc/oralidad_10_28-32-presencia-africana-orality.pdf>. (espanhol) ou <http://www.lacult.org/docc/africana_oralidad_transcult_por.doc>. Acesso em: 10 maio 2009.

MORCENE, Nhampoka Chitatu. Antepassados e Espíritos na Tradição Sena. In: CENTRO DE FORMAÇÃO NAZARÉ. **Os Antepassados e sua Veneração**. Beira, 1997. Actas da Segunda Semana Teológica da Beira, 3-8 fev. 1997. p. 115-127.

MORIN, Edgar. **Se eu fosse Presidente**. Tradução: Cepat. Le Monde, 24 abr. 2007. Disponível em: <http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=6739>. Acesso em: 23 maio 2009.

NUNES, Antônio Carlos. O Idoso na Cultura Africana. **Missão Jovem**. Florianópolis, n. 71 (4), 01 abr. 2004. Disponível em: <http://www.pime.org.br/noticias.inc.php?id_noticia=4277&id_sessao=2>. Acesso em: 28 set. 2008.

OLIVEIRA, Irene Dias de. **Identidade negada e o rosto desfigurado do povo africano** (os tsongas). São Paulo: Annablume; Universidade Católica de Goiás, 2002.

OSÓRIO, Conceição. **Ritos de Iniciação: um debate necessário**. Artigo de opinião. Maputo/MZ: WLSA (Women and Law in Southern Africa) Moçambique. 07 mar. 2008. Disponível em: <<http://www.wlsa.org.mz/?blogviewid=18&target>>. Acesso em: 05. nov. 2008.

PAULETI, Camilo; DALCIM, Fabiano. **Partilhas da África**. São Paulo: Paulus, 2008.

PHANEM, Tolba. **A Canção dos Homens**. [s.n], [1950]. Disponível em: <http://www.alexandracaracol.com/ficheiros/a_cancao_dos_homens.pps>. Acesso em: 08 set. 2008.

PHILLIPSON, D. W. Início da Idade do Ferro na África Meridional. In: MOKHTAR, G. (org.). **História Geral da África: A África antiga**. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1983, p. 687-706. v. 2.

PLATÃO SAVIOLI, Francisco; FIORIN, José Luiz. Uma imagem vale por mil palavras. In: **Para Entender o Texto: redação e leitura**. 16 ed. São Paulo: Ática. 2000, p. 378-381.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n.10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/104.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2008.

POSNANSKI, M. Introdução ao fim da Pré-História na África subsaariana. In: MOKHTAR, G. (org.). **História Geral da África: A África antiga**. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1983, p. 547-564. v. 2.

_____. As sociedades da África subsaariana na Idade do Ferro Antiga. In: MOKHTAR, G. (org.). **História Geral da África: A África antiga**. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1983, p. 733-747. v. 2.

PRIORE, Mary del; VENÂNCIO, Renato Pinto. **Ancestrais: Uma Introdução à História da África Atlântica**. 8. ed., Rio de Janeiro: Elsevier. 2004.

RABUSKE, Edvino A. **Antropologia Filosófica – Um estudo sistemático**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RAMBO, Balduino. Herança de um Povo e Língua Materna. Carta de 30 jun. 1944. In: _____. **Em Busca da Grande Síntese**. Tradução Bruno Rabuske. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos. 1994. p. 67-92.

_____. A Herança dos Antepassados e Língua Materna. Carta de 25 jul. 1944. In: _____. **Em Busca da Grande Síntese**. Tradução Bruno Rabuske. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos. 1994. p. 93-107.

RHODIA, Projeto Cultural. Moçambique. In: **Danças Populares do Brasil**. São Paulo: Publicação Rhodia S.A, 1989. Disponível em: <<http://www.terrabrasileira.net/folclore/regioes/5ritmos/mocambiq.html>>. Acesso em: 30 set. 2008.

RODRIGUES, Denis. **África?** São Paulo: Instituto Nzinga, 2005. Artigo publicado originalmente na Revista Toques de Angola, publicação sob responsabilidade do Instituto Nzinga de Capoeira Angola e Tradições Bantos. Disponível em: <http://www.jornalexpress.com.br/noticias/detalhes.php?id_jornal=13170&id_noticia=397>. Acesso em: 30 ago. 2008.

SAHLINS, Marshall. **Cultura e razão prática**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é Cultura**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, [1989].

SARPONG, Peter. K. Em que Medida é Possível a Inculturação do Sacramento do Matrimônio? In: CENTRO DE FORMAÇÃO NAZARÉ. **O Matrimônio em África: Aspectos Pastorais**. Beira, 2001. Actas da 6ª Semana Teológica, Arquidiocese da Beira, 18-22 jun. 2001, p. 96-114.

SCHERIFF, Abdul M. H. A costa da África oriental e seu papel no comércio marítimo. In: MOKHTAR, G. (org.). **História Geral da África: A África antiga**. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1983, p. 565-580. v. 2.

SILVA, Alberto da Costa e. **A Enxada e a Lança: A África antes dos Portugueses**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1992.

_____. **A Manilha e o Libambo: A África e a Escravidão, de 1500 a 1700**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

SITOE, Rogério (Dir.). **Beira 100 Anos: Breve história de uma urbe que teve outros nomes**. Caderno Especial. Notícias. Maputo. 20 ago. 2007. Disponível em: <<http://www.jornalnoticias.co.mz/pls/notimz2/getxml/pt/contentx/66220>>. Acesso em: 28 nov. 2008.

SOUSA, José Augusto Alves de. Os Antepassados: As Etapas Históricas do problema e suas Implicações. In: CENTRO DE FORMAÇÃO NAZARÉ. **Os Antepassados e sua Veneração**. Beira, 1997. Actas da Segunda Semana Teológica da Beira, 3-8 fev. 1997, p. 11-40.

SUSIN, Luiz Carlos. Introdução: Memória como fonte para o futuro. In: _____ (org.). **Memória para o Futuro: nos passos de Irmão Antônio Cechin**. Porto Alegre: Estef, 2009.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 3. ed., Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Faustino. **Inculturação da Fé e Pluralismo Religioso**. Juiz de Fora/MG: PPCIR-UFJF; RELAMI – Rede Ecumênica Latino-Americana de Missiologia, 2000, p.1-8. Disponível em: <http://www.missiologia.org.br/cms/UserFiles/cms_artigos_pdf_45.pdf>. Acesso em: 11 out. 2008.

THORNTON, John. **A África e os Africanos na Formação do Mundo Atlântico: 1400-1800**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**. São Paulo: Cortez, 1996.

ULLMANN, Reinhold Aloysio. **Antropologia: o Homem e a Cultura**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1991.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. [2001], p.1-10. Disponível em: <<http://www.manamani.org.br/diversidadecultural.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2008.

UNGER, Nancy Mangabeira. **Da foz à nascente: o recado do rio**. São Paulo: Cortez; Campinas/SP: Editora Unicamp, 2001.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África**. São Paulo: Ática; Paris: UNESCO, 1980, p. 157-179. v. 1.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Tradução: Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru/SP: EDUSC, 2003.

WUNDER, Alik. Restos Quase Mortais: Fotografia, Acontecimento e Escola. OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de (org). Estudo, Pensamento e Criação. In: **29ª Reunião Anual da ANPEd**, 2006, Caxambu, MG. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT12-4367--Int.pdf> - Acesso em: 23 abr. 2009.

ZAMPARONI, Valdemir. **Terras Negras, Donos Brancos**: o processo de expropriação na região de Lourenço Marques – 1896/1930. II RIHA, 1996, p. 153-160. Disponível em: <<http://74.125.45.132/search?q=cache:6alXIPC2rB0J:www.casadasafricas.org.br/site/img>>. Acesso em: 01 dez. 2008.

ZUBERIA, Jesús. Introdução à VIII Semana Teológica – A Morte: Aspectos Pastorais. In: CENTRO DE FORMAÇÃO NAZARÉ. **A Morte: Aspectos Pastorais**. Beira, 2003. Actas da 8ª Semana Teológica, Arquidiocese da Beira, 23-27 jun. 2003, p. 5-22.

ZUCULA, Carmen Medeiros Zucula. Aspectos sócio-culturais relacionados com a frequência escolar das raparigas em Moçambique. In: AFONSO, Ana Elisa de Santana (Org.). **Eu mulher em Moçambique**. Moçambique: UNESCO e AEMO, 1992.

APÊNDICE A

As cartas de Moçambique

Um pouco de África 1 – Beira, 9 de fevereiro de 2003 (2003a)

Deixei Porto Alegre dia 13 de janeiro, Domingo, às 14 horas. Senti que nenhum dos Irmãos pôde ir no aeroporto. Todavia, cumprimentei e troquei umas rápidas palavras com o Filipão, treinador pentacampeão, esposa, dois filhos e o Paulo Murtosa, que estavam a embarcar na mesma hora para o Rio-Portugal. Logo conheci um vendedor de Novo Hamburgo que estava indo para Hong Kong e também um casal de Porto Alegre com dois casais de filhos que moram em Joahnnesburgo e a Cátia de Porto Alegre, casada com um moçambicano, que moram em Maputo, capital, com seus três filhos. Em São Paulo, fiz-me amigo de dois adolescentes que estavam viajando para Maputo.

A viagem de Porto Alegre-São Paulo com a Varig, com 1h40min. Às 19 h, embarcamos todos para Joahnnesburgo, pela South African Airlyays, um boeing 747-400, com 377 lugares, a uma altitude média de 11.300 m, 970 Km/h. A duração foi de 8h10min para realizar 7.480 Km. Foi a noite mais curta da minha vida. O poente foi às 20h10min e o nascer do sol às 01h50min de Brasília deu um ar de solenidade no avião. O aeroporto de Joahnnesburgo é uma grandiosidade. Tem vôos para todos os continentes. Isto é mostrado pelos estilos de roupas e línguas das pessoas. A África do Sul, vista do alto, é bela e de uma agricultura farta. A língua é um misto de inglês, holandês e alemão. O custo de vida é alto. Permaneci 4 horas no aeroporto sozinho, pois os conhecidos já tinha ido para os seus destinos. Às 8h40 min. decolamos para Beira, com a LAM, num bimotor com 29 lugares. Que diferença! Com o tempo bom pude observar a diferença. Quando entramos em solo moçambicano, um país devastado, pobre, seco. Às 10h50min (14h50min no horário local) o pouso em Beira. Alfândega tranqüila! Estavam a aguardar os Irmãos Dirceu e Ivo Pavan. Às 15h30min (passo a usar o horário daqui, que é de 5 horas de Brasília; no horário de verão 4h) estava na minha residência, localizada na Missão São Benedito, Bairro Chingussura, Manga, a 15 km da baixa (centro) de Beira.

Estou a escrever hoje, pois os 7 juvenistas da 11^a e 12^a classes (corresponde ao 2º e 3º anos do Ensino Médio) tem o seu domingo livre do mês, com isso recebi a primeira folga, pois somente amanhã chega o Ir. Jorge, daqui de Beira, que fez a faculdade de Filosofia em Porto Alegre, durante os últimos 3 anos. Quando cheguei, estavam a chegar os formandos. Dias 15 a 17.01 houve as reuniões com os professores. Dia 18, Sábado, com os Encarregados da Educação, pois muitos já não moram com os pais. E dia 20, o início, com 6 tempos de aula em cada turno (manhã, tarde e noite).

Moçambique é um país do leste da África com quase 800 mil Km² (pouco maior que a Região Sul ou 2/3 do Pará), é dividida em 10 Províncias. Foi “descoberto” por Vasco da Gama em 1498. Tornou-se independente politicamente de Portugal, em 1975, a implantar um regime marxista. Diante dos dois grupos – FRELIMO e RENAMO – instaurou-se uma guerra civil por quase 18 anos, a levar o país no caos e na destruição. A paz foi selada em 04.10.92. As conseqüências, no entanto, a estar em toda parte: a corrupção generalizada, escolas destruídas, padres e religiosos expulso, saúde sucutada, sem médicos, sem hospitais, pessoas aleijadas por toda parte. As doenças que mais matam são a malária, a tuberculose, a sida (aids), a lepra, a cólera e as doenças provocadas pela desnutrição. Os MCS e o transporte público são precários: machimbombo (ônibus), chapa (van) e chata (barco). Depois das 21h todos transportes colectivos e camiões param nas rodovias do interior por causa dos assaltos. E as poucas rodovias tornam-se intransitáveis nos tempos de chuva. As estradas sempre estão cheias de bicicletas – principal veículo de muitos

homens - e pessoas a andar a pé. As mulheres a carregar crianças amarradas nas costas, peso na cabeça e algo nas mãos. Segundo o povo, razão dos africanos serem de baixa estatura. Os pedintes estão em toda parte: “um dinheiro”; “estar com fome”; “padre, cinco contos”... Corta o coração! Aqui os motoristas andam tudo o contrário, porque o volante é no lado direito. A ultrapassagem é pelo lado direito. Os carros são estrangeiros. A agricultura, com seus métodos ainda primitivos, com facão e enxada, fica reduzida à subsistência. Não há gado leiteiro, porcos, galinhas... só cabritos. O país exporta lingotes de alumínio, camarão, madeira, castanha de caju, energia eléctrica, algodão, tabaco, pneus, e agora quer acrescentar na pauta o milho, mandioca, gergelim, gengibre e banana, mas não arrecadou 250 milhões de dólares em 2002. Pouquíssimo! À noite, há queda de luz aqui, como nos fins de semana. Hoje, metade do tempo não pude trabalhar.

Quanto à religião, 24% são católicos, 19% islâmicos, 32% religiões tradicionais afro. Dia 12, os islâmicos (muçulmanos) vão festejar o ano novo. Eles dominam quase 90% todo comércio em Beira. Muitos alunos já pediram para ir à mesquita para esta celebração. Hoje são 120 padres diocesanos a atender as 12 dioceses. Os missionários brasileiros são 163, dos quais 80 gaúchos. Há um bom florescimento de vocações. Apesar de em muitas paróquias tenha a demorar 20 anos para o padre voltar, por causa da guerra, o povo manteve viva a fé recebida, sobretudo pelo trabalho dos anciãos e catequistas. Domingo, dia 2, dia do consagrado, houve uima missa de 2h45min para os religiosos, e depois o almoço foi partilhado. São mais de 100 religiosos, religiosas e padres em Beira. Foi muito bonito! Encontrei duas Irmãs brasileiras: uma de Aracaju e outra de Minas. Dia 19.01, ligou-me de Maputo, a Ir. Santina (Carlista) que fez o Cetesp comigo em 1976 no Rio. E dia 26.01, encontrei-me com a Ir. Maria do Carmo, aqui na Manga, com a qual trabalhei os 4 anos em que estive em São Miguel do Oeste, SC (1981-84). Pareceu mentira! Trabalha em Chimoio, 200 Km daqui. As missas demoram em torno de duas horas. Igrejas sempre cheias. O povo é muito religioso. Até as missas de 3ª e 6ª feira, às 18h, na Missão, a estar sempre cheias. A missa é bastante cantada. Em cada uma cantam algo em português. Hoje, foi Pela Palavra de Deus e Os grãos que formam a espiga. As leituras e cantos são a maioria na língua chisena e chindau. Não entendo nada, mas já sei falar bom dia: mamuka. Em cada liturgia, mais de 70% levantam e ofertam algo: 360 mil meticais em média (1 dólar = 24 mil meticais). Também não falta o abraço da paz. As crianças impressionam pelo silêncio e concentração. Peço sempre: Deus ouça a sua oração!

Como Beira é uma cidade de quase 500 mil habitantes e fica no centro do país, em cima do oceano Índico, sempre é uma região muito visada. É uma cidade suja, cheia de lixo, fezes e água parada, o que a torna alvo de foco de mosquitos, no momento, com muitos casos de malária, cólera, tuberculose e aids. Toda água precisa ser fervida. Não temos água encanada. Nos arredores também tudo é plano. Só se vê algum pedacinho de arroz, tudo plantado com a enxada. A machamba (a roça, a capina) é feita pela mulher. E agora a seca a assolar todo sul do país e, no norte, as chuvas e o ciclone. No sul as pessoas a morrer de fome e cólera. No norte, tudo destruído pelas chuvas e pelos ventos, com epidemias de malária e cólera. E a aids virou problema público. Só em 2002 a Polícia perdeu 50 policiais vítimas de sida. E quantos professores, funcionários de empresas morreram. E quantas crianças órfãos? Em Niassa, a Província mais ao Norte, os abortos aumentaram no ano passado: 63% das mulheres grávidas que a entrar no Hospital Central acabam em aborto, em especial, por causa da sida. Só existe um canal de televisão. Aqui na casa não temos tevê. Só ouço rádio. Mas na Comunidade dos Irmãos tem parabólica, com todos os canais estrangeiros, e posso ver algo da Globo e 2 canais de Portugal. As notícias e o esporte daqui dão tudo de Portugal. Sei mais sobre o acontece fora do país do que aqui dentro. No Fórum Social Mundial de Porto Alegre, pela rádio de Portugal, fiquei sabendo que o Germano Rigotto foi vaiado pelo grupo afro. As notícias são tão precárias que no final das missas, há sempre um verdadeiro noticiário.

A Missão São Benedito, a qual falei no início, foi criada nos anos 50 pelos Padres Brancos. Na Missão há igreja, casa dos padres, casa das Irmãs, hospital, escola, campo de futebol, clube. Após a independência o local foi ocupado pelo exército. A igreja foi transformada em armazém e os outros espaços evacuados. A comunidade construiu uma

igreja a uns 20 minutos daqui. Apenas dia 16.02, haverá a bênção do altar, depois de reabilitada a mais de 2 anos (reconstruída com a ajuda internacional). Passa a ser paróquia. Atrás da igreja fica a Escola João XXIII, na qual trabalho como vice-diretor e coordenador pedagógico. Por isso sou mais conhecido como Irmão Pedagógico: meu nome é muito difícil para os africanos. A Escola tem 2.300 alunos: 1350 pela manhã; 850 à tarde e 110 à noite. O Pedagógico assina a documentação da Escola, contrata os professores, cuida da disciplina, horários, pautas (listas) de alunos... faz funcionar a escola. O diretor é mais administrativo, bolsas e projetos, pois é necessário buscar verbas na Europa para sobreviver. Todos os alunos pagam alguma coisa: entre 2 a 15 dólares. O governo ajudou este ano com os livros até a 7ª classe, impressos no Canadá e pagos por organismos de lá. Aliás, a África, Moçambique, vivem de ajudas. No dia que isso acabar! O calendário escolar no país é único. Todas as escolas começaram dia 20.01 e a terminar dia 18.10. No meio há duas férias de duas semanas cada: 12 a 27.04 e 19.07 a 03.08. No fim do ano todos precisam prestar exames nacionais. De 15.12 a 15.01 são as férias dos professores. O objectivo da educação de 2003 é “por uma escola livre do hiv/sida e de reforço à cooperação com a família e a comunidade”. Dizia o Ministro da Educação que “todas as energias, a nossa capacidade de trabalho e de acção, sejam orientadas para uma escola cada vez mais participativa, solidária, responsável e livre do hiv/sida”... e que dê uma atenção especial às raparigas(meninas)”, pois ainda estão relegadas. Aqui no João XXIII já estamos com muitas raparigas, mas predominam os homens. De manhã entre 50 professores, só uma é mulher. À tarde, só há duas coordenadoras e 2 professoras no Pré. Todos os alfabetizadores são homens. Cada turno tem 6 tempos, inclusive à noite. De manhã começam às 7 horas. Vem chapas e carrinhas que trazem alunos. Há muito tempo que não via tanta procura por estudo. Foram 3 semanas de bichas (filas) esperando por uma vaga. Não é por nada que a taxa de analfabetismo do país é de 56,7%. De manhã as 28 salas a estar cheias, conforme o número de mesinhas ou bancos que entram: 50, 52, 58, 63. São salas empilhadas de alunos. Temos alunos de todas as origens, inclusive muitos brasileiros, filhos de pastores da Igreja Universal, em especial. Em julho desde ano nossa abre uma extensão da Faculdade Católica de Beira para formar os professores do interior. Fui convidado para ser professor de História Geral. Quem sabe!

Quanto ao clima, aqui o calor a estar fora do normal. Esta manhã, às 6h30min já estava 32° C. Já usei mais tempo de ventilador ligado aqui do que no resto da minha vida. E sempre estou a suar e fui tomado de uma alergia por todo corpo como consequência. E por causa dos mosquitos é preciso andar com roupas, calçados, o que aumentar o calor. Falando em roupas, o povo daqui usa compridas, em especial, as capulanas pelas mulheres. Os nomes aqui são diferentes para cada coisa. O homem usa biquíni (sunga). Esta semana, dia 3 foi feriado. Fui com os juvenistas no Oceano Índico, em Savane, a 40 km. A água é quente o ano todo, diferente do Atlântico e por isso queima logo. Se você vê uma mulher com biquíni, porque é estrangeira. As africanas pouco vão à praia. Aliás, o aluno estuda Inglês durante 5 anos e Francês por 2 anos, com 3 e 4 tempos semanais. Por exemplo, 4º e 5º anos de Inglês o professor só fala inglês. Também pudera! Todos os países vizinhos de Moçambique falam o inglês. A tendência do governo local é que o inglês seja a língua oficial do país.

Dia 14.02 é o dia de São Valentin e dos namorados. Até agora não vi alguém andar de mãos dadas, nem casal. Apenas rapazes e homens. A pobreza impera. Quantos alunos e professores passam mal. Poucos tomam o matabicho (café). A expectativa de vida é de 37,6 anos (h) e 38,7 (m). É um povo que convive todo dia com a doença e a morte. Esta semana morreram o filho de uma aluna, a mãe de duas alunas, a mãe de 2 professores, o cunhado de outro professor, um rapaz vizinho, o uma deputada provincial (estadual) de Beira, o poeta mais famoso do país José Craveirinha, outra vizinha esta tarde... E geralmente levam vários dias para enterrar, pois os hospitais a manter os corpos congelados por até dias. Isso dá tempo para cada família organizar o funeral e esperar por todos. Mas, é um povo acolhedor, respeitoso, humilde: “Bom dia, Irmão!”... “Tudo bem, Irmão?”... Passam, tiram o chapéu, juntam as mãos e se inclinam. Em julho haverá eleições autárquicas (municipais) nos 33 Municípios e no ano que vem as eleições presidenciais. Tomara que escolham bem, pois

até agora o mesmo partido ganhou sempre. Muitos daqui falam do Brasil e do Lula. Aliás, os jornais daqui trazem muitas notícias do Brasil: na última notícia, diz que Lula tem 83,6% de aprovação popular. Falam da seleção brasileira, Gisele Bündchen, carnaval, mortes das chuvas....

África, querida África, terra do calor, das secas, da miséria e da fome, da guerra e da morte. O solo daqui do centro do país é só areia e tudo plano, sem escoamento, mas com muita manga, coco, banana e mamão... de um povo religioso, muito religioso. Estou a me impressionar com o grande número de crianças e jovens que estão fazendo catequese e os pais são de outra religião: muçulmanos, budistas, crentes. Um exemplo: a Escola passa sábados à tarde em catequese. São perto de 50 turmas. Cada hora e 10 minutos trocam os grupos de catequese. E domingos, à tarde, sala cheia de senhoras e senhores idosos participando da catequese de adultos. Emocionante!

Agora já é noite. Os meninos voltaram todos. Antes cantamos o Lucernário na capela. O povo gosta de coisas solenes. E se prepara. Creio que a América e a África são os dois continentes das futuras vocações.

Um pouco de África 2 - Beira, 7 de abril de 2003 (2003b)

Um grande axé. Volto a escrever algumas notícias das terras-mãe dos escravos, esta página negra da nossa História do Brasil: África, nossa querida, mas sofrida e pobre África!

Este é um fim-de-semana prolongado, pois hoje é o feriado referente ao Dia da Mulher Moçambicana. A mulher daqui é dona de casa e trabalha a machamba (roça). Celebra-se o dia nacional da mulher, em pleno século 21, no meio de uma mistura de catástrofe: guerra, pobreza e sida. E a mulher continua atirada para o segundo plano numa luta selvagem pela sobrevivência, embora várias vozes teimem em propalar a igualdade entre o homem e a mulher. Vai ser ainda mais difícil que a sociedade, em particular o homem, consiga reconhecer essa igualdade se a mulher for a primeira a aceitar a sua "inferioridade" no lar, nas escolas, no trabalho, nas ruas, nas igrejas, etc, muitas vezes alegando foi assim nas sociedades tradicionais. Mas o pior é a sida. Cada dia, entre 500 e 700 pessoas contraem o vírus no país, das quais 70% são raparigas entre 18 a 25 anos. Razão simples: três de cada cinco mulheres casam antes dos 18 anos, 40% das quais com homens bastante mais velhos, sexualmente experientes. Há uma ONG – Tudo pela Vida – que faz campanhas diárias nos jornais a recomendar o adiamento da 1ª relação sexual como forma de prevenção do HIV. Motivos: *"O adolescente/jovem ainda não tem capacidade para arcar com as consequências de um acto irreflectido (gravidez indesejada, com a inevitável interrupção dos estudos no caso das meninas, DTS ou pior ainda, HIV); e sabendo que é por via sexual que 90% das pessoas se infectam, o melhor mesmo é adiar o máximo possível essa possibilidade. Um ditado diz que "quem procura, encontra". E melhor mesmo é procurar quando estiver preparado"*. Muitas vozes tentam reduzir o matrimónio e a monogamia a lembranças do passado, todavia outras alertam que é uma aventura macabra cujas consequências são imprevisíveis para a própria humanidade. Estima-se que 146 (25%) ocorram em crianças dos zero aos 4 anos, especialmente através do aleitamento materno que atinge 98% das crianças. A taxa de mortalidade infantil é de 201 crianças que morrem antes dos 5 anos em cada mil nascimentos. A desnutrição, sobretudo a mal-nutrição crônica e a deficiência em micro-nutrientes – deficiência de iodo, vitamina A e ferro - são factores que contribuem para o agravamento da situação. Segundo o último Relatório da OMS, publicado em fevereiro, Moçambique tem uma triste sina. O país está em 157º lugar no IDH dos 160 pesquisados. Quanto aos números e as previsões da sida a situação é alarmante. Hoje 1,5 milhões está com o soro positivo (10%). E diz mais. Até 2010, devem morrer em Moçambique 1,7 milhões de pessoas, 100 mil ao ano. Na área do ensino público, a sida atingirá 123 gestores e directores de escola, 23% dos professores que somam 11 mil e 9.200 alunos deverão perder a vida por causa da sida. Isto é, o sector forçosamente terá de se ajustar para compensar a perda de cerca de 17% do seu pessoal. Outro fardo será o dos órfãos. Em 2000 existiam cerca de 500 mil órfãos, dos quais 2/3 são de pais vitimados pela sida. Até 2010 haverá, aproximadamente, 1,4 milhões de órfãos, dos quais 80% serão

de pais vítima do hiv/sida. Aqui no hospital da Missão São Benedito só fazem o teste em mulheres grávidas: um terço apresenta DTS (doenças transmissíveis sexualmente).

Atualmente, o país enfrenta calamidades naturais, nomeadamente cheias, ciclones e seca, afectando milhares de pessoas, em nível de país. A seca atingiu as zonas sul e centro do país e as depressões atingiram com maior incidência as regiões norte e centro, onde destruíram importantes infra-estruturas económicas e sociais: habitações, vias rodoviárias e extensas áreas de culturas de subsistência das populações. Números que foram divulgados pelos jornais indicam que o número total da população carente de alimentos situa-se perto de um milhão de pessoas. No Norte, são 700 mil, muitas das quais sem alimentos e também sem roupas, após 4 meses da passagem do ciclone Delfina. No sul, são em torno de 250 mil flagelados das chuvas e ventos do ciclone Japhet, ocorrido em início de março. Além disso, a seca afecta cerca de 40 mil famílias no centro-oeste, noticiou o jornal dia 01.04. Todavia, o governo não decretou estado de emergência para enfrentar este momento de estiagem e de efeitos de intensas chuvas, associadas aos temporais, pois, segundo ele, *“não faremos nenhum apelo senão corremos o risco de perder a credibilidades perante os parceiros”*. Este ano a Espanha perdoou 44 milhões de dólares de dívida para Moçambique; África do Sul, 8 milhões; Alemanha mais 45 milhões. O Ministro da Agricultura anunciou dia 18.02, que apenas um por cento de terra arável é irrigada, o que revela quão má é a situação infraestrutural do sector agrícola moçambicano. A verdade é que o problema é sério e sem muitas perspectivas de melhora, uma vez que o governo também não quer fazer parcerias com o já débil setor privado.

Por outro lado, o governo do país está preocupado com a Guerra no Iraque, pois mais de 60% do Orçamento provém de fora. Moçambique vive da ajuda internacional. EUA ajuda anualmente com 45 a 50 milhões de dólares, além da ajuda via instituições não governamentais. Na nova pauta de itens sujeitos à fiscalização na alfândega estão as roupas usadas. Acontece que com a ajuda internacional estar a falir toda indústria têxtil do país. A maior parte do comércio da cidade vende peças oriundas de ajudas internacionais em suas lojas. A prova disso são os contentores abandonados por toda cidade e arredores, nos quais vieram materiais em geral de outros países. Segundo os dados do dia 27.02, Moçambique tem 34 mil empresas, organismos públicos e instituições com fins lucrativos, das quais 22 mil na zona sul e as restantes 12 mil no centro e norte do país. Moro no centro, na província de Sofala, onde há 4.254 empresas. Isto é pouco para um país de 800 mil km².

Outrossim, neste feriadão, estão reunidos em Maputo, capital do país, representantes de toda África para debater os problemas do continente, entre os quais os conflitos armados, a pobreza absoluta e o HIV/sida. A África, não obstante ser rica em humanidade, culturas e recursos naturais, tornou-se no século XX o continente mais pobre de todos. Frequentemente ouço referir-se como “o continente doente e sem futuro”. Está a ser estrangulado por uma insuportável dívida externa. Está a ser dizimado pela epidemia da sida e por outras doenças, que já foram eliminadas em outras partes do mundo. É em África que o analfabetismo, a pobreza, a ignorância, a doença e a exploração podem ser testemunhados no seu pior. Creio que nós, cristãos, não podemos tolerar que menos da metade da população do mundo seja livre e viva abundantemente, enquanto a maior parte é escravizada pela pobreza e não consegue satisfazer suas necessidades básicas. A libertação económica parece ser neste século XXI o maior desafio do cristianismo na África. A solidariedade humana devia unir-se para eliminar a pobreza na África, em vez de guerras contra o terrorismo e Saddam. É tempo de levantar-nos e dizer não às guerras em África também, não ao genocídio, não à desnutrição, não às condições que causam milhões de refugiados, não ao abuso de poder, não à exploração do povo.

Dias 26, 27 e 28 de março, choveu mais de 60 horas consecutivas. Já havia chovido muito na primeira semana de março. Beira, cidade um metro abaixo do nível do mar, virou um piscinão só. Um verdadeiro dilúvio. Em torno de 25% dos habitantes de Beira ficaram desalojados (100.336 pessoas), 96 casas destruídas e três mortes. Ao redor da nossa casa ficamos totalmente ilhados. Hoje, ainda há muitos alagamentos. “Após as inundações vêm as doenças. Vamos lutar contra a lepra, tuberculose, malária e cólera. Ajude-nos a dar as mãos, ajudando. Donativo urgente!” Estas campanhas vêm de ONGs internacionais de

Portugal, Espanha, Itália... Só na cidade de Beira já foram registrados até o dia 3 de abril, 949 casos de cólera. Outra epidemia que está a assolar a escola João XXIII é a conjuntivite. Nas duas últimas semanas atendo diariamente entre 30 a 50 alunos para colocar gotas nos olhos. É preciso dar uma de enfermeiro, senão muitos dos 2.407 alunos e mais de 100 professores e funcionários estariam a faltar ainda mais. Aliás, até hoje não nenhum dia em que não estivesse a faltar algum professor. De manhã, só dia 28.2, que não houve falta de professor. O país tem 11 mil professores, dos quais mais de 500 fantasmas. No último Relatório da UNESCO o analfabetismo chegou a 60,5%, dos quais 78% são mulheres. O grande apelo é para a formação de professores. Ontem voltou o Ir. Marco, mexicano com doutorado na Espanha, o qual coordena os Projectos de Formação de Professores em Exercício e Alfabetização e Educação de Adultos, aqui no João XXIII e Arquidiocese de Beira, durante os intervalos escolares. Veio um leigo de 20 anos, Antônio Diáz, para assumir até dezembro a Informática com 25 computadores, vindos de ajudas.

Falando em escola, estamos na última semana do 1º trimestre. Dias 12 a 17 de abril haverá férias para os alunos. Para nós, conselhos de notas e capacitação pedagógica. Todos os 7 formandos irão à casa dos familiares. Dia 4 fizemos a festa da mulher moçambicana. As nossas 1.122 alunas matriculadas, raparigas, capricharam no visual. A maioria com capulana e lenço na cabeça, outras usando pinturas tradicionais no rosto, deram um colorido todo especial ao dia marcado com hasteamento e arreamento da bandeira, desfiles, mensagens, danças, teatros, homenagens... tudo muito bonito, lindo, belo, festivo, alegre, muito música africana típica e forma ordeira.

Dia 16 de fevereiro foi reabilitada (abençoada) a igreja paroquial da Missão, ao lado da nossa casa, fechada pelo FRELIMO em 1980 e usada como depósito. Foi uma cerimônia linda e comovente, com 4 horas de duração. Tudo soleníssimo: presença do Arcebispo, as orações, as bênçãos, a entrada, as danças – muita dança, os cantos, leituras, ofertas de cada comunidade, a homilia... a compenetração e a emoção do povo. Muitos viveram os dois momentos. Indescritível! O salmo 50, como pedido de perdão, foi cantado. Após a comunhão o povo exultou cantado com toda força, em chisena, “estamos contentes Deus”. O almoço foi às 14 horas na Escola. No momento fui convidado para cortar com Dom Jaime o bolo pelos 17 anos de celebração dos meus Votos Perpétuos, ocorridos em 1986. A Igreja aparentemente, parece estar a aumentar seus fiéis. A catequese da Missão acontece em nossa Escola João XXIII. Este ano, são mais de 1.029 catequizandos de 1º, 2º e 3º ano de Batismo e Eucaristia (quem não é batizado criança, só pode ser batizado após os 14 anos e após ter frequentado 3 anos de catequese); 357 do 1º e 2º de Crisma; além de mais de 200 Eleitos (pessoas adultas e que vão ser batizadas na noite de Páscoa). Ontem, a missa durou 2h20min, ocasião em que eu e o Ir. Dirceu fomos apresentados à Comunidade. São longas, pois são as únicas ocupações para o povo cristão. À tarde começou o Grupo Vocacional aqui na Missão com mais de 30 vocacionados e seus assessores. Todavia, sente-se um racha na Igreja local, que vem de anos, entre as duas minorias étnicas: chisena e chindau. Em todas as liturgias é preciso fazer leituras e cantos nas duas línguas. Todavia, a chisena tem mais adeptos e os padres atendem também mais nesta língua. Por isso, o arcebispo só come comida especialmente preparada por alguém de confiança da comunidade nas suas visitas pastorais.

Esta semana, estou a completar três meses de presença em Beira. Só posso afirmar que já foram muitas experiências significativas vividas junto aos professores, alunos, pais e comunidade local. A missão é exigente que não dá tempo para saudades. Confesso que isso é impossível aprender nos bancos universitários. Estão a aparecer em Beira, 2ª maior do país, várias faculdades e até um Mestrado em Economia. No entanto, diante da pobreza, das epidemias, das mortes, das calamidades, das urgências... é preciso fazer diariamente a experiência de Deus, de oração. Aqui participo em geral de 4 a 5 missas semanais. Nós, Irmãos, estamos mergulhados no trabalho: formação, escola, pastoral e onde for preciso. Os recursos humanos são escassos. Os professores em formação e formados, primeiramente, são chamados para trabalhar no público. É uma graça estar com este povo que não possui nada para dar em recompensa. Pela aparência, nas ruas, sou identificado como padre. E os pedidos vêm de todos os lados para uma ajudazinha. O coração fica repartido. É impossível

atender a todos. E os miúdos (crianças) são demais: famintos, sem matabicho (café), sujos, maltrapilhos, a rondar pelos espaços a cata de algum alimento. Não há fruta que amadureça nas mangueiras, limões, cajueiros, actas, cacunatê... São os felizes, os restos, os sobreviventes da malária, da cólera, das diarreias, da sida... A verdade é que a fome, a doença e a miséria levam diariamente à sepultura só Deus sabe quantas vidas inocentes. Maria, Mãe da África, tende piedade de nós!

Um axé... e, antecipadamente, uma Feliz Páscoa. Que possamos ressuscitar todas aquelas capacidades, aptidões e virtudes que sepultamos pelo nosso egoísmo e omissões. É! Sem enterrar o grão de arroz não haverá o alimento na mesa do moçambicano. Benditas as mulheres da machamba (roça), a carregar feixes de mudas de arroz na cabeça para plantar e uma/duas crianças pequenas nas costas, de bengala numa mão e enxadão na outra, de rostos sofridos e enrugados, queimadas pelo sol, descalças, sem ter matabichado (tomado café), mas felizes... que toda manhã cruzam por mim no pátio da escola, a saudar: “bom dia, Irmão!”. Simplesmente dói, dói, dói! Senhor, tenha piedade de nós!

Um pouco de África 3 - Beira, 4 de maio de 2003 (2003c)

Hoje, o “grande desafio” da África é reduzir o número de óbitos, frutos da guerra. A Angola, numa campanha patrocinada pela União Europeia e Unicef, vacinou mais de 7 milhões de crianças entre nove meses e 15 anos contra o sarampo que vitima mais de 7 mil crianças por ano no país. Em Burkina Faso, a meningite já fez mais de 1200 óbitos este ano. Este país é um dos 18 países do “cinturão da meningite” da África, que vai desde o Senegal à Etiópia. Costa do Marfim vive numa onda de assassinatos. Angola faz um ano que saiu da guerra civil. Na Zâmbia a expectativa de vida diminuiu de 44 anos para 33 anos nos últimos dez anos por causa da aids. Em Burundi, a guerra continua apesar do esforço de vários líderes regionais para estabelecer a paz entre as forças do Executivo Tutsi e rebeldes Hutus, que se enfrentam desde 1993 e já mataram cerca de 300 mil pessoas, na maioria civis. Com 61 milhões de eleitores inscritos, Nigéria fez suas “eleições” em 12 de abril, com grandes boicotes, mas anunciaram o actual governo como vencedor. São Tomé e Príncipe vive uma instabilidade política e social a exigir melhores condições de vida, apesar de ser exportador de petróleo. O governo e os sindicatos de Guiné-Bissau lançaram um apelo à comunidade internacional para salvar o país da actual crise económica, social e política e que possa realizar eleições. Na República Democrática do Congo continuam os massacres entre as tribos Lendu e Hema (mais próspera e tem gado), que já duram mais de 4 anos e que só no dia 3 de abril fizeram quase 900 óbitos dos Hema, enterrados em 33 valas comuns. Esta semana houve novos ataques, com 20 mortes, 150 mil fugitivos para a Uganda e invasão do Grande Seminário de Bunia, matando o padre com um tiro na cabeça. A outra República do Congo, acaba de assinar a paz em março, após 3 anos de guerras civis entre o governo e os rebeldes ninjas, os quais devem ser reintegrados às suas terras nos próximos 6 meses. Na Etiópia e no Quênia o drama das enchentes a matar as pessoas até devoradas por crocodilos. O Zimbabwe, vizinho, onde 80% dos quase 13 milhões de habitantes vivem abaixo da linha de pobreza e a inflação deve chegar os 4 dígitos este ano. Na África do Sul, a ex-esposa de Mandela, foi condenada a 5 anos de cadeia por desvio de 130 milhões de dólares. Um estudo australiano sugere que a África deveria concentrar a atenção para com os países desenvolvidos, e não apenas com a União Europeia. Pois, diversos produtos africanos – cereais, lacticínios, amêndoas, arroz, bananas e açúcar – não são elegíveis nos mercados da UE. Todavia, as exportações de vestuário da África para os EUA cresceram 20% na 1ª metade de 2002. Quênia está a se beneficiar com as 31 Zonas de Produção para a Exportação na ordem de 30% ao ano, 25 mil empregos nas 52 empresas, exportando 50% aos EUA.

A inflação em Beira, desde que estou aqui, foi na ordem de 5,5%. O que mais contribuiu para este aumento foram a saúde (24,1%) e conforto na habitação (16,9%). Diante disso os chapas (vans) que fazem o transporte urbano aumentaram de 3 mil para 4 mil meticais. O salário mínimo do país passou de 816 mil meticais para 985 mil meticais (21%). Um real vale um pouco mais que 8 mil meticais. Nos últimos 15 anos mais de 125 mil pessoas foram demitidas no país. Por isso, as celebrações do dia 1º de maio acontecem

num clima de muita aflição. No mais, vive uma onda de cólera, com de 1300 casos este ano. Cada dia morre em média 40 a 50 pessoas, as quais são levadas na morgue (câmara mortuária) do Hospital Central onde podem permanecer até 7 dias, mas com apenas 60 gavetas. Constantemente há reclamações com os maus tratos dados aos mortos, sem baldes para lavar o corpo, jogados no chão ou amontoados. Cada semana, entre 50 e 60 pessoas são enterradas como indigentes, pois ninguém volta para retirar o corpo, pois não têm dinheiro para pagar o funeral. Se tivessem os Direitos Humanos!!! A cidade está suja, abandonada, cheia de lixo... A limpeza depende da boa vontade e de muitos dólares. De onde tirar? Segundo as estatísticas desta semana, a agricultura da Província de Sofala cresceu 36,4% em 2002, mas o comércio decresceu 7,7%, sem falar da indústria. Na Província de Tete, a malária e a falta de especialistas na saúde desafiam uma resposta. A mendicância está em toda a parte. A pobreza rural então nem se fala. Há campanhas de combate à pobreza em toda a parte, mas será que estamos dispostos a combater a pobreza? A Província de Zambézia, que contribuía em 30% de toda produção nacional nos anos 70, hoje não chega a 10%, sendo a 4ª mais pobre do país. Só para imaginar como a guerra afectou a economia. Em Gaza, diante das estiagens que inviabilizaram a produção agrícola em 2002/03, as autoridades estão a orientar os camponeses a produzirem culturas resistentes à seca. Além disso, há ainda 1374 campos suspeitos de estarem minados em Moçambique. Segundo Visão Mundial, Moçambique tem 96 mil crianças estão a viver com o Hiv/Sida e cerca de 200 mil são órfãos de pais devido à morte por Hiv/Sida.

No país, está em discussão na Assembléia da República um projecto de lei de Combate à Corrupção e a Ética Moçambique. E a toda hora está a ser adiado, pois ninguém quer ceder e nem perder. É uma matéria de vital importância, face à situação actual em que o fenómeno corrupção se mostra preocupante. Por outro lado, o que ensombra mais a luta anticorrupção, é a ausência do Governo nas discussões e nas conferências. Aqui vai ser difícil definir o que fazer para que a corrupção não aconteça: está institucionalizada em todos os sectores, a começar na administração da Justiça, Governo, alfândegas... Precisa haver uma insurreição urgente a favor da Ética! Por outro lado, uma crise financeira abala as Instituições do Estado, o que faz que elas funcionem com dificuldades resultantes do facto de as receitas cobradas internamente não cobrirem as despesas públicas. Em 2002 a arrecadação foi de 11,500 bilhões de meticais e a despesa chegou a 15,892 bilhões. Criaram o IVA, um tal de imposto de tudo. No entanto, o próprio reconhece a dependência externa situa-se na faixa de 60% dos recursos. Outrossim, alguns parceiros internacionais demoram. E outra: hoje as ajudas estão voltadas para o Afeganistão, Angola e Iraque. Aqui, no dia que o PMA – Programa Mundial de Alimentação – fechar as portas à África padecerá. Segundo o diretor do PMA, a África tem 200 milhões de subnutridos e 50 milhões em grande risco. Hoje atende 1,8 milhões de refugiados e 5,7 milhões de deslocados internamente e retornados. Com as atenções para o Iraque faltam mais de 800 milhões de dólares para assegurar a assistência alimentar de emergência destes necessitados em 2003. Há todo um apelo à comunidade internacional para não se esquecer de África. No mundo há 300 milhões de crianças em idade escolar. Embora possa com cada criança a 35 dólares/ano, em 2002 forneceu comida a apenas 16 milhões, pois a ajudar alimentar em todo mundo caiu muito: 15 milhões de toneladas (99) para menos de 10 neste ano. Só em África, o PMA precisa assistir 50 milhões destas crianças em idade escolar. E faltam padrinhos. Quando o Brasil vai acordar para ajudar África em troca de 350 anos de escravidão. Bastariam só R\$ 10,00 mês cada um.

O Dia Mundial da Terra, 22 de abril, apelou para uma correcta gestão da água. Sem dúvida, é a nossa via crucis diária e do povo na busca de água para sobreviver. Uma verdadeira guerra em busca de água aqui. Para conseguir água potável, as pessoas do interior são obrigadas a percorrer longas distâncias. O Dia Mundial do Livro, 23 de abril, criado pelo Unesco em 1972, tem seu sentido uma vez que a data serviu para encorajar toda a sociedade moçambicana a descobrir o prazer pela leitura, em particular as gerações mais jovens. Realmente, aqui se lê pouco, como também não há livros nas livrarias de Beira, que tem em torno de 500 mil habitantes, mas sem poder de compra. Não há emprego. As ruas estão sempre cheias de gente a andar ou a vender algo. É um verdadeiro

formigueiro humano. O governo fala sobre uma estratégia ambiental para o desenvolvimento sustentável, sobre a velocidade do desenvolvimento, mas pouco se vê de concreto. Todavia, qualquer atividade que se faça precisa da ajuda internacional: eleições, censo, programas, educação, etc. Por exemplo, na América, Moçambique só tem Embaixada no Brasil e EUA. Não tem dinheiro para pagar os funcionários das mesmas. Agora vai ter a 2ª Cimeira da União Africana em Maputo e o país já tem um déficit de 18 milhões de dólares, a serem cobertos através de doações. A China ajudou com 500 mil esta semana.

É difícil de acreditar, mas as vítimas do ciclone Japhet não conseguem dar a volta por cima se não vier ajudar internacional. A Organização Suíça de Entreeajuda Operária acaba de doar 50 toneladas de farinha de milho e 25 de sementes de hortaliças e 2,5 de peixe kapenta a um universo de mil famílias do distrito de Machanga, sul da Província de Sofala. Isso que este ano não foi tão devastador quanto às cheias de 2000. Os níveis de produção industrial registram só queda. Os rendimentos da castanha de caju estão cada vez menos expressivos: um Kg de castanha de caju só compra 800g de farinha de milho. Com exceção da fábrica de fundição de alumínio (+79,2%) e produtos minerais não metálicos (+4,2%), as demais áreas registraram queda na ordem de 11,6% no último ano: vestuário e couro(-67,4%), papel, madeira e cortiço(-74,1) e a metalurgia de base(-64,1%). Há uma pequena luz no sector açucareiro que tem 60 mil toneladas de açúcar para vender para os continentes europeu e americano. Dos atuais programas existentes de pedidos ao exterior, estão o combate da Hiv/Sida, agricultura e educação.

O futebol moçambicano está de luto. Dia 22 de abril, ao retornar do jogo pelo Campeonato Nacional, morreu quase o time todo do Wan Pone, Inhambane, num acidente de minibus contra um camião que transportava tubos para a empresa Sasol, patrocinadora do time: 14 mortos (5 daqui de Beira), 3 em estado grave e 6 sobreviventes.

No campo da educação a pobreza, a indigência, os hábitos culturais, são responsáveis pelos desequilíbrios entre a presença de raparigas e rapazes nas escolas. Moçambique ainda está longe de superar os desequilíbrios de gênero no desenvolvimento do sistema educacional. Somente nos atuais cursos de formação de professores é que 55% é do sexo feminino. Noutros níveis, as raparigas representam apenas 39,6%(ensino primário), 40%(secundário), 36,7%(pré-universitária), 42,2%(Magistério Primário), 29,8%(Técnico Básico), 23,2%(Técnico Médio) e 12,4%(Artes e Ofícios). A área de intervenção da mulher se restringe mais na manutenção da vida doméstica ou familiar, enquanto os homens estão mais nos postos de decisão de relevo sobre a vida do país. Todavia, Moçambique garante aos organismos internacionais que até 2015 a metade da população estudantil seja de raparigas.

Olhando a situação atual do ensino aqui na Província (Estado) de Sofala, cuja capital é Beira, com 67 mil Km² (RS tem 232 Mil Km²), revelada no 1º Fórum da Provincial de Educação. A Província tem 538 escolas públicas, com 237.050 alunos. A relação alunos por turma é de 48, mas distritos com 56,55 e 53 alunos por sala, por causa da falta de professores, os quais a maioria tem 10 a 12 anos de estudo. No entanto, os professores do distrito de Nhamitanda dão aulas no ensino primário para 62 alunos em média. Na Província a presença feminina foi de 41% no ensino primário, 37% no fundamental e 35% na secundária. A Província tem 6370 funcionários na educação, dos quais 5225 são professores e técnicos pedagógicos (783 sem formação psico-pedagógica) e 1145 não docentes.

Quanto ao ensino particular há 62 escolas, com 15.515 alunos, dos quais 42,8% de raparigas. Um dado importante é que apenas há 6 escolas onde funcionam a 11ª e 12ª classes (2º e 3º anos do 2º grau): 2 públicas e 4 particulares, com um total 2.266 alunos. Estão a surgir alguns cursos pedagógicos para a formação universitária para professores em exercício. Uns deles começa agora em julho aqui na Escola João XXIII, o qual vai ter 180 alunos, com a duração de 4 anos, em parceria com a Universidade Católica de Moçambique. Todo curso funcionará como ensino a distância, sendo que os alunos virão às aulas somente por 12 semanas. No resto do tempo são acompanhados com os estudos em suas escolas. Entre os principais desafios do sector educacional da Província, aparece a necessidade de aumentar o número de salas, de professores, de raparigas em estudo e

material didático e equipamentos equipamento escolar; diminuir as reprovações, desistências e repetências e excesso de carga horário de alguns professores e directores; além de suprir a deficiência de professores nas áreas de Química, Inglês, Francês, Física, Educação Física, Educação Estético-Laboral/Desenho e disciplinas técnicas e de formação de professores, situação agravada pelo facto de não se formarem professores destas cadeiras no País. No momento, com ajuda de OGNs internacionais, especialmente dae Portugal, estão sendo reconstruídas 119 salas de aulas e diferentes distritos da Província e 120 latrinas, além de 9 casas de internato, avariadas nas tempestades de 2000. Além disso, com ajuda externa, em 2002, foram construídas 50 salas de aula, 20 casas para internos, 10 blocos administrativos e 100 latrinas. A maioria dos alunos do interior só pode estudar se ficar internado. Aí existem várias missões. Uma das metas da Província é alfabetizar 82.700 pessoas da faixa etária e superior a 15 anos, para os quais a província conta com cerca de 1200 educadores profissionais e alfabetizadores voluntários.

Quanto a ajuda internacional, quando o Brasil vai criar OGNs para arrecadação de dinheiro, materiais e recursos humanos para o voluntariado da África, a exemplo de países europeus. A nossa Escola tem mais de 550 alunos com bolsa integral de OGNs de Portugal e Itália. Bastariam R\$ 10,00 ao mês de cada um dos nossos alunos das escolas pagas, para que mais gente possa estudar aqui. Para muitos precisa também arrumar material escolar, uniforme e merende. Nós, já distribuímos 210 merendas diariamente para alunos carentes da escola.

Por estarmos no tempo de ressurreição, desejo boas festas de páscoa. Que o Cristo, Senhor da vida possa ter lugar em nossos corações missionários e que o espírito de alegria, de paz e solidariedade frutifique em nós.

Um pouco de África 4 - Beira, 1º de junho de 2003 (2003d)

Mais uma vez volto com o meu Informativo, versão África, a fim de partilhar com vocês alguns fatos, experiências e acontecimentos da missão que aqui exerço na cidade litorânea de Beira, na Província do centro de Moçambique, Sofala.

Hoje todas as atenções, celebrações, encontros e festejos estão voltados para o Dia Internacional da Criança, celebrado hoje, 1º de junho. Na Escola João XXIII toda a semana foi dedicada à Criança. Hasteamento da bandeira, Hino Nacional, poesias, danças, teatros, jogos, brincadeiras, enfeite das salas de aula, entrega de brindes e um lanche com sumo (suco artificial)... e pouco conteúdo. A grande celebração foi dia 30. Aqui realmente a criança espera por esta data, em especial pelo espaço que ainda está a procurar e por causa da pobreza extrema. Pelo menos, neste dia espera ter um lanche farto. Até o Presidente do País está hoje em Beira para tomar o matabicho (café da manhã) com 320 crianças pobres de escolas públicas. Domingo, na missa, os cantos, leituras, danças, ofertas... tudo foi animado pelas crianças, até com direito à maestra pequena e foi bem. Tem-se ouvido muito discurso em defesa da criança, logo que, depois da mulher, ela é a maior vítima dentro da família: todos querem bater nela (pais, avós, tios, irmãos mais velhos). Sem dúvida, aqui ela está a precisar de vozes que se levantem em sua defesa. E viva as nossas crianças da África! Viva 1º de junho, dia da Criança!!!

Maio foi um mês cheio de actividades e comemorações na Escola, em especial, as Semanas de La Salle (12 a 17) e da Criança (26 a 30). O dia das mães não é comemorado em Moçambique. A Semana de La Salle foi intensa: sessão cívica, concurso de redacção, mutirão de limpeza da área esportiva, jogos, enfeite das salas de aula, sarau cultural com mais de 1300 participantes (estilo arraiás de Uruará e festa junina), missa e almoço dos professores e funcionários. Busca-se imprimir um espírito lassalista mais festivo, pois a cultura africana aprecia muito a festa, os desfiles, a projecção das pessoas, concursos.

Dia 24, sábado passado, participei de uma reunião do Diretor Provincial (Secretário Estadual) da Educação com os directores, coordenadores pedagógicos e representantes dos professores da cidade de Beira, para prestar contas da visitas às escolas públicas feita durante toda semana. Chamou-me a atenção da forma como são tratadas as autoridades, muitas formalidades, só entra quando todos estão na sala, recebimento de pé, também ninguém sai do recinto enquanto não tiver saído... a forma como fazem as colocações

dizendo diretamente as coisas em público sobre cada escola (desvios, roubos, corrupção, uso do dinheiro, relações, grau de satisfação), sem preocupação com o horário, respondendo em público os casos particulares; ninguém contesta o Diretor, só repetem: “falou tudo”; tudo sem microfone com mais de 230 presentes; a forma de vestir dos homens: camisa e calça social, sapatos (só eu de camiseta); quase não há mulheres nas reuniões, pois poucas estão na educação. Gostei, pois foi possível uma radiografia da situação ensino local, a falta de escolas, a baixa escolaridade dos professores, as questões mais solicitadas pelos representantes dos professores. Entre estas a que mais apareceu foi relacionada com a morte de professores, esposas e filhos: quanto o Estado paga, o que a Escola deve pagar à família, traslado do corpo, auxílio funerário, por quanto tempo os familiares que moram em casas da escola podem permanecer... As outras foram sobre a formação dos professores, salários, falta de salas, situação precária das escolas, falta de vagas, empréstimo aos professores para a construção da casa... Quase não ouvi nada sobre aproveitamento pedagógico, desempenho dos alunos, questões de melhoria do ensino.

Falando em morte, domingo passado, dia 25, faleceu o Professor de Português das 8^a classes, com 33 anos, vítima de “doença”, como falam por aqui, para não falar de hiv/sida/aids. Começou a ter crises dia 17 e numa semana faleceu. Deixou 3 filhos e 3 mulheres, sendo a última aluna dele, da turma 84. Todavia, foi um bom professor, muito atencioso, sempre presente... os alunos gostavam muito. Aqui, após a morte o corpo é depositado numa câmara fria na Casa Mortuária, por até 7 dias. Enquanto isso a família mantém um fogo aceso na frente da casa durante todo período até o funeral, dançam, fazem ritos tradicionais da cultura africana e choram bastante. Quase todos os funerais partem da casa mortuária, onde o caixão fica por pouco tempo aberto para a despedida da família, depois é fechado. Leva-se ao cemitério onde é enterrado na terra. Antes, uma pequena cerimônia com orações, cantos, preces – apesar de não ser batizado - e mensagens das três escolas em que lecionou. Foi enterrado num cemitério de um dono, onde as covas são feitas em plena mata e no qual ninguém pode chorar. Pois, se houver choro aparecem abelhas, cobras, macacos e as pessoas fogem. No cemitério não se pode falar bobagens e nem fazer brincadeiras maldosas. Dizem que é um lugar que é preciso ter muito respeito. Na escola as aulas seguiram normalmente, inclusive na tarde do funeral, mas houve muitos participantes, uma vez que os deslocamentos dependem dos carros que se colocam, pois a maioria não tem dinheiro para pagar. O interessante que durante toda semana houve campanhas de ajuda, doativos entre alunos, professores para com a família, pois as despesas funerárias são muito altas.

Dia 25 de maio é o Dia da África, para lembrar a Criação da União Africana, em 1963. O dia não é feriado em Moçambique, mas há uma luta para transformá-lo, apesar de já ter nove feriados nacionais, contra apenas três na África do Sul. Muitos políticos não conseguem ver o que isso representa de atraso econômico para o País cada dia parado. Mais do que feriado é urgente refletir e tomar consciência dos problemas que afligem o continente africano: guerras étnicas, pobreza e doenças. A Televisão de Moçambique – que passa muita novela e seriados brasileiros; nos próximos dias começa a novela “Esperança” – está a passar uma Campanha sobre “Vida Positiva”, com artistas e cantores da África Portuguesa fazem em favor da vida, tão ceifada pela malária e a sida, através de um canto: “O que tu fez hoje de que tanto te possa orgulhar”...”Abra o teu coração e dá a tua mão”...”Ainda é tempo de mudar para melhor”. O partido que está no poder, Frelimo, diz que está tudo bem nas 10 Províncias, Capital Federal e 33 Municípios e 138 Distritos. Falando daqui, a pobreza é o maior problema do mundo, razão da instabilidade política dos países e não as guerras. Por exemplo, a Justiça precisa de 380 milhões de dólares e só possui 4 milhões. Penso que existem saídas para o País: Ontem, dia da Visitação de Nossa Senhora, pedi muita em minhas orações e preces para que Nossa Mãe Maria da África visite o nosso continente e o liberto dos males da pobreza, das doenças e das guerras.

Para concluir, caiu a energia. Aliás, algo tão normal para nós. Passamos noites, manhãs, horas e horas sem luz elétrica. Agora preciso esperar para enviar os e-mails.

Com fraternura, muita amizade e preces.

Um pouco de África 5 - Beira, dia 13 de julho de 2003 (2003e)

Após um breve silêncio volta a partilhar algumas de Moçambique e África.

Hoje, dia 13 de julho, 15º domingo do Tempo Comum, o tema das leituras é fantástico: a importância de sermos livres para anunciar toda mensagem a exemplo de Amós; a gratuidade do amor do Pai é um convite a comunicar gratuitamente aos irmãos o dom recebido; e o Evangelho apresenta as disposições emanadas por Jesus para evitar que surja a mínima suspeita de que o seu discípulo aja por amor dos bens deste mundo. Escrevo isso, pois aqui na África, essas palavras têm outro sentido, calam mais, mexem com a gente. Domingo passado, a força de Deus manifesta-se na fraqueza; a vocação de Ezequiel, um homem simples, comum, mortal; a volta de Jesus à sua terra, para mostrar sua nossa família, seus novos irmãos – os apóstolos, e a rejeição dos familiares e habitantes de Nazaré. Preferem ficar ligados às suas tradições e não aceitar a salvação trazida por Cristo. Não parece com nós hoje?

Creio que viram pelos noticiários da última semana, que a capital de Moçambique, Maputo, foi a capital da África entre os dias 4 e 12 de julho, pois aconteceu a 2ª Cimeira da União Africana, reunindo mais de 40 Chefes de Estado dos 54 países do continente, com 700 milhões de pessoas, delegações da ONU, União Européia, etc. Sem dúvida, Moçambique ficou por debaixo dos olhos do mundo. E além disso, o Presidente Joaquim Chissano, presidirá a UA (União Africana) nos próximos 12 meses, pois mesmo que alguns critiquem, o país abriu as portas ao diálogo, à tolerância e à democracia. Para que Moçambique fosse considerado “adulto” para ajudar a resolver os problemas de outros países, foi preciso que ele próprio saber encontrar caminhos para acabar com a guerra que em 16 anos danificou infra-estruturas, paralisou economia e semeou o caos na vida dos cidadãos. Não é tarefa fácil representar um continente onde imperam as guerras étnicas (vários chefes não puderam comparecer, pois em alguns países ninguém sabe quem está no poder), a pobreza, o analfabetismo e as doenças como a malária, tuberculose e em especial a pandemia da Aids. Para refrescar a memória, Moçambique tem 1,5 milhão de pessoas infectado pelo HIV/Sida, considerado o 10º país mais infectado (África do Sul é o 1º com 26,5%) do continente, onde existem 30 milhões de pessoas contaminadas e 18 milhões perderam a vida, deixando 11 milhões de órfãos. Na Cimeira 20 Chefes de Estado, assinaram o NEPAD – Nova Parceria para o Desenvolvimento de África, - para o qual a paz (resolução dos conflitos no Congo (RDC), Libéria, Ruanda, Libéria, Burundi, Costa do Marfim...), a segurança (combate à pobreza e às doenças da malária, hiv/sida e tuberculose) são fundamentais para quaisquer iniciativas de desenvolvimento. Que bom isso estar acontecer aqui no leste africano, num dos países mais pobres do planeta. Até o Vaticano disse que a União Africana é a “grande esperança para África”. O intruso da semana foi o Bush, a visitar cinco países com seus interesses militares. Vários organismos o condenaram veementemente. Antes da 2ª Cimeira, o país viveu intensamente a festa do 28º ano de independência, dia 25 de junho de 1975.

A mudar o assunto, esta semana será a última do 2º trimestre lectivo. Aí teremos duas semanas de férias de novo, a voltar 4 de agosto para o 3º trimestre que concluiu em fins de outubro. Depois são exames nacionais. Dizem que é a prova de fogo da Coordenação Pedagógica, cargo que devo exercer também nos próximos anos (já que vem o Ir. Jacir Chini para substituir o Ir. Cantelli, em agosto), além da Casa de Formação, a qual continua com 7 formandos. Falando em Irmãos, desde a metade de junho temos o retorno do Ir. Nelson Sagioratto, natural de São Miguel d'Oeste(SC), e do Ir. Irineu Gelain, natural de Três de Maio(RS). Eu estou bem de saúde, todavia lecionado desde o dia 29 de junho, quando rompi os ligamentos do tornozelo direito num jogo de voleibol. Fiquei engessado uma semana e com bengala, mas com as dores e inflamação, tirei e tento curar-me com argila e aplicações de sal, vinagre, cachaça, etc. Caminho com dificuldade. Tenho fé e força de vontade para sarar logo. O fato virou atração entre os alunos. Até assinaturas tive que deixar fazer.

Na noite passada aconteceu na Escola João XXIII a Gala Estudantil de Beira com a participação de estudantes de todas as Escolas Secundárias da Capital de Sofala. Teve grande afluência de público, muita dança, apresentações e claro, desfiles de estudantes,

aliás muito valorizado por aqui. Eu, como nos outros saraus, trabalhei na bilheteria. Dia 29 de junho passado foi ordenado diácono o nosso professor de EMC e História. Sua ordenação sacerdotal está prevista para dezembro. Atualmente a Arquidiocese de Beira conta com 16 padres diocesanos. Hoje está a ser ordenado diácono um seminarista em Búzi. E haverá mais duas ordenações nos próximos fins de semana. Todos diocesanos.

Dia 24 de junho inicia o Bacharelato – Ensino Superior à Distância – para mais de 200 professores em exercício na Província de Sofala, aqui na Escola João XXIII, um projeto em parceria com a Universidade Católica de Beira. A 1ª etapa vai até dia 2 de agosto. Os estudos acontecerão durante os próximos 4 anos. Após o básico haverá possibilidade para várias opções pedagógicas. Com isto estamos a dar um grande passo na qualificação dos docentes. O país tem pouco mais de 12 mil universitários e um pouco mais de mil professores com graduação superior. Sente-se uma grande conquista e euforia entre os professores. Tudo isso é coordenado pelo Ir. Marco Antônio Siqueros, lassalista mexicano, Doutor em Filosofia, há 4,5 anos aqui na missão.

Ah, este ano, segundo os mais veteranos da casa, estar a fazer inverno mesmo: frio com nuvens, chuviscos, ventos, pouco sol... diferente de todos os anos anteriores. Todavia, ainda é possível suportá-lo bem. Mas entre os alunos, professores e população em geral há muitos que não têm camisola (casaco ou blusa). Quantas vezes vejo situações de cortar o coração da gente. Nossa Senhora da África, rogai por nós!

Desejo a todos e todas muita saúde, coragem e ousadia na sua missão. Um forte axé!

Um pouco de África 6 - Beira, dia 24 de agosto de 2003 (2003f)

Entre os dias 25 de julho a 2 de agosto todos os olhos e ouvidos do país estavam ligados ao 6º Festival Nacional dos Jogos Escolares, em Nampula, capital da Província de mesmo nome. Foram mais de 2000 atletas a disputar as cinco modalidades: futebol, handebol, voleibol, basquetebol e atletismo. Foi uma grande festa. Todos os grandes dirigentes – presidente, ministros, governadores... – desfilarão por lá.

Nos últimos dias muito se falou, escreveu e se comentou sobre as ONGs – Organizações Não-Governamentais - que atuam no país, devido à presença do vice-presidente da Agência Japonesa de Cooperação Internacional ao instalar um escritório em Maputo, capital, a qual investiu 18 milhões de dólares para reabilitar um posto de controlo de águas para irrigação em Gaza, de 14 Km e que irá irrigar 10 mil hectares. Este chefe japonês chamou atenção para aproveitarem as potencialidades de que o país dispõe e os moçambicanos produzirem comida para eles próprios. Alertou para a continuação das obras, como canais de acesso às machambas (roças) dos camponeses, por parte do governo ou da própria comunidade. O que está a acontecer é que o Governo está a abdicar das suas responsabilidades em relação ao desenvolvimento do país. O que se vê é que as agendas de desenvolvimento do país são definidas por esses organismos e ao Governo cabe a tarefa de carimbar autorizações, inaugurar novos desenvolvimentos e se auto-proclamar sujeito da acção. Por exemplo, aqui em Sofala, há ONGs que tem um orçamento superior que o funcionamento da Direcção Provincial. O que o Governo não faz - e é muito o que este não faz - é feito pelas ONGs. É um verdadeiro caleidoscópio de ONGs por Moçambique, sendo a Visão Mundial – World Vision - a cabeça de todas.

Terminou no país o recenseamento eleitoral para as eleições autárquicas (municipais) do dia 19 de novembro. Grande parte do país não conseguiu o seu título de eleitor devido à falta de material, o qual foi desviado para a corrupção. Por exemplo, na cidade de Nampula, na qual deviam alistar-se mais de 140 mil novos eleitores e, no entanto, veio material para isso, mas conseguiram recensear-se nem 65 mil. Onde foi parar? Uma boa pergunta! Já era sabido! São fraudes que se anunciam para o governo permanecer no poder nos 33 Conselhos Municipais (Prefeituras) do País. Realmente, é preciso proclamar uma guerra contra a corrupção “in” África, e não somente contra a pobreza, o espírito do “deixar andar”, o HIV/Sida, etc.

Um dos grandes espinhos ou feridas da África são as guerras étnicas nos diferentes países. O Presidente Moçambicano e atual presidente da União Africana, uma espécie de União Européia, criada no ano passado, nos últimos dias andou a percorrer o continente

africano, em busca do processo de pacificação: São Tomé e Príncipe, Libéria, Zimbábue, Suazilândia, os dois Congos... Na Libéria a situação foi mais terrível, com massacres, execuções sumárias, torturas, raptos e recrutamento forçado de crianças para combater, crimes que continuam sem ser punidos. Na Ruanda voltaram esta semana os conflitos étnicos. E no Sudão 3,2 milhões de habitantes estão a passar fome e sofrer de desnutrição, prenunciando um grande desastre humanitário. Mas, a notícia que está toda imprensa e noticiário é a morte do brasileiro Sérgio de Melo no atentado no Iraque, como mártir da paz e candidato ao Prêmio Nobel da Paz. Por outro lado, a imprensa falou muito sobre os empresários brasileiros que andaram por aqui e por outros países nas últimas duas semanas, para estudar a abertura de investimentos locais. E há grandes perspectivas do Brasil ser o 2º maior investidor em Moçambique, só perdendo para a África do Sul.

Na Escola estamos com a visita de 5 voluntários por 40 dias: Ir. Javier (lassalista), Vicente (professor), Maria José (pedagoga), Virgínia (psicóloga) e Bárbara (enfermeira). Atuaram no Curso de Bacharelato, aulas de Educação Física, organização da biblioteca, na pré-escola e no hospital da Missão. São jovens e muitos dinâmicos. Vão embora dia 26, 3ª feira. Desde o dia 13 de agosto também temos 4 voluntários italianos por 14 dias: Ir. Dino (lassalista), Dina (médica), Giovana e Helena. A doutora está a fazer exames médicos nos alunos e eu virei o enfermeiro e tradutor. Pode isso? Dias 24.07 a 01.08 o espaço da João XXIII foi palco para o início do Curso de Bacharelato à Distância, para 208 professores em exercício na Província de Sofala, mas sem titulação. Durante os próximos 4 anos haverá duas etapas em cada ano, nas férias. A aula inaugural teve presença do governador, arcebispo, Pe Otorrino, Direção provincial de Educação, Universidade Católica. Dia 14 de agosto a Escola foi notícia nacional, pois foi cenário para a entrega dos prêmios de 1º e 2º lugar (alunos da Escola) e 3º (aluno de Maputo, capital) no Concurso sobre as Drogas a nível de país. Agora dia 28 de agosto participarão a nível de SADC (o Mercosul da África), na Tanzânia. Estiveram presentes o Governador, Presidente do Conselho Municipal (Prefeito), representantes da SADC, Secretário da Educação, HIV/Sida (Sofala tem 30.480 crianças órfãos de pais da sida)... E várias as escolas da cidade enviaram representações. Foi uma festa de encher a alma da Escola.

Ah, dia 20 de agosto, foi feriado na Beira: 96 anos da criação do Município. Eu, para variar, aproveitei o dia sair da cidade, pois ainda não tinha saído desde que vim. Acompanhei os italianos num giro pelo Parque Nacional da Gorongosa e Chimoio, capital da Província de Manica. Conheci a pobreza, a seca e o fogo que está a consumir o interior. Ao longo de toda estrada, milhares de pessoas sentadas, paradas ou a andar descalças... a assistir passivamente a situação. Poucos a trabalhar em alguma machamba e muitas a carregar água na cabeça. Os rios estão secos. As casas são em quase toda a sua totalidade de bambu, barro e cobertas de palha. Corta o coração! Moçambique tem um verdadeiro desafio a factores climáticos desfavoráveis à actividade agrícola, nomeadamente inundações 80 rios atravessam o país em direcção ao mar, vindos do interior do continente, seca e ciclones e animais que devastam as lavouras. São as zonas do Centro e do Norte que assumem a liderança na produção alimentar. Vejam só o país consome 300 mil toneladas de arroz e só produz 200 mil por falta investimento e trabalho.

Amigos/as, por hoje é isso. A missionaridade faz a gente esquecer-se para doar-se mais. O campo é vasto. Seja um voluntário. Trabalho há para todos/as de boa vontade. Minha amizade e minhas preces. Mando duas fotos em anexo: uma com as autoridades (14.8) e outra em Amatongas (20.8), nossa provável lugar da nova obra em 2005.

Um pouco de África 7 - Beira, 8 de setembro de 2003 (2003g)

Agora o país começa a respirar eleições autárquicas (33 Conselhos Municipais). No Brasil seriam as eleições municipais. Aí começaram as discussões sobre combate aos abusos dos direitos da criança, sobre a corrupção, a sida, falta alimentar... mas falei discussão, pois acção é o que se vê pouco. Por exemplo, aqui existe a Rede Criança que agrupa 16 ONGs viradas para o apoio à criança em situações difíceis, sem serviço; ninguém denuncia. Em final de agosto foram incineradas 774 mil toneladas de milho podre vindo dos EUA aqui em Beira. Pode isso? Por outro lado, cerca de U\$ 73 milhões estão a ser liberados

em Genebra para salvar 60 mil famílias (788 mil pessoas) ameaçadas pela insegurança alimentar devido a irregularidade das chuvas. Também está a vir muito financiamento do governo japonês: 03 salas de aula, 07 casas para professores, 06 celeiros para agricultores, ponte do rio Rovuma, divisa com a Tanzânia... A Áustria está a financiar o sistema d'água potável em Nhamatanda: US\$ 700 mil.

Outra notícia é a visita do Presidente do Brasil em novembro a cinco países africanos. Os jornais sublinham que Lula afirmou que o Brasil tem uma "obrigação histórica" com os africanos: "Somos devedores da África". Aliás, na 39ª FACIM – Feira Internacional de Maputo - o Brasil disse presente. A única alegria dos moçambicanos foi sem dúvida o tetra campeonato mundial de Lurdes Mutola nos 800 metros, em Paris, em agosto. Todo país se pronunciou, até o presidente Chissano. Como muitos falaram: "a atleta surgiu por acaso!", pois pouco se faz no esporte para garimpar futuros campeões. No dia 5 de setembro ela ganhou 1 milhão de dólares, na Bélgica. A UCM – Universidade Católica de Moçambique – lança 246 novos graduados para mercado de emprego de país, dos 61 novos bacharéis em Economia e Gestão, aqui em Beira. A Igreja nos convidou para assumir a UCM, que tem campus em Nampula e Cuemba. O convite está em estudos.

Nos nossos países vizinhos, aconteceu na Tanzânia a Cimeira da SADC (o Mercosul da África), integrado por 13 países, após a saída das Ilhas Seychelles. Entre as grandes preocupações estava o efeito da sida, a qual está a diminuir, e muito, a capacidade produtiva do sector agrícola, transportes, comércio e a economia. Os países da SADC têm uma população de quase 200 milhões, mas com cerca de 14 milhões infectados. O Rei Mswati III, da Suazilândia, o último monarca absolutista da África subsahariana, de 36 anos, escolhe uma garota de 17 anos para tornar-se sua 11ª (é a ónzima mesmo) mulher. Isso deixou preocupados funcionários da saúde, para quem o monarca dá um mau exemplo num dos países mais afectados pela sida no mundo. A Ruanda fez as primeiras eleições presidenciais desde o genocídio de 1994, quando extremistas da maioria hutu mataram 800 mil pessoas da minoria tutsi e hutus moderados, em cem dias de carnificina. Na Costa do Marfim as tropas francesas abortaram um golpe de Estado. Na Serra Leoa desapareceu o corpo do líder rebelde, que morreu em julho, famoso pela sua brutalidade: saques, estupros e corte de orelhas e narizes de mulheres e crianças. No Zimbábwe, a crise e a falta de cereais fez disparar os preços em mais de 500%. Na África do Sul a sida matou mais de 35 mil professores nos últimos 5 anos. Faltam mais de 6,8 mil professores só em Matemática o que está inviabilizando a obrigatoriedade da disciplina entre as 10ª e 12ª Classes. Em Ciências também estão a faltar. O país tem 42 mil escolas. Quem sabe está aí uma oportunidade de emprego... precisa falar inglês.

Dia 7 de setembro Moçambique comemorou a assinatura dos Acordos de Lusaka, na Zâmbia, em 1974, em que Portugal, após dez anos de guerra, concedia para a FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique, o governo provisório do País, acordos que abriram as portas para a independência, 25 de junho de 1975. Como era domingo o feriado passou para o dia de hoje, 8 de setembro. Esta manhã foi inaugurado o primeiro santuário de raiz na história da Igreja Católica de Moçambique, o Santuário Nacional "Maria Mãe de África", Missão de Alua, na Província de Nampula, com a presença até do Presidente do País.

Outra manchete da semana passada foi de que um Centro Médico da Igreja Católica de Nampula introduz uso de plantas medicinais no tratamento de várias doenças, num trabalho que visa criar alternativas de cura das diversas enfermidades que apoquentam as comunidades locais, muitas delas sem recursos financeiros suficientes para suportar os valores exigidos na medicina legal. Até o governador da Província de Nampula foi visitar o centro, ele que é médico de profissão, o qual ficou impressionado com o projecto e com a alternativa que abre para as populações, mais eficaz em termos de efeitos, já que é natural. O Centro potencia a produção e multiplicação de plantas e ensina às populações a forma mais adequada de uso, cuidados que deve ter. Inclusive, já elaboram um Guião: como preparar e administrar... com desenhos.

Como Escola estamos a caminhar para o final do ano lectivo. São ainda cinco semanas de aula e uma de avaliações finais. Dia 17 de outubro encerram as aulas. Durante o mês de novembro acontecem os exames nacionais para as 5ªs, 7ªs, 10ªs e 12ªs Classes.

A 2ª época da 12ª Classe será em dezembro. Isso faz chumbar (reprovar) muito aluno. Os exames nacionais são o terror do estudante moçambicano.

Os jornais de hoje noticiaram a condenação do médico Anísio de Souza, o qual trabalhou em Uruará, a 77 anos de prisão pela no assassinato de três meninos em Altamira, Pará, e tentativa de homicídio de outras duas sananas(crianças), entre os anos de 1989-93: o famoso caso dos emasculados. Aliás, em 30 de janeiro de 1992, participei da 1ª passeata em Altamira, dirigindo um Fusca com o alto-falante, a pedir a punição dos envolvidos. E as únicas fotos desta, tenho-as comigo. Foi uma manifestação tensa e de coragem.

Hoje completam 6 anos do falecimento do meu querido pai, Luiz Miguel, grande devoto de Maria. Pela nossa fé acredito que esteja junto de Deus e de sua Mãe. Seu exemplo de vida sempre me acompanha.

Com muita amizade e fraternura, meu grande abraço.

Um pouco de África 8 - Beira, 8 de novembro de 2003 (2003h)

São quase 21h30min. O fim-de-semana está mais calmo, sem nenhuma programação. Dia 1º de novembro, sábado passado, houve a festa dos professores, celebrada dia 12 de outubro, e de transmissão de cargo na direção da Escola. Dia de Finados aconteceu a crisma de 96 jovens e adultos aqui na igreja da Missão São Benedito, missa que durou 4 horas debaixo das mangueiras ao lado da casa.

Dia 27, iniciou para os muçulmanos, o mês de Ramadan. É um mês em que os fiéis fazem jejum desde o nascer ao pôr do sol (às 3h30min da madrugada até as 17h30min), não têm relações sexuais, não podem envolver-se em brigas, discussões, procuram rezar mais. É uma prática muito aguardada e respeitada entre todos os islâmicos. Os adeptos andam com a cabeça sempre coberto – as mulheres usam pano e os homens um chapéu – além de vestidos compridos (mulheres) e túnicas (homens). Como há muitos “munhê” (comerciantes indianos – 90% do comércio de Beira está nas mãos deles), adeptos de Maomé, e muitos têm seus filhos estudando aqui na Escola João XXIII, a tradição está a olhos vistos. Os muçulmanos não poderão votar nas eleições de 19 de novembro, por coincidiram com o período sagrado.

A rádio oficial do país, “Diário de Moçambique”, acaba de tocar a música da eterna Elis Regina “como os nossos pais”. Nesta semana as atenções estavam todas voltadas para a visita do Presidente Lula à África, por cinco países, entre eles Moçambique, nos dias 4 a 6 de novembro. Trouxe com ele mais de 160 empresários em vista de assinarem em torno de 40 projetos na África. Em Moçambique assinou 13 projectos nas áreas de educação, saúde, administração estatal, juventude e desportos, meio ambiente, ciências e tecnologias, agricultura, recursos minerais e energia, entre eles: a construção de 600 Km de via férrea da linha Sena (porto de Beira até Moatize-Tete, destruída durante os anos de guerra civil entre 1976-92, para a exploração do carvão de Moatize); construção de uma grande hidrelétrica no rio Zambeze (divisa das províncias de Sofala e Zambézia), pois da Hidrelétrica de Cahora Bassa, construída no período colonial Moçambique só tem 18%, sendo 82% de Portugal; uma parceria com o Laboratório Far-Manginhos para a instalação de uma fábrica de medicamentos retrovirais em Maputo num custo de 23 milhões. Se o Brasil conseguir alavancar o que foi assinado passa a ser o segundo país – depois da África do Sul - com mais investimentos aplicados em Moçambique. Moçambique tem uma dívida externa com o Brasil na ordem de 20 milhões de dólares, a qual deve ser transformada em investimento. “Lula da Silva, a esperança dos doentes de SIDA”, dizia uma manchete de jornal. Andam por aqui o Netinho, apresentador do TV Record, fazendo shows e gravando programas.

Durante a visita do Presidente Lula as autoridades moçambicanas também assinaram acordos com o Brasil, especialmente ligados à EMBRAPA. Os programas envolvem a formação de técnicos africanos no Brasil e a deslocação de consultores brasileiros para África. O projecto de apoio ao desenvolvimento e fortalecimento do sector de pesquisa agropecuária de Moçambique está avaliado em 600 mil dólares. O objectivo é criar um instituto semelhante à EMPRABA e desenvolver projectos de pesquisa conjuntos em várias áreas de cultivo (tomate, batata, amendoim, mandioca) e no sector de produção animal (carne, leite e plantio de pastagens).

Ainda falando em agricultura, na maioria dos lugares é preciso começar na base. Por exemplo, distribuindo juntas de bois para tracção animal. É preciso treinar as pessoas de como tratar o gado, tratamento de rações para a época fria, fazer estrumeiras, compostos de adubo orgânico (aqui é costume queimar tudo nas roças), detectar doenças, sementes de milho, arroz, feijão, etc. Penso que o Governo deve apoiar as associações já existentes e ajudar a criar outras, especialmente em forma de cooperativa. Mas, será um desafio fazê-las funcionar diante das fraudes e corrupção que o país vive, especialmente o Governo.

A previsão para 2004 é que aumentará o volume de exportação de produtos para a África do Sul, a saber: gengibre, mel, mandioca, banana, amendoim e feijões. O estudo sobre as perspectivas do mercado sul-africano de exportações é um trabalho que consistiu em vários estudos no território moçambicano (para avaliar as capacidades de oferta) e sul-africano (para se testar a receptividade dos produtos).

Atualmente, existem em Moçambique 650 mil pessoas que enfrentam uma grave crise alimentar e 255 mil correm o risco de passar pelo mesmo drama, devido às secas que assolam seis das dez províncias moçambicanas. Com a ajuda internacional o Governo está a elaborar um plano de acção que preconiza a promoção de culturas resistentes à seca, a prática de actividades agrícolas em áreas onde se situam fontes naturais, o incentivo de fabrico de bombas de água manuais e abertura de furos (poços).

Antes que me esqueça, dia 21 de outubro passado, o presidente de Moçambique, Joaquim Chissano, esteve aqui no campo da Missão São Benedito. Como um “repórter-jornalista”, tirei fotos e pude estar perto o tempo todo do palanque. Apesar de estar no governo desde a independência 1975 – e presidente da República desde 1986 e atualmente Presidente da União Africana – é um homem de 64 anos, muito simples, fala a linguagem e dos assuntos do povo, sem muitos seguranças. Apesar da função exigir muitas viagens ao exterior, está a fazer um périplo de quatro dias por cada uma das dez Províncias. Isso coloca o governante mais próximo do povo.

À nível de África, Moçambique tem o 2º maior PIB em 2004: 11,9. Só perde para o Chade que terá uma taxa de crescimento recorde do PIB com 42,4%. Dos 54 países que compõem o continente, os países de fala portuguesa ficam assim: Angola terá 11,1%(3º), Cabo Verde 5,1%(24º), São Tomé e Príncipe 5%(26º) e Guiné-Bissau 3,3%(40º). Gabão com 1,7% e Suazilândia com 1,6% ficam em último.

Por outro lado, Moçambique é o 6º país africano com maior inflação: 8,8%. Zimbabwe com 380% (1º lugar) e Angola 30% (2º). O Quênia com apenas 0,3% país africano com menor índice de inflação.

Moçambique conseguiu, dia 2 de outubro, em Paris, a adesão de 21 países e de 8 instituições internacionais (Banco Mundial, União Européia, FMI, Banco Africano de Desenvolvimento) o montante de 790 milhões de dólares – 110 milhões a mais – para financiar o plano governamental de actividades para 2004. Em relação a 2003 houve um avanço, quando mais de 60% do orçamento vinha de fora; no próximo ano serão apenas 48,5%. Nota-se que Moçambique goza de uma certa confiança no exterior.

Outrossim, o governo moçambicano está a negociar o cancelamento da sua dívida externa com Portugal, Brasil e Japão. Moçambique tinha uma dívida 6 bilhões de dólares em 1999, que com os perdões constantes está em 3,7 bilhões, mas o objectivo é chegar a 1,6 bilhões nos próximos 25 anos. Os encargos da dívida externa baixaram de 170 milhões de dólares anuais para 55 milhões. Deve quase 2 bilhões de dólares para Portugal.

As aulas do ano lectivo terminaram dia 17 de outubro. Depois foram duas semanas de Conselho de Notas e preparação dos alunos das Classes de Exame – última de cada Ciclo: 5ª, 7ª, 10ª e 12ª classes. Dia 3 de novembro, arrancaram os Exames Nacionais para 700 mil da 10ª e 12ª Classes – 5ª e 7ª classes iniciam dia 11. O aluno para concluir o Ciclo precisa prestar um Exame no qual não pode tirar menos que sete sobre vinte pontos – as notas são sobre 20 e não sobre 10, como no Brasil – os quais são somados duas vezes com a média do Ciclo, precisam dar 10. Isso é o terror dos alunos, pois todas as provas são descritivas e algumas disciplinas - Português, Inglês e Francês - também têm a parte oral. E se o aluno não alcançar, chumba (reprova). Isso tudo não termina antes do dia 15 de dezembro. Haja trabalho para a Coordenação Pedagógica.

O país está a se preparar para as Eleições Autárquicas, dia 19 de novembro, ou seja, para a Escolha do Presidente (Prefeito) dos 33 Conselhos Municipais (Municípios) de Moçambique. A minha Província de Sofala só tem três municípios (as demais vilas ainda continuam Distritos, alguns com mais de 150 mil habitantes, mas sem nenhuma infraestrutura). Só são 14 dias de campanhas: oficial, tv, rádio, jornal, comícios, corpo a corpo.

Aqui em Moçambique só há eleições para Presidente da República, Deputados Federais e Municípios. A Assembleia da República é indicada pelos Partidos conforme a porcentagem de votos recebidos para Presidente. Não há Assembleia Provincial e a Assembleia Municipal também é composta conforme os votos recebidos pelos candidatos de cada Partido para a Presidência do Conselho Municipal (Prefeito). Uma curiosidade, a Assembleia da República está em sua nona Sessão nesta legislatura (1999-2004). Este ano apenas reuniu-se duas vezes. São chamados para as Sessões quando há vários projectos para discussão e votação.

Os bispos moçambicanos já se pronunciaram sobre as eleições. Escreveram no documento que as eleições de 1998 (primeiras autárquicas) e 1999 (presidenciais) não foram bem sucedidas. Lembram que em 1998, 85% dos eleitores inscritos não votaram. A abstenção permitiu introduzir nas urnas votos de eleitores não votantes. Os prelados pedem que os órgãos eleitorais sejam constituídos nos termos da lei, por elementos politicamente isentos de qualquer tendência ideológica ou político-partidária. Espera-se desta vez uma grande afluência de eleitores às urnas. Como no Brasil, aqui a oposição - RENAMO - é acusada de falta de experiência para governar. Entretanto, a RENAMO apresenta-se como alternativa democrática, diante da FRELIMO que tem suas raízes no regime marxista-leninista e que governa desde a independência e carrega uma fama de ter experiência de roubar, de assassinar e de corrupção. Aqui em Beira o presidente da RENAMO pára a cidade quando vem. É literalmente um fenômeno popular, impedindo todo tráfego. Mas será difícil trazer o povo para as urnas quando mais de 55% não sabe ler nem escrever e muitos não sabem o português, falam apenas em sua língua nativa.

Falando de futebol, o Campeonato Nacional de Futebol parou faltando sete rodadas do final. Foi considerado um autêntico desastre nacional. O campeonato é interrompido e ninguém sabe dizer por quanto tempo. A Liga Moçambicana estava a sustentar os 12 clubes para a realização dos jogos. Os clubes tinham custo zero. O grande calcanhar de Aquiles eram os estádios sem públicos; falta a negociação com as rádios e com a televisão a transmissão de alguns jogos. Resultado: 840 mil dólares em dívida. O Governo diz que já havia injetado mais de 2 milhões de dólares. Uma pena, pois o moçambicano perdeu a magia que as tardes de futebol proporcionava, em especial, sobre os árbitros "ladrões". Depois de mais de um mês os clubes aceitaram pagar a hospedagem e a alimentação e a Liga Moçambicana as viagens, e o Campeonato avançou novamente no último fim de semana sem graça nenhuma. Hoje, à tarde, aconteceu a 19ª rodada.

O Campeonato Nacional de Basquetebol de Seniores Masculinos iniciou em 20 de setembro após sucessivos adiamentos. Isso é muito prejudicial e desmotiva as Equipes a participarem. Devido à falta de dinheiro, os jogos realizam-se numa mesma cidade durante uma semana. Um problema, pois muitos jogadores são estudantes. Aqui, na João XXIII temos um jogador da cidade e da Seleção Nacional. O time dele ficou vice-campeão por 3 pontos em desvantagem. E duas alunas que defendem Equipas de Beira.

Dia 29 de outubro iniciou na capital do país, Maputo, a Taça Africana de Basquetebol Feminino, entre oito melhores equipas do continente africano. No início do primeiro jogo, a equipa de Mali não havia chegado devido a problemas de vôos – aliás, que são constantes na África. Foi parar em Paris-Joanesburgo-Maputo, chegando apenas minutos antes do jogo no segundo dia, após dois dias de viagem, cansada, e com apenas oito jogadoras, precisou jogar no sacrifício. Outras duas equipas da Nigéria e do Senegal nem chegaram devido a problemas financeiros. E assim a Taça Africana de Basquetebol 2003 foi feita com 6 equipas. Há 12 anos, Maxaquene ficou campeão de África. Agora queria repetir o feito como anfitriã, mas só alcançou o 3º lugar.

E assim continua nossa jornada missionária aqui em Beira. De saúde estou bem. Aliás, não faltei a nenhum dia na escola. Apenas a contusão do tornozelo continua a

incomodar um pouco, porque um nervo está fora do lugar. Um grande e forte axé. Meu fraternal abraço. Até o próximo jornal noticioso, pois realmente pouco vocês ficam sabendo da África pelos noticiários: uma pena!

Um Pouco de África 9 - Beira, 2 de janeiro de 2004 (2004a)

Estamos em 2004. Que 2004 seja melhor que o ano que findou para os africanos. No mundo inteiro a virada do ano foi assinalada por festas, fogos e muita alegria, segundo um rápido noticiário que vi a pouco na televisão local. E em outros lugares, como não podia ser diferente, foi manchado de sangue com atentados, mortes e violência. Bem, e eu vivi a minha primeira passagem de ano em terras moçambicanas. Sem dúvida, diferente! A começar, a capital do país, Maputo, promoveu a 2ª Corrida de São Silvestre, com perto de 4 mil atletas, com destaque para os estrangeiros. Por outro lado, sem a badalação e som alto e os fogos foram de pouca dimensão. Para dar uma conotação cristã, deve uma missa aqui na missão com dançarinas, às 18 horas, mas que começou 40 minutos mais tarde, pois tinha pouca gente participante. Depois, para variar a cidade de Beira, segunda maior do país, ficou às escuras desde as 20 horas até as 9 horas de hoje. Assim mesmo no escuro nós, Irmãos, festejamos com um assado de porco, comprado na Missão de Mangunde, a 500 km ao Sul. Quando voltou esta manhã ouviu-se um grito de euforia em toda a redondeza. A internet só deu um sinal após as 17 horas. Muitos entraram em 2004 desesperançados. Também os preços estão subir. As Portagens (Pedágios) estão 30% mais caros a partir de amanhã o que vem provocando descontentamentos dos utentes(usuários); os alimentos dispararam tendo como bode expiatório o fortalecimento do rand (moeda da África do Sul, país do qual depende a economia moçambicana), etc. Ouvi de poucas pessoas o desejo de Boas Entradas de Ano. Não ouvi a expressão Feliz Ano Novo. A primeira cena do primeiro dia do ano foi de cortar o coração: o vigia da escola, sentado na escadaria da casa, duas horas após o término do serviço, esperando o Irmão acordar para pedir um dinheiro: “Não tenho caril (comida) para hoje”. E não havia refrescos (refrigerantes) aqui no centro do País, neste final de ano, pois a fábrica da Coca Cola de Chimoio paralisou por falta de água. Assim muitos moçambicanos entraram no ano novo, faltando comida e água. O Presidente da República, Joaquim Chissano, ao pronunciar-se sobre o ano novo disse: “2004 reserva-nos inúmeros desafios que exigirão de todos nós um esforço redobrado. A luta pela erradicação da pobreza absoluta continuará a ser a nossa principal prioridade”. E eu passei o dia a trabalhar no levantamento dos alunos matriculados na Escola João XXIII para as aulas que irão a começar dia 19 de janeiro: já são 1.826 matriculados. Dia 5 de janeiro começam as matrículas nas escolas públicas do país: a previsão é matricular três milhões de alunos, dos quais 731 mil na 1ª classe, mas um milhão deve ficar fora da sala de aula. O governo anuncia a construção de 343 escolas novas e que vai contratar 8 mil novos professores. O país tem 18 milhões de habitantes 59% da população é considerada analfabeta.

Nesta última semana do ano ora findo passei em retiro com os meus co-Irmãos do Sector Moçambique, atualmente em número de oito. Foi bom fazer uma parada espiritual para retomar a vida nas mãos. Aliás, as situações-limite que estamos inseridos na missão, exigem uma grande e profunda espiritualidade do missionário. O lugar, uma antiga missão, ocupado pelo exército durante a guerra, agora reabilitado e transformado em Centro de Formação, foi muito acolhedor. Encontrei um padre jesuíta do Maranhão a pregar um retiro para três noviças das Irmãs Diocesanas Nossa Senhora da Anunciação, fundadas pelo arcebispo de Beira, Dom Jaime Pedro Gonçalves, que já contam com 19 Irmãs e as 3 devem fazer os Primeiros Votos dia 11. O tema do retiro foi Discípulos de Emaús.

Se fizermos um balanço do ano passado, em nível de país, podemos destacar vários aspectos. Na política as segundas eleições autárquicas (cidades) e a Cimeira da União Africana, que reuniu mais 40 Chefes de Estado dos 54 países da África. No campo econômico e social, apesar da seca e estiagem que afectam o país, a expansão da produção agrícola merece destaque: milho, feijões, arroz, tabaco, chá e gergelim. A reabilitação do canal do perímetro irrigado do Chókwé (14 mil hectares), a reconstrução da principal estrada de alcatrão(asfalto) ligando o Centro/Nordeste, a conclusão da segunda

fase da Fábrica de Fundição de Alumínio (Mozal), a construção do gasoduto com a África do Sul, a reforma do setor público para obtenção do título de uso e aproveitamento da terra (toda terra pertencente ao Estado), foram acontecimentos de suma importância para o desenvolvimento do país. No esporte, o destaque fica para a campeã mundial dos 800 metros, Lurdes Mutola, a qual ganhou tudo que tinha para ganhar; o 2º lugar no basquete feminino da Copa de África; e a desclassificação da seleção moçambicana de futebol para a África 2004 e a Copa do Mundo 2006, significando três anos sem compromissos oficiais. Para 2004, Moçambique será palco de dois eventos internacionais: a Cimeira de África, Caraíbas e Pacífico (sobre formas de desenvolvimento sustentável) e a Cimeira Econômica Africana(acontecerá dentro do contexto do Fórum Econômico Mundial que reunirá líderes políticos, de negócios e acadêmicos mundiais). Aliás, vários governadores ao pronunciarem-se neste final de ano, lembraram que suas províncias cresceram na ordem de 5% em relação a 2002. Todavia, a situação de pobreza e o avanço da sida, entristecem a qualquer um. Em dezembro foram enterrados dois professores da Escola, totalizando três em 2003. Sobraram mais 4 filhos órfãos de pai e com a mãe internada em estado grave. No mesmo dia, faleceu também o Diretor da Escola de Búzi, aluno do Bacharelato que funciona na Escola. Desculpem, a sida está ganhando a guerra: 22.500 dos 75 mil mineiros moçambicanos que trabalham nas minas da África do Sul são soropositivos e, a maior parte, analfabetos. Este foi o presente desta noite para Moçambique. Está cada dia mais difícil: não há encontro, discurso, agenda... sem chamar a atenção.

Voltando a falar da quadra festiva, o Natal não tem muita projeção comercial e religiosa. Não vi nenhuma loja enfeitada para o Natal. Foi dado mais destaque ao Dia da Família que se celebra no Dia de Natal. Na missa os jovens tentaram encenar o acontecimento bíblico do nascimento de Jesus, mas ouvi nenhum canto referente ao Natal. Parece mentira, mas é um outro ambiente. Alguns desejos de Felizes Festas no jornal, na rádio e na televisão... isso sim. O Presidente do país lembrou a contribuição dos cristãos e da Igreja em todas as frentes vitais de luta pela valorização da pessoa humana. “Os cristãos estão a desenvolver ações de grande alcance social nos domínios da educação, saúde, educação cívica, o que faz deles parceiros essenciais do Governo na luta pela moralização da sociedade e melhoria das condições de vida dos moçambicanos”. Eu, dia 25, cedo, abri os portões para que as crianças pudessem encher suas sacolas de mangas nos pátios da escola. Foi uma festa.

Apesar de sob a presidência moçambicana a União Africana está a conhecer uma nova dinâmica voltada o combate ao hiv/sida, desenvolvimento da agricultura para que a África se torne auto-suficiente na produção de alimentos e o fim dos conflitos, há muitos problemas em andamento no continente. O Zimbabwe, já considerado o celeiro da África, agora depende da ajuda humanitária internacional para evitar que 7 dos 12 milhões de habitantes morram de fome. A controversa reforma agrária iniciada em 2000, que consistia em retirar as terras dos fazendeiros brancos (ingleses), levou 4,5 mil fazendeiros a cessarem suas atividades, gerando o caos: inflação de 600% e desemprego de 70%. Atualmente, retirou cerca de 200 mil hectares de fazendeiros negros, alegando que se apropriaram ilegalmente, para retribuí-las a outros na lista de espera. Na Namíbia, cidadãos negros ameaçam a partir de janeiro invadir as fazendas de brancos, onde cerca de 4,2 mil proprietários de origem européia controlam metade das superfícies aráveis. A economia namibiana continua a ser dominada pelo poderoso vizinho, África do Sul, e a depender essencialmente da exportação de diamantes e de urânio, existindo um grande abismo entre uma elite bastante rica e uma maioria populacional que mal consegue subsistir. No Burundi, foi brutalmente assassinado numa emboscada o núncio apostólico, um homem que muito ajudou no processo de paz entre os hutus (rebeldes) e o governo de transição, guerra que já vitimou mais de 300 mil. Moçambique mantém uma força de paz no país. No Sudão foi prolongado o estado de emergência por um ano diante da insegurança em algumas regiões e a falta de um acordo de paz global com os rebeldes do sul, que lutam há 20 anos pela independência desta zona do país, de maioria cristã e animista do norte muçulmano. Na Nigéria começou o julgamento de três ex-ministros acusados de corrupção de 214 milhões de dólares. Aliás, a Nigéria é considerado um dos países mais corruptos do mundo. Argélia

virou notícia pela descoberta de uma vala comum de 200 corpos desaparecidos depois de terem sido detidos por uma milícia apoiada pelo Estado, em 1996. Muitos argelinos foram vítimas das forças de segurança e de civis a elas associadas: uma centena de polícias está detida por abuso de poder, bem como elementos das milícias por comportamento menos próprio... A guerra civil que se seguiu ao cancelamento das eleições legislativas de 1991 matou mais de 150 mil pessoas. Em Guiné-Bissau é desmantelada uma rede de falsificadores de folhas de pagamento no Estado, a qual criou milhares de funcionários fantasmas em vários ministérios e departamentos do Estado guineense. Além disso, a falta de consenso gera sinais de alarme no governo de transição, após o golpe que derrubou o presidente Kumba Ialá em agosto. A Líbia de Muammar Kaddafi, há 34 anos no poder, está abrindo suas instalações para a inspeção nuclear da ONU, pois a necessidade de desenvolver sua economia e melhorar o padrão de vida do seu povo levou o governo de Trípoli a abandonar bomba atômica.

Voltei a encerrar este noticiário agora, dia 2 de janeiro, 21 horas. A luz caiu várias vezes ontem à noite. Hoje passamos toda manhã sem energia e um bom tempo no fim da tarde e início da noite. Sem água e sem o sinal da parabólica, portanto, sem notícias do mundo, do Brasil. E para completar o quadro cortaram todas as linhas telefônicas ligadas aos Irmãos, mas temos todos os pagamentos efetuados. Vamos ver quando para poder enviar este e-mail. Este é o pão nosso de sacrifícios e sofrimentos, de martírio.

Dia 8 de janeiro devem começar a voltar meus formandos. Três vão ao postulado dia 18 de janeiro. Com a entrada de 5 novos o grupo aqui deve ficar em 9, mais o Ir. Jorge, primeiro Irmão moçambicano, em preparação dos Votos Perpétuos. Seremos portanto em 11 aqui no Aspirantado.

Auguro a todos Boas Entradas de 2004 com muita saúde, paz e realizações. Vamos nos dar as mãos em favor da vida e da paz, para nós, valores almejados por todos os homens e mulheres, crianças, jovens e velhos da África. Que Nossa Senhora Mãe de África nos conceda um 2004 melhor para todos.

Um pouco de África 10 - Beira, 15 de fevereiro de 2004 (2004b)

Somos em 8 Irmãos: seis brasileiros, um mexicano e um moçambicano. Com exceção do Ir. Irineu (Três de Maio-RS), todos trabalham diretamente na Escola João XXIII. Ir. Jacir (Guaporé-RS) é diretor e professor de Física. Ir. Plácio (Cerro Largo-RS) é o vice-diretor e Coordenador Pedagógico. Ir. Jorge (moçambicano) é coordenador pastoral e professor de Filosofia e EMC. Ir. Dirceu (Cunha Porá-SC) ajuda no Pedagógico e é professor de EMC e Educação Musical. O Ir. Nelson (São Miguel do Oeste-SC) é o Administrador. O Ir. Ivo (Iporã do Oeste-SC) é o coordenador da Secretaria e o Ir. Marco (mexicano) é o coordenador da Informática e do Ensino à Distância (faculdade). Formamos três comunidades religiosas: Comunidades La Salle (Irmãos Jacir, Nelson, Irineu e Marco); Aspirantado (Irmãos Plácio e Jorge e 8 formandos); Postulado (Irmãos Ivo e Dirceu e 3 postulantes). Este ano dois jovens moçambicanos foram ao Noviciado, em Porto Alegre.

As aulas começaram dia 19 de janeiro, oficialmente, em todo país. Nós, aqui na Escola João XXIII começamos a todo vapor. São seis aulas por turno desde o primeiro dia. O mesmo já não aconteceu com todas as outras. Por exemplo, a principal Escola Secundária da Manga, com 3 mil, do governo está em reabilitação (reforma) e as aulas devem iniciar em tendas de lona. Todavia, nem as tendas chegaram e ninguém sabe quando isso acontecerá. Nós já estamos com 2.850 alunos matriculados, dos quais 971 novos. São 29 turmas de manhã (1.431 alunos de 7ª à 12ª classes), 28 à tarde (1.143 alunos de Pré e de 1ª à 6ª classes) e 5 à noite (276 alunos de 8ª, 10ª, 11ª e 12ª classes). Por outro lado, nossa escola tem apenas 152 alunos (1.501) a mais que raparigas (1.349) quando há regiões em que 73% são do sexo masculino. Um outro dado: 6 turmas de 1ª classe (233 alunos), 5 de 7ª classe (242), 9 de 10ª classe (481) e 6 de 12ª classe (277). O número é recorde desde que os Irmãos assumiram em 1992, após a guerra. Salas superlotadas e até a Sala dos Professores deve que ser ocupada. E o pior de tudo: a primeira semana só foi de chuvas, ventos e pequenos ciclones: alunos e professores faltando ou chegando atrasados, carrinhas (microônibus) quebradas, atolados... Aliás com a

reabilitação do alcatrão (asfalto) da EN 6a e as chuvas ficamos ilhados. É difícil chegar aqui no bairro. No país muitos alunos ficaram sem escola. Calcula-se um milhão. Aqui em Beira são vários mil. Entrou em funcionamento o Novo Currículo na 1ª, 3ª e 6ª Classe, nas quais ninguém pode ser chumbado (reprovado). Agora tem Português, Matemática, Estudos Sociais, Ciências Naturais, Inglês, Ofícios, Educação Musical, Educação Visual e Tecnológica, Educação Moral e Cívica, Educação Física e dez línguas regionais. Aqui na cidade de Beira não usaremos Língua Regional no Currículo. A Escola iniciou o ano com 45 computadores novos, com ajuda de Intermón, uma ONG espanhola, na Sala de Informática. Com isso, nossos alunos poderão ter aula de Informática todos ao mesmo tempo, claro quando houver energia, que toda hora está a cair. Em março virá um voluntário do México. Moçambique tem 53% de analfabetismo. Isso que em 1997 era de 60%. Este ano foi matriculado 860 mil alunos na Alfabetização de Adultos, com 53% de mulheres. Segundo o governo moçambicano no país foram matriculados 3 milhões de 1ª à 5ª Classe, 198 mil na 6ª e 7ª Classe e 158 mil nas 8ª à 12ª Classes.

Dia 18 de janeiro foi a primeira vez que vi uma reportagem mais ampla na televisão de Portugal, via parabólica, sobre o caso da Ir. Maria Elilda dos Santos, uma Irmã leiga brasileira das Servas de Maria, que está a receber ameaças de morte por denunciar o caso de morte de crianças e adultos, para extração de órgãos, em Nampula, cidade a mil quilômetros ao norte de Beira. Segundo a reportagem a Irmã está cheia de provas, enquanto que a polícia moçambicana diz não existirem provas. E a TV Portuguesa mostrava corpos abandonados e questionava: "Não basta isto de prova?". Os jornais e rádios de Moçambique estão a divulgar que a Irmã está a acusar um casal de estrangeiros porque quer o terreno do mesmo. Tenho ouvido muito, a Liga dos Direitos Humanos e o arcebispo de Beira, presidente dos bispos moçambicanos, defenderem a Irmã, além de denunciarem outros casos em outras Províncias. O Promotor da República diz que é verdade e têm provas e por isso já iniciou uma sindicância. O interessante é que na semana posterior as notícias foram constantes nos jornais, rádio e televisão. Dia 21, toda página central do jornal Diário de Moçambique apresentava fatos e fotos. Dia 24 de janeiro, o Jornal Nacional de Moçambique mostrou uma ampla reportagem onde a Polícia está alarmada por encontrar vários corpos sem cabeça, sem órgãos genitais no Norte do País. Perguntada diz suspeitar que as mortes só possam ter ligação com uma rede de tráfico internacional de órgãos. Dia 1º de fevereiro uma agência espanhola - pois são 4 irmãs espanholas que vivem com a brasileira - noticiou pormenores, dizendo que a Irmã Elilda investigou pelos bairros de Nampula e descobriu um lugar na cidade na qual havia um cadáver ao que haviam extirpado os olhos, o coração e os rins, junto a material cirúrgico. A religiosa gravou tudo em vídeo e tem fotos, também de outras sepulturas clandestinas. Diz o informe que "em Moçambique há uma grande corrupção após tantos anos de guerra: a polícia, o aeroporto, o governo local, todos estão implicados", e todos se haveriam posto de acordo de que o problema é que as Irmãs e a Igreja Católica querem arrancar as terras do branco sul africano denunciado.

Dia 3 de fevereiro Moçambique teve o feriado dos Heróis Moçambicanos. Todavia, são apenas pessoas ligadas ao partido do governo: a FRELIMO. Então cada ano surge a polêmica ao redor da data: "quem é que deve ser considerado herói nacional?" O país ainda convive com a época dos heróis nacionais. Em cada cidade e distrito existe uma Praça dos Heróis Moçambicanos. Como a data está partidária, quando um outro partido assumir o poder, estas datas e festas podem dar lugar a outros heróis e datas. Dia 19 de janeiro morreu o compositor do 1º e 2º Hinos Nacionais, o Maestro Chemane. No dia do funeral foi luto nacional. Acontece que Moçambique apenas é uma nação independente desde 1975, de Portugal. Tudo é muito recente. A história está a ser escrita: muitas pessoas vivas participaram ativamente das lutas e guerras para manter a independência. Eu fiz um jamb – uma schmier: doce de melancia com coco e banana .

Entre 1976 e 1992, Moçambique atravessa uma das páginas mais trágicas da sua história. Uma das piores guerras da África contemporânea assola o país. Trata-se de uma guerra civil, atroz e terrível, que põe em confronto direto o Governo da FRELIMO no poder e o movimento contra-revolucionário RENAMO. Mas, na prática, quem estava em confronto

eram os membros da mesma família moçambicana, os filhos da mesma terra, irmãos contra irmãos.

Tratava-se de uma guerra com que se enfrentavam duas ideologias: a revolução marxista e a sua contra-revolução, duas maneiras diferentes de ver e de organizar a vida. Esta guerra causou mais de um milhão de mortos, um milhão e meio de refugiados nos países vizinhos e mais de nove milhões de deslocados por todo o país. Destruíram-se bens e infra-estruturas essenciais para a vida e o desenvolvimento: a rede comercial, escolar e sanitária. Tornara-se impossível viajar pelas estradas e caminhos: os refugiados enchiam os centros urbanos, as cidades e as vilas mais importantes, fugindo à insegurança no campo; nada se produzia, provocando uma situação de fome e de miséria permanente e de dependência absoluta do exterior até para a alimentação diária.

A paz veio em outubro de 1992, mas não o fim da fome e da miséria. O país precisa ser reconstruído em todos os setores. Por isso, até o momento Moçambique vive das ajudas internacionais, especialmente de ONGs não-governamentais. Tudo o que você aqui, reabilitado (reconstruído) ou novo, foi de ajuda estrangeira. E isso, sem menosprezar, leva a um certo comodismo. Em geral, espera-se a solução, querem tudo pago... o voluntariado e o trabalho comunitário não estão presentes no povo. Comentam os antigos, que antes das guerras, o povo era acolhedor, solidário, etc. Durante a guerra e depois é capaz de esconder tudo para não precisar dar de comer até os parentes que vêm visitá-los. Todavia, no ofertório de cada missa, a maioria das pessoas oferta 500 ou mil meticais. Um real vale 8 mil meticais. A oferenda é importante. Quando alguém morre, a tradição diz que é preciso comer qualquer coisa no 3º dia. Em vez dos conhecidos e vizinhos contribuírem em produtos ou dinheiro para assegurar o 3º dia, em vez de sobrecarregar a família com infelicidade para dar de comer a todos. Por isso, geralmente faz-se o funeral no 3º dia após o falecimento. Dói ver que depois do cemitério todos vão à casa da família enlutada para o lanche. Há muitas famílias que acabam endividadas por isso. Diante disso, muitos são enterrados como indigentes. Aqui na Beira são em torno de 50 a 60 pessoas por semanas, segundo a Morgue (Casa Mortuária onde o corpo nas gavetas congelado até o dia do enterro). Falando nisso, dia 17 de janeiro último amanheceu morto um aluno da 10ª Classe, em visita na casa dos parentes.

Falando um pouco sobre futebol. Aqui os jornais noticiaram a derrota do Brasil para a Argentina no Pré-Olímpico do Chile e as confusões que se seguiram. Aqui estão a repercutir a declarações da Comissão de Inspeção para definir os países que irão sediar a Copa do Mundo 2010. A idéia é que seja um país africano. Cinco países estão na disputa: Egito, Marrocos, Tunísia, Líbia e África do Sul. Mas, em julho, no Norte a calor é de 45º C e no Sul é o período das chuvas. E tudo indica que a Fifa vai desistir, só se alterarem a data, a exemplo da CAN-2004 (Copa Africana de Nações) que aconteceu na Tunísia deste o dia 23 de janeiro, com 16 seleções. Moçambique não participou. Ontem aconteceu a final entre Tunísia x Marrocos. Tunísia venceu por 2x1 é o 5º país campeão da África.

Dia de 6 fevereiro foi o Dia Internacional de Tolerância Zero à Mutilação Genital Feminina. O Comitê Inter-Africano sobre Práticas Tradicionais (IAC) pretende acabar com estes atos considerados como uma tradição até 2010. A mutilação genital feminina é a mais espalhada e mortal de todas as violências vitimando mulheres e raparigas em África e que afeta cerca de dois milhões de raparigas por ano. Segundo a tradição, a excisão consiste em assegurar que a mulher seja fiel ao marido, uma vez que o prazer sexual praticamente é eliminado. "Os mais de cem milhões de mulheres que foram submetidas à mutilação genital são a prova viva de que o mundo falhou na obrigação de protegê-las", disse a diretora da UNICEF. É mais freqüente no Nordeste da África: Somália e Etiópia são mais de 90% das mulheres entre 15 e 49 anos, feita na maioria de vezes, sem anestesia ou instrumentos esterilizados. Primeiro as pernas das raparigas são atadas a duas mulheres, posicionada uma de cada lado. Uma outra mulher segura-lhe o peito e os braços. Começa-se então o corte. Para coser a ferida, são usados espinhos de acácia. Depois de uma curta oração, a vítima é advertida para que não se refira à prática a que acaba de ser sujeita antes do casamento. Logo após a operação é levada para casa, onde deve permanecer de pernas atadas durante um mês até que a ferida cicatrize. O problema é que muitas destas mulheres

não chegam sequer a casar porque sangram até morrer ou apanham infecções que as matam em semanas. Outras ficam estéreis ou com problemas urinários para o resto da vida. E segundo um estudo, uma de cada dez mulheres vai abordar em consequência da excisão do clitóris. Na África se prevê em 130 milhões as mulheres que já foram excisadas: 2 milhões de raparigas por ano. Muitas vozes se levantaram a favor do Comitê. Além disso a discriminação da mulher e a equiparação a um objeto são outros abusos que as mulheres sofrem. Para alguns homens, a mulher é um bem que deve ser adquirido para demonstrar o próprio poder e que a sociedade local considera um valor financeiro devido à difundida prática de dotes. Por exemplo, no Marrocos o Código da Família está a ser modificado: a família não dependerá somente do homem, mas do casal; as mesmas normas que valem para o homem valerão também para as mulheres; a idade mínima de casar passará de 15 para 18 anos e somente um juiz poderá conceder licença especial; uma mulher não precisará mais da autorização do pai ou do irmão para casar; a poligamia não será proibida, mas serão fixados limites (uma pessoa já casada poderá celebrar novo casamento, somente se puder demonstrar que têm meios suficientes para poder sustentar, com o mesmo nível de vida, ambas as famílias. No Chade um bispo fez toda uma carta pastoral de condenação e alerta. Em vários países associações femininas estão a organizar-se em defesa da sua dignidade. A mais significativa está em Angola, onde a mulher que fica viúva precisa pagar dotes à família do marido e ter relações com ter relações sexuais com os irmãos do falecido. Então, a associação protege a viúva para que vire uma “prostituta”. Aqui em Moçambique quando alguém casa, é tradição, passaram a noite inteira cantando cantigas de gozação para a família do noivo que agora precisa sustentar a noiva. É muito interessante!

Outra: Aqui quando se fala em terra não adianta falar em hectares, colônias... O povo em machambas (roças): “Tenho 4 machambas de ananás (abacaxis)... 7 machambas de arroz...” A terra é toda do governo e cada pede ao régulo o pedaço que utilizará. É uma outra realidade, bem diferente do Brasil. Outro fato que deixa o povo constantemente apreensivo é a situação do tempo. O camponês ora está a chorar da seca, ora da chuva. Realmente, está a conviver com duas realidades extremas: Uma hora é a falta de chuva a gerar a seca, a falta de água, a destruição de tudo e o povo a comer tubérculos (raízes): batata, mandioca... Outra hora é chuva, tempestades, temporais, ciclones, ventos e inundações, desalojando a todos e destruindo todas as machambas, casas. E a consequência é a fome, a miséria, a mendicância, a degradação humana. E não bastasse isso, a pobreza absoluta a gerar doenças e esta a semear mortes.

Moçambique está a viver uma epidemia da cólera. São centenas de novos casos por dia no país inteiro. Apesar das inúmeras campanhas os números continuam altos. Muitas tendas de atendimento médico foram instaladas para tal atendimento. Aqui na Beira já são mais de mil casos este ano com 5 óbitos. O grande problema continua a situação de pobreza e a falta de higiene em que vive nossa população, valas de drenagem e esgotos entupidos, águas acumuladas e latrinas construídas em locais impróprios, o que alastra o vibrião colérico. A solução é a união de todos e isso falta.

Ontem, 14 de fevereiro, em honra a São Valentim, foi o dia dos Namorados. No Brasil, por causa do carnaval a data é adiada para 12 de junho. Pelo em uma coisa Moçambique está na frente do Brasil. Mas, a data não tem a mística como na América! Também pouca gente casa oficialmente: o acontece é o ajuntamento.

Despeço-me com muito axé e os pés perfumados e cheios de dança.

Um pouco de África 11 - Beira, 14 de março de 2004 (2004c)

Desde ontem, à noite, a chuva não está a dar trégua. Muito calor nos últimos dias, apesar de estar a desenharem-se enchentes pelo centro e sul do país. Vários rios – Pungué, Buzi, Lucite, Save – já estão acima dos níveis críticos: em 5,4 e 7,5 metros acima do normal. Isso é muito elevado, tratando-se de regiões de planície. Estão a aparecer flagelados em todas estas áreas. Com faltas de embarcações os camponeses vão perdendo palhotas (casas de palha), pertences, etc. Imagine, há 80 rios cortam Moçambique de sul a norte; vários deles nascem nos países como Suazilândia, África do Sul, Zimbábue, Zâmbia, Malavi e Tanzânia e desembocam no Oceano Índico. E Beira vive o drama da enchente da

falta de luz, ao mesmo tempo. Todavia, o assunto mais quente daqui é outro. Nampula, capital da Província mais populosa de Moçambique, a mil km ao norte de Beira, está no centro das atenções nacionais e internacionais devido às mortes e desaparecimentos de pessoas, relacionados com o tráfico de órgãos humanos. Segundo os meios de comunicação são cerca de 56 pessoas dadas com desaparecidas nos últimos seis meses. As denúncias vêm de longa data, mas ganharam força quando uma leiga consagrada da Arquidiocese de São Paulo, Maria Elilda dos Santos, brasileira de 45 anos, há 9 anos em Moçambique, denunciou com mais veemência em dezembro passado que as mortes misteriosas com extração de órgãos humanos (órgãos genitais, rins, coração, olhos) para o tráfico. A “Irmã” – como é chamada nos meios de comunicação - foi manchete nos jornais, rádios e tevês nacionais, Portugal, Fantástico, etc. Ela e mais 4 Irmãs Servas de Maria do Mosteiro onde se hospedava, espanholas, receberam várias ameaças de morte. A Procuradoria Geral da República mandou uma equipe averiguar as denúncias e deu um parecer simplório – dia 23.02 – dizendo que são boatos das Irmãs e que não há evidências concretas com o tráfico de órgãos humanos. No dia seguinte uma Irmã brasileira da Igreja Luterana, de São Leopoldo(RS), desde 1998 a trabalhar em projetos sociais em Nampula, Doraci Edinger, apareceu barbaramente assassinada. Isso colocou lenha na fogueira, pois a mesma recebeu ameaças em 2001 pela mesma denúncia. Todavia, a Polícia logo afastou esta hipótese, pois estaria ligado ao desvio de 140 milhões de meticais(1.500 reais) por um pastor. Seguiu-se um silêncio! Apenas a Ir. Elilda contestou publicamente o relatório. O silêncio da Igreja, da ONU e da Anistia Internacional aumenta a dor e o sofrimento das pessoas e famílias envolvidas.

Dia 29 de fevereiro em uma carta enviada ao Presidente Chissano, oito bispos da Igreja Moçambicana tomam posição sobre os casos de Nampula e alertam: “o suposto tráfico de órgãos humanos pode atingir outras cidades”. No mesmo dia a Conferência dos Religiosos e das Religiosas enviou a todas as Comunidades Religiosas e Paróquias uma carta pedindo justiça e seriedade na condução das investigações sobre o assunto. Dia 4 de março 13 organizações moçambicanas de defesa dos direitos da criança manifestaram sua indignação através do documento “Declaração de Repúdio ao Tráfico de Menores”, na qual manifestam solidariedade à Ir. Elilda, às missionárias espanholas e à Liga dos Direitos Humanos de Moçambique pela vanguarda da denúncia de assassinios para o alegado tráfico de órgãos humanos. Dia 5 a Graça Machel, patrona das organizações de defesa dos direitos da criança, viúva do 1º Presidente do País e proclamador da Independência, “morto” num desastre de avião em 1986, atualmente casada com o histórico líder anti-apartheid, Nélson Mandela, denunciou: “Uma prática pior do que a escravatura. Na escravatura clássica, a vítima era raptada, vendida e explorada com vida. Na forma de tráfico que se está a denunciar no país, a vítima fica sem os órgãos vitais”. Os noticiários, jornais e rádios têm assunto. Para ajudar a refrescar a memória, algumas manchetes do Diário de Moçambique do dia 5 de março: “Organizações nacionais de defesa da criança indignadas com da PGR” e “Nampula palco de acontecimentos muito estranhos”(capa); “Factos registrados nas províncias de Sofala, Tete e Manica podem estar ligados ao tráfico de órgãos humanos” e “Unicef considera cedo para se pronunciar”(página 3); “Acontecem muitas coisas em torno do eventual tráfico de órgãos”, “Suspeitas de tráfico de órgãos preocupam governador Razak” e “O diabo mora ao lado do convento”(página central) e “Organizações de defesa da criança indignadas com as investigações da PGR” e “Alegados autores de mutilação de menor em Manica serão julgados em junho”(página 16 – última). Os ataques são dirigidos ao Governador de Nampula que doou 300 hectares ao “casal envolvido”, Procuradoria Geral da República, Polícia, Frelimo, Aeroporto de Nampula...

Foi grande a expectativa sobre a fala que o Procurador Geral da República, Joaquim Madeira, na 10ª Assembléia Geral, dia 10, quando apresentou um relatório de 79 páginas aos deputados. O chefe da bancada parlamentar da Frelimo (sua filha Milena estuda na 11ª Classe aqui na nossa Escola) se defende: “estamos extremamente preocupados e indignados com as notícias sobre as violações, assassinatos, tráfico de crianças e de órgãos humanos...devemos combater o lobbie da mentira, do boato ou de encobrimento do crime”. Por sua vez, o deputado chefe da oposição, Renamo, atacava: “As mortes denunciadas em

Nampula, os verdadeiros responsáveis estão na Frelimo... Uma gang internacional, ligada a personalidades nacionais de alto gabarito se dedica ao comércio de órgãos sexuais humanos em Moçambique”. Entretanto, depois da leitura do relatório, os deputados estavam unidos no descontentamento pela letargia despoleta com que a justiça trata os processos judiciais e investigações sobre os inúmeros atos criminais hediondos. Dia 11 de março o Arcebispo de Beira exigiu apoio externo para esclarecer o tráfico de órgãos: “referir-se a crimes sem falar dos criminosos transmite ao povo a idéia de impunidade”. O Procurador logo dispensou a ajuda estrangeira. Por quê?

É um clima de suspeita e de desconfiança que mancha as autoridades e o país inteiro. Jornalistas do mundo inteiro estão plantados em Nampula. Temos neste momento Moçambique a ser objeto de interesses pelas piores razões: Moçambique é visto como país que alberga e protege traficantes de órgãos humanos. Este é um dos crimes mais desaprovados que há. É a pior propaganda que se pode fazer de um país. A nível internacional o assunto é ventilado em vários fóruns, como por exemplo, na União Européia. Certamente, Moçambique vai receber muita sanção econômica frente a leviandade com que está a conduzir os fatos. Dia 27, último, os jornais também colocavam em manchete: “EUA acusa Polícia moçambicana de cometer numerosos abusos” de direitos humanos, incluindo execuções ilegais, agressões a presos, prisões e detenções arbitrárias. Espera-se que o governo brasileiro, que perdoou mais de 1 bilhão de reais de dívida externa para Moçambique e que tem pela frente uma série de investimentos e acordos a serem implementados aqui no país, passe a se interessar pelo assunto e esclareça a opinião pública brasileira.

Mudando de assunto, em Moçambique, ensaiam-se os primeiros passos para a introdução de carteiras profissionais aos trabalhadores. O projeto deverá estar pronto até junho próximo, mas exige a criação de condições processuais legais para o efeito. Certamente, será um grande avanço na justiça do trabalho. Por exemplo, o professor só recebe os 11 meses trabalhados e nada de 12º salário e férias. E por outro lado, nos diferentes tribunais do país há mais de dez mil processos engavetados de conflitos laborais. Verificam-se atrasos no pagamento de pensões. São um pouco de 14 mil empresas inscritas no INSS, mas só a metade destas cumpre regularmente seus compromissos. Outrossim, Moçambique está a analisar as condições para a introdução do código de barras no mercado nacional e para que os produtos tenham acesso aos mercados internacionais. O exemplo na aplicação do código de barras nos produtos é a vizinha África do Sul.

Não bastasse o trrama das secas e enchentes, o país está assolado com uma epidemia de cólera e malária. Só a capital já está com quase 10 mil casos e 30 mortes. A nossa província de Sofala já conta com mais de 2500 casos (1600 em Beira) e com 16 óbitos (10 em Beira). E a sida também continua a fazer vítimas. As campanhas estão intensas nos jornais, rádio e televisão: “Tudo pela vida”. As últimas dos jornais a favor do preservativo: “Sabes por que é que o sexo sem preservativo é mais caro? Paga-se com a vida”. “Não sejas como ele que ia a todas e agora já não vai a nenhuma. Paz à sua alma. Usa o preservativo”. “Sexo sem preservativo caminho direto para a cova”. “Amar em segurança? Uma maravilha. Sexo sem preservativo? A morte certa”. Dentro a cultura africana ter muitos filhos, fecundidade, é bênção, é derrotar a morte. A crença nos antepassados é o cerne das religiões tradicionais. Para ser antepassado precisa deixar filhos, netos, descendência.

Dando um olhar sobre o continente, dia 24 de fevereiro 564 pessoas morreram em consequência de um terremoto, em Marrocos, ao norte da África. O líder de uma das aldeias varrida do mapa, pedia ajuda: “é um desastre, o mundo tem de nos ajudar”. O maior terremoto no norte da África ocorreu em maio do ano passado, no país ao lado, Argélia, com mais de 2300 mortos. Ademais, a África é um continente que abriga maior número de atentados, guerras civis e golpes de Estado. Na Uganda houve mais de 200 mortos nos confrontos. A África Central está um barril de pólvora, envolvendo vários países. Até os bispos fizeram apelo: pedem seu patrocínio em uma Conferência Internacional sobre a Região dos Grandes Lagos (RD Congo, Burundi, Ruanda, Uganda, etc). Solicitaram à ONU um esforço maior para ajudar a pôr fim ao trágico conflito que estourou em 1998: É a guerra

mais sangrenta que o continente africano conheceu, com três milhões de mortos e um milhão e meio de desabrigados, dizem os prelados em uma carta ao secretário-geral da ONU, Kofi Annan - datada de 14 de fevereiro passado. Alguns a chamam, justamente, a primeira guerra mundial africana; não só porque estão envolvidos nove Estados africanos, mas porque esta guerra afeta os interesses vitais do continente, denunciam os bispos congolezes. Em sua carta ao secretário-geral da ONU, os bispos denunciam a impressionante quantidade de armas que alimentam os conflitos na região dos Grandes Lagos e o tráfico de armas está ligado à exploração fraudulenta da madeira, café, diamantes, ouro e algodão. Na Ruanda voltam os ataques étnicos mais 39 mortos. No Zimbábue, o Presidente Mugabe - no poder desde a independência em 1980 - é denunciado pela existência de campos de tortura de opositores ao Governo. ONU suspeita que a África do Sul e Malawi estejam a produzir soruma(cocaína). UNICEF denuncia violência sexual de crianças em Angola. Oito jovens africanos da Guiné aguardam repatriamento por entrada ilegal no Brasil. E assim por diante.

Quanto ao mundo, os noticiários daqui deram muito espaço aos atentados de Madri na Espanha e para a crise no Haiti (imaginem que o Aristides veio para a República Centro Africana); os atentados suicidas e a importância das eleições no Iraque; que Bin Laden está vivo e está a planejar atentados no Afeganistão; EUA reforça presença militar em 12 países da África a fim de proteger as fronteiras e combater toda a espécie de tráfico; construção do muro na Cisjordânia como violação das leis internacionais. Aqui muito pouco se falou sobre o carnaval no Brasil, nem a parabólica – Globo Internacional – transmitiu; cubanos terão acesso a celular pela primeira vez, etc.

Amigos e amigas, por hoje é só, pois o espaço está a terminar. Bom domingo, pois 10h30min.

Um forte axé e que cada um/uma de nós possamos atender ao convite da conversão permanente.

Um pouco de Moçambique 12 - Beira, 2 de maio de 2004 (2004d)

Agora são 17 horas. Acabo de voltar da festa dos 133 anos das Irmãs Franciscanas Hospitalares. Após um rápido silêncio gerado por problemas técnicos (telefone e internet), acrescido os trabalhos. Hoje celebramos o Dia do Bom Pastor, além do Dia das Mães, do qual pouco se falou. Não teve nenhuma propaganda na televisão.

Estávamos de “férias” do 1º trimestre do ano letivo desde o dia 7 e 25 de abril. Reiniciamos dia 26. O ano tem três trimestres com férias de duas semanas para os alunos entre o 1º e 2º trimestres. Os formandos foram de visita às suas famílias, mas os Serviços da Escola funcionaram a todo vapor, especialmente a Coordenação Pedagógica, devido aos Conselhos de Notas, elaboração das Pautas de Notas e dos Boletins Informativos, revisão das Cadernetas dos Professores, ajustes no horário, etc. Neste tempo, um bom número de professores estavam na Faculdade (Ensino à Distância) a qual funciona aqui na Escola João XXIII. Soma-se a tudo isso o grande número de alunos em 2004: 2.921 matriculados. Tudo porque a Escola tem um alto conceito junto à comunidade de Beira (fica a 15 Km do centro), somado ao atendimento das camadas mais pobres.

Dia 19 de março o Ir. Marco António, mexicano, que trabalha há 6 anos em Beira, doutor em Filosofia, responsável pela Coordenação do Ensino à Distância, foi atacado por uma violenta febre tifóide e malária. Ficou hospitalizado até o dia 30 de março. Chegou a 4% de glóbulos vermelhos, totalmente dependente dos enfermeiros e, segundo os médicos, esteve à beira de um infarto cerebral. O Ir. Salvador, Provincial do México Norte, visitou-o nos dias 6 e 14 de abril, juntamente com o seu colega de formação, Ir. José António, o qual só viajou dia 24 próximo. Estão viajando pelo interior do país e África do Sul. Esta semana o Ir. Marco deve ir para a Espanha, a fim de fazer um exame geral. Está a se queixar de seqüelas na visão. Ontem, começou o Ir. Irineu a queixar-se de calafrios e febres. Esperamos que não seja malária.

Entre os dias 22 a 28 de março recebemos a visita do nosso Irmão Provincial de Porto Alegre. Foi uma visita bastante rápida para os inúmeros compromissos agendados: visita às 3 Comunidades, reuniões com as mesmas e entrevistas com cada Irmão e formandos, visita

ao Arcebispo e Escola João XXIII (intervenção aos alunos e duas aos professores, reunião com a Direção), além de visitar as Missões de Mangunde e Amatongas no interior. Foram retomadas as atividades do Planejamento Estratégico e perspectivas para a ampliação da presença em Moçambique.

Comemorei o meu aniversário dia 25 março: 45 anos. Dia 24 de março na sessão cívica dos alunos houve uma referência e homenagem. Recebi muitos abraços, pois como todos os povos portugueses, os moçambicanos também são muito carinhosos. Muitos carecem de atenção junto aos seus pais/familiares, porque estão separados ou porque vivem com os avós ou tios ou porque são falecidos. Quando você dá um pequeno espaço ou uma oportunidade eles se apegam facilmente. Não houve churrasco, bolos, velas; apenas à noite pude oferecer um refresco (refrigerante) e um sorvete aos formandos. Além das orações na Comunidade do Aspirantado, houve uma solene missa pela passagem da festa da Anunciação, ação de graças pelos meus 45 anos e pela presença do Irmão Provincial, Edgar Nicodem, na Comunidade Central, com todos os Irmãos, postulantes, aspirantes e leigos voluntários da Espanha que se encontravam. Recebi muitas mensagens, mas devido aos problemas de telefone e internet que temos por aqui, várias só vi dias posteriores. Muito obrigado a todos e todas. Nestas duas semanas começou a melhorar, mas está muito precário. Como em Uruará-PA, aqui constantemente somos forçados a vivermos uma experiência de solidão, de isolamento do que acontece no mundo afora. Quanta falta de luz estamos tendo neste ultimamente. Muitos acreditam que seja para denegrir a imagem da oposição que está no governo municipal de Beira. Tudo isso provoca momentos sombrios, de tédio, de escuridão...

Em nível de país houve muita discussão sobre o salário mínimo. Um país de 18 milhões de habitantes e com um universo de 7 milhões de pessoas em idade ativa desempregados, só há 274 mil empregados no sistema privado e 130 mil no público. Segundo os economistas 95% da população atua a economia informal. A agricultura desde 1996 contribui com 30% do PIB e não cresceu mais até hoje. A inflação nos últimos 12 meses atingiu 13,4%. O Governo aumentou-o a partir de 1º de abril: 15% para os trabalhadores agropecuários (90 reais) e 14% para os da indústria, comércio e serviços (113 reais), e os funcionários do Estado menos de 10%. Em outras palavras, os maiores aumentos ficam para o setor privado. Comparando com Brasil é bem menos que a metade, frente dos 260 reais. A discussão não chegou a um acordo frente aos graves índices de pobreza em o país se encontra, pois os empregadores defendiam a tese de que a superação da pobreza se combate com a elevação dos níveis de produção nacional, enquanto os sindicalistas defendiam o salário com a única via possível para avançar na distribuição equitativa da riqueza nacional. O Governo aumentou por setores de atividades.

Outra questão em debate no país é que as mais de 280 grandes empresas nas mãos do Estado, estão quase todas paradas, com milhares de desempregados, assumidas durante o ensaio socialista após a independência, ocorrida em 1975, mas que foi rompido com o Acordo de Paz em 1992. O Governo está constantemente procurando compradores e/ou parceiros para assumi-las. Também estão a debate a toda hora a desminagem. Calcula-se que Moçambique seja um dos países mais minados do mundo. São minas provenientes dos anos de guerra civil entre 1976 e 92. A desminagem é um trabalho muito perigoso, custa muito e não tem quem pague. As vítimas mais comuns são as crianças e camponeses. As regiões mais minadas estão no Norte do País. O Governo está garantindo a realização de uma pesquisa completa das áreas com minas a ser concluído este ano. Outra questão é a precariedade da exploração de ouro, a base de enxadões. Para 2004 a previsão de explorar 10 Kg de ouro. Em 2003 somente conseguiram 2Kg dos mesmos 10 previstos. Pode!?

Enquanto isso, o Presidente da República e atual presidente da União Africana continua a viajar pelo mundo. Sem dúvida, tem muito prestígio no exterior e dentro do continente. Andou na China por uma semana. Semana retrassada esteve na Itália: dia 16, participou do Encontro África-Europa 2004; dia 17, teve audiência com o Papa e em seguida recebeu um Prêmio pelo trabalho em favor da Paz, na cidade romana de Termi, apesar de toda onda que recai sobre o tráfico de órgãos humanos em Moçambique. Na semana

passada andou pelo continente africano. Esta noite, embarca para Portugal e França (ganha do Lula). Falando em tráfico, dia 19 de abril iniciou a sessão no Tribunal da Justiça para apurar os fatos de Nampula. Num comunicado dos Bispos desta semana, os bispos mantêm a sua posição de “firme repúdio a estes crimes e renovam a sua advertência aos pais, para que protejam cuidadosamente os seus filhos pequenos”. Segundo um relatório da polícia de Nampula, os ossos, corações, mãos, pênis e outros órgãos encontrados em 14 painéis não são de ossos humanos, o que é desmentido pelo procurador da Província. Por outro lado, há um movimento dos “grandes” para que a leiga consagrada, Ir. Elilda, volte ao Brasil. Também esteve a acontecer em Maputo o 2º Parlamento Infantil (o 1º foi em 2001) o qual reuniu na Assembléia da República mais de cem crianças de todas as Províncias do País. As reivindicações de sempre, mas como experiência foi muito válida: sentar-se na mesma mesa dos deputados e falar na tribuna, apresentar problemas e soluções... tudo apoiado pela Assessora da Criança Africana, Graça Machel, atual esposa de Mandela e representantes da UNICEF. Uma escola de cidadania. O evento teve grande cobertura na imprensa falada, escrita e televisiva do país.

Dia 25 de abril foi Dia Africano de Combate à Malária. O dia foi endossado por 44 Chefes de Estado Africano dos 54 existentes quando da sua criação, em 2000. Em Moçambique a doença é responsável por 40% dos atendimentos externos nos hospitais e postos de saúde, 60% das internações hospitalares da população infantil e 30% de óbitos nos hospitais do país. Em 2003, mais de 3,5 milhões de moçambicanos contraíram malária e quase 4 mil óbitos. Depois da sida e da tuberculose é a doença mais mortífera. Dia 29, na Assembléia da República, Chissano lembrou aos deputados: “Estima-se que em 2003 a pandemia da Sida tenha causado a morte de 84 mil moçambicanos, das quais apenas 21 mil foram diagnosticadas ou freqüentaram uma unidade sanitária...e dos quais 15% são menores de 15 anos. A tuberculose, que já parecia a caminhar para o seu efetivo controle, atualmente está a emergir devido à sua associação com o Hiv/sida”. O estadista considera que a aids constitui um grande obstáculo no combate que se trava contra a pobreza, pois os níveis de seroprevalência continuam a subir assustadoramente. Ontem faleceu nosso ex-professor de Geografia (Lilinga) e outro ex-professor (Amadeu, substituto do Massango) está em fase terminal.

Desde as eleições autárquicas realizadas em 19 de novembro nas 33 cidades-município, a instabilidade política está voltando ao país. Acontece que a Renamo (oposição) venceu em 5 delas. A Província (Estado) mais atingida é precisamente Sofala, centro do país. A situação está se agravando todos os dias. Os dois partidos estão se armando. Vários incidentes já ocorreram no interior, nos distritos de Maríngue e Cheringoma. Diariamente há acusação da Frelimo contra a Renamo, pois detém o poder da televisão, rádio e jornais. Estes dias a Conferência dos Bispos, reuniu-se às pressas na capital do país, Maputo, chamada pelo Presidente Chissano, sobre uma alegada campanha de perseguição, incluindo espancamentos e torturas, por parte de homens armados supostamente ligados à Renamo. Pediu que conversassem com o presidente da oposição Dhlakama, o que fizeram dois dias depois, o qual também se queixa. Segundo Dom Jaime, Arcebispo de Beira e Presidente da CEM – Conferência Episcopal Moçambicana - no encontro dos religiosos ontem, a situação está tensa, a paz corre muito perigo, basta um dar o primeiro tiro e a guerra estará instalada novamente... tudo por falta de diálogo aos dois lados. Ontem o comunicado saiu nas capas dos principais jornais, pedindo diálogo aberto entre Chissano e Dhlakama. Hoje, em todas as missas foram pedidas orações pela paz e neste mês de maio. Beira é a segunda maior cidade do país, capital de Sofala, nas mãos da Renamo. O país ainda em reconstrução da guerra civil que terminou em 04.10.92.

Dias 28 a 30 de abril participei da Reunião Provincial de Planificação da Educação de Sofala, na qual estiveram 70 participantes: todas as lideranças da educação da Província, Cidade da Beira, Distritos, os diretores das grandes escolas públicas da Província, 4 representantes de ONGs, uma representante do Ministério da Educação com a qual fui na missa esta manhã e almocei ao meio-dia de hoje, e eu, único convidado como representante do ensino privado de toda Província. Só grandes autoridades. Foi muito importante, pois pude colocar em diversos momentos a posição lassalista, algumas experiências e sentir o

peso que a Escola João XXIII tem em Sofala e em nível de país, além de conhecer os números e a problemática da educação. O 1º dia concentrou-se no tema dos exames nacionais: elaboração, centros de correção, problemas enfrentados, mudanças. Tudo leva a crer que todas as escolas serão novamente centros de exames e de correção dos exames. O 2º e 3º dias foram dedicados à avaliação de 2003, análise de 2004 e planificação de 2005 em toda a Província. Foram mais de 300 páginas de relatórios e gráficos.

Sofala com 66 mil Km² e 1,2 milhões de habitantes, conta com 538 escolas públicas de 1ª à 5ª classe (EP1), 73 de 6ª e 7ª classes (EP2), 12 de 8ª à 10ª classes (ESG), 2 de 11ª e 12ª classes (EPU), 2 de formação de professores primários, 2 de Ensino Técnico e Instituto Nacional de Educação de Adultos, num total de 628, além de uma série de escolas privadas e comunitárias. Foram 323 mil alunos (19.543 nas privadas e comunitárias), 53 mil a mais que em 2002, das quais 42,7 raparigas (11 mil a mais que no ano anterior). Em todos os Distritos da província há escolas de EP1 e EP2. Três Províncias não escolas de ESG. E somente as cidades de Beira e Dondo tinham de EPU. Entretanto, o que ameniza a situação que há várias escolas privadas e comunitárias que oferecem estas últimas classes, neste ano com abertura para o interior: Missões de Barradas e Mangunde e em 2005 também Buzi. Na Alfabetização das 1487 turmas, 703 foram ao ar livre. Para 2004 houve um crescimento de 47 escolas públicas com quase 50 mil a mais em relação a 2003 e sendo que as particulares têm mais de 26 mil alunos. A média na Província é de 49 alunos no EP1, 52 no EP2, 53 na ESG e 51 na EPU. Mas há Distritos em que a média é de 76 alunos. Em várias escolas há turmas com mais de 90 alunos.

Neste ano a média de participação feminina é de 43,9% no EP1, 37,2% no EP2, 36% na ESG e 32,2% na EPU. Atualmente são 6.854 professores, dos quais 1.086 contratados neste ano (que nada receberam), entre estes novos apenas 480 possuem a formação requerida. Para 2005 há uma necessidade 2.747 docentes e 360 não docentes para preencher o quadro. Constata-se insuficiência de professores e de material escolar; muitas turmas ao ar livre; turmas numerosas e multiseriadas; muitos professores sem formação. A título de curiosidade, em 2003 se formaram em toda Sofala: 5 em Licenciatura, 3 em bacharelato, 46 para EP2 e 69 para EP1. Neste ano apenas um para o EP2. É carência que salta aos olhos. Têm escolas que tem 30 turmas ao ar livre, outras 10 e assim por diante. Aqui na cidade, a Escola da Manga com 4.500 alunos, funciona em 36 tendas do Exército, enquanto sofre a reabilitação.

Agora já são 21 horas. Ainda desejo a todos votos de Boas Festas da Ressurreição do Senhor. Espero que estas notícias encontrem a todos firmes de saúde, fortes na fé e engajados na luta pela paz. Lembre-se de Moçambique neste momento em que a paz está frágil. Invoquemos Maria Mãe de África para que vele por todos nós.

E viva Jesus em nossos corações para sempre. Aleluia!

Um pouco de Moçambique 13 - Beira, 22 de julho de 2004 (2004e)

Após um silêncio de mais de dois meses, gerado por uma série de atividades no Aspirantado, na Escola e outras. Estamos nas férias do final do 2º trimestre do ano letivo moçambicano que é de três trimestres de 12 semanas cada, intercalados por duas semanas de parada. Retornaremos às aulas no dia 2 de agosto. Todavia, no Pedagógico é tempo de elaboração de Pautas de Notas, Conselhos de Notas, Boletins Informativos, etc. E não é pouco o trabalho numa Escola que tem mais de 2.950 alunos matriculados. A Escola João XXIII tem renome em Beira, na Província de Sofala, no País, além de ser conhecida em nível de SADC (formado por 13 países da África Austral), pois este ano, pela 2ª vez consecutiva, alunos da escola foram vencedores em nível nacional no Concurso de Redações da SADC. Além disso, diariamente trabalho duas a três horas na machamba (horta) da escola com alunos. Esteve ano já colhemos mais de 500 Kg de tomate, além de muita alface, couve, cenoura... Trabalhamos somente com lixo de folhas e materiais orgânicos. E está dando uma resposta interessante para alunos, professores, pais e encarregados e comunidade em geral. Não deixa de ser uma revolução na aprendizagem de Técnicas Agrícolas para os alunos de 6ª e 7ª Classes. Todos os produtos são comprados pela comunidade escolar. É mais conhecida como a "Machamba do Irmão Plácio". Bem,

pelo visto, sou Formador, Coordenador Pedagógico, machambeiro, “médico”, vendedor, etc. Hoje ainda fui procurado por alunos da 4º Ano de Medicina da Universidade Católica de Moçambique, Beira, sobre Plantas Medicinais e Medicina Alternativa. É, “*em terra de cego caolho é rei*”. Realmente, preciso ser um faz de tudo, um “*serviços gerais*”.

Como é o costume, os formandos foram para as suas famílias de férias. O Ir. Jorge também viajou para um encontro em Marromeu. Com isso, estou sozinho em casa. Aliás, já virou uma rotina desde que estou em Moçambique. Não deixa de ser uma experiência interessante. Graças a Deus, estou bem de saúde. Os demais Irmãos e o voluntário mexicano estão todos bem de saúde novamente. O Ir. Jacir está em recuperação de três malárias seguidas. O Ir. Marco, mexicano, duas malárias e uma com febre tifóide. O Ir. Jorge, moçambicano, e o Ir. Dirceu, uma malária cada. O Ir. Irineu andou atacado por bactérias no estômago. E vários formandos com uma ou duas malárias. O Ir. Ivo viaja dia 25 de julho para o Brasil para umas merecidas férias de dois meses, após 3 três sem ir. É o Irmão veterano aqui, desde 1995.

No próximo mês receberemos a visita do Ir. Waldemiro Schneider, da Província Lassalista de São Paulo, mas que trabalho no Noviciado em Porto Alegre. Também deverão estar conosco voluntários da Itália e Portugal durante agosto, representando a SOPRO e a ANPIL, nossos parceiros/padrinhos de bolsas de inúmeros alunos. Toda visita para nós sempre é uma alegria e bem vinda. Faz parte da hospitalidade africana a boa acolhida. Iniciamos esta semana a construção da vedação do novo terreno comprado para Irmãos e Escola. Não faltaram os protestos da turma do Tchimpaca, pois o muro intimida. O costume é não ter muros. Isso faz com que muitos não plantem muitas coisas – hortaliças, por exemplo – pois roubam. Todavia, só é roubo se a pessoa for pega. Fora disso apenas apanhou, portanto não é um roubo explícito. Também a fome é a rainha moçambicana. *Irmão, fome! Irmão, pão! Irmão, mazamba (algo para fazer um refogado)! Irmão, um dinheiro! Irmão...* e a ladainha não pára. Deus sabe porque estou aqui e o que ele quer de mim. Aqui estou a viver a resposta do Ir. Edgard Hengemüle na aceitação dos meus Votos Perpétuos: “*tu és um sacramento do Senhor para as crianças e os jovens*” e os adultos também. E que desafios diários!

Ultimamente teve vários encontros e cursos em Beira, no Centro de Formação Nazaré. Pena que não dá para participar devido às tarefas cotidianas na Formação e na Escola. Isso sempre é uma oportunidade para encontrar conhecidos de outros carnavais. No Curso “A Bíblia na Formação” pernoitaram conosco várias Irmãs brasileiras: uma de Jesus Crucificado de São Paulo; outra da Divina Providência de Florianópolis; outra da Imaculada Coração de Maria de Quaraí/RS. Todas missionárias no Norte de Moçambique: Lichinga, Nampula, Cuemba. Dia 24 de junho passado fui o único palestrante de Beira na 9ª Semana Teológica, com o tema Metodologia e Meios Pedagógicos de Iniciação Cristã. No fim da palestra um padre de barba branco veio felicitar-me pelas colocações e disse: “*Te conheço! Você não é aquele padre passou de em 1992 em Carazinho, falando do Burundi?*” E respondeu categoricamente perante todos: “*Sou o padre Bernardo, que trabalhou 15 anos no Burundi, depois em Curitiba e há 8 anos em Moçambique*”. Que alegria... abraços.. .foto para registrar... É, como o mundo é pequeno! Na oportunidade encontro um padre xaveriano de Planalto/PR, morando há três meses em Dondo, 30 Km daqui. Aliás, há muito brasileiro em Moçambique.

Nestes últimos meses está a fazer bastante frio. Diferente do ano passado, está a chover bem mais nesta época e com bem mais ventanias. É bom para quem planta, mas uma cruz para o povo que não tem com o que se aquecer, nem lenha para fazer fogo. É uma contradição! Sábado passado, fui para o interior, na Missão de Estaquinha, e o que vimos foram muitas queimadas e muitos focos de incêndio nas poucas matas do centro do país. E quanta gente se aquecendo ao redor de um foguinho. Quantas pessoas nas estradas com uma bacia de tomates, caminhando 5, 10 Km até uma vila ou alcatrão (asfalto) para vender por 5.000 meticais o quilo (R\$ 0,60).

Dia 18 de maio faleceu o Pe. Djunja, aqui de Beira, vítima de uma superdose de medicamentos. Ficou mais de um mês hospitalizado com pequenas melhoras. Tinha 35 anos e 3,5 de padre. O enterro foi no sábado, dia 22, com missa ao meio-dia. Nunca havia

visto tanta gente num enterro: mais de 10 mil pessoas, e todas entraram por um portão no cemitério. Quanta empurra-empurra, desmaio, silêncio... diante da campa (sepultura). Foi um golpe duro para a Arquidiocese. Um dos meus formandos, o Zacarias, teve duas infelicidades em uma semana: numa semana faleceu seu irmão de 23 anos e na outra o mais velha de 25 anos. Sintoma de ambos: diarreia. O Ir. Jorge também perdeu uma irmã. E quantas infelicidades envolvendo pais e/ou encarregados de alunos. E as cerimônias precisam ser realizadas com todos os familiares presentes: pais, irmãos, primos, tios, avós... Quantos alunos ausentes na escola quase que diariamente por infelicidade. Ainda ontem faleceu a filha do professor Salgado de 17 anos durante uma cirurgia.

O país está a se preparar para as terceiras eleições presidenciais em 1 e 2 de dezembro próximo. Como os jornais, rádio e televisão estão nas mãos da Frelimo – partido no poder no país, nas 10 províncias e em 28 autarquias (cidades) e apenas 5 municípios nas mãos da Renamo – tudo o que não dá certo ou é negativo, é culpa da oposição = Renamo. O desaparecimento de crianças em Nampula, a venda de órgãos humanos, os buracos nas estradas, a falta de infra-estruturas como pontes, os lixos nas ruas, a pobreza... pois sempre é do contra, ela que fez a guerra, ela que não deixa fazer. Isso “dá a noção que o país vai voltar a ser colônia de Portugal” se a Frelimo não vencer as eleições. Claro, Moçambique apenas completou 29 anos de independência, em 25 de junho passado. O que não faz o analfabetismo. E o povo acredita.

Partilhando um pouco da cultura do povo africano, gostaria de descrever alguns valores da sua gente:

- a) A realidade dos Antepassados está no centro da existência dos vivos. Os Antepassados são fundadores e esteios da tradição dos vivos e, por isso, seria arriscado desleixar o relacionamento com os próprios;
- b) Os princípios da Senioridade e Primogenitura. Os velhos são os mais próximos dos Antepassados, pois escutaram a Eles, adquiriram a ciência dos Antigos com a longevidade. Ligada à velhice está a sabedoria e a intimidade com os espíritos ancestrais. Graças a esta concepção, a autoridade do ancião é incontestável;
- c) O princípio da Interdependência e da Solidariedade: casamento, alianças, pactos de sangue. O casamento gera a complementariedade entre homem e mulher; duas famílias alargadas geram dependência mútua. Nyerere dizia: *“Na nossa sociedade tradicional africana, nós éramos indivíduos no seio de uma comunidade. Éramos responsáveis pela comunidade e a comunidade era responsável por cada um de nós”*.
- d) O espírito de partilha, pois a interdependência exige reciprocidade de serviços e bens, do exercício da gratuidade, da igualdade. De certa forma a exuberância do culto, sobretudo no que diz respeito à indumentária e obrigações, é um modo de queimar excedentes e manter a igualdade. A maioria dos povos de África tem uma maneira própria de entender a origem da vida, a vivência do quotidiano e a morte;
- e) O espírito de hospitalidade é uma consequência da partilha, do acolher, do hospedar e do dar de comer. Aí se justificava a poligamia dos reis, dos chefes, dos médicos tradicionais;
- f) O equilíbrio das relações humanas é uma necessidade de sobrevivência, expresso no sentido de justiça, de autodomínio. Por isso, é preciso estabelecer regras para a desigualdade vertical (Mortos, Antepassados) e para a igualdade social horizontal (familiares e não familiares);
- g) Concepção espiritual da vida. Todo ser vivo e toda natureza são animados por espíritos que criam uma ponte entre a realidade material e o mundo da transcendência. A adoração é feita ao Deus supremo, o sacrifício aos espíritos ancestrais, para aplacá-los e obter o seu favor. O homem unido ao espírito não percebe mais o mundo externo como uma ameaça; pelo contrário, as coisas tornam-se amigas e compartilham a sua própria vida. Assim, a oração é respirar Deus;
- h) Respeito pela dignidade humana. Por trás de algumas aberrações e de certos ritos violentos pode-se aduzir a idéia do respeito pela pessoa como um dos maiores

valores que caracterizam a África. Vemos que o africano possui uma enorme capacidade de suportar injustiças, porque nele prevalece a imagem da sacralidade de toda pessoa. Em muitas etnias, o período de iniciação consiste numa longa preparação para pronunciar o nome do Homem com o máximo respeito. O respeito pela pessoa exige que a todos seja dada a possibilidade de ter um papel preciso na sociedade. É lindo e comovente ver em algumas etnias que, durante a festa, os aleijados, os corcundas e os estropiados têm o privilégio de iniciar as celebrações, desfilando, fazendo uso da palavra e tocando instrumentos musicais adaptados à sua deficiência. Enquanto as televisões ocidentais apresentam jovens maquiados, bem-vestidos, escolhidos mediante o critério da beleza acompanhado pela riqueza, as manifestações públicas africanas dão espaço àqueles que a sociedade do consumo condenaria a viver ocultos, a chorar sobre sua própria fealdade e miséria;

- i) A comunidade estrutura a personalidade do africano. A sociedade africana está centrada no grupo. A estrutura de clãs é uma das pedras angulares mais resistentes do edifício da cultura africana. A linhagem exerce um controle férreo sobre os indivíduos, limitando a iniciativa e a criatividade individual. Os velhos, os maiores, são os guardiões da tradição. O respeito frente a eles se impõe por regras e pelo medo ao castigo. Seu papel principal é assegurar a perpetuidade das tradições. Isso gera atitudes muito conservadoras, tendo os mais velhos o controle total das mudanças. Um filósofo africano afirma que *“o mais grave de todos os vícios internos das sociedades africanas é a ignorância que nossas culturas possuem sobre a idéia de progresso”*;
- j) Conceito de tempo. Para os africanos a história está voltada ao passado. O futuro é perigoso porque pode trazer mudanças que desviem as maneiras dos antepassados. O tempo não se considera como uma propriedade privada. É um bem familiar utilizado umas vezes para trabalhar a terra, outras para repor as forças e as relações familiares. *“Desperdiçar o tempo”* supõe que a produtividade africana fica fora da competição com outras partes do mundo, nas quais *“o tempo é ouro”*, isto é, um valor econômico.

Os valores que acabo de mencionar, transportados para um contexto urbano, correm o risco não só de desaparecer, mas até mesmo de converter-se no seu oposto. O respeito à autoridade pode degenerar em cega obediência a um tirano ou descambar para a incapacidade de analisar criticamente as situações. O sentido da tradição em fanatismo.

A amizade e a hospitalidade podem favorecer o parasitismo que enraíza numa família, esperando ser alimentado e servido. O sentido espiritual da vida pode transforma-se em superstição e germe de medo dos espíritos, que têm inveja da felicidade humana. O sentido de família extensa pode impedir o êxito familiar. A capacidade de aceitar o mundo assim como ele é pode facilmente tornar-se resignação diante das dificuldades e obstáculos.

Agora já são 21 horas. Espero que estas notícias encontrem a todos firmes de saúde, fortes na fé e engajados na luta pela paz... Gozando de umas boas e merecidas férias. Viva Jesus em nossos corações para sempre.

Um pouco de Moçambique 14 - Beira, 29 de agosto de 2004 (2004f)

Realmente, Missão é... ir. Da teoria à prática... é o caminho a percorrer por quem encontrou Cristo Vivo e Ressuscitado e se diz cristão. A razão de ser da missão é a paixão pelos irmãos e por Cristo. O missionário quer-se no meio do povo, lutando e sofrendo com o povo, curando o povo e amando o povo. Estar com o povo é assim o ar que nenhum missionário pode prescindir. Sem o povo não seremos missionários. Ele é a razão da nossa existência. Entrar na sua cultura, sua arte, sua vida, sua sabedoria, sua gente, seus heroísmos, suas lutas, requer humildade e muita paciência. E que paciência histórica, pois as coisas não mudam tão rapidamente. Quantas coisas insignificantes para nós, criam para eles expectativa e grande valor, como tirar uma foto deles. Isto é se ver importante, lembrado, ser famoso. É o povo que nos faz nascer como missionários. Por isso, a missão é ir. De palavras e letras o mundo está cheio.

Falando um pouco das liturgias, sem exagero é possível afirmar são inculturadas com batuques, chocalhos, dançarinas/os, coral, coroinhas com túnicas brancas, incenso, leitores com túnicas, trajes vários sem muito decote, pois a igreja é lugar de respeito, bastante pomposas, com pessoal do acolhimento na porta, mais de um padre e/ou diácono, bem ensaiadas e preparadas, com mais de duas horas de duração as dominicais normais. As entradas são solenes com procissão e dança. O ato penitencial sempre é rezado e depois cantado compenetrado. O glória então é uma explosão de vozes e ritmos e é o momento que os atrasados podem entrar. As leituras são antecedidas com procissão da Bíblia pelos leitores e canto do coral. O diácono e/o padre recebe-a e mostra-a para o povo... depois as inclinações, o respeito pela Palavra de Deus. Quando há missa única sempre é feita em três línguas: nandau(1ª), chisena(2ª) e português(evangelho, ladeado dos coroinhas). O salmo de meditação e o refrão ao evangelho são cantados, como há um canto após o evangelho. A homilia sempre é um ponto de realce da celebração. O credo quando não é cantado na língua nativa, é rezado o de Constantinopla (é mais longo e ainda não o domino bem). As preces são as da liturgia oficial. O ofertório é um momento forte e bastante longo. Começa com canto e o povo fazendo filas (verdadeiras procissões) para dar sua moeda (a grande maioria oferta e reparte com outros que não têm). Muda-se de canto e dá-se início a procissão das ofertas (coletas, patena, etc e outros produtos trazidos de casa) recebidas uma por uma pelo sacerdote que aí vai preparar o altar. O santo sempre é cantado. Na consagração quem não pode se ajoelhar, senta-se com a cabeça bem abaixada (poucos olham para o sacerdote). Na oração eucarística, a memória dos defuntos, somente durante a semana, não aos domingos. O pai-nosso poucas vezes é cantado. O abraço da paz é outro ponto forte das celebrações: sempre acontece, com cantos longos, demorados, deslocam-se muitos para cumprimentar, muitas vezes o sacerdote atravessa todos corredores para o cumprimento... mas raramente se vê pessoas beijando-se. A comunhão é distribuída por mamás ou papás (pessoas idosas e idôneas) das comunidades da paróquia (A São Benedito tem 14 comunidades). Em geral, muitos comungantes em vista da confissão que ocorre apenas na páscoa e com pequena participação. Todos ao voltarem da comunhão, ajoelham-se ou sentam em oração silenciosa. É um ponto de destaque nas celebrações. Após tudo terminado e o altar todo arrumado, canta-se um canto alegre, com dança ao redor do altar para dizer que “estamos contentes Deus”. E não podem faltar os “Avisos” que o secretário João conclui com o chavão: “Foram os avisos”. Após a bênção ninguém sai da igreja antes do padre. Muitos antes ainda rezam sentados e em silêncio.

As liturgias especiais são muitas ao longo do ano. Há várias celebrações com batismo (Páscoa, oitava de Páscoa, Natal...), aos quais são exigidos três anos de preparação. A maioria é adulta. Matrimônios coletivos no domingo da oitava da Páscoa e eventualmente algum, mas a maioria está há muito tempo vivendo junta. A Crisma acontece uma vez ao ano por ocasião da visita pastoral do Bispo e é após dois anos de preparação. Nestas preparações dá-se uma importância para as orações básicas do cristão, a preparação intensiva, o retiro. A primeira comunhão acontece nestas oportunidades. Três missas ao longo do ano são fora da igreja: domingo de ramos(campo de futebol), vigília pascal (pátio da Escola) e crisma (debaixo da árvores do pátio lateral da igreja). No último domingo de julho é o Domingo das Primícias (colheitas) e cada comunidade traz um saco de arroz, além de muitas contribuições individuais... e tudo é para os pobres da comunidade. As missas pelos falecidos (7º, 30º, etc) ainda não conseguiram substituir as cerimônias tradicionais na campa (sepultura). A verdade é que as liturgias de África convidam a dançar, bater palmas, a rebolar. Às vezes, chega ao exagero. Esta manhã o padre ainda chamava a atenção para alguns que fazem gestos para os outros rirem. Pena que se perde muitas vezes a sacralidade nas cerimônias. Verifica-se que no lado fora as crianças não participantes estão as dançar e a rebolar o tempo todo. E nossa paróquia há um exagero dos maestros, prolongam os cantos, que muitos não concordam, além de alguns fazerem isso para provocarem risos.

Além disso, neste mês de agosto inúmeras coisas aconteceram: notícias boas e más. Vamos ver se consigo escrevê-las. Uma delas a 1ª Missa do meu xará, Pe. Jean Blaise Nwanda Ndozi. Foi ordenado em sua terra natal no Congo dia 11 de julho e rezou a 1ª

Missa em Moçambique dia 31 de julho na comunidade religiosa dos Sagrados Corações e dia 1º de agosto na Paróquia. Em ambas as cerimônias houve bonitas confraternizações das quais participei. Ele é professor na Escola João XXIII e é diretor do Instituto dos Cegos de Beira, que está para abrir. Chegou em setembro/2003. Está filtrando um pouco mais as liturgias celebradas por ele. Não está a ser tão tradicional.

Outra boa foi a vinda do Ir. Waldemiro Schneider, lassalista que trabalha em Porto Alegre, natural de Planalto (PR), o qual estará conosco até 31 de agosto. Creio que para nós foi uma bênção. Trabalhou as aulas formativas com os 8 aspirantes duas vezes por semana, ontem e hoje está a dirigir um retiro em Centro Nazaré, fez entrevista com cada um dos formandos, fizemos reuniões comunitárias, intermediou todo processo de saída do Ir. Dirceu Bohnenberger, o qual está deixando a Congregação 15 anos de Irmão. Além do mais, foi uma presença na escola, pois trabalhou com boa parte das turmas da manhã, postulantes, intercongregacional, Igreja, e especialmente ouvidos para os nossos sofrimentos, sentimentos e partilhas, etc. Penso que a vinda de Irmãos deve ser desta forma. Foi muito positivo mesmo! Conheceu as missões de Estaquinha e Mangunde.

Andaram também por aqui o Fratelo Luigi “Giangi” e a voluntária Francesca, italianos, que ficaram conosco entre os dias 6 e 25 de agosto. Vieram realizar o levantamento dos mais de 380 alunos bolseiros da Anpil, uma ONG italiana. Tiraram fotos de todos, recolheram cartas e nos brindaram com a alegria típica dos italianos.

Dias 16 e 18 de agosto acompanhei a nossa aluna Cecília Shirley Van Der Leij, da 12ª Classe, junto com os seus pais, Raimundo (holandês) e Raquel, para a cidade de Tete, na Província de Tete, divisa com o Zimbábue, Zâmbia e Malawi, distante 620 Km de Beira. Fomos de carro. Tete é a cidade símbolo do Rio Zambeze, o maior rio do país e a maior bacia hidrográfica de toda África Austral. A aluna Cecília foi a 2ª colocada no Concurso de Redações da SADC sobre a água, em nível de Moçambique. Com isso é concorrente para a final do Concurso nas Ilhas Maurício, com os três vencedores dos outros 12 países da SADC. Foi uma oportunidade ímpar para outra parcela de Moçambique. A cidade de Tete é a mais quente do país, mas muito hospitaleira. Várias vezes, fui interceptado com um “Oi, Ir. Plácio”, nas ruas. Acontece que a mobilidade das pessoas é muito grande, em especial de estudantes. É uma sensação muito gostosa alguém te chamar pelo nome em terra estranha. Claro, eram ex-alunos ou professores que andaram pela Beira. Bem, a festa de entrega dos prêmios foi muito bonita, tendo a Escola João XXIII recebido destaque, pois ano passado conquistamos o 1º e 2º lugares no Concurso. É a única escola do país a receber por dois anos um prêmio. Participamos de um almoço com o Ministro das Obras Públicas, Governador de Tete, todos os grandes da SADC e ligados às águas e energia do país. Chamou-me atenção, pois a cidade de Tete tem 62% de seus habitantes com acesso à água em furos (poços) e 42% dos habitantes da Província (Estado). A Província de Tete é muito seca. É triste andar mais de 100 Km e passar por inúmeros rios literalmente secos. Seus leitos transformados em campos de futebol e local para perfurar poços. A paisagem mais bonita é o grande número de embondeiros, árvores grossas e que dão um fruto vendido ao longo das rodovias. Conheci também a pedreira de Matsinho, a qual fornece a brita para a CFM – Companhia de Ferros de Moçambique – na construção das ferrovias. Em Chimoio tive a oportunidade de outro jantar com o Ministro, direção da CFM e todos os ligados às águas na Província de Manica. Assim já conheço três Províncias das dez de Moçambique.

No último fim-de-semana tivemos o sacramento da Confirmação aqui em nossa Paróquia São Benedito: mais de 150 crismados. Realmente, está se tornando o sacramento dos jovens, apesar de inúmeras pessoas adultas. Foi tudo muito soleníssimo: 4h45min. Depois o resto da tarde foi convívio debaixo das mangueiras junto à igreja. Bem, eu cortei todo relva (capim) no sábado de manhã e domingo participei de toda arrumação, mas durante o ato penitencial passei mal. Certamente foi um mal-estar devido ao esforço no sábado e a comida um tanto forte e pesada sábado à noite no convívio com o bispo. Tive que ir domingo à tardinha para um soro. Segunda-feira já estava novamente no trabalho. Deus sabe o que faz.

Bem, hoje terminam as Olimpíadas em Atenas. Quase não assisti a nada dos jogos. Sexta-feira fiquei sabendo pela primeira vez sobre as medalhas do Brasil nestas Olimpíadas. Soube que foi com mais de 430 atletas e apenas 8 medalhas. Moçambique foi com 4 atletas e somente a Lurdes Mutola, dos 800 m, tinha chances de medalha. Ficou em 4º; uma decepção geral. Achem que é o fim do reinado absoluto dela nesta modalidade nos últimos anos. Também pudera, está com 31 anos.

Dia 11 de agosto começou uma troca de tiros em Inhamitanga entre a guarda da Renamo e a FIR – Força de Intervenção Rápida. A assinatura do Acordo de Paz em 1992 permitia uma guarda para os principais líderes da Oposição (= Renamo), a qual seria posteriormente integrada no Exército Nacional. O governo não cumpriu o Acordo e taxou a guarda de “homens armados da Renamo”, usando estão chavão intensamente nos meios de comunicação social. Pela lei é crime um partido ter homens armados. Então, houve uma desavença entre os secretários dos dois partidos: Frelimo e Renamo em Inhamitanga. 187 Km de Beira, na Província de Sofala.. Cinco homens da Renamo foram presos. E o grupo foi libertá-los pacificamente. Eram tudo para o governo intervir. Sem ninguém saber mandou a FIR durante a madrugada, diretamente de Maputo. Houve o cerca do “casa-quartel” da Renamo no Distrito e uso de gás e bombas molotow, Para os guardas poderem fugir para a mata abriram fogo. Houve alguma baixa na FIR e muita barulheira nos jornais, rádio e Tv. Muitas pessoas vieram refugiar-se aqui na cidade. Está tudo calmo. Tudo se justifica: estamos perto das eleições presidenciais em 1 e 2 de dezembro próximo. Falando em paz, a crise humanitária em Dardur, no Sudão, está cada dia mais difícil de resolver. São mais de cem mil que já perderam a vida, além de grande número de refugiados especialmente para o Chade. E as autoridades do Sudão são acusadas de continuarem alimentando a violência na região pela Anistia Internacional. Mais de 180 refugiados congolesees foram mortos neste mês no Burundi. A paz na Costa do Marfim está ameaçada. Os conflitos em África estão longe de terminar. Numa próxima carta escrevo mais.

Outra notícia animadora para Beira é a compra da empresa Têxtil de Púnguè pelo Grupo Palmar Moçambique das Ilhas Maurício, localiza aqui no nosso bairro da Manga. A empresa Palmar abrirá em dezembro ou janeiro as portas para confeccionar sete mil calças jeans ao dia, para serem exportadas para os EUA, contratando inicialmente 580 funcionários, mas a previsão é de chegar a 900 funcionários. A empresa utilizará matéria-prima das Ilhas Maurício, África do Sul e Paquistão. A Empresa Belita, pertencente ao mesmo Grupo, trabalha com confecção de camisetas aqui em Beira.

Lula andou no fim do mês passado na V Conferência Lusófona (8 países de fala portuguesa), em São Tomé e Príncipe. Depois visitou o Gabão e desfilou em carro aberto pela capital com o presidente local, considerado o maior ditador e corrupto de toda África. Repercutiu muito mal para a imagem de Lula. Além, hoje o Presidente de Moçambique e sua comitiva iniciam uma viagem de quatro dias ao Brasil, onde Chissano deverá visitar os Estados da Bahia, Rio Grande do Sul e Brasília.

Saudações e um forte axé daqui de Moçambique para todos. Tenho-os sempre presente em minhas preces e orações. Nossa Senhora Mãe de África protejei-nos!

Um pouco de Moçambique 15 - Beira, 10 de outubro de 2004 (2004g)

Gostaria escrever, inicialmente, sobre o continente africano, conforme prometi na correspondência anterior. A África constituída de 53 países e dividida em duas áfricas: a Setentrional, branca (6 países, idêntica ao Oriente Médio, com populações árabes) e a Subsaariana, negra (47 países). As duas são divididas naturalmente pelo deserto do Saara. São duas realidades bem distintas. Refiro-me especialmente a esta última, na qual se inclui Moçambique. Em geral, as independências são recentes. Os que lutaram pelo fim do colonialismo hoje se mantêm no poder como ditadores. Analisando as causas de tantos conflitos e guerras, podemos constatar, segundo Casadei, especialista italiano no assunto:

É necessário dizer que não são confiáveis as explicações mais difundidas: a que identifica a causa das guerras africanas ao tribalismo africano e a que as explica com as interferências dos interesses externos neocoloniais na África. Ambas explicações, ainda que de origem oposta, provêm do mesmo paradigma racista: o paradigma do homem africano

eternamente criança. Paradigma que serviu para justificar a necessidade do colonialismo, mas também para promover um paradigma progressista que vê no branco um eterno culpado e no africano um eterno inocente.

A primeira tem a ver com a economia tradicional africana, que tem uma produtividade baixíssima. A falta de produtividade favorece a tendência a apropriar-se do produto do outro para compensar a escassez do próprio produto. A escravidão é favorecida pela economia de subsistência, pois a posse de escravos permite aumentar a produtividade doméstica. De fato, algumas partes entre vizinhos buscam adquirir escravos. Logo está a composição da população, em particular as classes de idade: os conflitos são mais fortes onde mais alta é a incidência dos jovens. A idade média da África Subsaariana é de 17 anos. A idade média na Itália é de 40,3 anos, e em nível mundial a idade média é de 26,5 anos. Em uma sociedade na qual o poder é monopolizado pelos anciãos, a guerra se converte em um meio de escalada social para os jovens. Dá-se também a polarização entre grupos de população, por exemplo, os conflitos entre os que cultivam a terra e os criadores de gado. Nas estações de seca, que são freqüentes, os pastores invadem as terras dos camponeses, e vice-versa, com conflitos perenes.

Outro problema central é a crise do Estado moderno assistencialista africano. Quando o governo não pode distribuir corretamente os recursos entre os grupos étnicos e grupos de pressão a política é substituída pelas armas. Infelizmente, os recursos terminaram por causa do final da guerra fria, da queda dos preços de matérias-primas e, sobretudo, por causa da falta de utilização e investimento das ajudas financeiras sobre o território. Segundo a ONU, a quantidade de capitais exportados ilegalmente da África é equivalente a mais da metade de toda a dívida exterior africana. Muitas das divisas que chegaram à África graças aos empréstimos internacionais ou à exportação de produtos petrolíferos foram absolvidas por contas em bancos da Suíça, Inglaterra, de paraísos fiscais ou investimentos em propriedades imobiliárias no exterior. Deste modo, dado que se derrubou a capacidade de distribuir recursos, derrubou-se o Estado africano. A crise desta concepção do Estado levou ao poder uma nova elite política, a dos «senhores da guerra». Trata-se de «empresários político-militares» que utilizam a guerra como meio para tirar proveito em termos de poder ou de riquezas. Empresários que investem dinheiro em armas e soldados (homens e crianças), um investimento arriscado, mas de uma grandiosa rentabilidade. Nos anos noventa, tivemos senhores da guerra na Libéria, Serra Leoa, Somália e Angola. Ao início do século XXI, temos chefes de Estado maior que se transformaram em senhores da guerra, como é o caso das duas guerras do Congo, nas quais se apoderaram os recursos do antigo Zaire.

O remédio contra a guerra é o desenvolvimento econômico e humano. As condições para alcançar este desenvolvimento são várias: a primeira é oferecer a possibilidade de deixar espaço de se desenvolver à sociedade civil africana e ao mundo da cooperação internacional. A segunda é a evolução político-econômica que leva ao Estado moderno, o Estado de direito, após o fracasso pós-colonial. Cooperação e segurança podem ser garantidas com um pacto de colaboração entre África e Europa. À Europa corresponde compreender a importância estratégica de um novo pacto de colaboração. Quando a África não puder garantir, deverão intervir formas de tutela internacional. Ali onde a sobrevivência de grupos humanos, inteiros, corre perigo e a perspectiva de desenvolvimento fica totalmente comprometida, a atuação humanitária não só é lícita, mas é um dever.

A África dos conflitos, das epidemias e da fome é parte integrante da história da humanidade e espera que se evidenciem também luzes para seu caminho e esperanças de que possam se transformar em iniciativas concretas. A África é mesmo um continente à deriva, poderíamos nos perguntar. A corrente de pensamento originada entre políticos e economistas, afro-pessimismo, parece não ter dúvidas quanto ao fato de que as metas de desenvolvimento para o milênio, frisadas várias vezes pela ONU, dificilmente se poderão realizar até 2015. Também pudera! Dos 55 países mais pobres do mundo, 33 situam-se no continente africano. Segundo a ONU, cerca de 320 milhões de pessoas vivem com menos de dólar por dia em África, e segundo dados da OIT na década de 90 mais de 60% dos jovens africanos estavam desempregados. Os líderes africanos reunidos na Cimeira da

União Africana manifestaram-se preocupados com o índice demográfico bastante elevado em relação ao índice econômico, que ronda os 4%. No próximo informativo falarei um pouco mais das sombras e luzes africanas.

Quero também acrescentar um pouco sobre o que se passa no continente negro. Fala-se no maior genocídio humanitário no Sudão, na região de Darfur (o Sudão tem petróleo). Em São Tomé e Príncipe a 1ª Ministra com o seu governo foram depostos por corrupção. Joaquim Chissano, outro dia em Cabo Verde, lembrou que só com o envolvimento pró-ativo de intelectuais africanos para com a causa do desenvolvimento do continente, África poderá afirmar-se pela riqueza do seu pensamento, inovação e criatividade, e deixar de ser dependente das circunstâncias, passando a definir o seu próprio destino. Os pesquisadores e acadêmicos africanos devem jogar um papel preponderante na busca de soluções, comprometendo-se continuamente com a agenda de desenvolvimento de África. Dia 19 de setembro, Graça Machel, viúva do falecido proclamador da independência de Moçambique e atual esposa de Mandela, ex-presidente da África do Sul, deu um puxão de orelhas a líderes do continente africano que acham que são uma espécie de “pequenos deuses”, achando-se infalíveis e que sabem de tudo como dirigir os destinos dos povos de seus países. Pediu a intercessão de Chissano e Mandela que usem a influência de que gozam para persuadir os dirigentes de países africanos a mudarem de atitude. Neste encontro de 13 países da África Austral e Ocidental, os jovens participantes pintaram o continente para 2050, bem diferente de hoje, dominado pela fome, sida e guerras. Bem, Chissano e Mandela encorajaram os jovens em seus sonhos e luta pela paz, prosperidade, respeito à diversidade, sustentabilidade, distribuição equitativa dos recursos, etc, mas que em 2050 pelo menos eles não estarão vivos e com saúde para ver se a profecia se vai realizar.

Falando do país, o mês de setembro é muito importante no calendário moçambicano. Em 7 de setembro de 1974, Lusaka, capital da Zâmbia, foi assinado os Acordos entre os guerrilheiros da Frelimo e Portugal, passo importante para a independência proclamada em 25 de junho de 1975, após 10 anos de lutas nas matas do país contra o colonialismo português. É feriado nacional. Passado 30 anos, muitos guerrilheiros e muitas guerrilheiras vivem nas ruas da amargura, esquecidos nas cerimônias oficiais. Ainda bem que tem outro feriado para lembrar os heróis moçambicanos: dia 3 de fevereiro. Também é muito interessante que nestas cerimônias alusivas à pátria a primeira coisa que se presta é a deposição de uma coroa de flores na Praça dos Heróis Moçambicanos, a qual existe em qualquer cidade e vila. Outra data de setembro é o dia 25, dia das Forças Armadas, numa referência ao 1º tiro na luta de libertação nacional contra o colonialismo, em 1964. Portanto, 25 de setembro, lembra a origem da nação moçambicana. Neste ano, pela passagem dos 40 anos, houve muitos eventos no último final de semana pelo país. O Presidente disse no pronunciamento à nação que a data representa uma referência especial e uma fonte de inspiração para o longo percurso que ainda há por fazer na difícil missão de edificação da sociedade e Estado moçambicanos.

Dia 22 de setembro não houve aulas em todo País, em vista de uma paralisação em todas as cidades na luta por Uma Escola livre do HIV/Sida, para todos os professores e alunos participarem das manifestações. Todavia, como de costume, muitos aproveitaram para descansar e fazer lazer. A verdade é que é uma pandemia aqui em África, e claro, Moçambique. No dia ouvia uma Associação de Niassa a dizer que dos 38 aidéticos acolhidos neste primeiro semestre de 2004, 33 já perderam a vida e os outros 5 estão em fase terminal, pois não há recursos e remédios. O Diretor Provincial de Educação dizia na manifestação que neste ano já morreram mais de 50 professores em nossa Província de Sofala, vítimas da Sida. Bem aqui na escola já morreram neste ano um funcionário, três alunos e vários ex-alunos de 2003, além de três ex-professores do ano passado. O último foi a enterrar sábado dia 19 de setembro: o ex-professor Alberto Natal que trabalhou 8 anos como professor de História. Foi um grande funeral. A verdade é que se morre demais. Dia 25 último, sábado, o editorial tinha como título “Morte cada vez mais vulgarizada”, numa alusão a presença demasiada cada vez mais crescente de crianças nos funerais. Num passado recente a morte era uma coisa muito séria: apenas os adultos é que lidavam com os assuntos dos funerais. E me parece que tem muito de verdade: nos vários funerais que

tenho participante tive a impressão de que muitos – maioria de crianças, adolescentes e jovens e até adultos – vai por ir, tirando o mistério e o silêncio que o passamento traz em si. A música moçambicana foi duramente castigada: já se foram várias vozes de ouro neste ano. As últimas foram do vocalista Walter de uma banda de Beira e Adelino Mondlane.

Sábado passado, dia 2 de outubro, aconteceu o tradicional Baile dos Finalistas da 12ª Classe. Neste ano tempos 298 alunos, dos quais 118 participaram da festa com mais uns 300 convidados, o que superlotou as dependências do CFM. Apesar de só os que têm mais condições financeiras poderem participar, o encontro foi todo filmado pela TVM e deve vários momentos significativos, em especial, quando os finalistas formam a estrela lassalista no meio do salão e todos cantam o canto “Estrela Lassalista” e ma bandeira da Escola ergue-se no centro sob as mãos trêmulas de um casal de alunos. Sem dúvida, a festa foi mais lúdica do que a do ano passado. Terminou somente no raiar do dia e continuou no domingo, à tarde.

Dia 4 de outubro, com feriado nacional, comemorou-se o 12º aniversário da assinatura do Acordo Geral de Paz, em Roma em 1992, após 16 anos de conflitos armados, deixando mais de um milhão de mortos e 4 milhões de deslocados. Para se chegar a este acordo foram necessários mais de dois anos de negociações, a envolver várias Igrejas Cristãs, partes envolvidas (Frelimo e Renamo) e o povo (pois houve regiões em que famílias inteiras foram martirizadas como é o caso de Guro e do Alto Molócue). Passados doze anos, percebe-se bem que não foi fácil terminá-la. Por exemplo, houve casos em que o próprio filho atacou a casa dos pais, matando-os. Parentes divididos em frentes contrários voltarem a conviver. Noto que a conquista foi dura mesma. Todavia, apesar das constantes desavenças políticas a paz é duradoura, o que faz de Moçambique o grande exemplo do mundo. Graças à Paz, Moçambique é hoje um dos países que inspiram a confiança da comunidade africana para integrar missões de pacificação do continente, apesar dos limitados recursos materiais de que o país dispõe. Oxalá assim seja sempre! Eis por que precisamos continuar juntos a construir Moçambique.

Além de todas as festas e feriados o assunto destas últimas duas semanas é a despedida do Presidente da República Joaquim Chissano pelas dez Províncias (Estados), uma vez que não concorrerá à re-eleição nas próximas Eleições Presidências em 1 e 2 de dezembro vindouro. É Presidente desde 1986. Nada menos que 18 anos. É obra. Terça-feira, à noite, dia 5 de outubro, fui no jantar com o Presidente da República Joaquim, aqui em Beira, para o qual fui convidado com mais duas alunas. Chissano está na linha de frente da política moçambicana há 41 anos. Integrou a Frelimo desde 1963. Foi secretário particular de Eduardo Mondlane e chefe dos serviços de segurança da Frelimo. Em 1974 foi 1º ministro do governo de Transição. Depois foi Ministro dos Negócios Estrangeiros de Samora Machel, até a sua morte em 1986. Sua despedida está a ser considerada como um gesto elegante. Apesar de muitos dizerem que Chissano tem contas a pagar aos moçambicanos, Chissano deu muito de si ao País. Trouxe a paz para Moçambique, arrancada a ferro e fogo. Chissano marcou definitivamente este país pelo seu estilo, carisma e pela sua paciência extraordinária. Parece-me ser um homem que sabe ouvir, ponderar e tomar decisões. Seu defeito parece ser o fato de demorar a tomar decisões. Através de seus dotes diplomáticos colocou Moçambique no mapa mundi. Conseguiu atrair as atenções do mundo para cá. Ao falar com ele, falávamos sobre a necessidade dele ajudar a escrever a história do País. É uma pessoa simples, sem grandes cerimônias para se aproximar das pessoas. Para não fugir da regra houve feriado municipal em Beira. Terça-feira terá feriado de novo: dia 12 de outubro aqui se celebra o dia do Professor. No dia haverá desfile dos Professores. Espero para ver, pois a maioria não está a fim da marcha. Dia 22 de outubro iniciam os conselhos de classe para as turmas de exame e também é o último dia de aulas para as classes sem exame. Os exames iniciam dia 3 de novembro. Os resultados das eleições municipais do Brasil vi na Internet. O que é a informatização.

No mais, estamos todos bem de saúde. Um grande abraço e felicidades.

Um pouco de Moçambique 16 – Dia 21 de novembro de 2004 (2004h)

Olá amigos e amigas! Como ontem foi o Dia da Consciência Negra no Brasil, nada melhor que começar falando das raízes culturais que nos unem com a África. Ontem de manhã ao conversar com um professor de História do Congo falamos de Zumbi. É mataram Zumbi, mas não mataram o ideal de luta dos negros. Bonito!

O mês de outubro – Mês das Missões – tem outra conotação em terra de missão. Segundo documentos eclesiais, somos 175 brasileiros neste ano em Moçambique, claro, a grande maioria do sexo feminino. Outros, 134 em Angola, 45 em Guiné-Bissau, 36 em Camarões, 18 na República Centro-Africana, 17 no Quênia, 14 na R.D. Congo, 9 na África do Sul e na Tanzânia, 8 no Chade, 6 em Cabo Verde, 4 na Uganda e Malawi... para citar alguns países africanos com presença brasileira. Orgulho-me de o Brasil ter 1.828 missionários espalhados pelo mundo (1448 mulheres e 380 homens) e eu ser um deles. Aliás, discute-se muito sobre a presença do missionário latino-americano em África. Na mente de muitos missionários latinos a África é mundo pagão. Outros chegam com um projeto pré-estabelecido sem ter em conta a caminhada da Igreja local, a realidade africana. Existem outros que entram no processo e ajudam os africanos a se identificarem. A verdade é que a Igreja da África se considera como uma Igreja jovem e que precisa dos missionários para caminhar, mas não para ficar dependendo deles. África quer o missionário como homem ou mulher de fé que aceita ser um novo membro da comunidade cristã e humana, que caminha junto com o povo na busca de um mundo melhor. E aí é preciso sempre muito diálogo, abertura, escuta... Nós, latino-americanos, caímos no estilo dos missionários europeus que deixaram muita marca com obras de construção: escolas, hospitais... Nota-se que temos a mesma preocupação de fazer grandes obras de construção. Como a nossa pobreza material é grande, acabamos fazendo projetos para mandar a Europa e eles nos financiarem. O africano não vai nos considerar missionário de segunda categoria por falta de obras de construção. Certamente, a África espera dos missionários brasileiros uma verdadeira conversão: ao Evangelho, ao homem/mulher, ao ritmo africano, às novidades, ao tempo, à colaboração. Eis o grande desafio para nós, missionários/as. Precisamos contar com a graça de Deus. A guisa de exemplo, comparo com alguns dados de Portugal. Eles são 1.124 missionários (469 homens, 561 mulheres e 94 leigos): 403 em Moçambique, 182 em Angola, 34 em Cabo Verde, 22 em São Tomé e Príncipe e Guiné-Bissau, 17 no Madagascar, 13 RD Congo, 12 na África do Sul... isso para citar alguns dos números em países africanos. No Brasil são em 147 os missionários portugueses.

Olhando para mais alguns dados, apenas 16,6% dos habitantes de África são católicos, enquanto que a América tem 67,3%. Dos 76 mil seminaristas menores do mundo 40.252 são africanos e 13.110 são americanos. Dos 33.444 seminaristas filósofos, apenas 7.620 são de África e 12.997 são da América. Dos 39.533 seminaristas teólogos 8.278 estão de África e 12.399 estão da América. Outro dado interessante é que em Moçambique os 11 bispos titulares são moçambicanos. Os dois últimos nomeados têm 40 e 45 anos “apenas”. Dom Ernesto foi empossado dia 14 de novembro. Dia 14 de novembro participei da celebração dos 40 anos de sacerdócio da Pe. Manuel Mucauro, o primeiro padre diocesano moçambicano da Arquidiocese de Beira. O colega dele foi morto durante a guerra. Desde que voltou ao país, em 1985, é médico-pediatra, formado em Milão, e padre. Aliás, tempos atrás ganhou um carro como médico exemplar no Hospital Central da Beira. Foi uma cerimônia muito bonita.

Dia 31 de outubro aconteceu a abertura do 1º Sínodo Diocesano da Beira. A cerimônia se realizou debaixo das mangueiras da Igreja São Benedito, ao lado da nossa casa. Foi uma cerimônia muito solene com a participação do Nuncio em Moçambique, Dom Jorge, Arcebispo de Beira e Presidente da Conferência Episcopal Moçambicana, Dom Jaime, todos os padres da Arquidiocese, religiosos/as, coral, dançarinas, delegados do Sínodo, representando todas as pastorais e cada paróquia, num total de 147 e cristãos de todas as paróquias. Para mim os dois momentos marcantes foram a entrada com a invocação da ladainha de todos os santos em ndau, permeadas de preces em português, e a profissão de fé com a invocação do *“espírito dos nossos antepassados, amigos de Deus, de todos os santos africanos e de todos os santos da Igreja Universal”*... além de tantos outros como a

profissão de ofertas, chuva durante a missa, todos os padres paramentados com uma túnica alusiva do 1º Sínodo. O 1º Sínodo se prolongará durante todo ano de 2005 e é em comemoração aos dez anos do 1º Sínodo Africano, em Roma, em 1994. Depois da missa houve uma pequena confraternização na Residência dos Irmãos, com a presença Núncio Apostólico Dom Jorge (indiano), Dom Jaime, Pe Mucauro, Vigário Episcopal e outros padres coordenadores de pastorais. O delegado dos Irmãos Lassalistas é o Ir. Ivo Pavan, decano dos brasileiros em Moçambique, desde 1995.

Neste último mês de outubro saíram os índices de desenvolvimento humano e os índices de pobreza absoluta em Moçambique. Primeiro, surgiu o último, o tão propalado sucesso na redução da pobreza absoluta do país (15%), intensamente divulgado pelo Governo: de 69,4 para 54,1%. Dentre as melhorias, destaca-se a posse de bens duráveis (rádio), melhoria das condições de habitação (materiais e acesso à água) elevação das taxas de matrícula, redução do analfabetismo, crescimento do nível das empresas (transportes, comunicações), serviços de telefonia móvel e aumento de carros. Em outras palavras, este índice mediu a pobreza econômica, rendimento e o consumo per capita como únicos indicadores do bem-estar. Depois, apareceu o IDH, “chumbando” Moçambique: penúltimo lugar dos 172 países verificados (171º lugar; o Brasil se encontra em 72º lugar). Este índice, feito pela ONU, é mais amplo e mais completo, pois mede a pobreza humana, uma vez que considera a longevidade (expectativa de vida ao nascer), o conhecimento (exclusão ao mundo da leitura e da escrita) e por um padrão de vida digno (acesso à água potável, serviços de saúde, crianças menores de 5 anos com peso deficiente). Bem deste quase nenhum órgão de comunicação falou nem o governo. Todavia, traz algumas boas advertências: nosso desenvolvimento estará comprometido se não forem tomadas medidas interventivas nos setores que se apresentam mais fragilizados; a redução da pobreza alcançada pode ser apenas aparente. Por exemplo, nossa província de Sofala, é maior a que aparece com maior variação na redução da pobreza segundo os índices oficiais, localiza-se no Centro, onde se estimam as maiores taxas de prevalência do HIV/Sida, pandemia que está deixando a expectativa de vida em 46 anos de Moçambique, 45 de Guiné-Bissau, 41 da RD Congo, 40 de Angola, 37 do Malavi, 36 do Lesoto, 35 de Suazilândia, 33 do Zimbábue, 32 da Zâmbia... para entender a diferença no Brasil é de 68 anos. E na taxa de literacia (que sabem ler e escrever) de adultos: 38,5% dos moçambicanos, contra 86,4% dos brasileiros. Tudo isso para dizer da urgência da missão de todos nós. Em muitas partes de Moçambique vê-se o drama duma população martirizada, onde o povo conjuga no verdadeiro sentido o verbo sofrer: falta de água, hospitais, escolas, lojas, vias de acesso, transporte e outras infra-estruturas básicas.

Trocando de assunto, houve grande repercussão nos meios de comunicação a morte de Yasser Arafat. Muitas crianças que nasceram nestes dias por aqui receberam o nome de Yasser e Arafat. Outrossim, foi uma vida a resistir. Foi o símbolo da resistência palestina. Como aqui em Moçambique há um bom número de muçulmanos quero descrever como é o funeral deles. Idealmente, um muçulmano deve morrer virado para Meca e recitando a profissão de fé: “não há outro deus senão Alá e Moamé é o seu profeta”. Palavras que podem ser proferidas por familiares, se o moribundo não conseguir. Para o funeral, a rapidez é uma das regras: quem morre de manhã deve ser enterrado antes do anoitecer; quem morre à noite deve ser enterrado na manhã seguinte. Outro ponto importante é o banho ritual (ghusul): o corpo é banhado um número ímpar de vezes por familiares do mesmo sexo do morto. No entanto, se o morto for um mártir (shahid, o que morre na defesa da sua fé ou em luta contra os infiéis), este ritual é dispensado e o morto é enterrado com a roupa que vestia. Depois do banho o corpo é envolvido num lençol branco e levado numa espécie de padiola ou caixão para o cemitério, somente pelos homens. Todavia, é enterrado na terra sem caixão e nu, coberto por um pano branco ou verde. A campa (sepultura) deve ser funda, cerca de um metro e meio, e o serviço fúnebre costuma ser simples. É feita uma oração em que se pede o perdão dos pecados (no caso de crianças e mártires a oração fúnebre não inclui este apelo, já que as crianças não são consideradas responsáveis pelos seus atos e os mártires consideram-se absolvidos). As mulheres só podem ir ao cemitério no 40º dia. Domingo passado os muçulmanos comemoraram o Eid-UI-Fitre. É o fim do mês

de jejum do Ramadan, uma espécie de festa do Ano Novo. É muito significativa esta data e é celebrado com muita comida em família. Recebi doces, bolos, bolachas e quitutes de alunos na 2ª feira. São gostosos mesmos.

As aulas terminaram dia 19 de outubro. A 1ª etapa das provas já aconteceu. Estamos na correção dos exames nacionais: 5as e 7as Classes na própria escola; 10ª classe na Manga e 12ª na Samora Machel. Amanhã devem começar as provas orais de Francês e Inglês na 12ª. Francês chumbou 70% para a 2ª época em 6 a 10 de dezembro e em Inglês menos de 1%. A novidade deste ano será a 2ª época para a 7ª Classe: mudança do currículo.

Contudo, o assunto mais propalado depois da despedida de Joaquim Chissano pelo país, é as 3as eleições presidenciais e legislativas dias 1 e 2 de dezembro. “O teu voto faz Moçambique feliz” é o lema. A grande preocupação é levar os potenciais eleitores para as assembleias de voto, devido às abstenções nas eleições anteriores: mais de 75%. Houve uma intensa preparação cívica e eleitoral em vista disso. Desde o dia 17 de outubro – início da campanha eleitoral – o país está parado. Cinco partidos concorrem à Presidência da República: FRELIMO, RENAMO, PDD, PIMO e MBG e mais outro dobro só para Assembleia da República. Os 10 governadores e 128 administradores distritais são indicados pelo governo. Os 33 presidentes dos Conselhos Municipais são eleitos por voto. Os “deputados federais” e “vereadores” são eleitos internamente no Partido e o povo apenas vota na legenda. “Deputados estaduais” não existem. A FRELIMO está no poder desde a independência e têm toda a máquina do governo, tv, rádio e jornal a seu favor na campanha. Até o programa deles é cheio de imagens. Os jornais de oposição – Zambeze, Savana, Embondeiro – são apenas semanais e de menor circulação. Presidente, 1ª Ministra, Ministros e Vices, governadores, deputados, diretores... todos em campanha pela FRELIMO. Até a esposa do Guebuza tem poder de convocar os professores. O noticiário da campanha, duas horas diárias, em 60% traz notícias do Partido do Governo e algumas rápidas dos demais. É uma visão unilateral e em defesa da continuidade do governo. A re-eleição de Bush serve de defesa. O analfabetismo político contribui para essa exploração do povo. A memória do povo é curta como no Brasil. A RENAMO é acusada de ser partido armado, mas quantas mortes estão por explicar pela FRELIMO. Até a Nova Constituição foi assinada esta semana. Pode? Até música brasileira aparece.

Bem, aqui é África. Apesar de tantos conflitos no continente, não existe nenhum lugar como África. Com mais de 3 mil culturas, mil línguas e uma história fascinante, não há melhor lugar para encontrar inspiração que em África. Aqui “não olhamos nem para Leste nem para Oeste: olhamos em frente”, como diz Kwame Nkrumah.

Um forte axé, meu irmão, minha irmã. Peçamos a Maria que seja nossa intercessora e apresentadora junto ao Senhor que nos chamou, nos consagrou e nos enviou para todas as gentes.

Um pouco de Moçambique 17 - Beira, 6 de fevereiro de 2005 (2005a)

Oi, amigos e amigas! Há mais de dois meses que não lhes envio notícias. Creio que este período foi-me de muito crescimento, reflexão e trabalho de fim-de-ano. Dia 25 de janeiro, senti-me aliviado com a chegada de 3 Irmãos do Brasil, 2 moçambicanos que voltaram da formação acadêmica e um brasileiro, o Ir. Sandro Fröhlich, meu conterrâneo e parente (2º primo). Trouxeram alegria, vibração e vida nova para nós Irmãos da Missão. A presença deles nos alimenta de mais convivência e partilha de vida. Deus seja louvado por tão grande graça. Por outro sentimos a saída do Instituto de 2 Irmãos moçambicanos (Jorge e Antoninho) e um brasileiro (Dirceu) nos últimos 5 meses. O Ir. Braço está a ser uma grande presença aqui no Aspirantado e no Pedagógico da João XXIII, pois vem licenciado em Pedagogia. Com a vinda deles perdi o posto de mais novo missionário em Moçambique. Outrossim, o Setor Lassalista tem um jovem Irmão estudando em Brasília, 2 Noviços que estão em Porto Alegre, 8 postulantes e 6 aspirantes (mas falta mais um) em Beira. Tudo isso é muita graça neste início de ano. A todos eles somam-se mais o Ir. Marco (de férias no México e que perdeu um irmão na madrugada do dia 2), Irmãos Ivo, Jacir, Irineu, Nelson e eu. E deverá vir um voluntário mexicano leigo.

No momento o tempo está bastante chuvoso e muito quente. Nesta época as preocupações estão voltadas para as enchentes, pois o país é cortado – de oeste para leste – por 88 rios, a maior parte nascendo no interior do continente africano, cruzando o país. Vários deles estão acima de 5,4m do nível, ou seja, no ponto crítico, especialmente o Rio Zambeze, uma vez o litoral moçambicano é constituído de vastas planícies. Entretanto, no momento as epidemias de cólera estão menos alarmantes que no ano passado. A malária continua a fazer com muitas vítimas. Pelas estatísticas de 2004 mais de 4,5 milhões tiveram malária dos 18 milhões de moçambicanos. O Ministério da Saúde confirmou 6.000 mortes de malária em 2004 em todo país. A Sida também tem feito muitas perdas. As mais acentuadas são na educação. Só na Província de Sofala foram 200 professores do Estado, contra 177 em 2003. Dos mais de 200 mil doentes de sida, 20 mil moçambicanos serão contemplados gratuitamente com antiretrovirais em 2005 pelo governo.

A costa leste africano foi afetada, mesmo que com menos intensidade, pelos “tsunamis” (ondas gigantes do maremoto que assolou os países asiáticos em 26.12 com 300 mil vítimas fatais) a Somália, Quênia e Tanzânia, com quase 300 vítimas fatais. Duas semanas após, quando passei o fim-de-semana nas praias do Savane, no Oceano Índico, foi possível ver o estrago da fúria das ondas. Inclusive, no momento em que maré subia as ondas ficavam violentas mesmo. Ninguém podia arriscar-se a entrar no mar. Nunca tinha visto algo assim ao vivo. Moçambique sensibilizou-se e há várias campanhas em prol dos sobreviventes. Bem, também pudera! O povo aqui sabe muito bem o que é perder tudo nas cheias, ciclones e secas. O governo disponibilizou 100 mil dólares, a Moçambique Alumínios 150 mil, os religiosos também fizeram uma coleta na missa dos religiosos, dia 2. Bonitos gestos!

Na Escola João XXIII as aulas começaram dia 24 de janeiro. Ainda está em fase de matrículas, mas já ultrapassamos 2.900 alunos, mais de 900 são alunos novos. Este ano as classes que mais alunos estão recebendo são Pré, 2as, 4as, 8as, 10as e 11as. A Escola tem 84 professores, além dos 8 postulantes que prestam serviços.

Dia 2.2, em Maputo, capital, tomou posse o 3º Presidente da República, Armando Guebuza. O 2º colocado, Afonso Dhlakama, fica no Conselho de Estado. Em todo país foi tolerância de ponto (sem trabalho). Não foi uma festa com a pompa do Mister Bush, mas teve a presença de 70 chefes de Estado e de Governo convidados, até José Alencar. A previsão dos gastos é de 12 bilhões de meticais (1,5 milhões de reais), 3.000 pessoas convidadas. Os 250 deputados (90 da oposição) tomaram posse na Assembleia da República dia 31.1, designados por eleição dentro do partido, conforme votação. Dia 3 também foi feriado: o dos Heróis Moçambicanos. Dia 4 nomeou o seu Ministério, integrado por vários governadores (Sofala, Tete, Niassa, Zambézia, Inhambane). O Felício Zacarias (Sofala), foi para Obras Públicas e Habitação. Luísa Diogo continuou como Primeira-Ministra. Apesar de ter falado tanto na FORÇA da MUDANÇA. Em 25 de junho próximo, Moçambique completará apenas 30 anos de independência.

Domingo passado foi lida uma carta em todas as igrejas da posição dos bispos frente os resultados das eleições gerais de 1 e 2 de dezembro passado: apenas 34,6% dos eleitores votaram, muitas fraudes foram detectadas, urnas não existentes, etc..., mas todas decisões foram a favor do partido no poder, uma vez que os titulares em todas as instâncias pertencem ao país. Foi uma carta bastante clara e firme dos bispos moçambicanos. A União Européia acusa a CNE – Comissão Nacional de Eleições – pela falta de transparência no processo eleitoral. Dia 29 de janeiro a organização Center Carter que observou as eleições foi igualmente dura: acusou a CNE por não ter administrado uma eleição justa e transparente, desde o recenseamento, contagem de votos, violação de urnas, rasuras, rejeição de urnas (699 editais para presidente e 31 das legislativas), Em vários Distritos foram constatadas percentagens de afluência de eleitores às urnas acima de 100%, editais roubados/desaparecidos, troca de cadernos eleitorais sempre em regiões da oposição... A Center Carter lamenta não ter tido acesso e diz que a credibilidade do processo de apuramento continuará passível de ser questionada.

Outra notícia que repercutiu muito aqui foi o perdão de dívida com o Reino Unido: 150 milhões de dólares, o que equivale ao orçamento da educação por 3 anos (50 milhões

anuais) ou por 5 da saúde (30 milhões anuais). Outra foi a volta do Anibalzinho do Canadá, após da prisão (condenado por 28 anos). Outra é a queda do dólar por aqui: de 24 mil para 18 mil meticais.

Bem, ontem à noite, terminei um Seminário que dirigi para a formação dos Professores da 11^a e 12^a Classes das Missões de Barrada e Mangunde, com 21 participantes. Ademais, bom carnaval e boas entradas na Quaresma.

Um Pouco de Moçambique 18 – Dia 20 de março de 2005 (2005b)

Ainda profundamente perplexo pela morte da Ir. Dorothy, em Anapu, há um pouco mais de um mês, quero expressar meus sentimentos a toda Igreja do Xingu, às Irmãs Notre Dame de Namur, CRB-Xingu e todo povo de Deus da Prelazia. Como cristão e missionário acredito no Deus da Vida e não da morte. Calaram a voz de Ir. Dorothy, mas não calaram suas lutas e seus sonhos. Eu a conheci e para mim foi um choque. Pelos diversos e-mails e noticiários que venho recebendo o Governo está muito mobilizado e os assassinos e vários mandantes já foram presos, menos o mandante principal, que está foragido, mas já condenado. A repercussão nacional e internacional está sendo forte. O caso alcançou uma repercussão extraordinária o que levou o governo à ação. Por várias vezes tomei a sua foto que havia trazido, contemplei-a, rezei e deixei o silêncio falar. Neste dias agradei muita a Deus pela presença dela em minha vida nos seis anos de Transamazônica. Deus a tenha em sua morada, pois eu creio na justiça, na esperança, na ressurreição, na vida para todos!

Se no Brasil acontecem muitas mortes e violências, aqui nossos martírios também são muitos. O país está de governo novo, após 18 anos com Joaquim Chissano. Existe o pluripartidarismo, mas tudo funciona como se fosse partido único. O povo que continua a ser enganado e sem muito poder de reação, ainda muito machucado e ferido pelas guerras da independência e civil entre 1964 a 1992. São apenas 13 anos do Acordo Geral de Paz e o país vai completar 30 anos de Independência.

Na semana passada o Director de Saúde da Província confessou sua perplexidade diante dos números alarmantes no Hospital Central de Beira (HCB): “estamos preocupados com esta situação, porque muita gente está a morrer”. De cada 100 crianças que nascem 30 são soropositivos (hiv/sida). Cada dia morre mais de 20 pessoas. Cada semana, 50 a 60 pessoas são enterradas como indigentes, abandonadas na morgue do Hospital. A sida superou a malária em número de óbitos. Dos 1.196 doentes que deram entrada no HCB em 2004, 491 morreram, contra 429 mortes de 796 casos em 2003. Dia 4/3 foi enterrada nossa aluna de apenas 19 anos. A cruz nos acompanha. Nesta 5^af, ao abrir o Pedagógico, outra aluna de 19 anos entrou e atirou: “Irmão, minha vida acabou!... (um silêncio) Descobri ontem que meu namorado é soropositivo”. Semana passada um professor do interior veio me pedir, quase de joelhos, para encontrar um remédio para bilharziose viral (esquistossomose), pois o médico lhe teria dito: “não há mais nada a fazer senão esperar a morte... Irmão, olha para mim, isso é muito forte para um homem de menos de 30 anos...”

Por aqui assumiu o novo Presidente da República dia 2 de fevereiro. Fez a sua campanha em cima do lema “A Força da Mudança”. No entanto, deixou a Primeira-Ministra e alguns do 1^o escalão anterior e nomeou os dez governadores como Ministros ou Vice-Ministros. Seu governo tem uma 1^a Ministra, 25 Ministros, 15 Vice-Ministros e 11 Governadores. Seu governo tem 13 mulheres, das quais uma 1^a Ministra, duas governadores e outras dez ministras ou vice-ministras. A Assembléia da República tem 40% de mulheres. Em questão de gênero a presença da mulher no governo moçambicano ampliou e é uma das maiores de África.

Dia 1^o de março ocorreu a abertura do ano judicial. A começar pela fala do Presidente da República: “a falta de transparência corrói a credibilidade da justiça no país”... passando pelas palavras do Presidente da Assembléia da República “a falta de justiça em Moçambique atingiu níveis preocupantes”... até chegar no governador de Sofala: “o suborno, a corrupção e o tráfico de influências mancham a justiça da Província”. Realmente apelo e espero “como moçambicano” que algo seja feito no sentido de tornar a justiça mais célere, isenta, imparcial e credível, garantindo o respeito pelas leis, assegurar os direitos e liberdades dos cidadãos e interesses de órgãos e entidades legais. O mesmo acontece com

a burocracia e a demora na aquisição de documentos. Quantos funcionários públicos estão aí para complicar a vida do cidadão em vez de facilitar.

Outro assunto, muito falado por aqui, são os chambocos aplicados em raparigas e moços que usam roupas curtas aqui na cidade da Beira. O governo é incapaz de tomar medidas, o povo faz justiça com as próprias mãos. Interessante quando o assunto foi ao ar na Rádio Moçambique em nível nacional, o Ministro do Interior foi bombardeado para que tome medidas que coíbam os abusos e excessos, como forma de diminuir a promiscuidade e doenças epidêmicas como a sida e outras DTS.

A exemplo do sul do Brasil, estamos passando por um forte calor, sem chuva e muitas doenças: sida, malária, cólera, tuberculose, diarreia. Ainda não choveu 5% dos outros anos no período. E um calor insuportável. Aliás, a chuva está a começar.

Discute-se muito a vinda da Vale do Rio Doce para a exploração do carvão de Moatize. O acordo foi assinado em novembro/2004. Semana passada o presidente da CVRD esteve novamente por aqui e mostrou-se muito satisfeito com o avanço das pesquisas. É considerada como a maior reserva de carvão do mundo não explorada. Outro que andou por cá semana passada foi o Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, dizendo que o governo brasileiro quer participar com uma fábrica de anti-retrovirais. Outro assunto é sobre os baratos frangos brasileiros (RS 4 a 5 o Kg contra os R\$ 8 produzidos localmente) que fizeram o novo Ministro da Indústria e Comércio, proibir a importação como um imperativo nacional em fins de fevereiro. Há muitas vozes questionando a medida do governo: “se os brasileiros estão mais avançados na tecnologia para produzir um frango mais barato os criadores moçambicanos devem lutar junto ao governo tudo o que torne o frango mais caro”... “se é questão de vacinas e rações, que se pense numa indústria nacional”... “há que se pensar na maioria dos moçambicanos, para que a comida chegue mais barata e ajude a melhorar o estado de saúde do povo... e um pequeno grupo ter acesso”... e assim por diante.

Bem, neste ano vieram mais 3 Irmãos: dois moçambicanos que estudaram no Brasil e um conterrâneo gaúcho missioneiro. Estão a ser um bom reforço, uma vez que dois deixaram a Congregação aqui durante o 2o semestre de 2004. É preciso ter muita força e coragem para administrarmos as muitas perdas e os poucos ganhos. Apesar de tudo, estamos para abrir uma nova comunidade no interior da Província (Estado) de Sofala, a 290 Km daqui, na Missão de Mangunde. É uma grande obra! Ali estudam 1600 alunos, dos quais quase 800 são internos - na Escola João XXIII temos mais de 3.130 alunos matriculados. Por completar três anos em Moçambique, no final do ano, espero tirar umas férias no Brasil, ocasião em que completarei 25 de Profissão Religiosa.

Uma boa Semana Santa e desde já, os votos de que possamos celebrar a Páscoa da ressurreição, isto é, *pro-seguir* a obra de Jesus Cristo, *per-seguir* a sua causa e *con-seguir* a sua plenitude.

Um Pouco de Moçambique 19 - Beira, 5 de junho de 2005 (2005c)

São mais de dois meses que não envio notícias desde o leste africano. Se não me falhar a memória foi na Semana Santa. Perdão, pois viver em terra de missão é isso mesmo! É preciso ter paciência e conviver com a eterna insegurança. Problemas de vírus na internet, modem, capacidade da CPU: sem poder receber nem enviar e-mails ou notícias. E a verdade é que o problema parece estar meio resolvido. Confesso que são muitas as notícias... nem sei mesmo por iniciar meu jornal.

A morte “anunciada” da Ir. Dorothy foi manchete em todos os jornais, Tv e as revistas que por aqui chegaram do Brasil, México, Portugal, Espanha e Itália. Acredito na fé e na esperança. A justiça seja feita! A maioria lembra que por detrás está o problema da questão fundiária nunca resolvida pelo governo brasileiro. E quando irá resolver? Outra repercussão foi a doença e a morte de João Paulo II. Incrível, mesmo não sendo um país predominantemente católico, as rádios e televisão andavam em cadeia dando cobertura. Também pudera, pois esteve aqui em 1988, durante a guerra e teve uma forte influência para a realização do Acordo de Paz em 1992. No funeral até se chegou a anunciar “feriado” que depois foi desmentido. O Presidente da República e uma comitiva foram para Roma nas

exéquias. O anúncio de Bento XVI foi igualmente bem recebida pelos moçambicanos, apesar de ter dividido as opiniões no mundo católico. Aqui na Escola João XXIII, este ano já faleceram 3 alunas e 1 aluno: duas pela “doença”, uma por atropelamento e um envenenamento. Também faleceu há um mês o pai de duas alunas, holandês, o qual me levou para conhecer a cidade de Tete no ano passado. E tantos outros familiares de funcionários, professores e alunos. Tudo isso foi causa muita dor e sofrimento na comunidade educativa. Outrossim, a sida continua a fazer muitas vítimas no país e o pior: os números de infectados só aumentam. Nos próximos dias iremos abrir um núcleo de combate ao sida na escola. A malária também anda impiedosa neste ano: aqui em Beira os casos e as mortes aumentaram 50% em relação a 2004. A cólera não tem mostrado muito as caras neste ano. Quem sabe a estiagem por todo país travou a sua expansão e, em Beira, as 50 mil vacinas em 2003.

Dia 5 de abril retornou o Ir. Marco das férias do México. O voluntário mexicano – Francisco Xavier - para trabalhar nas aulas de informática, veio apenas dia 15 de maio, após mais de três meses de tramitações de documentação.

Dias 7 a 25 de abril tivemos o primeiro intervalo letivo de 2005, período em que funcionou mais uma etapa do Bacharelato de férias, o qual abrange professores da Província de Sofala, inclusive a maioria dos Diretores Distritais de Educação. Foi neste período que, em questão de 10 dias, dei 3 entrevistas: (uma à Rádio Moçambique de 18 minutos sobre a Escola João XXIII sobre o porquê de tanto sucesso no aproveitamento pedagógico e procura; outra à TV Moçambique sobre Plantas Medicinais; e outra para uma Rádio de Bremen (Alemanha) sobre a influência e a relação Brasil X Moçambique) e participei de um debate de uma hora nos estúdios da Rádio Moçambique sobre o Papel do Ensino Particular na Província de Sofala, o qual atende 24 mil alunos, dos quais 3.130 alunos matriculados na Escola João XXIII. Tudo isso mostra a seriedade com que trabalhamos e a sua repercussão nesta parcela de Moçambique.

O 2º trimestre está sendo marcado por muitas paralisações. O feriado do dia 1º de maio passou para 2ª feira. Dias 13 a 16 de maio tivemos a visita do Presidente da República em Sofala. Tanto na chegada (13) e como no comício (16) houve tolerância do ponto - leia-se feriado – durante todo o dia. Entretanto, poucos alunos foram aos eventos. Os discursos ficam sempre no agradecimento pela vitória e que vai cumprir todas as promessas de campanha: combate à pobreza absoluta, espírito do deixa andar e corrupção. Isso comprometeu as atividades alusivas a Semana de La Salle. Dia 14 de maio o Ir. Marco fez uma palestra aos professores sobre as 12 virtudes do bom mestre, seguida de missa e almoço para os professores e funcionários. O sarau somente aconteceu dia 21 de maio, com grande afluência de público. As outras programações, como gincana, foram suspensas.

Dia 22 de maio tivemos um encontro dos Religiosos de Beira/Sofala com uma palestra sobre a Eucaristia e a Vida Consagrada (excelente) e uma adoração. Ao todo são 17 congregações femininas e 10 masculinas que trabalham em Sofala. Pude encontra-se com a Ir. Maria do Carmo (Salvatoriana) com a qual trabalhei entre 1981-85, em São Miguel do Oeste. É formadora de duas postulantes aqui no Centro de Formação Nazaré. Ah, dia 14 de abril esteve aqui em Beira o Dom Franco, bispo de Balsas (MA), responsável pelo setor missionário da CNBB, o qual se reuniu com alguns dos missionários brasileiros de Beira: lassalistas, jesuítas, xaverianos e combonianos.

Quem disse uma frase de impacto dia 16 de maio, mas pouco divulgada, pois tocou numa ferida, foi o Ministro da Ciência e Tecnologia: “Está na hora de Moçambique deixar de ser apenas consumidor e passar a ser produtor”. Em meados de maio a Assembléia da República aprovou o Orçamento Econômico e Social de 2005, mas do qual 45% precisa vir por empréstimo ou doação de fora. Dia 21 de maio iniciou uma Marcha contra a Pobreza Absoluta em Cabo Delgado (Província mais ao Norte do País), através da Chama da Unidade, a qual deve percorrer as 10 Províncias e chegar em Maputo dia 25 de junho, 30º ano da independência de Moçambique. A mesma foi realizada por ocasião da Independência em 1975. Dia 28 de maio houve uma Marcha aqui em Beira intitulada “Eduquemos para acabar com a pobreza”, com todas as escolas. Creio que reuniu perto de 10 mil alunos e professores. Todavia, muitas paralisações e marchas são feitas para

combater o HIV/Sida, a pobreza... ou por ocasião de visitas..., mas todas sem nenhum compromisso concreto. E seca/fome continua a matar em Suazilândia, Lesoto e Moçambique, os países mais afetados no momento. Dia 1º de junho foi o Dia da Criança, feriado e festa para as crianças. Muito concorrido!

Outrossim, Moçambique parece ter renascido para o setor do turismo, pois tem 2500 Km de costa virgem, magníficas reservas naturais e características da cultura e tradições moçambicanas da antiga presença colonial.

Segundo as estatísticas publicadas esta semana somos 164 missionários brasileiros – padres e consagrados – a atuar em Moçambique. Quanto aos Irmãos, os 8 postulantes e os 5 aspirantes (pois em maio aconselhamos o João de Mangunde a retornar para casa), todos estamos bem de saúde. Estamos aguardando a vinda do Ir. Provincial, dia 29 de junho. Na 2ª metade do ano alguns Irmãos (Irineu, Plácio, Nelson, Jacir) começam de forma intercalada suas férias, a começar pelo Ir. Irineu, que deve retornar com o Ir. Provincial. O seguinte sou eu.

Votos de um profícuo trabalho e pedindo as suas preces por cada um de nós missionários, para que sejamos firmes na fé, perseverantes na vocação e robustos na saúde, a fim de podermos dar o melhor para o povo que tanto clama a presença.

Um Pouco de Moçambique 20 - Beira, 06 de agosto de 2005 (2005d)

Iniciamos dia 1º de agosto o 3º trimestre, após as férias intervalares entre os dias 16 a 31 de julho. Neste período, a nível de país aconteceram em Inhambane, 700 km ao sul, os Jogos Escolares entre as Províncias em futebol, voleibol, basquetebol, andebol e atletismo. Foi realmente uma festa esportiva na qual todas as atenções se voltaram para as seleções provinciais de até 16 anos. Todavia, a mancha negra desde ano foram as falsificações de idades. Os piores casos – 58 jogadores federados - foram punidos, senão o festival nem iria acontecer. Nossa Província de Sofala também estava envolvida.

Passando em revista, o acontecimento mais propalado ultimamente, foram as comemorações dos 30 anos da proclamação da independência, 25 de junho de 1975. A Chama da Unidade percorreu 76 cidades e localidades do Rovuma ao Maputa – como do Oiopoc ao Chuí no Brasil – a qual reuniu mares de gentes, sem contudo gestar alguma iniciativa, apesar do sugestivo lema: “Juntos na luta contra a pobreza”. Houve muitos eventos outros: desfiles, shows de música, teatros...

O perdão da dívida anunciada foi bastante comemorado em Moçambique pelo governo, uma vez que o país está entre os 14 países africanos entre os 18 anistiados, num montante de U\$ 55 bilhões. Isso trouxe um alívio, pois diminuiu em mais da metade do que o país deve pagar: abaixou para U\$ 57 milhões anuais. Entretanto, o montante perdoado deve ser investido em infra-estrutura, educação, saúde, agricultura... tudo em vista da redução da pobreza. Mas, também se divulga em todos os meios de comunicação que o perdão depende de medidas no âmbito da transparência e da luta contra a corrupção. No Brasil as CPIs andam descobrindo rombos e mais furos. Aqui é público, mas não se escuta o nome de alguém que foi punido. O novo Presidente da República tem anunciado que era implacável no combate à corrupção. Contudo, parece que foi afetado pelo espírito do “deixa andar” que ele mesmo combate. Andando na capital do país por uns dias senti muita insatisfação com o governo e que está viajando demais no exterior. Numa semana viajou duas vezes aos EUA, ainda passando pelo Catar e Moçambique.

Outra notícia que está todos os dias nos noticiários é o tráfico de drogas em Moçambique. Em pouco tempo, três mulheres procedentes de São Paulo, foram presas em Beira com 50 a 80 cápsulas de suruma no estômago. Na cidade vizinha de Dondo, 32 km daqui, a polícia rodoviária também tem autuado machimbondos (ônibus) transportando haxixe em grande escala. Outras apreensões também movimentam outras capitais provinciais e distritos. O pior é que a polícia não sabe quem está dominando este tráfico. E será difícil saber por que não possui muitos recursos econômicos e tecnológicos e nem armas para trabalhar. Pelo consumo e tráfico de drogas, Beira já é conhecida como a “Colômbia”. Os produtores e consumidores são jovens desempregados. A cidade é um corredor mais preferidos dos traficantes provenientes do Brasil e outros países. Durante a

Semana de Combate às Drogas – 26/6 a 2/7 – realizaram-se jogos, palestras e visitas. O ponto central foi a nossa Escola, mas poucos efeitos concretos surgiram. Segundo o coordenador, o consumo é fomentado pela PRM, policiais que fumam e vendem suruma nas suas casas a seu bel-prazer, razão pela qual o raio de ação da rede mafiosa tende a crescer em Beira.

Assunto que não sai da moda é a sida. Diariamente faz inúmeras vítimas moçambicanas por ser o 7º país mais infectado do mundo. São mais de 500 novas infecções diárias. A Província de Sofala está em primeiríssimo lugar do país com 26,5%. Sua capital Beira é a mais infectada. A Comunidade Santo Egídio (italiana) é uma pequena ilha na aplicação de antiretrovirais e no combate vertical: mãe-criança. Tem conseguido que mais de mil crianças nascessem sem o vírus do Hiv. Esta semana o Hospital Dia de Beira comunicou que tem mais de 900 internados e cada dia entram outros 17 novos pacientes. Dia 22 morreu um professor da Missão de Barada. Bem, defender os números da sida é o grande triunfo para ganhar rios de dinheiro para os cofres públicos na África. A aplicação é que não chega ao destino. Dia 18, suicidou-se em Maputo um dos coordenadores do Conselho Nacional de Combate ao Sida, por ter sido descoberto por desvio de quase U\$ 2 milhões. EUA está a sustentar antiretrovirais para mais de 20 mil militares moçambicanos. A União Européia não deixa por menos. Vários países da Europa, dão apoios regionais. O Brasil também está a implantar uma fábrica de antiretrovirais no País para inda funcionar este ano.

Bem, os Irmãos Irineu Gelain e Nelson Saggioratto estão de férias no Brasil. Devem permanecer até fins de setembro. Eu devo ser o próximo. O Ir. Sandro Fröelich vai passar o mês de setembro na Espanha fazendo Curso para elaboração de Projetos, uma vez que este é um dos mecanismos para sobreviver neste continente “empobrecido”. Eu e o Ir. Domingos, participamos entre os dias 10 a 15 de julho, em Maputo, de um curso para formadores sobre Inculturação, Afetividade, Fidelidade e Oração, que teve 85 participantes: 16 brasileiros e inúmeros com formação e missão no Brasil. Está a crescer o número de formadores moçambicanos. Depois fui visitar as Irmãs Scalabrianas na fronteira com a África do Sul, cujas 4 são gaúchas, entre elas o Ir. Santana que fez o Cetesb comigo, no Rio, em 1996. Aproveitei os 11 dias para um descanso. Esta semana também realizamos os Conselhos de 65 turmas. E Escola tem 3.180 matriculados em 2005. Esta manhã entregamos os boletins aos pais e encarregados.

Gostaria de partilhar uma palavra do maior historiador da África, de Burkina Faso, José Ki-Zerbo, quando as atenções se voltam para a Jornada Mundial da Juventude, em Colônia, Alemanha: *“A juventude africana encontra-se perante um passado mudo, um presente cego e um futuro surdo. A juventude africana vive separada da sua própria história, desestruturada na sua tradição oral, desconhecendo a sua identidade, quebrada durante 500 anos. Por isso o seu passado é mudo. Um presente cego se se olha para a situação de em que tem de viver: constantes guerras internas ou nas fronteiras, pobreza extrema em forma de fome ou de insuficientes condições educativas ou sanitárias, a instabilidade política e a corrupção, etc. E um futuro surdo. Não se ouve o barulho dos tambores de África em nenhum dos centros de poder da globalização. África não tem relevância na pugna pelo poder económico, político ou tecnológico”*. Isso é um grande desafio para nós, educadores da juventude, logo que 54% dos africanos tem menos de 20 anos. Creio que ainda é possível uma África melhor: salvemos a sua juventude. A nossa capacidade de formar “honrados cidadãos e bons cristãos” para pela nossa capacidade de escutar o clamor da juventude, para ajudá-los a combater a “surdez” do futuro. Isso comprova a urgência da missão lassalista em África, atualmente em 22 países.

Que este jornal informativo encontre a todos de bem saúde com votos e preces de quem estima os/as estima muito.

Um Pouco de Moçambique 21- Beira, 16 de outubro de 2005 (2005e)

O último informativo africano, escrevi quando do início do 3º trimestre. Agora volto quando do término do mesmo, pois amanhã é o último dia de aulas para a 12ª Classe e as demais todas terminam até o dia 21 de outubro. Após esta data apenas conselhos de notas,

preparação aos exames nacionais, exames, correções e entrega de resultados. Este ano todas as classes de exame – 5^a, 7^a, 10^a e 12^a – terão duas épocas. Isso aumentará em muito o trabalho dos pedagógicos e dos professores. Além disso, as correções voltam a acontecer nas escolas com “paralelismo pedagógico”, isto é, reconhecidas oficialmente. Com isso a média do ciclo tem o dobro de valor do exame. Isso dá mais chances de passar para os alunos que possuem boas médias, digamos de 11 a 12 para mais, pois as notas são sobre 20.

O trimestre foi rápido. O destoaou um pouco foram os inúmeros feriados: seis ao todo. Além disso, faleceram mais duas alunas - 10^a e 12^a Classes - de 27/28 anos, em agosto, aumentando para seis o número de alunos que perderam a vida neste ano. Ontem celebramos o dia do professor, ocorrido dia 12 de outubro. Graças, nenhum professor faleceu neste ano. Dia 1^o de outubro aconteceu o Baile dos Finalistas na Tropicana. Foi uma festa de arramba. Neste ano foi devolvido dinheiro aos alunos. Em agosto tivemos a visita do Ir. Luigi e Franchesca, da ANPIL da Itália, Nuno e Patrícia do SOPRO de Portugal, e, em setembro, de duas médicas especialistas em HIV/Sida, do México. O Ir. Sandro voltou ontem com o Ir. Marco de Maputo. Esteve o mês de setembro fazendo curso sobre elaboração de projetos na Espanha e o Ir. Marco acompanhou as médicas até a África do Sul. O Ir. Nelson que andou de férias no Brasil retornou dia 30 passado. O Ir. Irineu continua por lá. Os demais Irmãos e formandos estamos todos bem de saúde. Eu devo viajar dia 30 de novembro para três meses de férias. O peso das responsabilidades e o calor – estamos passando por uma longa estiagem – desgastam e muito mesmo. Também acompanhamos a eleição do novo Provincial e de sua equipe, Conselheiros Provinciais, XI Capítulo Provincial e o texto final. O Ir. Ivo está a participar da 4^a etapa do Sínodo Arquidiocesano em Nazaré. A última etapa será em dezembro.

Aqui se falou muito ultimamente dos Objetivos do Milênio, devido a Cimeira da ONU em Nova York, em agosto último. Moçambique precisa avançar muito segundo as ONGs, mas o governo diz que tudo está a ser cumprido. Para nós estrangeiros e que acompanhamos o desenrolar dos fatos e estamos inseridos a realidade do povo, parece que alguém está mentindo. O governo afirma que há 10 mil escolas no país e que constrói 3 mil salas de aula a cada ano, que 83% das crianças estão na escola – em torno de 4 milhões, com isso assegurará o acesso de toda população estudantil até 7^a classe, em 2015. Todavia, entre os objetivos e a realidade existe um imenso abismo. A massificação do ensino em detrimento da qualidade: a quantidade é prioridade em relação à qualidade. Isso é possível ver na capacitação dos quadros de professores(cursinhos pedagógicos de 45 dias, ensino à distância em massa), na distribuição dos recursos, no número de alunos por professor (60 a 90 por sala), no grande número de aulas dadas debaixo de árvores, na promoção automática dos alunos nas classes de passagem (alunos não lêem, não escrevem), todos jogados no novo currículo (cidade e campo), na metodologia de transmissão dos conteúdos (bom professor é aquele que dita mais matéria, pois com isso ninguém conversa), nas reprovações em massa nos exames, na distribuição dos livros tardiamente. Apesar da escola ser uma instituição relevante na sociedade, o governo parece querer dar passos muitos “largos”, exigindo muito dos parceiros internacionais e gerando grandes polêmicas em relação a preparação para o futuro.

Moçambique está perto de 19 milhões de habitantes é só têm perto de 600 médicos nacionais, segundo o Ministro da Saúde, Ivo Garrido. A Associação Moçambicana de Escritores tem 80 membros, dos quais 50 têm livros publicados, todavia dentre eles, apenas 7 mulheres. Dos 42 integrantes do Ministério (25 ministros e 17 vice-ministros, apenas 10 são mulheres, além da 1^a Ministra e 2 Governadoras, mas tem 40% de mulheres na Assembléia da República. O país que tem mais presença feminina no mundo é africano: Ruanda tem 39 mulheres dos 80 deputados, ultrapassando a Noruega com 45%. Moçambique está em 10^o lugar.

Em agosto aconteceu a FACIM – Feira Internacional do Comércio e Indústria – em Maputo. e havia mais de 50 expositores brasileiros. Segundos os noticiários o Brasil fez bons negócios. Aqui nenhum dos três canais locais - TVM , STV e Miramar – falam nos seus noticiários sobre a corrupção no Brasil. Isso aqui tem de sobra. A Miramar transmite direto a

Record – sábado e domingo tem jogos ao vivo do campeonato brasileiro. A STV transmite as novelas brasileiras em sua maior parte: agora é Chocolate com Pimenta, Celebridade... A TVM (do governo) também tem no horário nobre as novelas e os seriados brasileiros: Malhação de 2002, Clone, Coração de Estudante. Repercutiram muito os furacões dos EUA e os inúmeros acidentes de aviação, os atentados diários no Iraque, o terremoto no Paquistão. O que Deus está querendo mostrar aos EUA e Médio Oriente.

A vinda de alguns jogadores da seleção tetra campeã de 94 (Tafarel, Jorginho, Silas, Bebeto, Paulo Sérgio), e jogadores da ala Atletas de Cristo. Era uma mescla de sênior e em atividade, especialmente do Rio. Tive a oportunidade de jantar com eles (eu e o Ir. Jacir) dia 5 de outubro e dia 6 participar do jogo na Beira com empate de 2 x 2. Dia 2 ganharam por 4 x 2 em Maputo e dia 4 por 6 X 1 em Nampula. Foi uma promoção das Igrejas Evangélicas de Moçambique. A maioria dos pastores tem os seus filhos aqui na Escola. Aliás, devo viajar ao Brasil com o Pastor Nelson e sua família, da Igreja Assembléia de Deus.

Neste último trimestre me dediquei um pouco ao futebol feminino. A questão do gênero é uma área muito vulnerável, pois é a menina que mais está propensa ao HIV/Sida. Muitos organismos internacionais tem ajudado Moçambique em algum projeto voltado para a rapariga. Com a ajuda de um técnico que trabalha no futebol feminino treinamos nas 3as, 5as e sábados um grupo de 40 alunas da Escola João XXIII. É um trabalho nada fácil, pois há muita desistência, falta de responsabilidade somado a lentidão com que assimilam os fundamentos e as técnicas esportivas. Cada uma só quer jogar, mas ninguém quer treinar. Repito é um trabalho árduo.

Por fim, desejo que esta carta encontre a todos bem de saúde. Desejo revê-los em minha passagem de férias e dia 08.01.06 quero celebrar os meus 25 anos de profissão e entrega à causa da educação cristã das crianças e jovens como Irmão. Tenho muito a agradecer por todas as oportunidades e dons recebidos.

Desde a África, lugar com as paisagens mais diversificadas e imagináveis da terra, meu grande axé.

Um Pouco de Mangunde 22 - Mangunde, 25 de fevereiro de 2006 (2006a)

Neste final de semana todas as atenções do Brasil devem estar voltadas para o carnaval. Aqui não temos nenhuma notícia a não ser pela internet. Aliás, este já é o 10º ano em que vivo fora das badalações carnavalescas. Nem parece mais estranho, apesar de como as leituras deste domingo falam: todos necessitam de momentos de alegria, de festa e confiança.

Ainda estamos um tanto abalados pelos tremores que terra que aconteceram em Moçambique nesta última semana. Passados 19 min depois da meia-noite do dia 23 de fevereiro (4ª f. para 5ª f.), todos fomos acordados e sacudidos pelos violentos tremores de terra ocorridos a menos de 100 Km da Missão de Mangunde, na região de Sbungabera, província de Manica, de 7,5 graus na escala Ritchner. Bem, para se ter uma noção o abalo sísmico foi percebido em mais da metade do país (Beira a 225 Km, Maputo capital a 530 Km) e no exterior, em Harare capital do Zimbabwe a 500 Km e até em Durban na África do Sul a mais de 1500 Km. O epicentro foi a 10 Km debaixo da terra (o que é relativamente bem na superfície da litosfera). Os danos materiais e humanos foram pequenos, pois foi numa região essencialmente rural: mesmo assim uma criança morreu e 18 pessoas ficaram feridas. O barulho foi intenso como de máquinas britadeiras, ruídos, ventos, todas as estruturas da casa, camas, portas, armários balançaram e até o alarme do carro disparou. Apenas dois vidros das janelas da casa trincaram, mas um grande susto para todos da Missão. Imaginem 550 internos e 230 internas, funcionários, professores, religiosos/as e visitantes todos correndo para fora das habitações. Seguiram-se vários outros abalos menos intensos durante toda madrugada, gerando sempre muita apreensão. Mas, o pior de tudo era não ter nenhuma notícia ou informação sobre o que estava acontecendo. Terremoto...? Mas África não possui falha de placas tectônicas cruzando o continente? Somente às 5h20min consegui algo na internet e soubemos que foi em Moçambique, sem precisar o lugar.

Bem, como já sabem que depois das minhas férias e celebração dos 25 anos de profissão religiosa celebrados em minha terra natal, Cerro Largo, em 8 de janeiro passado, voltei para a África, na nova comunidade lassalista, na Missão de Mangunde, a 280 Km de Beira, onde atuei os últimos três anos como formador e pedagógica da Escola João XXIII. Somos em 2 Irmãos e 2 leigos brasileiros. Após uma viagem de 57 horas com pernoites em hotel de São Paulo e de Joannesburg, chegamos dia 29 de fevereiro, mas as malas só chegaram dia 3 de fevereiro, uma semana depois sem nenhum perda ou roubo. Dia 30, eu e o Ir. Domingos viemos para Mangunde e retornamos dia 1º de fevereiro para Beira para buscar a mudança e trazer o casal, voltando no dia 4 de fevereiro. Dia 31 participarmos da abertura solene do ano letivo 2006, com a presença de autoridades da Direção Provincial de Educação de Sofala, Administrador Distrital e outros. Dia 5 de fevereiro fomos solenemente apresentados para todos os durante a missão. Depois houve um almoço com a presença dos padres Combonianos de Muxúngu (55 km daqui) e Irmãs Combonianas.

Dia 6 de fevereiro iniciaram às atividades do ano lectivo com mais de 1800 alunos, dos quais 780 internos. Por ser Coordenador Adjunto da Missão, não dou aulas, mas acompanho a Direção da Escola e do Internato, trabalho em atividades de paisagismo com internos e alunos, acompanho dos funcionários da missão: plantação, criação de gado, porcos, cabritos, assessora a catequese, além de precisar dar assistência na formação dos professores, acompanhar a supervisão e ajudar a organizar os internatos de Machanga (205 km), Barrada (190 km) e Estaquinha (65 km), sendo estradas de chão batido. É preciso ter carro com tração para andar nestas épocas de chuva. O Ir. Domingos é professor de História e Filosofia. O Alexsandro é professor de Geografia e EMC e a Letícia é professora de Português. Além disso, ajudam em outras frentes de trabalho de formação de professores, catequese, grupos de tarefa, etc.

Aqui não tem telefone nem sinal de celular, luz elétrica, apenas 2,5 horas (18h30 às 29 h), e temos algumas placas solares de energia solar. Segundo promessa do presidente da República, até final de 2007, todos os distritos devem ter energia elétrica. Claro, nós estamos mobilizados para que esta linha passe por Mangunde para a sede, Chibabava, a qual conheci dia 22, 4ª feira. Fica a mais de 40 km da estrada nacional EN1, tem agora uma escola completa (até a 7ª Classe), algumas casas velhas, um aviãozinho que caiu durante as cheias de 2000 e galpões de armas usadas durante a guerra entre 1976-92. Voltando para Mangunde, o único sinal que temos e-mail via satélite no Centro de Saúde, a uns 150m da casa, mas não é possível ligar todo dia. Sorte que funciona o Outlook. Ah, temos uma parabólica com a qual é possível pegar um único canal de Moçambique, a TVM, do governo, e que completou 25 anos nesta última 6ª feira, dia 25 de fevereiro.

A Missão é a "menina dos olhos" da região. Foi construída pelos Franciscanos em 1945. Após a independência em 1975 foi encampada pelo Governo. Durante a guerra civil foi ocupado pelo Exército do FRELIMO e guerrilha da RENAMO. Após o Acordo Geral de Paz foi devolvida à Igreja, que a passou aos Combonianos que a reabilitaram e a ampliaram. Até o governador de Sofala com a esposa e 4 filhos veio refugiar-se no natal último aqui. Somos bem atendidos pelos padres combonianos: há pelo menos 3 missas semanais. Aos sábados, à tarde, todos os internos/as participam da catequese de pré-catecumenato, catecumenato, batismo, crisma, formação bíblica e/ou humana, divididos em 24 turmas. Aqui parece uma torre de babel. Há gente de todos os cantos: Brasil, Equador, EUA, Portugal, Itália, Zimbábwe, França... Moçambique. Aliás, ontem chegou a Ir. Francinete, do Piauí, mas que trabalha há 6 anos em Nampula/MZ. A língua mais falada aqui é o chindau, difícil de compreender. Já sei algumas palavras: mamuka (bom dia), padoko-padoko (pouco-pouco), posdade (boa tarde) taponga maningue (muito obrigado), etc.

Semana passada, recebemos a visita do Ir. Provincial e do Ir. Jardelino, ocasião em que foi instalada oficialmente a nossa comunidade: dia 16 de fevereiro, além das presenças do Ir. Sandro e Ir. Marco Antônio de Beira. Na mesma data, em 1986 fiz minha profissão perpétua; em 1997, em Uruará foi aberto o Juvenato com 8 formandos, dos quais 3 são Irmãos e em Beira(MZ) foi aberto o Noviciado com 3 jovens dos quais um Irmão. E agora, o dia 16 passa para a história lassalista por mais esta efeméride. Depois, dia 18 seguimos

para Beira, onde domingo, 19, os 2 noviços, António e Gildo, fizeram sua primeira profissão, seguida de uma bonita festa na Escola João XXIII. Além disso, 3 jovens entraram no Postulado e 3 continuam no 2º ano, além de um noviço no Brasil. Assim já temos agora 5 Irmãos, além dos 3 que deixaram o Instituto.

Também passaram por aqui dia 23 e 24 o casal de médicos austríacos, bem jovens, que nos próximos dias virão trabalhar na Missão. Também, durante esta semana ficou aqui um italiano que está a conhecer as 4 Missões do Esmabama, a fim de ver projetos em andamento e possibilidades de ajudar financeiramente. Acabo de falar com ele, está muito impressionado com os trabalhos em andamento e possivelmente conseguirá ajuda de amigos fornecedores de seu supermercado que possui na Itália, para construir mais uma ala de 4 salas de aula e 2 gabinetes. Isso nos alegra, pois ainda temos várias turmas de alunos que sentam no chão em barracos aqui.

Nesta próxima semana devemos atacar trabalhos de organização da Secretaria, além de iniciar uma nova modalidade de organização do trabalho no internato masculino. Quero também visitar as 3 escolas anexas à Missão e uma vista ao Régulo Mangunde, pai do líder da oposição Afonso Dkahlama, e o qual origem ao nome daqui. Tem 80 anos, mas está bem. Pena que cada vez que falo com ele preciso de tradutor. As outras notícias ficam para a próxima vez.

Abraços e felicidades a todos e todas. Espero que tenham um bom final de festas de carnaval e possam viver intensamente o período quaresmal. Acabo de saber que vai sair algo na Zero Hora. Deu mais um pequeno abalo. Balançou a mesa. Desligo.

Um Pouco de Mangunde 23 - Mangunde, 9 de abril de 2006 (2006b)

“Abraços e felicidades a todos e todas. Espero que tenham um bom final de festas de carnaval e possam viver intensamente o período quaresmal”, assim terminava a carta passada. Hoje já Domingo de Ramos, dia 9 de abril. As cerimônias foram bastante longas e tudo em língua chindau. Na celebração de ramos terminou o Encontro de Jovens que iniciou 6ª feira, à noite, aqui na Missão, reunindo mais de 150 jovens e adolescentes da Paróquia São Francisco de Assis, Mangunde. É a Páscoa novamente está a se aproximar. Aliás, segundo fontes históricas hoje é o aniversário da Páscoa de Jesus, ocorrido provavelmente em 9 de abril do ano 30. Desde já auguro a todos e a todas os melhores votos de que a Ressurreição do Senhor possa também ser uma ressurreição na vida de cada um de nós. Feliz Páscoa!

Em minha carta anterior falava dos abalos sísmicos que estavam acontecendo em Moçambique. O 1º terremoto – forte – ocorreu em 23 de fevereiro último. Após esta data ocorreram inúmeros – mais de 20, mas todos com menos intensidade. Todavia, fazem tremer nossa casa e causam muito pânico e alvoroço em nossas vidas. Entre os mais fortes depois foram os do dia 15 de março, com dois durante a tarde: um de 5,3º e outro de 5,6º na Escala Richter, mas com o epicentro em Chitobe, a menos de 60 km de Mangunde. Outro foi agora na madrugada do dia 4 de abril. A Missão com mais de 900 pessoas morando tudo logo vira às avessas. Na verdade Moçambique é uma região sismológica ativa. Foi “descoberta” placa com uma fenda de 6 mil km que começa na Síria, atravessa o “Corno” da África, desce pelo Congo, Tanzânia, Província de Manica e entra no mar pelo Canal de Moçambique. Como este fato gerou discussão e levou até o Presidente da República visitar a região mais afetada. Segundo o balanço oficial (governo), os tremores vitimaram 6 pessoas, 36 feridos, destruiu 288 casas 3 pontes e 16 escolas, danificou várias redes elétricas e deixou mais 1400 desabrigados. Deixou muitas rachaduras na terra, na região do sismo. Graças a Deus, não ocorreu nenhuma tragédia maior, pois a região é pouco habitada, muito pobre e nenhuma cidade grande por perto. Por isso temos muito que louvar e agradecer ao Senhor da nossa vida. Agradeço as mensagens de apoio e solidariedade.

Como escrevi na vez passada que dia 6 de fevereiro iniciaram às atividades do ano lectivo com mais de 1801 alunos, dos quais 767 internos/as. Exerço a Coordenação Geral da Missão. É um trabalho um tanto desgastante e com muitas reuniões e acompanhamento das atividades mais variadas. Ora com a Direção da Escola, ora com os responsáveis dos Internatos, ora com todos os funcionários da agropecuária, etc. Além disso, ajudo no Curso

de Formação dos Professores sem Curso Superior das nossas 4 Missões: Mangunde, Machanga (200 km), Barada (140 km) e Estaquinha (65 km). Atualmente, totalizam 40 trabalhadores da educação. Temos encontro praticamente quinzenalmente e as estradas de chão batido. Em todas já fizemos a 3ª ou 4ª etapa de 15 previstos até o final de outubro. É uma boa experiência e ao mesmo tempo estou aproveitando para me inteirar dos internatos, biblioteca, escola, agricultura de cada Missão. Estamos partilhando experiências e trocas de plantas e sementes... Põe parceria!!!

“Mangunde está diferente!” “Estou passeando na minha cidade!” “O Irmão botou todos no trabalho!” Estas são expressões que se ouvem dos alunos, internos, professores, funcionários. Sem dúvida, uma das minhas primeiras preocupações na Missão está sendo o trabalho de limpeza, plantios e reestruturação paisagística. Nestes dois meses fizemos uma verdadeira revolução ambiental em Mangunde. Capinamos a estrada toda (1,3 km), podamos boa parte das árvores, fizemos grandes mutirões de limpeza em toda área da escola, internatos e missão, nivelamos os caminhos, plantamos centenas de árvores frutíferas (mangueiras, jambeiros, abacateiros, cajueiros, caramboleiras...tudo em covas profundas e enchidas com lixo orgânico.), mais de 150 mamoeiros, mais de 120 “coração de boi”, calçamos com pedra e areia vários caminhos no setor da administração e internatos e ajardinamos, criamos o complexo esportivo com campo de futebol sete, voleibol e basquetebol, claro tudo no chão batido, iniciamos o plantio de capim, levamos todo capim tirado para cobertura morta no tomate, no couve, na cebola... “Mangunde está virando cidade...” Isto mesmo, é bonito ver e sentir que a auto-estima de todos está aumentar. Percebe-se mais alegria e empenho e participação em certas tarefas. Outrossim, trabalho na organização da Secretaria, Pedagógico, Internatos e, nesta última semana, especialmente na Biblioteca.

Estamos no 1º intervalo escolar de 2006. Dia 7, 6ª feira, desde as 3 horas, o internato parecia um verdadeiro zoológico. Era gritos, assobios, uivos, imitações de vozes... Às 5 horas, quando tocou o sino, o delírio foi geral: alegria, emoção, pulos, gargalhadas. Creio ter sido o levantar mais rápido, apressado, alegre do ano. Era dia para viajar e se reencontrar com familiares, amigos/as... Que bom se a vida fosse início de férias! Quase 15% dos internos/as permanecem, pois são pobres, sem dinheiro para viajarem. Assim trabalharão para pagar parte dos seus estudos. Amanhã está previsto a divisão em grupos para horta, rega, plantio de árvores e gramados, limpezas, etc. Amanhã o Alexsandro e a Letícia viajam para Maputo, juntamente com o Ir. Domingos que foi 6ª feira para Beira e de amanhã para a Capital do país. Devem voltar após a Páscoa.

Algumas outras notícias de Moçambique. Dia 5 de março foi morto, crivado de balas, o deputado da Renamo (oposição), José Mascarenhas, em Beira, e só reconhecido dia 8. As circunstâncias da morte são ainda uma incógnita. Dia 15 de março a China doou 30 mil doses de um novo medicamento contra a malária, doença que atinge mais de 100 países, com mais de 3 milhões de mortes/ano. Em Moçambique mata 18% das crianças com menos de um ano. Aliás, Moçambique possui uma das maiores taxas de mortalidade infantil do planeta: 125 por mil nascimentos antes de completar 5 anos. Tivemos poucas chuvas aqui, mas houve enchentes aqui na Província de Sofala que deixaram 16 mortos, 1 desaparecido, destruí 20 escolas e 400 casas, além de 10 mil hectares de plantação e deixou 5 mil desabrigados. Um vendaval na divisa com o Zimbábwe também matou 34 pessoas na Província vizinha de Manica.

Esta semana, foram divulgados alguns dados pelo Ministro da Saúde, nada animadores: O país tem 19 milhões e perto de 600 médicos (1 para cada 33 mil habitantes) e pouco mais de 6 mil enfermeiros (uma defasagem de mais de 5,6 mil). Por outro lado, há apenas 141 estudantes de Medicina nos 2 Cursos do país: UEM e UCM, com 7 e 6 anos, respectivamente. A Província de Sofala tem 47 médicos, com exceção de 3, cada Distrito tem apenas um). Por outro lado a sida (aids) está a crescer. Sofala também tem 28,5% da população infectada. Cada dia surgem 500 casos novos (aqui no Hospital Dia da Missão têm 55 pessoas que recebem tratamento antiretroviral e em média 25% dos que fazem testes são soropositivos. A principal causa seja a proximidade com a África do Sul e

Zimbábwe, países com altos índices de soroprevalência. Mas, Moçambique é um dos países emergentes do mundo.

Ultimamente, temos recebido muitas visitas na Missão. Além dos superiores em fevereiro, recebemos um italiano Giovanni, o qual deseja construir mais 5 salas de aula. Dia 21 a 23 de março estiveram aqui o Franz e Luiz, austríacos do Movimento dos Homens Católicos que construíram uma ala com 5 salas de aula, dormitório feminino, redes mosqueteiras para todos os internos, Casa de Espera, patrocinam o Ensino à Distância (Bacharelato) e Alfabetização de Adultos. Devem construir Casa de Acolhida no Hospital. Hoje chegam os responsáveis dos médicos Dr. Meinhard e Dra Angelika (aniversariando hoje), voluntários austríacos que trabalham aqui. Esta semana chegam benfeitores de Mônaco, com perspectivas de construir refeitório e padaria, além do novo casal que atende a Esmabama. Precisamos atendê-los bem pois dependemos destas ajudas. Última: dia 27 jantar com o Presidente da República, em Chibabava.

Com estima e amizade. Rezemos uns pelos outros. Boas Festas de Páscoa!

Um Pouco de Mangunde 24 - Mangunde, 22 de abril de 2006 (2006c)

Jesu Wakamuka! Sim, estimados/as amigos/as, Jesus Ressuscitou! Alegremo-nos, aleluia!

Falando um pouco da Semana Santa... Dia 11 de abril, 3ª feira, recebemos a visita de um casal de Monte Carlo, Mônaco, Franchesco e Paola, que doou 20 mil euros para construir uma padaria. O forno e o instalador já nos doados por outra entidade. A construção inicia em maio. Estiveram acompanhados de Alessandro e Elisa, casal italiano, que irá assumir a coordenação central no Esmabama, em Beira.

Dia 12, foi a enterrar o Pe Manuel Mucauro, na Beira, o 1º padre da Arquidiocese da Beira, ordenado em 1964 com um colega, Pe Mateus, o qual foi morto durante a guerra da independência em 1969 na Tanzânia. Durante a guerra estudou Medicina na Itália e desde 1985 atuava como médico-pediatra no Hospital Central da Beira além ser atualmente Vigário Episcopal. Andou doente de tuberculose e câncer de próstata. Era o decano da Arquidiocese com 75 anos. Foi uma grande perda. Atendeu a Paróquia São Benedito do Chingussura durante seis anos, onde trabalham os Irmãos na Escola João XXIII. Estive na festa dos 40 anos de sacerdócio em 2004.

O Tríduo Pascal foi aqui na Missão e a Páscoa na sede do Distrito, Chibabava, a 18 Km. Todas foram cerimônias na língua local chindau e relativamente curtas, pois o Pe. Martinho, comboniano português, acabou de voltar do Brasil, após 10 anos de trabalho missionário por lá (antes trabalhou em Moçambique desde 1963 e no Malawi, durante 9 anos com os refugiados da guerra). A ceia pascal, fiz com ele e o casal de médicos austríacos, Dr Meinhard Knitel e Dra Angelika Franz, que trabalham pela ONG Horizont 3000. Na Páscoa almocei com a comunidade católica de Chibabava e à noite houve uma grande janta com os responsáveis das 4 Missões e trabalhadores da Esmabama, Padres e Irmãs combonianas, em Muxúngue, 47 km.

Gostaria de partilhar um pouco a Sexta-feira Santa, Aqui em Moçambique há tolerância de ponto para os cristãos a partir do meio-dia. Neste dia Alexsandro e Letícia foram cedo para Beira com o nosso motorista Mônico, e de lá para Mapuito no sábado de machimondo (ônibus). O Ir. Domingos já havia viajado na sexta-feira anterior. Fiquei sozinho. Pela manhã plantamos relva (grama) com os internos que ficaram aqui nas férias intervalares. Ao meio-dia, a Irmã do internato levou um grupo de meninas para a Estrada Nacional Número 1, pois a "Ave Maria", (toyotinha que faz a linha para Muxúngue), não estava a circular. À tarde, procurei fazer retiro (um momento forte de oração e meditação), enquanto os meninos ficaram a regar toda a grama e árvores plantadas durante a semana. Uma cena chamou-me a atenção ao ouvir um grupo ao regar, cantar "Senhor, tende piedade, tende piedade, piedade de nós"... Genial. Às cerimônias iniciaram apenas às 18h30min. Às 20h45min, na hora em ia colocar a colher na boca, um tremor de terra de 5.4º Richter balançou a casa. Todos correram para fora da casa. Ainda bem que durou apenas uns 15 segundos. Apenas mais um susto!

Nesse dia, no país, as notícias da TV ao meio-dia foram que a cólera estava a eclodir na província nortenha de Nampula e que estava se espalhando por 9 Distritos; a prisão de 67 bengalis em Nacala (Nampula); os 60 homicídios ocorridos no nosso Distrito de Chibabava nos últimos dois meses; os dois supershow's com a rainha gospel, Rebecca Malope, vinda da África do Sul, em Maputo; a reportagem sobre o Fórum Social Moçambicano na periferia da cidade de Maputo e a tentativa de trazer o Fórum Social Mundial para cá em 2007; os benefícios da batata africana na ajuda dos infectados de aids em Nampula, através de um trabalho coordenado pela Arquidiocese de Nampula; a situação precária de escolas de palhas na Província vizinha da Zambézia; as dificuldades de se chegar ao Distrito de Chinde, que fica a 200 km da capital da Zambézia, mas devido às chuvas leva-se 17 horas, das quais 15 horas de barco; a perda de 15 milhões de dólares de empréstimos/ano ao país pelas más aplicações; a situação da aids no país é de 509 infecções novas ao dia, mas que o país quer levar a 350 em 2.010 e em 150 em 2.014; a reabertura de uma fábrica em Monapo (Nampula) que deve produzir biodiesel; entre outras.

Esse dia, em nível internacional africano, registrava: a ocupação da capital do Chade pelos guerrilheiros e com patrocínio do governo sudanês, pois o Chade acolhe mais de 1,7 milhões de refugiados de Darfur, região onde existem maiores problemas humanitários (fome); a situação dos 7 mil mutilados de uma perna da guerra da Libéria, vivendo nas ruas, mas que tem como alegria jogar futebol de muletas, e que alcançou o 3º lugar mundial da modalidade recentemente; a eclosão de uma epidemia de meningite no Níger; a tentativa de golpe fracassada em São Tomé e Príncipe; o golpe no Senegal pelo grupo separatista do sul, Casamança, que há 20 anos tenta a independência; a violência dos boinas azuis da ONU contra os hutus na República Democrática do Congo; início para os próximos dias das negociações de paz no Burundi onde morreram mais de 300 mil; os intensos protestos no Nepal; etc.

Estamos no intervalo escolar desde o dia 7 de abril. O 2º trimestre recomeça 2ª feira, dia 24. Nestas duas semanas fiquei trabalhando com um grupo de internos que não puderam ir de férias devido à falta de dinheiro e situação de pobreza dos familiares. Aproveitamos para fazer uma verdadeira revolução paisagística na Missão. Colocamos estacas novas, terra e proteção em todas as árvores plantadas este ano; replantamos inúmeros mamoeiros; fizemos passeios com pedras e areia em toda a área da secretaria e administração; plantamos grama em todos os pátios da escola; fizemos quatro rótulas e canteiros centrais em duas vias da Missão; plantamos muitas flores em especial 11 horas; organizamos a horta dos Irmãos; preenchemos os buracos das ruas com entulhos de construção e/ou pedras; debulhamos mais de 30 sacos de milho as mãos; colocamos inúmeras bancas com troncos para sentar; abertura de mais de 40 buracos para plantar árvores; capinamos as ruas da Missão; plantamos muito feijão manteiga e muitos tomateiros; construção de uma casa para uma senhora pobre; etc. Tudo isso com uns 40 internos. A verdade que isso gerou uma grande euforia e da auto-estima no grupo. Isso trouxe muita alegria, empenho e participação nas tarefas. Quem está voltando está impressionado com as mudanças. Vi funcionários, guardas, responsáveis, internos, voluntários, Irmãos, professores, internos... apreciando a beleza e verificando que não adianta nada um grande número. Os próximos empreendimentos são: continuar a fazer um campo de futsal e vários de voleibol, abrir covas ao longo da via de acesso, plantar hortaliças, debulhar milho, fazer passeios de pedra e plantio de grama no internato masculino, horta escolar, ajuda na Missão de Machanga, e outros. "Mangunde está diferente" já é uma realidade. O Administrador do Distrito cada dia que passa por aqui fica mais impressionado. Fico feliz e me alegro em poder ajudar com meus conhecimentos. Para mim, a obra mais útil até o momento foi um campinho de chão batido de futebol sete. Diziam-me ontem, no trabalho, alguns internos: "voltei a jogar depois de um ano"... "é melhor jogar aqui"... "fica mais perto e todos olham"... A última: o Administrador do Distrito é muito meu amigo veio aqui na Missão inúmeras vezes para conhecer os projetos e implanta-los na sede do Distrito. Alex e Letícia estavam a catalogar todos os livros da biblioteca antes de viajarem. O Ir. Domingos voltou 4ª feira, à noite, de Maputo e 5ª, à tarde, foi no encontro pastoral da Zona Um da Arquidiocese, em Estaquinha.

Com estima, amizade e orações. Aliás, rezemos uns pelos outros. Boas Festas de Páscoa! Aliás, creio que os brasileiros/as estejam a curtir o feriadão de Tiradentes e dos 506 anos da chegada dos portugueses. Aqui voltamos à lida escolar dia 24. Na próxima semana tenho pelo menos seis reuniões de pais e encarregados em diversas localidades da região das vêm internos/as. Esta tarde, deve voltar o Ir. Domingos, e o Alexsandro e Letícia vêm com o Ir. Ivo, de Beira, pois Alex está novamente com malária.

Que viva Jesus “Ressuscitado” em nossos corações para sempre!

Um Pouco de Mangunde 25 - Mangunde, 18 de junho de 2006 (2006d)

Boa tarde! Estamos todos bem de saúde. Aliás, desde o dia 9 de maio estávamos sem o sinal da internet, a única forma de comunicação, mas que voltou hoje, à tarde, mas muito precariamente. O material teve que vir da Itália.

O tempo corre e já estamos terminamos maio. Um mês cheio de atividades, festividades e comemorações aqui. Dia 1º a comemoração do dia do trabalhador. A data tem um significado especial, pois nestes últimos três anos mais de 11 mil postos de empregos foram perdidos no país devido à falência de empresas e/ou incapacidade administrativa. Só em Sofala, em 2005, foram demitidos mais de mil trabalhadores, em especial na área têxtil. Na outra Província de Tete está a fechar uma “gigante” da área de tabacos no final deste ano devido a concorrência da rival, Mozambique Leaf Tabaco, favorecida pelo governo, a qual deixará pelos menos 550 desempregados. Outrossim, o governo anunciou feliz que nos últimos 14 (lê-se catorze mesmo) anos, 40 mil novos postos de emprego foram criados no País, especialmente nas empresas açucareiras e de segurança, esta devido a insegurança que está a reinar em todo País e aquelas pela reabilitação). O que é isso?

Dia 6 de maio, repentinamente, morreu um aluno da 5ª classe, com 17 anos, funcionário do diretor da escola. Os sintomas eram de meningite. Eu estava na Missão de Estaquinha dando curso de formação de professores. Ao voltar havia sido enterrado, mas fizemos uma intenção especial no culto dominical oficiado por mim, dia 7 de maio. Dias 11, 12 e 13 de maio tivemos cada dia a morte de uma criança da população. Pensávamos que poderia ser um surto, mas que não se confirmou.

Dia 8, dia de Nossa Senhora da Estrela, co-padroeira do nosso Instituto com São José, foi também o aniversário do Ir. Domingos. À tarde, houve reunião do Conselho Pastoral da paróquia seguido de um jantar pago pela Missão, com a presença dos padres e Irmãs Combonianas, Irmãos e leigos voluntários em Mangunde. Foi muito bonito! Dia 11, à noite, deu um outro pequeno tremor que nos levou para fora de casa. Dia 12, Dia do Enfermeiro, foi uma data significativa na Missão, pois há o Posto de Saúde e o Hospital Dia (tratamento da aids). O encontro entre o pessoal da saúde ocorreu sábado de tarde, seguido de um grande jantar no salão do Hospital, também com a nossa presença: Ir. Plácio, Alex e Letícia. Na reunião foi anunciada oficialmente a saída da Ir. Palmira (portuguesa), diretora da Comunidade Religiosa e do Hospital em julho próximo, após 11 anos de trabalho. Falando em enfermeiro, o país com mais de 19 milhões de habitantes possui apenas 5.770, sendo 870 de Sofala, os quais em média atendem 70 a 80 consultas diárias.

A isso poderíamos acrescentar que “em nome da pobreza”, o enfermeiro precisa estar aí para atender situações nada fáceis, tendo em conta as tradições milenares que atribuo as doenças sempre ao vizinho, ao mau olhado, ao feitiço, à inveja ou ciúme... e nunca ao desleixo e falta de higiene geralmente dele mesmo. E o pobre, enfermeiro precisa resolver! Outrossim, a malária é a doença que mais mata no país, com mais de 4 mil óbitos em mais 5 milhões de casos anuais. As cinco Irmãs Combonianas já tiveram uma ou duas vezes neste ano, o Alex, duas vezes, e, ultimamente, muitos internos e internas (geralmente com uma cruz, a resistente).

Dia 14, domingo, celebramos antecipadamente a solene missa do Dia de La Salle, na Paróquia. A missa celebrada pelo Pe. Otorrino, animada pelo Alex e a Letícia, com os jovens, e o Ir. Plácio fez a homilia. O Ir. Domingos havia ido para Beira dia 12 para participar de um Encontro de Religiosos com Votos Temporários. Retornou domingo à tarde, com o Ir. Sandro. O Ir. Plácio, Alex e Letícia foram almoçar em Muxúngue (48 km de estrada de chão)

para ligar aos familiares do Brasil por ocasião do Dia das Mães, e aproveitaram para almoçar por lá. No dia 15, aconteceu o sorteio do Mangunde Dá Sorte da 12ª Classe.

Dia 17, às 18 horas, aconteceu a celebração dos Votos Perpétuos do padre comboniano italiano, Davide de Guidi, trabalhando desde 2002 nesta região e que morava até o final do ano na Missão. A cerimônia foi presidida pelo Pe. Provincial dos Combonianos e teve a presença dos demais padres da Congregação e inclusive a Ir. Provincial das Combonianas em Moçambique, uma brasileira de São Paulo, padres Somascos de Barrada e Irmãs Diocesanas de Búzi. Foi uma celebração marcada por uma alegria contagiante. Não tinha como não entrar no ritmo. O jantar aconteceu aqui na Missão. Éramos 7 religiosos brasileiros, 5 italianos, 5 portugueses, 3 moçambicanos, 2 espanhóis, 2 norte-americanos, uma equatoriana, um beninense. Uma festa internacional!

Dia 24 iniciamos a colocação de passeios de pedra e terra na área do Posto de Saúde e do Hospital Dia, pois em julho deve vir o Ministro da Saúde. As Praças da Igreja e a da Sida já foram concluídas, faltando o plantio de flores e grama. Dias 26-27 estive em Machanga para a formação dos professores e depois acompanhei uma Brigada para elaborar um grande projeto para o incremento da agropecuária nas Missões, para uma Cooperação Francesa. Aqui em Mangunde o principal é resolver o problema da água. A Equipe simpatizou muito com as melhorias realizadas e vê boas perspectivas aqui na Missão.

Dia 4 de junho mais de 60 jovens da Missão foram batizados. Foi um grande evento. Para chegar a este momento tiveram que preparar-se por pelo menos 5 anos de catequese. Isso se deve, pois a evangelização está em sua fase inicial. Depois ficam participando mais um ano para fazerem a Crisma. Ontem, dia 17 de junho, trabalhei todo dia na preparação dos crismandos/as da Missão: são quase 90. Irão receber a crisma dia 25, próximo domingo. O arcebispo de Beira Dom Jaime deve chegar dia 23 e permanecer até dia 26 aqui na nossa casa. Estamos preparando uma festança e tanto para todos os internos que passam de 750 e mais seus padrinhos e familiares.

Dia 8 de junho recebemos a notícia de que a partir de dezembro próximo o PMA – Programa Mundial de Alimentos – não mais vai financiar a alimentação de internatos em, Moçambique. Isto para nós vai ser duro, pois ajudava com 80% de toda alimentação. Dia 9 a 11 estivemos em Beira. Dia 10 realizamos o retiro-encontro dos Irmãos do Setor por ocasião da festa da Santíssima Trindade e fizemos a renovação dos Votos. Programamos uma ronda pelas Províncias da Zambézia e Nampula, eu e os Irmãos do Escolasticado, para realizarmos uma promoção vocacional. Nosso objetivo é visitarmos as famílias dos Irmãos António e Gildo em Quelimane e do noviço Venâncio em Nampula, além de nos apresentarmos às arquidioceses e paróquias e, se possível, visitarmos outros distritos como Alto Molócue, onde atuam os Maristas e há um grupo de padres, religiosos e leigos de Porto Alegre trabalhando.

A festa de Corpus Christi é celebrada hoje. Não houve procissão aqui na Missão, mas às 17 horas haverá uma hora de adoração. Neste fim de semana o Ir. Domingos está visitando os familiares do Ir. Armando em Chimoio e familiares seus, além dos trabalhos de promoção vocacional nas paróquias locais. Falando nisso, todo grupo de postulantes do 1º e 2º anos, com exceção do Armando Monteiro (2º), deixaram e/ou foram deixados da casa de formação, após o anúncio que não haveria mais estudos acadêmicos nesta etapa de formação. Muitos ainda buscam uma ascensão social dentro das Congregações Religiosas. Como no País estão aparecendo escolas secundárias completas, encerramos também o aspirantado (juvenato), resumindo-se a encontros e acompanhamento na família, na escola e na paróquia do candidato.

Aqui também se respira clima de Copa do Mundo. Claro como estamos movidos a gerador e energia solar voltou nesta semana, podemos assistir aos jogos. Todavia, para ligar o gerador fora do horário tivemos que nos unir e estamos pagando o combustível. É preciso ver a festa que é olhar uma partida - algumas projetamos em “data-show” – em especial, quando joga uma seleção africana. Pena que apenas Gana ganhou até agora, aliás Gana levou os moçambicanos ao delírio contra a República Tcheca. Vibraram muito com o empate da Angola. Costa do Marfim foi a decepção, pois possui a melhor seleção da

atualidade aqui no continente, onde todos jogam na Europa, com exceção do goleiro que atua na Tunísia. Tomara que alguma seleção africana vá para a outra fase. Gostam também muito da seleção de Filípão: proeza hein, levar Portugal para a outra fase após 40 anos. O Brasil não convenceu ninguém. Talvez, com a ajuda de todos, Ronaldo jogue melhor hoje, às 18 horas, deslanche frente a Austrália. Soube ontem, à noite, da morte do comediante Bussunda, do Casseta & Planeta. Ah, esta semana deu outro tremorzinho aqui... parece que a terra está solta!

Entre outros assuntos, o que mais se noticiou aqui foi exclusão de Moçambique da primeira triagem para a realização do CAN 2010 – Copa Africana de Nações, dia 14 de maio, na sede da CAF, no Cairo. O país perdeu o lugar para Angola. Agora enviou cartas de satisfação, porque da desclassificação. A guisa de ilustração, o país possui apenas um estádio em condições, ocupa o 133º no ranking da FIFA e em decréscimo pois há 3 anos não participa mais de uma competição oficial, e sem condições de criar estádios e outros requisitos sem ajuda externa do FMI, Banco Mundial e/ou China. Enquanto que Angola vai à Copa da Alemanha, ocupa o 58º lugar e está em ascensão e capacidade de auto-financiar a edificação de suas infra-estruturas, com previsão de um crescimento de 19% neste ano. O governo capitalizou o Ministério da Juventude e Desporto e investiu todo dinheiro da organização do futebol nacional para o CAN, sabendo que o futebol nacional está moribundo e os clubes descapitalizados. E o pior, que o governo e os MCS criaram uma expectativa como certo o CAN 2010. Bastava fazer o dever de casa. E agora ???

Outra notícia que está dando assunto é a questão das ONGs. São mais de 400 que oficialmente atuam no país. Mas a questão é que nas Organizações Não-Governamentais custos administrativos como salários, ajudas de custo, telefone e compra de viaturas de luxo são muitos altos em relação àquilo que gastam para investimentos práticos que se propõem realizar. Com isso quem está a ser prejudicado são comunidades usadas como cobaias. Outras ONGs funcionam somente entre integrantes de uma mesma família. Outrossim, há ONGs que possuem uma fatura superior ao da folha de pagamento do governo de Sofala. Aqui tudo pode!

Pela rádio RTP África (que transmite de Portugal) soubemos da violência ocorrida em São Paulo. Depois a TV local noticiou. O jornal semanal também uma análise que chegou até nós dia 21 de maio comparou aos atos terroristas de Nova York e de Londres: Coisa terrível: 281 ocorrências, 82 ataques a autocarros, 17 ataques a bancos ou ATMs, uma estação do Metrô metralhada (qual?), 54 residências de policiais atacadas, 122 criminosos presos, 134 armas apreendidas, uma garagem de autocarros atacada... 138 mortos, etc. São números que falam e certamente revelam muito! Aqui na Cadeia Central de Machava, na capital do país, dia 8 de maio, também foram intoxicados 16 guardas prisionais, antes da fuga de 42 reclusos da penitenciária. Em Beira, capital sob o controle da oposição, também foi queimado o único caminhão que recolhia o lixo da 2ª maior cidade do país com mais de meio milhão de habitantes, os quais produzem 800 toneladas de resíduos sólidos/dia. Só que o prefeito foi rápido e comprou 2 novos veículos da África do Sul e calou todas as vozes. É assim que se faz!

Falando de África, nem tudo vai mal. Quando se fala de África normalmente é pelos piores motivos. Guerra, fome, epidemias... não há desgraça que não atinja o continente. Mesmo assim há povos e países que mostram que é possível fazer diferente, entre eles, Moçambique. Depois de mais de 25 anos de guerra quase sem interrupção o país passa agora pelo melhor período de sua história enquanto país independente. Há paz nos campos e nas cidades; os confrontos entre FRELIMO e RENAMO passaram (definitivamente, parece!) para as assembleias e palcos políticos; o crescimento econômico é acelerado. É claro que a grande maioria da população ainda vive na miséria, tal a devastação causada pela guerra. Sem os recursos minerais de outros países vizinhos, Moçambique tem que se erguer à força dos braços de sua população. O turismo também começa a dar uma ajuda preciosa nesse esforço, o que permite diversificar as fontes de riqueza do país, até agora muito centradas na agricultura. É bem possível que o fato de o país não ter petróleo ou diamantes tenha possibilitado uma evolução mais pacífica do que aconteceria noutras circunstâncias. Se há coisa que a história de África nos ensina é que, quanto maior for a

riqueza num determinado território, maior é a possibilidade dos “abutres” causarem guerras e conflitos, para depois poderem ficar com os despojos. Mesmo no melhor dos cenários, a recuperação de Moçambique vai ser longa e difícil, mas se os atores políticos se mantiverem longe das armas não será certamente o povo que vai pegar nelas.

Para finalizar, empresto umas palavras da entrevista da Isto É, de Roberto Shinyashiki, que mereceu a reprodução nos jornais locais: “O mundo precisa de pessoas mais simples e verdadeiras... pois, a felicidade é feita de coisas pequenas...”

Um Pouco de Mangunde 26 - Mangunde, 12 de julho de 2006 (2006e)

Boa noite! Creio que muitos devem ter visto uma ampla reportagem na Zero Hora, pág 32 a 34, domingo último, sobre “As duas faces de uma tragédia - A África que perdeu a esperança”, feita pela jornalista Letícia Duarte, direto daqui de Mangunde.

Falando nisso, a vida em África é sempre cheia de surpresas. E nem sempre são como a gente deseja. Vivemos com situações contrastantes, mas é assim que a vida acontece. São mistérios que não conseguimos explicar. O Hospital Dia (Aids) tinha uma jovem senhora viúva de 25 anos com 3 crianças entre 4 e 8 anos de idade em seu programa de antiretrovirais. Como veio do Zimbábwe (país vizinho) há 4 meses, viúva, soropositiva, sem nada, vivendo no hospital, conseguimos junto ao Régulo Mangunde um pedacinho de terra e com 10 internos da Missão construímos uma palhota durante as duas semanas de férias de abril passado. E estava bem agora. Ontem pela manhã fez a consulta e avaliação do tratamento da sida e preparou a refeição para as crianças as quais não estudam e em seguida foi atacada por uma malária cerebral. Às 19 horas o filho mais velho procurou socorro com o professor que coordenou a construção e este avisou a Irmã Ligia (enfermeira) que foi buscá-la, pois são 2 km, mas foi encontrada inconsciente, vindo a falecer esta madrugada. Nestas horas, como coordenador da Missão, é preciso tomar decisões. Sem casa mortuária – tivemos que derrubá-la, pois estava a cair – foi preciso evacuar os pacientes da enfermaria até que conseguíssemos construir um caixão de caniço e abrir a campa (sepultura) com funcionários da Missão. Pouco após as 11 horas foi feito o sepultamento no cemitério local. Pela tarde foi preciso decidir pelo destino das crianças órfãs, o que aconteceu final do dia. O Régulo diz que não poderia fazer nada. Ainda bem que um casal de vizinhos também com três filhos pequenos, mas pobre, aceitou temporariamente acolhê-las com a ajuda da Missão em mantimentos e ajudando a criar uma horta junto ao rio Búzi com alguns internos. Domingo vamos estender o pedido de solidariedade à comunidade cristã. Estas tiveram mais sorte, pois a orfandade é uma realidade que está a nos gritar diariamente. “Vamos rezar pela vida, pela nossa vida, nesta terra onde a morte é tão próxima”, assim Letícia iniciou a oração do nosso jantar.

Outrossim, no meio-dia recebi uma comissão do Ministério das Obras Públicas e Habitação e representante da ANE – Administração Nacional das Estradas – a qual está a realizar o levantamento e justificativas da viabilidade do cascalhamento e colocação de bueiros no trecho de 25,3 Km da Estrada Nacional Nº 1 até a Missão. Procurei convencê-los e até dar-lhe tomates e couve como basera (agrado). A Missão vai colaborar com 15 mil dólares, o que é insignificante. Creio que saíram convencidos da necessidade e da importância da mesma para a região, população e especialmente para o Centro. Na saída deles chegou o Ir. Marco Antônio de Beira para a concretização de uma questão pedagógica: a assunção da Coordenação Pedagógica pelo Ir. Domingos do EPU (11ª e 12ª) e assessorando o EP1(1ª à 5ª). Isso é muito importante para a nossa presença lassalista em Mangunde. Amanhã queremos comunicar aos dois pedagógicos, em seguida aos professores e alunos. Certamente, será bem acolhida pelos docentes, pois manifestavam este desejo há mais tempo.

Mudando de assunto, a Copa do Mundo 2006 terminou: Itália tetracampeã. O Brasil perdeu para si mesmo e incompetência do comando. Filipão levou Portugal às loucuras. A Argentina também decepcionou. Aqui fizemos campanha para pagar o combustível do gerador e podermos ver a maioria dos jogos, todos transmitidos pela TVM local. Pena que a narração era fraca, mas vários jogos olhamos com o Data Show projetados contra a nossa casa. Nem o frio, que está intenso por aqui, apesar de estarmos na latitude 30º Sul, altura

de Belo Horizonte. Era uma festa sempre! Certamente, o Pe Otorrino Poletto, coordenador geral da Associação ESMABAMA, de férias na Itália até fins de setembro, deve estar a festejar. Neste mesmo período, aqui na Missão aconteceram duas “Copa Sida”, uma de 20 times masculinos e outra com 8 equipes femininas. O encerramento foi uma apoteose domingo passado com as quatro finais. Foi muita festa para um dia só. Pois, após um culto solene com bailarinas oficiado por mim, recebemos a visita de 16 ativistas da sida da Missão de Estaquinha que fizeram uma belíssima apresentação de danças tradicionais. Os 21 ativistas daqui, grupo que assessoro, responderam com um teatro de conscientização sobre a problemática. Antes aconteceram as finais do Concurso de Música sobre a sida (aids). E noite a final da Copa 2006 no telão.

Mês passado foi igualmente um mês muito intenso na Missão. Além dos batizados no Dia de Pentecostes, 4 de junho, dia 25, dia do 31º aniversário de independência de Moçambique, foram crismados 116 jovens, dos quais 77 internos/as e 39 das comunidades. Tudo foi longamente preparado: retiro, celebração, festa... Aí a festança foi maior. Com isso tivemos a oportunidade de acolher o Arcebispo da Beira, Dom Jaime - o qual trouxe os Irmãos Lassalistas para cá em 1992 – durante os dias 24 a 26 de junho. Ah, ganhei mais dois afilhados de crisma: Francisco Aguiar e Paulo Pedro Zina Faz Ver, irmão do Ir. Domingos. Nestes eventos houve muita afluência de familiares dos internos/as para cá. O dia da Crisma, outrossim foi marcado pela despedida da Ir. Maria Palmira, comboniana portuguesa, a qual atuou durante 11 anos aqui, e foi responsável pela vinda das Irmãs e construção do Posto de Saúde e Hospital Dia, além de toda atuação na Missão e internato feminina. O final da missa a população às dezenas, foi aos prantos, no microfone louvando e agradecendo pela presença e significado da Irmã para eles, especialmente o grito dos doentes ecoou forte. A saída da Irmã dia 26 foi um golpe muito forte para esta gente que tinha ela a quem procurar em qualquer hora num momento de doente. Seja louvado o Senhor! Foi de férias para Portugal e depois assume um hospital de Alua, Província de Nampula.

Antes de viajar, coordenei a construção de passeios de pedra por todas as dependências e áreas adjacentes no espaço da saúde, além da limpeza e ajardinamento. Em dias de chuva é impossível caminhar de lugar para outro devido ao matope (barro). Neste tempo foi possível sentir toda a miséria e impotência humana. A verdade é que as pessoas estão a vir de toda região à procura da cura da sida, mas muito já em fase terminal. No entanto, vem aqui na Missão, pois tem uma morte mais digna. As pessoas precisam tomar banho no rio, procura lenha na mata, fazer sua comida, dormir em cima de esteiras de caniço nas varandas (corredores) e matchezas (carramachões) ao relento, comer em meio de cachorros, galinhas, cabritos, macacos...cheiros de fezes... Isso tudo é nada agradável. É dura e cruel realidade da nossa saúde. Mas, há previsões de ampliação dos espaços brevemente. Por outro lado, devemos receber a visita do Ministro da Saúde em fins de julho. Esperamos!

Falando em visitas, recebemos a visita do Ir. José Manuel Aginezabalaga, espanhol, mas que trabalha em Roma com os projetos da Secolli e responsável pela formação na África francófona (de fala francesa), acompanhado do Ir. Marco e Eduardo (afilhado do Ir. Domingos). Ficamos muito desafiados com o que nos falou. Pena que foi uma visita rápida, pois estavam aqui no mesmo dia seis familiares (mãe, madrinha, padrinhos e familiares) do Pe Davide, italiano, que sempre vem presidir a missa nas 4as feiras, à noite. Fez-nos um convite para uma maior integração na RELAF – Região Lassalista da África – e boas reflexões sobre a formação, como também como para a nossa missão em Moçambique. Os familiares do Pe. Davide retornam nesta 6ª feira para cá. Também estamos esperando para a 1ª semana de agosto a vinda de 4 benfeitores italianos de Pádua. Os mesmos doaram uma padaria elétrica com gerador e vem para montá-la. As obras já vão avançadas, financiadas por um casal de Monte Carlo que esteve em abril passado: 20 mil euros.

Nós entramos em férias neste sábado, por duas semanas. Amanhã à tarde, Alexandro, Letícia e eu vamos para Beira. Eu viajo com os Irmãos do Escolasticado para uma semana vocacional na região norte de Moçambique. Iremos sábado para Quelimane, capital da Zambézia, (onde moram os familiares dos Ir. António Rosa e Gildo) e depois

continuamos por Mocuba, Alto Molócue – distrito onde a Igreja do Rio Grande do Sul tem seus missionários – até chegar a Nampula, capital da Província de Nampula. (onde moram os familiares do Venâncio, noviço em estudos no Brasil). A Letícia viaja sábado para três semanas no Brasil por motivos de saúde. O Alex fica o período de férias em Beira. E o Ir. Domingos tem encontro inter-paroquial aqui em Mangunde neste final de semana, e dia 20 dia viaja para Maputo para tratar de documentação. Eu e o Ir. Domingos devemos retornar a Mangunde pelo dia 25/26 de julho.

Nesta semana estamos fazendo as avaliações finais do trimestre. Eu estou mais coordenando reuniões sobre uma análise e viabilidade de aproveitamento dos recursos existentes na Missão, redução dos custos e projetos de autosustentabilidade. Depois que o PMA – Programa Mundial de Alimentação – está anunciando a sua retirada da ajuda nos internatos de Moçambique (aqui mais de 80% de toda alimentação vem do PMA para os/as internos/as) em dezembro, a questão é urgente. Não estamos e nem podemos ficar parados! Há algumas luzes. Precisamos investir em mini-projetos e uso de recursos que temos por aqui para começar a gerar renda.

Apesar de continuarmos com problemas de comunicação pela internet, agora já estamos a receber o sinal de telefone celular em certos lugares da Missão nestas últimas três semanas. Isso está a intensificar a compra de celulares.

Congo, Sudão, Somália, Etiópia... são apenas alguns exemplos de uma lista tão vasta que parece abarcar todo um continente. Uma lista de morte e destruição. No entanto, e apesar de as notícias sobre África que vão sendo publicadas e transmitidas na comunicação social do Ocidente serem quase invariavelmente más, há uma outra realidade que permanece na penumbra. Uma realidade em que os atores não são ditadores ou soldados, mas antes pessoas comuns, que vão tentando melhorar a sua vida dia a dia. Nalguns casos, países inteiros parecem ter conseguido alcançar a estabilidade e o dinamismo econômico que lhes permite olhar o futuro com algum otimismo. A África dos noticiários europeus é muito diferente daquela que a maior parte dos africanos conhece. Muitos dos países do continente são ricos em recursos naturais, e o dinheiro circula com abundância nas mãos de muita gente. Nos locais onde há paz, mesmo que falte o resto, normalmente há sempre o suficiente para assegurar a subsistência da população. A natureza encarrega-se disso... Havendo paz o comércio cresce rapidamente se desenvolve, mesmo que seja com base em produtos que para nós ocidentais têm pouco ou nenhum valor ou procura. A chave está, pois na paz. Mas para que ela exista tem que haver também uma sociedade e uma organização política que procure distribuir a riqueza de uma forma mais equitativa, e que não privilegie demasiado determinados grupos em prejuízo de outros, sejam eles tribos, religiosos, políticos, etc. Isso é o que tem faltado em quase todos os países do continente. Apesar disso, ao contrário do que muitos pensam e dizem, os africanos não estão condenados a ser as vítimas da História. Por exemplo, Angola poderia estar perfeitamente entre os países em que tudo corre bem em África, todavia ainda é muito cedo falar uma vez que saiu da guerra em 2002. Há paz, há enormes riquezas naturais a explorar (o petróleo e os diamantes são os principais), há grande crescimento econômico (um dos maiores do mundo). Mas faltam outras coisas, tão ou mais importantes como a democracia (o MPLA manda sozinho, como sempre fez desde 1974) e a corrupção é avassaladora. Mesmo tão comum em África, em Angola assume uma dimensão tal que põe em grande risco as possibilidades de desenvolvimento do país. Ali, nada se faz de importante na área econômica sem que altos responsáveis tenham uma “participação” que, aliás muitas vezes nem é escondida. Muitas empresas estrangeiras precipitam-se para o apetecível mercado angolano, na mira de obterem lucros fabulosos.

Por hoje é só, amigos. Feliz dia do amigo, 20 de julho! Nossa Senhora de África abençoe a todos e todas.

Um Pouco de Mangunde 27 – Mangunde, 25 de julho de 2006 (2006f)

Boa noite! Estou sozinho em casa, escutando uma música gauchesca. O Ir. Domingos está em Maputo tratando documentos. O Alessandro está em Beira e a Letícia pelo Rio Grande do Sul. Acabo de retornar de viagem de Toyota Hillux, pelas duas maiores

províncias de Moçambique, localizadas ao norte: Zambézia e Nampula, além do norte de Sofala. Foram exatamente 3.351 km – mais de 1/3 de chão batido - de andanças por 8 dias. Fui com os Ir. Vanderlei Kraemer (brasileiro) e Ir. António Rosa (moçambicano). Saí de Mangunde com o Alexsandro e a Letícia dia 13 de julho, à tarde, para Beira. O Ir. Domingos permaneceu para o Encontro com 46 Vocacionados das Missões de Mangunde, Estaquinha e Machanga. Dia seguinte aproveitamos para os encaminhamentos da Letícia, revisão do carro e participar de uma festa com os alunos da 11ª classe, no Escolasticado, dos quais o Ir. Vanderlei é Diretor de Turma. Muitos encontros e matança de saudades.

Dia 15, de madrugada, debaixo de muita cacimba (neblina) iniciamos a marcha para Quelimane, capital da Zambézia: 647 km. No caminho visitamos a Missão de Gorongosa, atualmente dirigida pelo Padre Diocesano Figueiredo – até fins de 2005 era coordenada pelos Freis Carmelitas brasileiros - e ajudado pelo minorista Abílio que será ordenado Diácono dia 5 de agosto – a Arquidiocese de Beira terá este ano 5 novos padres – e Irmãs da Anunciação (Diocesanas da Beira). Tomamos o matabicho (café da manhã). Às 8h17 min. seguimos 240 km pela mata até o Rio Zambeze, onde a travessia se faz com batelão (balsa). Mais uma hora e 10 minutos para a travessia. E partimos para a última etapa até a Quelimane, onde chegamos às 14h30min, gentilmente aguardados pelas Irmãs Franciscanas Hospitaleiras. Um banho e um bom almoço e um reconhecimento da cidade. Às 18 horas o primeiro compromisso: participamos da missa irradiada na catedral, na qual foi-nos dada a palavra após a apresentação. Dia seguinte, nova oportunidade na missa das 8 horas. Essa era uma missa festiva dos devotos do Sagrado Coração de Jesus. Ao dizer que nasci e cresci numa família devota do Apostolado da Oração e que a comunidade também tinha o mesmo padroeiro São João Batista, o povo eclodiu numa calorosa salva de palmas e batuques. Estava em casa. Em seguida fizemos um encontro com 40 jovens e uns 5 casais apresentando o nosso carisma. O encontro terminou após as 11h30min, pois havia muitos questionamentos e vários pediram que não esquecêssemos deles ao expandir o Instituto. Outros pediram que fizéssemos este tipo de encontro cada dois meses. Almoçamos e, à tarde, visitamos a irmã e o tio do Ir. António. Passamos ainda nas Irmãs Agostianas para visitar a irmã do Ir. Gildo, que em agosto fará sua 1ª profissão. E, depois atendemos o jovem Domingos, com 12ª feita e que está decidido a entrar no Postulado em 2007. À noite visitamos o pároco da catedral, Pe. Daniel, que apesar da malária, recebeu-nos e fez um convite para jantar.

Dia 17, às 5 horas, continuamos nossa marcha para Nampula, Nicoadala, Namacurra, Mocuba.... Na entrada de Gilé, terra natal do Ir. António, ficou nossa boléia. Um pouco adiante, antes de Alto Molócue, deixamos a Estrada Nacional para visitar a missão dos Irmãos Maristas, onde possuem uma pequena escola de 250 alunos de 6ª e 7ª classes. Queria visitar o Ir. Zeferino, brasileiro da Assis (SP), que conheci em Matola em 2005. Conhecemos o Pascal (ex-aluno marista espanhol) e Suzana e Fátima (professoras em escolas maristas portuguesas). Conhecemos a bela obra marista nesta região de ricas terras, sua presença. Almoçamos. E continuamos para chegar ao entardecer, com chuva. Na chegada nas irmãs Franciscanas Hospitaleiras, fomos recebidos pela Irmã Olinda, provincial e Julieta, minhas conhecidas, além de Palmira e Ana Maria. Às 19 horas uma missa pelo padre capuchinho Chamboco, há pouco ordenado em Quelimane e presença da Superiora Geral das Irmãs de Nossa Senhora da Paz e da Misericórdia (Diocesanas de Nampula), Salesianas, São João Batista, etc... e festa de posse da Ir. Julieta como superiora da comunidade.

Dia 18, fomos à catedral onde nos esperava o responsável vocacional, nosso agente lassalista, António, para nos levar até sua casa na Paróquia São José para o encontro com os candidatos a Irmão Lassalista. Estiveram 5 dos 7 candidatos, todos muito animados. Foi um encontro muito familiar. Conhecia o Luís, natural da Beira, que acompanhei durante 2003. Terminado, deixamos os vocacionados nas suas paróquias, fomos até as Irmãs Combonianas buscar as malas da Ir. Gabriela e fomos almoçar com o António num restaurante. Em seguida visitamos o pai do Venâncio, noviço em Porto Alegre, despertado neste mesmo grupo. Depois fizemos algumas compras e participamos da missa da paróquia Santa Isabel. Depois da janta visitamos a Ir. Rafaela, Hospitaleira, no Hospital Central,

baixada em consequência de um acidente de viação. Aguardava uma cirurgia que só ocorreu dia 20.

Dia 19 aproveitamos para visitar a Ilha de Moçambique, primeira capital do país e local onde Vasco da Gama aportou em 1498, ligado com o continente por uma ponte de 3,5 km. Foi um grande centro comercial português no caminho às Índias. Visitamos três museus, Igrejas, relicários, praças e ruas. Dói ver tanta história viva abandonada, tomada por milhares de pessoas, apesar de estar tombada como Patrimônio Universal da Humanidade. O feccalismo e o lixo tomam conta das ruas, praças e praias. Tudo parado! Só gente esperando uma ajuda! Não é por nada que é uma das regiões mais pobres do país. Almoçamos um meio frango “metálico” à zambeziana, pois não conseguimos tirar um pedacinho da penosa. Que decepção! Voltamos debaixo de chuva os 180 km até a capital do Norte de Moçambicano. Fomos à missa dos religiosos na catedral de Nampula. Na volta um encontro comunitário com as Irmãs e uma olhadela nas fotos que trazíamos no computador. Quanta lembrança, pois a Ir. Julieta trabalhou 9 anos em Beira. E dormir cedo.

Dia 20 de julho, dia do amigo, às 5h04min, com chuvisco, iniciamos a volta para Beira. Sempre pela Estrada Nacional No 1, mas com muito chão batido, muitos desvios, com muitas máquinas trabalhamos na construção do alcatrão (asfalto) fomos avançando. Às 12h15min já havíamos vencido os 537 km que separam Nampula de Nicoadala, onde abastecemos e almoçamos. E logo depois, até o rio Zambeze, mais 165 km. O batelão avariou e ficamos duas horas. Sorte que os chefes vinham de Quelimane e aceleraram o reparo. Os 280 km de Caia à Beira, via Inhaminga... percorremos em 4 horas. Que alívio, chegamos após 16 horas na estrada! A janta e as notícias: a morte da Guria, narrada pelo e-mail do Alexsandro Machado: *“Morreu a Guria. Tenho raiva quando imagino a sua morte. Amarrada, indefesa. As gurias do internato feminino ficaram de cuidar dela. A culpa recai sobre a Suspeita, nome da guria que ficou responsável pela Guria durante as nossas férias. Em face à morte, explicações divagantes povoam minha cabeça. Seria ousadia nossa querer domesticar bichinhos na África? Mas desculpa lá! Acho que a gente fazia bem, pelo menos nos 45 dias que ela vivia livre pela Missão. De noite, ela vinha se aninhar na nossa janela. Pelo lado de fora, conversa com a gente enquanto se enrolava em si mesma numa bolinha peluda. Durante o dia, também nos procurava para conseguir comidinha especial, para resmungar comigo ou para se atirar no colo da Letícia. Era bonito de ver o afeto delas duas, da Lê e da Guria. Foi então que a Guria foi gostando de colos humanos, sobretudo dos femininos. Isso não era defeito, mas se tornou por ter ido procurá-los dentro do hospital. Além disso, ela foi engrajar-se e comer anti-retrovirais. Voltou à corda. Eu sempre fui contra a corda. Queria ela solta, selvagem, e até – juro! – longe de nós. Porém os trágicos contornos da breve história da Guria quiseram que ela tivesse o mesmo fim de sua mãe: ser devorada por cachorros. Ela poderia ter morrido junto com a mãe dela. A morte dela foi adiada. E nós oferecemos um pouco de ninho. Era humano, é verdade, mas era sincero. O triste é que o hospital, muitas vezes, tem tido a mesma desilusão que a gente. Acolhe o sofrimento de meninas sobreviventes desse mundo cão. Contudo, muitas dessas, um pouco mais adiante, são também devoradas. Talvez era isto que a Guria queria lá no hospital: ela também desejava aqueles comprimidinhos mágicos que fazem adiar a morte. Mais uma vez, não deu”.*

Dias 21 e 22, aproveitei para tratar as questões no ESMABAMA, troca de óleo do motor, fazer as compras... reunião com os diretores e supervisores das Missões, presentes no Curso de Bacharelato na Escola João XXIII e outras entre os formadores, participação nas missas em São Benedito (6ª) e Catedral (sábado). Domingo, dia 23, fui à missa na Igreja da Manga com o Ir. Gildo e depois voltei para Mangunde onde cheguei às 14 horas. Missão vazia: quase todos de férias. Ontem e hoje andei colocando as coisas em ordem. Algumas reformas na casa, pintura das dez estantes para a escola e casa, coordenação dos trabalhos dos internos, melhorias no lar feminino, acompanhamento da construção da padaria e assim por diante. Ainda estamos sem gás. É uma via-sacra há mais de dois meses. É nisso que dá só ter um fornecedor e não ter estoque. Aliás, ao longo das estradas só se via ciclistas e/ou andando a carregar e/ou vender carvão... assim acabando com as florestas moçambicanas.

Por hoje amigos/as, é isso... Ah, peço uma prece pelo amigo, Dom Erwin, bispo do Xingu, que está a viver um Getsêmani.

Um Pouco de Mangunde 28 – Mangunde, 27 de agosto de 2006 (2006g)

Voltei ontem da Missão de Barada, coordenada pelos Padres Somascos, onde trabalhei no Curso de Formação Permanente dos Professores. Os trabalhos foram com os textos “A Importância do Ato de Ler” de Paulo Freire e “As Desaprendizagens do Professor” de José César Furtado dos Santos, ambos brasileiros. Ainda faltam duas etapas para a conclusão da Formação Permanente dos mais de 50 professores das Missões da Associação ESMABAMA. Apesar das dificuldades, distâncias e outras... Estamos certos que a experiência está produzindo resultados positivos entre estes professores que ainda não formação superior. O Ir. Domingos e Alexsandro ficaram em Mangunde. Aliás, o Alex está se recuperando de uma malária de uma cruz. A Letícia desde o dia 11 de agosto está de volta do Brasil. Estão dando os últimos retoques de um livro de 20 contos tradicionais moçambicanos a ser lançado na próxima Feira do Livro de Porto Alegre.

Quase fins de agosto, o 3º trimestre já vai adiantado: faltam menos de dois meses de aulas. Depois são os exames nacionais que terminam não antes de meados de dezembro. Este mês foi de intensas atividades para mim. Entre os dias 4 a 13 de agosto participei de 11 encontros com pais/encarregados dos internos nas comunidades de procedência. Trabalhamos em equipe, junto com o diretor da escola e os responsáveis dos internatos masculino e feminino. É muito bom ir nas bases e ouvir o que os encarregados perguntam, falam e questionam sobre o trabalho com estudantes/internos. Muito mito cai. Esta já foi a 2ª vez que fomos. É impressionante a receptividade, aceitação e apoio quanto ao método e dinâmico que estamos implantando em Mangunde. Com estas andanças estou conhecendo sempre mais a cultura, crenças e a realidade concreta dos nossos mais de 700 internos/as. A próxima visita acontecerá em dezembro, após os resultados finais.

O mês de agosto foi um mês visitas e hóspedes na casa. De 3 a 5 trabalhou um técnico de Maputo para reinstalar a antena da internet ao satélite, que está precário e funciona quando quer desde maio. Voltou a funcionar bem, mas desde 4ª feira não consigo acessar. Dias 4 a 10 estive aqui um casal italiano - Dário, esposa e o filho Fábio - acompanhado do italiano Gianni (que trabalha na Beira), que instalaram a nova padaria, doada pelo pessoal de Bressano. Cada fornada é de 450 pães. Dia 9 fizemos pão e pizza, mas ainda não está operando, pois a construção não terminou. Dias 6 a 15, mais 5 jovens italianos de uma paróquia de Verona – Nicole, Milena, Mônica, Valentina e Iliana – visitando e fazendo férias, amigos do Pe. Davide. Dias 11 a 13 estive de visita ao Ir. Domingos o italiano Diego de uma Universidade de Milano, o qual andou pelo Brasil. Dias 15 e 16 outro casal italiano – Roberta e Sandra – Roberta (italiana), Ir. Imaculada e Diana (espanholas), mais Daniele, Alessandro e Luisa, italianos que trabalham no Escritório da ESMABAMA, na Beira. Além disso, as várias visitas de padres combonianos e do pessoal da ESMABAMA. Esta noite chegam Sílvio (italiano que trabalha em Beira) com a Dra. Maria da Conceição, responsável por toda AGP – agropecuária – das missões. Dia 01/09 virá do Brasil um jovem do Colégio São João, Marcos Vinícius, ex-aluno do Alex, o qual ficará aqui até fins de outubro. Também no próximo final de semana chegará um casal italiano de Roma – José e Raquel – os quais conheci em Barada, para uma semana. Em final de setembro a visita dos Irmãos Paulo Dullius e Paulo Petry. Também encontrei em Beira dias 11 e 12, o Ir. Luigi e três ex-alunas lassalistas de Milano fazendo o levantamento dos alunos bolsistas da ANPIL, às vezes, são hóspedes demais na casa, fazendo-nos refém deles para atendê-los.

Um fato que mobilizou o país, mas teve pouca repercussão na televisão foi o 2º Festival Nacional de Canto e Música Tradicional, em Pemba, na província de Cabo Delgado, dias 26 a 30 de julho passado, com o lema: “celebrando as diversidades culturais livre do HIV/Sida”, o qual reuniu quase 500 artistas amadores das 11 Províncias. Foi muito propaganda mesmo, pois desde março aconteciam as eliminatórias por todas as províncias. Em Sofala foram mais de 100 grupos participantes na fase local.

Falando em televisão, dia 29 de julho, às 21 horas, assisti ao especial de Sandy e Júnior, na TVM. Aliás, tem muito programa – novelas (Com uma Onda, Um Anjo caiu do

Céu, América...), seriado de educação, Malhação... brasileiros. Até tem um Fantástico local – Tudo ao Domingo – apresentado pelo Victor José, um locutor brasileiro residente em Maputo desde os anos 70. Também o apresentador e humorista Boboff que veio há poucos meses a faz a propaganda e apresentação do Cartelinho da Sorte, aos domingos. Falando em Brasil, a notícia dos noticiários televisivos ontem foi o acordo que a Universidade Federal Eduardo Mondlane, Moçambique, assinou dia 25 de agosto com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul para a formação mútua de professores em Doutorado. Apenas há uma pequena diferença entre as duas universidades: a UEM tem 200 docentes enquanto a UFRGS possui mais de 2200 professores em seu quadro.

Outro dia saiu a lista de países que mais investiram neste ano em Moçambique. África do Sul aparece em 1º lugar com US\$30 milhões, Noruega, Portugal, Malawi... e EUA em 10º lugar. O Brasil que em 2004 estava em 2º lugar nem aparece. Outras do Brasil... Soube do Alex ontem que o Grêmio está em 5º lugar no campeonato brasileiro e jogaria a Libertadores, graças ao Inter que depois de 23 anos seguiu o exemplo do Grêmio. Só espero que não leve outros 23 anos ser bicampeão. E o Flamengo conquistou a Copa Brasil. Que Dunga é o novo técnico do Brasil com Jorginho, com o qual jantei em outubro passado em Beira. E que Parreira é o treinador da África do Sul para o Mundial 2010 que acontecerá neste país, a partir de janeiro 2007, com um bilhão de rands por mês. Ainda sobre o Brasil, tenho recebido muitos e-mails e notícias sobre Dom Erwin, nosso amigo “profeta” ameaçado de morte em Altamira. Estou muito unido na oração e solidariedade.

Um assunto muito propalado e discutido – mas sem grandes soluções – é o das nacionalizações. Em 1976, o governo moçambicano nacionalizou 73 mil prédios públicos, depois da independência. Passados 30 anos, mais de 15 mil não estão alienados e nem foram devolvidos. O Estado não tem condições de reabilitá-los, andam deteriorados, esgoto à céu aberto, sem água e energia... Muitos abandonados e ocupados por invasores... E quanta gente sem casa, pobre. As Missões da Igreja foram devolvidas, mas os postos de saúde que estão dentro das mesmas não, algo que também está gerando polêmica. O Ministro anda dizendo aos quatro ventos que é ele manda na saúde e não o padre. É pena, pois sempre quem sai prejudicado é o povo que mais necessita.

Dia 30 de julho morreram dois Irmãos Maristas, num acidente de carro, quando voltavam do retiro de Alto Molócue. Um era moçambicano e outro mexicano. Dois ficaram feridos... Um deles, brasileiro (Tarcísio), que trabalha em Angola, ficou na Casa dos Irmãos em Beira até voltar para Manhica, comunidade que perdeu os dois religiosos. Aliás, nas estradas do país está acontecendo uma nova guerra, com tantas mortes. Dia 3, morreu o administrativo (tesoureiro) do Distrito de Chibabava num acidente e o seu colega continua hospitalizado, irmão de uma interna. O caso continua a dar trabalho, pois trazia no carro muito dinheiro para pagamentos e que desapareceu. A polícia que fez a ocorrência está foragida. Dia 20, dia da cidade, em Beira morreram 5 pessoas. Num outro acidente, dia 25, morreram 16 pessoas perto de Maputo e 9 gravemente feridas. As estradas estão a ser reconstruídas e alcatroadas (asfaltadas), só que as obras não terminam nunca.

Um assunto muito falado por aqui são os crocodilos. É um animal muito feroz e que povoa nossos rios e vem fazendo muitas vítimas e semeando a morte pelo país. Aqui em Mangunde, dia 6 de agosto foi pego um numa armadilha. Ficou em exposição durante três até a vinda do Régulo para autorizar a matança, pois crocodilo na tradição tem dono. Por sua vez o Régulo mandou tirar o couro, abrir o estômago para contar os anos (tinha 105 anos, pois engoliu 105 pedras – uma por ano) e mandou cortar a cabeça e guarda-la para que ninguém usasse o seu veneno para envenenar outra pessoa, depois mandou distribuir a carne para população. Todavia, poucos comem carne de crocodilo, pois ele mata e alimenta-se de pessoas. Semana passada, em questão de três dias, duas senhoras gravemente feridas por crocodilos aqui, socorridas em ambas as vezes pelos nossos internos. Ontem, a 1ª-Ministra Luisa Diogo disse em televisão e rádio que o governo não aceita que os crocodilos não possam ser mortos quando atacam as pessoas e responsabilizou os Administradores dos Distritos pelas mortes.

No mais, na vizinha Suazilândia, pelo vínculo com a UNICEF, todos precisam fazer o teste da aids... e os resultados são 50%. No Congo a guerra civil está nas ruas entre os

manifestantes dos dois candidatos das eleições do dia 30 de julho. Parece que o caderno contendo mais de 6 páginas de candidatos foi para o Guinness Book. Parece que ondas de calor na Califórnia matam muitos idosos. As informações são de que está fazendo muito frio no Sul do Brasil. Ah, aqui fomos brindados com uma chuvinha ontem. Que alívio na poeira!...

Amigos e amigas, estamos juntos!

Um Pouco de Mangunde 29 - Mangunde, 24 de setembro de 2006 (2006h)

Boa noite! Estamos num fim de semana prolongado em Moçambique. Amanhã completam 42 anos que iniciou a luta de libertação nacional de Portugal. Esta guerra durou mais de 10 anos, quando da realização da independência de Portugal em junho de 1975. Aproveitando o feriadão o Ir. Domingos, Alexsandro, Letícia e Vidor (aluno lassalista de Porto Alegre que está a passar dois meses conosco) foram para Beira. Devem retornar amanhã.

Eu fiquei em Mangunde para participar do 1º Encontro das Responsáveis dos Centros Femininos das 4 Missões da Esmabama. Esta manhã, após realizar o culto, trabalhei com o grupo até as 13 horas o tema do Meio Ambiente /Limpeza/ Trabalho/Horta... Foi grande a participação das responsáveis dos internatos femininos. Está a terminar nesta noite. Agora estão realizando avaliações. Todavia, a vida da Missão é sempre cheia de surpresas. Ontem, quase não participei do encontro. Pela manhã atendi um trabalho no lar feminino. Depois, carneamos um porco e extraímos o óleo com alguns internos. Iniciei a participação e fui chamado, pois havia chegado o Guilenge, responsável pela saúde da Esmabama. Em seguida atendemos um menino que machucou o pé no jogo. Nisso já aparece a Ir. Lígia, equatoriana, do Hospital da Missão, pedindo socorro para enterrar uma senhora que faleceu às 6 horas da manhã da "doença do século", pois acabava de chegar a mãe dela de 190 km distante. Consegui a ajuda de um grupo de meninos que foram fazer a cova às 17h30min, com o sol se pondo, no cemitério da Missão. Praticamente todo trabalho foi feito a luz de lanterna. Envoltos numa esteira, o enterro terminou após as 19h. Em seguida tínhamos uma janta com as Irmãs e responsáveis da Missão e titias do Encontro. Mas às 20 horas tive que abandonar o jantar para socorrer o carro da Missão com um grupo de 15 ativistas (alunos/as da Missão) que havia saído cedo para um trabalho de teatro com a comunidade de Chinhika, distante 22 km daqui a pé, mas pela estrada são mais de 150. O carro ficou avariado com três pneus furados, sem comida, e depois de andarem 7 km, conseguiram entrar em comunicação. Fui com o carro das Irmãs usado no funeral, cheio de problemas de freio, sem documentos, estradas de chão... confiando na bondade divina. Graças a Deus conseguimos apanhar o grupo às 21h30min, já em regresso, pelas ajudas conseguidas. Felizmente o carro furou mais um pneu, mas a 20 km de Mangunde em frente da casa dos pais da cozinheira dos norte-americanos e ali o deixamos. Chegando em casa às 23 horas com todos cansados, exaustos, fome, tendo que ir dormir... mas felizes e gratos pela preocupação para com eles/as. Aliás, no final de semana passado havia levado o grupo para Machanga (200 km daqui). Lá o Senhor da Vida não deixou o nosso principal ator morrer afogado no rio Save. Na brincadeira pulou no rio com toda roupa, como não sabia nadar, logo afundou... todavia pediu socorro com os braços, mas como era brincalhão ninguém o ajudou. Neste meio tempo vinha uma canoa com pessoas do outro lado e exigiu saída da água. E aí percebi que ele não estava. Colocando três no mergulho localizamos logo o corpo e conseguimos reanimá-lo em pouco tempo. Fui um grande susto e uma grande lição de vida... Gratidão ao Senhor pela lucidez e atenção neste momento, pois o havia visto desaparecer nas águas. Esta é a nossa vida!

Esta manhã, às 4h45min, a Rádio Moçambique recebeu a notícia e espalhou-a na hora, que a Seleção Nacional de Hóquei em Patins, conquistou o campeonato em Montevideo, vencendo a final contra a Holanda por 5x2 pelo Grupo B, vencendo todos os seis jogos; Áustria, Egito, África do Sul, Equador e Colômbia na semifinal por 6x1. Isso foi constantemente durante todo dia, pois isso faz Moçambique participar do Grupo A Mundial de Hóquei em Patins, em julho de 2007. Outra notícia de orgulho para o país é o seu potencial turístico, o qual gerou U\$ 108 milhões em 2005 com mais de 700 mil turistas.

Aliás, dia 27 é o Dia do Turismo com o lema “O Turismo enriquece”. Em outubro ocorrerá o 1º Fórum Social Moçambicano sob o lema “Um outro Moçambique é Possível”. Cinco mil pessoas são esperadas em Maputo.

Por outro lado, o Ministério da Educação está a se preparar para começar a entregar os 11 milhões de livros escolares em 10 mil escolas. Missão quase impossível pensando nas distâncias, estradas e no período de chuvas que está a se aproximar. Outra discussão é em relação à aposentadoria aos 35 anos de serviço. Há um grupo que quer 30 ou até 25 anos devido ao decréscimo da expectativa de vida, que em menos de 10 anos deve reduzir para 32 anos. A tão propalada eletrificação dos distritos para 2007, adiou-se para 2009 e o próprio da EDM diz só acontecerá até 2015. Hoje tem apenas 70 distritos com energia elétrica e o total são mais que o dobro:148.

Neste fim de semana, em várias províncias do país ocorreram os Congressos da Frelimo, partido no poder desde a independência, tudo em vista dos 1600 delegados que devem estar no 9º Congresso da Frelimo em novembro, na cidade de Quelimane. Como o Estado é o Partido tudo para neste tempo. Isso fez que todas as outras programações fossem adiadas. Só um exemplo: o Congresso Distrital reuniu mais de 400 pessoas no Distrito e que custou grandes somas em comidas e bebidas. Aliás, um estudo para a Cooperação Britânica DFID diz que há o perigo do monopartidarismo voltar para Moçambique, E acrescenta: que o país é controlado por uma oligarquia na Frelimo; poder centralizado baseado num esquema de clientelismo; exclusão da oposição política; desequilíbrios regionais; problemas de corrupção na prestação de serviços; indiferença dos eleitores. Um estudo anterior feito pela Cooperação Americana USAID atingiu violentamente o clientelismo político do presidente do Tribunal Supremo. O relatório acrescenta que, para a democracia, seria bom que a Renamo ganhasse, mas a Renamo não teria governabilidade, pois todos os cargos públicos estão nas mãos de pessoas afiliadas à Frelimo.

Como estamos num período muito seco o país anda em chamas. A última queimada descontrolada atingiu Gorongosa. Foram mais de 152 residências, 65 celeiros, 9 mortes, entre elas uma mãe com seus 3 filhos, e prejuízos materiais incalculáveis. Ontem à noite foram outras 40 residências em Cabo Delgado, ao norte. Ao socorrer ontem os ativistas em todo trecho da estrada havia chamas esparsas.

Outro assunto que não sai das manchetes é a incidência de casos soropositivos, em franca ascensão e, o pior de tudo, colhendo muitas vidas humanas em plena idade ativa. Diante disso os IMAPs – Institutos Médios de Professores – estão sendo transformados para 2007 em grandes Centros de Formação de Professores com duração de um ano apenas... tudo pela calamidade de preencher as vagas.

Amanhã acontecerá o funeral da 1ª Irmã Religiosa Moçambicana, que faleceu 6ª feira com 95 anos de idade. Conheci-a no ano passado em Maputo. Também tiveram muita repercussão por aqui as mortes dos bispos, por acidente, D. José Mauro (Guaxupé-MG), e especialmente D. Franco (Balsas-MA), comboniano, que esteve por aqui em 2004. No domingo passado foi morta barbaramente uma Irmã italiana das Missionárias da Consolata, diretora de um hospital, por uma milícia islâmica que há pouco tomou o poder em Mogadíscio, capital da Somália. Na Nigéria também foram queimadas 4 igrejas por rixas entre cristãos e muçulmanos. Até o papa Bento XVI está a ser aconselhado a suspender sua visita à Turquia em novembro, renunciar e voltar à Alemanha, após seus comentários que teriam retratado o islamismo como uma religião violenta.

Nos dias 19 e 20 de setembro visitei os padres combonianos de Búzi, 130 km daqui, entre eles o Pe. Paulo Araújo (há 8 anos aqui), brasileiro do Piauí, grande amigo dos Irmãos, Pe. Luís (Portugal) e Pe. Jacob (Benin), que em 10 de dezembro vão deixar este Distrito após 37 anos. E deixam uma grande obra para a Arquidiocese da Beira que está a requisitar também em 2007 Barada e 2008 Estaquinha. Mangunde vai ficar para mais tarde, segundo o próprio bispo. Nos dias 2 e 3 de setembro estiveram aqui os Irmãos, Provincial e Ecônomo, do México Norte. Nesta semana, durante 4 dias, a Ir. Aparecida, Provincial das Combonianas em Moçambique, mas é brasileira de São Paulo esteve aqui. Tivemos bons momentos de encontro e partilha. Viajou esta manhã para Beira. Para os dias 27/28 está prevista a visita do Ir. Paulo Petry, Provincial de São Paulo. Depois estamos a esperar os

Irmãos Paulo Dullius e Henrique Longo, de Porto Alegre, este voltando para trabalhar em Moçambique, depois de ter permanecido entre 1992-97. Dia 4 de outubro teremos o feriado do Acordo da Paz e o dia do Padroeiro da Escola... E dia 12 de outubro dia do professor moçambicano, todas as cerimônias distritais acontecerão aqui na Missão.

E as eleições no Brasil? Que estão a apontar para o próximo domingo: vitórias, derrotas, 2º turno....? Estamos a saber que há muita denúncia de dossiê por lá. Sabemos também que o Grêmio está em busca do título nacional. Isso é muito bom para os colorados e o futebol brasileiro que queriam o campeão da Segundona num lugar que ele não merece. (Em tempo, pena que perdeu de 4x0 para o Goiás... Isso faz parte da caminhada ao título. Os nossos gaúchos foram ajudados pelo Palmeiras, pena que perderam pontos decisivos na rodada).

No mais, amigos e amigas... obrigado pelas preces, amizade e apoio. Estamos juntos ou "tire tesse", na língua chindau.

Um Pouco de Mangunde 30 - Mangunde, 5 de novembro de 2006 (2006i)

Munopona! (Olá). Acabo de voltar da missa celebrada pelo nosso pároco Pe. Ottorino, que voltou dia 6 de outubro, após mais de 3 meses na Itália, em descanso, mas também para conseguir fundos para alavancar os projetos da ESMABAMA. Voltou bastante revigorado. Dia 19 passado reuniu todas as lideranças das 4 Missões para apresentar as novas pessoas que assumiram o Escritório na Beira: uma economista espanhola e duas senhoras moçambicanas, uma na Administração e outra na Agropecuária. Danielle e esposa, Gianni, Sílvio, Alessandro e Elisa, todos italianos, saíram nestes dois últimos meses. Conforme o Pe. Ottorino inicia agora uma segunda fase: a busca da auto-suficiência de cada Missão nos próximos 3 anos. No entanto, achamos um tanto difícil, pois não se preparou quadros capazes de gerir e uma vez que as decisões, contratos, dinheiro... tudo vem da Beira. Será um grande desafio criar estas infra-estruturas em cada Missão.

Ultimamente tivemos muitas visitas. Dia 25 de setembro, visitou-nos o Provincial de São Paulo, Ir. Petry. Dia 26 teve encontros com cada Irmão com a Comunidade. Dia 27 realizou 4 encontros de formação de jovens com internos/as. Gostaram muito. Dia 28 deixei-o em Beira, oportunidade em que também internamos o Ir. Ivo com uma forte malária, a qual o deixou 10 dias no hospital. Dia 9 de outubro fui buscar em Beira os Irmãos Paulo Dullius e Henrique Longo, este vindo para ficar em Beira. Após os vários encontros, partilhas e visitas retornaram dia 11, à tarde, para Beira, levados pelo Ir. Domingos, Alex, Letícia e Vitor. Dia 12 de outubro, dia Professor, almoçaram aqui várias lideranças do Distrito e da ONP – Organização Nacional dos Professores. Dia 31 de outubro fez sua despedida aqui o Danielle e esposa que trabalharam 4 anos na Esmabama em Beira. O Alex assou uma ovelha. Foi festa e cantoria até passado da meia noite.

Durante o mês de outubro aconteceram a última etapa dos Cursos de Formação Permanente de Professores nas 4 Missões, os quais atingiram os professores que não tem titulação superior e/ou ainda fora da universidade. Dia 7 pela manhã, fiz o encerramento em Barrada. À tarde, em Estaquinha. Dia 14 fui para Machanga, enquanto Ir. Domingos e Alex fizeram o encontro final em Mangunde. Foram 8 etapas em cada Missão e um total de 52 participantes. Segundo as avaliações esta formação permanente dos educadores foi de grande valia e esperam ter continuidade nos próximos anos. Aproveitando a ida para Barada e Estaquinha levei o grupo de ativistas da Sida, os quais realizaram encontros com os grupos congêneres e apresentações teatrais aos internos/as, em cada Missão. O Ir. Domingos levou os acólitos de Mangunde para Barada dias 21 e 22 de outubro. Estas saídas na verdade são um privilégio dos grupos de Mangunde, pois aqui temos duas comunidades religiosas que proporcionam isso. Hoje mesmo a Ir. Francinete levou um grupo de meninas para Muxúngue na Crisma. As outras Missões carecem de carro e religiosos que os acompanhem.

As aulas terminaram dia 21 de outubro. Os alunos sem exame – 8ª, 9ª e 11ª Classes – viajaram para suas famílias dia 22. A 6ª Classe viajou dia 28. Os alunos da 10ª e 12ª iniciaram os exames nacionais dia 1º de novembro; os da 7ª dia 13 apenas. E quem ficar na 2ª época somente dias 4 a 8 de dezembro. Daqui da janela observo os Técnicos,

Supervisora e o Inspetor da Educação Provincial e Distrital em conversa já que hoje é domingo. Mas, estão aqui pernoitados e acompanham todos os exames, correções, pautas de notas, etc. Qualquer anomalia é motivo para registrar e enviar no relatório. Este ano algumas disciplinas tiveram exames mais rigorosos. A 10ª e 12ª tem exames amanhã e 3ª feira. E aqui como iniciamos logo as correções, devem ter exames orais dia 8 e 9 nas disciplinas de Português, Inglês e Francês. Os exames nacionais são uma tortura para os alunos, apesar do governo insistir que são a festa da educação. Quando alguém é pego com cábula (cola) vira notícia nacional, é suspenso por dois anos dos estudos, e alguns acabam na cadeia, como está a acontecer em Beira na Escola da Manga. É pena, pois quando a educação moçambicana vai fazer a mudança da educação centrada na avaliação para uma educação centrada na aprendizagem? Quando os moçambicanos poderão criar um calendário letivo em cada instituição escolar, pois até hoje é único?

Alguns acontecimentos são dignos de registro. Dia 4 de outubro, feriado nacional por causa do Acordo Geral de Paz assinado em 1992 e festa do padroeiro da Missão. Portanto, feriado com missa e festa. Cedo fomos chamados na Casa do Régulo Mangunde através de uma notificação para nossa Responsável do Lar Feminino. São coisas da tradição local. Aconteceu que o irmão mais velho da Rosa foi morto em 1979, por envenenamento na bebida em Búzi. Todavia, a família não requereu o responsável do assassinato, mas muitas mortes, acidentes, tragédias aconteceram na família da esposa. Agora, passados mais de 27 anos, o filho do tio da esposa, também já falecida, veio com um enviado do Régulo de Búzi que exigia localizar a irmã mais velha do falecido para pagar uma quantia por causa da morte, pois diz que não conseguem mais viver em paz. Afirmava que o espírito do malogrado não está a deixar ninguém sossegado, exigindo o pagamento pela morte. No entanto, segundo reza a tradição da família da Dona Rosa, ninguém pode matar e ninguém deve receber pagamento por morte. Os antepassados resolviam da seguinte forma: aquela família que era cúmplice de uma morte devia escolher alguém de sua família, enfeitá-la bem e colocá-la num barco com o dinheiro e deixá-lo com o dinheiro mar adentro. Nós fizemos entendê-los que Dona Rosa tem cargo na Missão, que estas são questões familiares e quando na ida de férias devem ser resolvidas em Búzi e não aqui em Mangunde. Dois dias depois deixei Rosa em Búzi, mas até agora o caso continua sem resolução. São coisas da tradição milenar.

Nesta semana a manchete ficou por conta da assinatura da devolução da Hidrelétrica Cahora Basa, construída por Portugal em 1974, antes da independência. Moçambique só detinha 15%. Agora passa a ter 85%: "*Cahora Basa agora é nossa*", anunciou o Presidente, a televisão repete constantemente. Sem dúvida, é o maior acontecimento após a independência. Todavia, isso vai custar para o governo 950 milhões de dólares: 250 no ato e 700 ao longo de um ano. E o governo não possui este dinheiro. O que deixa os mais críticos perplexos é quem o governo irá colocar para administrá-la já que a arrecadação diária é de 30 milhões de meticais em energia produzida. Fala-se demais que com isso o país vai ser dona da energia produzida, mas se as linhas de transmissão vão para a África do Sul e Zimbábue. Propaganda enganosa é que todos os Distritos terão eletrificação até 2007, agora já se fala que antes de 2009, e que provavelmente isso possa ocorrer somente até 2015.

Voltando, a festa do Padroeiro São Francisco de Assis teve festa. Na paróquia teve missa e almoço. Na escola almoço festivo para todos os alunos. No internato o almoço teve carne de porco. À tarde, na igreja, gincana franciscana.

No dia do Professor, 12 de outubro, houve feriado para as escolas. Aqui concentrou as cerimônias da ONP do Distrito com a presença do Administrador, secretário da Frelimo, diretor de educação, professores, etc. Foi uma grande cerimônia com deposição de flores na Praça da Escola em honra a todos os professores falecidos. Almoço festivo e jogos esportivos. Todavia, o governo decretou tolerância de ponto dia 13. Com isso as festas prolongaram-se por 4 dias aqui. Lamentavelmente muitos bêbados... Dias depois, 19 de outubro, 20º aniversário da Tragédia de Mbuzini, África do Sul, na qual morreu o presidente Samora Machel, que proclamou a independência e mais 34 da sua comitiva, houve mais

uma tolerância de ponto em todo país. Mais feriado... Quem saiu prejudicado foram os alunos que ficaram sabendo no dia.

Outro fato muito comentado por aqui foram as eleições no Brasil. Tanto no 1º e 2º turnos. O que mais chama a atenção é a rapidez com que saíram os resultados no Brasil. Os moçambicanos gostaram muito da reeleição do Lula. Se no Brasil a contagem do 2º turno levou em torno de 5 horas, na RD Congo, que realizou 2º turno no mesmo dia 29, calculam que vai levar pelo menos um mês a contagem. São abismos entre Brasil e países africanos intransponíveis. Isso é que dá margem para as fraudes e mais fraudes.

Nas últimas duas semanas fizemos os Conselhos de Notas, preparamos os exames nacionais e que agora estão a ocorrer. Tudo está mais ágil, pois fiz um programa que calcula as médias e imprime logo as planilhas de notas. O serviço reduziu pela metade para os professores. Por ele também saem todas as pautas. Dia 7 devemos fazer a despedida do Alex e da Letícia, pois o Ir. Domingos viaja dia 9 para uma reunião na Costa do Marfim e eles devem partir depois de terminar os exames da 1ª época.

Outrossim, estamos vivendo dias muito quentes e sem energia elétrica, quanta noite mal dormida. Muitas cerimônias tradicionais estão a ser feitas para pedir chuva. Finados não têm cerimônia específica local. O povo sempre faz cerimônias por ocasião do aniversário de morte de alguém da família. Aqui a maioria das famílias tem o seu cemitério e encontram-se para limpar a campa (túmulo), deposição de flores, depois tomam doro (aguardente de milho forte) para os homens e maheu (cerveja tradicional com açúcar) os para as mulheres e crianças. Depois dançam. Os antepassados fazem parte da família dos vivos, mas em outra dimensão.

Desejo a todos e todas um feliz final de ano letivo. Obrigado pelas preces, amizade e apoio. Estamos juntos!

ANEXO 1 - Um Pouco de África 3 – Dia 1º de dezembro de 2003

Amigos e amigas, leitores/as de “A Força do Oeste”. Boa noite!

Bem, as segundas eleições autárquicas se realizaram dia 19 de novembro - segundo os observadores internacionais - de maneira transparente, justa e ordeira. Entretanto, poucos eleitores foram às assembleias de voto (urnas). Por serem eleições só das autarquias (cidades) a afluência deveria ser elevada: a média do país não alcançou 25% dos eleitores. Aqui em Beira chegou a 26,6%. Numa autarquia de maior afluência ao voto foi de 36% e a menor de 1,7% dos eleitores. A Frelimo com isso ganhou em 29 cidades e a Renamo em 4 dos 33 municípios. Em Beira, a Renamo ganhou e bem, mas o resultado só foi divulgado oito dias após as eleições. Motivos: o desvio de editais, alterações nos números dos faxes, discussões, brigas. A Frelimo não queria aceitar a derrota na segunda maior e mais importante cidade de Moçambique, pois pode significar uma derrota nas terceiras eleições presidenciais em 2004.

Dia Mundial de Combate a Aids - Todavia, o assunto que hoje me faz escrever é sobre a aids. Dia 1º de dezembro é o Dia mundial de Combate a Sida, este ano com o lema: “Viva e ajude a viver”. Em toda a minha nunca ouvi falar tanto de HIV/Sida, como neste ano e especialmente nestes dias. Todos os noticiários na televisão, rádio e jornais reportam ao tema. Hoje houve intensa programação em todo o país, num alerta a esta difícil missão de “travar o vento com as mãos”.

A pandemia da Sida na África - HIV/Sida está a provocar morte e mais mortes. É um verdadeiro terrorismo que assistimos aqui na África. Cada dia os números aparecem mais sombrios. Em todo continente africano proliferam cimeiras – seminários - a cerca do problema. Acontece que dos 45 milhões soropositivos do mundo, mais de 70% estão na África Austral. Em números absolutos, EUA está em primeiro e o Brasil em segundo. Em Moçambique um de cada sete é soropositivo: 500 novos casos diários, a maioria dos quais jovens. Em Botswana o caos está a se instalar com a metade da população adulta (25 a 59 anos) com HIV. Na África do Sul 26,5% é soropositivo e meio milhão morre por ano; no Zimbabwe é 19,6%, etc.

A situação hoje é a de que a pandemia está a fugir do controlo. Cerca dos 65 milhões de pessoas que contraíram a Sida nos últimos 20 anos, 28 milhões morreram em

consequência da doença – 15 milhões na África subsahariana. Comunidades inteiras foram devastadas e 14 milhões de crianças perderam pelo menos um dos progenitores. Apesar de na África do Sul um quarto da população está contaminada, o epicentro da doença está a mudar para a Ásia, China e Rússia, afirmam especialistas. Por exemplo, a epidemia da Índia será enorme e não existe nada em andamento para impedir que isso aconteça.

Segundo um estudo da ONU – Acção acelerada contra a Sida em África – diz que até o momento existem 60 milhões de africanos afectados de alguma forma pelo vírus do Sida, número que inclui 30 milhões de pessoas que convivem diariamente com a doença, 15 milhões que foram vítimas dela e 11 milhões de rapazes e raparigas que perderam pelo menos um dos pais. Atualmente, 4 países africanos apresentam taxas de HIV superiores a 30%, 12 países têm uma prevalência de pelo menos 10% e a taxa correspondente à zona da África subsahariana é de 6,8%.

Sofala lidera em Moçambique - Em Moçambique, os números divulgados na semana passada sobre a Sida, referentes a 2002, são alarmantes comparados com 2000: 12,2% de casos para 13,6%. O comportamento das Províncias de 2000 para 2002 foi a seguinte: Tete(21,1% para 14,2%), Sofala(18,7% para 26,5%), Manica(18,7% para 19%), Gaza (16% para 16,4%), Maputo-Província(14,3% para 17,4%), Maputo-Cidade(13% para 17,3%), Zambézia(12,5% para 12,7%), Inhambane(9,6% para 8,6%), Niassa(6,8% para 11,1%), Nampula(5,2% para 8,1%) e Cabo Delgado(6,4% para 7,5%). Esses dados mostram que o Sul tem uma taxa ponderada de prevalência de HIV em adultos de 17%, o Centro com 16,7% e o Norte com 8,4%, dando ao país uma taxa de 13,6%. Em 1992, quando da assinatura da paz, a taxa era de aproximadamente 3% no país.

A difícil missão de “travar o vento com as mãos” - Aparentemente a luta contra a Sida no País é uma luta perdida tomando em consideração a situação anunciada no último seminário em Maputo: 2/3 da população sexualmente ativa não usam preservativo com parceiros ocasionais; 85% da população jovem não usaram preservativo no primeiro ato sexual; 41% de jovens tiveram vários parceiros ocasionais nos últimos seis meses sem proteção; o país perde 1,5% do pessoal qualificado por ano; os vários programas de educação são sub-financiados; a doença vai reduzir a esperança de vida para 36,5 anos se a atual taxa de infecção continuar com 14,6%; apenas 11% dos homens e 6% das mulheres de 15 a 24 anos protegeram as suas relações. Aqui no Hospital Central de Beira, 80% dos pacientes internados são soropositivos, noticiou o Jornal Nacional de hoje à noite.

O governo moçambicano é acusado muitas vezes de propagar a Sida. Explico. Por exemplo, atualmente o país está envolvido em trabalhos de construção e reabilitação de estradas. Nestas empresas trabalham muita gente, sobretudo homens de várias províncias e países, principalmente da África do Sul, Zimbabwe, Zâmbia e Malavi, com taxas acima de 20% de soropositivos, que vão para lá trabalhar sem a companhia das suas esposas, o que conseqüentemente, pode originar problemas sociais aliados à doença do século. A instalação de 20 centros de vigilância epidemiológica, espalhados por todo o País, permite uma estimativa muito mais fiável do progresso da doença.

Os órfãos de pais da Sida - O alastramento da Sida está a criar uma situação de orfandade crítica sem precedentes. A África tem 2 milhões de crianças órfãos de pais da Sida. Segundo a Unicef, estima-se que 233 mil(52%) dos 446 mil órfãos existentes em Moçambique sejam do HIV/Sida. E projecta-se que passará para 796 mil(2.005) e 1,2 milhão(2.010). Segundo o Primeiro-Ministro, Dr. Pascoal Mocumbi, “o problema dos órfãos não pode ser preterido, enquanto se procuram soluções para a pobreza”.

A Sida em África já fez pelo menos 11 milhões de crianças órfãs e o pior está por vir. Moçambique é o país africano de fala portuguesa com mais órfãs: 19%; Angola com 11%; e Guiné-Bissau com 10%. Quanto ao impacto demográfico atual da epidemia, Moçambique terá uma esperança de vida de 38 anos, Angola 40 anos, Guiné-Bissau com 43 anos, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe com 70 anos. No Zimbabwe – país de fala inglesa - a idade média é de 34 anos.

Um representante da UNICEF em Moçambique assegurou o apoio da instituição à criança órfã de sida. Entre aspectos assegurados estão: a revisão da legislação; os direitos de herança das crianças órfãs; permanência nas famílias alargadas – avós e tios – e não

enviadas a um orfanato; atestado de pobreza para isenção de taxas escolares; livre acesso à saúde de todas as crianças que ficam órfãs; criação de ambientes propício e de proteção para reduzir o impacto da doença sobre as crianças.

Os custos do HIV/Sida - Na Assembléia da ONU, em setembro passado, o Presidente do país e da União Africana, Joaquim Chissano, conclamou o mundo para combater este terrorismo que está a assolar, em especial, o continente africano e suas conseqüências para a economia e à sociedade. Uma constatação dos líderes mundiais nesta Assembléia é de que há mais dinheiro para se gastar na luta contra a doença, as drogas estão mais baratas, mas a Sida está a espalhar-se muito mais rápido do que os esforços para o seu combate.

Em 2001, todos os países membros da ONU se comprometeram a adotar até 2003 da África Austral não têm qualquer política neste sentido. Moçambique precisa de 500 milhões de dólares para nos próximos cinco anos para garantir os meios necessários para intervir em áreas como a transmissão dos vírus por via sexual e vertical (de mãe para filho), mudança de comportamentos nos jovens, bio-segurança, tratamentos de doenças oportunistas e garantia de cuidados domiciliares para doentes.

Uma guerra sem trégua - No campo da educação, o HIV/Sida está sistematicamente a reduzir os efectivos de docentes. Só na Província de Nampula morreram mais de 50 professores no 1º trimestre. E m Tete, 32; em Sofala, 68 professores, segundo o Diretor Provincial; e assim se sucede nas outras sete Províncias do país. A reposição de docentes vítimas da pandemia está a representar custos adicionais para o Estado. Há inúmeros professores que, ficam semanas ou até meses sem poderem ir trabalhar. Na nossa Escola em 2003 já morreu um professor, um funcionário, uma aluna, um professor está há mais de dois meses no hospital e outro está muito mal. Como conseqüência da doença, centenas de crianças órfãs, cujos pais eram professores, enfrentam dificuldades de ir à escola por falta de condições. A situação exige uma maior conscientização dos docentes para pautarem por comportamentos sexuais saudáveis. Como uma criança pode estar a estudar se vê seus professores morrer de Sida?

Na Zâmbia há uma crença disseminada de que fazer sexo com uma criança pode cura a aids. Diante do alastramento do problema - mais de 400 casos neste ano - o Parlamento aprovou na última semana uma lei, atendendo a opinião da população, que propõe a castração ao homem que venha a estuprar uma criança. Falta só o gabinete do Governo apreciá-la. As estatísticas revelam um aumento de 68% em relação a 2002 deste tipo de crime.

É preciso urgentemente criar programas que visam reduzir o impacto da doença. Uma delas será a adoção da Saúde Sexual e Reprodutiva no novo currículo do Ensino Básico, a partir de 2004, a fim de reduzir os elevados índices de doenças sexualmente transmissíveis e gravidezes precoces que se registram na população estudantil moçambicana e que têm originado a desistência de muitos alunos.

Na África, em 2002, apenas 50 mil recebiam terapia, isto é, cerca de 1% do 4,1 milhões de pessoas que necessitam seguir o tratamento. Em vários países da África o acesso aos medicamentos é reservado aos homens. Pelo mesmo documento, o Brasil é citado como um exemplo excepcional, tendo beneficiado de uma política a longo tempo coerente. O Governo brasileiro oferece atualmente a 115 mil pessoas os tratamentos necessários para lutar contra a doença.

A esperança renasce - A boa notícia para a África é que em Moçambique funcionam dois Laboratórios de Biologia Molecular (Maputo, Beira e outro em construção em Nampula) para testagem da Aids, coordenados pela Comunidade Santo Egídio, uma ONG da Itália, intermediadora da paz em Moçambique em 1992 e concorrente ao prêmio Nobel da Paz 2003 ao lado do Presidente Lula. Um Laboratório está localizado aqui na Missão, ocupando uma sala nos fundos da nossa Escola para a guarda dos materiais. Tudo é gratuito para quem é detectado como soropositivos, inclusive com ajuda de alimentação proveniente do PMA - Programa Mundial de Alimentação (arroz, ervilha e azeite, guardados na Escola João XXIII). Busca chamar-se a população para o Teste Voluntário. Além disso, há poucos dias o Governo brasileiro fez parceria com Moçambique, assumindo a reabilitação de uma indústria

farmacêutica em Maputo para a fabricação de aspirinas e retrovirais, a um custo de 23 milhões de dólares. Na oportunidade o presidente brasileiro sublinhou que *“a questão da fábrica de anti-retrovirais é extremamente urgente e inadiável para ajudar Moçambique, a SADC, a África, ela toda e o mundo... O Brasil combate a sida há cerca de 20 anos... não venceu, mas orgulha-se por ter dominado a sida”*.

Por outro lado, a OMS – Organização Mundial da Saúde – estabeleceu uma meta de atender três milhões de pessoas com tratamento de medicamentos anti-sida, até fins de 2005, a um custo de três bilhões de dólares. A última remessa aprovada pelo Fundo Global de Luta contra a Sida, Tuberculose e Malária, foi de 623 milhões apenas, liberados para 50 países combaterem essas doenças. Agora a União Européia tem 2,620 bilhões de euros para o combate. Como diz a Diretora Provincial da Mulher, daqui de Sofala: *“encontramos muitas pessoas de terceira idade a tomar conta das crianças porque economicamente ativas estão a acabar por morrer devido à Sida. Que tenhamos cuidado. Sempre que possível temos que observar abstinência nas relações sexuais ocasionais, está a aumentar o número de órfãos e os jovens estão a acabar”*.

No sector do trabalho, os empregadores não são obrigados, por Lei, a investir na prevenção da Sida, mas há sensibilização quantos aos transtornos que a epidemia traz quando da morte de um trabalhador. Por outro lado, há uma ONG moçambicana – HOPE Mozambique – que tem um programa de prevenção contra a doença, que inclui formação de trabalhadores ativistas, assistência médica, aquisição de meios de proteção (preservativos), bem como cartazes, panfletos e outras publicações relevantes. Todavia, o sucesso do programa está na necessidade dos trabalhadores realizarem testes voluntários de HIV/Sida, pois quando a doença é descoberta tardiamente, a pessoa tem poucas chances de lutar contra ela.

Viva e ajude a viver! - Não poderia deixar de concluir este artigo sem pedir emprestadas as palavras de uma anciã de 70 anos que com a sua idade nunca lhe passou pela cabeça que um dia iria assistir ao desaparecimento de jovens: *“Perdi alguns netos por causa incerta, dizem que foram vítimas do gui pungane (vírus). Nunca antes houve tanta morte entre os jovens. Sei que se propaga a mensagem de que as pessoas têm que usar o sivikelo (preservativo). Mas, acho que não deviam confiar no sivikelo, porque podem se contaminar, mesmo usando-o. Deviam ter mais confiança na fidelidade... Aos 70 anos não tenho mais condições de cuidar de crianças sem pais, mas a desventura bateu-me na porta numa altura em que ninguém dos que poderiam contribuir para o sustento delas, como o avô, a mãe e o pai, está vivo. Foram vítima do gui pungane”*.

Viva e ajude a viver! Stop Sida! Xô aids! HIV nunca mais!

Maria, Mãe de África, tenha piedade de nós!

Ir. Plácio José Bohn (FSC)